



ISBN 978-989-95641-8-3

# AÇORES: A INSULARIDADE, O ISOLAMENTO E A PRESERVAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO.

3º ENCONTRO AÇORIANO DA LUSOFONIA  
LAGOA, S. MIGUEL, AÇORES, 8 A 11 DE MAIO DE 2008



Organização dos



**A Lusofonia diz respeito a todos os que falam a língua (portuguesa) independentemente da sua origem, cor, credo, religião, ou nacio nalidade**



# COMISSÕES

## PATRONOS DO EVENTO -/- COMISSÃO de HONRA

Professor Doutor **Evanildo Cavalcante Bechara** - Academia Brasileira de Letras  
Professor Doutor **João Malaca Casteleiro** - Academia de Ciências de Lisboa

## COMISSÃO DE APOIO LOGÍSTICO – CAMARA MUNICIPAL DA LAGOA

Roberto Manuel Lima Medeiros (Vice-Presidente da Câmara)

Dra. Cristina Calisto Decq Mota (Chefe de Gabinete)

## PARCERIA -Direcção Regional das Comunidades

Dr.<sup>a</sup>. Alzira Silva Dr.<sup>a</sup>. Rita Machado Dias

## COMISSÃO EXECUTIVA

**Presidente** Dr Chrys Chrystello,

**Vice-Presidentes** Dr. Manuel Sá Couto, Escola Secundária Antero de Quental, S. Miguel

Dra. Helena Chrystello, Escola EBI 2,3 Maia, S. Miguel Açores

## COMISSÃO CIENTÍFICA

Professor Doutor Luís Andrade, Pró-Reitor, Universidade dos Açores,

Professora Doutora Graça B. Castanho, Universidade dos Açores

Professor Doutor Luciano B. Pereira, V.P. Conselho Directivo ESE Instituto Politécnico Setúbal

Professora Doutora Regina H. de Brito, Universidade Mackenzie, S.P, Brasil

Dr Mário Moura, Director da Casa da Cultura da Ribeira Grande

Professor Daniel de Sá, escritor açoriano

Dr Chrys Chrystello, University of Brighton, Helsinki University, Australia's Council UTS (University of Technology Sydney Australia)

## SECRETARIADO EXECUTIVO E DE ACTIVIDADES CULTURAIS PARALELAS

Dra. Helena Chrystello, Escola EBI 2,3 Maia, S. Miguel Açores

Dra. Andreia Cordeiro (Animadora Cultural) e

Paula Bento (Animadora Cultural)

## Temas do Colóquio 2008:

**AÇORES: a insularidade, o isolamento e a preservação da língua portuguesa no mundo.**

### Tema 1: Açorianidade e Lusofonia

- 1.1. ***Acordo ortográfico e suas implicações no seio da lusofonia açoriana. O que muda e o que importa salvar.***
- 1.2. ***O Ensino da língua portuguesa no MUNDO como forma de preservação dos falares e da cultura***
- 1.3. ***As representações dos espaços ilhéus***
- 1.4. ***Açorianos no mundo: uma maneira de ser ou de estar?***
- 1.5. ***Autores açorianos (nas ilhas e na diáspora). Perspectivas.***

### Tema 2: Tradução

- 2.1. ***Traduzir de/para Português***
  - 2.2. ***A tradução de autores açorianos comprova uma literatura açoriana. Idiosincrasias açorianas na tradução.***
  - 2.3. ***O ensino e a tradução***
-



## INTRODUÇÃO

Em 2005, ao chegarmos a S. Miguel nesta nova etapa duma diáspora pessoal logo nos dispusemos a criar nos Açores uma versão insular dos Colóquios Anuais da Lusofonia (*que organizamos desde 2001/02 e que têm sido a única iniciativa, concreta e regular em Portugal nos últimos anos sobre esta temática lusófila*). Pretendíamos debater os problemas típicos da identidade açoriana no contexto da Lusofonia e foi assim que em Maio de 2006 o 1º ENCONTRO AÇORIANO DA LUSOFONIA ocorreu na Ribeira Grande. O ponto de partida continua a ser o de trazer a S. Miguel académicos, estudiosos, escritores e outras pessoas para debater a identidade açoriana, a sua escrita, as suas lendas e tradições, sempre numa perspectiva de enriquecimento da LUSOFONIA, tal como a entendemos com todas as suas diversidades culturais que, com a nossa podem coabitar. Pretendemos manter anualmente este fluxo de personalidades para que, conjuntamente com os que vivem nestas nove ilhas, no continente e no resto do mundo, debatam a lusofonia nos quatro cantos do mundo. Deste intercâmbio de experiências entre residentes, expatriados e todos aqueles que dedicam a sua pesquisa e investigação à literatura, à linguística, à história dos Açores ou qualquer outro ramo de conhecimento científico, *podemos aspirar a tornar mais conhecida a identidade lusófona açoriana*. Pretendemos contribuir para o levantamento de factores exógenos e endógenos que permeiam essa açorianidade lusófona e criativamente questionar a influência que os factores da insularidade e do isolamento tiveram na preservação do carácter açoriano. Debate-se também a problemática da língua portuguesa no mundo, em articulação com outras comunidades como agentes fundamentais de mudança. Iremos manter uma sessão dedicada à tradução que é também uma forma de divulgação cultural. Veja-se o recente exemplo de Saramago que já vendeu mais de um milhão de livros nos EUA, e onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas. *Queremos lembrar o carácter independente dos Encontros, interessados em alargar parcerias e protocolos sem serem subsídio-dependentes, de forma a descentralizar a realização destes eventos e assegurando essa sua "independência" através do simbólico pagamento das inscrições dos participantes. Esta independência permite a participação de um leque alargado de oradores, sem temores nem medo de represálias dos patrocinadores institucionais sejam eles governos, universidades ou meros agentes económicos. Claro que contamos com a indispensável parceria da Direcção Regional das Comunidades estabelecendo as pontes com os Açorianos no Mundo e o imprescindível apoio da autarquia da Lagoa ao nível logístico. Este importante evento é totalmente concebido e levado a cabo por uma rede organizativa de voluntários.* Simultaneamente, ao contrário de conferências de formato tradicional em que as pessoas chegam, debitam o seu trabalho, e partem com uma acta posteriormente elaborada cheia de boas intenções e conclusões que não se concretizam, estes Encontros inovaram e em 2002, introduziram o hábito (hoje normal) de entregarem CDs das Actas no início das sessões. Estes Colóquios podem ser (ou não) marginais em relação às grandes directrizes aprovadas nos gabinetes de Lisboa ou de Brasília, mas têm servido para inúmeras pessoas aplicarem na prática as experiências doutros colegas à realidade do seu quotidiano de trabalho com resultados surpreendentes e bem acelerados. Visa-se aproveitar a experiência (profissional e pessoal) de cada um dentro da sua especialidade/ temas em debate, para que os restantes possam depois partir para o terreno, para os seus locais de trabalho e de residência e utilizarem esses instrumentos que já deram resultados noutras comunidades. Criámos uma rede informal que permite um livre intercâmbio de experiências e vivências, prolongado ao longo destes anos. *Em 2004 fizemos a campanha que ajudou a salvar o Ciberdúvidas; em 2005 presidimos ao lançamento do Observatório da Língua Portuguesa integrado na CPLP; em 2006 lançámos as pedras para a criação da Academia Galega da Língua Portuguesa. Em 2007 assistiu-se à atribuição do 1º Prémio Literário da Lusofonia da Câmara Municipal de Bragança. Em 2008 iniciámos as parcerias com Universidades e Politécnicos rumo à concretização desse grande projecto que é a Dicionário Contrastivo ou Dicionário Contrastivo da Língua Portuguesa dos Colóquios da Lusofonia e Dicionário de Açorianismos, formalizado no 2º Encontro Açoriano da Lusofonia em S. Miguel no ano de 2007.* Por último, a componente lúdico-cultural destes Encontros, permite induzir uma confraternização cordial, aberta, franca e informal entre oradores e participantes presenciais, em que do convívio saem reforçados os elos entre as pessoas, a nível pessoal e profissional. Os participantes podem trocar impressões, falar e partilhar projectos, ideias e metodologias, fazer conhecer as suas vivências e pontos de vista, mesmo fora do ambiente mais formal das sessões. O desconhecimento, a nível do Continente e do (resto do) mundo, da nossa realidade insular combate-se levando a cabo iniciativas como esta para divulgar o nome dos Açores e a sua presença no seio de uma Lusofonia alargada. Pretendemos aproximar povos e culturas no seio da grande nação dos lusofalantes, independentemente da sua nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência, todos unidos pela mesma língua. A meritória acção de várias entidades nos Açores nas últimas décadas tem proporcionado um estreitamento entre açorianos, expatriados e descendentes: uma espécie de círculo fechado e limitado. Nós pretendemos ir mais além, e levar os Açores ao mundo. Independentemente da sua Açorianidade, mas por via dela, pretendemos que mais lusofalantes e lusófilos fiquem a conhecer esta realidade insular com todas as suas peculiaridades, trazendo aos Açores outras vozes para que desse intercâmbio se possa difundir a verdadeira cultura açoriana no seio da lusofonia alargada que preconizámos. A terminar, resta-nos a esperança de ajudar a combater esta insularidade em termos culturais. Portugal é um país macrocéfalo. Em S. Miguel, existe essa mesma macrocefalia cultural em torno de Ponta Delgada e é muito raro que outras cidades ou vilas tenham acesso a debates desta natureza, daí termos decidido descentralizar o evento e trazer o Encontro para esta simpática urbe da Lagoa.



## Discurso do Presidente da Comissão Executiva dos Colóquios da Lusofonia

*Antes de mais quero expressar os meus agradecimentos à Direcção Regional das Comunidades na pessoa da sua directora Dra. Alzira Serpa Silva e Dra. Rita Machado Dias, à Câmara Municipal da Lagoa nas pessoas do seu Presidente e Vice-Presidente, respectivamente, João António Ferreira Ponte e Roberto Manuel Lima Medeiros, à Chefe de Gabinete Dra. Cristina de Fátima Silva Calisto Decq Mota por darem o seu patrocínio a este evento cultural. Trata-se do 3º Encontro Açoriano da Lusofonia agora descentralizado para esta simpática urbe da Lagoa. Os meus agradecimentos pessoais aos nossos patronos PROFESSOR DOUTOR EVANILDO BECHARA e PROFESSOR DOUTOR JOÃO MALACA CASTELEIRO que se dignaram vir aos Açores partilhar connosco o seu saber. Obrigado também aos membros das Comissões dos Colóquios, Professora Doutora Graça Castanho, Professor Doutor Luciano Pereira, Professor Daniel de Sá, Dra. Helena Chrystello, Dr Manuel Sá Couto, e ainda para a Dra. Andreia Cordeiro e Paula Bento do nosso Secretariado. Não podemos deixar de salientar com amizade a contribuição voluntária de todos aqueles que integram as nossas actividades culturais paralelas, a pianista Ana Paula Andrade acompanhada da soprano Carmen Subica, o compositor Marco Montandon e toda a companhia de teatro GIRA TEATRO de Santa Catarina, a documentarista Teresa Torné, Rafael Fraga e Augusto Macedo autores do Songbook Açoriano e ainda aos escritores Daniel de Sá e Dias de Melo que aqui vieram partilhar alguns dos seus livros. Por último queremos agradecer a presença de oradores e participantes presenciais de todo o mundo, representando Portugal Continental, a Madeira, os Açores, Brasil, Estados Unidos da América, Canadá, Bulgária, Galiza e Itália. Devemos mencionar ainda a enorme delegação oficial do governo do Estado de Santa Catarina no Brasil.*

O tema destes Encontros, a insularidade e o isolamento, factores de preservação da língua e cultura portuguesas no mundo, retratam bem o meu percurso. Primeiro em Portugal, uma ilha isolada da Europa durante o Estado Novo, e depois, nas ilhas de Timor, de Bali, na então ilha de Macau fechada da China pelas Portas do Cerco, nessa imensa ilha-continente denominada Austrália, e por fim Bragança nessa ilha esquecida que é o nordeste transmontano. Fruto dessas andanças no seio duma diáspora prolongada consegui manter sempre viva parte da minha herança cultural e linguística que é também portuguesa.

Ao aterrar nesta ponta mais ocidental do antigo Império Português chamada Açores constatei o meu quase total desconhecimento sobre o arquipélago. O pouco que aprendera nos bancos de escola era exíguo e já esquecido ou nunca ensinado. No Continente apenas se mencionavam o anticlone dos Açores e os terramotos frequentes. Raramente se ouvia falar deste arquipélago. Agora graças a esse deprimente meio de comunicação unilateral chamado telenovela já há quem saiba em Portugal que os Açores existem. É como se estas nove ilhas fizessem parte dum mundo à parte, quicá ainda por descobrir ou, então, como se tratasse de um arquipélago onde nada se passa de relevante para os telejornais. Já era assim durante o Estado Novo e pouco mudou quanto à visibilidade real destas ilhas para a pessoa comum. Para além de se saber que havia um sotaque, estranho e difícil de entender, pouco sabia antes de emigrar para S. Miguel.

Aqui vim a descobrir o tal sotaque em gentes orgulhosas e ciosas das suas tradições e costumes, revoltas em torno duma família nuclear que noutras partes foi a maior vítima do denominado progresso do século 20. Apreendi o significado de quatro estações num só dia, o clima muda constantemente e tanto chove como faz sol... e a paisagem é eternamente verde no verão ou inverno, com a beleza inigualável das lagoas, crateras e dos montes peiados de vacas alpinistas. Resolvi pois estudar algo sobre a história destas ilhas que quero partilhar convosco porque sem sabermos a história, sem falarmos a língua e sem conhecermos as tradições e cultura nunca conheceremos nenhum povo.

Não existem provas de que os Açores sejam o remanescente da mítica Atlântida outrora próspera e culta, desaparecida nas profundezas. Curiosamente, no livro de banda desenhada de Blake e Mortimer, *"O Enigma da Atlântida"*, S. Miguel é uma das portas de saída da Atlântida. Mesmo que os Atlantes tenham habitado aqui não foram ainda descobertos quaisquer vestígios arqueológicos. Falta explorar as insondáveis profundezas dos seus mares.

Há um nevoeiro histórico que assombra a data do descobrimento dos Açores: muitas são as dúvidas e poucas as certezas. O Doutor Gaspar Frutuoso, cronista açoriano do século XVI, indica que Gonçalo Velho Cabral, a mando do Infante D. Henrique, chegou a Sta. Maria em 1432 e a S. Miguel em 1444. A carta do catalão Gabriel de Valsequa de 1439 apresenta dados mais precisos e na legenda lê-se que teriam sido descobertos por um Diogo. De acordo com Damião Peres, este seria Diogo de Silves, marinheiro do Infante D. Henrique, no ano de 1427.

Ou como escreve Daniel de Sá<sup>1</sup>

*"O padrão erquido (em Santa Maria) para comemorar o quinto centenário do Descobrimento tem uma data: 1432! Era a que a gente aprendia nesse tempo. E também aprendíamos que o descobridor fora Gonçalo Velho Cabral. Ainda não chegara aos livros de História a decisão que Damião Peres tomara em 1943 de atribuir tal feito a Diogo de Silves. E digo que se tratou de uma decisão, porque o achado pouco parece ter de rigor histórico. No mapa que Gabriel de Valsequa, judeu convertido da Escola Hebraica da Catalunha, fez das ilhas dos Açores em 1439, consta uma legenda que diz que elas foram encontradas em 1427 por um piloto do rei de Portugal. Quanto à data, poucos discordam, havendo no entanto quem entenda tratar-se de 1432. Fazendo fé na maioria, aceitemos 1427. Questão resolvida, portanto. Poucas dúvidas também para o nome de baptismo do enigmático navegador: Diogo. (Gabriel de Valsequa, que era maiorquino, teria escrito Diego.) A leitura mais antiga que se conhece da carta de Valsequa é de 1789, e foi feita por um tal Pasqual, também maiorquino. E ele leu Guillen. Depois disso, sucederam-se leituras diferentes, com uma repetição desta. Para complicar tudo, em 1838, no palácio dos condes de Montenegro e de Montouro, em Palma de Maiorca, a tinta de um tinteiro derramou-se sobre o mapa, e não encontrou outro lugar onde cair senão no apelido do navegador. George Sand, que acompanhava o seu amado Chopin que ali fora procurar melhoras para o mal da tuberculose que haveria de matá-lo, assistiu horrorizada à cena, que descreveu mais tarde. Foi uma simples testemunha, mas ainda há quem a culpe do desastre."*

<sup>1</sup> [1] Sá, Daniel de. Obra cit.



A opinião de Daniel de Sá é a “de aceitar, tal como Viriato Campos, que o nosso descobridor terá sido um qualquer Diogo de Guillen ou alguém parecido no nome. A minha dúvida, mais do que esta, é saber se tal Diogo terá algo a ver com Gullén de las Casas, que recebeu o privilégio de senhor das Canárias em 1433. Ou se Pasqual e Bover de Rosello, outro maiorquino, que com certeza saberiam da existência desse Gullén de las Casas, se terão deixado influenciar por este nome para o atribuir ao nosso Diogo.”

No mais antigo documento régio referente aos Açores, de 2 de Julho de 1439, é dada permissão ao Infante D. Henrique para mandar povoar e lançar ovelhas nas sete ilhas dos Açores<sup>2</sup>, pressupondo que, apesar de as viagens entre o continente e as ilhas terem ocorrido desde 1427 com Gonçalo Velho, o povoamento só se terá iniciado em 1439. Neste documento são referidas sete ilhas uma vez que as Flores (164 km<sup>2</sup>) e Corvo (16 km<sup>2</sup>), só terão sido descobertas por Diogo de Teive e seu filho João no ano de 1452<sup>3</sup>.

A carta régia de 5 de Abril de 1443 atesta o desenvolvimento registado nos primeiros anos de povoamento, pois nela o regente D. Pedro isenta, por cinco anos, os seus habitantes do pagamento da dízima e portagem dos géneros vindos do arquipélago para o Reino. O Infante D. Henrique terá encarregue Gonçalo Velho de dirigir o povoamento de Sta. Maria, com seus sobrinhos, Nuno e Pedro. Sobre o povoamento da Terceira, está comprovado que o flamengo Jácome de Bruges foi nomeado capitão desta ilha, por doação do infante D. Henrique, em 1450, tendo encetado uma acção pioneira incentivando o seu povoamento. Relativamente à Graciosa, o seu povoamento esteve a cargo de Pedro Correia e Vasco Gil Sodré, antes de 1510. Quanto ao Faial e Pico, foram doadas, antes de 1466, ao flamengo Josse Van Huertere (Joz de Utra), casado com Beatriz de Macedo e sogro do famoso Martinho da Boémia. Na sua companhia teriam vindo muitos flamengos, dentre os quais se destacou Wilheim Van der Haagem (Guilherme da Silveira), que, passou às Flores e desta para a Terceira e S. Jorge, promovendo, desse modo, o povoamento. A pequena Ilha do Corvo foi ocupada por simples extensão do povoamento das Flores. Sabe-se, portanto, que o povoamento das ilhas açorianas se deveu a portugueses e também a flamengos, o que se explica pela intervenção de D. Isabel, condessa da Flandres e mulher de Filipe de Borgonha, junto de seu irmão o infante D. Henrique, primeiro donatário dos Açores. Nos primeiros tempos houve ainda um certo número de mouros e judeus. Mais tarde haveria o influxo de italianos, castelhanos, franceses, ingleses, escoceses, norte-americanos, etc.<sup>4</sup> O elemento flamengo, não obstante o seu grande número, depressa seria absorvido, pelo elemento nacional.

O nome **Açores** vem da palavra **açor**<sup>5</sup>, que é a designação de uma ave. Segundo pesquisas efectuadas por Luiz António de Assis Brasil, que foi professor de literatura na Universidade dos Açores, há uma versão contando que os primeiros navegadores que lá chegaram viram bandos de **milhafres**, aves muito comuns no arquipélago e provavelmente as confundiram com **açores**, originando-se daí o nome das ilhas. Inicialmente os Açores eram em uma Donataria Hereditária, constituindo as ilhas Capitánias. Ao donatário pertenciam todos os tributos, dízimos, impostos, rendas e foros das terras e um domínio incontestado sobre os seus habitantes. Pertencia-lhe, ainda, a jurisdição civil, criminal e administrativa, nomeando funcionários e confirmando eleições. A vila de Angra na antiga ilha de Jesus Cristo, actual ilha Terceira, foi a primeira a ser elevada a cidade, por foral de 1534 e nesse ano passou a sede do bispado açoriano pelo Papa Paulo III. Ponta Delgada foi elevada a cidade, por carta régia de 1546. A donataria ficou na coroa real até 1580. A partir daí, foi nomeado um Governador-Geral, com poderes civis, políticos e militares e escolhida a cidade de Angra como sede do governo do arquipélago. Após a Restauração de 1640, esse sistema continuou até 1653, data em que se voltou ao sistema de Capitánias.

Após Portugal perder o rei D. Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir, o seu sucessor cardeal-rei D. Henrique morreu em 1580, legando o trono ao reino de Castela. O filho bastardo do Infante D. Luís, D. António, Prior do Crato, apresentou-se como sucessor do reino, disputando-o pelas armas, contra Filipe II de Espanha. Perdida a causa em desastrosos combates, apenas resistia heroicamente, a ilha Terceira, capital do arquipélago açoriano, onde encontravam abrigo os partidários de D. António, o infeliz príncipe que encarnava a alma nacional. Durante três anos resistiu esta ilha ao domínio espanhol, sendo o único ponto do país onde se erguiam as cinco quinas da bandeira portuguesa, chegando a ter trono, Casa da Suplicação, Mesas de Desembargo do Paço e Casa da Moeda.

---

<sup>2</sup> Sta Maria, Terceira, S. Jorge, Faial, Pico, S. Miguel e Graciosa

<sup>3</sup> Há três teses do descobrimento: primeiro as que sustentam que se terá verificado no segundo quartel do século XIV, no reinado de D. Afonso IV (H. Maior, Ferreira de Serpa, etc.); segundo as que afirmam que terá ocorrido na primeira metade do século XV por Fr. Gonçalo Velho (cardeal Saraiva, Aires de Sá, etc.); e terceiro as que conciliam aquelas duas correntes de opinião (Jordão de Freitas, Velho Arruda, etc.). As primeiras fundamentam-se na existência de vários mapas renovados onde, a partir de 1351, aparecem esboçadas várias ilhas que muitos investigadores identificam com os Açores, nela sua situação e pelos seus nomes. A existência desses mapas teria resultado do regresso das expedições feitas às Canárias, no tempo de D. Afonso IV, por marinheiros renovados ao serviço de Portugal. As teses que defendem o descobrimento dos Açores como obra do infante D. Henrique e, de um modo expresso, por Fr. Gonçalo Velho, baseiam-se essencialmente na tradição oral que o cronista micalense Gaspar Frutuoso terá recolhido no arquipélago, na segunda metade do século XVI. Contudo, escritores portugueses, como Azurara, Duarte Pacheco Pereira e outros, nunca citam o nome de Gonçalo Velho. Frutuoso e os historiadores desta linha opinam que o início das explorações atlânticas para os Açores data de 1431. As teses ecléticas consideram que o descobrimento se terá verificado realmente no tempo de D. Afonso IV e que as viagens feitas por ordem do infante D. Henrique teriam dado lugar a um simples reconhecimento. O mapa de Beccario, por exemplo, datado de 1435, assinala a maior parte das ilhas dos Açores como **insule de nuovo reperte**. O Prof. Damião Peres defende que “estas ilhas foram achadas por Diogo de Sunis (ou de Silves), piloto de el-rei de Portugal no ano de 1427” (Descobrimientos Portugueses). Por esse motivo é atribuído a Gonçalo Velho, depois primeiro capitão donatário das ilhas de S. Miguel e de Santa Maria, o papel de não menor importância, de lançador de gados e de colonizador.

<sup>4</sup> (cf. Frutuoso, Luís Ribeiro, etc.).

<sup>5</sup> O **açor** (*Accipiter gentilis*), do **latim** *acceptore*, é uma **ave de rapina** da família **Accipitridae**, distribuída por todas as regiões temperadas do hemisfério norte. É a ave que aparece na **bandeira dos Açores**. O arquipélago dos Açores deve o seu nome ao açor, porque quando os descobridores do arquipélago lá chegaram pensaram ver açores. Mais tarde, concluíram que as aves eram, afinal, **milhafres**. É um **ave de rapina** diurna, parecida com o **falcão**, com um comprimento de aproximadamente 50 cm, cor preta e ventre branco com manchas pretas; asas e bico pretos; cauda cinzenta, manchada de branco e pernas amareladas. Era muito apreciado antigamente em **falcoaria**. A espécie americana, *A. atricapillus*, mede cerca de 60 cm de comprimento. Estas intrínsecas aves, notáveis pelos seus habilidosos voos com que seguem todos os movimentos das suas presas, constituem, juntamente com o **gavião**, os mais implacáveis inimigos dos passarinhos.





Após subjugarem a revolta local, os Castelhanos organizaram ali um governo-geral. Em 1589 e 1597 as armadas inglesas dos condes de Cumberland e de Essex e os piratas devastaram e pilharam as ilhas, especialmente o Faial. Após 60 anos de domínio filipino, e aclamado, em 1640, D. João IV, as ilhas imediatamente aderiram ao movimento restaurador, verificando-se grande resistência dos castelhanos sitiados na fortaleza principal de Angra do Heroísmo a qual durou até Março de 1642. Em 1766, os Açores passaram a ser governados por um capitão-general em Angra do Heroísmo. A revolução liberal de 1820 teve repercussões sobretudo na Terceira. Na Vila da Praia, em 1829, travou-se uma grande batalha entre miguelistas e liberais, com a vitória destes. Em 1830 formou-se na Terceira um conselho de regência e em 1832 chegava aos Açores D. Pedro IV, aí formando um governo sob a presidência do marquês de Palmela e de que fazia parte Mouzinho da Silveira, coadjuvado por Almeida Garrett. As grandes e discutidas reformas deste último foram todas promulgadas nos Açores, que passaram a constituir uma província

Em 1832, a Capitania-Geral deu lugar à formação da Província Açoriana com sede em Angra. Em 1836, dividiram-se as ilhas em três grupos denominados Distritos Administrativos. Durante as duas guerras mundiais o arquipélago desempenhou papel de relevo a favor dos países aliados. Após a Revolução de 25 de Abril de 1974, a nova Constituição da República Portuguesa instituiu o regime político-administrativo autónomo para os arquipélagos dos Açores e Madeira. Actualmente o arquipélago é considerado uma Região Autónoma com assembleias e governos regionais. Em 1976 foram eleitos os primeiros deputados para a Assembleia Regional dos Açores e o seu primeiro Governo Regional. Actualmente, a sede da Região Autónoma dos Açores está na cidade de Horta, ilha do Faial<sup>6</sup>.

Alguns grandes vultos portugueses nasceram nos Açores, como Gaspar Frutuoso (1522-1591 historiador), *António José de Ávila* o conde de Ávila, marquês e duque de Bolama, Manuel de Arriaga (1840-1917), Roberto Ivens (1850-1898), Antero Tarquínio de Quental (1842 -1891 filósofo e poeta), Teófilo Braga (1843 -1924 escritor político e presidente da República), Canto da Maya (1890 -1981 escultor), Vitorino Nemésio (1901-1978 escritor), António Dacosta (1914 -1990 pintor)... etc.

Convém, antes de terminar, relembrar onde estamos pois aqui surgiu o primeiro convento açoriano. A **Lagoa** é uma vila com cerca de 9 mil habitantes. É sede de um pequeno município com 45,57 km<sup>2</sup> de área e 14 mil habitantes (2001). subdividido em 5 freguesias, limitado a norte pela Ribeira Grande, a leste por Vila Franca do Campo, a oeste por Ponta Delgada e a pelo Oceano Atlântico.

Diz-se que foi no lugar de Porto de Carneiros que o infante D. Henrique mandou lançar gado, antes da colonização da ilha de São Miguel. O topónimo tem origem num lago — posteriormente aterrado — que existia junto à igreja de Santa Cruz. Teve uma colegiada, extinta em 1832, que incluía a igreja de Santo António e as capelas de Nossa Senhora do Cabo Finisterra e de Nossa Senhora dos Remédios.

Água de Pau é uma das mais antigas freguesias deste concelho. A documentação oficial cita a sua existência desde o século XVI. Em 21 de Novembro de 1522, um grande sismo derrubou a igreja paroquial, que já existia, procedendo-se à sua reconstrução três anos depois. Em 1521, D. Manuel I dera a esse templo o hábito de Cristo, concedido como galardão pelo comportamento dos filhos desta terra no oriente. O mesmo monarca elevou-a à categoria de vila em 28 de Julho de 1515, com “meia legoa de termo em redor”. O seu brasão de armas é constituído por um escudo bipartido, que tem de um lado as armas portuguesas e do outro a imagem de Nossa Senhora dos Anjos. O seu frontispício, em estilo barroco, só ficou pronto em 1744, apresentando gravada a Cruz de Cristo. O seu interior, com três naves e tecto de caixotões, ostenta o brasão real e ricos painéis de azulejos. Data do início do séc. XVI a fundação do Convento da Caloura<sup>7</sup> em Vale de Cabacos. Este foi, provavelmente, o primeiro Convento de Religiosas da ilha. Um grupo de jovens mulheres decidiu viver em clausura numa ermida existente junto à pequena baía da Caloura. A criação do Convento da Caloura foi devida à devoção das filhas de Jorge de Mota de Vila Franca do Campo. Como a comunidade religiosa necessitava da Bula Apostólica para autorizar a constituição do convento, duas religiosas foram enviadas a Roma. O Papa Paulo III (1534/1549) atribuiu a Bula e ofereceu-lhes uma imagem do “Ecce Homo<sup>8</sup>” para o novo mosteiro, a qual foi trazida pelas duas religiosas e colocada num nicho, no Vale de Cabaços, em lugar ermo e exposto às incursões dos piratas.

Construído sobre rochedos à beira-mar num lugar ermo e deserto, este pequeno convento de arquitectura simples, tem uma igreja anexa dedicada a Nossa Senhora das Dores, com fachada ladeada por duas torres sineiras e apresenta um frontispício com nicho contendo a imagem de Nossa Senhora da Conceição. O corpo da igreja é revestido por um raro conjunto de azulejos oitocentistas policromados, apresentando o altar-mor um retábulo de talha dourada com curiosos anjos de bigode e valiosas imagens. O Convento foi habitado por freiras até 1541, ano em que foram substituídas por uma comunidade religiosa masculina, devido ao constante ataque de piratas. Petronilha da Mota (filha de Jorge de Mota sobreviveu à catástrofe por não se encontrar em V. Franca na altura (ver livro Convento da Caloura do Dr. António Albuquerque Jácome Correia) e com uma

<sup>6</sup> <http://assisbrasil.org/acoeres.html>

<sup>7</sup> Caloura - Em Água de Pau. Considerado o «lúbrico do concelho de Lagoa, com as suas vinhas, norte de pescadores e convento, bem como o recentemente inaugurado Centro Cultural. Fábrica de Cerâmica Vieira - Fábrica de louça da Lagoa, localizada na Vila, embora disponha de máquinas eléctricas no seu fabrico, envolve ainda processos artesanais, incluindo a modelagem a pintura e a secagem ao sol. São produzidas diversas peças, como cinzeiros, tigelas, bôijões, jarras, serviços de chá e café, entre outras, pintadas a azul sobre o vidrado branco. Núcleos Museológicos “Oficina de Tanoaria” e “Tenda do Ferreiro” localizam-se na Vila da Lagoa. Neles podemos encontrar diversos utensílios de tanoaria e de ferraria. Museu do Presépio Açoriano, aqui na Câmara Municipal de Lagoa. Enrolha a diversidade e especificidade da produção dos “bonecreiros da Lagoa”, desenvolvida por artesãos locais. Podemos encontrar exemplares da flora endémica da Região, ervas aromáticas, plantas medicinais, bem como os diferentes ciclos históricos de culturas (trigo, pastel, linho, laranja, etc.) Museu de Arte Sacra e Etnografia na freguesia da Ribeira Chã. Dispõe de peças de grande valor histórico e artístico. Igreja Matriz de Santa Cruz na freguesia com o mesmo nome. É a Igreja Matriz da Lagoa. Destaque para as abóbadas manuelinas da capela-mor e da capela do Santíssimo, e para o núcleo com notável baldaquino barroco. Convento dos Franciscanos na Vila da Lagoa. Na Igreja de Santo António temos um bom exemplo do barroco açoriano, a fachada profusamente decorada, a boa talha do altar-mor e uma valiosa imagem da senhora da Conceição. Igreja de Nossa Senhora do Rosário no centro da Vila da Lagoa. Destaque para um notável conjunto escultórico de Machado de Castro e uma primorosa naveta de prata cinzelada.

<sup>8</sup> <http://confessioxxi.blogspot.com/2007/05/senhor-santo-cristo.html>



amiga e irmãs menores saíram de casa em 1522 e foram então para a Caloura e só quase 10 anos depois de ali chegarem é que algumas saíram para Vila Franca (Convento de Santo André, que entretanto ficara pronto) e as últimas para o Convento da Esperança em 1541, quando a religiosa galega Madre Maria Inês de Santa Iria levou para lá a imagem do Senhor Santo Cristo.

Dentre os pontos mais importantes que iremos visitar amanhã aqui na Lagoa destacamos o Convento da Caloura, Água de Pau, o museu de arte sacra e etnografia, o museu agrícola e jardim botânico, Igreja de Sta Cruz e o Convento dos Franciscanos<sup>[8]</sup>. É por isso, com muito prazer, que escolhemos a Lagoa para ser o palco deste 3º Encontro Açoriano numa perspectiva de enriquecimento da LUSOFONIA, tal como a entendemos com todas as diversidades culturais que, com a nossa podem coabitar. A LUSOFONIA diz respeito a todos os que falam a língua (portuguesa), independentemente da sua origem, cor, credo, religião ou nacionalidade.

Em 2005, ao chegarmos a S. Miguel - nesta nova etapa duma diáspora pessoal - logo nos dispusemos a criar nos Açores uma versão insular dos Colóquios Anuais da Lusofonia (*que organizamos desde 2001/02 e que têm sido a única iniciativa, concreta e regular em Portugal nos últimos anos sobre esta temática lusófila*). Pretendíamos debater os problemas típicos da identidade açoriana no contexto da Lusofonia e foi assim que em Maio de 2006 o 1º ENCONTRO AÇORIANO DA LUSOFONIA ocorreu na Ribeira Grande. O ponto de partida continua a ser o de trazer a S. Miguel académicos, estudiosos, escritores e outras pessoas para debater a identidade açoriana, a sua escrita, as suas lendas e tradições, sempre numa perspectiva de enriquecimento da LUSOFONIA, tal como a entendemos com todas as suas diversidades culturais que, com a nossa podem coabitar. Pretendemos manter anualmente este fluxo de personalidades para que, conjuntamente com os que vivem nestas nove ilhas, no continente e no resto do mundo, debatam a lusofonia nos quatro cantos do mundo. Deste intercâmbio de experiências entre residentes, expatriados e todos aqueles que dedicam a sua pesquisa e investigação à literatura, à linguística, à história dos Açores ou qualquer outro ramo de conhecimento científico, **podemos aspirar a tornar mais conhecida a identidade lusófona açoriana**. Pretendemos contribuir para o levantamento de factores exógenos e endógenos que permeiam essa açorianidade lusófona e criativamente questionar a influência que os factores da insularidade e do isolamento tiveram na preservação do carácter açoriano. Debate-se também a problemática da língua portuguesa no mundo, em articulação com outras comunidades como agentes fundamentais de mudança. Iremos manter uma sessão dedicada à tradução que é também uma forma de divulgação cultural. Veja-se o recente exemplo de Saramago que já vendeu mais de um milhão de livros nos EUA, e onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas. *Queremos lembrar o carácter independente dos Encontros, interessados em alargar parcerias e protocolos sem no entanto serem subsídio-dependentes. Esta independência permite a participação de um leque alargado de oradores, sem temores nem medo de represálias dos patrocinadores institucionais sejam eles governos, universidades ou meros agentes económicos. Claro que contamos com a parceria da Direcção Regional das Comunidades estabelecendo as pontes com os Açorianos no Mundo e com o imprescindível apoio da autarquia da Lagoa ao nível logístico e lúdico-cultural. Este importante evento é totalmente concebido e levado a cabo por uma rede organizativa de voluntários.*

Ao contrário de conferências de formato tradicional com uma acta posteriormente elaborada cheia de boas intenções e conclusões que não se concretizam, em que as pessoas chegam, debitam o seu trabalho e partem anónimas, estes Encontros inovaram em 2002 introduzindo o hábito (hoje normal) de entrega dos CDs das Actas no início das sessões. Estes Colóquios podem ser (ou não) marginais em relação às grandes directrizes teóricas aprovadas nos gabinetes de Lisboa ou de Brasília mas têm servido para inúmeros colegas aplicarem as experiências doutros à realidade do seu quotidiano de trabalho com resultados surpreendentes e bem acelerados na prática. Visa-se aproveitar a experiência (profissional e pessoal) de cada um dentro da sua especialidade ou dos temas em debate, para que os restantes possam depois partir para o terreno, para os seus locais de trabalho e residência e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades. Criámos esta rede informal que permite um livre intercâmbio de experiências e vivências, prolongado ao longo destes anos. Em 2004, lançámos uma campanha que ajudou a salvar o Ciberdúvidas; em 2005 presidimos ao lançamento do Observatório da Língua Portuguesa integrado na CPLP; em 2006, lançámos as pedras para a criação da Academia Galega da Língua Portuguesa. Em 2007 assistiu-se à criação do 1º Prémio Literário da Lusofonia da Câmara Municipal de Bragança. Em 2008 iniciámos parcerias com Universidades e Politécnicos rumo à concretização desse grande projecto que é a Dicionária Contrastiva ou Dicionário Contrastivo da Língua Portuguesa dos Colóquios da Lusofonia, formalizado no 2º Encontro da Lusofonia em S. Miguel no ano de 2007.

Por último, saliente-se a importante componente lúdico-cultural destes Encontros, que permite induzir uma confraternização cordial, aberta, franca e informal entre oradores e participantes presenciais, em que do convívio saem reforçados os elos entre as pessoas, a nível pessoal e profissional. Os participantes podem trocar impressões, falar e partilhar projectos, ideias e metodologias, fazer conhecer as suas vivências e pontos de vista, mesmo fora do ambiente mais formal das sessões.

O desconhecimento, a nível do Continente e do (resto do) mundo, da nossa realidade insular combate-se levando a cabo iniciativas como esta para divulgar o nome dos Açores e a sua presença no seio de uma Lusofonia alargada. Pretendemos aproximar povos e culturas no seio da grande nação dos lusofalantes, independentemente da sua nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência, todos unidos pela mesma língua. A meritória acção de várias entidades nos Açores nas últimas décadas tem proporcionado um estreitamento entre açorianos, expatriados e descendentes: uma espécie de círculo fechado e limitado. Nós pretendemos ir mais além, e levar os Açores ao mundo. Independentemente da sua Açorianidade, mas por via dela, pretendemos que mais lusofalantes e lusófilos fiquem a conhecer esta realidade insular com todas as suas peculiaridades, trazendo aos Açores outras vozes para que desse intercâmbio se possa difundir a verdadeira cultura açoriana no seio da lusofonia alargada que preconizámos.

Concluindo, resta-nos a esperança de ajudar a combater esta insularidade cultural. Portugal é um país macrocéfalo. Em S. Miguel, existe essa mesma macrocefalia cultural em torno de Ponta Delgada e é muito raro que outras cidades ou vilas tenham acesso a debates desta natureza, daí termos decidido descentralizar e trazer o Encontro para esta simpática urbe da Lagoa como palco deste evento, tão diferente na sua concepção e finalidade. Esperemos que todos usufruam destas suas especificidades para o tornarmos no mais relevante evento regular do arquipélago.



Como dizia Caetano Valadão Serpa<sup>9</sup> “o açoriano por nascimento é sonhador de noites de luar e de estrelas errantes; apreciador das pedras por polir e das plantas sem jardim; amante das aves sem medo e dos animais sem peias; enamorado das águas livres rolando pelas encostas, em cantares de embalar; ternamente grato à sombra gratuita das árvores e dos rochedos com cheiro a terra virgem”.

Deixem-me citar esse grande lusófilo António Tabucchi<sup>10</sup> na sua viagem pessoal: *‘Mulher de Porto Pim’*. Nesse espaço convivem a verdade e a alusão, a realidade e a metáfora. *‘Concretas e visíveis são as baleias, mas também poderosos arquétipos que atravessam lendas e literatura; certas e evidentes são as tempestades, mas os naufrágios são sobretudo os das aventuras inacabadas, histórias impossíveis, vidas destroçadas, onde os olhos brilham inundados de ilhas e promontórios, de planaltos e portos onde não há nada a fazer senão “escrever” e ir vendo os barcos chegar e partir, deixando um rasto de histórias impossíveis e aventuras esquecidas, miragens esfumadas e redutos da memória no arquipélago sonhado dos Açores’*.

Termino, parafraseando Vitorino Nemésio<sup>11</sup> “o mar é não só o seu conduto terreal, como o seu conduto anímico. As ilhas são o efémero, o contingente: só o mar é terreno e necessário”.

## Bibliografia

Albuquerque, Luís de, *Os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Publicações Alfa, 1985.

Arruda, Manuel Monteiro Velho “*Ensaio Crítico*”, in Coleção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1989, p. LXII.

Campos, Viriato, *Sobre o Descobrimento e Povoamento dos Açores*, Lisboa, Europress, 1983.

Cardeal Saraiva. *Índice Cronológico das Navegações*, etc. Lisboa. 1841.

Cordeiro, P. António. *História Insulana*, Lisboa, 1717.

Dicionário de História de Portugal – Direcção de Joel Serrão.

Da Silva Ribeiro, Luís. *Formação histórica do povo dos Açores*, in Açoriana, Angra, 1941.

De Freitas, Jordão. *As Ilhas do Arquipélago dos Açores na História da Expansão Portuguesa*, Lisboa.

De Sá, Aires. *Frei Gonçalo Velho*, Lisboa (2 Vols).

De Sá, Daniel. Santa Maria, Ilha-Mãe, Ponta Delgada, ed. VerAçor, 2007

do Canto, Ernesto, *Biblioteca Açoriana*, Pta. Delgada, 1890.

Ferreira de Serpa, A.. *O Descobrimento dos Açores*, Porto, 1925.

Ferreira Drumond, F. *Anais da Ilha Terceira*, Angra (4 Vols.).

Frutuoso, Gaspar, *Saudades da Terra*, Vols III e IV.

Lisboa, Luís João, “Açores”, in Luís de Albuquerque Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses vol. I Lisboa Círculo de Leitores 94 pp. 12-15.

Major, Henry. *Vida do Infante D. Henrique*, Lisboa, 1876.

Monteiro, Jacinto, “*Descobrimentos das Flores e Corvo*”, in Os Açores e as dinâmicas do Atlântico – do Descobrimento à II Guerra Mundial, Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, 1989, pp. 247-255

Monteiro Velho Arruda, Manuel *Documentos Relativos ao Descobrimento e Povoamento dos Açores* Ponta Delgada 1932.

Moreira da Silva, Armindo de Melo, *Ribeira Grande De ontem até hoje*

Nemésio, Vitorino “O Açoriano e os Açores”, Sob os Signos de Agora, Coimbra, 1932

Tabucchi, António. *Mulher de Porto Pim e outras histórias*, 1983

Valadão Serpa, A gente dos Açores, ed Prelo, Lisboa 1978

---

<sup>9</sup> Valadão Serpa. Caetano on cit pp 9,10

<sup>10</sup> Tabucchi, António. obra cit.

<sup>11</sup> Nemésio, Vitorino ob cit p. 134





# SECÇÃO I:

# ORADORES

CARREGANDO NO NOME ACEDE AOS BIODADOS, CARREGANDO NO TÍTULO DO TRABALHO ACEDE A SINOPSE

| <u>NOME</u>                                         | <u>Entidade/ País/ Região</u>                                                 | <u>Título do trabalho</u>                                                                                                                                | <u>Tema</u> |
|-----------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| 1. <a href="#">Evanildo Cavalcante Bechara</a>      | Academia Brasileira de Letras, <b>Brasil</b>                                  | Acordo ortográfico                                                                                                                                       | 1.1         |
| 2. <a href="#">João Malaca Casteleiro</a>           | Academia de Ciências de Lisboa, <b>Portugal</b>                               | Acordo ortográfico                                                                                                                                       | 1.1         |
| 3. <a href="#">António V. Bento</a>                 | Universidade da <b>Madeira</b>                                                | <a href="#">Continuidade e perenidade do “falar” Madeirense</a>                                                                                          | 1.3         |
| 4. <a href="#">Conceição Figueira</a>               | Universidade da <b>Madeira</b>                                                |                                                                                                                                                          |             |
| 5. <a href="#">Augusto de Abreu</a>                 | Academia São José de Letras                                                   | <a href="#">A força da literatura açoriana na voz de Daniel de Sá</a>                                                                                    | 1.5         |
| 6. <a href="#">Cristina Vianna</a>                  | <b>Brasil</b> / Assoc. Cronistas, Poetas Contistas Catarinenses <b>Brasil</b> |                                                                                                                                                          |             |
| 7. <a href="#">Chrys Chrystello</a>                 | University of Brighton/ University of Helsinki, UTS <b>Australia</b>          | <a href="#">Do genocídio linguístico à literatura açoriana (e a Daniel de Sá)</a>                                                                        | 2.2         |
| 8. <a href="#">Concha Rousia</a>                    | Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa, <b>Galiza</b>                       | <a href="#">A perda de espaços</a>                                                                                                                       | 1.6         |
| 9. <a href="#">Deolinda Adão</a>                    | Portuguese Studies, University of California, Berkeley, <b>EUA</b>            | <a href="#">Pedaços de Nós: a saudade como elemento de construção na literatura da diáspora portuguesa da Califórnia</a>                                 | 1.5         |
| 10. <a href="#">Elmano Costa</a>                    | California State University, Stanislaus, <b>EUA</b>                           | <a href="#">Lusofonia e Açorianidade na Califórnia: transição ou extinção?</a>                                                                           | 1.4         |
| 11. <a href="#">Gina Reis</a>                       | Portuguese Studies, University Massachusetts Dartmouth, <b>EUA</b>            | <a href="#">Imagens da mulher imigrante na literatura luso-americana</a>                                                                                 | 1.5         |
| 12. <a href="#">Graça Castanho</a>                  | Directora EB Deptº Ciências da Educação Univ. Açores <b>Açores</b>            | <a href="#">A linguagem sexista no espaço lusófono e o futuro acordo ortográfico</a>                                                                     | 1.1         |
| 13. <a href="#">Helena Anacleto-Matias</a>          | Instº Superior Contabilidade Administração do Porto, <b>Portugal</b>          | <a href="#">Legendagem versus dobragem na Tradução e Interpretação na Europa de Hoje (impacto sociolinguístico em Portugal e outros países europeus)</a> | 2.1         |
| 14. <a href="#">Tiago Anacleto-Matias</a>           | Parlamento Europeu/ ISCAP Inst. Sup. Cont.Adm <b>Portugal</b>                 |                                                                                                                                                          |             |
| 15. <a href="#">Inez Garbuio Peralta</a>            | Fac. Interlagos, <b>Brasil</b>                                                | <a href="#">Os cinco casais açorianos de Cubatão</a>                                                                                                     | 1.4         |
| 16. <a href="#">Isabel Condessa, Graça Castanho</a> | Universidade dos Açores, <b>Açores</b>                                        | <a href="#">A criança, a cultura regional açoriana: contributos de um olhar sobre o brincar</a>                                                          | 1.3         |
| 17. <a href="#">Margarida Fortuna</a>               |                                                                               |                                                                                                                                                          |             |
| 18. <a href="#">Rita Andrade</a>                    |                                                                               |                                                                                                                                                          |             |
| 19. <a href="#">Adolfo Fialho</a>                   |                                                                               |                                                                                                                                                          |             |
| 20. <a href="#">Ilyana Chalakova</a>                | Deptº Português Universidade Sófia “St Kliment Ohridski” <b>Bulgária</b>      | <a href="#">Sedutividade nas estratégias de titularização na obra de João de Melo. Traduzibilidades possíveis num contexto eslavo</a>                    | 2.2         |
| 21. <a href="#">João Figueiredo</a>                 | Publiçor – Grupo Nova Gráfica <b>Açores</b>                                   | <a href="#">Cultura da língua açoriana. uma identidade lusófona</a>                                                                                      | 1.3         |
| 22. <a href="#">José Carlos Teixeira *</a>          | University British Columbia Okanagan <b>Canada</b>                            | <a href="#">Suburbanização portuguesa no Canadá</a>                                                                                                      | 1.4         |
| 23. <a href="#">José Jorge Peralta</a>              | Fac. Ciências Gerenciais Interlagos <b>Brasil</b>                             | <a href="#">Antônio Vieira nos Açores: Ecos Do 4º Centenário</a>                                                                                         | 1.4         |
| 24. <a href="#">Márcia Regina T da Encarnação</a>   | Universidade de São Paulo USP <b>Brasil</b>                                   | <a href="#">Um breve estudo do léxico conservador presente no falar ilhéu do distrito de Santo António de Lisboa. litoral de Santa Catarina</a>          | 1.3         |
| 25. <a href="#">Mª Gabriela Costa</a>               | Universidade Federal de Alagoas <b>Brasil</b>                                 | <a href="#">Entre a mágoa e o sonho: memórias de uma “Gente Feliz com lágrimas”</a>                                                                      | 1.5         |
| 26. <a href="#">Mª Zélia Borges</a>                 | Universidade Mackenzie, SP, <b>Brasil</b>                                     | <a href="#">Haverá possibilidade de tradução dentro da própria língua?</a>                                                                               | 2.1         |
| 27. <a href="#">Regina de Brito</a>                 |                                                                               |                                                                                                                                                          |             |
| 28. <a href="#">Mário Moura</a>                     | Divisão Acção Sociocultural Ribeira Grande <b>Açores</b>                      | <a href="#">Uma certa Dona Margarida: uma proposta de biografia</a>                                                                                      | 1.5         |



|                                                                                   |                                                                                                                              |                                                                                                                                                                       |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 29. <a href="#">Nelson Reis</a>                                                   | Faculdade Desporto Porto Esc.<br>Sec. Ribeira Grande, <b>Açores</b>                                                          | <a href="#">Património cultural: o papel dos avós emigrantes na sua transmissão</a>                                                                                   | 1.4 |
| 30. <a href="#">Neusa Bastos</a> ,<br><a href="#">Regina Brito</a>                | Universidade Mackenzie, SP,<br><b>Brasil</b>                                                                                 | <a href="#">Identidade lusófona e globalização</a>                                                                                                                    | 1.6 |
| 31. <a href="#">Vera Hanna</a>                                                    |                                                                                                                              |                                                                                                                                                                       |     |
| 32. <a href="#">Patrícia Sérgio</a>                                               | Departamento da Didáctica e<br>Tecnologia Educativa,<br>Universidade de Aveiro, <b>Portugal</b>                              | <a href="#">Português língua não materna (PLNM),<br/>crianças não nativas (CNNs),<br/>representações, integração.</a>                                                 | 1.2 |
| 33. <a href="#">Rafael Fraga</a> ** e<br>34. <a href="#">Augusto Macedo</a><br>** | Songbook Açoriano, Lisboa,<br><b>Portugal</b>                                                                                | <a href="#">Songbook de autores açorianos:<br/>apresentação e contextualização.<br/>Processos para a sua realização.<br/>Potencialidades e limitações</a>             | 1.5 |
| 35. <a href="#">Roberto Medeiros</a>                                              | Vice-presidente Câmara de Lagoa                                                                                              | <a href="#">O Presépio de Lagoa</a>                                                                                                                                   | 1.4 |
| 36. <a href="#">Rosa B. Madruga</a><br><a href="#">Pinheiro</a>                   | Universidade do Sul de Santa<br>Catarina <b>Brasil</b>                                                                       | <a href="#">Ensino a distância, surgimento de uma<br/>nova perspectiva educacional: a<br/>atuação da Unisul virtual</a>                                               | 1.2 |
| 37. <a href="#">Rosário Girão</a> e<br>38. <a href="#">Manuel José Silva</a>      | Universidade do Minho Instº Letras<br>Ciências Humanas <b>Portugal</b>                                                       | <a href="#">Natália Correia e Carlos Wallenstein: o<br/>tema da metamorfose</a>                                                                                       | 1.5 |
| 39. <a href="#">Rosemeire</a><br><a href="#">Faccina</a>                          | Universidade Mackenzie, SP,<br><b>Brasil</b>                                                                                 | <a href="#">A última tentativa em educação<br/>brasileira</a>                                                                                                         | 1.2 |
| 40. <a href="#">Rui M.C.T. de</a><br><a href="#">Faria</a>                        | Faculdade de Letras da<br>Universidade do Porto, Portugal/<br><b>Açores</b>                                                  | <a href="#">A preservação dos contos populares<br/>portugueses da Califórnia: o contributo<br/>da investigação de Manuel da Costa<br/>Fontes</a>                      | 1.4 |
| 41. <a href="#">Susana Marques</a><br><a href="#">Sá</a>                          | Universidade de Aveiro <b>Portugal</b>                                                                                       | <a href="#">Que lusofonia em contextos de sala de<br/>aula plurilingues e pluriculturais: relato<br/>de uma experiência com uma turma<br/>multicultural do 1º CEB</a> | 1.2 |
| 42. <a href="#">Teresa Tomé</a> ***                                               | Jornalista, RTP <b>Portugal</b>                                                                                              | <a href="#">Açores 9 ilhas, uma viagem íntima</a>                                                                                                                     | 1.5 |
| 43. <a href="#">Victor Hugo Forjaz</a>                                            | Universidade dos Açores,<br>Observ.º Vulcanológico e<br>Geotérmico; Academia<br>Ciências /Academia Marinha.<br><b>Açores</b> | <a href="#">Actividade vulcânica e emigração nos<br/>Açores – Nota Prévia</a>                                                                                         | 1.5 |
| 44. <a href="#">Victor K. Mendes</a> *                                            | Universidade Massachusetts<br>Dartmouth <b>EUA</b>                                                                           | <a href="#">Mau tempo no Canal e a tradição<br/>transhistórica da ficção modernista<br/>"Eu também escrevi cartas de amor"</a>                                        | 1.5 |
| 45. <a href="#">Ylca Marlene</a><br><a href="#">Merízio</a>                       | Academia São José de Letras,<br>Academia de Letras, <b>Brasil</b>                                                            |                                                                                                                                                                       |     |
| 46. <a href="#">Walcir Cardoso</a> e<br>47. <a href="#">Mª Getty Contente</a>     | University Montreal, IÉcole<br>Internationale de Montreal Québec,<br><b>Canada</b>                                           | <a href="#">O apagamento do /u/ final de palavras<br/>no português faialense. Uma<br/>abordagem sociolinguística</a>                                                  | 1.2 |

## MODERADORES DAS SESSÕES:

1. ANTÓNIO V. BENTO
2. CHRYS CHRYSTELLO,
3. GRAÇA CASTANHO
4. HELENA ANACLETO-MATIAS
5. Mª ZÉLIA BORGES
6. NEUSA BASTOS
7. REGINA DE BRITO
8. ROSEMEIRE FACCINA
9. VERA HANNA



# Secção II: biodados, sinopses e trabalhos finais

## **1) EVANILDO CAVALCANTE BECHARA**

PROFESSOR Evanildo Cavalcante Bechara é o Quinto ocupante da Cadeira nº 33, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sergio Corrêa da Costa. Nasceu no Recife, aos 26 de fevereiro de 1928. Aos onze para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô. Desde cedo mostrou vocação para o magistério, vocação que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ, Bacharel em 1948 e Licenciado em 1949. Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Said Ali, um dos mais fecundos estudiosos da língua portuguesa, que na época contava entre 81 e 82 anos. Essa experiência permitiu a Evanildo Bechara trilhar caminhos no campo dos estudos lingüísticos. Aos dezessete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado Fenômenos de intonação, publicado em 1948, com prefácio do filólogo mineiro Lindolfo Gomes. Em 1954, é aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro Primeiros ensaios de Língua Portuguesa artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas. Concluído o curso universitário, vieram-lhe as oportunidades de concursos públicos, que fez com brilho, num total de onze inscritos e dez realizados. Aperfeiçoou-se em Filologia Românica em Madri, com Dámaso Alonso, nos anos de 1961 e 1962, com bolsa oferecida pelo Governo espanhol. Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ) em 1964. Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964. Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992. Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Professor titular de Língua Portuguesa, Lingüística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988. Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citam-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal).

Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal).

Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998). Dentre suas teses universitárias contam-se os seguintes títulos:

- ✍ A evolução do pensamento concessivo no Português (1954),
- ✍ O futuro em Românico (1962),
- ✍ A sintaxe nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta (1964),
- ✍ A contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa (1964),
- ✍ Os estudos sobre Os Lusíadas de José Maria Rodrigues (1980),
- ✍ As fases históricas da Língua Portuguesa: Tentativa de proposta de Nova Periodização (1985).

Autor de duas dezenas de livros, entre os quais a Moderna gramática da Língua Portuguesa, amplamente utilizada em escolas e meios acadêmicos, e diretor da equipe de estudantes de Letras da PUC-RJ que, em 1972, levantou o corpus lexical do Vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção geral de Antônio Houaiss.

Orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado no Departamento de Letras da PUC-RJ, no Instituto de Letras da UFF e no Instituto de Letras da UERJ, desde 1973. Membro de bancas examinadoras de dissertações de Mestrado, de teses de Doutorado e de Livre-Docência na Faculdade de Letras da UFRJ, no Instituto de Letras da UERJ e em outras IES do país, desde 1973. Membro de bancas examinadoras de concursos públicos para o magistério superior no Instituto de Letras da UFF, no Instituto de Letras da UERJ e no Departamento de Letras da USP, desde 1978.



Foi Diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1974 a 1980 e de 1984 a 1988; Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1965 a 1975; Diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, de 1976 a 1977; Membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1978 a 1984; Chefe do Departamento de Filologia e Linguística do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1981 a 1984; Chefe do Departamento de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988. Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro.

Membro da Société de Linguistique Romane (de que foi membro do Comité Scientifique, para o quadriênio 1996-1999) e do PEN Clube do Brasil.

Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998); Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000).

Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura). Foi convidado por acadêmicos amigos para candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do grande Mestre Afrânio Coutinho, na alegação de que a Instituição precisava de um filólogo para prosseguir seus deveres estatutários no âmbito da língua portuguesa. Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, Bechara escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições.

Diretor das revistas *Littera* (1971-1976) - 12 volumes publicados; *Confluência* (1990-2003) - até agora, 2003, 23 volumes publicados.

### Bibliografia

Fenômenos de intonação. 1948.

Primeiros ensaios de Língua Portuguesa. 1954.

A evolução do pensamento concessivo no Português. 1954.

Exercícios de linguagem. 1954.

Curso moderno de Português. Vol. I e II. 1968-1969.

O futuro em Românico. 1962.

A sintaxe nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta. 1964.

A contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa. 1964.

Os estudos sobre Os Lusíadas de José Maria Rodrigues. 1980.

As fases históricas da Língua Portuguesa: tentativa de proposta de Nova Periodização. 1985.

Lições de Português pela Análise Sintática. 1960. 17ª ed., 2000.

Moderna gramática portuguesa. 1961. 37ª ed., 1999. 13ª reimpressão, 2003.

Guias de estudo de língua e de linguagem (org.). 4 vols. 1977: I - Introdução Lingüística. II - Dos Termos Lingüísticos ao seu Conceito. III - Da Lingüística ao Ensino da Língua. IV - Instrumentos de Avaliação.

Ensino da Gramática. Opressão ou liberdade? 11ª ed. 2ª impressão, 2000.

Gramática escolar da Língua Portuguesa. 2001.

### Tradução

Eugenio Coseriu. Lições de Lingüística Geral. 1980.

### Em colaboração

Bernardo Élis. Seleta. 1974.

Luís de Camões. Antologia. 2ª ed., 1999.

Na ponta da língua. Até 2003 5 vols: I (2ª ed.); II (2ª ed.); III (2001); IV (2002); V (2003).

FONTE: <http://www.academia.org.br/>

---

## 2) 2. JOÃO MALACA CASTELEIRO

✍ Membro da Academia das Ciências de Lisboa desde 1979,

✍ Conselheiro Científico do Instituto Nacional de Investigação Científica, ao longo de quase 20 anos,

✍ Presidência do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

✍ Presidência do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa desde 1991.

Para além da sua intensa e produtiva actividade docente, o Prof. Malaca Casteleiro tem dedicado igualmente a sua carreira ao estudo da sua língua, que é também a minha: a língua portuguesa. É sobejamente conhecida de toda a comunidade académica a sua extensa obra de investigação que inclui inúmeros livros e artigos científicos. O Professor Malaca Casteleiro é ou foi responsável por Projectos de Investigação de grande importância, de entre os quais se salientam:

✍ Português Fundamental

✍ Estruturas Lexo-Gramaticais do Português Contemporâneo

✍ Dicionário electrónico do Português Contemporâneo.

Ainda no âmbito dos projectos de maior impacto e das publicações que lhes estão associadas recordo a obra que, ansiosamente aguardada, foi publicada em 2000: o "Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea", conhecido como o "Dicionário da Academia", e ainda o "Dicionário Escolar da Língua Portuguesa".

Colaborou na qualidade de Professor Visitante/Professor Convidado: Universidade de Macau desde 1987, desde os tempos da sua predecessora a Universidade da Ásia Oriental, e onde teve também ocasião de dirigir várias Teses de Mestrado e dirige agora uma Tese de Doutoramento.

Na Universidade de Lisboa orientou também várias dezenas de teses de pós-graduação tanto ao nível de Mestrado como de Doutoramento. O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial



no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais e creio que lhe terá sido particularmente grato receber, do governo Francês, o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, em Julho de 1998. Contudo, quando em 26 de Abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique essa condecoração terá sido motivo do maior orgulho e alegria. [http://www.umac.mo/honorary/2004/imc\\_sp\\_p.htm](http://www.umac.mo/honorary/2004/imc_sp_p.htm). Linguista. Professor universitário. Investigador. Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa. Em 1979 doutorou-se, nessa Faculdade, em Linguística Portuguesa. Prestou provas de agregação no ano de 1981. Iniciou a actividade profissional leccionando no ensino secundário (1965-69), ao que se seguiu a docência universitária na já referida Faculdade. Nestas funções, foi progredindo na carreira até assumir funções de catedrático de Linguística, em 1981. Tem leccionado e coordenado a cadeira de Sintaxe e Semântica do Português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da Sintaxe, Léxico e Didáctica, no âmbito do mestrado. Foi director de investigação do Centro de Linguística conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica; presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987. Tem coordenado e colaborado em diversos projectos de investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros. É membro da Academia das Ciências de Lisboa desde 1979. Tem participado em vários congressos e conferências, dentro e fora do país, apresentando e publicando textos científicos.

---

### 3) ANTÓNIO V. BENTO

### 4) M.<sup>a</sup> DA CONCEIÇÃO FIGUEIRA DE SOUSA

**António V. Bento** é doutorado em Ciências da Educação pela Universidade de Massachusetts – Lowell, Estados Unidos. Os seus interesses de investigação centram-se nas áreas da administração e gestão escolar, liderança organizacional, cultura escolar e temáticas relacionadas com a Lusofonia. É professor auxiliar no Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira e director do Mestrado em Educação, área de Administração Educacional

Maria da **Conceição Figueira de Sousa** é assistente do Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira. Os seus interesses de investigação direccionam-se para as áreas de Educação de Infância, Línguas e Culturas Inglesa e Alemã e Formação de Professores.

CONTINUIDADE E PERENIDADE DO “FALAR” MADEIRENSE

**António V. Bento e Conceição Figueira, Deptº Ciências da Educação, Universidade da Madeira.**

[bento@uma.pt](mailto:bento@uma.pt) [mcsousa@uma.pt](mailto:mcsousa@uma.pt)

Quando alguém se refere à linguagem da Ilha da Madeira, logo nos vem à mente a pronúncia dos seus habitantes. Nesta, ainda existe um vocabulário próprio e rico. O nosso povo, especialmente o que vive em espaços rurais, ainda usa uma linguagem com formas arcaicas, ou entre o arcaico e o moderno.

Os dialectos das Ilhas Atlânticas falados nos arquipélagos dos Açores e da Madeira representam a história do povoamento dessas Ilhas e um prolongamento dos dialectos portugueses continentais. O dialecto difere de região para região, a linguagem varia conforme as tradições históricas e os falares regionais com que nos deparamos em diversas situações e nos são transmitidos/adquiridos ao longo da vida.

Com este trabalho pretendemos o seguinte:

1) rever alguns aspectos da linguagem popular madeirense, apresentando um conjunto de palavras/expressões que traduzem fielmente os sentimentos e volições do povo madeirense;

2) analisar junto de um público específico o conhecimento de certos vocábulos e expressões e os modos como são transmitidos através das gerações.

#### A ILHA DA MADEIRA

O Arquipélago da Madeira situa-se no Oceano Atlântico entre os 30 e os 33 graus de latitude norte, a 978 quilómetros a sudoeste de Lisboa e a cerca de 700 quilómetros da costa africana, quase á mesma latitude de Casablanca.

A Ilha da Madeira faz parte do Arquipélago da Madeira (origem vulcânica) que é composto pelas seguintes ilhas: Madeira (740,7 quilómetros quadrados); Porto Santo (42,5 quilómetros quadrados); Desertas (14,2 quilómetros quadrados); e Selvagens (3,6 quilómetros quadrados).

A Ilha da Madeira foi redescoberta em 1419 pelos descobridores portugueses Tristão Vaz Teixeira e João Gonçalves Zarco.

Segundo o censo de 2001, o arquipélago da Madeira tinha uma população total de 245 011 habitantes. Apesar de possuir uma densidade populacional de cerca de 300 habitantes por km<sup>2</sup>, 75% da população da Ilha da Madeira habita em apenas 35% do território, sobretudo na costa sul, onde se encontra a cidade do Funchal (capital) que concentra 45% da população (130.000 habitantes), com uma densidade populacional de 1.500 habitantes por km<sup>2</sup>.

Administrativamente, o arquipélago da Madeira está dividido em 11 concelhos: Calheta, Câmara de Lobos, Funchal, Machico, Ponta do Sol, Porto Moniz, Porto Santo, Ribeira Brava, Santa Cruz, Santana e São Vicente.





Todas as línguas estão sujeitas a variações internas que se manifestam sincronicamente na variação geográfica e na variação social as quais têm sido alvo de estudo privilegiado da dialectologia e geografia linguística por um lado, e da sociolinguística por outro. O conhecimento consciente de uma língua implica o reconhecimento dessa dinâmica evolutiva e diversificante que torna qualquer língua resistente à normalização. Na verdade, as variedades nacionais de uma língua não apresentam uma uniformidade interna, mas são constituídas por variantes geográficas que denominamos de dialectos.

Os dialectos do português europeu não são muito distintos entre si, talvez por razões de carácter histórico entre as quais ressalta o facto de Portugal ser o país europeu com as fronteiras mais antigas. De facto, essa aparente uniformidade fez com que, durante muito tempo se considerasse o mirandês como um dialecto do português, dada a estranheza que as pessoas sentiam nessa forma de falar. Afinal, essa estranheza era devida ao facto de o mirandês ser um dialecto de uma língua diferente, o asturiano ou asturo-leonês, que tem características distintas do português. A confusão desapareceu a partir de 1997, ano em que o mirandês foi considerado oficialmente uma língua minoritária com estatuto reconhecido no território linguístico português.

Assim, Portugal deixou de ser um país monolíngue e os mirandeses passaram a ser indivíduos bilingues. Por outro lado, o dialecto não é hoje considerado uma forma “diferente” e até desprestigiante de falar uma língua, mas é qualquer forma de falar uma língua conforme a região a que se pertence.

No território português, e de acordo com Cintra (1971) podem considerar-se os dialectos agrupados da seguinte forma:

1. Dialectos setentrionais
2. Dialectos centro meridionais
3. Dialectos dos Açores e da Madeira.

Os dialectos das ilhas Atlânticas remontam à história do povoamento dessas ilhas e representam um prolongamento dos dialectos portugueses continentais (sobretudo dos dialectos dos grupos centro meridional). Constituem casos excepcionais a ilha de São Miguel e a ilha da Madeira: independentemente uma da outra, ambas se afastam do que se pode chamar a norma centro meridional por lhe acrescentar um certo número de traços muito peculiares. Esta linguagem é geralmente formada por corrupção, deformação dessas mesmas frases ou palavras.

Para Celso Luft (1971) um dialecto é “uma língua regional ou uma variedade regional de uma língua” (p. 61). Por outro lado, Mattoso Câmara (1978) afirma que os dialectos “são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais” (p.95).

Portanto, podemos entender como dialecto uma modalidade de uma língua caracterizada por determinadas peculiaridades fonéticas, gramaticais ou regionais diferindo de região para região. A língua varia conforme as tradições históricas, os falares regionais, pois são muitas as variações que ela pode assumir, diante de um vasto mundo de informações que nos são transmitidas e adquiridas durante toda a nossa vida.

Na área vasta e descontínua em que é falado, o português apresenta-se, como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário. Tal diferenciação não compromete a unidade do idioma: apesar da acidentada história da sua expansão na Europa e, principalmente, fora dela, a língua portuguesa conseguiu manter até hoje apreciável coesão entre as suas variedades.

## METODOLOGIA

Após a leitura do livro de Abel Marques Caldeira “*Falares da Ilha: dicionário da linguagem popular Madeirense*” (2ª edição) (1993), seleccionamos 50 expressões que nos pareceram mais característica da Ilha da Madeira. Seguidamente, pedimos a dois professores universitários Madeirenses que analisassem as 50 expressões e assinalassem as que lhe parecessem mais típicas. Ficamos com um conjunto final de 27 expressões as quais foram integradas num questionário.

O questionário integrava as 27 expressões seleccionadas, perguntas sobre dados demográficos dos inquiridos, perguntas sobre a origem da aprendizagem das expressões e a frequência de arraiais e festas populares.

Foram inquiridos 45 sujeitos, 3 do sexo masculino (6,7%) e 42 do sexo feminino (93,3%). A amostra era constituída por quatro grupos etários: o primeiro com 20 ou menos anos (26,7%), o segundo com idades compreendidas entre os 21 e os 30 anos (22,2%), o terceiro com idades entre os 31 e os 40 anos (20%) e o quarto com mais de 41 anos (31,1%). A média geral de idades dos inquiridos era de 30 anos, variando as idades entre os 18 e os 53 anos. As habilitações literárias dos inquiridos eram as seguintes: 29 sujeitos (64,4%) tinham o 12º ano e 16 sujeitos (35,6%) tinham o bacharelato.

Os inquiridos eram naturais de 22 freguesias, sendo as freguesias mais assinaladas as seguintes: São Pedro (22,2%); Santa Luzia (11,1%); Monte (11,1%); Machico (6,7%); Imaculado Coração de Maria, Gaula e São Martinho (4,4%, cada).

Havia sujeitos naturais de todos os concelhos da Ilha da Madeira (Santa Cruz, Machico, Santana, Câmara de Lobos, S. Vicente, Calheta, Ponta do Sol, Ribeira Brava, Porto Moniz e Funchal), sendo o mais representado o concelho do Funchal (57,8%). A totalidade dos sujeitos reside em 24 freguesias, sendo as mais representadas as seguintes: Santo António (11,1%); São Martinho e Caniço (8,9%, cada); Funchal e Machico (6,7%, cada).

Quanto à residência, por concelho, a maioria dos inquiridos (53,3%) reside no Funchal, seguindo-se Santa Cruz (17,8%) e Câmara de Lobos e Machico (6,7%, cada)

Quanto às expressões seleccionadas, foram as seguintes:



|                                                                                                                                                                                                               |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. A <i>sê beíçola</i> - o mesmo que à <i>sê diabo</i> , <i>sê reles</i> . Maneira brusca de admoestar a pessoa quando pratica algum erro                                                                     |
| 2. A <i>senhor, vá rezar</i> – Resposta dada a pessoas que fazem perguntas indiscretas. Exº <i>Cuma</i> vais tão bonita hoje. <i>À senhor, vá rezar</i>                                                       |
| 3. A <i>chaminé do Hintes</i> <i>´tá fazendo uma fumegada</i> . Diz-se quando a Fábrica do Torreão está em laboração                                                                                          |
| 4. A <i>festa vai ser molhada</i> – Diz-se quando há prenúncios ou sinais de chuva nas vésperas do Natal.                                                                                                     |
| 5. A <i>gaja é um cabrão</i> –Referindo-se à mulher de má reputação                                                                                                                                           |
| 6. A <i>Gata desemborralhou</i> – A gata deu à luz. Exº Tia, a gata desemborralhou, teve seis gatinhos todos pretinhos                                                                                        |
| 7. <i>Aborrecer os coelhos</i> – Diz-se quando alguém nos importuna com exigências                                                                                                                            |
| 8. <i>Acho muita manteiga na ponta do espeto</i> – O mesmo que <i>Acho muita manteiga junta</i> . Assunto duvidoso. Exº: Ele vai-te dar casa e comer? <i>Acho muita manteiga na ponta do espeto</i> .         |
| 9. <i>Adeus, soidades tuas são alívio meu</i> . Rima usada na ocasião da despedida entre pessoas que convivem na maior intimidade.                                                                            |
| 10. <i>Afinar o reijão</i> – Discutir com veemência.                                                                                                                                                          |
| 11. <i>Agarra-te às orelhas</i> – Diz-se quando alguém tropeça, escorrega e cai.                                                                                                                              |
| 12. <i>Amarrem ei filhas q´os cabritos andam à solta...</i> Aforismo que se ouve algumas vezes quando se nota que no casal há filhas levianas, que gostam de conviver com pessoas masculinas.                 |
| 13. <i>Andar às trincas</i> – Andar de mau humor com qualquer pessoa.                                                                                                                                         |
| 14. <i>Andar a besôirar</i> – Andar a importunar constantemente as pessoas; pedinchar instantaneamente.                                                                                                       |
| 15. <i>Andar assado</i> – Sentir inflamação com ardume entre pernas em volta dos testículos.                                                                                                                  |
| 16. <i>As camacheiras ´tão abanando ai saias</i> – Diz-se quando o vento é bastante agreste: vento da direcção nordeste.                                                                                      |
| 17. <i>Bilhardeiro de estalo</i> – Pessoa que conta o que sabe a toda a gente. Diz-se também com referência à mulher. Estalo substitui o adjectivo grande. Exº: Tua irmã é uma <i>bilhardeira de estalo</i> . |
| 18. <i>Buziu? Uviu?</i> – Confidência. Segredo. Exº: <i>´Lá ´tás tu a despeito do que se falou</i> . <i>Búzio! Uviu?</i>                                                                                      |
| 19. <i>Da companhia do passa sempre</i> – Diz-se quando passa algum navio ao largo que não entra no porto.                                                                                                    |
| 20. <i>Dar um coice na morte</i> – Livrar-se da morte. Escapar da morte, melhorando duma doença gravíssima. Exº: Parabéns ti Antão. Foi uma sorte tê´ melhorado. <i>Amecê soube dar um coice na morte</i> .   |
| 21. <i>Dia de capacete</i> – Dia sombrio, abatimento. Muito nublado.                                                                                                                                          |
| 22. <i>Do leste à chuva é um salto de pulga</i> – Aforismo que quer dizer que atrás do leste vem as chuvas. O mesmo que: O leste nunca morreu à sede.                                                         |
| 23. <i>Esta vida não chega a netos nem a filhos com barba</i> – Expressão que se ouve quando a pessoa se sente aborrecida ou contrariada em assuntos da vida.                                                 |
| 24. <i>Es Cuma vilão, nan vês nada sem tocar c´a mão</i> – diz-se quando a pessoa toca numa coisa que não se quer que se mexa.                                                                                |
| 25. <i>Fazer crucefixo</i> – Fazer um sacrifício.                                                                                                                                                             |
| 26. <i>Andar âi cristas</i> –Andar às turras; brigar.                                                                                                                                                         |
| 27. <i>Gaivotas na serra é sinal de mau tempo</i> – Presságio aproveitado pelo povo, quando vê as gaivotas voarem a caminho da Serra.                                                                         |

## RESULTADOS

A amostra deste estudo era constituída por 45 sujeitos Madeirenses. Apresentam-se os resultados das expressões mais conhecidos e das expressões conhecidas pelo menor de número de sujeitos. Seguidamente, estabelece-se a relação entre as habilitações literárias e o conhecimento das expressões e a relação do conhecimento das expressões com o concelho de naturalidade dos sujeitos. Estabelece-se, ainda, a relação entre as habilitações literárias e a origem do conhecimento das expressões.

As expressões mais conhecidas pela maior parte dos inquiridos foram as expressões nº 2 (97,8%), expressão nº 27 (88,9%), expressão nº 24 (86,7%), expressão nº 4 (80%), expressão nº 5 (80%) e expressão nº 12 (71%). As expressões menos conhecidas pelo menor número de inquiridos foram as expressões nº 9 (28,9%), nº 17 (28,9%), nº 25 (26,7%), nº 19 (17,8%) e nº 7 (13,3%). Quanto à distribuição da amostra segundo as habilitações literárias e o conhecimento das expressões mais referidas verificou-se que são os detentores de bacharelato que mais conhecem as expressões sublinhando-se as expressões nº 2, nº4, nº24 e nº 27 que são conhecidas pela totalidade dos detentores de bacharelato.

Quanto à distribuição da amostra segundo o concelho de residência e o conhecimento das expressões mais conhecidas, verifica-se que é nos concelhos rurais que mais residem os inquiridos que afirmam mais conhecer as expressões, nomeadamente as expressões nº 4 (90,5%), nº 5 (81%), nº 12 (71,4%) e nº 27 (95,2%).

Quanto á distribuição da amostra segundo a frequência em arraiais/festas populares: 96,6% dos inquiridos conhece a expressão nº 2 e frequenta arraiais/festas populares, 89,7% que dizem conhecer a expressão nº 24 também frequentam arraiais/festas populares e 86,2% conhecem a expressão nº 27 e frequentam arraiais/festas populares.

Do total da amostra, 64,4% dos sujeitos indicou frequentar arraiais e festas populares. Quando se perguntou aos inquiridos se crêem que a Madeira tem dialecto próprio, 91,1% afirmou positivamente.

Quanto á origem de aprendizagem das expressões, 84,4% afirmam aprender com os avós e pais, 40% com outros familiares, 37,8% com colegas e 35,6% com livros e televisão.

## CONCLUSÕES



Este estudo sobre a continuidade e perenidade do “falar” Madeirense tinha como objectivo essencial analisar o conhecimento de um conjunto de 27 expressões características do dialecto Madeirense numa amostra específica e averiguar o modo ou origem da aprendizagem das referidas expressões.

Após a análise dos resultados chegámos às seguintes conclusões: a) São os inquiridos da amostra, detentores de Bacharelato que mais conhecem as expressões típicas madeirenses. b) São os grupos de idade mais avançada (31-40 e mais de 41 anos) que mais conhecem as expressões apresentadas. c) São os inquiridos da amostra residentes nos concelhos fora do Funchal (concelhos rurais) que afirma mais conhecer as referidas expressões. c) Foi através dos familiares (pais e avós) que a maioria dos inquiridos (84,4%) aprendeu as expressões. d) Os familiares e a participação em arraís/festas populares contribuem muito para a transmissão e a aprendizagem do dialecto madeirense. e) A grande maioria dos inquiridos concorda que a Madeira tem um dialecto próprio.

#### BIBLIOGRAFIA

- Boléo, M. P. & Silva, M. H. (1962). “Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental”. *Boletim de Filologia*, XX. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- Câmara, M. J. (1978). *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- Caldeira, A. M. (1993). *Falares da Ilha: Dicionário da linguagem popular Madeirense*. Funchal: Editora E.E. F.
- Cintra, L. F. (1971). “Nova proposta de classificação dos dialectos Galego-Portugueses”. *Boletim de Filologia*, 22 (pp. 81-116). Lisboa: Centro de Estudos Filológicos
- Luft, C. P. (1971) *Gramática resumida* (2ª ed.). Porto Alegre: Globo.
- Segura, L. & Saramago, J. (1999). “Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais”. In Isabel Hub Faria (Org.) *Lindley Cintra. Homenagem ao mestre e ao cidadão*. Lisboa: Edições Cosmos, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Pp. 707-738.

nos arquipélagos dos Açores e da Madeira representam a história do povoamento dessas Ilhas e um prolongamento dos dialectos portugueses continentais. O dialecto difere de região para região, a linguagem varia conforme as tradições históricas e os falares regionais com que nos deparamos em diversas situações e nos são transmitidos/adquiridos ao longo da vida. Com este trabalho pretendemos o seguinte: 1) rever alguns aspectos da linguagem popular madeirense, apresentando um conjunto de palavras/expressões que traduzem fielmente os sentimentos e volições do povo madeirense; 2) analisar junto de um público específico o conhecimento de certos vocábulos e expressões e os modos como são transmitidos através das gerações.

---

## 5) AUGUSTO DE ABREU

## 6) CRISTINA VIANNA

**Augusto de Abreu** é o nome literário de Augusto Cesar de Abreu Teodoro. Nasceu no dia 3 de janeiro de 1960, em São Paulo, São Paulo. Estudou Serviço Social na Universidade de Ribeirão Preto, SP. Graduado em Letras na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Pertence à Academia São José de Letras, à Academia Desterrense de Letras e à Academia Catarinense de Letras e Artes. Faz parte da Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses – ACPCC, da Associação Literária Florianopolitana – ALIFLOR e Sociedade Escritores de Blumenau/SEB. Sócio correspondente da Academia Ponta-Grossense de Letras e Artes, Paraná, da Academia de Letras Flor do Vale, SP e da Casa do Poeta e Escritor de Ribeirão Preto, SP. No ano de 2001, recebeu o troféu Allan Braga, como Destaque Cultural do ano. Em 2002, foi agraciado pela Câmara Municipal de São José com a Comenda de Mérito Cultural Josefense e o troféu Associado de Expressão da ACPCC, como membro da ACPCC que mais se destacou naquela agremiação durante aquele ano. É verbete no Dicionário biobibliográfico de escritores brasileiros contemporâneos – 1998 – Teresina, Piauí. Publicou **Quem faz o ovo?** (infantil, 1995 – livro aprovado pela Comissão Catarinense do Livro, em 1996), **Formas de amar** (poesia, 1996), **Compreendendo o belo** (poesia, 1998) e **Eclipse** (poesia, 2002). Participou de diversas antologias em Santa Catarina e em outros Estados do Brasil. **Livros inéditos: Mariana e o príncipe submarino**, (infantil); **Toninho e a pipa** (infantil); **Novo mundo** (infantil); **Amizades** (infantil) e outros livros de poesia ainda sem títulos. **Sobre o autor:** SABINO, Lina Leal. **Augusto de Abreu: um lírico na pós-modernidade**. Trabalho apresentado no VIII Seminário de Literatura, na UNESP, Assis, SP, no ano de 2002 e ZANON, Artemio. **Breves anotações a respeito de Compreendendo o belo**. Ambos os trabalhos publicados em **Eclipse**.

**Cristina Vianna** é o nome artístico de Tereza Cristina Mitsue Seki. Nascida no dia 1 de julho de 1967, no Rio de Janeiro (RJ), cursou Teatro no Rio de Janeiro, na Faculdade FACHA, atuou com o diretor Sady Biachin, em diversos espetáculos, entre eles **Morte e Vida Severina**; Poesias dramatizadas com poemas de autores brasileiros e de própria autoria. Trabalhou como jornalista Lucília Doslwee, em teatro, jornal, e teatro infantil. Faz parte da Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses. Recebeu as seguintes premiações: Festival de Teatro de Salvador, 1998, com a peça **Morte e Vida Severina** e do Concurso de Poesia da UNIVALLI, 2001, 1º lugar. Participou com poesias na **Agenda Cultural La Folie**, Rio de Janeiro, 1997; **Revista Cultural do Núcleo Artístico Cultural** (NAC), da Faculdade Hélio Alonso (FACHA), Rio de Janeiro; **Informativo Trinta Réis**, da Academia São José de Letras e em Varais Literários da Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses.



**Augusto de Abreu** Academia São José de Letras e **Cristina Vianna** Assoc. dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses

“Há personagens que nos pegam à alma”<sup>12</sup>. Diríamos que esses personagens nos pegam à alma, quando neles descobrimos que em suas almas há fragmentos de uma ainda maior, a alma do escritor.

Ao conhecer a obra de Daniel de Sá, nasce a paixão pelo arquipélago dos Açores e, particularmente, a curiosidade e o grande desejo de pisar em solo açoriano, buscando, em cada habitante, um pedaço do romeiro João, que nos fora apresentado pelo autor em *Ilha Grande Fechada*, porque nele continha fragmentos de um lugar mágico, de um povo com cheiro de avós, que preenchia o lugar onde habita muita saudade. Naquela obra, apesar da angústia humana da juventude, o personagem carregava a valiosa humanidade de seu autor.

Ficou para nós, escritores catarinenses, a curiosidade de conhecer como seria o brilho do olhar daquele escritor. Movidos por esse encantamento, fomos ao seu encontro, pisamos o solo açoriano, e, aos poucos, descobrimos que os personagens que nos foram apresentados através de sua literatura, caminhavam pelas ruas, debruçavam-se em janelas e nos ofertavam sorrisos e cumprimentos calorosos.

A ilha era mágica como nos descreveu tão bem; e, ao contrário de seu personagem, não queríamos partir e sim ter asas para retornar.

A força com que a literatura açoriana nos assolou, através de Daniel de Sá, influenciou outros autores catarinenses a ler, a estudar, a pesquisar e a apaixonar-se por sua obra.

Sabemos que as histórias, enredos, personagens, tramas, jamais seriam as mesmas se fossem descritas por outro autor, porque em cada parte há um fragmento da alma, inteligência, experiência de vida, humanidade e caráter de Daniel de Sá.

Esta comunicação será apresentada em dois momentos. Na primeira parte, Cristina Vianna relatará como conheceu a obra de Daniel de Sá e como se iniciou a amizade entre ela e o escritor. A segunda parte será apresentada por Augusto de Abreu, que discorrerá sobre a divulgação das obras de Daniel de Sá nas agremiações literárias onde participa. Na apresentação desse trabalho mostrará relatos de escritores catarinenses sobre Daniel de Sá e sua obra.

Daniel Augusto Raposo de Sá nasceu na Maia, São Miguel, Açores, em 02 de março de 1944, como ele mesmo relata a partir do que considera o início possível de um “mau romance”: “Nasci numa noite escura e tempestuosa”. Lembra o autor: exatamente “quando o apocalipse da guerra contava já os seus últimos milhões de mortos e o petróleo ia substituindo o azeite de gata, que dava mais cheiro que luz.” (Sá, 2007b).

Aos dois anos teve que deixar a Maia, porque o pai fora, como muitos mais, procurar a imitação do “Eldorado” em Santa Maria, pois as ilhas estavam então separadas por alfândegas e outras dificuldades, como se fossem estados independentes. Começava a cumprir-se o fado de uma família de emigrantes, que haveria de esboroar-se toda, nessa e nas décadas seguintes, por este mundo de Deus e de legítimas ambições humanas.

Daniel exerceu funções como docente e ocupou diversos cargos públicos. Foi secretário Regional da Junta Governista e deputado nas duas primeiras legislaturas da Assembleia Legislativa da Região Autônoma dos Açores. Tem várias obras publicadas, quer na ficção (romance, conto e novela), quer no ensaio, em crônicas e no teatro.

Quando acabei de ler *Ilha Grande Fechada*, o primeiro livro dele que me chegou às mãos no Brasil, mais precisamente na ilha de Santa Catarina, Florianópolis, ofertado pela coordenadora do projeto Missão Açores, Prof<sup>a</sup> Doutora Vilca Marlene Merízio, para que conhecêssemos melhor a ilha e o seu universo literário, estava por demais emocionada e, dificilmente conseguiria descrever o que sentia. A Ilha de São Miguel agora povoava os meus sonhos. A ilha havia penetrado minh'alma e aquele escritor roubava para si o lugar absorvido pela Ilha. Encontrava-me apaixonada pelo seu fazer literário: a forma, como construía as personagens e dava-lhes vida através de enredos para mim até então desconhecidos, em cenários de uma realidade doída. Na língua que eu também falava, o desenho traçado agora era outro.

A voz que, na obra de Daniel me falava, repleta de sensibilidade, me dizia de um autor que, centrado no homem, escrevia diretamente para o coração de seus leitores. Sua voz criativa esculpia a condição humana. E o seu fazer literário, sério... denso... fluía leve, doce e terno, num estilo singular. Sua literatura alimentava-se da história social, viajava pelo tempo e espaço geográfico. Estava eu deslumbrada! Precisava conhecer os Açores e esse mundo tão bem a mim revelado.

E Daniel tornava-se universal por sua autenticidade.

Através do personagem protagonista de *Ilha Grande Fechada*, o romeiro João apresentou-me uma ilha de penitências e de sacrifícios a serem compensados pelo esforço da tradicional romaria da quaresma. João, que retornara de uma guerra que não era dele, agora enfrentava os seus próprios inimigos internos: parecia-lhe que, passando a pão e água, com os pés feridos e a alma sulcada já pela saudade, a sua emigração para a América apagaria os anos de luta infrutífera que tivera na sua terra natal. Os costumes de seu povo, as suas inquietudes, as riquezas da sua cultura açoriana, os entes queridos e os desafetos ficariam agora numa outra dimensão. Cheguei mesmo a sofrer no peregrinar obsessivo de João, por alcançar o lugar que o levaria para fora da ilha, onde, pensava ele, encontraria a si próprio.

Comecei, então, a sair do livro, a construir o autor, que se apresentava a mim, através da sua literatura, numa contextualidade contemporânea, mas que discutia os conflitos atemporais do homem sem perder seus valores íntimos, conservando, sobretudo, a ética de nossos ancestrais.

Era ficção e, no meu pensamento, não poderia haver distanciamento entre o autor e seus personagens. A despeito de toda a teoria literária, eu sentia a presença do escritor que também sofria. Via-o criando suas histórias o mais próximo da realidade a que a ficção pode chegar e reconhecia nesse ato o seu desprendimento

12 Daniel de Sá, em correspondência eletrônica endereçada a Cristina Vianna, 23 de junho de 2007.





em relação à sua própria condição humana. Seus personagens, por mais trágicos que sejam, não são julgados, e o leitor mesmo, conduzido pelo narrador, não reage contra a atitude desses personagens. Aceita-os. Compreende-os. Mesmo assim, em toda a obra, embutida nas entrelinhas subjaz uma constante defesa da moral, do caráter e da dignidade de quem os vive e os cria. E aí, senti-me, eu mesma, um personagem.

Os trágicos (e tão possíveis) fins dos contos e novelas de Daniel de Sá nos prendem a alma. O caminhar simples de uma vida cotidiana, verosímil, capaz de ser vivida por qualquer mortal, nos aproxima, em igual nível, dos seus personagens, que não são heróis do ponto de vista clássico, mas heróis pela sua condição humana. Em *Ilha Grande Fechada*, num gesto definitivo, o protagonista sacrifica sua cadela, a fim de não deixar afetos na ilha, numa tentativa, quase à beira da loucura, do gesto extremo que lhe permitiria partir, com remorsos sim, mas com a certeza de que ninguém, nem mesmo um animal, sofresse a dor da distância. O que ele não sabia era que a pior maneira de continuar na ilha era saindo dela, como afirmava o autor nas palavras do narrador.

Era um modo de viver Ilhéu. Era, provavelmente, o dilema atroz que perturba quem almeja partir. Uma reprodução (quase) fiel dos usos e dos costumes e do sentir açoriano que se martiriza em todas as vésperas. Registro minucioso, quase documental. Passou-me que essas histórias construídas pela imaginação fundamentavam-se nas lembranças e registros do autor. Seria a realidade o alicerce da sua ficção?

Diante daquele mosaico de emoções eu tentava desvendar a alma do seu autor empírico, esse que fala do homem que carrega, dentro de si, Deus e o mundo.

Conheci outras obras do escritor Daniel de Sá, e em todas percebi um paralelo entre a ficção e a história. Particularmente uma obra me comoveu: *Deus teve medo de ser homem*, novela que alcança a dimensão dos caminhos percorridos pela humanidade. Nela, o autor retrata as contradições, as tragédias da humanidade; detalha a dor que segue do físico a alma e vice-versa. O homem ultrapassa a vontade de seu Deus e, querendo sê-Lo, apenas homem, teme o incognível. Novela densa, narrativa impecável, profunda e audaciosa pela sátira (um cristo diante da própria crucificação e a renegava). História e fixação num misto de testemunho que se está a ouvir e não somente a ler.

Daniel, em *Deus teve medo de ser homem*, cria um espaço para que, ao lado de uma vasta reflexão teológica, a moralidade religiosa seja pressentida segundo a ética existencial. Como leitora, mergulhei em profunda amargura por conta de minha impotência frente àquela guerra desumana contra os judeus. A carga afetiva dos personagens, apesar do grande sofrimento, nos conforta a alma, como é o caso do sobrevivente que consegue escapar aos fuzilamentos e ao forno crematório. Tenho, então, a certeza de que Daniel de Sá, amando os seus personagens, jamais os abandona.

Em maio de 2007, desembarquei com o grupo Missão Açores em São Miguel e, conhecendo a ilha, reconheci dela cada pedaço que eu, junto com João de *Ilha Grande Fechada*, percorri. Era o povo açoriano, a sua gentileza, a sua fé...

Fui tomada de assalto por uma paisagem que me absorveu por inteiro. O mar provocava meu imaginário, apontando rotas e aproximando vidas. Passei, então, a buscar um encontro com o “fazedor” daquele mundo que me roubara à alma. Desejava, mesmo por instantes, encontrar o olhar que soubera acarinhar os personagens que cresciam sob o esmero da sua linguagem, sob a força da sua imaginação. Não estava enganada. A voz serena que ouvi nos diálogos da sua obra era a mesma que viria ser a que me dava boas vindas. Eu queria segurar, com muito respeito, aquelas mãos abençoadas que bordam a língua portuguesa, abrilhantando seu valor, enriquecendo a forma e harmonizando a melodia da nossa língua.

O universo parecia conspirar a meu favor. Durante um passeio cultural, indo de Ribeira Grande à Povoação, passando pelo Nordeste, vi-me de repente acordada pelas exclamações:

-Estamos na Maia. É aqui que Daniel de Sá mora.

Não acreditei. O ônibus parara e, vinte e três pessoas, integrantes do grupo Missão Açores, me incluindo, desciam a ladeira em direção à casa de número oito da Rua dos Foros. Uma jovem senhora, doce, bonita, sorridente, acolhedora, nos recebia. Era Maria Alice, a esposa de Daniel de Sá. Depois, veio filho, o Rodrigo.

Entrando naquele santuário (era ali que nasceram João, o Manuel Cordovão, o Torre Velha e Maria da Graça...) a emoção não coube dentro de mim. Lágrimas de contentamento escorreram-me pela face, embargaram a minha fala. Estava diante de mim, com a sua família, e com parte da minha (meu esposo Augusto) o escritor que me fazia ser parte desta ilha. Era um sonho! Eu me encontrei dentro do seu olhar. No abraço que trocamos, senti como se o autor estivesse acolhendo um dos seus personagens.

Levávamos para ele, além do nosso carinho, admiração e amizade, um diploma de “Amigo da Academia São José de Letras” e um poema de minha autoria, em consequência da leitura de *Ilha Grande Fechada*.

### O sonho de ser ilha.

O poeta disse:

Digo ilha

E sou poeta.

Eu afirmo:

Também sou ilha

E sou poeta

O poema

a ponte

a encurtar a distância

das ilhas





O mar  
Com largos braços  
No seu abraço  
A nos ilhar  
Impõe distância  
E saudades.

Poeta tua coragem de ser ilha  
É a mesma que a minha  
Ilha  
Que abriga lendas  
Mistérios  
Princesas  
Pastores  
Hortênsias  
Orquídeas  
E borboletas azuis  
Aqui estou  
A construir a ponte  
Acariciando o basalto  
Que encobriu  
Safiras e esmeraldas.

Alço vôo  
Nas asas da gaivota  
Rasgo a bruma  
No alto da colina  
observo a vida das hortênsias  
Que circundam a ilha  
Volto  
Piso em solo açoriano  
E lhe digo:  
Doce poeta  
Agora sou  
Meu próprio sonho

Sabemos que os humanos percebem, biologicamente, o mundo da mesma maneira pelos órgãos dos sentidos; entretanto, cada povo e mesmo cada indivíduo, faz sua análise do mundo de forma diferente, em razão do seu particular universo de princípios e valores éticos. Daniel de Sá era exatamente como eu o decifrara em sua literatura; o autor fazia jus à captura de minh'alma. Maravilhei-me ainda mais, pois, agora, usava também os órgãos dos sentidos. Confirmei o seu profundo humanismo, o sorriso maroto, a seriedade, a serenidade e a responsabilidade com que apresenta seu fazer literário. Um clima de cumplicidade e camaradagem pairou no ar. Parecia que o Atlântico, agora pequeno na sua imensidão, nos oportunizava a construção, naquele instante, da ponte, do atalho que encurtava as distâncias de nossa vivência literária.

Conhecer Daniel e sua obra foi – e continua sendo – um mergulhar no tempo, o alcance do entendimento sobre o processo cultural desenvolvido nos Açores, e mais: é constatar a existência de um escritor sem limites, sem fronteiras e amarras.

Retornamos à Ilha de Santa Catarina, com o coração repleto de saudades e imagens inesquecíveis.

Mais tarde, já no Brasil, recebi um novo livro de Daniel, a novela *O Pastor das casas mortas*, lançado no final de junho, em São Miguel. Novela emocionante. O protagonista, o pastor Manuel Cordovão, nos prende no relato de suas memórias e, mais uma vez, sinto o empréstimo da alma de Daniel de Sá a seu personagem: um homem íntegro, sensível na defesa das amizades, no lamento do amor perdido, na luta contra o despovoamento das ilhas.

É um diário escrito pelo pastor e retomado pelo narrador: são relatos, pedacinhos de vida onde o narrador reescreve a história de um pastor. Com sensibilidade a florada, o narrador deixa entrever nas entrelinhas do diário o que não é dito e o próprio silêncio do pastor. É um livro repleto de amor, um amor jamais vivido, só pressentido (seriam assim todos os amores vividos nesta ilha?) Muitas vezes, durante a narrativa me emocionei com a honestidade e a bondade de Manuel Cordovão. Ou seria de Daniel de Sá?

Enfim, quando se espera que o sonho daquele amor se realize e, finalmente, Manuel e Maria da Graça unam suas vidas, ambos compreendem que esse tempo passou. O sonho era demasiado grande para caber na realidade da vida. Viver aquele amor sonhado, ano após ano, seria como condená-lo (o amor) à morte.

A renúncia o tornaria eterno.

Em um de seus *e-mails* endereçados a mim, Daniel afirmou: "Às vezes há personagens que nos pegam a alma". O que temos a dizer é que, mais do que os personagens, existem escritores que, por meio do seu universo literário, também nos roubam a alma para, em pleno mistério, devolver-nos uma alma nova, fortalecida mais preparada para as contingências da vida. Sem dúvida alguma, foi o que aconteceu entre a leitora e o escritor através da força de sua literatura, neste caso, a Literatura Açoriana. Daniel de Sá capturou as nossas almas brasileiras.

Pena tenho eu, de não ser versada em Letras. Sou da área da saúde. Mas vivo poesia. Por isso, não me acanho de tecer estas palavras. Daniel de Sá, com sua obra, desvendou-me um mundo vibrante onde a dor



existe, mas a destreza de aceitá-la com dignidade ou afastar-se dela, torna o homem mais hábil na conquista do seu dia-a-dia.

Cristina Vianna teve o privilégio de ser apresentada a Daniel de Sá antes de mim. Eu apenas conheci Daniel após visita à sua casa, em maio de 2007. Quando regressamos a Florianópolis, iniciei a leitura da obra de Daniel pelos mesmos caminhos de Cristina Vianna, ou seja, pelos mesmos livros que ela lera até o momento. Da mesma maneira que ela, eu, também, me apaixonei pela vasta obra do escritor em questão. Tanto que comecei a levar seus livros para apresentá-los nas agremiações literárias das quais participo.

A literatura de Daniel de Sá já havia chegado a escritores catarinenses há muito mais tempo do que imaginávamos, como foi o caso do escritor Julio de Queirós, da Academia Catarinense de Letras (ACL) que nos confidenciou que Daniel de Sá o influenciou em sua escrita. Como Júlio de Queirós, muitos outros escritores que não haviam tido a oportunidade de ter lido Daniel de Sá, passaram a lê-lo e a partir de então começaram a admirá-lo.

#### Referências Bibliográficas

Sá, Daniel. (1982) *Gênese* (novela), D. R. A. C. da Secretaria Regional de Educação e Cultura, Angra do Heroísmo.

Sá, Daniel. (1985) *Sobre a Verdade das Coisas* (crônicas -contos), Junta de Freguesia da Maia, 1985.

Sá, Daniel. (1987) *O Espólio* (novela), Signo, Ponta Delgada.

Sá, Daniel. (1990) *Um Deus à Beira da Loucura* (novela), edição da D.R.A.C. da Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo.

Sá, Daniel. (1992) *Ilha Grande Fechada* (romance), edição Salamandra, Lisboa, 1992

Sá, Daniel (1993) *A Criação do Tempo, do Bem e do Mal* (ensaio), edição Salamandra, Lisboa.

Sá, Daniel (1997) *E Deus Teve Medo de Ser Homem* (novela), edição Salamandra, Lisboa, 1997: Vinte séculos de humanidade não ensinaram ao Homem a ser humano. O lobo de si mesmo continua tão pérfido como os crucificadores romanos.

Sá, Daniel. (2007) *O Pastor das Casas Mortas* (novela), edição Açor.

2007b Internet: Sá, Daniel de " (Auto-retrato e bibliografia)".

Disponível em: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/danielsa.htm>

---

## 7) CHRYS CHRYSTELLO

**Chrys Chrystello** não só acredita em multiculturalismo, como é um exemplo vivo do mesmo pela sua multiétnica ascendência familiar. Durante muitos anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias governamentais (federais e estaduais) que definiram a política oficial multicultural daquele país. Esteve em Timor (1973-1975) onde foi Editor-Chefe do jornal local "A Voz de Timor" antes da invasão indonésia. Publicou **"Crônicas do Quotidiano Inútil"** (vol. 1, poesia 1972)" e um Ensaio Político sobre Timor (76) antes de desempenhar funções executivas como Economista na CEM -Companhia de Electricidade de Macau. Depois, radicar-se-ia em Sydney (e mais tarde em Melbourne) como cidadão australiano. Desde 1967 dedicou-se sempre ao jornalismo político em rádio, televisão e imprensa escrita. Como Correspondente Estrangeiro trabalhou para as agências de notícias portuguesas ANOP/NP/LUSA, para a TVB de Hong Kong e RTP, para rádio RDP, Rádio Comercial, ERM/TDM-RTP (Macau), para o Jornal de Notícias, Primeiro de Janeiro, Sábado, Europeu e Público (sendo um dos honrosos fundadores do jornal), sendo publicado no AJA's Journalist da Associação Australiana de Jornalistas e Maritime Union, além de ter feito pesquisas e escrito documentários para TVs australianas (relativamente a Timor Leste). De 1976 a 1996 escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga. Na Austrália trabalhou como Jornalista<sup>13</sup> e Tradutor e Intérprete<sup>14</sup>. Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialectos em Timor, e a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (herdado quatro séculos antes) e divulgou a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses em 1522. Membro Fundador do AUSIT<sup>15</sup> e Examinador da NAATI<sup>16</sup> desde 1984, Chrys leccionou na Universidade UTS e Deakin, Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes. Com quase três décadas de experiência em Tradução e Interpretação, já publicou inúmeros trabalhos científicos e apresentou temas de linguística em conferências na Austrália, Hong Kong, Portugal, Espanha, Brasil, Canadá, etc. Em 1999, publicou a sua tese de Mestrado **"East Timor: the secret file 1973-1975/Timor Leste: o dossier secreto 1973-1975"**, a que se seguiu em e-book a monografia **Crônicas Austrais 1976-1996**. Responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália durante mais de vinte anos, foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS<sup>17</sup>, sendo actualmente Mentor dos finalistas de Literatura da ACL<sup>18</sup> da University of Brighton no Reino Unido, e Revisor<sup>19</sup> da Helsinki University. Organiza desde 2001/02 os 6 Colóquios Anuais da Lusofonia (agora com o Prémio Literário da Lusofonia da CMB instituído em 2007) e desde 2005/06 organiza os 3 Encontros Açorianos da Lusofonia. Em 2005 publicou o **Cancioneiro Transmontano 2005**, e publicou (e-book) outro volume para a história de Timor **"Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter"** (mais de 2600 páginas, CD edição de autor). Actualmente labuta

---

<sup>13</sup> Ministério do Emprego, Educação e Formação Profissional e para o Ministério da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários

<sup>14</sup> Ministério da Imigração e para o Ministério Estadual de Saúde de Nova Gales do Sul.

<sup>15</sup> Australian Institute for Translators and Interpreters

<sup>16</sup> National Authority for the Accreditation of Translators and Interpreters

<sup>17</sup> Universidade de Tecnologia de Sydney

<sup>18</sup> Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute

<sup>19</sup> Translation Studies Department



no volume “**ChronicAcores 2005-2008**”. Em 2007, traduziu obras de autores açorianos para Inglês, nomeadamente de Daniel de Sá “**Santa Maria Ilha-Mãe**”, “**O Pastor das Casas Mortas**” e em 2008 de Manuel Serpa “**Da Pedra se fez vinho**” (Vinhais do Pico) e de Victor Rui Dorés “**Ilhas do Triângulo, coração dos Açores (numa viagem com Jacques Brel)**”.

## DO GENOCÍDIO LINGUÍSTICO À LITERATURA AÇORIANA (E A DANIEL DE SÁ) Chrys Chrystello

O número de línguas está a diminuir drasticamente. Trata-se de genocídio linguístico: as línguas são sistematicamente abatidas. Os países ocidentais têm silenciado centenas de línguas. Algumas podem ter já desaparecido sem que ninguém se tenha apercebido da sua extinção. Metade delas desaparecerá até ao fim do século. A tradição oral preserva formas verbais e não-verbais. A História australiana não nos diz qual o papel desempenhado pelos intérpretes e nativos vital para o desenvolvimento da colónia. Embora tenham características únicas, os dialectos dos arquipélagos atlânticos dos [Açores](#) e [Madeira](#) podem, agrupar-se nos dialectos meridionais. “O debate académico em torno da expressão «literatura açoriana», é antigo, nada causava tantos embaraços como falar em literatura açoriana. Hoje, é questão arrumada. A Universidade de Brown tem uma cadeira de Literatura Açoriana. Recentemente tive a honra e o privilégio de ter de aprender as idiossincrasias micalenses e do triângulo quando traduzi obras de Daniel de Sá, Manuel Serpa e Vítor Rui Dorés. Trata-se de desvendar as ilhas como mito paradisíaco recuando na sua essência até à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se abriram ao peso do presente e não podem ser apenas perpetuadas nas suas memórias. No plano da linguagem, o Autor dá-se ao luxo de exportar, por efeitos de mimética, para a Beira Alta, o seu herói em busca de um amor perdido no léxico e na sintaxe dos velhos montes escalavrados por entre o pastoreio, numa verdadeira apologia da solidão física e mental. Existe uma interdependência do autor, dos personagens e do leitor que nos levou a ver e rever dezenas de vezes, uma só passagem do livro para lhe darmos o tom, o colorido, a sonoridade e a poesia das prosas. O resultado é rico, denso e tenso, enovelando em diálogos simples e curtos um enredo que nos prende da primeira à última página e me levou a interrogar como é que fiquei órfão intelectual ao traduzir o livro. ... Sinto uma síndrome de Estocolmo, fiquei cativo e apaixonei-me pelos captores...e agora? As línguas têm de ser mantidas, tratadas e estimadas. Elas não dividem países, a intolerância sim. A sobrevivência dos idiomas neste século depende de todos nós<sup>20</sup>, pelo que devemos aproveitar as novas tecnologias para *também descobrir esta nossa rica cultura açoriana.*”

### 1. Genocídio linguístico

A **Linguística** é o estudo científico da linguagem verbal humana. Um linguista é o que se dedica a esse estudo. A pesquisa linguística é feita por muitos especialistas que não concordam harmoniosamente sobre o seu conteúdo. Russ Rymer<sup>21</sup> disse, ironicamente: “*A Linguística é a parte do conhecimento mais fortemente debatida no mundo académico. Ela está encharcada com o sangue de poetas, teólogos, filósofos, filólogos, psicólogos, biólogos e neurologistas além de também ter um pouco de sangue proveniente de gramáticos.*”

Como linguista quero falar-vos hoje do número de línguas actualmente faladas em todo o mundo que está a diminuir drasticamente, não por acidente ou por morte natural. Trata-se de genocídio linguístico facto que sucede quando as línguas são sistematicamente abatidas tal como acontece no caso do genocídio físico.

Nos meios académicos encontram-se facilmente aqueles que simultaneamente promovem e destroem a diversidade linguística. Há mesmo quem ainda hoje negue a existência de línguas tais como a gestual – que tradicionalmente foi sempre menosprezada – enquanto outros Darwinistas linguísticos proclamam alto e bom som que as línguas mundiais mais faladas, como o inglês são suficientemente poderosas e mais bem preparadas para a comunicação internacional global.

Quando falamos de direitos linguísticos podemos falar de Direitos Humanos Linguísticos nos quais se incorporam os direitos humanos básicos e aquilo que Skutnabb-Kangas denomina “*os direitos necessários, apoiando a identidade com a língua-mãe e, a nível colectivo, permitindo a existência de grupos e a reprodução da sua língua e cultura. Quando é negada a identidade associada ao uso duma língua própria e os indivíduos e grupos são “psicologicamente” transferidos para outro grupo existem graves danos psicológicos.*”<sup>22</sup>

Os países ocidentais têm contribuído para silenciar centenas de línguas. A última edição do “Ethnologue Languages Of The World 2005”<sup>23</sup>, afirma existirem 6 912 línguas em todo o mundo. Dessas, 5% (cinco por cento = 347) têm pelo menos um milhão de falantes e representam 94% da população mundial. Todas as outras (95% do total) são faladas por uns meros 6% da população mundial. Há dez anos havia 420 línguas **quase extintas**, e esse número subiu agora para 516:

<sup>20</sup> <http://www.whyy.org/91FM/radiotimes.html> The work of David Harrison and Gregory Anderson is the subject of a new film, which was screened at Sundance, “The Linguist.” The film tells the story of their travels and research around the globe to document endangered languages. Both are affiliated with the “Living Tongues Institute for Endangered Languages.”

<sup>21</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Russ\\_Rymer](http://pt.wikipedia.org/wiki/Russ_Rymer)

<sup>22</sup> “...necessary rights, supporting identity with the mother tongue and, on a collective level, allowing groups to exist and reproduce their language and culture. Serious psychological damage is done when the identity associated with use of one’s own language is denied, and individuals and groups are ‘psychologically’ transferred to another group.”

<sup>23</sup> Gordon, Raymond G., Jr. (ed.), 2005. Ethnologue: Languages of the World, Fifteenth edition. Dallas, Tex.: SIL International.: <http://www.ethnologue.com/> . [http://www.ethnologue.com/nearly\\_extinct.asp](http://www.ethnologue.com/nearly_extinct.asp)



? África (46)  
 ? Américas (170)  
 ? Ásia (78)  
 ? Europa (12)  
 ? Pacífico (210)  
 Total : 516

Algumas destas, podem até ter já desaparecido sem que ninguém se tenha apercebido da sua extinção. Duas centenas e meia delas eram apenas faladas por dez ou menos pessoas, na altura em que estes dados foram coligidos. Por exemplo, a língua **“evak”** nativa do noroeste do Alasca tinha apenas uma falante cuja morte foi recentemente noticiada. Antes de morrer, colaborou com a Universidade do Alasca para a elaboração de um dicionário e, assim, ao contrário de muitas outras línguas que apenas existem na cabeça dos anciãos esta pode não ter morrido com a sua última falante.

A maioria das línguas em risco de extinção não consta de dicionários ou de gramáticas. Em África existem quase 2400 línguas (35% do total), na Ásia 2000, Australásia (Oceânia 1200), Américas (1000) e Europa (200). Apenas 15 países têm só uma língua (Bielorrússia, Bermudas, Bósnia-Herzegovina, Cuba, Coreia do Norte, Maldivas, Turquemenistão e Vaticano)<sup>24</sup>. Os autores Nettle e Romaine<sup>25</sup> afirmam que *“Quase cem das línguas nativas originalmente faladas na Califórnia estão extintas e pelo menos, **“metade das línguas faladas em todo o mundo podem desaparecer neste século.”*** Para tornar mais explícito o elo entre a sobrevivência linguística e os assuntos ambientais, estes autores argüem *“A extinção linguística faz parte do colapso quase total dos ecossistemas mundiais.”*

As batalhas para preservar os preciosos recursos ambientais – tais como as florestas tropicais – não podem nem devem separadas da luta para manter a diversidade cultural, e as causas da morte das línguas que à semelhança da destruição ecológica assenta na interligação entre a ecologia e a política. A todos os níveis, existe um desconhecimento profundo sobre as línguas – desde o seu número e tamanho, aos seus nomes e locais onde são faladas. Embora a ameaça à diversidade linguística seja maior que a ameaça à biodiversidade<sup>26</sup>, existem causas indirectas entre o solo, clima, ecossistemas, etc., e línguas. Metade das línguas mundiais desaparecerá até ao fim deste século, e entre 80 a 90 por cento<sup>27</sup> desaparecerá nos próximos duzentos anos. Em números concretos, em cada quinzena, morre uma língua.

Os antropólogos lamentam o massacre das línguas: para eles, cada língua é como uma catedral imponente, um objecto de beleza e o produto de um enorme esforço criativo, cheio de ricas tapeçarias do conhecimento.

Não permitiríamos que a Capela Sistina ou que a Mona Lisa desaparecessem sem guardar todos os traços e registo dessas obras-primas, e o mesmo se deve aplicar às línguas. Na Austrália os colonizadores europeus trouxeram, com eles, virulentas pragas e quase exterminaram na totalidade os povos aborígenes das suas próprias terras. No século XX tentaram “civilizar” os aborígenes dando-lhes valores e padrões ocidentais, escolas

---

24

|                         |                              |
|-------------------------|------------------------------|
| Indonésia               | 694 línguas (9,5% do total), |
| PNG (Papua Nova-Guiné)  | 673                          |
| Nigéria                 | 455                          |
| Índia                   | 337                          |
| Camarões                | 247                          |
| Austrália               | 226                          |
| Rep. Dem. Do Congo      | 206                          |
| México                  | 188                          |
| China                   | 186                          |
| EUA                     | 165                          |
| Brasil                  | 150                          |
| Vanuatu                 | 104                          |
| Rússia                  | 90                           |
| Angola                  | 37                           |
| Moçambique              | 35                           |
| Itália                  | 30                           |
| Turquia                 | 30                           |
| França                  | 27                           |
| Alemanha                | 22                           |
| Guiné-Bissau            | 15                           |
| Espanha                 | 13                           |
| S. Tomé e Príncipe      | 4                            |
| Macau                   | 3                            |
| Cabo Verde              | 2                            |
| Timor-Leste (talvez 36) | não consta desta lista       |

25 Daniell Nettle & Suzanne Romaine, *Vanishing Voices: The Extinction of the World's languages* Oxford University Press 2000

26 Skutnabb-Kangas, Tove, (2000) *Linguistic Genocide in Education or Worldwide Diversity and Human Rights*, Mahwah, New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, 785 pages, paperback

27 Daniell Nettle and Suzanne Romaine, op cit



e vestuário, misturados com Cristianismo e Inglês. Isto foi ainda mais notório quando raptaram literalmente uma em cada dez crianças aborígenes para as forçarem a assimilar, pela força, os valores da sociedade branca<sup>28</sup>.

De igual modo, nos EUA, os governos obliteraram da face da terra tribos de Índios e forçaram as crianças nativas americanas a frequentarem escolas nas quais era proibido o uso de qualquer língua que não a inglesa. Pensava-se na altura que se estava a fazer um favor aos nativos dado que as outras línguas, as deles, eram obviamente línguas inferiores.

A situação reverteu nas últimas décadas em ambos os países. A Lei Nativa de 1990<sup>29</sup>, promove os direitos dos nativos americanos para desenvolverem as suas línguas à custa de alguns subsídios governamentais. Na Austrália, os governos subsidiaram programas de preservação de línguas aborígenes existentes e de promoção daquelas que estavam em vias de extinção. Culturalmente, a Austrália foi colonizada com gente vinda de Inglaterra e de mais 26 países.<sup>30</sup> Quando os primeiros colonos arribaram em 1788 havia 250 línguas aborígenes incorporando cerca de 600 dialectos aborígenes, dos quais sobrevivem, hoje, cerca de 250. Tinham vocabulários complexos descrevendo os intrincados meandros das suas sociedades. Algumas delas tinham mais de dez mil étimos, com terminologias específicas para as cerimónias de iniciação ou para aqueles com quem o contacto devia ser evitado. Alguns casais falavam mais do que um idioma e as pessoas identificavam-se quer pela geografia como pelas línguas.

A tradição oral preservou formas verbais e não-verbais, incluindo danças, canções e pintura. Cada grupo linguístico era uma nação com fronteiras, cultura e regras grupais. Os casamentos intertribais eram a regra para a preservação socioeconómica da identidade do grupo. A História não nos diz qual o papel desempenhado pelos intérpretes e nativos, que foi vital para o desenvolvimento da colónia. Sabemos, por exemplo que o Governador King<sup>31</sup> publicou uma espécie de quadinhos desenhados nos quais explicava as regras legais e penais da colónia, mas sabe-se que a presença branca extinguiu pessoa e dialectos. Uns e outros foram dizimados quer por mera aniquilação física da população, quer por factores exógenos como a doença, a deslocação forçada, a proibição de utilização dos seus dialectos, a assimilação forçada, etc.

Actualmente cerca de 10% da população aborígene australiana fala um dos remanescentes 250 dialectos tribais. Destes, cerca de 160 já desapareceram ou são falados apenas pelos anciãos. Dos restantes 90 dialectos apenas vinte (20) têm uso corrente diário, por novos e velhos, sendo permitidos para a próxima geração.<sup>32</sup> De todos os que sobrevivem, metade deles tem apenas entre 10-100 pessoas capazes de os articularem.<sup>33</sup> Em 1996, um dos mais brilhantes relatórios governamentais indicava que a nossa diversidade linguística na Austrália era o resultado mais notável da política de emigração seguida a partir da década de 1970. Em 1991, 15% da população australiana falava uma língua que não era inglês. Esse número mais do que duplicou hoje e as línguas comunitárias não param de aumentar enquanto línguas nativas como Karara, Warlpiri, ou Wiradjuri se extinguem.

Mas o campeão da extinção de línguas nativas é o Brasil, segundo o jornal "O Liberal"<sup>34</sup> de Belém. Das 1 100 línguas indígenas, apenas 180 sobrevivem após cinco séculos, sendo mais de 80% faladas por índios. Em cinco séculos de ocupação portuguesa, o Brasil perdeu a maior parte das línguas indígenas. O processo de extinção continua. Pelo menos um terço desses idiomas é considerado 'língua quase extinta', ou seja, fadada ao desaparecimento. São idiomas com menos de 100 falantes e com transmissão considerada de alto risco pois não são usadas para a comunicação de pais com filhos. Na Amazônia, agonizam 45 dessas línguas. A maioria não chega a ter dez falantes, todos eles com idade avançada. É o caso de quatro línguas indígenas do Pará como o kuruáya, praticado em Altamira, com três falantes - todos com idade aproximada de 80 anos. Carmen Lúcia Reis Rodrigues, professora de Linguística da Universidade Federal do Pará (UFPA), há 20 anos estuda o xipáya e terminou recentemente um dicionário para evitar a sua extinção. Os xipáyas deixaram de utilizar o seu idioma quando abandonaram a tribo para irem viver na cidade. Hoje, nem um tem fluência no idioma nativo. O principal sinal do fim de uma língua é quando ela deixa de ser ensinada para as novas gerações. No Pará ainda há quatro falantes do idioma anambé, mas já nenhum fala amanayé.

O ano de 2008 foi definido como o Ano Internacional dos Idiomas pela ONU mas esta data passa despercebida porque a extinção das línguas não se sente da mesma forma que uma inflação ou uma depressão económica. O desafio é tentar retardar ao máximo o desaparecimento das línguas em risco com um pequeno número de falantes que não a conseguem transmitir. A longo prazo a tendência é a extinção mas convém lembrar que não só as línguas morrem, com elas perde-se um conjunto de hábitos culturais, ancestrais conhecimentos de

28 "Aboriginal Stolen Generation" descrita na peça "Stolen" encomendada pela Companhia de Teatro Ilbjerri Aboriginal and Torres Strait Islander em 1992, e representada no London's Tricycle Theatre, Julho 4-15, 2000. Originalmente descrita numa célebre canção de Archie Roach em 1987 "Took the children away".

29 The 1990 Native American Language Act in Newsweek, The Sounds of Silence, p.62-63, June 19,2000

30 Grécia, Itália, Escócia, Gales, Irlanda, Áustria, Canadá, Gibraltar, Holanda, Hungria, Índia, Madagáscar, Maurícias, Polónia, Rússia, Suécia, EUA; Índias Ocidentais, Cabo da Boa Esperança, Dinamarca, Egipto, França, Alemanha, Pérsia, Portugal e Lituânia. (Records of the First Fleet, Jan. 26, 1788)

31 King, Philip Gidley (1758 - 1808)

32 Dr. Annette Schmidt, 1990. os quatro maiores grupos de idiomas sobreviventes têm entre 3 – 4 mil falantes, e as restantes seis línguas têm mil falantes. 15 mil pessoas falam Aboriginal Krill e Crioulo das Ilhas Torres.

33 In Aboriginal Australian Encyclopedia, Canberra: Aboriginal Studies Press for the Australian Institute of Aboriginal and Torres Strait Islander Studies, 1994.

<sup>34</sup> <http://www.oliberal.com.br/index.htm>





gerações. Com a sua morte esse conhecimento também fica inacessível. A língua é parte integrante da cultura. Este aspecto cultural é frequentemente negligenciado, dado ter-se em conta apenas a função da comunicação. É através da linguagem que se acede à cultura de um povo, ao seu modo de pensar e de vida, às suas tradições, ao seu saber.

## 2. As línguas de Portugal

Portugal tem duas línguas oficiais, dentre as sete línguas vivas que segundo o Ethnologue ali são faladas, a saber:

|                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|-------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Asturiano<br><a href="#">Mais info.</a>         | <b>[ast]</b> 25 039 em Miranda do Douro. <i>Nome Alternativo:</i> astur-leonês. <i>Dialecto:</i> Asturiano ocidental, Asturiano central (Bable). <i>Classificação</i> Indo-europeia, Itálica, Românica, Italo-Occidental, Ocidental, Galo Ibérica, Ibero-romana, Ibérica ocidental, astur-leonês                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| Calo<br><a href="#">Mais info.</a>              | <b>[rmr]</b> 5 000. <i>Nome Alternativo:</i> Calão, Gitano, Romani Ibérico. <i>Dialecto:</i> Calo espanhol, Calão português (Calão, Lusitano-Romani), Calo Catalão, Calo Vasco, Calão Brasileiro. <i>Classificação:</i> Mista, Romani Ibérico                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Galego<br><a href="#">Mais info.</a>            | <b>[glg]</b> 15 000 em Trás-os-Montes (1994 SIL). Províncias de Entre-Minho-e-Douro e Trás-os-Montes. <i>Nome Alternativo:</i> Galego, Gallego. <i>Classificação:</i> Indo-europeia, Itálica, Românica, Italo-Occidental, Ocidental, Galo Ibérica, Ibero-romana, Ibérica ocidental Português-Galego                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| Mirandês<br><a href="#">Mais info.</a>          | <b>[mw]</b> 15 000 (2000). 10 000 Usam-na regularmente, 5 000 usam-na quando regressam à região, sudeste de Trás-os-Montes na fronteira com a Espanha, latitude de Zamora, cidade de Miranda. <i>Nome Alternativo:</i> Mirandesa. <i>Dialecto:</i> Relacionado com Asturiano e Leonês. Provavelmente separados aquando da invasão moura. <i>Classificação:</i> Indo-europeia, Itálica, Românica, Italo-Occidental, Ocidental, Galo Ibérica, Ibero-romana, Ibérica ocidental, astur-leonês                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| Português<br><a href="#">Mais info.</a>         | <b>[ISO 639-3: por]</b> 10 000 000. Falado por 177 457 180. Península Ibérica, Açores, Madeira. Também falado em Andorra, Angola, Antígua e Barbuda, Bélgica, Brasil, Canadá, Cabo Verde, China (Macau), Congo, Timor-Leste, França, Alemanha, Guiné-Bissau, Guiana, Índia, Indonésia, Jamaica, Luxemburgo, Malauí, Moçambique, Namíbia, Oman, Paraguai, São Vicente e Granadinas, São Tomé e Príncipe, África do Sul, Espanha, Suriname, Suíça, Reino Unido, Uruguai, EUA. <i>Dialectos:</i> Beirão, Galego, Madeira-Açores, Estremenho, Português do Brasil. O padrão baseia-se no dialecto Estremenho (Lisboa e Coimbra). <i>Classificação:</i> Indo-europeia, Itálica, Românica, Italo-Occidental, Ocidental, Galo Ibérica, Ibero-romana, Ibérica ocidental Português-Galego |
| Português Gestual<br><a href="#">Mais info.</a> | <b>[psr]</b> Usada por uma parte dos 8 000 surdos; 1986 Gallaudet Univ. <i>Nome Alternativo:</i> Língua Gestual Portuguesa. <i>Dialecto:</i> Lisboa, Porto. Não deriva da língua portuguesa. Dois dialectos diferentes em duas escolas de surdos em Lisboa e no Porto. Relacionada com a Língua Gestual da Suécia. <i>Classificação:</i> Língua Gestual                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| Romani, Vlax<br><a href="#">Mais info.</a>      | <b>[rmy]</b> 500 Kalderash. <i>Dialecto:</i> Kalderash. <i>Classificação:</i> Indo-europeia, Indo-iraniana, Indo-Ariana, Zona central, Romani, Vlax                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |

Outras fontes<sup>35</sup> são mais abrangentes e consideram a existência de treze dialectos, a saber:

Meridionais e Centrais – Incluem o da capital, [Lisboa](#), que tem as suas próprias peculiaridades. Embora tenham características únicas, os dialectos dos arquipélagos atlânticos dos [Açores](#) e [Madeira](#) podem, agrupar-se nos dialectos meridionais.

1 - [Acoriano](#) — [Açores](#)

2 - [Alentejano](#) — [Alentejo](#)

3 - [Algarvio](#) — [Algarve](#) (existe um dialecto pequeno na área ocidental)

5 - [Baixo-Beirão](#): [Alto-Alentejano](#) — *Centro de Portugal (interior)*

6 - [Beirão](#) — *centro de Portugal*

7 - [Estremenho](#) — *Regiões de Coimbra e Lisboa* (podendo subdividir-se em dois: Lisboaeta e Coimbraão)

8 - [Madeirense](#) — [Madeira](#)

11 - [Barranquenho](#) - Na vila de [Barrancos](#) (em plena fronteira da Estremadura, Andaluzia e Portugal), é um dialecto fortemente influenciado pelo [Estremenho](#) e é designado como *Barranquenho*.

Os dialectos nortenhos incluem obviamente o dialecto do [Porto](#).

4 - [Alto-Minhoto](#) — *Norte de Braga (interior)*

9 - [Nortenho](#) — *Regiões de Braga e Porto*

10 - [Transmontano](#) — [Trás-os-Montes](#)

12 - [Mirandês](#) - Um dialecto [astur-leonês](#) falado na região de [Miranda do Douro](#), no nordeste de Portugal.

13 - [Língua Gestual Portuguesa](#).

O português beneficiou da globalização. Na internet, o Inglês representava 75% em 1998 e 45% do total em 2007. O português era 0,82% em 1998 e estava em sexto lugar em 2007 com 1,39% de pois de ter atingido 2,25% em 2001. O espanhol com 2,5% em 98, atingiu 5,5 em 2001 e actualmente tem 3,8%. O acordo ortográfico tem a intenção política manifesta de incrementar o "valor de mercado" do português.

<sup>35</sup> [http://en.wikipedia.org/wiki/Languages\\_of\\_Portugal](http://en.wikipedia.org/wiki/Languages_of_Portugal)



David Crystal chama *netspeak*<sup>36</sup>, à “língua da rede”. Segundo Crystal “O crescimento das grandes línguas do mundo funciona como um tractor, esmagando os idiomas que se põem no caminho. Isso não é um fenómeno restrito a duas ou três línguas. Não é apenas o inglês que ameaça línguas nativas na Austrália, ou o português que põe em perigo idiomas indígenas no norte do Brasil. O chinês, o russo, o hindi, o suahili – todas as línguas maioritárias ameaçam idiomas de comunidades pequenas. O futuro dessas línguas minoritárias está vinculado a políticas regionais. Nos lugares onde sobrevivem, há uma série de práticas políticas e económicas que valorizam a diversidade. A globalização e a revolução tecnológica da internet originam um “novo mundo linguístico”. Entre os seus fenómenos estão as subversões da ortografia presentes nos blogues e nas trocas de correio electrónico e o aumento no ritmo da extinção de idiomas. Estima-se que em cada quinzena desapareça um. Cresce a consciência de que as línguas bem faladas, protegidas por normas cultas, são ferramentas da cultura e também armas da política, além de serem riquezas económicas. A reforma do português ora em curso vai-se defrontar com um desafio inédito. Outras mudanças foram feitas em situações em que era bem menos intenso o ritmo de entrada de palavras e conceitos na corrente da vida quotidiana. Na era da internet, as línguas, por natureza refractárias a arranjos de gabinete e legislações impostas de cima para baixo, podem comportar-se como potros indomáveis. Quem se preocupará com as novas regras de uso do hífen quando mantém longas e satisfatórias conversações na internet usando apenas interjeições e símbolos gráficos como os consagrados “emoticons” para alegre :- ) ou triste :-(? A comunicação escrita tornou-se mais ágil e veloz.”<sup>37</sup>

Em correspondência com o autor<sup>38</sup> David Crystal afirmava-nos há alguns anos que “ O Português tem um futuro forte e positivo, garantido pela sua extensa população e pela vasta gama de funções da sua expressão, desde a formalidade parlamentar ao samba popular. Simultaneamente os falantes de Português precisam de reconhecer está sujeita a mudanças – como todas as línguas – e não nos podemos opor impensadamente a esse processo. No Brasil ouvi falar dum movimento para manter os anglicismos fora da língua portuguesa. Banir palavras de empréstimo pode causar danos no desenvolvimento duma língua dado que a afasta das tendências universais. O Inglês tomou de empréstimo palavras de mais de 350 línguas – incluindo o Português o que se traduziu numa língua extremamente bem-sucedida e rica. O Português tem, a força de assimilação quer do inglês como doutros idiomas e com isso não perderá a sua característica identitária distinta. Espero que o desenvolvimento da língua portuguesa faça parte duma ética multilíngue nos países em que é falado a fim de que as línguas indígenas sejam respeitadas e apoiadas, o que no caso do Brasil é crítico dado o estado das línguas índias nativas.”

### 3. Da literatura açoriana traduzida a Daniel de Sá

Deixando de lado estas classificações o que nos interessa aqui é lembrar que “o debate académico em torno da expressão «literatura açoriana» é antigo – e chegou a contaminar ao longo dos anos 80 os próprios autores, quando estes se reuniam em encontros, congressos e simpósios construindo lentamente a intensa rede de amizades, afinidades intelectuais e intertextualidades que hoje marca o grupo. Onésimo escreveu dois livros e coordenou outro em torno do assunto, a saber: *A Questão da Literatura Açoriana* (1983), *Da Literatura Açoriana – Subsídios para Um Balanço* (1986) e *Açores, Açorianos, Açorianidade* (1989). Nesses anos, falava-se em artesanato açoriano, folclore açoriano, até cultura açoriana – mas nada causava tantos embaraços como falar em literatura açoriana.

<sup>36</sup> David Crystal cunhou o termo *netspeak* para designar as formas inéditas de expressão escrita que a internet gerou

<sup>37</sup> Entrevista a David Crystal, in *revista VEJA – CAPA – 12/09/07*

<sup>38</sup> Troca de correspondência com o autor em 2001-2002: David Crystal: Thank you for your message. Portuguese, it seems to me, has a very strong and positive future - guaranteed by its extensive population base and the wide range of functions which it expresses, from parliamentary formality to grass-roots samba. At the same time, Portuguese speakers need to recognize that their language will be subject to change - as all languages are - and this process should not be opposed unthinkingly. When I was in Brazil last year, for example, I heard that there was a movement to try to keep English words out of Portuguese. To ban loan words from other languages can actually be a harmful step, in the development of a language, as it cuts the language off from international trends. English itself has borrowed words from over 350 other languages - including Portuguese - and the result has been an extremely rich and successful language. Portuguese has the strength to assimilate loan words from English or any other language, and still retain its distinctive identity. I would also hope that the ongoing development of Portuguese would be part of a multilingual ethos for the countries where it is spoken, so that indigenous languages are respected and supported. In the case of Brazil, this is critical, given the perilous state of so many Indian languages. I hope these observations are of some assistance to you in your work. Loan words do change a language's character, but they don't as such cause it to deteriorate. The best evidence of all is, of course, English itself, which has borrowed more words from other languages than any other language in the world - and look at what has happened to English! In fact, about 80% of English vocabulary is not Anglo-Saxon in character, but comes from Romance and Classical origins - including Portuguese. (It's ironic that some of the words which the French, for example, are currently trying to ban, came from French and Latin in the first place!) You have to look at what happens, when words enter a language. In the case of English, we have such triplets as *kingly* (from Anglo-Saxon), *royal* (from French) and *regal* (from Latin). Now that we have all three, the language is much richer, because there are now all kinds of stylistic nuances which would not otherwise have been possible. Loanwords increase a language's richness of expression. No attempt to keep loanwords out of a language has ever succeeded. Languages can't be put under control. No academy has ever stopped languages changing. All this is very different from the situation of endangered languages, as I discuss for example in my book, *Language Death*. If languages are borrowing words it shows they are alive to social change and trying to keep pace with it. It is a healthy sign, as long as the loan words supplement and don't replace local equivalents (as in the English example above). What is worrying is if a dominant language begins to take over the functions of a less dominant language - for example, if you found English being used as the language of higher education when previously Portuguese was used. That is where legislation can help, by introducing various protective measures, supporting broadcasting in the minority language, and so on. There does need to be a policy, especially in a world where things are changing so fast, and this policy has to address the core issues, which are all to do with the functions of multilingualism. It must also be remembered that English is not alone in its displacement of other languages. In Brazil, hundreds of Indian languages have not been displaced by English - but by Portuguese. And all major languages - Spanish, Chinese, Russian, Arabic ... have affected minority languages in this way. Hope these remarks help. Professor David Crystal



O problema colocou-se primeiro por razões políticas. Em 1975, três anos antes de morrer, Vitorino Nemésio deixara-se utilizar pela Frente de Libertação dos Açores (FLA), movimento independentista hoje formalmente extinto, como candidato a Presidente da futura República – e, ao longo dos anos seguintes, e contra a vontade da maioria dos autores, os separatistas que ainda restavam no arquipélago insistiram em usar a literatura das ilhas como um dos sinais da identidade nacional destas.

Depois, vieram modas e tendências. Hoje, é questão arrumada para a maioria dos autores. Cristóvão de Aguiar contesta o uso da expressão, outros agarram-se a ela com ambas as mãos, um terceiro grupo olha-a com bonomia e cita Wittgenstein para explicar que se trata sobretudo de uma expressão útil – já não é uma questão central, no fundo. Se há literatura cabo-verdiana ou literatura são-tomense, contestar a existência de uma literatura açoriana é sinal de um «*um restinho de Inquisição*», diz Onésimo.

«É, pelo menos, um ramo único no contexto da literatura portuguesa», diz Eduardo Bettencourt Pinto, 51 anos, um angolano que se tornou «escritor açoriano» por escolha própria e que já publicou no Campo das Letras o seu mais recente romance, *A Casa das Rugas* (2004). Feitas as contas, o que prevalece é a opinião de Pedro da Silveira, poeta da ilha das Flores (1922-2003) e autor, entre outros, de *A Ilha e o Mundo* (1953): «A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Apenas precisa, o que é diferente, de sair do gueto que lhe tem sido a sina», escreveu na entrada «Açores» do Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária, coordenado em 1977 por João José Cochofel para a Iniciativas Editoriais. A verdade é que, lentamente, os escritores foram encontrando o seu espaço<sup>39</sup>.

A Universidade de Brown tem há anos uma cadeira chamada Literatura Açoriana – e na Universidade dos Açores, Urbano Bettencourt ministrava o curso de literatura açoriana (enquanto unidade curricular das licenciaturas) com a duração de dois semestres; havendo outro curso, *"Portugal atlântico e a açorianidade"* que era um módulo de 10 horas integrado nos Cursos de Verão da Universidade. O próprio Urbano nos declarava há dias que de momento não sabe se, *"para lá do que o Onésimo lecciona na Brown, existem outros cursos de iniciação à Literatura açoriana; na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o Assis Brasil orienta um curso de literatura açoriana mas já em pós-graduação. Há, no entanto, trabalhos e projectos aqui e ali; em França está a ser desenvolvido um projecto de doutoramento sobre o suplemento literário "Glacial" (Angra do Heroísmo, 1967-1973). O programa da disciplina de 2002<sup>40</sup> não se alterou desde então, apenas se actualizou a bibliografia crítica e foi variando o leque das obras obrigatórias, embora mantendo o Mau Tempo no Canal. Os trabalhos individuais dos alunos permitiam abordar as obras de autores mais recentes e que aparecem na bibliografia fornecida."*

Podíamos citar dezenas de outros autores relevantes<sup>41</sup>.

Eu sou um recém-chegado a estas ilhas com menos de três anos de aprendizagem mas tive a honra e o privilégio de aprender as idiosincrasias micaelenses e picoenses quando recentemente traduzi as últimas obras de Daniel de Sá e de Manuel Serpa. Deparei-me com noções etimologicamente novas contrastando com o uso ancestral que o Português do continente lhes apõe nos dicionários. Trata-se aqui de desvendar as ilhas como mito paradisíaco recuando na sua essência até à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se abriram ao peso do presente e não podem ser apenas perpetuadas nas suas memórias. Muitas vezes a obra dum autor sofre drasticamente quando, em vez de ser tomada apenas como obra, é erigida ao estatuto regionalista, que não pretendeu para si própria.

Podem deduzir-se da leitura destes autores, algumas características relevantes para a açorianidade:

1. O modo como o clima inculca um carácter de torpor e de lentidão em que a pressa é amiga da morte;
2. O modo como a História define os habitantes deste arquipélago ainda hoje quase tão afastados da metrópole como há séculos atrás;
3. A forma como se recortam todos os estratos sociais: vincadamente feudais apesar do humanismo que a revolução dos cravos alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;
4. O modo como a proximidade da terra se manifesta ainda de forma sobrejacente fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo.

Neste universo tão idílico não busquei - ao traduzir essas obras - a essência do ser açoriano, que de certeza existe, em miríade de variações insulares, cada uma vincadamente segregada da outra, se o homem se adaptou às ilhas ou se estas se continuam a impor condicionando a presença humana, para assim evidenciar a sua diferença específica, neste caso a açorianidade? Estando a açorianidade presente num escritor, explicá-lo é

<sup>39</sup> <http://joelneto.blogspot.com/2005/12/reportagem-literatura-que-farei.html> Joel Neto.

<sup>40</sup> Ver Anexo I

<sup>41</sup> Adelaide Baptista, Álamo Oliveira, Daniel de Sá, Dias de Melo, Eduardo Bettencourt Pinto, Urbano Bettencourt, Pedro da Silveira, Eduíno de Jesus, Carlos Wallenstein, Santos Barros, Martins Garcia, Emanuel Félix, Natália Correia, João de Melo, Maria Luísa Soares, Cristóvão de Aguiar, Eduardo Jorge Brum, Judite Jorge, Rui Machado, Mário Cabral, Nuno Costa Santos, Luís Filipe Borges, Alexandre Borges, Tiago Prenda Rodrigues, Emanuel Jorge Botelho, Fernando Aires, Ivo Machado, Norberto Ávila, Onésimo Teotónio de Almeida, Vamberto de Freitas ou Victor Rui Does, Frank X. Gaspar ou Katherine Vaz (entre muitos outros), e no passado Gaspar Frutuoso (século XVI) Vitorino Nemésio (séc. XX), Antero de Quental (séc. XIX), Roberto de Mesquita (séc. XIX e XX), Armando Côrtes-Rodrigues (séc. XX)

<http://joelneto.blogspot.com/2005/12/reportagem-literatura-que-farei.html>



tarefa para estudos mais complexos do que a mera actividade de um tradutor, por mais empenhado ou apaixonado que este possa estar pelo objecto da sua tradução.

A existência, ou não, de literatura açoriana não passa, necessariamente, pela existência desta açorianidade<sup>42</sup>. Natural da ilha das Flores, Pedro da Silveira (1923-2003) captou "as *mundividências açorianas*", abrangendo na sua poesia "as inquietações e os sonhos de gente viva de todas as partilhas e um verdadeiro compromisso social", enquanto eu apenas tive a oportunidade de captar uma fotografia da alma dos escritores que traduzi.

Luiz Antonio de Assis Brasil<sup>43</sup> analisou a obra de Daniel de Sá<sup>44</sup> e em especial à narrativa de ficção, que revela facetas da identidade insular, em especial da ilha de origem.

*"Coloca-se assim a evasão como um destino ao qual o açoriano se entrega com a fatalidade do cumprimento de um dever. O resultado é a errância, a transitoriedade e o permanente desejo da volta. Quando acontece, essa volta nunca é satisfatória: o emigrado jamais poderá deixar de ser americano, e mesmo que construa uma casa sumptuosa em sua freguesia original, contribua para a igreja e participe das festas colectivas, todos lhe conhecem a história. Intentando uma análise mais ampla, percebemos quanto os componentes tradicionais da literatura açoriana estão presentes nessa obra: a sensação de estar-se numa prisão, o desejo de evadir-se, a saudade a roer os calcanhares, a estreiteza do ambiente insular, a desconfiância das terras estrangeiras. Daniel de Sá<sup>45</sup> mostra-nos uma outra realidade: aqui já não há quem abandone a ilha, mas todos são prisioneiros desse cárcere que se circunda de infinitude por todos os lados. O título, grafado no singular, o é naquele sentido antigo: então temos crónicas, onze no total, que tratam dos teres e haveres açorianos, nomeadamente da ilha de São Miguel, mas cujos interesses vão além."*

No plano da linguagem, o Autor do livro "O Pastor das Casa Mortas" (edição VerAçor 2007) dá-se ao luxo de exportar, por efeitos de mimética, para uma das regiões mais interiores e montanhosas de Portugal, a Beira Alta, o seu herói em busca de um amor perdido no léxico e na sintaxe dos velhos montes escalavrados por entre o pastoreio numa verdadeira apologia da solidão física e mental que é o retrato de Manuel Cordovão esse lusitano de um amor só para toda a vida. Como o autor diz a começar trata-se de um livro dedicado "Às mulheres e aos homens que ainda acendem o lume nas últimas aldeias de Portugal."

A narrativa utilizando terminologia não insular acaba por poder ser lida como uma ode ao açoriano isolado de si e do mundo, neste amor perdido que se encontra apenas quando Caronte ronda. Como diz o autor "Embora eu vivesse numa ilha pequenina, a cinco minutos de um passeio calmo até ao aeroporto de quase todas as companhias aéreas que havia no Mundo, isso para o caso pouco importa! Aliás esta transposição da naturalidade geográfica do personagem deixa-nos permanentemente na dúvida se a Teresa do "Pastor" não será irmã gémea da personagem feminina que acompanha os seus passos na digressão por "Santa Maria: a Ilha-Mãe". Em ambas as obras "as palavras [são] tratadas suavemente, amenizando as arestas da fonética, como se com elas não pudesse nunca ofender-se alguém."

Trata-se de uma visita não ao "despovoamento das ilhas" mas ao despovoamento do país real, montanhoso, interior e árduo de Portugal. Aqui não se resgata o imaginário colectivo naquilo que tem de mais genuíno e identificador, antes pelo contrário, se dá a palavra a uma erudição improvável de um apascentador de cabras. Aqui não há a memória plural, que vem de Gaspar Frutuoso, mas sim uma ficcionalização dum fenómeno que não se mimetiza apenas nesta digressão pela Beira Alta. As Casas Mortas são-nos apresentadas como um resultado inevitável e inelutável ao longo da vida do personagem principal, sem que a sátira ou o humor permeiem a couraça de convicções de Manuel Cordovão. Existe uma interdependência do autor, dos personagens e do leitor que nos levou a ver e rever dezenas de vezes, uma só passagem do livro para lhe darmos o tom, o colorido, a sonoridade e a poesia das prosas. De início pensei que seria ocasião única, mas rapidamente me apercebi de que era recorrente à totalidade da obra ficcionada.

O resultado é uma prosa rica, densa e tensa, enovelando em diálogos simples e curtos um enredo que nos prende da primeira à última página e me levou a interrogar como é que fiquei órfão intelectual desde que acabei de traduzir o livro. As suas personagens e a sua escrita fazem de tal modo parte da minha vida que sinto uma espécie de síndrome de Estocolmo, fiquei cativo e apaixonei-me pelos captores...e agora, como vai ser?

Já o outro livro intitulado "Santa Maria Ilha-Mãe" (também editado pela VerAçor em 2007) é uma viagem ao passado, permeada de nostalgia quase lírica e pela magia da infância e das suas cores simples mas bem nítidas. Fala-se de como os Açores conviveram com o isolamento ao longo dos séculos, dos ataques de piratas, uma ameaça constante a inculcar ainda mais vincadamente as crenças de origem religiosa — numa ilha que felizmente não foi muito assolada por terramotos nem explosões piroclásticas. Essa *mundividência*, leva-nos naquilo que pode ser considerado o mais interessante guia ou roteiro turístico jamais escrito.

O próprio título gerou controvérsia, quer na versão portuguesa quer inglesa (*Santa Maria: Ilha-Mãe*; *Santa Maria, Island Mother*), ou como o próprio autor notaria: "Não se trata de "mãe" com valor de adjetivo, mas sim de dois

<sup>42</sup> <http://www.revista.agulha.nom.br/MACHADO%20PIRES.pdf>, página 4, Mário Cabral em MACHADO PIRES, A.M.B., Vitorino Nemésio: Rouxinol e Mocho, Praia da Vitória: Câmara Municipal Praia da Vitória, 1998, 92 pp

<sup>43</sup> [http://www.geocities.com/ail\\_br/discussaodaidentidadeacoriana.html](http://www.geocities.com/ail_br/discussaodaidentidadeacoriana.html)

<sup>44</sup> Sá, Daniel de. Ilha grande fechada. Lisboa: Salamandra, 1992.

<sup>45</sup> Sá, Daniel de. Crónica do despovoamento das Ilhas. Lisboa: Salamandra, 1995.





*substantivos, tanto mais que os liguei com hífen em Português. Como bem entendeu, uma ilha que é mãe também. Não é o caso de Ilha Verde, por exemplo..."*

Diz-nos Daniel de Sá "O Clube Asas do Atlântico era um dos meus quatro lugares míticos. Os outros três, também sagrado um deles, eram a capela de Nossa Senhora do Ar, o Externato e o Atlântida Cine. Ainda hoje recordo exactamente o seu cheiro" e todos nós - ao lê-lo - sentimos com ele, os cheiros, as cores e as toadas que nos descreve.

Estes dois livros pertencem a um mesmo tempo, em que *"falar do passado açoriano é, também, falar do seu presente, e referir-se ao presente é remeter inapelavelmente ao passado, o que mostra a unidade e a solidez de propósitos do livro"*, como diria Assis Brasil, referindo-se ao notável e quase único traço constante de profundo humanismo que informa os textos. Todas as suas personagens, são de tal forma credíveis que nos sentimos transportados ao local e vivemos partilhando os sentimentos dos interlocutores.

Como magistralmente disse a escritora canadiana Ann-Marie MacDonald, *"A tradução, tal como a escrita, é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte."*<sup>46</sup>

A tradução do livro de Manuel Serpa *"Da pedra se fez vinho/When rock became wine"* foi outro exercício inesquecível. Apesar da ajuda de vários conterrâneos do autor houve ocasiões em que as explicações à guisa de glossário se sobrepunham umas às outras, aumentando as já profusas notas de tradutor. Tudo isto porque para um mero leitor do continente o texto seria incompreensível, ou seja, era necessário haver mesmo uma intertradução, do falar picoense para o falar continental, antes de ser vertido num inglês pouco shakespeariano. Criou-se involuntariamente um novo glossário a adicionar à Dicionário Contrastiva da Língua Portuguesa que estes Colóquios estão a inventariar desde o ano passado. Vejamos algumas dessas notas e respectiva tradução:

#### Translator's Notes:

*Picaroto* is what you call a person from Pico.

*Pique*, a pickaxe.

*Luva*, gloves made of ox or pig leather to protect against brambles.

*Foicinho*, abbreviation for *foice* (scythe) is a short-handled scythe.

After a certain altitude on the rocky hills, there was the need to clean up the rocks. Since there were too many of these, even after building up the delimitating walls, they created *"maroiços"*. The rocks were laid one on top of the other, in steps or ramps, enabling people to carry stones for the upper levels that ended up sometimes in a conic conglomerate of stone.

*Curral*, pl *currais*, stone-walled plots where wine grows. The area in the *canada* between two contiguous *traveses* was called *curral*.

*Canada* is a narrow track or pathway allowing access to the *currais*.

*Traveses* or *traveses*, transversal walls or partition wall on the vineyard. The space in the *Canada* between two contiguous *traveses* was called *curral*.

*Jarões* (*girões*), the grouping of all *canadas* were called *jarões* or *girões* adding up to the entire vineyard.

*Portais* literally portals, made of loose lava stone, which could be torn down whenever need.

*Bocainas* passage, where tracks or passageways converge.

*Acaculados* in the original, from *acacular* (Brazilian terminology) – Fill up, overfill. The basket of grapes overfilled in conic form or helmet (in the original sense of *caculo* or *cuculo*), is a sign of wealth (even the bottom was filled up with leaves...).

*Cestos de asa*, are grape carrying baskets with side handles.

*Feitor* is a foreman in charge of the vineyards.

*vinho passado* is a wine past its prime that smells mouldy or tastes to vinegar, somewhat repulsively. However, in Pico, the *"passado"*, not being rare, entered the specialty scale and was obtained by allowing the grapes to reach the state of raisins, intentionally, being harvested long after harvesting time.

The original text creates a new verb *"moirar"* meaning working like a Moor, in the sense of slave work.

*Pastel* in Portuguese, *Woad* (*Isatis tinctoria*) was important as a source of a blue dye. *Pastel* dyers woad and canary moss or *"urzelá"* were exported to Flanders and other European countries.

*"Salto"* immigration, literally meaning "jump immigration" as it has been widely known, is the name given to all Portuguese who illegally crossed borders or moved to other countries to escape their fate.

*"Engajadores"* Illegal immigration agents or human traffickers who conned potential emigrants, taking their money and promising them to land and work on a foreign country.

*"Vinho Americano"* Hybrid red-wine grape that is the result of a cross between *Vitis Labrusca* and *Vitis Vinifera*. It can be vinified into rosé wine. Isabella has an unattractive FOXY character. It's also known as *Americano* and *Bellina*.

*Ermida* pl *Ermidas*, are privately built small churches or chapels which in Pico always.

*Rilheiras*, name given by the locals to the indentation on the basaltic lava rock created by the wheels of the ox carts, after numerous trips carrying the grapes to the cellars.

*Rola-pipas* literally rolling-casks or rolling-barrels, are the coastal rocks carved as ramps so that the wine barrels could roll down to the boats or ships which would carry them to the world.

*"Poços de Maré"* – literally tidal wells that were built due to the shortage of water.

*Froca/froca de angrim* from the English frock, meaning a sheepskin coat or frock.

<sup>46</sup> "Translation, like writing, is both art and craft, with a touch of alchemy. When translator and author actually get to meet, the result can be inspired. Nuance is what translates language into art." Ann-Marie is a Toronto-based writer and actor. She has received accolades for her playwriting, acting and writing. Her play *Goodnight Desdemona* (Good Morning Juliet) won the Governor General's Award for Drama, the Chalmers Award for Outstanding Play and the Canadian Authors' Association Award for Drama. She won a Gemini Award for her role in the film *Where the Spirit Lives* and was nominated for a Genie for her role in *I've Heard the Mermaids Singing*. Her first novel, *Fall On Your Knees*, was published in 1995 to much critical acclaim in Canada and abroad. Her latest book, *The Way the Crow Flies*, was shortlisted for both the Giller Prize and Governor General's Award. [http://www.banffcentre.ca/programs/93\\_words/2007/biltc/past\\_programs.aspx](http://www.banffcentre.ca/programs/93_words/2007/biltc/past_programs.aspx)





Albarcas corruption of the word *alparca*, *alparcata*, *alpargata*, *alpercata*, all meaning a type of cheap sandal used in rural areas.

*Saudade*, pl *saudades* (pron. [s?u'dad(?)] in European Portuguese, is a Portuguese/Galician word for a feeling of longing for something that one is fond of, which is gone, but might return in a distant future. It often carries a fatalist tone and a repressed knowledge that the object of longing might never return. *Saudade* has no direct English translation; its translation is dependent on context. It originates from the Latin word *solitatem* (loneliness, solitude), but developed a different meaning. Loneliness in Portuguese is *solidão* (a semi-learned word), from Latin *solitudo*. Few languages in the world have a word with such meaning, making it a distinct mark of Portuguese culture. It has been said that this, more than anything else, represents what it is to be Portuguese.

*Lapilli* is a size classification term for tephra, which is material that falls out of the air during a volcanic eruption.

David Crystal<sup>47</sup> sempre salientou que a língua inglesa *tinha substituído muitos idiomas nativos como o Cambriano ou Câmbrico, Cornualhês, Norn e o galês Manx, embora esteja nas últimas décadas a ser ela mesma substituída pela sua variante norte-americana*. Ao ler trabalhos na língua original da autoria do português **Saramago**, do colombiano **García Marquéz**, do egípcio **Naguib Mahfouz**<sup>48</sup>, uma pessoa deve ser sempre humilde em relação aos nossos colegas **tradutores**, capazes de penetrarem até às mais recônditas minudências das línguas de origem e transformarem-nas nas mesmas tonalidades na nossa língua de leitura. Foi isso que tentei fazer ao descobrir a Açorianidade da língua e cultura destes autores que ora traduzi e que me permitem afirmar sem sombra de dúvidas que a literatura açoriana está viva, de boa saúde e recomenda-se.

Não posso porém senão lamentar, que parte dos editores portugueses continue infelizmente a preferir o trabalho fácil, rápido, barato e pouco profissional de tantos aprendizes de feiticeiro tradutor. Cito um velho exemplo (datado de 1998) do jornal *The Boston Globe*, em que as vendas de um **'depilador'** na Rússia tinham sido objecto de uma promoção como sendo um **'tónico capilar'** para desespero de todos os recém transformados em carecas. Outros exemplos estrangeiros abundam como o da água mineral *"Blue Water"* anunciada em Ucrâniano como **"bluvota" [vômito]** ou ainda o anúncio do champô **"Wash and Go"** que em Russo soa a **'vosh'** ou **piolho**. Admitamos que traduções semelhantes em português são infelizmente correntes em material promocional do arquipélago como aconteceu há poucos anos com o belo livro turístico promocional intitulado *"Triângulo Dourado"* editado pela Clássica Publicações.

Começamos esta apresentação dando-vos conta da extinção das línguas e dialectos, passando depois à vitalidade da escrita açoriana exemplificada pelos livros que recentemente tive o privilégio de traduzir para inglês, para os mercados da Norte América.

Deixem-me pois concluir que as línguas têm de ser mantidas, tratadas e estimadas. Elas não dividem países, a intolerância sim. Muitos de nós ignoramos a perda diária de dialectos e línguas e nem sequer sentem a sua falta, outros há que acreditam que a pluriexistência de línguas é uma praga que assola a humanidade desde os tempos da Torre de Babel, que nem vez de ajudar a comunicar apenas serve para confundir pela sua diversidade. Felizmente há já muitos clamores alegando que a extinção das é uma ameaça à espécie humana, e que, tal como a diversidade biológica é vital para a saúde da Terra, também vitais são a diversidades intelectuais e culturais. Isto é cada vez menos falacioso devido à globalização desenfreada

A sobrevivência dos idiomas neste século depende de todos nós<sup>49</sup>, pelo que devemos aproveitar as novas tecnologias neste mundo de ondas hertzianas sem fronteiras onde a tirania dos governos não penetra. Usemos pois a internet para proteger e recriar as nossas línguas e culturas antes que elas se extingam.

*"A tradução é hoje essencial para reconhecer uma Nova Europa de 27 países, e dezenas de línguas pondo-nos em contacto directo e instantâneo com diferentes culturas de vários países"*<sup>50</sup>. Possam eles também descobrir esta nossa rica cultura açoriana.

## ANEXO I DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LITERATURAS MODERNAS LITERATURA E CULTURA AÇORIANAS 2001/2002 INTRODUÇÃO

A disciplina tem como objectivo fundamental proporcionar um conhecimento sistemático da Literatura Açoriana, procedendo a um estudo mais aprofundado de algumas das suas obras de maior importância. Nestes termos, entende-se que a aprendizagem se deverá organizar numa perspectiva diacrónica, em que a ordem cronológica se articule com uma componente de história literária, de modo a situar as obras individuais no seu contexto estético e social. Daí, a necessidade da descrição teórica, mesmo que não exaustiva, de alguns movimentos, períodos e estéticas literárias que possibilite o enquadramento da escrita açoriana e a compreensão do modo como esta deles se aproxima e os reelabora. Este aspecto torna-se tanto mais pertinente e lógico quanto se constata a inexistência de uma História da Literatura Açoriana, apesar de importantes abordagens parcelares como as de Pedro da Silveira, João de Melo, Eduíno de Jesus, Onésimo T. Almeida ou Assis Brasil, referenciadas na Bibliografia. De tudo isto resulta que o Programa de Literatura e Cultura Açorianas se organiza como um percurso com início no século XIX, por ser este o momento em que a introdução da tipografia e da imprensa nos Açores e o desenvolvimento da instrução

<sup>47</sup> Cambridge Encyclopedia of the English Language, David Crystal [Cambridge University Press](http://www.cambridge.org/9780521530334) ISBN 0521530334

<sup>48</sup> Nem sequer metade das suas obras foram traduzidas para Português (apenas 4 livros...).

<sup>49</sup> <http://www.whyy.org/91FM/radiotimes.html> The work of David Harrison and Gregory Anderson is the subject of a new film which was screened at Sundance, "The Linguist." The film tells the story of their travels and research around the globe to document endangered languages. Both are affiliated with the "Living Tongues Institute for Endangered Languages."

<sup>50</sup> Palazón, Reina, co-vencedor do Prémio Nacional de Tradução de Espanha no ano 2000, pelo seu trabalho com as Obras Completas de Paul Celan, traduzidas do Alemão para o Castelhano.



pública, entre outros factores de natureza histórica e cultural, começam a proporcionar os meios para a formação de um subsistema literário, cuja visibilidade se torna, aos olhos do estudioso, (mais) manifesta exactamente a partir dessa altura. Os alunos terão à disposição um Dossier de textos que, além de colmatarem algumas lacunas bibliográficas, servirão de base às Aulas Práticas. Serão objecto de estudo particular as narrativas *Mau Tempo no Canal*, *Gente Feliz com Lágrimas* e *Terra de Lúcia*, pelo que se torna obrigatório o seu conhecimento prévio. A avaliação de conhecimentos rege-se pelas disposições que, em particular, constam do Regulamento de Actividades Académicas, que prevê no seu Art.º 5 as modalidades de avaliação contínua e periódica, especificadas nos dois artigos seguintes. No caso de opção pela avaliação periódica em Literatura e Cultura Açorianas, aos dois elementos de avaliação previstos acresce a realização de um trabalho escrito individual, de dimensões, tipologia e tema a definir em cada ano, com o apoio e orientação do docente, podendo os alunos escolher o autor dentre os que constam da Bibliografia ou optar por outro do seu interesse. Este trabalho será apresentado e discutido no decurso das aulas e poderá, eventualmente, substituir a segunda frequência.

## PROGRAMA

O conceito de Açorianidade

De Nemésio (a geografia e a história) a Eduardo Lourenço (os séculos, a distância, os homens).

Limites e polivalência do conceito.

A Literatura Açoriana

Uma panorâmica histórica.

Do Séc. XIX para o Séc. XX

Entre o Parnasianismo e o Simbolismo.

Garcia Monteiro e Roberto de Mesquita: da “ironia alegre” à “solidão atlântica” (V. Nemésio) ou da “açorianidade solar” (Carlos Jorge Pereira) ao “spleen florentino”. O intertexto anterior em *Almas Cativas*.

Os «contistas da Horta».

Rodrigo Guerra, Florêncio Terra, Nunes da Rosa.

A poetização do mundo (rural) versus a representação da sua violência.

Impressionismo descritivo versus narração.

A ficcionalização multifacetada do mundo açoriano.

De Armando Côrtes-Rodrigues a Pedro da Silveira

A deriva estética e ideológica de A.C.R.: entre o *Orpheu* e o “franciscanismo campestre” (F. Pessoa).

O rasto do neo-realismo (Dias de Melo).

Uma releitura dos modernismos portugueses e cabo-verdiano.

Poesia e história.

Vitorino Nemésio narrador e poeta

5.1 *Mau Tempo no Canal*.

“Romance resumo da minha experiência de vida” (Vitorino Nemésio).

5.1 *Mau Tempo no Canal*.

“Romance resumo da minha experiência de vida” (Vitorino Nemésio).

5.1.1 A intriga e a “moldura” síntese da açorianidade: informação histórica e científica; a vivência do tempo; espaço físico e social; cultura erudita e cultura popular.

Narrador e personagem central. Uma visão do mundo.

Recursos discursivos.

Escrever é reler.

“Mundo abreviado” e destino humano (trágico).

A simbólica de *Mau Tempo no Canal*.

A Poesia de Vitorino Nemésio.

5.2.1 Uma “voz” que se busca no decurso do Tempo, nele se molda e se (des)faz em palavras: de *La Voyelle Promise* (1935) a *Sapateia Açoriana* (1976).

Ritmos e registos; fluência e contenção.

Experimentação verbal. Recontextualização (lírica) do léxico científico.

Citação e ironia.

Metapoesia e (auto)questionamento depreciativo.

A metaforização do acto poético e da poesia: canto, concha, casa.

A construção do Sujeito Poético: o “bicho harmonioso” no seu “buraco vil”.

“Ilha ao Longe”: distância e rememoração.

O “ovo” como génese, protecção e renovação.

Partida e regresso(s).

Passado e presente: da infância/inocência (na ilha) perdida à consciência do pecado. A culpa e o perdão (pedido).

## Olhares sobre a actualidade

Viagem, iniciação e aprendizagem do mundo. Errância e permanência.

A emigração: imagens e “miragens de América”.

Rumores de guerra.

Reescrever a história e o seu texto. O diálogo intertextual.

A sátira e a paródia (ainda e sempre).

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Textos de Teoria e Crítica

AAVV, Vitorino Nemésio – *Vinte Anos depois* (Actas do Colóquio Internacional de Estudos Nemesianos, 1998), Lisboa e Ponta Delgada, Ed. Cosmos e Seminário Internacional de Estudos Nemesianos, 1998.

ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra, Secretaria Regional da Educação e Cultura (SREC), 1983.

———, *Da Literatura Açoriana* (Org. e Introd. De...), Angra, SREC, 1986.

———, *Açores, Açorianos, Açorianidade*, Ponta Delgada, Signo, 1989.

BATISTA, Adelaide, *João de Melo e a Literatura Açoriana*, Lisboa, Publ. Dom Quixote, 1993.

BETTENCOURT, Urbano, *O Gosto das Palavras III*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1999.

BRASIL, Luís António de Assis, “A Narrativa Açoriana pós-Vinte e Cinco de Abril”, in *Organon*, Vol. 8, n.º 21, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994, pp. 71-79.

FERREIRA, Manuel, *O Segredo das «Almas Cativas»*, Ed. da Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores, [D.L. 1991].

FREITAS, Vamberto, *O Imaginário dos Escritores Açorianos*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1992.

———, Mar Cavado, *Da Literatura Açoriana e de Outras Narrativas*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1998.

———, *A Ilha em Frente – Textos do Cerco e da Fuga*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1999, especialmente as páginas 15-40.

GARCIA, José Martins, *Para uma Literatura Açoriana*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1987.



- , *Exercício da Crítica*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1995.
- GOUVEIA, Maria Margarida, Maia, *Vitorino Nemésio. Estudo e Antologia*, Lisboa, ICALP/MEC, 1986.
- JESUS, Eduíno de, "Breve notícia histórica da poesia açoriana de 1915 à actualidade", in *Estrada Larga*, vol. 3, Porto Editora, [s/d], pp. 425-430. O artigo termina referenciando livros de finais dos anos 50.
- LOURENÇO, Eduardo, "Da Autonomia como Questão Cultural", in *A Autonomia como Fenómeno Cultural e Político*, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1988, pp. 51-62.
- , "O novo espaço lusófono ou os imaginários lusófonos", in *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa, Gradiva, 1999, pp. 183-192.
- MELO, João de, *Toda e Qualquer Escrita*, Lisboa, Vega, 1992.
- , A produção literária açoriana nos últimos dez anos (1968-1978), Sep. de Colóquio/Letras, n.º 50, Lisboa, Fundação Gulbenkian, Julho/1979.
- NEMÉSIO, Vitorino, "Açorianidade" in *Insula*, n.º 7-8, Ponta Delgada, Julho, 1932.
- , "O Açoriano e os Açores", in *Sob os Signos de Agora*, 2.ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional, 1995.
- , "Açores: De onde sopram os ventos", in *Açores. Actualidade e Destinos*, Angra, Ed. Atlântida, 1975.
- PIRES, António M. B. Machado, *Raul Brandão e Vitorino Nemésio*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1988.
- , *Vitorino Nemésio – Rouxinol e Mocho*, Praia da Vitória, Câmara Municipal, 1998.
- RIBEIRO, Luís da Silva, *Subsídios para um Ensaio sobre a Açorianidade*, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1964.
- SILVA, Heraldo Gregório da, *Açorianidade na Prosa de Vitorino Nemésio*, Angra, SREC, 1985.
- SILVEIRA, Pedro da, "O conto açoriano e os seus caminhos", in *Estrada Larga*, vol. 1, Porto Editora, [s/d], pp. 545-547.
- , "Açores", in João José Cochofel, *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, Iniciativas Editoriais, 1977, pp. 35-46.
- TRIGO, Salvato e ROSA, Victor M. Pereira da, "Da Insularidade à Açorianidade: Algumas Reflexões", in *Arquipélago/Ciências Sociais*, n.º 2, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1987, pp. 187-201.

## 2. Antologias

- ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *The Sea Whithin*, Providence, Gávea-Brown, 1983.
- BOTELHO, Emanuel Jorge, *Sempre disse tais coisas es perañado na vulcanologia – 12 poetas dos Açores*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1984.
- MELO, João de, *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, Lisboa, Vega, 1978.
- PINTO, Eduardo Bettencourt, *Os Nove Rumores do Mar – Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea*, 3.ª ed., Lisboa, Instituto Camões, 2000.
- SILVEIRA, Pedro da, *Antologia de Poesia Açoriana – Séc. XVIII a 1975*, Lisboa, Sá da Costa, 1977.

## 3. Autores

### 3.1 Poesia

- BARROS, J.H. Santos, *S. Mateus, outros lugares e nomes*, Lisboa, Vega, 1981.
- BOTELHO, Emanuel Jorge, *Mas o Território não é o Mapa*, Angra, SREC, 1981.
- CANDEIAS, Marcolino, *Na Distância deste Tempo*, Angra, SREC, 1984.
- CORREIA, Natália, *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias, I, II*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993.
- CÔRTEZ-RODRIGUES, Armando, *Antologia de Poemas*, 2.ª ed., Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1989.
- COSTA, Vasco Pereira da, *Ilíada*, Angra, SREC, 1981.
- FÉLIX, Emanuel, *A Viagem Possível*, 2.ª ed., Lisboa, Vega, 1993.
- FÉRIN, Madalena, *A Cidade Vegetal*, Angra, SREC, 1987.
- FIRMINO, Almeida, *Narcose*, Angra, SREC, 1982.
- GARCIA, José Martins, *Temporal*, Providence, Gávea-Brown, 1986.
- MARTINS, J. H. Borges, *Nas barbas de deus*, Lisboa, Salamandra, 1999.
- MEDEIROS, João Teixeira de, *Do Tempo e de Mim*, Providence, Gávea-Brown, 1982.
- MESQUITA, Roberto de, *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, Lisboa, Ed. Ática, 1973.
- MONTEIRO, Garcia, *Rimas de Ironia Alegre – antologia*, (Org. e Int. de Carlos Jorge Pereira), Col. Brevíssima, Lisboa e Porto, Liv. Civilização e Contexto Ed., 1997.
- NEMÉSIO, Vitorino, *Poesia I, II*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1989.
- OLIVEIRA, Álamo, *Impressões de Boca*, Angra, SREC, 1992.
- PINTO, Eduardo Bettencourt, *Menina da Água*, Ponta Delgada, Editorial Éter, 1997.
- QUENTAL, Antero de, *Sonetos*, 5.ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 1976.
- RODRIGUES, Rui Duarte, *Com Segredos e Silêncios*, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1994.
- SILVEIRA, Pedro da, *Fui ao Mar Buscar Laranjas*, Angra, Direcção Regional da Cultura, 1999.

### 3.2 Narrativa

- AGUIAR, Cristóvão de, *Raiz Comovida – A Semente e a Seiva*, Coimbra, Centelha, 1978.
- AIRES, Fernando, *Memórias da Cidade Cercada*, Lisboa, ed. Salamandra, 1995.
- ALMEIDA, Onésimo Teotónio, «*Sapateia Americana*», Lisboa, Vega, 1983.
- BORGES, Maria de Fátima, *A Cor Cíclame e os Desertos*, Lisboa, Cotovia, 1989.
- COSTA, Vasco Pereira da, *Plantador de Palavras Vendedor de Lérias*, Coimbra, Câmara Municipal, 1984.
- GARCIA, José Martins, *Memória da Terra*, Lisboa, Vega, 1990.
- GUERRA, Rodrigo, *A Americana*, Angra, SREC, 1980.
- MELO, Dias de, *Pedras Negras*, 2.ª ed., Lisboa, Vega, 1985.
- MELO, João de, *Gente Feliz com Lágrimas*, Lisboa, Publ. D. Quixote, 1988.
- NEMÉSIO, Vitorino, *Mau Tempo no Canal*, 7.ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional, 1994.
- OLIVEIRA, Álamo, *Com Perfume e com Veneno*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1997.
- ORRICO, Maria, *Terra de Lídia*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1994.
- ROSA, Nunes da, *Gente das Ilhas*, 2.ª ed., Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1978.
- SÁ, Daniel de, *Ilha Grande Fechada*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1992.
- TERRA, Florêncio, *Contos e Narrativas*, 2.ª ed., New Bedford, Promotora Portuguesa, 1981.
- VAZ, Katherine, *Saudade*, Lisboa, Asa, 1999.

Ponta Delgada, 15 de Setembro de 2001  
O docente,  
Manuel Urbano Bettencourt Machado

\*\*\*



## ANEXO II

### Autobiografia de Daniel de Sá

**Daniel** Augusto Raposo **de Sá** nasceu na Maia, S. Miguel, Açores, a 02/03/1944 e reside na Maia

#### (Auto-retrato e bibliografia)

Na galeria da fama dos maus romances, há um que começa mais ou menos desta maneira: "Era uma noite escura e tempestuosa". Estava assim aquela em que nasci, quando o apocalipse da guerra contava já os seus últimos milhões de mortos, e o petróleo ia substituindo o azeite de gata, que dava mais cheiro que luz. Nesse dia, quadragésimo nono aniversário do decreto da autonomia de Hintze Ribeiro - João Franco - D. Carlos, os aliados continuavam a cercar o mosteiro de Monte Cassino, e Pio XII completava sessenta e oito anos de vida e cinco de Papa.

Mas logo aos dois anos tive de deixar a Maia e os meus boizinhos de carrilho, porque meu pai fora, como muitos mais, procurar a imitação do "Eldorado" no aeroporto de Santa Maria, e nos fizera carta de chamada, pois as ilhas estavam então separadas por alfândega e outras dificuldades, como estados independentes. Começava a cumprir-se o fado de uma família de emigrantes, que haveria de esboroar-se toda, nessa e nas décadas seguintes, por este mundo de Deus e de legítimas ambições humanas.

Dos primeiros tempos na ilha-mãe, feita de pedra e cal, recordo vagamente os meus caracóis louros e compridos, um coelhinho de latão que fora broche e se tornou no meu brinquedo preferido e quase único, o encanto indizível de um "Dakota" de plástico que o Menino Jesus me deu, creio eu, por um Natal em que cheguei à chaminé ainda a tempo de o ver fugir, e uns versos com que me estreei na poesia, cantando para a vizinha da frente segundo as normas de rima que meu pai me ensinara na véspera. Fui crescendo com essa cisma na cabeça, e cheguei a passar horas em desafios renhidos de redondilha maior com o Firmino, meu colega de quarta classe na escola de Santana, onde a boa da professora tinha de aturar mais de três dezenas de rapazes e raparigas, desde os que andavam na bê-á-bá até aos que papagueavam significados, rios, reis, serras e linhas férreas, entreteendo a sua exausta paciência com um "calem-se" para nós os dois, sem que ela sonhasse o que dizíamos e como o dizíamos, a voz contida.

É de pouco depois o meu primeiro romance falhado, uma aventura de índios e "cowboys" que acabou quando o assalto a um rancho coincidiu com a minha falta de paciência ou de inspiração para o resto.

Mas o melhor eram os relatos de futebol ouvidos e discutidos no Clube Asas do Atlântico e, sublimidade de quantas sensações havia na nossa infância, as "matinés" do Atlântida Cine, onde se arranjava quase sempre um lugarzinho, mesmo que não se tivesse o dinheiro para o bilhete, porque o Senhor Cardoso abria a porta à fila da nossa gula impaciente quando percebia que, a respeito de entradas pagas, estava tudo conversado.

Mas em fins de 1958 aconteceu o primeiro grande desgosto da minha vida: o bondoso padre Artur perdeu-se no naufrágio do "Arnel"; e, poucos meses depois, meu pai morreu. O tempo começou então a passar muito depressa. O quinto ano feito no Externato da Ribeira Grande e o curso do Magistério Primário foram uns instantes e dei por mim, de repente, professor nos Fenais da Ajuda. Andei por lá quatro anos, e comecei a escrever para o jornal do saudoso Cícero de Medeiros, com um pseudónimo que eu imaginara muito antes e que, feito do meu verdadeiro nome e de uma das designações daquela freguesia, por interessante coincidência se justificava plenamente: Augusto de Vera Cruz. Cumpri depois esse dever absurdo de aprender a guerra, nas Caldas da Rainha a recrutar e a especialidade em Tavira, mas escapei à imposição de exercer na prática os conhecimentos adquiridos, porque passei o resto do serviço militar no batalhão dos Arrifes. Depois de mais um ano como professor, desta vez na Maia, cumpri a seguir o meu roteiro de nómada, entrando para a congregação missionária dos Combonianos, e por lá estive, quase três anos em Valência e alguns meses em Granada. Aprendi a ignorância de filósofos e teólogos e criei o vício físico da sesta, de que adoecei sem remédio.

E aqui estou, definitivamente disposto a ser rural e sedentário, que Deus, afinal, está em toda a parte e o Mundo inteiro vem cá ter com a gente.

Entretanto, casei: faltavam vinte e cinco dias não sonhados para que se cumprisse a plenitude de Abril. Pai de três filhos que vão crescendo e de seis livros maneirinhos, sinto que me saí melhor (talvez por serem uma obra a dois) com aqueles do que com estes, mas ainda não perdi a esperança de ser tão feliz por uns como pelos outros.

Tenho pena de não ter nascido a tempo de escrever o "Estrangeiro" ou "As Vinhas da Ira", de compor o "Messias" ou a "Sagração da Primavera", de pintar "A Peregrinação de Santo Isidro", ou de esculpir "Os Burgueses de Calais", de formular a teoria da Relatividade ou de descobrir a penicilina, de erguer o Taj Mahal, de criar o poema "Tabacaria" ou, ao menos, de inventar a maionese.

Meteram-me na política, onde tenho sido de tudo um pouco, menos membro do governo regional, porque, além de outras razões evidentes, de certeza não serviria para isso.

Sou de uma curiosidade sempre insatisfeita, e teria estado disposto, se tal fosse possível, a ficar olhando, durante milhões de anos, a criação do Universo, só para saber como foi. Trocaria todas as palavras que até hoje disse, e que os amigos aplaudiram, para pensar por momentos, sem esquecer depois, com o cérebro do primeiro homem que foi capaz de pensar.

Não sei se posso dizer que sou puro, como os justos do antigo Egipto no julgamento de Osíris. Sei que não queimeei o templo de Diana nem ordenei nenhum campo de concentração. Posso invocar uns quantos nãos de bondade, mas faltam-me os sins seguros da justiça positiva.

Todavia, a catedral da Literatura existe, com os seus demónios e os seus santos para todas as devoções. E, com tantos livros para ler, há quem gaste o seu tempo e o seu talento a discutir-lhes a forma, a escola ou a literatura menor a que pertençam. No entanto, cada vez que eu entro, por exemplo, na igreja do mosteiro da Batalha, ajoelho-me primeiro porque aquele templo foi feito para louvarmos a Deus e não o estilo ou os homens que o construíram. E se, culturalmente, sou apátrida, no mais permaneço ilhéu e português, aceitando a fatalidade do destino com que nasci como se eu mesmo fosse o responsável por ele. (Este texto foi escrito em 1992. Entretanto, os filhos cresceram em idade e inteligência e os livros em número e tamanho. Actualmente (1998), são os que a seguir se diz.)

#### OBRAS:

*Génese* (novela), edição da D.R.A.C. da Secretaria Regional de Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, 1982: Durante a Guerra Civil espanhola, Don Francisco Calvera Ten, um padre da província de Valência, teme os Republicanos e não gosta dos Nacionalistas. E deu-lhe em duvidar do próprio Deus

*Sobre a Verdade das Coisas* (crónicas-contos), edição da Junta de Freguesia da Maia, 1985: A vida rural de S. Miguel. A ficção ao serviço da realidade, a realidade ao serviço da ficção. Mas onde o real é bem mais forte do que o imaginário.

*O Espólio* (novela), edição Signo, Ponta Delgada, 1987: Se uma ilha dos Açores sofresse um ataque nuclear, que poderia resultar daí para a felicidade ou infelicidade do Mundo? Talvez nada mais do que o Prémio Pulitzer para a melhor reportagem sobre a tragédia.





[A Longa Espera](#) (contos), edição Signo, Ponta Delgada, 1987: E se o Natal fosse um homem vindo de longe, de onde os rios correm sempre, para se sentar diante de uma fonte seca, num sacrifício de implorar a chuva aos Céus e até à sua própria morte? E se o Natal fosse e não fosse o resto?

[Bartolomeu](#) (teatro), edição da D.R.A.C. da Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, 1988: Um dos maiores navegadores portugueses de todos os tempos julga-se com direito de ir à Índia. Razões de Estado tiram-lhe esse privilégio em favor de Vasco da Gama, um capitão intransigente. O drama de Bartolomeu Dias, que o não mereceu.

[Um Deus à Beira da Loucura](#) (novela), edição da D.R.A.C. da Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, 1990: Se Cristo reencarnasse e fosse condenado a um campo de concentração nazi, resistiria melhor do que um prisioneiro ateu?

[Ilha Grande Fechada](#) (romance), edição Salamandra, Lisboa, 1992: João peregrina à volta da ilha no cumprimento de uma promessa e na despedida da sua terra antes de emigrar para o Canadá. E acaba por compreender que "sair da ilha é a pior maneira de ficar nela".

[A Criação do Tempo, do Bem e do Mal](#) (ensaio), edição Salamandra, Lisboa, 1993: Uma visão agnóstica do Tempo. A justificação do Bem e do Mal, numa perspectiva teísta. Algumas questões mais difíceis da Doutrina e da Moral católicas, segundo a opinião de quem acredita em Cristo e na Sua Igreja, dita Universal, Apostólica e Romana, sem ter a certeza de que Ela seja infalível.

[Crónica do Despovoamento das Ilhas](#) (e Outras Cartas de El-Rei) (crónicas históricas), edição Salamandra, Lisboa, 1995: A vida nos primeiros tempos de haver gente nos Açores, ouvida dos velhos cronistas e contada com a ironia da ignorância e da suposta superioridade de ser homem do século XX.

[E Deus Teve Medo de Ser Homem](#) (novela), edição Salamandra, Lisboa, 1997: Vinte séculos de humanidade não ensinaram ao Homem a ser humano. O lobo de si mesmo continua tão pérfido como os crucificadores romanos.

[As Duas Cruzes do Império – Memórias da Inquisição](#) (romance), edição Salamandra, Lisboa, 1999: O absurdo da Inquisição foi praticar o mal em nome de Deus. O paradoxo do nosso século tem sido destruir milhões de homens e mulheres em nome da Humanidade.

---

Contos do autor:

? [Um trovador na corte de D. Sancho](#)

? [Duetto a uma só voz](#)

---

Outras páginas sobre o autor:

? [Recensão sobre a obra E Deus Teve Medo de Ser Homem](#)

? [Malino: Homenagem a Miguel Torga](#)

? [Dois sonetos sobre Natália Correia](#)

---

## 8) CONCHA ROUSIA

**Concha Rousia** nasceu em 1962, em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Santiago de Compostela. Formada como Terapeuta Familiar na Universidade de Maryland. Tem lecionado estudantes e outros profissionais da psicologia em temas relacionados com o exercício profissional. É membro da Junta de Governo do Colégio Oficial de Psicologia da Galiza onde é também a responsável de coordenar a Comissão Cultural. Vice-presidenta da Associação pró Academia Galega da Língua Portuguesa. Na sua faceta de escritora literária tem ganhado vários prémios literários. Tem também publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como *Agália* ou *A Folha da Fouce*; e em brasileiras como *Momento Lítero Cultural*, e *Rascunho* (Jornal de literatura do Brasil). Faz parte do grupo de poetas "O Clube dos Poetas Vivos" da Galiza. Colabora em diversos jornais galegos escrevendo artigos de opinião. O seu primeiro romance "As Sete Fontes", foi publicado em formato e-book pela editora digital portuguesa ArcosOnline ([www.arcosonline.com](http://www.arcosonline.com)). No 2006 publicou um grupo de dez poemas na Antologia "Dez x Dez" da Abrente Editora. Em 2007 foi seleccionada para fazer parte da primeira Antologia do Momento Lítero Cultural, em formato digital, Porto Velho. E em 2008 publicou seus poemas na antologia "Nas Águas do Verso" Porto. Também em 2008 está a fazer parte de duas antologias com poetas do Brasil: 1) "Poeta, Mostra a tua Cara" e 2) o volume 7 da Colecção "Poesia do Brasil", correspondente ao XV Congresso Brasileiro de Poesia, que se celebra em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil.

### A Perda de Espaços

**Concha Rousia, Academia Galega da Língua Portuguesa**

Podemos afirmar sem temor a equivocar-nos que as comunidades rurais das diversas comarcas da Galiza, assim como do Norte de Portugal e de muitas outras regiões do planeta, têm vindo a ser submetidas a tal processo de desestruturação, que por vezes faz-se difícil imaginar como as pessoas que nelas resistem conservam a sua saúde mental. Eu quero aqui fazer uma reflexão sobre a perda que leva implícita a desaparecimento de espaços compartilhados como eram o concelho, o forno, o moinho, e o poço de lavar. Com a perda destes espaços perde-se a função económica que cada um deles vinha desenvolvendo, mas também se perderam outras funções mais difíceis de ver ou de medir. A função económica é satisfeita por outras formas, inclusive mais práticas e cómodas. Podemos então afirmar que a maioria das funções que cumpriam estas actividades comunitárias são agora desempenhadas por outras instituições, mas há que falar da perda das funções de ordem psicológica ou sociológica que passam a ser desatendidas. Neste sentido, com a perda destes espaços perde-se a possibilidade de que os avós e as avós transmitam o seu saber e a sua experiência à comunidade. O modo de vida moderno, com seu acelerado ritmo de mudanças, faz com que os avós fiquem por vezes mesmo alienados, e o seu saber acumulado ao longo da vida, desperdiçado; podíamos dizer mesmo que, se não se introduzirem mudanças no estilo de vida actual, os avós ficam sem voz na própria comunidade que eles um dia criaram.





## 9) DEOLINDA M. ADÃO,

**Deolinda M. Adão**, Coordenadora - Portuguese Studies Program, University of California, Berkeley

? Ph.D. in Luso-Brazilian Languages and Literatures (December 2007), University of California, Berkeley, Dissertation: *As Herdeiras do Segredo: As Personagens Femininas na Ficção de Inês Pedrosa*. Designated Emphasis in Women, Gender and Sexuality.

? M. A. in Hispanic Languages and Literatures (June 2002), University of California, Berkeley, Luso-Brazilian Emphasis.

? B. A. in Spanish Language and Literature (June 2000), University of California, Berkeley, Honors Thesis "The Construction of a National Identity in *Macunaíma* and *Biografía de un Cimarrón*"

### **Professional Experience, Teaching**

? Spanish Instructor, Peralta Community Colleges – Berkeley City College. (2007- present)

? Program Director, Summer Sessions Study Abroad Program – Portugal, University of California, Berkeley (2006, 2007)

? Program Director, Summer Sessions Study Abroad Program – Cuba, University of California, Berkeley. (Summer 2003)

? Program Assistant, Summer Sessions Study Abroad Program – Cuba, University of California, Berkeley. (Summer 2001 and 2002)

? Graduate Instructor, Department of Spanish and Portuguese, University of California, Berkeley (2000 – 2005)

? Portuguese Instructor, Intensive Summer Institute and Coordinator of Study Abroad Program – Portugal, California State University, Stanislaus. (1998)

### **Professional Experience Administrative Experience**

Program Coordinator, Portuguese Studies Program, University of California, Berkeley – Institute of European Studies. (2001 – present)

Programs Administrator, Summer Sessions Study Abroad Program – Cuba, University of California, Berkeley. (Summer 2004)

### **Publications/Articles**

? "Novos Espaços do Feminino: Uma leitura de *Ventos do Apocalipse* de Paulina Chiziane" Mata, Inocência & Padilha, Laura (Org.), *MULHERES DE ÁFRICA: VOZES DE UMA MARGEM SEMPRE PRESENTE*. Lisboa: CEA-FLUL/Edições Colibri, 2007 [release pending] (Peer-reviewed)

? "Ah! *Mônim dum Corisco! Tragédia* Linguística ou Sátira Cultural?"

? *Tempo e Memória - Revista do Program Interdisciplinar em Educação, Administração e Comunicação*.

? Unimarco Editora, São Paulo, Ano 3, No. 4, Jan.-Julho 2005 pp. 9-22. (Peer-reviewed)

? "A Mulher Portuguesa nas sociedades fraternais da Califórnia", *A vez e a voz da mulher imigrante portuguesa*, Marujo, Manuela (org). University of Toronto, Toronto, Canada, 2005 pp. 27-34.

? "Vozes da diáspora: percurso literário da comunidade portuguesa na Califórnia", *Anais do XIX Encontro Brasileiro de Professores de Literatura Portuguesa – ABRAPLIP* (2003), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil, pp. 249-253.

? "A Mulher Portuguesa nas sociedades fraternais da Califórnia / Women in the Portuguese Fraternal Societies of California"

? Simas, Rosa (ed.). *A Mulher nos Açores e nas Comunidades / Women in the Azores and the Immigrant Communities*. Volume I. University of the Azores. 2003 pp. 149-172. (Peer Reviewed)

### **Other**

? "Entrevista a Alda Espírito Santo" *A Poesia e a Vida – Homenagem a Alda Espírito Santo*. Mata, Inocencia (org). Edições Colibri, Lisboa, 2006 pp. 119-133. (Peer-reviewed)

? "Pepetela – Entrevista" [Interview]

## PEDAÇOS DE NÓS: A SAUDADE COMO ELEMENTO DE CONSTRUÇÃO NA LITERATURA DA DIÁSPORA PORTUGUESA DA CALIFÓRNIA

**Deolinda Maria Adão. Ph. D. University of California, Berkeley**

Este trabalho tem o objectivo de fazer um percurso da produção literária da comunidade portuguesa residente na Califórnia, tentando encontrar tendências ou temáticas que de uma forma ou outra a possam ter marcado e a aproximem ou afastem de manifestações literárias de outras diásporas portuguesas, e como o tema da saudade é abordado por cada um dos autores em questão. Em particular, abordarei as obras de Alfred Lewis e de Katherine Vaz, dois escritores da diáspora cuja obra está publicada por casas editoriais americanas, e portanto, acessível não só à comunidade portuguesa, mas também ao público americano em geral. A pergunta fundamental que abordaremos é como estes dois escritores se inserem dentro do panorama literário da comunidade portuguesa da Califórnia, e quais são as particularidades que lhes permite acesso ao universo literário dos Estados Unidos da América em geral. Adicionalmente, pretendo considerar, vários autores que residem e produzem para a comunidade portuguesa da Califórnia, assim como um dos vários autores que embora residam nos Açores, trabalham a temática da saudade e da imigração, particularmente a imigração portuguesa na Califórnia.



Cada indivíduo ou grupo tenta construir uma voz através da qual expressa a sua capacidade criativa, as suas alegrias, e as suas angústias. Ou seja, uma forma de autoconstrução. Para qualquer comunidade emigrante este processo é ainda mais complexo pois é através deste que frequentemente se desenvolvem estratégias de sobrevivência e adaptação à sociedade e à cultura do país de acolhimento. Este trabalho visa traçar o percurso da produção literária da comunidade portuguesa residente na Califórnia com o intuito de observar esse processo de autoconstrução, assim como encontrar tendências ou temáticas que de uma forma ou outra a possam ter marcado e de certa forma a aproximem ou afastem de manifestações literárias de outras diásporas portuguesas. Para além de efectuar uma leitura panorâmica de diversos autores da comunidade, com particular ênfase no texto Beijo de Abelha de Maria das Dores Beirão, assim como textos de Alfred Lewis e de Katherine Vaz. Esta escolha deve-se ao facto de ambos autores ter sido publicada em Inglês por casas editoriais americanas, e portanto estarem acessíveis não só à comunidade portuguesa, mas também ao público anglófono em geral. Em particular, interessa-nos ponderar como o processo de construção de identidade é des envolvido por estes dois escritores e forma como a identidade colectiva da comunidade portuguesa é representada nos seus textos. Para além de textos produzidos pela diáspora, incluiremos nesta análise um romance cujo autor que embora reside nos Açores, mas trabalha a temática da saudade e da imigração, especificamente a emigração portuguesa na Califórnia. O objectivo concreto destas leituras é relacionar a forma como o vocábulo *saudade* é utilizado por cada um dos textos considerados e analisar o teor cultural e estético que cada um dos autores confere a este vocábulo. Em particular, interessa-nos observar como a noção cultural associada ao vocábulo *saudade* se converte num elemento de construção de identidade particular à comunidade portuguesa. Assim como de que forma o peso cultural deste marco identitário se altera consoante a aproximação de cada um dos autores ao espaço cultural de origem.

### A Saudade

Durante uma apresentação do Rancho Folclórico das Furnas, São Miguel o poema de uma das modas descrevia a saudade da seguinte forma: "Perguntas o que é saudade / pois então vou-te dizer / Saudade é tudo o que fica / depois de tudo morrer. Em realidade, a *Saudade* é considerada por muitos como uma das características fundamentais dos portugueses, ou melhor dito, dos falantes de português. Ou seja, a *Saudade* é praticamente sinónima de lusitanidade, pois nós, como ninguém, interiorizamos toda a ambivalência deste vocábulo. Assim, pensar-se-ia que seria fácil para qualquer um de nós responder à pergunta: Afinal, o que é saudade? Efectivamente, ao tentar dar resposta a esta pergunta, não somos tão eloquentes como o Rancho Folclórico citado, e frequentemente encontramos-nos com falta de palavras que descrevam adequadamente o vocábulo em questão. Melhor dito, a nossa dificuldade assenta em encontrar forma de descrever adequadamente o paradoxo cultural englobado por um simples vocábulo. Derivante da palavra latina *solitas*, segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, *saudade* significa o seguinte:

1. Recordação de alguma coisa que foi agradável mas que está distante no tempo ou no espaço;
2. Sentimento de tristeza pela morte de alguém ou perda de alguma coisa a que efectivamente se está muito ligado.

Já o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define o termo da seguinte forma:

Sentimento mais ou menos melancólico de incompletude, ligado pela memória a situações de privação da presença de alguém ou de algo, de afastamento de um lugar ou alguma coisa, ou à ausência de certas experiências ou determinados prazeres já vivido e considerados pela pessoa em causa como um bem desejável. (2525)

Ora se a ausência é um dos elementos básicos à *saudade*, toda a literatura de diáspora está inerente e intrinsecamente vinculada à mesma. Assim, a temática da saudade é uma das mais recorrentes na produção literária da diáspora lusitana na Califórnia. Em realidade, e embora a palavra "saudade" seja quase exclusiva à língua portuguesa, a noção de nostalgia pelos lugares e pelas gentes do local de origem, é um tema presente em muita da literatura de diáspora em geral, particularmente a de primeira geração. No entanto, e como abordaremos em maior pormenor, no caso da literatura da diáspora portuguesa na Califórnia, essa tendência parece alastrar-se para além dessa primeira geração de imigrantes, que sofrem na pele a angústia de perda de vínculos de identidade com o seu local de origem e a frustração de uma assimilação dificultosa no novo local de residência, que no caso da Califórnia é agravada pelo reconhecimento da improbabilidade do regresso.

Como afirma Eduardo Mayone Dias em A Literatura Emigrante Portuguesa na Califórnia

A faceta da literatura de emigração mais abertamente arreigada à tradição literária importada é constituída por um ciclo de poesia saudosista em moldes singelos, quase monocórdica na sua nostálgica evocação da vida deixada para trás. (p. 21)

Obviamente, para os emigrantes de primeira geração, tal como Alfredo Luís<sup>51</sup> (Alfred Lewis), Artur Vieira Ávila<sup>52</sup>, Ramiro Dutra<sup>53</sup>, Rosa Maria Simas<sup>54</sup>, Machado Ribeiro (Décio de Oliveira), e Maria das Dores Beirão, entre muitos outros que se tem ocupado a escrever em verso ou em prosa, muito do que lhes vai na alma, o tema da saudade era e, continua a ser um tema que lhes permite exprimir a sua relação com a terra natal, sem menosprezar o local de acolhimento. Desta forma, consistentemente encontramos textos nostálgicos que evocam a terra natal dos seus respectivos autores, como é evidente nos fragmentos que seguem e que parecem progredir de forma paralela à da comunidade. Como tal, em primeira instância encontramos poemas que podem

<sup>51</sup> Mayone Dias, Eduardo. Cem anos de Poesia Portuguesa na Califórnia. Porto. Secretaria do Estado das Comunidades Portuguesas, 1986.

<sup>52</sup> Idem

<sup>53</sup> Idem

<sup>54</sup> Idem



ser considerados de despedida do local de origem. Um destes casos é o poema *Adeus À Ilha Terceira* de autor desconhecido e que data de 1941.<sup>55</sup>

Ó tempo, que tudo levas,

Já o tempo me levaste.

Do Tempo que foi meu tempo

Só a saudade me deixaste.

Por sua vez, Frank Nunes em 1953 despede-se da sua terra através do poema *Despedida À Ilha das Flores*.<sup>56</sup>

Saudades a toda a gente

Desta Ilha natural,

A todos muitas saudades,

Aqui faço ponto final.

Após esse primeiro momento de despedida, continuamos a encontrar a temática da saudade, mas agora não como uma dor fresca e superficial, mas como uma vivência, ou seja algo inerente à identidade da comunidade.

Assim em 1962 o conhecido e prolífero Artur Ávila exprime a omnipresença desse sentimento no poema *O Emigrante*.<sup>57</sup>

Meu deus! Que voz teimosa é a voz da verdade

A martelar sem dó a ferida da saudade

Que sente todo o emigrado como eu.

Como podemos verificar nos próximos exemplos, com o passar do tempo, o peso simbólico de saudade continua a sua mutação, pois agora passa a incluir uma vertente de perda, pois começamos a encontrar frequentes referências à impossibilidade do regresso. O primeiro exemplo é uma criação de Manuel Bráulio Costa Fontes que em 1973 escreve o poema *Saudade*.<sup>58</sup>

Tinha saudades;

Mas como voltar, se ele não podia

Os filhos deixar?

Ainda nesse mesmo ano Alfred Lewis escreve no poema *Saudade da Terra*.<sup>59</sup>

O bordão liso do passado

Numa esquina do meu quarto

Parece acentuar o meu desejo

(se o pudesse fazer) de voltar lá

Para matar saudades e pagar promessas

E sentar-me no Rossio

Sem baleeiros agora.

Em 1979 no poema *Sou Imigrante* Margarida Soares associa a saudade com a amargura.<sup>60</sup>

O imigrante velhinho

Já só vê a sepultura

E vai desfiando saudades

Num rosário de amargura.

Já Machado Ribeiro (Décio de Oliveira) no poema *Balada da Saudade* incluído na colectânea *Pó* publicada em 2002<sup>61</sup> restabelece o vínculo entre a saudade e o afastamento da terra natal:

Tão longe da minha aldeia,

Do Torrão onde nas ci,

Trago minha alma cheia

De saudades de ti

Ai que saudade

O tempo ao passar deixou,

Ai que saudade

Da terra que me gerou.

Finalmente, em *Beijo de Abelha* publicado por Maria das Dores Beirão em 2003 mais uma vez encontramos a saudade como a base temática de vários dos textos ali incluídos, como é o caso do poema *Retrato do José da Lata* :

Saudades da vida

Que apressada passou.

Prelúdios da morte

Que pouco durou.

Antes de entrarmos numa análise mais detalhada de alguns dos textos que pretendemos referenciar, convém fazer um pequeno aparte sobre dois autores importantes no universo literário português, ambos com percursos de vida e de produção literária na Califórnia, nomeadamente Jorge de Sena e Eduardo Mayone Dias. Não obstante, tanto devido às circunstâncias sobre as quais ambos imigraram, como ao facto de ambos estarem estreitamente associados à vida académica e com produção literária que precedia a sua chegada à Califórnia, optei por não os incluir neste trabalho, sem que de nenhum modo, isso implique que a sua obra literária não seja

<sup>55</sup> Idem

<sup>56</sup> Idem

<sup>57</sup> Idem

<sup>58</sup> Idem

<sup>59</sup> Idem

<sup>60</sup> Idem

<sup>61</sup> Ribeiro, Machado. *Pó*. San José, CA: Portuguese Heritage Society of California, 2002.



sumamente importante, e que por vezes aborde o tema da saudade. Em realidade, a magnitude e importância da produção literária de qualquer um destes dois autores é de tal forma considerável que todas as intervenções deste congresso poderiam ser exclusivamente à obra de qualquer um deles. De todas as formas, os textos de Sena e Mayone Dias não podem ser considerados dentro dos parâmetros normalmente estabelecidos para a literatura de diáspora, tanto no que diz respeito à sua temática, como à sua forma e estrutura, que mais propriamente os inserem dentro do panorama de produção literária do seu país de origem, neste caso Portugal. Mas também, porque de facto, a sua experiência de emigração foi marcadamente diferente da partilhada pela maioria dos autores de diáspora, visto que a sua saída de Portugal não se vinculava, como na maioria dos casos, com uma tentativa de melhoramento de condições financeiras.

#### A Primeira Geração

Originária da Ilha Terceira, Açores, foi lá que Maria das Dores Beirão completou os seus estudos e trabalhou como professora até 1967, ano em que emigrou para a Califórnia, onde também se dedicou ao ensino por vários anos. Durante a década de 80 começa a dedicar-se a tempo inteiro à empresa familiar que dirige com o seu marido e filhos. Desde o momento da sua chegada à Califórnia, Maria das Dores Beirão, conjuntamente com o seu marido, tem mantido uma intensa actividade cultural, contando com participações em jornais dos Açores e da Califórnia, conferências, colóquios e simpósios. Assídua investigadora do folclore Açoriano, faz parte de um grupo coral que se ocupa de interpretar temas tradicionais. Presentemente, vive em Napa, Califórnia. É casada com Hélio Beirão e tem três filhos e três netos. Beijo de Abelha, publicado em 2003 reúne poesia e prosas que Maria da Dores vinha produzindo por vários anos.

No prefácio a Beijo de Abelha José Luís da Silva descreve o texto da seguinte forma:

A presente obra de Maria das Dores Beirão representa uma nova visão na literatura luso-americana pelo seu equilíbrio e clarividência. Numa pequena colectânea de poemas e prosa poética, a autora consegue retratar magistralmente o seu processo de adaptação à experiência da emigração, ao mesmo tempo que vai dando uma imagem autêntica de si própria. (7)

De uma forma ou outra todos os textos inseridos na colectânea, Beijo de Abelha, (2003)<sup>62</sup> abordam o tema da saudade. Assim, podemos encontrar diversas facetas deste sentimento mesmo nos textos que parecem ter uma temática que se distancia dos temas referentes à terra natal e familiares deixados atrás, como é o caso do poema *Mulheres Minhas Irmãs* que apresenta características de saudades de um futuro em que a igualdade de género seja uma realidade a todos os níveis e em todos os lugares .

#### *Mulheres*

Mestras de suas filhas  
E das filhas de outras mulheres  
Que já perderam a voz  
Ah minhas irmãs  
Fabricantes de vergonha e de humilhação  
Mulheres do mundo inteiro  
Operárias da criação  
Levantai os braços em sinal de vitória  
De força de beleza  
Mulheres do todo o mundo  
Mulheres de todas as cores  
Mulheres de todas as classes  
Mulheres de todas as crenças  
É urgente!  
Vamos recomeçar a luta!  
Já lá vão séculos de tanto uso  
De tanto abuso  
Nada há para vender  
Nada há para comprar  
Vamos vencer as injustiças  
Vamos proclamar a paz  
Estender as mesas p'ra penúria  
Das crianças de todos os lugares  
Vamos enfim ser mulheres  
corpo de terra que germina  
corpo de mar que embala  
chuva de mel  
que adoça a sementeira.

No entanto, como podemos facilmente evidenciar pelos títulos da maioria dos textos inseridos nesta colectânea, muitos destes estão directamente vinculados com a ausência dos lugares e pessoas amados pela autora e deixados atrás no local de origem. Assim, poemas como *Canto da Décima Ilha*, que trata da reconstrução da insularidade no local de acolhimento: “Sou desta Ilha, Décima de rimas, / De poetas loucos, língua inventada. / Navega serena em marés de espuma, / Minha Ilha Mãtria reencontrada.” (17); *Minha Gene É Minha Ilha*: “Minha Gente é minha ilha / que trago bem escondida / no meu lenço de cambraia/ que acenei na despedida”(19); *A Casa que já não é; Ilha* em que autora diz: “Ilha fêmea, escrava da tua solidão / sapateia em terra de Bravos / cercada p'lo mar amante / e já de mim tão distante / que p'ra me calar, então / me envia a saudade / em vão!”; e

<sup>62</sup> Beirão, Maria das Dores. Beijo de Abelha. . San José, CA: Portuguese Heritage Society of California, 2003.



*Retrato do José da Lata* referido anteriormente. Para além dos poemas, *Beijo de Abelha* inclui ainda pequenas prosas líricas, nomeadamente *O Velho Álbum* e *Vocês Não Sabem* na qual a autora claramente define o que é para ela a saudade:

Vocês não sabem que o ilhéu leva consigo a Ilha, não às costas como pesadelo, mas como pérola formada pela saudade na concha do coração. Vocês não sabem que o emigrante, onde quer que viva, cria espaços que lhe falam doutros espaços abandonados no nevoeiro da sua memória. (...) Vocês não sabem que os filhos e os netos do emigrante, embora com fraco domínio da língua portuguesa, são criados escutando a nossa música, os nossos contos, absorvendo a cultura e os valores dos pais (...) Vocês não sabem que a maior diferença entre quem parte e quem fica é que quem parte ama a dobrar. Vocês não sabem... (60)

Portanto, o que Maria das Dores Beirão parece dizer-nos, é que a totalidade cultural de saudade só é verdadeiramente conhecido por aqueles que partem. Pelos imigrantes de primeira geração, os que conhecem no corpo a dor da ausência e do desterro. Talvez a razão pela qual este vocábulo tenha um peso cultural tão significativo na cultura portuguesa, seja precisamente, porque os portugueses, mais que qualquer outro povo, tem sido sujeito a partidas e longas ausências desde os primórdios do século XV. Em suma, em Maria das Dores o termo saudade paradoxalmente engloba ternura e dor e está directamente vinculada com a memória.

Tal como Maria das Dores, Alfred Lewis (Alfredo Luís) é emigrante de primeira geração, ou seja também ele nasce em Portugal, mais precisamente na freguesia da Fajãzinha na ilha das Flores, e emigra para os Estados Unidos em 1922, com 19 anos de idade. Desde o momento da sua chegada, Alfred Lewis começa a conjugar a sua actividade económica, com a sua actividade literária, e após um breve período de emprego nos campos do Vale de São Joaquim e num restaurante português em São Francisco, vemo-lo permanentemente ligado às letras portuguesas na Califórnia, pois é convidado por Pedro da Silveira, editor do *Jornal de Notícias*, para trabalhar na *Revista Portuguesa*. Posteriormente, virá a participar no *Jornal de Tulare Lavrador Português*. Para além dos inúmeros artigos, poemas e pelo menos dois contos que foram publicados nas páginas de praticamente todas os periódicos em língua portuguesa na Califórnia, assim como em diversos jornais e revistas em língua inglesa, Lewis escreveu vários romances, dos quais, obviamente, o mais conhecido, é *Home is an Island*. Este foi seguido por um romance autobiográfico *The Land is Here*, e depois por *Sixty Acres and a Barn*, *Rockville California*, *The Mark of the Trespasses*, e *A Ship Full of Corn*<sup>63</sup>. Com excepção de *Sixty Acres and a Barn* que foi publicado em 2005 pela casa editorial da Universidade de Massachusetts, Dartmouth, e da colectânea *Poesias*, organizada por Donald Warrin e publicada em 1986 pela Secretaria Regional dos Assuntos Sociais da Direcção de Serviços Sociais do Governo Regional dos Açores, todos estes romances, assim como alguns dos seus contos permanecem inéditos, e talvez sejam merecedores de mais uma vista de olhos, já que não seja, pela imprensa em língua portuguesa na Califórnia. De todos os emigrantes portugueses que na Califórnia se ocuparam de escrever e publicar, quer seja em livros ou jornais, Alfred Lewis foi sem dúvida um dos mais conhecidos, e o primeiro a alcançar publicação do seu romance *Home is an Island* por uma editora americana, a Random House. Tal como verificámos anteriormente em Maria das Dores Beirão, também o tema central do romance de Lewis é a saudade, tema este que se transforma no fio condutor do enredo assim como no principal marco identitário do protagonista.

#### A Saudade dos que não partiram

Como afirmámos no início deste trabalho, a frequente presença da temática da saudade na produção literária da primeira geração de imigrantes portugueses na Califórnia, não é surpreendente. O que nos parece mais relevante, é a contínua exploração deste tema por aqueles que não partiram, ou seja, por Luso-Americanos e por Portugueses que nunca emigraram. Um dos casos emblemáticos é a escritora Luso-Americana Katherine Vaz, que até este momento publicou em Inglês e por editoras americanas ou inglesas, dois romances - *Saudade* e *Mariana*, e um livro de contos - *Fado and other stories*. Todos eles subsequentemente traduzidos ao português e publicados em Portugal.

Se em *Home is an Island* Alfred Lewis criou um mundo através de referências de que ele próprio tinha conhecimento devido as suas experiências de infância e juventude, em *Saudade*, Katherine Vaz recria o mundo de Clara, a sua protagonista surda, não utilizando referências culturais adquiridas através da sua própria experiência cultural, mas sim aquelas que lhe foram transmitidas pelos seus familiares, particularmente o seu pai e família paterna, visto que a família materna de Katherine Vaz é de descendência Irlandesa. Adicionalmente, a escritora fez várias viagens a Portugal, particularmente aos Açores, onde adquiriu muitas das referências culturais e geográficas utilizadas nos seus textos. Assim, a narrativa de Vaz, tanto em *Saudade* como em *Fado and other stories*, apresenta várias particularidades culturais que são utilizadas pela autora para recriar nas suas obras um mundo, ou um espaço cultural português ou luso-americano. Em todos os seus textos Vaz utiliza múltiplas referências à cultura portuguesa, desde os nomes de quase todas as suas personagens, especialmente as protagonistas, até as descrições de instrumentos musicais e de trabalho, assim como alimentos tradicionalmente portugueses. Inevitavelmente, uma das particularidades da cultura portuguesa amplamente utilizada por Vaz é o saudosismo e o fatalismo português tipicamente associados à saudade e ao fado. Desta forma, uma das características das personagens de Katherine Vaz é a situação trágica das mesmas, pois estas vivem entaladas entre duas culturas e como tal, continuamente em busca da sua identidade cultural "I'm not Portuguese, she thought not any more. I'm Hawaiian."<sup>64</sup> [Eu não sou Portuguesa, pensou, já não, agora sou Havaiana]<sup>65</sup> Em realidade, praticamente todos as personagens de Vaz, são irremediavelmente trágicas sem terem qualquer possibilidade de fugir ao seu fado "Xica Adelinha Costa had tried to escape Portuguese fate by moving halfway across the world, to a dry inland patch, but there she was for the second time in her life on a

<sup>63</sup> Warrin, Donald. *Alfred Lewis: Romance e Poesia em Dois Idiomas*. Alfred Lewis: Escritor de Emoções. Açores: Direcção Regional das Comunidades, 2002.

<sup>64</sup> Vaz, Katherine, *Fado and other stories*. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press, 1997. (114)

<sup>65</sup> Minha tradução





shoreline wailing over the body of a dead man.”<sup>66</sup> [Xica Adelinha Costa tinha tentado fugir à sina portuguesa mudando-se para o outro lado do mundo, para um árido pedaço de terra, mas, aqui estava ela, pela segunda vez na sua vida, abraçada a um corpo inerte, cuja vida tinha sido arrebatada pelas águas.]<sup>67</sup> No entanto, por vezes a narrativa levanta a dúvida se a tragédia das personagens é simplesmente derivada do facto de elas serem portuguesas ou de descendência portuguesa, e como tal fadados para a desgraça “But I do have one Lusitanian quality that has the strength of instinct in me, without my faking it or pumping it up Portuguese fatalism gravitates to the absolute”<sup>68</sup> [Mas eu tenho uma qualidade Lusitana que tem força de instinto, pois sem necessidade de fingimento ou esforço, o fatalismo Português atinge em mim magnitude absoluta]<sup>69</sup> ou pelo facto que as personagens vivem dentro de uma sociedade, mas mantendo a estrutura cultural de outra sociedade que entra em conflito e muitas vezes é incompatível com a cultura da sociedade onde vivem, neste caso, as personagens são, ou emigrantes portugueses ou Luso-Americanos que vivem nos Estados Unidos, nomeadamente na Califórnia e no Hawaii, mas conservam fortes vínculos culturais com o seu lugar de origem ou o lugar de origem de seus antecedentes. Em suma, todas as personagens de Katherine Vaz, são personagens saudosas, que se mantêm amarradas à sua cultura tradicional pois esta é a única forma de manterem ligação com o seu local de origem e talvez a única forma de atenuar a dor da saudade.

Um dos contos emblemáticos da colecção é o conto *Original Sin* que propõe que a tragédia de Miranda reside no facto de que ela é oriunda de uma cultura onde o silêncio, a solidão e as crenças religiosas são fundamentais, ou seja, o facto de que ela é portuguesa “My father once explained to me the solitude of the Portuguese: We would rather go out to sea alone in a small boat than fish together on a big one... We bought land for power but mostly for isolation.”<sup>70</sup> [Uma vez, o meu pai falou-me sobre a solidão dos Portugueses: nós preferíamos deitarmo-nos ao mar sozinhos numa pequena embarcação do que pescar em grupo numa embarcação maior... Nós compramos terra para adquirir poder, mas mais que nada para adquirir isolamento.]<sup>71</sup> Em realidade, Miranda tem muito pouco em comum com qualquer jovem que viva na Califórnia fora da comunidade portuguesa, ela é uma personagem que vive isolada dentro de uma comunidade isolada que está organizada de acordo a um conjunto de referências culturais ancoradas no passado e num local distante, ou seja uma comunidade que culturalmente, pertence a um espaço e um tempo que não corresponde à sua realidade física. Este facto é enfatizado pela estrada que separa a comunidade Portuguesa dos outros habitantes da pequena cidade, e que embora possa ser considerada como o ponto de contacto entre os membros da comunidade portuguesa com a comunidade em geral, aparece como o local que provoca a morte do pai e do irmão da protagonista, e implicitamente como o obstáculo insuperável que mantém Miranda e o resto da comunidade portuguesa completamente isolada “my father and brother died in a car wreck, in the stretch were we converged with outsiders. The road, like most of the ones in California, always smelled like blood.”<sup>72</sup> [o meu pai e o meu irmão morreram num desastre de automóvel, nesse pedaço de estrada onde nós nos encontrávamos com os que não pertenciam à nossa comunidade. A estrada, como quase todas as outras na Califórnia, cheirava a sangue.]<sup>73</sup> Desta forma, Katherine Vaz constrói narrativas através da utilização de numerosas referências culturais, que projectam a polaridade cultural da comunidade portuguesa residente nos Estados Unidos, particularmente na Califórnia, e propõe que a impossibilidade de reconciliar estas duas culturas - a portuguesa e a americana, e de superar o desolador sentimento de saudade que marca as personagens, provoca nelas uma amargura insuperável, resultando na sua eventual destruição. Assim, parece plausível afirmar que em Vaz, a saudade perde a ternura projectada pelos autores que abordámos anteriormente, para ganhar amargura e solidão. As personagens de Katherine Vaz têm saudades de um tempo e lugar longínquo de acordo com os quais elas se constroem, mas este sentimento revela-se como a força catalítica da sua destruição.

Em último lugar, outro caso emblemático, é o de Álamo de Oliveira, que embora não resida na diáspora, pois é originário e residente da ilha Terceira no Arquipélago dos Açores, tem frequentemente abordado a temática da imigração, particularmente da imigração açoriana para a Califórnia. Reconhecido poeta, dramaturgo, ensaísta e romancista, Álamo de Oliveira, no seu romance de maior fôlio, Já não gosto de chocolates, trabalha o tema da saudade de uma forma subtil mas no entanto desoladora. No romance, Oliveira transporta o leitor ao pequeno quarto do lar de terceira idade, onde o protagonista José Silva (Joe Sylvia) está internado há quatro anos. É lá, que Joe Sylvia, nostalgicamente relata a história da sua família, particularmente esposa e filhos, à sua enfermeira mexicana, a Rosemary. Assim, Joe Sylvia dá voz aos milhares de emigrantes portugueses que abandonaram as suas aldeias de origem e viajaram para o Estado Dourado, a Califórnia. Este relato, inerentemente nostálgico, guia o leitor pela trajetória do processo de emigração, desde a euforia da partida, até à tragédia da perda de identidade e desintegração da família. Embora Joe Sylvia tivesse, aparentemente, conseguido alcançar o enigmático ‘sonho americano’, fá-lo em troca de tudo o que fazia parte da sua identidade cultural e afectiva. Joe Sylvia, não só tem saudade da maneira como se vive na sua terra natal, mas também da morte, ou seja da forma de morrer na sua ilha “‘Se morresse na minha ilha...’ Joe Sylvia pensava na morte ditosa dos pais, embora roesse o remorso da ausência. Mas, na ilha, era outro o morrer – mais pobre, sem dúvida - mas com direito a lágrimas sentidas, salgadas de saudades novas que só desvaneceriam com o decorrer do tempo.”<sup>74</sup> Assim, a saudade que em Katherine Vaz aparecia fortemente marcada pela amargura e pela solidão, em Álamo de Oliveira aparece carregada pelo peso do desencanto e da desilusão, pois em Já não gosto de chocolates, a saudade da terra e das gentes perdidas no outrora, é fortificada pelo reconhecimento que o

<sup>66</sup> Idem (105-106)

<sup>67</sup> Minha tradução

<sup>68</sup> Idem (20)

<sup>69</sup> Minha tradução

<sup>70</sup> Idem (3)

<sup>71</sup> Minha tradução

<sup>72</sup> Idem (2)

<sup>73</sup> Minha tradução

<sup>74</sup> Oliveira, Álamo. Já não gosto de chocolates. Lisboa: Edições Salamandra, 1999.



imigrante perde muito mais do que ganha, e que as recompensas económicas não conseguem compensar a perda de identidade e o perpétuo sentimento de deslocamento que o assolam. O protagonista de Já não gosto de chocolates, não só tem saudade da terra e das gentes da sua juventude, mas sim de si mesmo, ou seja, tem saudade de José Silva, o que ficou na memória da ilha, o que gostava de chocolates. Em suma, Joe Sylvia tem saudades de ter saudade.

Em conclusão, é obvio que, tal como muitos dos diversos autores da diáspora lusitana na Califórnia, Alfred Lewis e Katherine Vaz, amplamente desenvolveram o tema da saudade nos seus textos, como podemos pois, explicar o facto de só estes dois escritores merecerem publicação das suas obras por editoras americanas? Uma das possibilidades mais plausíveis, é o facto que a notável diferença entre a produção literária destes dois escritores e os outros escritores da diáspora lusitana na Califórnia, é que ambos escreveram na língua do país de acolhimento, neste caso o Inglês, o que facilitou o processo de conhecimento das mesmas por parte das editoras americanas, e resultou na eventual publicação das mesmas. Desta forma, podemos ponderar, que, caso outros dos autores que há mais de um século mantêm uma prolífera produção literária na Califórnia, tivessem escrito em Inglês, possivelmente também teriam visto as suas obras serem alvo do interesse de editoras americanas. No entanto, presentemente uma outra tendência se solidifica na literatura da diáspora e na literatura sobre a diáspora – a hibridez linguística como metáfora da hibridez cultural – o que, talvez não contribua para a divulgação da literatura da nossa diáspora no 'main stream' das letras americanas, mas, sem dúvida lhe concederá uma vertente inovadora que por ventura lhe poderá vir a conceder identidade e valor próprio. Mas esse será um tema a desenvolver num futuro colóquio da Lusofonia.

---

## 10) ELMANO COSTA

**Elmano Costa** nasceu na Ilha Terceira. Emigrou com 10 anos para a Califórnia aonde ainda reside. Formou-se em História e Matemática na Universidade Estadual da Califórnia, em Stanislaus, em 1978, e obteve no ano seguinte a qualificação profissional para ensinar no ensino secundário. Em 1985 terminou o Mestrado em administração escolar na mesma universidade e em 1994 completou o Doutoramento em administração escolar na Universidade do Pacífico. Foi professor de matemática do 2º ciclo do ensino básico durante dois anos, e professor do 1º ciclo do ensino básico durante outros quatro anos, após o que exerceu o cargo de director escolar por uma década. Em 1996 tornou-se docente da Faculdade de Educação na Universidade Estadual da Califórnia, em Stanislaus, onde ainda lecciona a disciplina de pedagogia da Matemática. É também director do Centro de Estudos Portugueses na mesma universidade. É casado e tem dois filhos, visitando os Açores quase todos os anos, nomeadamente a Terceira e São Jorge (ilha da mãe).

### LUSOFONIA E AÇORIANIDADE NA CALIFÓRNIA: TRANSIÇÃO OU EXTINÇÃO?

Elmano Costa **Universidade Estadual da Califórnia, em Stanislaus**

Em cada dia que passa desaparece mais alguém que emigrou dos Açores deixando os seus descendentes nestas terras longínquas. Será que a lusofonia e a cultura açoriana sobreviverão ao desaparecimento da geração emigrante? Ou será que a Califórnia passará a ser como o Havai, onde a língua já desapareceu mas ainda existem vestígios da cultura? Este é um período de transição, vivido de modo diferente nas comunidades dispersas pela Califórnia. Na cidade de Artesia, a língua ouve-se nas reuniões de amigos no salão comunitário e nas actividades culturais em que participam muitos jovens, tais como os bailes carnavalescos (ao modo da Ilha Terceira) e nas filarmónicas. Em contrapartida, em Thornton, cidade com uma das maiores festas populares açorianas do estado, a evolução cultural mostra uma grande adaptação e até integração na cultura americana. O resultado mais provável é que a língua desaparecerá, mas vestígios culturais permanecerão. Em 1997 tive uma experiência na Ilha de Maui no Havai que mostra este tipo de evolução e integração cultural. Visitei a Igreja do Espírito Santo, construída pela comunidade lusa no século dezanove, e onde os painéis da via-sacra nomeavam cada cena na ortografia arcaica portuguesa. Encontrei-me na igreja com uma família luso-descendente que preparava um baptismo. Ninguém falava português, mas tinham orgulho de o serem. Levaram-me ao salão adjacente aonde ainda celebram a festa ao Divino Espírito Santo com símbolos que imediatamente reconheci, mas a maneira de preparar a carne para o jantar já tinha sido adaptada, sendo cozida envolva por uma folha da planta local chamada *ti* e assada nos churrascos típicos destas ilhas. A ideia principal desta comunicação é que a língua portuguesa provavelmente desaparecerá, mas vestígios culturais permanecerão. Mostrando o paralelismo entre os dois estados americanos mencionados, esta comunicação tenta prever a evolução linguística e cultural nas próximas décadas.

(trabalho final não recebido dentro dos prazos)

---

## 11) GINA M. REIS

**Gina M. Reis** é candidata de doutoramento no programa de Estudos Luso-Afro-Brasileiros na Universidade de Massachusetts Dartmouth (UMD). Ela é directora adjunta do Centro de Estudos Portugueses na UMD e directora de produção para a revista *Portuguese Literary & Cultural Studies* e a coleção Adamastor. Department of Portuguese, University of Massachusetts Dartmouth, 285 Old Westport Road Dartmouth, MA 02747, T. 508 999 9270, T. 617 816 9699, E. [greis@umassd.edu](mailto:greis@umassd.edu)

### IMAGENS DA MULHER IMIGRANTE NA LITERATURA LUSO-AMERICANA

Gina M. Reis, **Universidade de Massachusetts Dartmouth**



Neste trabalho proponho analisar a figura da mulher imigrante em algumas obras de luso-americanos como Frank Gaspar (*Leaving Pico e The Holyoke*), Charles Reis Felix (*Through a Portagee Gate*), Julian Silva (*Distant Music*) e Katherine Vaz (*Fado and Other Stories*). Como são as mulheres retratadas? Existem diferenças geracionais na retratação? Por exemplo, como são as mulheres mais velhas (avós e mães) descritas em comparação às mais novas (irmãs, colegas, namoradas)? Como tem esta imagem mudado consoante o tempo? Há comparações entre as mulheres portuguesas e as americanas? E, por fim, o que poderá esta literatura revelar sobre a mulher e o homem imigrante e/ou luso-americano dado os contextos socioeconómicos de cada obra?

(trabalho final não recebido dentro dos prazos)

## 12) GRAÇA CASTANHO

**Graça Castanho** é Docente da Universidade dos Açores na área da Metodologia do Ensino da Língua e Literatura Portuguesas.

- ✍ Pós-Doutoramento pela Harvard Universidade com um estudo sobre Early Literacy in Portuguese: Practices and Priorities in the Republic of Mozambique.
- ✍ Doutoramento pela Universidade do Minho, com uma tese de investigação sobre o Ensino da Leitura Através do Currículo nas Escolas do 2º Ciclo em Portugal.
- ✍ Mestrado em Curriculum and Instruction pela Lesley University, Cambridge, Massachusetts, com equivalência concedida pela Universidade do Minho. A tese de mestrado constituiu o primeiro trabalho académico sobre o Ensino do Português nos EUA nas Escolas Comunitárias Portuguesas.
- ✍ Licenciatura em Português-Inglês pela Universidade dos Açores.
- ✍ Conselheira de Ensino para os Estados Unidos e Bermudas (2003-2005).
- ✍ Coordenadora do I Plano Nacional de Leitura a convite do então Ministro da Educação, Professor David Justino.
- ✍ Formadora especializada de professores pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (registo CCPFC/RFO-04359/97) nas seguintes áreas: Língua Portuguesa; Literaturas; Pedagogia e Didáctica; Concepção e Organização de Projectos Educativos; Didáctica Geral; Didácticas Específicas (Língua Portuguesa); Literatura Infantil; Práticas de Avaliação do Rendimento Escolar; Ensino do Português no Estrangeiro.
- ✍ Autora de livros e inúmeros artigos da especialidade, bem como de literatura infanto-juvenil.

### A LINGUAGEM SEXISTA NO ESPAÇO LUSÓFONO E O FUTURO ACORDO ORTOGRÁFICO

**Maria da Graça Borges Castanho Universidade dos Açores Deptº Ciências da Educação**

Como todos bem sabemos, o actual acordo ortográfico não contempla qualquer medida para a abolição da linguagem sexista de que está impregnado o Português, idioma de comunicação de quase 250 milhões de pessoas espalhadas pelos quatro cantos do mundo. Uma vez que a questão do sexismo na linguagem usada por todos os falantes dos países lusófonos nos obriga a excluir dos nossos actos de fala e produções escritas mais de metade dos utentes do idioma luso – as mulheres – está na hora certa de começar a trabalhar nas mudanças linguísticas, que, a nosso ver, deverão encabeçar as preocupações de um futuro acordo ortográfico entre os países de língua portuguesa. A luta por sociedades democráticas e paritárias será uma falácia se a essa luta não se juntar um esforço justo de representação do género masculino e feminino na comunicação entre os povos e no seio das próprias comunidades. Sendo a língua a expressão do ser, do estar e do sentir, há que garantir que essa mesma língua traduz sem equívocos a vontade de construir um mundo cada vez melhor para todos os seres humanos, independentemente da raça, da cor, da religião e do género.

Este texto constitui uma reflexão sobre a dimensão sexista da língua portuguesa, aspecto que, a nosso ver, merece ser questionado e concertado entre os países lusófonos, em futuras negociações linguísticas, sob pena de os povos falantes do idioma luso estarem a perpetuar concepções e práticas desfasadas dos valores e princípios democráticos que devem nortear as sociedades dos nossos dias.

A tese de que a linguagem que utilizamos, nas interações orais e nos desempenhos escritos, contribui para a perpetuação de mentalidades e práticas sociais discriminatórias de género, leva-nos a defender que é urgente repensar a linguagem utilizada no espaço lusófono, universo geográfico que integra países onde os direitos humanos, de modo especial os direitos das mulheres, são diariamente desrespeitados.

### Discriminação de género: perspectiva histórica

A desigualdade e a discriminação contra as mulheres nem sempre conheceram eco na história da humanidade. Segundo Muraro (2000), a existência de uma sociedade matrilinear ou matriarcalista, onde as mulheres detinham o poder e eram respeitadas na sua condição feminina, foi uma realidade histórica que caracterizou o maior período da nossa presença na terra. Ainda de acordo com a mesma autora, a opressão sobre as mulheres é uma situação bastante recente, compreendendo apenas 0,5% da existência humana.

Foi com o estabelecimento do patriarcado que a discriminação de género contra a mulher se instituiu, perpetuando-se até aos nossos dias. Durante séculos, o eixo cultural fez do homem o núcleo das relações familiares, comerciais, profissionais e intelectuais. A sobrevalorização da masculinidade, simbolizada na virilidade e no falo, ganhou proeminência com o episódio bíblico em que Eva, criada a partir da costela de Adão, sofre o castigo pelo pecado original. No livro do Génesis, Deus diz à mulher: “Darás à luz teus filhos com dor e estarás sob o poder do teu marido. Ele te dominará”. Assim se instaurou simbolicamente a dominação masculina, processo através do qual as mulheres passaram a ser definidas como seres secundários e submissos, limitados ao lar e à tarefa de procriar e servir os outros.

Também a democracia grega reforçou a dicotomia público/privado, ao destinar a *polis* aos homens e a esfera do *òikos* às mulheres. É assim que a rua e a cidade surgem, em tempos idos, como espaços de intervenção masculina, onde o homem produz para garantir o sustento da família. Paralelamente, cabe às



mulheres, no lar, trabalhar para alimentar os membros da família. Lembra Alves, J. (2001) que tradicionalmente, o espaço da produção (monopolizado pelos homens) sempre teve mais poder e prestígio do que o espaço do consumo (monopolizado pelas mulheres).

Nesta linha de raciocínio, Carlos Fontes (2008), na sua página da *internet*, dedicada ao Curso de Formação para a Cidadania e Formação Cívica, lembra que “Platão considerou as mulheres e os escravos como seres destituídos de razão. Aristóteles, embora as considerasse inferiores aos homens, preocupou-se sobretudo em precisar a melhor idade em que deviam procriar e serem educadas pelos maridos. Rousseau, símbolo máximo do iluminismo, mais de dois mil anos depois, continua a repetir o mesmo tipo de discurso sobre a inferioridade das mulheres” (p. 1).

A idade média foi o período em que uma verdadeira homofobia em relação ao sexo feminino se verificou. Nesta época assistiu-se à maior perseguição contra as mulheres, a chamada ‘caça às bruxas’, onde milhares de mulheres no mundo experienciaram as chamas da fogueira.

Uma duradoura tradição europeia, que avançou pelos séculos XVIII e XIX, considerou as mulheres seres inferiores, por serem emotivas e pouco racionais, não obstante o papel decisivo que as mulheres foram desempenhando ao longo da história, nomeadamente nas revoluções de 1688 em Inglaterra, 1776 nos EUA, 1789 em França e 1820 em Portugal.

Nos EUA, em 1869, as mulheres começaram a reivindicar direitos políticos iguais aos homens, dando início a uma longa caminhada de defesa pela igualdade de oportunidades para o género feminino, onde as questões sociais ganharam um papel de relevo. Com efeito, o estatuto de inferioridade das mulheres revelava-se em muitos outros aspectos para além da dimensão política: (1) as mulheres casadas viviam na dependência dos maridos, os quais dispunham das suas vidas. Só nos anos 70 do século XX é que esse quadro legal foi alterado; (2) as mulheres que desempenhavam trabalho igual recebiam salário inferior, isto acompanhado da impossibilidade de as mesmas exercerem qualquer função; (3) às mulheres era-lhes vedado o acesso à contracepção, à liberdade de abortar, e à escolha de parceiros.

Apesar de, na actualidade, os direitos das mulheres e dos homens estarem consagrados em documentos internacionais como a Declaração dos Direitos Humanos, bem como na maioria das constituições das nações (do conjunto dos países lusófonos, a Guiné-Bissau é aquele que mais lacunas apresenta a nível legislativo, faltando leis de defesa das mulheres, as quais vivem desprotegidas de comportamentos abusivos perpetrados pelo sexo oposto), a verdade é que, à margem das leis em vigor, os direitos das mulheres continuam a ser sistematicamente violados, graças a comportamentos milenares que teimam em persistir.

#### **A linguagem sexista no contexto internacional**

A linguagem sexista, pela carga depreciativa e discriminatória que dedica às mulheres, tem sido objecto de estudo aos mais diversos níveis: governos, estabelecimentos de ensino, movimentos feministas, instituições e organismos internacionais, chegando inclusivamente às Nações Unidas. Na 24<sup>a</sup> sessão da Assembleia Geral da UNESCO, foi apresentada a necessidade e a conveniência de se eliminar dos registos escritos e dos discursos orais “*todas as formas discriminatórias de linguagem*” em relação à mulher. Juntamente com outras questões relativas ao novo estatuto que a mulher adquiriu, foi proposto um conjunto de normas e resoluções, editados manuais de estilo e de redacção e implementadas regras diversas em relação à questão. A UNESCO publicou, inclusivamente, uma série de *Directrizes para uma Linguagem Não-sexista*.

Para além destes dois marcos, na história da discriminação de género e da linguagem sexista, outro evento de grande envergadura foi, certamente, a IV Conferência Mundial sobre a Mulher realizada em 1995 em Beijing, na China, que contou com a presença de 184 países e mais de 40 mil mulheres, representantes dos movimentos de mulheres a nível mundial. Em resultado desta conferência, foi criada a Plataforma Mundial de Acção, orientada para proteger os direitos humanos das mulheres respeitando as suas características individuais de raça, etnia, idade, condição física, social, estado civil e cultura. Na área da educação, factor basilar para a promoção das mulheres no mundo, a Plataforma aponta para os seguintes objectivos:

- Assegurar a igualdade de acesso à educação para as mulheres de todas as idades;
- Erradicar o analfabetismo, assegurando o acesso universal das meninas ao ensino primário e secundário antes do ano 2015;
- Aumentar o acesso das mulheres à formação profissional e criar programas educativos para mulheres desempregadas;
- Velar para que as instituições educacionais respeitem os direitos das mulheres e meninas à liberdade de consciência e religião;
- Promover uma educação não discriminatória, eliminando toda e qualquer disposição legal que estabeleça diferenças por qualquer forma de discriminação;
- Elaborar currículos e livros didácticos livres de estereótipos para todos os níveis de ensino, inclusive para a formação de pessoal docente.

Mais tarde, em 2000, a UNESCO, na V Conferência de Educação de Jovens e Adultos, com lugar em Hamburgo, chamou a atenção para a necessidade de revisão total dos nossos padrões mentais, com vista ao desenvolvimento de novas atitudes e competências para uma partilha justa entre mulheres e homens. Neste contexto, surge o repensar de forma crítica a linguagem, na sua expressão mais abrangente de representação social da cultura e mentalidade dos indivíduos.

No Brasil, Paulo Freire (1989) foi, sem dúvida, o intelectual mais proeminente a escrever e a defender uma nova linguagem para um novo ser humano e lembrou que tal não é fácil, uma vez que a mente do oprimido hospeda o opressor, o que vitimiza grande parte das mulheres (in Conte, I., 2007).

Enquanto outras línguas têm vindo a dar passos consideráveis na busca incessante de linguagens consentâneas com a modernidade, o Português continua à margem dessa dinâmica linguística, não obstante a





vasta literatura sobre o tema, acções de formação, estudos universitários, de modo especial em Portugal e no Brasil. Tudo indica que os restantes países de língua portuguesa, cada vez mais atentos e desportos para a luta e defesa dos direitos das mulheres e homens, estão arredados destes problemas linguísticos. Poucas são as pessoas que, nesses países, questionam a língua falada e escrita, nos seus aspectos discriminatórios. Poucas são as pessoas que sabem que a linguagem por nós usada continua a fazer com que as mulheres sejam consideradas inferiores ou até inexistentes.

#### **A gramaticalidade da linguagem sexista**

Segundo Castanho (1993), a linguagem sexista consubstancia-se em duas dimensões básicas. Trata-se, por um lado, de um conjunto de vocábulos que, sendo primariamente do género masculino, simbolizam ambos os sexos em situação de comunicação e, por outro, de mensagens estereotipadas e discriminatórias de ambos os géneros, com base em convenções pré-estabelecidas pela cultura, que nada têm a ver com condicionalismos biológicos intrínsecos aos seres humanos.

Ao estudarmos a dimensão sexista na linguagem, temos, portanto, como primeira preocupação o género – masculino e feminino – de todos os nomes (substantivos) que servem para nomear não os seres em geral, mas, sim, apenas as pessoas. Tal acontece porque estas são os únicos seres vivos portadores da capacidade de linguagem e de raciocínio e, por conseguinte, passíveis de entenderem a subtilidade dos textos, e, neste caso concreto, a conotação sexista e discriminatória que a gramática, ao longo de séculos, tem imposto aos falantes do Português. Neste sentido, não nos preocupa se vidro é masculino, caderno também, hipopótamo igualmente. Nestes vocábulos não se omite, nem se maltrata um “género” em favor do outro. A linguagem sexista efectiva-se, com toda a clareza, na classe gramatical dos NOMES (ou substantivos) e noutros vocábulos com que fazem concordância (artigos, pronomes, adjectivos), bem como em expressões impregnadas de estereótipos, desigualdades, desrespeito, inverdades científicas, preconceitos, no que diz respeito a mulheres e homens.

Segundo os gramáticos Celso Cunha e Lindley Cintra (1984), a língua portuguesa, quanto ao género dos nomes, apresenta três tipos:

#### **Formas masculinas e femininas dos mesmos radicais ou de radicais diferentes.**

Trata-se de nomes em que a gramática ou os utilizadores da língua já consagraram a forma masculina e feminina, como o que acontece com os seguintes vocábulos: filho/filha, aluno/aluna, professor/professora, herói/heróina, leitor/leitora, pintor/pintora, campeão/campeã, maestro/maestrina, actor/actriz, mulher/homem, nora/genro, mãe/pai, esposa/marido, dama/cavalheiro, comadre/compadre, fêmea/macho, madrastra/padrasto e madrinha/padrinho.

Não obstante a existência de duas formas, cada uma delas com significações distintas (uma refere-se ao feminino e a outra ao masculino), deparamo-nos, muitas vezes, com o uso do género masculino com o valor semântico dos dois géneros. Os exemplos abundam. À laia de ilustração, apresentaremos, já de seguida, um *corpus* demonstrativo do anteriormente exposto:

- O homem é um ser inteligente.
- Os alunos devem estudar para passar no exame.
- Os pais são os primeiros professores dos filhos.
- Os médicos salvaram-lhe a vida.

Se atentarmos nos exemplos acima referidos, vemos que, indevida e abusivamente, a palavra *homem* significa homem e mulher; *alunos* poderá englobar alunas; *pais* tem um valor duplo – pais-homens e mães; *professores* refere-se a ambos os sexos; *filhos* reporta-se a rapazes e raparigas; e o vocábulo *médicos*, neste contexto, substitui equipa médica que, certamente, comportará elementos de ambos os sexos.

#### **Nomes comuns de dois géneros.**

Estes são nomes que apresentam uma só forma para os dois géneros. É o caso do seguinte *corpus*: a artista/o artista; a colega/o colega; a agente/o agente; a cliente/o cliente; a dentista/o dentista; a estudante/o estudante; a imigrante/o imigrante; a gerente/o gerente; a jovem/o jovem; a cliente/o cliente; a jornalista/o jornalista; a mártir/o mártir; a selvagem/o selvagem; a indígena/o indígena.

Apesar da possibilidade de diferenciarmos a forma feminina da masculina, através do artigo, o masculino continua a poder representar os dois géneros no singular e, de forma inequívoca, quando se encontra no plural. Vejamos:

- Os artistas invadiram o palco
- É preciso ouvir os estudantes antes de aplicar um castigo
- Os jovens têm problemas de inserção social
- Os jornalistas chegaram atrasados
- Ainda existem mártires

#### **Nomes sobrecomuns.**

Estes são nomes que só têm um género para representar o feminino e o masculino. São exemplos disso os seguintes vocábulos: a criança, o ser humano, a pessoa, o indivíduo, a vítima, a criatura e a testemunha. Todos estes nomes carecem de formas correspondentes ao género oposto, particularidade esta que faz deste *corpus* uma excepção no tocante à linguagem sexista. Na ausência de outro género, utilizamos os vocábulos tal qual eles se nos apresentam, uma vez que não está em causa apenas a identificação do género da palavra mas sim se no léxico estão previstas formas de expressão que, deliberada e inexplicavelmente, foram ignoradas. Ora, o facto de sabermos que, à partida, estas palavras, independentemente do seu género original, comportam ambos os sexos e que, portanto, não omitem formas lexicais existentes para designar o outro





género, oferece ao utente da língua correcção e precisão de linguagem. Qualquer indivíduo que utilize, na sua performance, tais vocábulos sabe que, inequivocamente, se poderá referir aos elementos dos dois sexos, cabendo ao contexto em que a comunicação ocorre determinar possíveis especificidades.

Quanto ao número dos nomes, a gramática faz referência a três possibilidades: singular, plural e colectivos. Como veremos já a seguir, o singular e o plural jogam um papel importante ao nível do carácter impreciso que caracteriza a linguagem sexista. Se é verdade que na frase “O seu filho chegou”, não há dúvida que se trata de um rapaz, o mesmo não podemos dizer da mesma afirmação no plural “Os seus filhos chegaram”. Neste caso, o masculino plural pode estar a referir-se a rapazes apenas, bem como a um rapaz e uma rapariga, como a um rapaz e várias raparigas, ou até mesmo a uma rapariga e vários rapazes. Situação contrária acontece com a frase “Os homens foram para o trabalho”. A particularidade de ir trabalhar confere um único sentido aos homens. Trata-se, sem sombra de dúvida, de indivíduos do sexo masculino. E se a frase for “Os homens estão a destruir o planeta” ou “O homem está a destruir o planeta”? Certamente aqui estarão representados homens e mulheres, quer se trate do plural ou do singular. Uma coisa é certa: a forma como nos expressamos peca por indefinição e pela dúvida.

### **Nomes colectivos.**

São palavras no singular que designam um conjunto. Palavras como caravana (peregrinos/as ou viajantes no deserto), povo, regimento, coro, companha (tripulação de um barco), leva (presas/os, recrutas), quadrilha (ladras/ladrões; salteadoras/es), rancho (crianças, filhas/os, grupo de pessoas), tripulação (pessoas que trabalham num barco, num avião), multidão (conjunto de pessoas) devem ser usadas, sempre que possível, em substituição de formas verbais menos claras, como as que apresentamos e exploramos anteriormente. A semelhança dos nomes sobrecomuns, também os colectivos têm a vantagem de não excluirmos um género a favor do outro, particularidade que faz deste *corpus* um bom exemplo de como contornar a linguagem sexista.

A frase “A discriminação à mulher está presa à tirania das palavras e imagens”, da autoria de Vieira, V. (2006) atesta bem a necessidade que existe em aprofundar o conceito de linguagem sexista para, de seguida, se perceber quão importante é partir para a sua discussão e abolição no espaço lusófono. Para a consecução destes objectivos, nada mais esclarecedor do que a análise contrastiva da dicotomia homem – mulher e o respectivo uso destes vocábulos. Consultado o dicionário, os utentes da língua aprendem que *homem* é um “mamífero primata, bípede, sociável que se distingue de todos os outros animais pelo dom da palavra e desenvolvimento intelectual; ser vivo composto de matéria e espírito; ser humano, pessoa adulta do sexo masculino; varão; humanidade, marido, sujeito, indivíduo; - de Deus: bom homem”.

Relativamente ao vocábulo *mulher*, ficam a saber que é o “feminino de homem; pessoa adulta do sexo feminino; pessoa do sexo feminino pertencente à classe inferior; esposa; espécie de jogo popular; homem efeminado; - da vida: prostituta; rameira; -de virtude: bruxa, feiticeira. Enquanto o homem é apresentado como um ser superior, munido de capacidades, competências e inteligência, o que o afasta de todos os outros seres vivos, a mulher surge como um ser inferior, na sua condição secundária de “feminino de homem”. É caso para perguntar: quem é que decidiu que mulher é feminino de homem e homem não é feminino de mulher? Quem é que decidiu que o feminino existe na relação submissa do masculino? Como se isso não bastasse, para se perceber ainda melhor o tratamento indecoroso a que estão sujeitas as mulheres, na definição da sua essência, o que se apresenta a seguir no dicionário relativo a homem e mulher é, no mínimo, abominável. Nos vocábulos derivados de mulher, fomos encontrar palavras e definições que diminuem a condição humana do género feminino, ou todos os seres que, não sendo mulheres, têm características femininas, como os homossexuais, indivíduos também alvo das maiores atrocidades linguísticas:

- Mulheraça ou mulherão – mulher alta e corpulenta
- Mulherengo – aquele que é muito afeiçoado a mulheres; mulherico
- Mulher-homem – mulher de aspecto varonil
- Mulhericas – mulherico; maricas
- Mulherinha - mulher pequena e ordinária; bisbilhoteira; mulher de má nota; rapariga que, pelo seu desenvolvimento físico, parece uma mulher
- Mulherio – grande quantidade de mulheres; as mulheres
- Mulherum – mulherio

Relativamente ao homem, pouco ou nada se diz. O *corpus* reduz-se a Homenzarrão – homem alto e corpulento e Homenzinho – homem de pequena estatura; homem insignificante; rapaz que vai entrando na adolescência.

Outro aspecto relevante, relacionado com o par dicotómico em análise, prende-se com o conceito de maternidade/paternidade e do poder paternal. A maternidade, passível de ser comprovada no acto do nascimento da criança, sempre se contrapõe à paternidade, de impossível confirmação até aos recentes testes de ADN. Como forma de controlar a descendência, ao longo dos tempos, foram surgindo diferentes formas de controlo da prática sexual da mulher, visando a garantia da descendência paterna e a transmissão da herança através dos seus genes.

A predominância da figura do pai sobre a figura da mãe tem sido assegurada na ascendência do lado paterno sobre o lado materno, existente em todos os aspectos da vida social. Do conceito de paterno, derivou: pai, padre, pátria e patrão. O predomínio do pai sobre os outros membros da família, o Pátrio Poder, tem sido uma constante ao longo da história. O nome do pai é que passa para as novas gerações e serve de referencial para uma estirpe. A expressão homem público praticamente não é usada, mas sim homem de Estado, que significa homem de prestígio, isto é, estadista. Por seu turno, mulher pública tem uma conotação de desprestígio e é sinónimo, segundo os dicionários, de mulher da vida, meretriz, vadia, mulher à-toa, horizontal, perdida, decaída, cortesã, mulher da rua, mundana, vigarista, vagabunda, prostituta, etc. O reconhecimento público, de



homem ou mulher, costuma dar-se através de uma homenagem (homem-nagem), pois só os homens eram objecto de veneração e respeito". No Estado Novo, as mulheres passaram a ser referidas pelo nome do marido, tornando-se invisíveis: Sr.<sup>a</sup> de Joaquim Santos. Ainda hoje em dia são as esposas de...: "O Sr. Eng.<sup>o</sup> Moraes e esposa".

No domínio dos insultos e da violência sexual, de referir que os mesmos têm como ponto de partida ou de chegada as mulheres. A generalidade dos insultos estão associados ao corpo, sexualidade e dignidade das mulheres: "sua puta", "sua rameira", "sua cabra". Até os homens, quando insultados, são-no através de uma mulher: "filho da puta", "és um corno", vai fo... tua mãe". Outros há que são maltratados verbalmente precisamente por serem como mulheres: "és um maricas", "não tens os tomat.. no lugar".

Apesar do anteriormente exposto, não se julgue que a linguagem sexista penaliza apenas as mulheres. Com efeito, os homens também sofrem discriminação nos textos orais e escritos produzidos pelos outros seres humanos. Expressões como:

- Os homens não choram, são fortes e viris
- O homem é o cabeça de casal
- A mulher educa e o homem disciplina
- A cozinha não é lugar para homens
- Das crianças e da casa trata ela
- Quem trabalha é quem manda
- Os homens é que garantem o sustento
- Homem que ganha menos do que a mulher vale pouca coisa
- Azul para os rapazes, rosa para as raparigas
- Nada de rapazes maricas
- Homem não limpa a casa
- A cozinha é para as mulheres
- As mulheres têm um dom natural para tratar de crianças
- A tropa, a marinha e a polícia não são coisas para mulheres
- A política é assunto para homens
- Não se brinca com homem de barba rija
- Os ladrões arrombaram o cofre
- Os drogados são cada vez em maior número
- Os pedófilos deviam ir todos para a cadeia
- Os alcoólicos não se controlam
- Os viciados em drogas estão a dar cabo das suas vidas
- Os doentes mentais precisam de medicação

são bem o exemplo de como os homens estão enredados em concepções estereotipadas que restringem as suas práticas com base nos papéis sociais que lhes são atribuídos, sob pena de serem classificados de menos capazes e viris. Com efeito, a sociedade espera que os mesmos ajam em conformidade, segundo os parâmetros de masculinidade. Caso tal não aconteça, o seu estatuto social pode sair fragilizado. No corpus acima apresentado, abundam os exemplos, no masculino, que mancham a reputação de muitos homens. Os ladrões? Os pedófilos? Os alcoólicos? Os viciados? Os doentes mentais? E para quando a representação, no discurso, das mulheres ladras, pedófilas, alcoólicas, viciadas e doentes mentais?

A linguagem sexista, como fruto de dinâmicas sociais discriminatórias e antidemocráticas, cristalizadas por uma *educação sexista* recebida na família, na escola, nas igrejas, no ambiente de trabalho e de lazer ou, inclusivamente, nos meios de comunicação social, tem contribuído para o estado actual de negação e de invisibilidade da mulher e para a preservação de estereótipos que muito têm prejudicado os homens na sua relação com as mulheres, com os filhos, e com o seu mundo interior. É do conhecimento geral que não é fácil alterar os estereótipos, pois as pessoas resistem à mudança. E fazem-no, segundo Neto, A. Et al. (2000), por um motivo: "Um dos factores que poderá potenciar a conservação dos estereótipos de género reside no facto de o processo de estereotipia ser geralmente inconsciente e dificilmente reconhecido por parte dos indivíduos portadores".

#### Reescrevendo...

Nos últimos anos, a presença feminina em funções cada vez mais diferenciadas no mercado de trabalho, na política, na administração, entre outros, impôs a necessidade de traduzir lexicalmente o que vem sendo vivido no terreno. Os novos desempenhos da mulher e o seu novo *status* trouxeram outras exigências, as quais nos levam a questionar o que nos foi ensinado na família e depois na escola, tanto ao nível do conteúdo como da linguagem usada. Como consequência, emergiu a necessidade de rever a linguagem, nas suas múltiplas formulações, exemplos e imagens que contribuem para perpetuar os estereótipos sexuais. A revisão da linguagem tornou-se, assim, um tema obrigatória na formação de crianças, jovens e pessoas adultas, independentemente do percurso académico a que tiveram acesso.

Não há dúvidas, hoje em dia, que o reconhecimento da igualdade de direitos humanos de homens e mulheres, na sua diversidade de condição humana, passa também pelas questões da linguagem não-sexista. Existem caminhos alternativos para expormos as nossas ideias e convicções

O uso de uma linguagem inclusiva no que se refere à questão de género é um exercício que exige uma permanente atenção. Sendo a língua um organismo vivo, em constante evolução, não se justifica uma atitude passiva face à mesma. Cada vez menos faz sentido dizer que a gramática exige o uso do masculino quando nos referimos a homens e mulheres. Chegou a hora de desmistificar crenças antigas e regras em perfeito desajustamento com a realidade actual porque "é importante compreender que a linguagem é uma forma de



representação da realidade e, neste sentido, não é um dado da natureza, é construção cultural, que revela os sentidos e valores que atribuímos às coisas e às pessoas". (Pandjarian, V., 2006).

As propostas de reescrita da linguagem sexista para um linguagem inclusiva e não-discriminatória podem ser muitas. O uso do símbolo @ como uma "soma" de a + o, tal como vem sendo feito por diversas publicações feministas para englobar o masculino e o feminino, é cada vez mais popular e aceite.

Outra alternativa é repetir as palavras no masculino e no feminino quando queremos abranger os dois géneros. Por exemplo: As *trabalhadoras e os trabalhadores devem lutar pelos seus direitos*. A possibilidade de usar os nomes sobrecomuns e os colectivos afigura-se como uma excelente opção na oralidade e na escrita. Uma vez que a linguagem sexista se consubstancia também em concepções estereotipadas da existência humana, devemos, a todo o custo, evitar que esses estereótipos não se perpetuem. Hoje em dia, meninos e meninas podem vestir-se de qualquer cor, podem brincar, indistintamente, com carrinhos e bonecas, homens podem ser pais cuidadosos e carinhosos, responsáveis pela gestão do lar, enquanto as mulheres apostam na sua carreira profissional.

Com o passar dos anos, as oportunidades de fugir ao pré-estabelecido e ao estereótipo são cada vez maiores. Com efeito, a reitoria de uma universidade pode estar a cargo de uma reitora, a Câmara Municipal pode integrar vereadoras, o senado senadoras, a Assembleia da República deputadas, as empresas de consultoria consultoras, os gabinetes de arquitectura arquitectas. Por consequência, o Homem, no sentido universal, não existe mais. O que existe é o ser humano. A par e passo, os médicos passam a ser o corpo médico, os idosos as pessoas idosas, os chefes a chefia, os directores a direcção, os coordenadores a coordenação, os eleitores o eleitorado, os jovens a juventude, os professores a classe docente, a língua materna a língua de origem, reunião de pais reunião de pais e de mães, os negros a raça negra, os portugueses o povo português, os descendentes a descendência, afeminado delicado suave, meigo, aquele que fala quem fala, etc.

Para uma melhor compreensão desta matéria, passamos a apresentar vários exemplos de reescrita, a partir de um enunciado com características sexista:

| Enunciado Sexista                                           | Formas de Reescrita                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| - O Homem é responsável pela evolução tecnológica           | <ul style="list-style-type: none"><li>- O homem e a mulher são responsáveis...</li><li>- A mulher e o homem são responsáveis...</li><li>- O ser humano é responsável ...</li><li>- A humanidade é responsável ...</li><li>- As pessoas são responsáveis ...</li><li>- Os indivíduos são responsáveis ...</li><li>- As sociedades civilizadas são responsáveis ...</li></ul>                                   |
| - Os trabalhadores são explorados                           | <ul style="list-style-type: none"><li>- A classe trabalhadora é explorada</li><li>- As trabalhadoras e os trabalhadores são explorados</li><li>- As/os trabalhadoras/es são exploradas/as</li><li>- A exploração operária é uma realidade</li><li>- As pessoas que trabalham para outrem são exploradas</li><li>- As empresas exploram a classe operária</li></ul>                                            |
| - Os pais compareceram à reunião                            | <ul style="list-style-type: none"><li>- Os pais e as mães compareceram ...</li><li>- Os/as progenitores/as compareceram ...</li><li>- As/os progenitoras/as compareceram ...</li><li>- Os progenitores e as progenitoras ...</li><li>- Os familiares das crianças ...</li><li>- Representantes das famílias ...</li><li>- As pessoas responsáveis pela educação das crianças compareceram à reunião</li></ul> |
| - Os professores castigaram os alunos por mau comportamento | <ul style="list-style-type: none"><li>- Os/as professores/as castigaram os alunos</li><li>- A classe docente castigou os alunos e as alunas por ...</li><li>- Os professores e as professoras castigaram a classe por ...</li><li>- A turma foi castigada por mau comportamento</li><li>- A turma foi castigada pelas professoras e professores por...</li></ul>                                              |

### Conclusão

O espaço lusófono, caracterizado por uma grande diversidade cultural e linguística, encontra-se em diferentes patamares de vivência democrática. Apesar disso, existem aspectos que nos unem, nomeadamente o papel secundário atribuído às mulheres nos diferentes países e o tratamento discriminatório que a linguagem lhes reserva.

Em todos os países de língua portuguesa, existem, em maior ou menor escala, problemas de distribuição da riqueza, educação, saúde, preservação ambiental, comunicação, exercício do poder e participação política. Nenhum destes aspectos poderá, em circunstância alguma, justificar a perpetuação de concepções e comportamentos estereotipados e discriminatórios contra as mulheres. A pobreza não pode servir de desculpa para que as mulheres sofram violência física, psicológica e linguística, como se de algo natural se tratasse. Infelizmente, em todo o espaço lusófono, há quem promova e considere normal a vinculação da mulher ao antigo pátrio poder masculino, primeiro do pai, depois do marido, em relações onde não há espaço para o crescimento pessoal e profissional, o prazer e a alegria de viver não existem.

A linguagem sexista ao transmitir concepções do mundo e dos seres humanos que tomam como norma o homem ou o masculino e ao ver as mulheres como criaturas insignificantes, está a desrespeitar, anular e excluir mais de metade da população de língua portuguesa espalhada pelos quatro cantos do mundo. Através da valorização de expressões estereotipadas e de vocábulos na sua forma masculina, pondo-os ao serviço de ambos os géneros, sob a capa da neutralidade, a linguagem masculina cria estruturas mentais que limitam e



condicionam o pensamento e o agir individual e colectivo. Ao não nomear as mulheres, a linguagem que todos usamos condena o género masculino à inexistência.

É caso para afirmar que, dadas as consequências dos nossos actos de fala e das nossas produções escritas, esta problemática merece uma reflexão simultânea nos oito países que compõem a CPLP e deveria ser alvo de regulamentação num próximo “acordo ortográfico” entre os diferentes países. Sem esse esforço colectivo, dificilmente, ultrapassaremos este défice linguístico que constitui um entrave sério à implementação de sociedades democráticas nos países de língua portuguesa.

#### BIBLIOGRAFIA

|                                                                                                                                                                                                                                                        |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Alves, J. E. (2001). O discurso da dominação masculina. Ouro Preto: UFUP.                                                                                                                                                                              |
| Castanho, G. (1993). A gramaticalidade da linguagem sexista. Ponta Delgada: Revista Informar.                                                                                                                                                          |
| Castanho, G. (1993). Para quando a abolição da linguagem sexista?. In Açoriano Oriental de 2 de Julho. Ponta Delgada.                                                                                                                                  |
| Conte, I. (2007). Construindo a igualdade de género. Rio Grande do Sul: UERGS.                                                                                                                                                                         |
| Cunha, C. & Cintra, L. (1984). Nova gramática do Português contemporâneo. Lisboa: Edições João Sá da Costa.                                                                                                                                            |
| Fontes, C. (2008). Curso de educação para a cidadania e formação cívica – os direitos das mulheres com direitos humanos. Disponível em <a href="http://alvalade.no.sapo.pt/CursoCidDirHum10.htm">http://alvalade.no.sapo.pt/CursoCidDirHum10.htm</a> . |
| Magalhães, M. J. (2005). Mulheres, espaços e mudanças: o Pensar e o fazer na educação das novas gerações. Tese de Doutoramento. FPCEUP.                                                                                                                |
| Muraro, R. (2000). Textos da fogueira. Brasília: Letraviva.                                                                                                                                                                                            |
| Neto, A. et al. (2000). Estereótipos de género. Lisboa: Comissão para a igualdade e para os direitos das mulheres.                                                                                                                                     |
| Pandjiarjian, V. (2006). O mundo no masculino e no feminino: Plural dos géneros. Brasil: CLADEM.                                                                                                                                                       |
| Romão, I. (1998). A escola como actor de mudança. In Albertina Palma & Marques, R. (Coord.) Escola não Sexista: Utopia e realidade. Setúbal: Escola Superior de Educação de Setúbal.                                                                   |
| Vieira, V. (2006). A discriminação à mulher está presa à tirania das palavras e imagens. In Linguagem inclusiva - Colectânea de Textos. São Paulo: USP/ECA.                                                                                            |

### 13) HELENA ANACLETO-MATIAS

### 14) TIAGO ANACLETO MATIAS

**Helena Anacleto-Matias** é Licenciada (1988) e Mestre em Estudos Anglo-Americanos (Universidade do Porto – 1997) e tem duas Pós-graduações: como intérprete de conferências (Universidade de Genebra), enquanto bolseira do Parlamento Europeu e fez o Diploma em Estudos Americanos (Smith College, EUA) enquanto bolseira Fulbright. Desde 1993 é docente no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. Participou já três vezes com comunicação nos Encontros Lusófonos e este ano apresenta em co-autoria com

**Tiago Anacleto Matias** Bacharel em Línguas e Secretariado (2000) e Licenciado em Tradução Especializada (2002) pelo Instituto Politécnico do Porto, tendo sido aluno Erasmus na Dinamarca em 1998. Tem uma Pós-graduação em Tradução para Legendagem pelo Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes (Porto) e está a frequentar as unidades curriculares do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas do ISCAP, enquanto escreve a sua Dissertação. Desde Outubro de 2004 é funcionário do Parlamento Europeu, em Bruxelas. Esta é a sua primeira comunicação em co-autoria num Encontro internacional. [hanacleto@iscap.ipp.pt](mailto:hanacleto@iscap.ipp.pt) & [tiago.ferreira@europarl.europa.eu](mailto:tiago.ferreira@europarl.europa.eu)

LEGENDAGEM VERSUS DOBRAGEM NA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO NA EUROPA DE HOJE. IMPACTO SOCIOLINGÜÍSTICO EM PORTUGAL E OUTROS PAÍSES EUROPEUS  
HELENA ANACLETO-MATIAS E TIAGO ANACLETO-MATIAS, ISCAP - INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO E PARLAMENTO EUROPEU

Nos dias de hoje, o Inglês é cada vez mais a *lingua franca* em todo o mundo. Não só os programas e os filmes nos canais que encontramos na nossa TV por cabo utilizam maioritariamente o Inglês, mas também a Internet. Mas será esse um sinal negativo para as línguas com menos expressão no mundo? Será o Português uma delas? E como é com outras línguas menos faladas no mundo do que o Português?

Esta proposta pretende aflorar o impacto que a tradução pode ter na sociedade, ou seja, qual será o efeito - se positivo ou negativo - de numas sociedades se utilizar a legendagem, e noutras a dobragem de filmes, programas e/ou notícias.

Tendo como base a nossa experiência pessoal em vários países, onde a legendagem ou, ao invés, a dobragem são uma constante, focaremos algumas teorias contrastantes. Discutiremos também hipóteses que justifiquem a preferência de cada povo ao escolher uma das técnicas e a influência que cada uma tem na sua própria sociedade.

Será também discutida a influência da televisão no quotidiano de cada povo e a técnica utilizada na Europa no mundo televisivo ligado às crianças. A que ponto um programa para crianças deve ser legendado ou antes dobrado? Será que a criança aprenderá mais facilmente uma língua estrangeira se a ouvir, tendo a possibilidade



de ler as legendas na sua língua materna? Terá ela mais facilidade em aprender a ler se os programas que ela visionar forem regularmente legendados em vez de dobrados?

Ademais, convém referir nesta abordagem a importância da legendagem ou dobragem para pessoas com necessidades especiais. Será igualmente abordado o impacto da influência anglo-saxónica no dia-a-dia linguístico do indivíduo; se haverá risco para uma determinada língua começar a inter-relacionar-se com o Inglês, unicamente porque se apostou mais na dobragem do que na legendagem ou vice-versa.

### **1 – Introdução: Propostas de Problemática, Hipótese e Metodologia**

A questão de determinadas instituições, tais como estações de televisão ou empresas de exibição cinematográficas preferirem a legendagem à dobragem de programas televisivos, bem como DVDs ou vídeos constitui a nossa principal preocupação na perspectiva deste artigo. Escolher a dobragem ou a legendagem? – Eis a questão.

Apresentaremos algumas características e alguns factores que levam à escolha de uma em detrimento da outra. A formulação da hipótese seguinte é a nossa proposta: se a legendagem é mais respeitadora do original e, portanto, mais adequada à satisfação do público-alvo, então deverá ser preferida em relação à dobragem de programas.

A metodologia que seguiremos será baseada na observação de factos em diversos países, na análise de teorias interpretativas relacionadas com a problemática e na leitura de dados relativos àqueles países.

Parece-nos importante explorar a questão da decisão da escolha da legendagem em detrimento da dobragem de programas. Deveremos ter em conta a definição teórica dos dois conceitos, a tipologia dos programas a serem difundidos e sobretudo os objectivos funcionais que visam chegar ao público-alvo.

Partamos, portanto, para uma possível definição dos conceitos “Legendagem” e “Dobragem”. Entendemos por legendagem e dobragem a seguinte definição: “As duas formas mais comuns de tradução no ecrã são *dobragem*, em que o texto falado no programa é retirado e substituído por um novo na língua do público receptor, e *legendagem*, em que a banda sonora é mantida intacta, mas em que um texto com a tradução do diálogo em forma condensada aparece na base inferior do ecrã.” (Broddason, 2006: 2)

Seguindo a Convenção de Berna, o Decreto-Lei número 15/99, de 15 de Janeiro de 1999, aprova a intervenção do Estado nas actividades cinematográfica, audiovisual e multimédia, nos aspectos relacionados com as atribuições específicas do Ministério da Cultura, advogando que é obrigatória a legendagem ou dobragem em português de filmes destinados à exploração comercial falados originalmente noutras línguas; excluem-se do disposto no número anterior os filmes destinados exclusivamente à projecção em salas de cinema especializadas na exibição de filmes estrangeiros na língua original. Além disso, as legendas, a locução e o diálogo dos filmes e videogramas publicitários deverão ser, obrigatoriamente, em língua portuguesa, sem prejuízo de se poder admitir a utilização excepcional de palavras ou de expressões em língua estrangeira, quando necessárias à obtenção do efeito visado na concepção do anúncio.

Portanto, vamos mais à frente defender que, se a legendagem respeita em todos os sentidos muito mais o original do que a dobragem, então é extremamente importante nos dias de hoje que a tecnologia nos possibilite escolher num DVD entre seleccionar a dobragem ou a legendagem no visionamento de qualquer filme, programa ou documentário ou até ambas as técnicas juntas, também para pessoas com necessidades auditivas especiais.

### **2 – As Línguas Francas e a Necessidade de Tradução**

A língua inglesa não é, por definição ou por qualquer inerência linguística a mais adequada a ser a língua franca do presente; seja por motivos políticos, históricos, sociológicos ou de outra ordem, o facto é que a língua franca da economia da actualidade é indubitavelmente o Inglês, já para não falar na importância e utilização maioritária desta língua no mundo das novas tecnologias de informação.

Mas é sabido que o Português também é uma das línguas mais faladas no Mundo, se tivermos em conta o número de falantes nativos. Em termos de língua materna, o Português é uma língua falada na totalidade dos continentes, mas “No entanto, na prática geoestratégica, não tem conseguido adquirir a visibilidade de outras línguas como é o caso da inglesa ou da espanhola.” (Filipe, 2004)

Ademais, não podemos deixar de pensar que, embora os Estados Unidos da América do Norte estejam a ultrapassar uma recessão económica, continuam a influenciar culturalmente o mundo globalizado. Aí as duas línguas mais faladas são precisamente aquelas que Filipe definiu como as que mais visibilidade detêm no mundo de hoje – o Inglês e o Castelhana, embora esta última não seja oficial nos EUA. No entanto, não podemos esquecer que dos países da América Latina, que se distribuem desde a América do Norte até à do Sul, passando pela central, apenas o Brasil não fala o Castelhana e é curioso notar que o idioma castelhano aparece de igual forma espalhado pelos quatro cantos do mundo tal como o Português.

O certo é que não foram estas duas línguas latinas que conseguiram impor-se no mundo globalizado de hoje, mas sim o Inglês. Não só os programas e os filmes nos canais que encontramos na nossa TV por cabo utilizam sobretudo o Inglês, mas a produção cinematográfica de *Hollywood* e *Bollywood* são em Inglês. Daí que as necessidades pedagógicas no ensino das línguas vivas, nomeadamente do Inglês sejam cada vez mais sofisticadas e imperativas, como por exemplo nos meios audiovisuais – todos os produtos legendados constituem-se, indubitavelmente, num significativo apoio didáctico à aprendizagem da língua original daquele produto, neste caso da língua inglesa.

Mas será esse um sinal negativo para as línguas com menos expressão no mundo? Parece-nos que não; pelo contrário, a legendagem ajuda à preservação e emancipação de línguas nacionais, até minoritárias que se vêem projectadas nos países em que os produtos são difundidos.

Pensamos que é muito mais importante cada estado ou nação tentar defender a sua língua, principalmente as minoritárias, para que estas não desapareçam, pois parece-nos que não é o facto de um produto estrangeiro ser legendado que vá influenciar ou pelo menos fazer desaparecer uma língua, independentemente do número diminuto de falantes que tenha. Deve haver incentivos para a preservação dessas línguas minoritárias, como é o





caso do Mirandês em Portugal, e à produção audiovisual, à publicação de literatura assim como à aprendizagem nas escolas dessas línguas.

Na Bélgica, por exemplo, onde coexistem pelo menos três línguas nacionais oficiais – Alemão (3%), Francês (40%) e Neerlandês (57%) – há sempre o cuidado de manter a língua alemã como língua viva, apesar de haver uma percentagem pequena de falantes nativos. Durante a nossa pesquisa na Internet, encontramos um blogue que discutia precisamente o facto de as regiões francófona e alemã não apostarem mais na legendagem, como forma de compreenderem e aprenderem melhor a língua mais falada na Bélgica, o Neerlandês. A região Flamengo, também devido à influência dos Países Baixos, aposta sobretudo na técnica da legendagem, pelo que os nativos desta região têm mais facilidade em aprender outras línguas estrangeiras.

Por todas estas razões, podemos afirmar que a tradução serve como ponte transcultural entre as línguas de partida e a de chegada. Não só os tradutores são agentes transculturais, como os produtos finais do seu trabalho se tornam documentos fundamentais para a comunicação e a preservação das línguas, bem como a sua difusão.

### 3 – Legendagem e Dobragem – Oposição ou Complementaridade?

A tabela abaixo pretende aflorar o impacto que a tradução pode ter na sociedade e qual será o efeito da adopção da técnica de legendagem ou dobragem nas diferentes sociedades, principalmente no caso de programas, notícias, filmes, documentários, entre outros.

Quanto à problemática da preferência da dobragem versus legendagem, gostaríamos de apresentar um quadro contrastivo das características de ambos os tipos de tradução. Segundo Fátima Dias, que se expressou em Inglês, as principais características são as seguintes (Dias, 2006: 2 – nossa tradução do Inglês):

| DOBRAGEM                                                                | LEGENDAGEM                                                             |
|-------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------|
| Caro                                                                    | Barato                                                                 |
| Perde-se o diálogo original                                             | Respeita a integridade do diálogo original                             |
| Mais demorado                                                           | Relativamente rápido                                                   |
| Finge ser um produto nacional                                           | Promove a aprendizagem de línguas estrangeiras                         |
| Dobrar as vozes dos actores pode ser repetitivo                         | Qualidade das vozes originais dos actores                              |
| É bom para os maus leitores                                             | Adequado aos surdos / Ajuda os imigrantes                              |
| Respeita a imagem do original                                           | Polui a imagem                                                         |
| Fornece mais informação original                                        | Requer maior redução de informação original                            |
| Permite sobreposição de diálogos                                        | Não permite sobreposição de diálogos                                   |
| O espectador pode centrar-se nas imagens                                | Dispersão de atenção: imagem e texto escrito                           |
| O espectador pode seguir o sentido, mesmo se estiver distraído da visão | O espectador perde o sentido se distraído                              |
| Exigências de sincronização labial                                      | Limitado pelo tempo e pelo espaço                                      |
| Apenas um código linguístico                                            | Dois códigos linguísticos diferentes simultaneamente podem desorientar |
| Permite maior ilusão cinematográfica                                    | Pode desviar a atenção da ilusão cinematográfica                       |

Quanto à tabela acima apresentada, oferece-nos tecer os seguintes comentários em favor da técnica da legendagem:

- A legendagem é mais barata e requer menos mão-de-obra relativamente à dobragem;
- Na legendagem o original é respeitado integralmente, ao passo que na dobragem o diálogo acaba por sofrer interferências, não só devido ao registo linguístico, mas também na voz do original, influenciando igualmente a velocidade no diálogo, que acaba por ser mais rápido na primeira técnica;
- A legendagem incentiva à leitura e ajuda, tanto os surdos como os imigrantes e também os estudantes de um a língua estrangeira a compreenderem o conteúdo da mensagem e a aprenderem mais rapidamente a língua que esteja a ser utilizada naquela técnica.
- A legendagem não permite a sobreposição de diálogos, mas deixa que ouçamos o som do original, sendo mais elucidativo;
- Por último, a questão da manutenção do original favorece o ouvinte na aprendizagem de línguas estrangeiras, ajudando-o a encontrar o equivalente na sua língua materna através da legendagem.

Cabe-nos concluir que a legendagem é em geral mais positiva do que a dobragem, pois acaba por favorecer a leitura, fornece a possibilidade de aprendizagem àqueles que estão a aprender uma qualquer língua estrangeira e dá a hipótese aos surdos de poderem desfrutar integralmente do visionamento de um filme, programa ou documentário. Aliás, hoje em dia já existe a preocupação de qualquer emissão televisiva dispor e disponibilizar a legendagem especializada no teletexto de qualquer televisor mais sofisticado.

E, embora não seja tanto uma razão assinalável, mas quem pode ver um determinado filme legendado, acaba por não perturbar o vizinho, amigo ou familiar, porque o televisor pode estar num volume mais baixo, já que a interpretação das imagens pode ser feita recorrendo à leitura da imagem e da legenda. Podemos também focar o facto de um programa estar a ser exibido num local barulhento e ainda assim, com as legendas, qualquer telespectador conseguir acompanhar e captar a informação.

Quando em 2000 tivemos uma visita de uma amiga nossa das Ilhas Canárias e tivemos por acaso a oportunidade de ver um filme em que um dos actores principais era o Eddy Murphy, ainda nos recordamos da forma espantada em que exclamou: “finalmente posso conhecer a voz original deste actor”. Ora, mesmo



sabendo que nessa altura já havia DVDs com a possibilidade de ver filmes na versão original e com legendas ou optar pela versão dobrada em Castelhana, pois em Espanha qualquer filme estrangeiro tem sempre essas duas opções, conseguimos nos aperceber que a influência e a cultura enraizada da dobragem na sociedade espanhola acabam por escolher maioritariamente a versão dobrada na sua língua materna. Além disso, para um português comum é estranhíssimo não conhecer uma voz tão peculiar como a daquele actor ou outro qualquer que possua tiques e expressões tão próprias que acabamos por usar no nosso dia-a-dia, não só entre amigos, como também na escola ou até mesmo em publicidade. O mesmo nunca se passaria na Islândia: “Para um Islandês, a ideia de uma estrela de cinema inglesa ou norte-americana, ou um personagem da televisão expressar-se em Islandês num ecrã, pareceria absurda.” (Broddason, 2006: 5)

No entanto, talvez a preferência pela dobragem aconteça mais entre os nacionais dos países onde se pratica a dobragem do que propriamente quanto aqueles além-fronteiras. Trabalhamos diariamente com espanhóis, por exemplo, e constatamos que estes, talvez devido ao facto de se terem desabituaado do processo da dobragem adoptado na Espanha e por normalmente terem acesso directo a emissões com recurso à legendagem na Bélgica, acabam por preferir a versão original com legendas em relação à dobrada, principalmente quando vão ao cinema. O mesmo acontece com os emigrantes alemães, italianos ou até franceses com quem trabalhamos, mesmo que estes últimos tenham acesso mais rápido à versão dobrada por se encontrarem ao lado da Alemanha ou da França e as televisões belgas francófonas apostarem na dobragem por excelência, pois também se torna mais barato.

A verdade é que a dobragem não adultera unicamente a sincronização labial entre a imagem e o discurso ouvido. Como o receptor está a falar numa língua diferente daquela que está a ser ouvida, utiliza uma linguagem corporal e gestual em consonância com a sua cultura linguística. Portanto, não basta apenas dominar na perfeição a técnica da dobragem; se o autor dos textos traduzidos os transformou em diálogos adaptados e se o actor conseguir na perfeição sincronizar a sua própria voz com a do actor na imagem então isso seria genial, ainda assim os gestos e a mímica associados à língua de chegada não estarão presentes na imagem do filme de partida, pelo que a dobragem nunca poderá ser ideal.

Obviamente que em ambos os casos se recorre à arte de bem traduzir, mas ao aplicar a legendagem ou a dobragem, cada técnica acaba por exigir diferentes métodos e o impacto para o público-alvo é indubitavelmente diferente. Temos conhecimento que nalguns países a dobragem é feita com muito profissionalismo e perfeição, como é o caso do Brasil ou até mesmo da Alemanha, mas há variadíssimos programas que sofrem pelo facto de muitas dobragens serem feitas por qualquer pessoa, sem o mínimo de formação na arte de representar e/ou profissionalismo, pelo que adultera e quebra a qualidade desse programa. Muitas vezes estamos a assistir a um filme e reparamos que as vozes não são consentâneas com o movimento labial dos actores, o que torna a qualidade da dobragem do filme medíocre.

Lembramo-nos que antigamente, mesmo não sendo fãs de telenovelas, houve uma fase na televisão portuguesa em que se apostava na importação de séries televisivas provenientes de países da América Latina, exceptuando obviamente o Brasil, em que a dobragem dessas séries era feita para Português, com uma qualidade mínima e com desrespeito pelos diálogos do original. Obviamente que tiveram pouco sucesso entre o comum dos telespectadores, não só pela insuficiente qualidade, como também pela confusão que fazia ao telespectador ouvir vozes em Português do Brasil e ver os lábios dos actores articularem em Castelhana e não em simultâneo. “Considerando que a dobragem é mais de dez vezes mais cara do que a legendagem, é óbvio que a televisão Galesa é vista como um bem essencial na preservação da língua falada e implicitamente no sentido de identidade nacional”. (Broddason, 2006: 2) Praticase de facto esta técnica de dobragem no País de Gales, que se sente “uma Nação sem Estado”, porque ajuda a manter a língua Galesa, a sua identidade cultural e a sua personalidade nacional.

Como análise conclusiva à tabela acima apresentada, podemos afirmar que os indivíduos que nasceram e foram habituados a assistir a programas com recurso à técnica da dobragem, em geral preferem-na em relação à legendagem e vice-versa. Temos como exemplos da primeira técnica, a França, a Alemanha, a Itália e a Espanha, enquanto outras nações, tais como os países nórdicos, as relativamente recentes repúblicas da ex-Jugoslávia, a Flandres na Bélgica, os Países Baixos, a Grécia, Portugal e Israel preferem a legendagem.

No que toca particularmente ao caso da Polónia, é ainda mais gritante esta questão da dobragem versus legendagem, pois naquele país ainda nos dias de hoje se pratica uma técnica completamente desactualizada: independentemente do programa estrangeiro que esteja a ser exibido, há apenas e sempre uma única voz para traduzir todos os actores e os seus diálogos e esta voz-off é sobreposta à banda sonora original que se continua a ouvir ao fundo. Esta situação é inaceitável e provoca no telespectador um cansaço mental extremo e muita confusão.

Os habitantes das nações mais economicamente poderosas da Europa ocidental justificam normalmente a sua preferência pela dobragem única e exclusivamente pelos dois últimos factores apresentados no fundo da tabela, ou seja, porque se estiverem a ver algo legendado não conseguem ler rapidamente e ver a imagem em simultâneo; além disso alegam que acabam por se distrair, pura e simplesmente porque estão a ouvir uma língua estrangeira e a ler na sua própria língua.

Ora, esta última razão é aquela que precisamente os linguistas defendem como mais importante para o desenvolvimento da literacia na língua materna e para a aprendizagem de línguas estrangeiras. Talvez por essa razão, por exemplo, um Português normalmente consiga compreender um cidadão espanhol e um espanhol tenha verdadeiras dificuldades em entender um cidadão português.

#### **4 – Os Media Audiovisuais:** **4.1 – Na educação e cidadania**

Está estatisticamente provado que o espectador Português é um dos que, dentro da União Europeia, mais horas passa em frente ao televisor e que o efeito deste meio de comunicação no quotidiano social de cada cidadão é avassalador. As opiniões são formadas a partir dos programas de televisão e a guerra das audiências, juntamente com os patrocínios e publicidade ditam as características dos programas difundidos no horário nobre.



Estas necessidades crescem à responsabilidade civil e de cidadania que os meios de comunicação social desempenham entre as populações locais, as comunidades civis e a sociedade em geral.

Os jornais, livros e a imprensa escrita deixaram de ter o impacto que dantes havia, potencialmente devido às características técnicas de difusão não terem tido a dimensão que hoje têm. Hoje em dia também os blogues, os sítios personalizados na Internet e os *self-media* têm vindo a substituir a imprensa escrita na sua importância na formação de opinião.

Tendo em conta que os cidadãos lêem cada vez menos livros, jornais ou revistas, é imperioso apostar cada vez mais na legendagem e na utilização de vocábulos de origem portuguesa para a divulgação e a promoção da nossa língua. Contrariamente, a dobragem acaba por não incentivar a população mais jovem à leitura nem à aprendizagem da língua de Camões, nem de qualquer outra língua através da legendagem. A dobragem pode ser um veículo de comunicação tal como a legendagem, mas acaba por tornar o visionamento dos programas televisivos mais passivo quanto ao esforço intelectual, não obrigando a pessoa a processar a informação de uma maneira crítica e educativa. Além disso, o telespectador acaba por não poder aprender a descodificar a leitura implícita numa legenda ou lançar-se na interpretação de dados e na opinião crítica de como se escreve ou não uma palavra ou uma expressão.

Nos últimos anos tem havido uma discussão acesa sobre a questão da tradução de versões estrangeiras na República Checa. Mesmo não sendo um país multilingue, como são a Bélgica, o Luxemburgo ou a Suíça, os checos estão a optar sobretudo pela legendagem nos cinemas, embora se levantem vozes a favor da dobragem. David Horacek afirma “a dobragem é uma solução comercial indispensável e para atrair um público mais numeroso, é preciso difundir em checo”. (Horacek, 2004) Horacek continua afirmando que na Hungria, a título de comparação, onde há 10 milhões de habitantes como na República Checa, a dobragem leva muito mais pessoas ao cinema na Hungria.

No entanto, segundo Martin Malik, responsável pela distribuição de filmes da Warner Bros no mercado Checo, “só faz sentido dobrar os filmes para um público mais familiar e não haverá interesse em fazê-lo a nível geral, pois é muito mais caro e não seria rentável.” Foi devido a este facto que a Warner Bros, depois de receber várias mensagens electrónicas contra, decidiu anular a dobragem da trilogia “O Senhor dos Anéis”.

Concluindo, Horacek volta a defender que a dobragem seria apenas 20 a 30% mais cara do que a legendagem e que esses custos seriam compensados com o aumento de público checo nas salas de cinema, excluindo apenas os estrangeiros que deixariam de ir, pois os checos já estão habituados a ver toda a programação estrangeira dobrada na televisão. Por este motivo os checos vão pouco ao cinema, já que não conseguem acompanhar o filme e ler as legendas em simultâneo.

Estes argumentos afiguram-se-nos falaciosos, pois nada garante que o público aumentasse significativamente nas salas de cinema, no caso checo ou noutro qualquer, caso se passasse a dobrar os filmes no cinema. Há quem vá ao cinema precisamente porque pode assistir à versão original, como acontece em Bruxelas onde a legendagem no cinema é bilingue (Francês e Neerlandês) e ao mesmo tempo praticar a aprendizagem da língua estrangeira original do filme. As versões dobradas em Bruxelas são exclusivas dos públicos infantis e normalmente têm menos público nas salas do que nos originais legendados.

Ademais, parece-nos que a versão de Horacek seria muito negativa na sociedade portuguesa, pois a presença de estrangeiros em Portugal de língua materna diferente da nossa é bastante numerosa e importante para a nossa economia. Seria negativo para a comunidade estrangeira em Portugal, e pensamos em todos os países, principalmente a imigrante e a estudantil, não poder ter acesso à língua oficial escrita nos meios audiovisuais do país onde residem. Desta maneira, têm mais facilidade em aprender a escrever a língua de Camões, integrando-se melhor na comunidade de acolhimento, apesar de manter as suas especificidades da sua identidade cultural. A dobragem mostra-se portanto desadequada e inútil para esta comunidade, pois já tem acesso diariamente aos programas em língua portuguesa falada, seja através dos noticiários, programas de entretenimento, de debate, de reportagem, telenovelas, entre outros.

Com a adopção da técnica de legendagem por parte dos meios de comunicação, as pessoas desenvolvem as suas capacidades de cidadania, ao instruir-se e educar-se numa perspectiva multicultural respeitadora de outrem. Criando cidadãos mais aptos, estes tornam-se mais críticos quanto ao sistema no qual estão inseridos. Frequentemente ouve-se falar que este ou aquele vocábulo foi mal escrito ou mal traduzido. Não só quem aprende línguas estrangeiras, mas também o senso comum acha-se no direito de criticar: “Poucas especificidades de nossa profissão são tão comentadas e, muitas vezes, tão difamadas e criticadas como a tradução de filmes tanto para dobragem como para legendagem. Todo mundo tem uma historinha para contar de um erro ou outro que já viu em um filme (...)” (Soares, 2006)

#### 4.2 – Na Instrução Precoce

A legendagem tem sido criticada como inadequada para os públicos mais jovens, principalmente na primeira infância. Se atentarmos nas opiniões citadas no fórum belga recente (2007) “Eendracht maakt macht... L'union fait la force”, os belgas que aí intervêm mostram-se a favor de, pelo menos, se legendarem as notícias de cada teletornada das duas principais regiões linguísticas (Flamenga e Valã) para haver um maior contacto cultural entre as mesmas e se aprender mais facilmente as línguas tão distintas uma da outra pelos telespectadores.

Atendendo às razões até agora expostas, convém referir que as atitudes que não promovem o ensino precoce da população telespectadora, nomeadamente as crianças na primeira e segunda infâncias são contraproducentes; as crianças são obrigadas a aprender a outra língua oficial do seu país de origem, pelo menos nos casos Belga, Finlandês, Luxemburguês e Suíço.

Se bem que concordemos que para crianças com idades inferiores a 5, 6 anos, seja mais cómodo ter acesso aos seus programas favoritos na sua língua materna, pois desenvolve o seu vocabulário, a sua capacidade de comunicação e compreensão, bem como descodificação e codificação de mensagens, julgamos que o visionamento acompanhado por adultos deverá ser a regra geral para a importância na legendagem sobre a dobragem. Numa palavra inequívoca, julgamos que a dobragem deverá ser reservada para públicos especiais,



nomeadamente para públicos com necessidades visuais especiais, tais como cegos e amblíopes, ou pessoas idosas já com dificuldades na leitura rápida e à distância do aparelho televisivo.

Quando em Portugal nos anos 50 se deu o aparecimento das primeiras televisões ainda a preto-e-branco, discutiu-se intensamente a problemática da aplicação da técnica de dobragem versus legendagem, tendo-se optado consensualmente pela legendagem, sobretudo devido aos custos financeiros que uma equipa de profissionais implicaria se se escolhesse a dobragem.

Na nossa opinião, se essa foi a principal razão da escolha, damos os parabéns àqueles que assim decidiram naquela época, embora não defendamos que esse seja o motivo mais relevante. Não só se mantém e respeita o trabalho original, como se obriga o público telespectador a aumentar a velocidade na leitura, a desenvolver a sua literacia e a compreender a contextualização cultural dos programas na língua original. Não obstante, pensamos que a seguinte opinião é radical demais: "(...) De facto, dobragens só para mentecaptos. Não há dúvida e não tem a ver com questões de habituação ou costumes. É mau, é errado, é de gente intelectualmente reduzida, cujo cérebro não consegue ou não quer processar dois eixos de informação: o que está a ver no filme e as legendas (...)". (Ribeiro, 2005)

Ainda nos recordamos que em crianças pedíamos aos nossos Pais ou até aos Avós que nos lessem as legendas para melhor compreendermos aquilo que estávamos a ver. Por vezes critica-se a televisão como causadora de afastamento entre as gerações; mas neste caso havia proximidade. Talvez o facto de hoje em dia as pessoas terem menos tempo seja um factor para que o visionamento acompanhado por adultos não aconteça tão frequentemente. No entanto, é comum ver os Pais a acompanharem os seus filhos ao cinema infantil – normalmente decidem levá-los a ver a versão dobrada e a original é preterida para os horários mais tardios, pois os adultos preferem-na.

Num país como Portugal não se poderia ter escolhido melhor técnica do que a da legendagem, pois incentiva a criança a desenvolver aquilo que aprende na escola, além de aperfeiçoar a velocidade de leitura e acima de tudo influencia psicologicamente a criança a querer aprender a ler e a escrever na sua língua materna. Infelizmente, Portugal continua a ser um dos países europeus onde há maior iliteracia funcional, já para não falar no analfabetismo, especialmente nos meios rurais e entre as populações mais idosas.

Tendo em conta a nossa experiência pessoal em vários países onde a legendagem ou, ao invés, a dobragem são uma constante, podemos afirmar que um alemão tem muito mais dificuldade em aprender uma língua estrangeira do que um holandês, pois no primeiro caso a técnica da dobragem é utilizada desmedidamente, ao passo que nos Países Baixos, o povo holandês pode sempre visionar qualquer filme, programa ou documentário na língua original com recurso a legendas em Neerlandês.

Por curiosidade, podemos pensar que, de certa forma, a democracia também teve alguma influência na escolha de ambas as técnicas em vários países da Europa. Enquanto os países nórdicos e a Holanda optaram nos anos 30 pela legendagem, países como a Alemanha, Espanha e Itália optaram pela dobragem. Koolstra referiu que os líderes destes três últimos países optaram pela dobragem, pois era um subterfúgio para a censura que permitia que as opiniões e ideias vindas do estrangeiro pudessem ser controladas e eram assim filtradas antes de chegar ao seu povo. (Koolstra et al. 2002: 330)

Ora, atentando à questão da facilidade em aprender línguas, temos como caso mais flagrante a Bélgica dos dias de hoje. Os habitantes da parte norte da Bélgica, que geograficamente é definida como Flandres e que falam uma variante dialectal do Neerlandês (língua oficial), o Flamengo, conseguem muito mais facilmente aprender uma língua estrangeira do que os habitantes da parte sul, geograficamente definida como Valónia, em que a sua língua materna é o Francês e em que os seus canais apostam na dobragem, devido também à influência do país a sul, a França, que recorre igualmente àquela. Isto torna-os menos aptos para a aprendizagem de outra língua estrangeira e a nível pedagógico, os Belgas do sul têm mais insucesso escolar do que os seus homólogos do norte neste campo.

Mas isto não acontece apenas no caso francófono; sabendo que a influência anglo-saxónica é uma realidade no mundo globalizado de hoje e que, como resultado, os programas, documentários e filmes são maioritariamente realizados em língua inglesa, até mesmo em países que a língua oficial não é o Inglês, os países Nórdicos e do Norte da Europa têm muito mais facilidade em aprender esta língua do que os países latinos do sul da Europa em que a técnica da dobragem é utilizada a 100%, pelo menos nos canais televisivos daqueles países, com excepção de Portugal. Pensamos que foi uma das decisões mais acertadas de Portugal aquando do aparecimento da televisão no nosso país, não só no contexto sociocultural, como também na aprendizagem de qualquer disciplina a nível escolar.

Por essa razão, por exemplo, Portugal está à frente de muitos países ditos mais intelectualmente desenvolvidos no que toca à aprendizagem de línguas estrangeiras, tais como França, Alemanha ou até mesmo Espanha ou Itália. Não só estes países se encontram na cauda da Europa em termos de aprendizagem de línguas estrangeiras, tendo apenas atrás o Reino Unido ou a Irlanda, em que a língua oficial principal é o Inglês, como a sua pronúncia é marcadamente acentuada por uma influência das suas línguas maternas, por obviamente não terem contacto com essa determinada língua estrangeira mesmo no seu dia-a-dia extra-escolar.

Como curiosidade, gostaríamos de salientar que os Gregos, embora possuam igualmente uma pronúncia marcadamente grega, começam a aprender o Inglês em tenra idade e tornam-se mais proficientes, pelo que hoje em dia, tem-se bastante facilidade em encontrar nas ruas de Atenas um Grego que fale o Inglês. De notar que a legendagem é a técnica utilizada maioritariamente no seu país.

No espaço Europeu existem dois países multilingues em que as crianças aprendem muito mais facilmente várias línguas, já que estas têm acesso à programação televisiva dos vários canais em diversas línguas oficiais desses mesmos países. Estamos a falar da Suíça ou do Luxemburgo, onde existem quatro e três línguas oficiais, respectivamente. Acontece que muitas crianças, mesmo na ausência dos seus pais, e porque normalmente acordam antes dos mesmos, se colocam à frente da televisão e começam a visionar vários desenhos animados, escolhendo aqueles que eles mais gostam independentemente da língua que estejam a escutar. Assim, as crianças começam a ter contacto com diversas línguas diferentes e com palavras básicas que vão retendo e





utilizando mesmo no seu quotidiano. Ademais, estes países possuem uma política multilinguística em que uma determinada criança estuda não somente na sua língua materna, como também começa em tenra idade a lidar com uma segunda ou até mesmo terceira língua.

No Luxemburgo, por exemplo, as crianças desde o início da sua vida escolar têm algumas disciplinas em língua Francesa, outras em Alemão e outras numa terceira língua, a Luxemburguesa. O Inglês aparece dois anos mais tarde como quarta língua.

No entanto, há algo paradoxal entre estes dois países que utilizam habitualmente a dobragem em vez da legendagem e que são bons linguistas, e outros que, embora utilizem a legendagem são igualmente bons na aprendizagem de línguas estrangeiras. Defendemos que apenas isto é possível porque as crianças são obrigadas desde sempre a estudar em mais que uma língua, ao passo que nos casos dos países do Norte da Europa, Nórdicos inclusive, uma segunda língua estrangeira começa num estágio escolar mais tardio, mas possuem o contacto desde a sua infância até à idade adulta em várias línguas estrangeiras, já que recorrem à legendagem.

“É indubitável que ler legendas é benéfico para a compreensão das línguas estrangeiras, tanto para as crianças como para os adultos”. (Broddason, 2006: 2) Concordamos com esta afirmação e podemos acrescentar que este processo de legendagem pode até mesmo auxiliar um aprendente a entender o que está a ouvir na sua língua materna lendo-a ao mesmo tempo que a ouve. Os CDs e DVDs disponibilizam nos dias de hoje essa opção.

Não podemos esquecer que as camadas juvenis europeias dominam as tecnologias actuais e praticam o envio de mensagens escritas por telemóvel com abreviaturas e letras de outros alfabetos, pelo que a leitura das legendas se torna cada vez mais necessária para o conhecimento da ortografia correcta e a defesa da sua língua materna.

De facto, não podemos deixar de comentar que o Inglês, estando presente nestas tecnologias de ponta e particularmente na Internet, acabe por influenciar também a utilização de termos anglo-saxónicos na língua materna de cada povo, o que não é propriamente negativo, na nossa opinião, mas é notoriamente um motor da globalização. Não obstante, todos sabemos que a riqueza de uma língua também passa pelos seus estrangeirismos e neologismos que muitas vezes podem ser ou não adaptados à língua materna.

Os franceses são uma referência nesta questão, pois tentam sempre adaptar os termos novos, normalmente de origem anglo-saxónica, à sua língua materna, mas os italianos, principalmente nos termos ligados à informática mantêm as palavras estrangeiras. Pensamos que esta última questão não está relacionada com o facto de se escolher a legendagem ou, contrariamente, a dobragem, pois estes dois últimos países usam sempre a técnica da dobragem.

#### **5 – Legendagem / Dobragem e os Cidadãos com Necessidades Especiais**

Gostaríamos agora de referir quanto à problemática tradutiva a importância da legendagem ou dobragem para pessoas com necessidades especiais. A legendagem é tanto mais importante para as pessoas com dificuldades auditivas porquanto muitos dos sons descritos nas legendas referem-se a ruídos que não se passam na cena vista naquele preciso momento. Também devemos fazer a distinção entre televisão digital e analógica; nesta última existe a possibilidade de usar o sistema de teletexto, o que permite, ou pelo menos facilita, o acesso à legendagem dum filme, dum documentário ou noticiário.

Por outro lado, no sistema digital, a televisão não conta com o teletexto, pois as legendas são emitidas automaticamente. Além disso, este sistema não existe em todos os países europeus, para já, o que mostra que o teletexto e a legendagem são apoios necessários e úteis ao visionamento de programas televisivos para pessoas com necessidades auditivas especiais e não só.

Gostaríamos de acrescentar que a história do cinema excluiu durante 80 anos as pessoas com necessidades auditivas especiais, marginalizando-as enquanto público cinéfilo potencial. Hoje em dia até um musical ou mesmo uma peça de teatro podem, e devem, ser legendados na língua nacional, para uma melhor compreensão do que se passa durante a acção e fora de cena.

Ainda nos recordamos que há dois anos assistimos em Bruxelas a um musical que tinha legendas bilingues, ou seja, o original era interpretado em Inglês e as legendas eram apresentadas em Francês e Neerlandês: duas das três línguas oficiais da Bélgica. Provavelmente esta técnica foi especialmente adoptada e aplicada devido ao facto de ser numa língua estrangeira, mas só o facto destas pessoas com necessidades específicas poderem assistir e compreender o espectáculo é um facto louvável.

Pensamos que isto ainda acontece em facto longe da televisão em Portugal, mas a televisão portuguesa começou a apostar na legendagem de noticiários com recurso a um sistema de reconhecimento automático de fala que transcreve para texto o áudio produzido nos telejornais, ou seja, transforma sons em palavras e em números escritos. Este sistema pretende cumprir com o serviço público a fim de promover o maior acesso destes cidadãos à informação.

Obviamente que a legendagem é desadequada nos casos de necessidades visuais especiais. Para o caso dos cegos e dos amblíopes, é claro que uma dobragem de um programa é muito mais apropriada. No entanto, e mediante a nossa experiência enquanto voluntários junto desta população, notamos que a dobragem deverá ser muito mais do que a substituição de um código por outro. Na realidade, deve haver uma descrição da imagem, que não está claramente a ser vista, tratando-se portanto não só de uma dobragem tal como a conhecemos, mas uma tradução adaptada àquelas necessidades específicas, sendo intralinguística e transcodificada, isto é, passa-se do símbolo visual para o auditivo. Não podemos deixar de lamentar que os serviços públicos de televisão ainda não tenham disponíveis estas ferramentas, que acabariam por ser uma variante tradutiva à legendagem que já existe, principalmente através do teletexto.

#### **6 – Conclusão**

Tendo em conta todas as premissas supracitadas, podemos concluir veementemente que a legendagem tem qualidades superiores à dobragem, tanto a nível do respeito pela obra original, como pelos custos, como pelas capacidades instrutivas que desenvolve nos aprendentes, jovens e adultos em geral, no que respeita à língua





materna, como a línguas estrangeiras que queiram e venham a aprender. O objecto de partida, o objecto de chegada, o método da técnica, o propósito e o processo da legendagem é mais positivo que a dobragem em toda a sua dimensão.

Desta forma, o processo da legendagem contribui favoravelmente para a co-existência das várias línguas mundiais e para a prática do multilinguismo, bem como o multiculturalismo e o respeito pelos costumes do próximo e do distante, numa perspectiva de tolerância e promoção da diferença. Num mundo globalizado como o nosso é nos dias de hoje e numa Europa unida cada vez mais, o papel da legendagem é incalculável na solidificação da democracia e na promoção das minorias e da preservação de qualquer língua.

Finalmente, gostaríamos de acrescentar que a cidadania se constrói com recurso à responsabilização dos indivíduos na sua inserção no sistema em que vivem. Os cidadãos devem ser críticos quanto à sua posição pessoal, individual e colectiva no conjunto em que são inseridos, com vista em melhorar o sistema, nas suas falhas mais visíveis de injustiça social.

Concluamos que a legendagem é geralmente positiva e a dobragem não tanto, pois aquela favorece a leitura, fornece a possibilidade de aprendizagem àqueles que estão a aprender a sua língua ou a praticar uma outra. Por todas estes motivos, afirmamos que a tradução é e será sempre uma ponte transcultural entre línguas e culturas. Num país como Portugal é, ainda bem que se optou prioritariamente pela legendagem, pois também incute nas crianças a vontade de aprender sempre, tendo em vista o aperfeiçoamento da sua literacia para que possamos continuar a promover a língua portuguesa como uma das línguas mais faladas e mais geoestrategicamente importantes no mundo.

#### Bibliografia

Broddason, Thorbjörn, *"The Instructional Value of Subtitles"*, Reikiavique, Islândia, 2006

Destak, fonte Lusa, edição de 18 de Março de 2008

Diário de Notícias, Edição em Papel de 7 de Março de 2008, acedido em 20 de Março de 2008, in [http://dn.sapo.pt/2008/03/07/media/rtp\\_lanca\\_legendagem\\_para\\_surdos\\_dir.html](http://dn.sapo.pt/2008/03/07/media/rtp_lanca_legendagem_para_surdos_dir.html)

Dias, Fátima, *"Special Features – Some Basics on Audiovisual Translation"*, The British Council, 2006.

Filipe, Vera Lúcia, <http://www.diario-online.com/noticia.php?refnoticia=34796>, acedido em 20 de Março de 2008.

Horacek, David, *"Radiopraha"*, 2004, in <http://www.radio.cz/en/article/56333>, acedido na versão francesa <http://essecrive.com/cinema/histoires-du-cinema/les-arts-du-cinema/doublage-et-sous-titrage.htm> em 20 de Março de 2008.

Malik, Martin, *"Radiopraha"*, 2004, in <http://www.radio.cz/en/article/56333>, acedido na versão francesa <http://essecrive.com/cinema/histoires-du-cinema/les-arts-du-cinema/doublage-et-sous-titrage.htm> em 20 de Março de 2008.

Ribeiro, Ricardo, fórum

<http://foruns.dvdmania.co.pt/viewtopic.php?t=19133&start=0&sid=9e27e802fafbccc6f26aae5d53a19026>, acedido em 20 de Março de 2008.

Soares, Danielle, sítio Ideias [www.abrates.com.br](http://www.abrates.com.br) in <http://wsl.cemed.ua.pt/blogs/36472/>, acedido em 20 de Março de 2008.

---

## 15) ILYANA CHALAKOVA IVANOVA

Ilyana Chalakova Ivanova é Mestre de Ciências da Tradução e Licenciada em filologia estrangeira.

✍ **Áreas de interesse:** Escrita feminina de expressão portuguesa; literaturas pós-coloniais de expressão portuguesa; literatura marginal portuguesa; o texto dramático em português e presentes e possíveis relações intertextuais com autores italianos; transferências culturais por meio da tradução.

✍ **Publicações principais:** "Níveis de construção do contraste na escrita feminina de Paulina Chiziane. Dicotomias presentes e possíveis", in *Actas do Colóquio Internacional de 15 Anos de Filologia Portuguesa na Universidade de Sófia "St. Kliment Ohridski"*, Novembro de 2007.

### SEDUTIVIDADE NAS ESTRATÉGIAS DE TITULARIZAÇÃO NA OBRA DE JOÃO DE MELO. TRADUZIBILIDADES POSSÍVEIS NUM CONTEXTO ESLAVO

Ilyana Chalakova Ivanova, Universidade de Sófia "St. Kliment Ohridski"

O presente trabalho insere-se na área da investigação a textos pertencentes à literatura portuguesa do ponto de vista do processo de tradução com o fim de lançar pontes de ligação entre uma cultura ibérica e outra eslava. Nesta tarefa de aproximar povos e culturas o trabalho discute problemas da presente e possível tradução da obra de João de Melo para uma língua eslava – o búlgaro. A investigação põe em foco as questões da *traduzibilidade* e *não-traduzibilidade* do título como um dos paratextos da obra.

Por meio de uma análise de todo o corpus dos livros do autor, o trabalho primeiro tenta sistematizar as diferentes estratégias na intitulação da obra, bem como definir e discutir a força sedutiva que as mesmas exercem sobre a capacidade de recepção estética do leitor. Numa segunda fase, a investigação faz proposta, debate e avalia várias possibilidades de aplicação de procedimentos no processo da tradução, com o objectivo de obter uma variante adequada para o funcionamento dos livros, junto com os seus títulos, no contexto cultural búlgaro.

Neste sentido, o trabalho dialoga com o proposto debate da identidade lusófona açoriana no que se refere às suas formas de expressão artística e aproximação do consumidor da arte, e, ao mesmo tempo, insere-se na discussão da tradução como uma forma de divulgação cultural.

#### 1. O exótico na proposta de tradução

Por muitos livros portugueses que já se tenham traduzido para o búlgaro, todas as propostas de



tradução de obras de autores desse país continuam a representar o *acordar* da literatura portuguesa para uma vida num espaço cultural eslavo dotado de características quão próximas tão diferentes do espaço primordial. Nesse sentido, a proposta de tradução de autores portugueses põe o foco sobre uma nova era no interesse literário do público búlgaro – a era da atracção pelo exótico.

A proposta de tradução de autores portugueses no contexto cultural búlgaro, só por si, é uma demonstração de como cada vez mais vozes, até ao actual momento distantes, quase incompreensíveis nas especificidades marcantes, e sufocadas de preconceitos de cariz racial, sexual ou colonial, são descobertas, estudadas e divulgadas. Nesse processo os autores marginais ou marginalizados pela força que os tradicionalistas exercem sobre o espaço cultural no respectivo país, começam a aproximar-se do centro que, por sua vez, se desdobra num novo centro múltiplo e a literatura torna-se polifónica. Nas sociedades contemporâneas a que pertencemos e onde as economias nos arrastam para uma globalização cada vez mais agressiva, a arte pluraliza-se por meio de uma visão omniabrangente e multicultural, na qual o outro deixa de ser considerado um exotismo distante. Este facto constitui um dos pontos mais fortes da proposta de tradução de autores portugueses para o búlgaro: como pertencentes a um país distante de tradições e mentalidades (à primeira vista) bastante diferentes e a uma literatura de cânone significativamente diferente do da literatura búlgara, os autores portugueses, para o consumidor da arte na Bulgária, inserem-se sem qualquer hesitação na sua noção do exótico. Assim, a tradução tem a capacidade de tirar para fora da esfera do exótico o autor português tornando o *outro* que se lhe contém dentro mais próximo e mostrando como mentalidades são diferentes somente à superfície. Outro ponto forte é a possibilidade, através da tradução, de serem discutidos problemas da carga temática da obra dos autores portugueses num contexto social onde a versão original da sua produção literária é acessível unicamente para os representantes dos limitados círculos de professores-investigadores e estudantes nos poucos departamentos que se dedicam ao ensino-aprendizagem do português. A tradução nesse caso fará possível a comparação e a subsequente afirmação da existência de muitas zonas de contacto entre os problemas discutidos nas obras dos autores portugueses e as maneiras de recepção da realidade pelos leitores búlgaros.

Em suma, o encontro do leitor búlgaro, na sua função de simples consumidor de arte ou de investigador, com os exemplos da escrita criativa em português só é possível na zona do entrecruzamento das culturas onde é preciso sentir-se parte das duas culturas, tentar compreendê-las e ter confiança no pluriculturalismo. Tal encontro na zona de contacto entre as culturas é intermediado pela tradução, com a ajuda do tradutor que traduz entre mundos.

Quer dizer que, no sentido das concepções dos estudos culturais, a tradução afirma-se primeiramente com a sua função mediática. A mediação opera-se a diferentes níveis, claro está, e faz com que surjam as condições necessárias de partir para o debate da identidade, seja esta lusófona, açoriana, lusófona-açoriana ou eslava e búlgara. A tradução pressupõe a expansão do conhecimento da identidade a seguir desse debate e leva à aproximação imediata dos povos e das culturas. Intercâmbio de experiências e vivências, troca de emoções, partilha de mundividências, convívio cultural são as palavras-chave no processo da tradução.

No caso concreto da lusofonia e do presente trabalho, o método tradutivo de transferência de conteúdos culturais leva à construção de um espaço onde a língua e cultura portuguesa se conjuga com outra comunidade cultural, histórica e linguística, eslava – o búlgaro. A tradução como forma de divulgação cultural, portanto, levará a lusofonia, em geral, e os Açores, concretamente, ao mundo da percepção búlgara. Tal encaixamento dum exemplo de obra literária portuguesa e açoriana no contexto cultural búlgaro, trabalhará, no que se refere ao exótico, para superar os preconceitos, os medos e as cobardias, as circunstâncias opressivas, a estranheza deconstrutiva do olhar crítico do leitor, e deixará que vença a aproximação entre as sensibilidades humanas por muito variadas que sejam.

### 1.1. O exotismo e a função sedutiva exercida pelo estranho

Um exemplo específico de sensibilidade humana é o caso da escrita criativa de João de Melo. Sendo português e açoriano, ele junta-se indiscutivelmente às propostas exóticas de leitura do ponto de vista do contexto cultural búlgaro. Umas breves referências à obra dele porém fazem com que este exotismo se aproxime das práticas comuns de recepção literária na Bulgária e que seja possível, por meio dessa mesma aproximação, o exercício da força sedutiva do conteúdo temático e particularidades estéticas do autor.

As breves referências esboçam a rede de várias linhas básicas, capazes de moldar o quadro da obra de Melo. Partindo da identidade açoriana de nascença do autor, chega-se a uma explicação possível do seu imaginário específico e consciência crítica. A infância vivida na terra açoriana surge como experiência extremamente forte. Daí o potencial de gerar muitos momentos de retratação do universo primordial e mágico das comunidades rurais açorianas, levando à construção dentro dos seus livros de um espaço ancestral e mitificado, na interpretação de Álvaro Manuel Machado (1996: 307-308). Dessa maneira é que Melo escapa à paisagem citadina tão característica dos autores portugueses, ou pelo menos, da maioria deles traduzida para o búlgaro.

Os efeitos combinatórios da memória reprodutiva e, ao mesmo tempo e sobretudo, produtiva de Melo vem condicionada pela força da imaginação dentro do processo de conhecimento do real e da passagem da experiência vivida para a escrita. São práticas elaboradas nos anos de publicações nos principais periódicos dos Açores e da participação no movimento literário **Glacial** considerado ponto de passagem da geração dos novos escritores e poetas açorianos, afinal anos marcados pela discussão da identidade açoriana e os problemas da afirmação dessa mesma.

Do ponto de vista do contexto literário nacional, Melo inscreve-se na geração de ficcionistas de pós-25 de Abril que trouxe para o espaço da literatura a vivência no sentido individual e colectivo do processo da Revolução. No entanto, Melo diferencia-se dessa geração abrindo perspectivas para novas temáticas e por conseguinte enriquecendo o imaginário da literatura portuguesa. Ele fez incursão em quase todos os géneros literários – publicou poesia, crónica, literatura de viagem, antologias, ensaio, crítica literária, mas distinguiu-se



sobretudo no romance e no conto. Afirmou-se como escritor de vasto universo ficcional, fundamentado na experiência açoriana, nas vivências do seminário e na guerra colonial como pontos principais. O *andaime* construído por estes temas básicos serviu de partida para a discussão das questões do sofrimento dos humilhados e ofendidos, da solidão, da vulnerabilidade humana, da solidariedade, do humanismo, do amor, da morte, da terra natal como símbolo de uma infância mitificada e perdida, da mulher como arquétipo de mistério e ambivalência entre o bem e o mal. Vêm a seguir as reflexões sobre a questão profissional, a problemática conjugal, o imaginário feminino. A obra dele é espaço de denúncia, acusações e desmitificações com toda a força de uma personalidade que acredita nos sentimentos e nas paixões. São os pontos de referência de que se nutre a escrita de Melo, dotada de extraordinária dimensão elegíaca, rigor e concisão da linguagem.

As reflexões dos temas propostos partem para uma viagem ensimesmada até ao mais profundo íntimo à procura da identidade do indivíduo. Encontrar-se consigo mesmo, sentir-se completo, atingir a “metamorfose espiritual” (Melo: 2006, 283) apresentam-se afinal como uma forma de autocritica da situação contemporânea, conseguida com muita ironia e conduzindo, em certos sentidos, para a própria diluição da identidade. A construção da metamorfose é feita no contexto de um universo fantástico na obra de Melo. A influência estrangeira do realismo fantástico ou mágico projecta-se em numerosos actos inverosímeis sempre acompanhando a viagem para o íntimo, cujo princípio e fim são muitas vezes indistintos. O fantástico na produção literária de Melo conjuga o macabro e o horror, as crenças populares acerca dos vivos e dos mortos, imagens de terror levando à destruição, degeneração e decadência. E tudo isso acrescido por uma sensibilidade apocalíptica, por uma imagética dilacerante, exibidas na retórica luxuriante de uma linguagem simbólica e poética, e ao mesmo temposarcástica.

Como extremamente interessante do ponto de vista não só da leitura amadora mas também da interpretação literária profissional, afirma-se a intertextualidade, a capacidade de estabelecer níveis de relacionamento com outros textos literários ou textos e fenómenos extra literários da obra de Melo. Essa mesma intertextualidade será tomada como ponto de partida, mais à frente no presente trabalho, na parte do comentário das principais características do processo de intitulação das obras do autor. Dentro do contexto da intertextualidade insere-se também o problema da percepção, interpretação e transposição para o espaço da escrita criativa do problema da fronteira. Nesse sentido, a obra de Melo, com a especial atenção sobre **O Mar de Madrid**, propõe o debate do limite e da passagem de um espaço ou espaço-língua para outro, do distanciar e diferenciar, da incompatibilidade entre as culturas, da contraposição de universos, até à construção da estranheza linguística e cultural. É neste ponto que a obra de Melo pode ser encaixada na discussão da identidade, os seus modos de afirmação, diferenciação e ao mesmo tempo encontro com o “outro” na zona da passagem de um espaço linguístico-cultural para outro, passagem assegurada pela tradução.

## 2. Abordagem através do título

O texto literário, como o próprio exemplo da obra de João de Melo no contexto das específicas apresentadas até aqui mostra, mantém relações explícitas com o real material, com o real social e histórico, com as ideologias, com os sistemas de crenças e convicções do espaço extra textual. Como Aguiar e Silva sublinha (2004: 189-192), tanto semântica como pragmática e sintacticamente, o texto literário só pode ser produzido e só pode ser lido e interpretado, porque o contexto e o co-texto são radicalmente indissociáveis, porque funcionam, numa determinada sociedade, porque são sistema sógnico que manifesta e gera a cultura dessa sociedade possibilitando a produção dos textos dessa cultura.

O conjunto das obras de um dado autor, independentemente da relativa autonomia das unidades textuais ou do grau maior ou menor de homogeneidade semântica e formal que manifestam, apresenta determinados caracteres temáticos e formais, uma disposição tipológica e outra cronológica que tornam justificável que se fale, a seu respeito, de macro texto. Fique lembrado que o macro texto se explica pela combinação de elementos temáticos e/ou formais, tendo em consideração que, nesse caso, os exemplos literários constituintes não perdem as suas características de identidades textuais autónomas, mas simplesmente funcionam numa maneira informativamente indissociável das restantes entidades textuais, quer dizer que o significado de uma pode pressupor ou modificar o significado de outra.

### 2.1. O paratexto como chave para racionalizar a leitura

Existem várias maneiras de abordar um texto literário, ou melhor, o conjunto das obras de um dado autor, vistas como um macro texto. O modo imediato de abrir para uma leitura é através da percepção do título. O último define-se por *paratexto* de acordo com a terminologia introduzida por Gérard Genette (1987: 7). Considerado como designação do conjunto de mensagens e sinais, da responsabilidade do autor, do editor ou terceiros, que acompanha materialmente o texto enquanto livro, o paratexto compreende elementos como títulos, prefácios, prolóquios, avisos ao leitor, dedicatórias, epígrafes, notas, etc. São todos esses elementos que acompanham a leitura fazendo com que as condições em que a última se desenvolve se tornem mais próximas das sensibilidades que conceberam a escrita.

### 2.2. O título como paratexto e o processo da intitulação

Sem dúvida o principal de entre os elementos compreendidos no termo *paratexto* é o título. Ficando fisicamente à frente do texto, o título nomeia o texto, engloba todo o significado ou significados do mesmo, identifica-se com o texto. Mesmo que antecipe o texto, o título funciona antes, durante e depois do texto, tomando em consideração o facto que acompanha todas as fases da leitura. Quanto ao relacionamento com o conteúdo temático, o título representa redução do grande ao pequeno, adensamento, concentração. O último é válido tanto para o autor da obra que inventa o título, como para o leitor que o recebe. É por isso que Krjijanovski (1997: 20-39) define o título como *livro in restricto*, enquanto o livro é considerado *título in extenso*.

Se bem que seja limitado no espaço, o título é o principal responsável pelo direccionamento da leitura. O título é o intermediário entre o autor e o leitor, bem como entre o texto, por si só, e o leitor. A posição do título como antecipador do texto atribui-lhe funções complementares. Sendo colocado antes do texto, o título



apresenta o texto e sugere expectativas acerca do mesmo. É nesse caso que o título entra na função de sedutor, cuja tarefa principal é atrair o potencial leitor para que ele efectue o acto da leitura. Numa fase posterior, já dentro da leitura, as expectativas criadas pelo título entram em diálogo com o próprio texto. Desde o princípio até ao fim da leitura, o leitor inevitavelmente regressa ao título, procurando explicação da escolha da intitulação. A interpretação do título continua também depois da leitura num processo retroactivo.

O estudo das funções do título e a sua posição relativamente ao texto, como Protohristova (2003: 253-279) sublinha, hoje em dia continua a ser um vazio de tamanho considerável. Entretanto, é extremamente importante e necessário que o texto ou o macro texto literário seja discutido através da perspectiva deste método, à primeira vista auxiliar, que é a prática da intitulação, sobretudo quando tomado em consideração o facto que junto com o título para a superfície vai toda a realidade paraliterária. Resumidamente, a interpretação literária não se pode privar de prestar atenção ao título que não deixa de representar um elemento significativo do texto literário, contendo uma quantidade considerável de informação em forma extremamente concentrada, informação esta que dialoga com a obra literária, bem como com as orientações estéticas do momento histórico concreto em que a última se insere.

Todo este vasto conteúdo e funções significativas do título explica a necessidade de uma análise aprofundada do processo de intitulação do texto literário. A mesma análise, como será mostrado mais à frente, sempre pode e deve ser estendida ao macro texto da obra completa do autor, a fim de serem sistematizadas e comentadas práticas concretas de intitulação particular. É uma tarefa nada fácil quando se procede com a consciência de que na zona específica do título se dão encontro dois tipos de códigos: uns literários que produzem e regulam o texto, e outros sociais que condicionam o funcionamento dos textos. Isto não quer dizer que as observações acerca das práticas de intitulação e discussões dos modelos propostos de poética e retórica do título sejam impossíveis. É preciso também não esquecer interpretar o título na perspectiva do seu potencial hermenêutico.

A tentativa de sistematizar toda a multiplicidade dos títulos explica-se pela necessidade de estabelecer orientações dominantes que, por sua vez, sejam capazes de serem analisadas na perspectiva do seu sintomatismo. Por meio dessa análise será possível traçar o caminho da evolução nas práticas de intitulação, indo sempre buscar o carácter das inquietações espirituais ou o estilo dominante em cada época.

De acordo com este critério histórico de análise, as práticas de intitulação mostram uma grande variedade, indo da fórmula informativo-esclarecedora característica da antiguidade até à escolha consciente nas orientações pós-clássicas. A afirmação da escolha consciente no processo da intitulação é relacionada com a passagem para o tipo reflexivo de cultura, na qual a adopção de autoconsciência pelo autor, mesmo que esta seja subordinada a um sistema de regras rigorosamente estipuladas, manifesta a própria individualidade. Aqui uma das possibilidades de demonstrar a própria força da vontade é através da escolha do título. O último começa a ser associado cada vez mais às maneiras de estabelecer a pertença da obra literária à autoria do autor concreto. É aqui que a relação entre o título e o conteúdo literário se torna obrigatória, restringindo a possibilidade de intitulações casuais ou alternativas. Isto é, o título começa a funcionar como imagem da obra literária, como equivalência da sua unidade e perfeição. É o momento da instituição dos títulos de autor.

Com a aparição da imprensa dá-se a passagem da percepção do livro como concentrador de conteúdo intelectual para mercadoria. A partir desse momento é que o nome do autor e o título da obra começam a funcionar como marca comercial, começa a ser afirmada a função sedutiva e o marketing literário ao nível das práticas de intitulação. As novas tarefas atribuídas ao título são cruciais: o título torna-se responsável pela legitimação do texto literário com a obrigação de suscitar o interesse do potencial leitor, de facilitar a recepção da obra, de estruturar os pensamentos que se lhe contêm dentro, de assegurar a presença do código no qual a obra deve ser lida e interpretada, afinal do título exigem também que seja reconhecível. Ao mesmo tempo as práticas de intitulação tornam-se cada vez mais individualistas com o aparecimento de muitos títulos auto referencias.

Tendências que se afirmam a seguir são a invenção de fórmulas de designação que sublinham a autenticidade das narrativas apresentadas, nomeadamente a criação de títulos a partir de *a historia*, *as memórias*, *as aventuras*, *a vida de*. Todos estes aludem para uma pseudo-história ou pseudobiografia. É preciso sublinhar entre as tendências também o movimento progressivo da forma explicativa para a forma abstracta dos títulos, bem como o aparecimento de títulos-dicotomias e a afirmação da extensão mais reduzida e afinal a forma mais compacta do título.

O período antitradicionalista já na época moderna abre o caminho para a escolha de títulos de funcionamento intertextual. É importante sublinhar que as características intertextuais dos títulos pela primeira vez começam a sair fora do próprio terreno da tradição literária. As práticas de intitulação na época moderna muitas vezes são orientadas para temas tradicionais ou mitos literários que, levados para o espaço do título, submetem-se a uma conceptualização completamente nova dentro da obra. Dá-se especial preferência aos títulos-citações, títulos-símbolos, ao uso de metáforas dominantes que servem de centro significativo do texto literário. No período antitradicionalista, como é de esperar, a escolha de autor é fortemente acentuada. A forma mais característica deste procedimento criativo consiste na reconsideração activa da tradição, introduzida por meio do título e ajudada por manifestações de intertextualidade irónica de diferentes tipos. O carácter intertextual dos títulos-citações sobretudo, forma a consciência da construção de uma noção-expectativa (Protohristova 2003: 276) na perspectiva imaginária do pré-texto que inevitavelmente entra em comparação geradora de sentido com o texto literário. Uma das manifestações mais fortes de intertextualidade na intitulação, característica da época moderna, é o título-autocitação, previamente funcional somente na área da poesia e transferido agora para o espaço da prosa. A força da sedutividade deste tipo de títulos-citações e autocitações contém-se sobretudo no seu carácter enigmático.

As práticas de intitulação, sobretudo aquelas actuais, representativas das reflexões pós-modernas, ficam fechadas dentro dos limites da virtuosidade complexa, do jogo intertextual paródico, desenhando novas orientações sintomáticas acerca dos movimentos no pensamento da literatura, do livro e da leitura no contexto de crise na contemporaneidade.





### 3. O exemplo intitutivo de João de Melo

Muitas das práticas de intitulação anteriormente expostas confirmar-se-ão quanto ao exemplo intitutivo que representa a obra de João de Melo. Isto quer simplesmente dizer que o autor não difere das tendências nas práticas definidas tanto para o contexto moderno de produção literária como para certos fenómenos específicos de outras épocas.

Partindo de **Gente Feliz com Lágrimas**, que aliás é o único romance do autor traduzido para o búlgaro, logo sai à vista a forma compacta do título, assinalada como uma das características da época moderna no ponto anterior. O compacto do título porém entra irremediavelmente em contraste com o narrativa de estrutura complexa e carácter polifónico da obra. O romance representa verdadeira viagem ao fundo da memória de uma infância dramática (Machado 1996: 307), contando a história de uma família açoriana que pode com sucesso ser interpretada como a história de um povo ou da própria experiência humana. Esta universalidade é alcançada através da transcendência do tempo e do espaço vividos, bem como pela dimensão lírica da linguagem por meio da qual o texto atinge a dimensão estética.

A atracção imediata para o espaço controverso da existência humana onde se entrecruzam felicidade e sofrimento, exercida pelo título, conta com uma estrutura nominal oximorónica responsável pela introdução do debate existencial. Mesmo que não seja título da fórmula dicotómica, **Gente Feliz com Lágrimas**, através da função opositiva do oximoro, já condiciona para uma percepção do contraste agudo e doloroso nas vivências relatadas na narrativa. A tradução búlgara que funciona no respectivo contexto cultural eslavo de há já oito anos atrás, conserva a mesma força opositiva do título na variante ???????? ???? ??? ?????. Se bem que seja conseguido o momento crucial opositivo, a versão apresenta-se incompleta do ponto de vista do funcionamento em búlgaro do sintagma “com lágrimas”, que para ser completo, precisa inevitavelmente da continuação “nos olhos” – “?? ???”.

Conservando mais um bocado a atenção sobre o caso de **Gente Feliz com Lágrimas**, vale a pena assinalar certa retrospectiva na estratégia de intitulação quanto aos subtítulos das partes constituintes do romance. Regista-se uma regressão das características de intitulação modernas para um momento passado para o qual eram válidas as estruturas do tipo “livro”, ou melhor “livro de”. Sendo uma fórmula muito estável característica do período do tradicionalismo reflexivo, esta estratégia de intitulação estabelece forte relacionamento com a camada meta literária que se contém dentro do texto literário. Deste ponto de vista, isto é, no que se refere ao conteúdo significativo e o seu relacionamento com circunstâncias meta literárias, merecem ser destacados **Livro Primeiro** e **Livro Quarto** de **Gente Feliz com Lágrimas**, testemunhos pungentes de cenas pateticamente realistas e reveladores de admirável sensibilidade no registo da psicologia feminina, respectivamente.

Semelhantes alusões intitutivas de fórmulas características de outras épocas, diferentes da moderna, manifestam também o romance **A Memória de Ver Matar e Morrer** e os contos **Histórias da Resistência**. Própria do período pré-reflexivo, a construção “história(s) de” sugere imediatamente para a autenticidade do relato. O momento da auto narrativa, do auto-relato, ou em certas ocasiões, como aliás foi exposto, pseudo-autobiografia, de **A Memória de Ver Matar e Morrer** insere-se na mesma perspectiva da autenticidade sublinhada. Esta, por sua vez, é uma maneira extremamente funcional no que se refere à atracção da atenção do leitor, contando sempre com a sinceridade partilhada. Ao passo que a possível tradução para o búlgaro de **Histórias da Resistência** (??????? ?? ??????????) pode ser conseguida sem qualquer sobressalto quase feita à letra, o caso de **A Memória de Ver Matar e Morrer** apresenta uma dificuldade principal relativa à estrutura “ver matar e morrer”. Uma possibilidade de resolver tal dificuldade é a aplicação do método da transformação por partes do discurso, trocando a fórmula verbal por uma estrutura incluindo o respectivo participio passado combinado com dois substantivos. Em resultado poderá ser proposta uma variante em búlgaro do tipo ???????? ?? ???????? ???????? ? ??????

A proposta troca por partes do discurso leva a análise das estratégias de intitulação na obra de João de Melo para a seguinte observação: na sua maioria, os títulos do autor contêm elementos nominativos dando preferência aos nomes comuns em lugar dos próprios. Mesmo assim, **O Homem Suspenso** e **As Manhãs Rosadas** servem como exemplos de excepções nesta linha de conclusões, bem como **Açores, o Segredo das Ilhas** onde é usado um dos únicos dois topónimos<sup>75</sup>. Seja do ponto de vista da tradução, como do da percepção, ao nível da interpretação apresentam curiosidade o participio passado “suspenso” e o adjectivo “rosadas”. Existem várias possibilidades significativas, todas no mesmo campo semântico claro, de transferir o primeiro exemplo para o búlgaro. Uma e outras porém seriam sempre questão de interpretação e percepção sensacional estritamente individual. No caso de “rosadas”, por outro lado, surge em búlgaro uma oportunidade interessante de introduzir um participio presente muito expressivo que dialogará com sucesso com o corpo significativo do texto acentuando o ritmo calmo e progressivo do processo narrativo.

O fantástico, como um dos traços distintivos da obra de João de Melo, vem explicitamente anunciado nos títulos **Autópsia de um Mar de Ruínas**, **Entre Pássaro e Anjo**, **Navegação da Terra**, **O Mar de Madrid** e **A Nuvem no Olhar**. Em todos estes exemplos a atracção sobre o leitor é exercida ou por meio do mágico, ou por meio simplesmente do abstracto com a ajuda do metafórico. Como pode ser feita e quais os resultados duma autópsia de mar, qual o plano fictício em que este está situado, existe ou não e o que é aquilo assemelhado simultaneamente a pássaro e anjo, qual a maneira de navegar na terra, como pode e que espaço é capaz de ocupar um mar na capital espanhola, qual o tamanho e o sentido da nuvem no olhar, são umas das perguntas que surgem logo depois de se deparar com os respectivos títulos. A sua principal tarefa, neste caso e em função com as considerações atribuídas pela análise das práticas modernas de intitulação, é desafiar o potencial leitor para uma leitura no contexto do extremo mágico ou do abstracto.

O problema do fantástico e o processo da sua construção no texto literário surge com toda a força na

<sup>75</sup> O outro pertence ao título do romance **O Mar de Madrid**.





interpretação de **O Meu Mundo Não É Deste Reino**. Este aliás é o título que se apresenta como um dos momentos mais interessantes da análise. A opção pela modalidade do fantástico parece constituir-se como um desafio aos limites que são normalmente impostos para a leitura do real, procurando indagar um mundo cuja existência estará para além dos limites do possível. Quer dizer, o romance afirma-se como uma narrativa que quebra permanentemente os limites do universo considerado como possível. O mundo de construção exclusivamente fantástica do romance é introduzido logo pelo título que é bastante sugestivo e já indicia o carácter estranho e transgressor que atinge todos os níveis da narrativa. Tempo e espaço são estranhados para serem recuperados na sua dimensão mítica. O eixo central do romance refere outra vez à identidade açoriana como é constituído pela gente das ilhas. Suas misérias, sofrimentos, tradições e superstições são relatados ao longo da narrativa numa linguagem transfiguradora em que se misturam o real concreto e o real imaginário. No entanto, como o próprio autor afirma, o momento fantástico pode ser encarado como enraizado na própria realidade étnico-cultural da população açoriana. A retórica luxuriante da acumulação gera no texto e, consequentemente, no leitor que sobrevive à leitura, a sensação de um sistema esgotado, em ruptura, em que o caos se instala, caos inicial ou final, uma sociedade esgotada que urge ajudar a consciencializar. O texto desafia a capacidade sensitiva do homem por consciencializar a desmesura, o terror suscitado, as imagens que anunciam o fim ou ambigualmente o ponto de partida. Ambiguidade essa de um sistema construído à beira do fim ou anunciando já o nascimento de um novo sistema a partir da dissipação do existente. Tal sensibilidade perante o mundo construído é reveladora de uma confiança na renovação, na medida em que o fim parece anunciar o princípio de uma nova era (Gonçalves 2002: 2).

Na sua variante de título-citação, **O Meu Mundo Não É Deste Reino** coloca o leitor perante um cliché clássico do discurso evangélico que atribui a sentença “O Meu Reino não é deste mundo” à figura de Jesus Cristo, quando colocado perante o tribunal romano, segundo vem relatado no Evangelho segundo São João. Ao citar o texto bíblico, João de Melo subverte-o, obrigando o leitor a um esforço de transposição. Opera-se um trocadilho que importa questionar enquanto objecto de intenção significativa.

Os elementos com os quais é conseguido o trocadilho são reino e mundo. O enunciado que Melo constrói porém altera os dados e subverte o texto evangélico, negando um Reino promissor e centrando a atenção não no Reino, mas no mundo concreto. Por outro lado, o trocadilho é gerador de ambiguidade e o leitor poderá ler o enunciado à luz do complemento metafórico se mundo se circunscrever à vivência insular do enunciadador e Reino remeter para o mundo exterior a essa vivência, onde a vida parece estar submetida a uma ordem diferente e menos humilhante. Neste sentido, o cruzamento com o texto do Evangelho obriga à construção de uma inferência implícita do discurso. O mundo da vivência insular é percebido como sub-mundo e o mundo exterior assume proporções desse reino messiânico de que fala o texto bíblico. O leitor fica assim condicionado desde logo para um encontro com um mundo afastado de um universo ideal.

O título é pois a primeira indicação de uma subversão através da qual se põe em causa a verdade evangélica. Desde as primeiras páginas do romance que o leitor se sente mergulhado num universo que ora remete para as origens, ora remate para o anúncio dos fins, construindo uma noção esmagadora de que entre princípio e fim não parece haver ou ter havido nada. A própria construção temporal, onde está ausente uma sequência cadenciada, com constantes avanços e recuos, transpõe o leitor para um tempo em que passado, presente e futuro parecem fazer parte do mesmo retrato onde acontecimentos são lavrados indistintamente, como se nada fosse sujeito a evolução.

Toda esta concepção introduzida pelo título, mesmo pertencente ao grupo dos assim chamados títulos-citações, manifesta outras características específicas, como capacidade distorciva. É necessário sublinhar que a manifestação da intertextualidade irónica por meio do título em **O Meu Mundo Não É Deste Reino** não funciona simplesmente ao nível da citação absoluta, mas mais precisamente funciona ao nível da citação parafraseada, sendo através da paráfrase que se consegue o efeito sarcástico. A paráfrase porém não dificulta a possível tradução do título que se verá realizada na variante na citação no texto bíblico em búlgaro onde os elementos constituintes somente serão conjugados da maneira oposta à do original que foi proposta pelo autor. Tenha-se em consideração o facto, entretanto, que na tradução da palavra “reino”, mesmo existindo duas variantes significativamente iguais – “reino” e “reino”, – mas funcionando em contextos culturais diferentes – um ocidental e outro oriental, – terá de se optar pela variante oriental, sendo essa a funcional não só na tradução búlgara do texto bíblico, mas também na globalidade do contexto cultural na Bulgária.

Um caso extremamente desafiador do ponto de vista da tradução para o búlgaro representa o título dos contos **Bem-Aventuranças**, onde em funcionamento de entrada a capacidade forte de invenção criativa tão própria das práticas de intitulação modernas. É neste caso que a tradução conta muito com as capacidades geradoras da língua e especialmente com a riqueza da mundividência e capacidade interpretativa e inventiva do tradutor. O processo inventivo, analisador e conclusivo resultará na escolha de uma versão do género “bem-aventuranças”.

#### 4. Níveis de sedutividade dentro das estratégias de intitulação de João de Melo

Já se viu até aqui como a capacidade sedutiva, só por si, é baseada na função intermediária do título, na preparação para a percepção da arte, na proposta prévia de parâmetros valorosos, na retórica manifestada no encadeamento texto-leitor. Elementos extra textuais que acompanham o processo da sedução pelo título são a fonte, o tamanho e a cor das letras.

Sem dúvida que a capacidade inventiva manifestada logo na abertura do texto literário representa um dos pontos mais fortes de sedução, como é o caso de **Bem-Aventuranças** de João de Melo. A sedutividade no que diz respeito ao título da produção literária vai porém por mais caminhos diversificados no contexto da obra do autor. A autenticidade estabelecida por meio de fórmulas como “memórias” ou “histórias” é garantia para proximidade com o leitor no momento da escolha durante o período da pré-leitura e mais tarde no início do próprio acto da leitura. O abstracto, o fantástico, o mágico e irracional que se contém nos títulos de Melo são outro nível de sedução que pertence não só ao título enquanto paratexto, mas também ao corpo narrativo dos



textos. É importante destacar também a sedutividade ao nível do léxico, onde à parte da já referida invenção lexical em **Bem-Aventuranças**, vale a pena mencionar a preferência por palavras do campo semântico do mar, sobretudo, e do ar (por meio de **Entre Pássaro e Anjo** e **A Nuvem no Olhar**). Estes vocábulos parecem responsáveis pela tarefa de levar o leitor para o espaço aberto, deixando-lhe a sensação de liberdade, de possibilidade de livre reflexão e interpretação do mundo em geral. A intertextualidade introduzida pela citação bíblica, por sua vez, convida para uma nova e diferente leitura deste discurso no contexto da contradição dos acontecimentos na época pós-moderna.

Resulta que, por muito diferentes linguisticamente que sejam a língua portuguesa e a búlgara, e por muito fortes que sejam as especificidades dos dois contextos culturais, existem possibilidades consideráveis para o sucesso da transferência do conteúdo cultural que os títulos da obra de Melo apresentam. Mais ainda, é fortemente possível que junto com a dita transferência do conteúdo se faça a assim procurada conservação da sedutividade nas estratégias de intitulação.

### 5. Considerações finais

Sendo o título, como já vimos, um paratexto e reconhecendo-se à dinâmica paratextual a feição condutora do leitor no seu exercício de leitura entendida como procura de um sentido a atribuir ao texto, é obrigatório que se exerça uma actividade de questionação acerca da selectividade do título. No caso concreto da produção literária de João de Melo esta selectividade apresenta estratégias relativamente bem definidas e uma preferência específica pela semântica dos vocábulos escolhidos. A selectividade do título no exemplo literário de Melo é simultaneamente produto e produtora de noções e sensações de limitação e abertura, insularidade, açorianidade. A identidade açoriana de nascença muitas vezes vê-se reproduzida com a intenção de discutir a questão da insularidade espiritual humana, bem como aquela cultural. Neste sentido, a obra de João de Melo, como um todo, e os títulos com os quais desafia, em concreto, pode ser considerada como produtora de efeitos ópticos de olhar sobre a realidade, efeitos semelhantes aos jogos de espelhos, o prazer pelos quais o leitor é convidado a partilhar.

### Referências bibliográficas

1. Aguiar e Silva, V.M. (2004) *Teoria e Metodologia Literárias*: Universidade Aberta.
2. Genette, G. (1987) *Seuils*: Paris.
3. Gonçalves, H.M. (2002) *A Construção do Fantástico em O Meu Mundo Não É Deste Reino* de João de Melo, in V Encontros Internacionais de Reflexão e Investigação, no Departamento de Letras da UTAD, disponível em [alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/zips/henriqueta01.rtf](http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/zips/henriqueta01.rtf).
4. Machado, A.M. (1996) *Dicionário de Literatura Portuguesa*: Editorial Presença.
5. Melo, J. de (2006) *O Mar de Madrid*: Publicações Dom Quixote.
6. ?????????? ??. (1997) "???? ???? ???? ??????" in ??? ? ?????????? 5-6, 20-39.
7. ?????????????, ?. (2003) "???????? ? ? ????????????? ? ? ????????? ? ? ????????????????? ? ??????????" in ?????????????, ?. ????????????????? ????????? ??. ????????????????? ??????????, ? ?????, ????. ??????: ?????.

## 16) INEZ GARBUIO PERALTA

**Inez Garbuio Peralta** é Bacharel e licenciada em História – USP – 1968, Bacharel e licenciada em Pedagogia – UNIB – 1981, Mestre em História Social – USP – 1971, Doutora em História Econômica – USP – 1980

✍ Professora de História da América Latina (séc. XIX e XX) FFLCH USP desde 1971

✍ Professora de História do Brasil – UNIB – 1976/83

✍ Professora de Cultura Brasileira – IUP-SP – 1976/79

✍ Professora da Faculdade Interlagos 1998/2005

✍ Diretora de Graduação, Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade Interlagos – 2003/2008.

Comunicações e Palestras realizadas em diversas Instituições de Ensino Superior no Brasil, Argentina, Peru, Portugal, Timor Leste

### Livros publicados:

- O Caminho do mar como fatos de localização, progresso e decadência de Cubatão. Cubatão S.P.: Prefeitura Municipal de Cubatão, 1973.

- Visão Panorâmica da História de Cubatão. Cubatão S.P: Clube 21 Irmãos, 1974.

### Artigo:

PERALTA, I.G e outros. *Cultura Organizacional: o gestor no olho do furacão*. Aveiro: Universidade de Aveiro – ISBN 978-972-789-237 2. abril 2007.

### OS CINCO CASAIS AÇORIANOS DE CUBATÃO

INEZ GARBUIO PERALTA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO – BRASIL

Os colonos açorianos tiveram uma presença marcante no Brasil. Chegaram à Capitania de São Paulo em 1813. O primeiro grupo composto por cinco casais era originário da ilha de São Miguel e o segundo por vinte casais, veio das ilhas Graciosa e Terceira e aqui chegou em 1815. Ambos dirigiram-se para Casa Branca. Fortes afirma que esses ilhéus "... eram muito mais inteligentes e laboriosos do que os filhos do continente" (FORTES, apud TREVISAN, 1982, p.76). Tanto o vigário de Casa Branca padre Francisco Godoi Coelho, quanto viajantes que passaram por aquela Freguesia ressaltam as qualidades dos açorianos em oposição aos habitantes daquele sertão. Dadas as dificuldades de derrubarem a mata virgem de perobeiras para poderem plantar, alguns casais pediram para saírem para o Cubatão de Santos (TREVISAN, p. 79) Como a autorização demorou para ser dada no mês de março de 1816 cinco casais fugiram do distrito. Só após essa fuga é que o Conde de Palma autorizou a mudança. Assim partiram do núcleo de Casa Branca cinco famílias numerosas para povoar Cubatão. Os



chefes das famílias eram: Manuel Antonio Machado, Manuel do Conde Paes, Manuel Espínola Bitancourt, Manuel Correia de Mello e Antonio Raposo. A demora da emissão das Cartas de Sesmarias levou os ilhéus a dirigirem-se diretamente ao Rei pedindo a concessão de meia légua em quadra a cada um dos suplicantes. Esses laboriosos ilhéus enfrentaram diversas dificuldades e só receberam suas cartas de sesmarias em 1819. Tentaram, colonos a cultura do trigo e do linho, mas sem obter bons resultados. Tiveram melhor sorte com a plantação de café, arroz, cana, mandioca. Entretanto não conseguiram mais que agricultura de subsistência (PERALTA, 1971, p.32 ). Vamos encontrar vinte anos mais tarde as sesmarias desses ilhéus abandonadas conforme informação encaminhada ao Presidente da Província de São Paulo.

### 1 – A CAMINHO DO DESTINO: OBSTÁCULOS

Os colonos egressos das ilhas dos Açores, que se dirigiram para a capitania de São Paulo, tiveram uma trajetória bastante acidentada até chegarem finalmente em suas sesmarias

Os colonos açorianos encaminhados para a capitania de São Paulo viviam desde 1813 no núcleo de colonização, criado por ordem do governo real de D. João em Casa Branca. Dessa Freguesia saíram cinco famílias para irem para Curitiba, contudo decidiram ficar em Cubatão – Santos.

No núcleo de Casa Branca as famílias deveriam receber terras para cultivar, casa, ferramentas agrícolas e certa quantia em dinheiro para se manterem enquanto as terras não produzissem.

O rol dos benefícios que os ilhéus deveriam receber consta das Instruções assinadas pelo Tenente-Coronel do Real Corpo de Engenheiros Daniel Pedro Müller e estão anexadas a Portaria ao senhor Anselmo de Oliveira Leite, Diretor dos Ilhéus da Povoação de Casa Branca, datada de 7 de fevereiro de 1816, do conde de Palma – Governador e Capitão General de São Paulo.

Nessa portaria Francisco de Assis Mascarenhas afirma que os ilhéus devem conhecer e cumprir suas obrigações e que o Diretor cuide para que não falte aos mesmos socorro algum que lhes tenha sido prometido no Real nome.

As doze instruções do Tenente Coronel Daniel Pedro Müller, englobam todos os benefícios oferecidos aos ilhéus. Na 1ª consta que cada casal deverá receber “ 600 braças em quadra pelo menos contanto porém, que cada porção seja habitável, reunindo as propriedades de água, mato de cultura e campo de pastagem...” (D.I., 1967, v. 90: 24).

A segunda Instrução manda que o Diretor “... nos lugares mais próprios para as moradas ... faça levantar uma casa de palha de 40 palmos de frente e 30 de fundo ...” ( D.I., 1967, v.90: 24).

A instrução quinta ordena: “ O Diretor fará a compra do gado e ferramentas, constante da Relação Junta, e mandará igualmente completar os Arados necessários, e fará enfim as distribuições competentes, procurando que tudo seja a contento dos Ilhéus.” (D.I., 1967, v.90:24).

A 7ª instrução afirma: “ Receberá cada cabeça de casal cem réis por dia e além disso mais 40 réis para cada filho entrando neste grau, por seis vezes as famílias dos Ilhéus Manuel Rapozo, Antonio Raposo e José da Costa”. (D.I., 1967, v.90:24).

A oitava instrução isenta os filhos destes colonos de “... Recrutamento de Tropas de Licença e Milícias, cuida dos serviços das Ordenanças exigindo-se deles unicamente aplicação a agricultura; e o bem de seus interesses.” (D.I., 1967, v.90:25).

Permeia tanto a Portaria ao Diretor dos Ilhéus de Casa Branca, como as instruções do Tenente Coronel Daniel Pedro Müller conselhos e orientações que devem ser dadas aos Ilhéus para que não saiam da povoação sem licença, trabalhem, não se entreguem ao ócio e sejam morigerados, pois resultará “... da conduta contrária o ressentimento do nosso Ilmo. e Exmo. Sr. General que com toda justiça procederá aos castigos de que se fazem dignos os vassallos de S.A.R. inúteis pela sua preguiça e devassidão.” (D.I., 1967, v. 90: 25).

Contudo, as instruções não foram cumpridas com a rapidez que os açorianos desejavam e ainda dada as dificuldades em derrubarem as árvores de “perobas” para poderem plantar, alguns casais, no mês de março de 1816 fugiram do distrito de Casa Branca.

Diante do fato, o Presidente da Capitania de São Paulo, D. Francisco de Assis Mascarenhas, Conde de Palma, aceitou a proposta de Daniel Pedro Müller acolhendo os casais açorianos que desejavam sair de Casa Branca.

Na verdade não havia mais condições de alguns casais permanecerem em Casa Branca, após a fuga de cinco deles do distrito para irem à Corte exporem sua situação conforme informou o tenente coronel Daniel Pedro Müller, ao Conde de Palma em 10 de abril de 1816.

Esses ilhéus, irredutíveis em seu propósito de mudar de local, estavam “... amparados nas determinações de D. João, de 22 de Janeiro de 1816, que lhes facultava escolher as terras que desejavam para seu estabelecimento.” (Trevisan, 1982:96).

Alguns dias depois, em 20 de abril, o Presidente da Província assina uma portaria ordenando que se preste auxílio a alguns casais de ilhéus.

O teor da Portaria é o seguinte: “ Por ser conveniente que se mudem para a vila de Curitiba os Casais de Ilhéus, que estão na freguesia de Casa Branca, cujas cabeças são **Manuel Antonio Machado, Antonio Rapozo, Manuel do Conde e Manuel Espínola Bitencurt** e sendo do meu agrado e consideração que isso se faça da melhor maneira possível espero que as autoridades civis e militares, a quem esta for apresentada lhe prestem o necessário auxílio para o seu transporte até esta cidade. São Paulo, 20 de abril de 1816. Com a Rubrica de S. Exa.”. (D.I., 1967, v.90:30).

Embora os açorianos reiterassem os pedidos de doação de sesmarias e as reclamações de promessas não cumpridas, eles eram bem quistos e respeitados em Casa Branca. Conforme informação do capelão da Freguesia de Casa Branca, padre Francisco Godoy Coelho, em Ofício ao Governador da Capitania de São Paulo, Conde de Palma, os ilhéus eram bem recebidos e aceitos pela população local que os admirava.

Escreve o dito Padre Francisco em 20 de fevereiro de 1816:



*O povo deste sertão, me pede roque a V. Exa. o seu valimento e patrocínio a fim de que sejam conservados estes ilhéus, nesta terra tão fértil e abundante em razão de se aproveitarem e aprenderem as manufaturas e plantações do linho, vides e mais serviços que desejam aprender, e todos mui contentes ficaríamos com o estabelecimento deles nesta terra ao menos por 4 anos, e neste tempo ficariam os povos com alguma tintura daqueles benefícios e plantações de suas fábricas. Igualmente este sertão não ficaria desacreditado. Sim convidaria para o futuro maior número de ilhéus para se tornarem essas povoações felizes e industriosas e todo este aumento do Estado .( D.I. Caixa 14, ordem 241).*

Os ilhéus de Casa Branca deram um novo alento à Freguesia. Em Casa Branca “... as filhas dos ilhéus deixaram fama de grande beleza”. (Trevisan, 1982:76).

Contudo, na opinião de algumas autoridades como o Conde de Palma os ilhéus “*eram invejosos e vadios, sem préstimo algum, chegando mesmo a vender o gado e ferramentas para alimento de seus vícios...*” (Trevisan, 1982:89).

Tal opinião é compartilhada pelo capelão de Casa Branca que na parte inicial da Carta de 1816, enviada ao Conde de Palma faz afirmações desabonadoras de alguns ilhéus.

Diz o referido padre que as grosserias dos ilhéus têm na verdade servido de sacrifício à sua paciência.

O padre afirma que “não tem descuidado em instruí-los para que sejam bons cristãos e bons vassalos, lembrando-os das obrigações que lhes são anexas como a fidelidade, o amor, a obediência ao soberano e a subordinação aos seus chefes e governadores.” E ainda que “ não pode ser bom cristão quem não for bom vassalo”.

Diz o padre que tentou persuadi-los de se contentarem com o benefício que receberam do Regente e ainda que não desgostassem de S. A. com “ seus orgulhosos procedimentos.”

O padre conclui a missiva desiludido. “Nada Sr. Exmo., nada faria àqueles duros corações” Apenas quatro casais ficaram muito satisfeitos e contentes. São eles José D’Avila Netto, Jozé das Rozas, José da Costa e Francisco Cardoso.

“Os demais, cujo cabeça é o ilhéu Mel. Espíndola Bitencourt, dizem que querem ir povoar Santa Cruz, ou Cantagalo, por ser perto do Reino, e decisivamente dizem que daqui nada querem.”

Uma série de desencontros, erros cometidos, enganos, injustiças sofridas e promessas não cumpridas levou os ilhéus a se mudarem de Casa Branca.

Os casais, com suas famílias, cerca de 26 pessoas foram acompanhados pelo Coronel Engenheiro João da Costa Ferreira para uma nova localidade que lhes agradasse; e temendo fazer nova viagem por mar e “... tendo eles visto alguns terrenos junto ao povoado de Cubatão, manifestaram-se interessados em formar ali suas culturas.” ( Trevisan, 1982:94).

Os terrenos escolhidos pelos ilhéus, orientados por Daniel Pedro Müller, estavam desocupados e parte das terras, cobertas por mata virgem, haviam sido dos jesuítas até 1759, quando estes foram expulsos. Eram ainda terras devolutas e pertenciam à Fazenda Real.

O Coronel Engenheiro João da Costa Ferreira, que acompanhara os ilhéus até Cubatão, ao dar conta de sua missão “... e para maior esclarecimento , desenhou um mapa topográfico assinalando as passagens pretendidas.” (Trevisan, 1982:94).

O Conde de Palma, ao apresentar à Junta Real da Fazenda o projeto do estabelecimento dos casais de ilhéus nas terras da Fazenda do Cubatão afirma que aquelas terras pertenciam à Coroa.

Diz o referido Conde em 05/07/1816,

*“ De mais as terras que se pedem não tem benefício algum, são terras brutas sem cultura; a Fazenda Real nenhum interesse tem tirado delas até agora, os terrenos pedidos não obstem a pastagem dos animais que conduzem os gêneros do nosso comércio para Santos, antes o aumento de população naquele ponto é de suma utilidade para o mesmo comércio por muitas, e mais claras razões, que a todos são bem manifestas.”* (Trevisan, 1982:95).

Ainda em 1816, por ordem do Conde Palma “ *Foram construídas as casas nos respectivos terrenos, para os colonos residirem... e pagas pela Fazenda Real, ao preço de 82\$800.*” (Trevisan, 1982:95).

Esses colonos formavam um grupo significativo composto pelas seguintes famílias **Manuel Antônio Machado**, casado com Domingas da Conceição com os filhos Manuel e Maria; **Manuel do Conde Paes**, casado com Joana Francisca da Conceição com os filhos Manuel, Mateus, Maria, Rosa, Joaquina e Teodora; **Manuel Espínola de Bitencourt**, casado com Maria Antônia de Jesus com os filhos Antônio, Francisco, José, Maria, Rosa e Ana; **Manuel Correa de Melo**, casado com Maria Josefa e com os filhos Manuel, Domingos, Maria, Mariana e Francisca e **Antônio Raposo** conhecido também como Manuel Raposo por engano do escrívão que registrou sua carta de sesmaria com o nome de Manuel ao invés de Antônio. Antônio raposo era casado com Ana Maria e tinha quatro filhos: Manuel, Maria, João e José.

Como o tempo passava e o Conde de Palma não deferia os inúmeros requerimentos dos ilhéus pedindo suas cartas de sesmarias estes dirigiram-se em 1817 ao Rei pedindo a Concessão de meia légua em quadra para cada um dos suplicantes.

Alegavam, Manuel Antônio Machado e outros que já tinham feito “algumas feitorias e plantações para sustento de suas famílias”, mas precisavam dos títulos “... cada um saber até que limite chega a sua posse e domínio, e até onde podem trabalhar, pois que, não terem os suplicantes títulos, estão sofrendo vexames e prejuízos de uns homens que andam cortando madeiras nas terras onde os suplicantes residem, com o que tem arruinado suas plantações, dizendo eles que as madeiras são para o serviço de S. Majestade” ... “ e não obstante terem os suplicantes requerido ao Exmo. Conde General para que lhes mande passar os seus títulos ou Cartas de Sesmaria, nunca foram deferidos, motivos estes por que alguns dos suplicantes empreenderam vir pessoalmente por si e por todos prostrar-se aos augustos pés de V. Majestade, afim de que lhes faça a graça de mandar passar Carta de Sesmaria de meia légua, em quadra, a cada um dos suplicantes, para não só ficarem





com seus títulos, como para saberem o que lhes pertencem e aos seus filhos para não terem embaraços e dúvidas para o futuro com outros sesmeiros..." (Costa e Silva Sobrinho 1957:128-131)

A resposta do Rei foi a ordenação ao Conde de Palma para conceder as cartas de sesmaria aos ilhéus nos sítios em que tivessem suas plantações e a imediata expedição dos respectivos títulos.

O governador e capitão general de São Paulo justificando a demora na concessão das sesmarias e revelando seu desagrado a proteção real dada aos ilhéus e ainda irritado com a atitude de independência e altivez dos açorianos envia um Ofício ao Rei em 15/11/1817 fazendo-o ponderar que:

*"A Fazenda do Cubatão é cortada de um largo Rio, que precisa de Ponte, ou de Barca para se passar, e então é obrigada a dar de um dos lados dele terreno para pastos das tropas de quase toda a capitania, que ali vão embarcar os gêneros do Comercio para a Vila de Santos, e pagar os direitos de passagem: o que fica da Fazenda não é tanto, que sem maior detrimento da mesma Fazenda se possa conceder a cada um dos Suplicantes o determinado terreno mas somente aquele cuja posse lhes for concedida, com bastante conhecimento de causa: porém pela Junta da Fazenda se lhes passarão os títulos de dominio absoluto na forma que requerem logo que S. Majestade assim o determine ampliando a primeira ordem."* (Trevisan, 1982:97).

Como podemos notar, o Conde de Palma chama atenção do Rei para as dificuldades do terreno para a concessão dos títulos de posse aos sesmeiros.

A situação dos ilhéus de Cubatão não se encaminhava para uma solução satisfatória. Eles queriam suas cartas de concessão pois o título era a garantia da posse das terras.

Um novo fato provocou a irritação do Rei com relação a esses colonos. O fato se deu pela associação do nome de Miguel Espínola Bitencourt de Curitiba com o de Manuel Espínola Bitencourt de Cubatão. Este e os demais, já acomodados no Cubatão queriam apenas seus títulos definitivos de posse e aumento de pensões enquanto aquele e os demais de Curitiba que ainda não haviam se estabelecido queriam ir para a capitania de São Pedro.

A associação dos nomes provocou a confusão e fez com que o Rei acreditasse que todos queriam se mudar novamente.

Tal acontecimento resultou num Ofício agressivo da Corte encaminhado ao triunvirato que governava interinamente São Paulo, uma vez que o Conde de Palma assumira o governo da Bahia em 19 de novembro de 1817.

O Ofício enviado por Thomas Antônio de Villa-nova Portugal à Junta Governativa de São Paulo, em 02/06/1818 revela uma grande irritação para com os ilhéus.

" Ilmo. e Exmos. Srs. Foram presentes a El Rey Nosso senhor os Ofícios números 26 e 27 de 15 de novembro do ano passado, que o Conde de Palma me dirigiu, sendo Governador e Capitão General desta Capitania, relativamente á mudança de terreno e prorrogação da Pensão por mais dois anos com o aumento de três vinténs diários, que requererão Miguel Espínola Bitencourt, Manoel Antonio Machado e outros colonos vindos das Ilhas dos açores: E verificando-se na Augusta Presença do mesmo Senhor pelos referidos Ofícios, e pelo que também expôs o Intendente Geral da Polícia sobre estas pertenções, que os suplicantes não tem correspondido com os fins para que foram mandados vir das Ilhas, e se colocaram nessa Capitania a custa de grandes despesas, que com eles se tem feito, pois que entregando-se á ociosidade, não tem cuidado da Lavoura das Terras, que lhes foram concedidas e inutilizarão as sementes, os auxílios de gados, e até venderão os Instrumentos aratórios que se lhe distribuirão: tendo também, por condescendência do sobredito Conde Governador, e com despesa dele, sido mudados da primeira sesmaria, que tiveram na Freguesia de Casa Branca, que pela sua situação na Estrada Geral dessa capitania para Minas e Goyazes, e pela fertilidade do seu terreno lhe poderia ser mais vantajosa, se quisessem trabalhar; e não se contentando ainda com as que atualmente tem na Fazenda e Terras do Cubatão de Santos, que foram dos extintos Jesuítas, e na de Santa Anna, que lhes podem também ser mui proveitosas até pela proximidade dessa Cidade e daquela Villa, mostram bem que a nova pertenção da mudança do Terreno nasce do gênio volúvel deles, e a da prorrogação da Pensão tem por fim contarem com hum meio para poderem continuar na ociosidade, e fazerem independente do trabalho a sua subsistência: Não se dignou sua Majestade Deferir-lhes, e Revogando as ordens expedidas por Aviso de 21 de outubro do ano dito passado a favor dos suplicantes, é servido que eles se conservem aonde ultimamente se estabelecerão, que esse Governo lhes dê os seus Títulos gratuitamente, e lhes ponha um Inspetor que os faça conter na ordem, sujeição e trabalho das suas Lavouras; e quando assim o não pratiquem, larguem as Terras e vão para onde quiserem, com tanto que não emigrem fora deste Reino. O que participo a V. Exa. e Mces. para assim o tenham entendido, e façam executar.

Deos Guarde a V. Exa. e Mces. Palacio do Rio de Janeiro em 2 de junho de 1818. – Thomaz Antônio de Villa-nova Portugal – Sr. Bispo e mais Governadores Interinos de São Paulo

A demarcação oficial dos limites dos terrenos de cada família só foi feita em 1820. Embora esses açorianos tenham recebido as Cartas de Sesmaria em 1819 (07/01), tomaram posse interinamente das mesmas, sem domínio, em 1816. (Ata da Junta da Real Fazenda, São Paulo, 5 de Julho de 1816).

**Manuel Antônio Machado** recebeu 400 braças de terra, cujo início era no cruzamento do caminho da serra com a estrada de Cubatão e chegava até o morro que ficava à margem da mesma estrada. Divisavam suas terras ao norte com a estrada de Cubatão; ao sul, com o citado morro que ia até o rio; a leste com as escarpas desse morro que deitavam para oeste, com a picada que ia de norte a sul, isto é, da encruzilhada até o rio Cubatão.

**Manuel do Conde Paes** recebeu 46 braças de frente, com o início junto a povoação de Cubatão rio abaixo; iam até a foz do riacho Cafezal. Divisavam a leste, com o mesmo riacho até a forquilha; ao norte com o braço da forquilha, que corria para oeste; ao sul com o rio Cubatão e a oeste com os morros que iam dar no rio





Cubatão. Embora menor que as outras sua gleba possuía a vantagem de ter casa próxima à povoação. Possuía outra mais distante mas logo abandonada.

**Manuel Espínola Bittencourt** recebeu terras com 190 braças de frente, iniciando junto ao riacho Cafezal, indo até a foz do Perequê. Limitava-se ao leste com o rio Perequê; ao norte com a Serra Geral; ao sul com o rio Cubatão; a oeste com o riacho Cafezal, seguindo até as terras de Manuel Conde.

**Antônio (Manuel) Raposo** recebeu 400 braças. A picada aberta para delimitar as terras de Manuel Espínola servia para extremar as de Antônio Raposo, em direção oeste. Como não podia fazer frente pra o rio Cubatão, devido aos charcos ali existentes, fôra colocado no Perequê um marco para divisório. Deste marco saía uma linha reta de 400 braças, no fim das quais saía outra, da Serra Geral até a beira do rio Cubatão.

**Manuel Correa** ficou com 400 braças frente ao rio Cubatão acima do povoado contada a partir da região chamada “Cortumes”, em direção rio abaixo: do extremo dessa linha seguiam duas outras rumo norte e sul que chegavam até os contrafortes da serra.

*Em todos os pontos demarcados foram colocados marcos pela Fazenda Real (Costa e Silva, 1957:134-135).*

No mapa em anexo (p. 10), de 1852, encontram-se assinalados os nomes dos sesmeiros e o local dos respectivos sítios

Esperavam os ilhéus receber ajuda para sobreviverem até que as terras comessem a produzir. Contudo a ajuda oferecida pelo governo não chegou. Os colonos não tiveram auxílio para vencer as dificuldades. Tentaram a cultura de trigo e linho mas não conseguiram ter sucesso. Plantaram café, arroz, cana-de-açúcar, mandioca “... e as árvores de espinho com sucesso. Pois estas se desenvolveram vigorosamente e com melhores resultados.

Dois dos produtos cultivados pelos ilhéus estavam em alta nessa época, o café que na primeira metade do século XIX, estava se desenvolvendo bem no Brasil, e o açúcar produzido no quadrilátero açucareiro que já ultrapassava 400 arrobas anuais.

Em 1826 passou pela Barreira do Cubatão de Santos 154.166 arrobas de açúcar e 8.831 arrobas de café; em 1828 foram 489.650 arrobas de açúcar e 22.640 de café. (Peralta, 1971:68).

Em 1833 graças ao movimento comercial, entre outras razões, bem como a produção agrícola local Cubatão foi elevado à município. (Peralta, 1973: 71).

Contudo o município não chegou a ser instalado. A povoação de Cubatão foi em 1841 incorporada à cidade de Santos.

## 2 – A POSSE DAS TERRAS : DIFICULDADES SUPERADAS

Cubatão, a povoação para qual dirigiram-se cinco casais, - os chamados cinco manuéis na primeira metade do século XIX, era um pequeno povoado. Sua população vivia da venda de fumo e de aguardente, além de explorar a navegação das barcas.

O porto de Cubatão contudo era bastante movimentado. Localizado no continente recebia e/ou remetia para Santos, os produtos do exterior e ou do interior de São Paulo.

*A população de Cubatão em 1813 era de aproximadamente 100 pessoas, num total de vinte e três (23) famílias, das quais onze vivia do comércio (Peralta, 1971:31).*

Os viajantes que ali estiveram, no século XIX, atestam o movimento do porto.

Gustavo Beyer que passou por Cubatão em 1813 afirma que presenciara no local “... uma centena de mulas para serem arreadas e carregadas com as mercadorias que em canoas chegavam de Santos.” (Peralta, 1971:31).

Beyer afirma ainda que “ Defronte da casa do guarda,... (havia um) grande espaço plano, cujos lados são ocupados por armazéns e outras casas...” (Beyer, 1908:24).

O posto alfandegário de Cubatão centralizava a vida da população local. Havia no povoado ranchos para tropeiros e estalagem de pedra. (Peralta, 1973: 23)

Hercules Florence, ao passar por Cubatão em 1825 afirmou encontrar-se ali um ponto de comércio bastante desenvolvido.

Diz o referido viajante:

*“Via diariamente chegar três a quatro tropas de animais e outras tantas partiam. Cada tropa compõe-se de 40 e 80 bestas de carga ... As tropas, ao descerem de São Paulo vem carregadas de açúcar bruto, toucinho e aguardente de cana e voltavam levando sal, vinhos portugueses, fardos de mercadorias, vidros, ferragens, etc...” (Florence, s/d)*

Um outro viajante, Daniel Parish Kidder escreveu em 1839 “os animais descem a serra carregados de açúcar e outros produtos agrícolas, trazendo em sua volta, sal, farinha e toda a espécie de artigos importados...” (Kidder, 1940:168).

Cubatão, portanto, não era à chegada dos casais açorianos uma região de intensa prática agrícola. A tônica dos viajantes é sempre colocada na atividade comercial.

Em 1825/26 passava pelo posto alfandegário do Cubatão de Santos de 500 à 550.000 arrobas de açúcar por ano. (Peralta, 1973: 23)

Florence, “presenciando a atividade de Cubatão afirma que conheceu quanto é freqüentado, embora fosse um núcleo de 20 e 30 casas mal construídas.” Conclui o autor “... é o entreposto entre São Paulo e Santos” (Florence s/d).

Em 1825, existia no Cubatão Geral de Santos, os seguintes prédios: 08 no cais novo (todos de paisano); 11 na Praça (1 de Sargento mor, 2 de pardos, 1 de alferes, 7 de paisanos); 8 em frente da estrada (4 de paisanos, 1 de capitão mor, 2 de pretos forros, 1 de alferes); 1 no rio da Pedra - pertencente a paisanos; 05 no Rio Aborino (SIC) (1 de preto forro, 1 de capitão, 2 de paisanos, 1 de preto); 4 áreas pertencentes a paisanos; 1 além do Rio pertencente a um preto. = 38 (Peralta, 1973:24)



É ainda de H. Florence a informação que o clima não era e nunca seria totalmente salubre e que a região poderia tornar-se muito comercial.

Nesse entreposto comercial foram viver os cinco casais açorianos em 1816.

Os ilhéus logo começaram a fazer benfeitorias em suas terras e iniciar as plantações.

Desses colonos os que melhor proveito tiraram foram Manuel Antônio Machado e Manuel Espínola Bitencourt.

Wendel afirma em seu texto Caminhos Antigos nas Terras de Santos que: “ *O engenho velho e o aqueduto de alvenaria com 200 metros de comprimento de Manuel Machado, cujas terras começavam nas proximidades do Cruzeiro atual, são ruínas históricas de Cubatão*” (Wendel, 1966: 219)

Manuel Espínola Bitencourt, colono açoriano, sesmeiro de Cubatão, descendente da família Espínola de Gênova emigrados para os Açores,...era em 1830, um dos três homens mais ricos do Cubatão. No recenseamento de 1836, quando trata de Cubatão, aparece Manuel Espínola com 77 anos de idade, branco, livre, naturalizado, casado, agricultor com sítio próprio e com 600\$000 de renda. E ainda que vive de sua lavoura e colhe 400 alqueires de arroz.

Apenas duas pessoas possuíam renda igual a de Espínola. O sargento reformado João Vicente Pereira Rangel, empregado na Barreira e José Joaquim da Luz sargento-mor, inspetor das obras da estrada (Costa e Silva Sobrinho 1957:136).

Com certeza esses colonos passaram por dificuldades de várias origens. As terras de Manuel Espínola Bitencourt foram em 1837, vinte anos depois dele ali residir, invadidas por posseiros obrigando seu proprietário a requerer nova demarcação de sua sesmaria. Em 25 de novembro de 1837 foram colocados marcos de pedra nas divisas da sesmaria de Espínola, “... *gravados com uma cruz baseada em duas hastes formando um delta; seu desenho encontra-se nos autos da referida demarcação.*” (Trevisan, 1982:102)

No ano seguinte o Presidente da Província de São Paulo manda proceder a uma inspeção nas terras pertencentes aos açorianos de Cubatão.

Em 28 de fevereiro de 1838, o capitão José Marcelino do Amaral, cumprindo a Portaria de 09 de fevereiro do mesmo ano, do presidente da Província de São Paulo, Brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto, que o mandava ir a Cubatão para “ *fazer os exames necessários nas terras e matas que foram conferidas aos colonos vindos da ilha dos Açores* ” dá a seguinte informação:

“... *os colonos Manoel Antônio, Manoel de Espíndola Bitencourt, edificaram casas , n' elas estão residindo e tem cultivado os terrenos em partes, mas não com arado; Manoel Correa existe com vida, mas não tem cultivado as terras que lhes foi dado, por isso que se acha em abandono; Manoel do Conde tendo-se ausentado muitos anos, os terrenos que lhes foi dado achando-se portanto em abandono, chama-se a posse deles Antônio José Machado, filho do dito Espíndola sem que tenha título algum; Manoel Raposo tendo-se também ausentado a anos e achando-se as terras em abandono, chama-se a posse delas José de Sgra. (Siqueira?), genro do sobredito Espíndola igualmente sem título algum.*”

Após descrever a situação produtiva das sesmarias de alguns colonos açorianos de Cubatão mais de vinte anos após a ocupação das terras, o representante do Presidente da Província de São Paulo informa sobre as condições das matas (paus) da região, uma das preocupações das autoridades, no século XIX.

Diz o referido autor do Ofício “ *Quanto aos paus Reais de construção... tendo corrido as matas pertencentes aos mencionados colonos, toda ela ... (donde se acha inteiramente desfalcada se deduz) que... eles não tem respeitado a proibição de cortarem os ditos paus.* O Ofício vem datado de Cubatão 28 de fevereiro de 1838, endereçado ao Brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto.

Os Espínola e os Machado, ambos da ilha Graciosa continuaram em Cubatão. Manuel Espínola faleceu de idade bastante avançada em seu velho casarão no sítio em 10 de abril de 1845. Tinha se casado duas vezes. A primeira com Catarina de Santo Antônio e a segunda com Maria Antonia de Jesus. Esta faleceu um mês após a morte de seu esposo.

Os sucessores de Manuel Espínola venderam o sítio para o alferes Francisco Martins Bonilha, no mesmo ano de 1845. A descrição da propriedade revela o que nela existia. Diz o contrato “ a parte que a cada um tocar no sítio e terras da finada Maria Antonia de Jesus (viúva de Manoel Espínola), avó deles, o qual é denominado Cafezal, situado no Cubatão, com casas de morada, terras lavradas e pastos de aluguel, cujo sítio tem as divisas que constam da carta de data ou sesmaria concedida a seu finado avô Manuel Espínola Bitencourt, como colono do Brasil por el Rei D. João VI...” (Costa e Silva Sobrinho, 1957:136).

Manuel Antonio Machado que viera para o Brasil em 1814, com 25 anos era casado com Domingas de 20 anos, ambos naturais da ilha Graciosa. Possuíam apenas um filho Manuel Antonio Machado Júnior com 5 anos, natural da ilha Terceira; no Brasil tiveram nove filhos. O primogênito Manuel Antonio Machado Júnior, morador de Cubatão, “ arrematou em praça pública desta cidade, no dia 9 de julho de 1856 um sítio e terras citas no lugar denominado Casqueiro, na Estrada que segue para São Paulo...” (Costa e Silva Sobrinho, 1957:127)

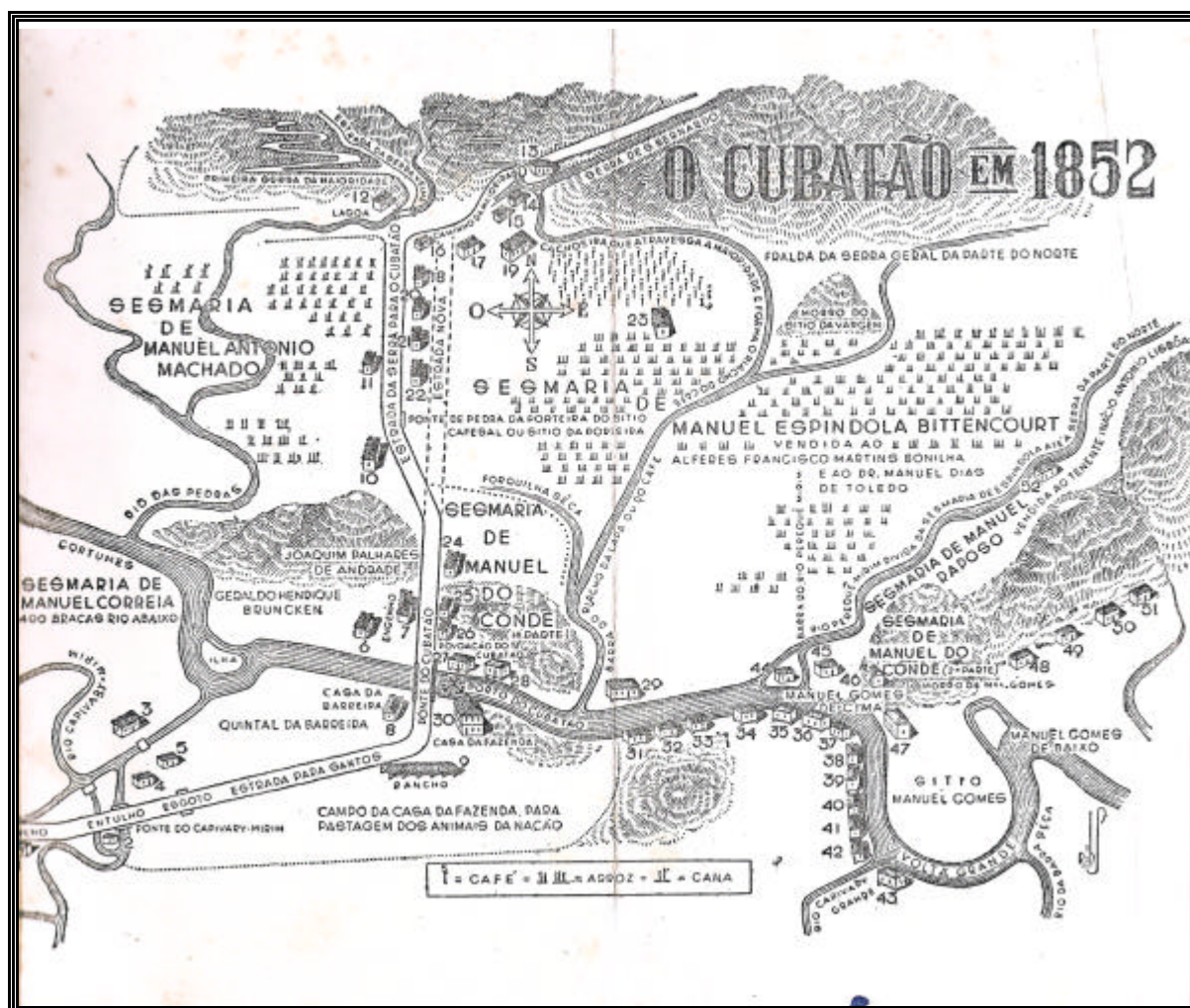
A agricultura iniciada pelos açorianos nos primórdios do século XIX será um suporte econômico de Cubatão quando este perde sua função alfandegária com a extinção da Barreira em 1866, devido a construção da ferrovia que desloca o comércio do povoado de Cubatão.

Até a extinção da Barreira Fiscal com seu rancho grande onde os tropeiros descarregavam seus animais e pagavam as tachas manteve-se o comércio e o movimento da povoação de Cubatão.

Com a implantação da ferrovia em 1867 o povoado vai pouco a pouco decaindo. Os sítios e as pequenas fazendas, cuja produção, composta de bananas, tangerinas, canas, pinga e rapadura era negociada com os tropeiros de passagem para Santos ou para o Planalto foram, aos poucos, decaindo e desaparecendo.

Os herdeiros do sesmeiro Manuel Antonio Machado passaram a residir em Santos e até nossos dias encontramos naquela cidade descendentes deste açoriano

- Beyer, Gustavo (1908) Ligeiras Notas de Viagem do Rio de Janeiro à Capitania de São Paulo, no Brasil, no verão de 1813, com algumas notícias sobre a cidade da Bahia e a Ilha Tristão da Cunha, entre o Cabo e o Brasil e que há pouco foi ocupada. Rev. do IHG. São Paulo, vol. XII, Tip. do Diário Oficial, São Paulo.
- Costa e Silva Sobrinho, José da (1957) Romagem pela terra dos Andradas. Rio de Janeiro: Freitas Bastos.
- Florence, Hercules (s/ data) Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. São Paulo: Melhoramentos.
- Kidder, Daniel P. (1940) Reminiscência de viagens e permanência no Brasil (Rio de Janeiro e Província de São Paulo) São Paulo: Martins.
- Peralta, Inez G. (1973) O caminho do mar – subsídios para a história de Cubatão. S.P.: Prefeitura Municipal de Cubatão.
- Peralta, Inez G. (1971) O caminho do mar como fator de localização, progresso e decadência de Cubatão – subsídios para a história de São Paulo, Dissertação de Mestrado. USP-FFLCH São Paulo.
- São Paulo - Secretaria de Educação – Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo (1967) Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo. Ofícios e Bandos do capitão general Francisco de Assis Mascarenhas, Conde de Palma, aos funcionários da capitania no período de 1814 à 1817. vol. 90. São Paulo.
- São Paulo - Divisão de Arquivo do Estado. Ofício do Conde de Palma à Junta da Real Fazenda. São Paulo, 28 de junho de 1816. Ms. Inéditos. Caixa 15, ordem 242.
- São Paulo – Divisão de Arquivo do Estado. Ofício do sargento-mor José Garcia ao governador da capitania – Engenho da Graça (Casa Branca) 8 de julho de 1819. Ms. Inéd. Caixa 87, ordem 333.
- São Paulo – Divisão de Arquivo do Estado. Carta de Francisco Godoy Coelho, capelão de Casa Branca ao conde general Francisco de Assis Mascarenhas de 20 de fevereiro de 1816. Caixa 14, ordem 241.
- São Paulo – Divisão de Arquivo do Estado. Maços de população de Santos (1830) Ms. Inéd. Microfilme 176.
- São Paulo – Departamento do Arquivo do Estado. (1838) Ofício do capitão José Marcelino do Amaral ao brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto, Presidente da Província. Cubatão, 28 de fevereiro de 1838.
- Trevisan, Amélia F. (1982) Casa Branca a povoação de ilhéus. São Paulo: Edições Arquivo do Estado. (Coleção Monografias 4).
- Wendel, Guilherme (1966) Caminhos Antigos na Serra de Santos. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santos. Santos. vol. 2



Mapa de Cubatão – São Paulo em 1852 (Costa e Silva Sobrinho, 1957:137)





- 17) CONDESSA, I,**
- 18) CASTANHO, G.**
- 19) FORTUNA, M.**
- 20) FIALHO, A. E**
- 21) ANDRADE, R.,**

**Maria Isabel Cabrita Condessa**

- ✍ Doutorada em Ciências da Educação
- ✍ Professora Auxiliar do Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores
- ✍ Responsável pela Área de Expressões do Departamento de Ciências da Educação - UA
- ✍ Responsável pela Secção de Currículo e Didáctica, Departamento de Ciências da Educação UA
- ✍ Coordenadora do Projecto da FCT – Projecto PIRATA – CB (*Projecto de Investigação, Recolha e Análise de Tradições Açorianas: da Cultura do Brincar*)

**Graça Castanho** é Docente da Universidade dos Açores na área da Metodologia do Ensino da Língua e Literatura Portuguesas.

- ✍ Pós-Doutoramento pela Harvard Universidade com um estudo sobre Early Literacy in Portuguese: Practices and Priorities in the Republic of Mozambique.
- ✍ Doutoramento pela Universidade do Minho, com uma tese de investigação sobre o Ensino da Leitura Através do Currículo nas Escolas do 2º Ciclo em Portugal.
- ✍ Mestrado em Curriculum and Instruction pela Lesley University, Cambridge, Massachusetts, com equivalência concedida pela Universidade do Minho. A tese de mestrado constituiu o primeiro trabalho académico sobre o Ensino do Português nos EUA nas Escolas Comunitárias Portuguesas.
- ✍ Licenciatura em Português-Inglês pela Universidade dos Açores.
- ✍ Conselheira de Ensino para os Estados Unidos e Bermudas (2003-2005).
- ✍ Coordenadora do I Plano Nacional de Leitura a convite do então Ministro da Educação, Professor David Justino.
- ✍ Formadora especializada de professores pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (registo CCPFC/RFO-04359/97) nas seguintes áreas: Língua Portuguesa; Literaturas; Pedagogia e Didáctica; Concepção e Organização de Projectos Educativos; Didáctica Geral; Didácticas Específicas (Língua Portuguesa); Literatura Infantil; Práticas de Avaliação do Rendimento Escolar; Ensino do Português no Estrangeiro.
- ✍ Autora de livros e inúmeros artigos da especialidade, bem como de literatura infanto-juvenil.

**Margarida Fortuna**

- ? Docente do Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores.
- ? Doutorada em Educação Pela Universidade do Minho.
- ? Mestre em Educação pela Universidade de Massachusetts – Boston.
- ? “Bachelors Degree” em Inglês e Psicologia pela Universidade de Massachusetts – Boston.
- ? Licenciada em Ciências da Educação (por reconhecimento da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa)
- ? Coordenadora na Universidade dos Açores do Projecto MATO, numa coordenação conjunta das Universidades do Minho, Açores e Santa Catarina (Brasil) – 2003-2005
- ? Membro na UA do Projecto “ Central de Recursos de Teletrabalho nas Regiões Ultraperiféricas (TELERUP), com orientação à incapacidade, no âmbito do programa INTERREG III – 2005-2007
- ? Membro do Projecto de FCT - PIRATA (projecto de investigação, recolha e análise das tradições açorianas: da cultura do Brincar) – 2007.

**Maria Rita Andrade Medeiros**

- ? Licenciada em Formação Musical pela Escola Superior de Música de Lisboa.
- ? Mestre em Educação pela Universidade dos Açores, na especialidade de Concepção e Desenvolvimento de Projectos Educativos, na área do Ensino Artístico.
- ? Docente de Iniciação Musical, Formação Musical e Instrumento de Tecla no Conservatório Regional de Ponta Delgada.
- ? Docente de Expressão Musical e Integração das Expressões no Departamento de Ciências da Educação (UA)
- ? Membro do Projecto de FCT - PIRATA (projecto de investigação, recolha e análise das tradições açorianas: da cultura do Brincar).

**Adolfo Fernando da Fonte Fialho**

- ? Docente do Departamento de Ciências da Educação nas áreas de Expressão Artística, Prática Pedagógica e Didáctica do 1º Ciclo do Ensino Básico.
- ? Doutorando em Educação na área de Aprendizagem Profissional dos professores do 1º Ciclo do Ensino Básico.
- ? Mestre em Educação, na especialidade de Concepção e Desenvolvimento de Projectos Educativos, na área de Formação de Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico.
- ? Licenciado em Ensino Básico – 1º Ciclo, Pela Universidade dos Açores.
- ? Membro do Projecto de FCT – PIRATA (projecto de investigação, recolha e análise das tradições açorianas: da cultura do Brincar).
- ? Membro do Projecto de FCT – MATO – As Marcas dos Tempos – numa coordenação conjunta das Universidades do Minho, dos Açores e de Santa Catarina (Brasil).





**"A CRIANÇA E A CULTURA REGIONAL AÇORIANA: CONTRIBUTOS DE UM OLHAR SOBRE O BRINCAR"**  
**Condessa, I, Castanho, G., Fortuna, M., Fialho, A. e Andrade, R., UNIVERSIDADE DOS AÇORES –**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Com a presente comunicação pretendemos divulgar o *Projecto de Investigação, Recolha e Análise de Tradições Açorianas: da Cultura do Brincar* (P.I.R.A.T.A. - C.B.), propósito que nos convida a recuar no tempo, a fazer uma pausa no uso das tecnologias educativas, e a descobrir a magia daquilo que de mais genuíno herdámos dos nossos antepassados – o brincar, o expressar e o aprender através do recurso a jogos, a rodas cantadas e a lengalengas, que são parte integrante da nossa memória da infância.

Neste estudo, ainda numa fase inicial, pretendemos conhecer a Cultura Infantil na Região Autónoma dos Açores, partindo da dupla suposição de que:

1. nestas brincadeiras encontramos a raiz social das actividades que, no arquipélago e na diáspora, possibilitaram a construção de uma "Cultura Popular", expressa, mais tarde, em danças e jogos populares, identificadores de um povo e parte integrante da cultura portuguesa;
2. através da actividade lúdica, expressiva e comunicativa, adaptada ao seu desenvolvimento, a criança contacta com "as primeiras formas de literacia", que constituem as aprendizagens basilares para o desenvolvimento da sua capacidade de expressão e comunicação.

Analisando os recursos culturais das comunidades açorianas, no que respeita às suas produções de cariz artístico e popular, esta investigação procurará reverter a favor de uma escola que actue em pleno diálogo com a comunidade envolvente e que pense na dupla vertente da educação das crianças: individual e social. Primeiro, pelo desenvolvimento das capacidades expressiva e comunicativa; segundo, pela aquisição de conhecimento sobre o património cultural açoriano.

### **1. INTRODUÇÃO**

Enraizando-se na cultura açoriana (na sua pesquisa e compreensão) os propósitos que induziram à concepção deste projecto - Projecto de Investigação, Recolha e Análise de Tradições Açorianas: Da Cultura do Brincar - fundamentam-se nas ideias de que nestas brincadeiras encontramos a raiz social das actividades que possibilitam a construção de uma "Cultura Popular", dando mais tarde origem às danças e aos jogos populares; e que, através da actividade lúdica, expressiva e comunicativa adaptada ao seu desenvolvimento, a criança contacta com a primeira forma de literacia.

A rápida transformação das sociedades humanas, a que assistimos, dá-se em dois sentidos: no sentido da mundialização, mas também no sentido da busca de múltiplas raízes particulares (Delors, 1996: 40) através da memória colectiva aqui apresentada pelas experiências vivenciadas pelas crianças, as quais, enquanto futuros adultos, receberão as bases culturais enraizadas no grupo social de onde provêm (Vidigal, 1996). São essas bases que a Sociedade lhes proporciona, pela Educação, que lhes permite interpretar e reconstruir os acontecimentos inseridos na história do conjunto. Desta forma, os objectivos do estudo são:

- ? realizar uma recolha do "Património Cultural Regional" relacionado com a Infância, a saber lengalengas, rodas cantadas, jogos populares infantis, aproveitando as suas potencialidades no domínio da vivência nas várias áreas de comunicação, expressão artística e actividade lúdica;
- ? proceder a uma análise das implicações desse Património no desenvolvimento e aprendizagem da criança à luz das actuais orientações programáticas;
- ? divulgar e dinamizar a Cultura do Brincar nas Escolas de JI/EB da região.

Baseando-se nas vivências açorianas, no que concerne às suas produções de cariz artístico e popular, este estudo procurará investir numa escolaridade que se assuma mais próxima dos contextos de vida das crianças. Além disso, pretenderá favorecer uma aproximação entre gerações e promover uma maior abertura da escola à comunidade que a envolve.

O projecto direcciona-se para pressupostos essenciais de pesquisa e dinamização de uma componente pedagógica assente em actividades lúdicas e expressivas, cruciais ao fortalecimento da expressão e comunicação das crianças e jovens, através da realização de uma análise interdisciplinar a partir dos vários domínios de expressão e comunicação - oral, musical, corporal e dramática. Deste modo, a criança adquire conhecimentos, capacidades e atitudes, elementos fundamentais às "aprendizagens basilares" da vida em sociedade, da sua cultura, e da sua capacidade de expressão e comunicação.

Pela exploração de diferentes formas de movimento, a criança toma consciência do corpo e das suas possibilidades e limitações num espaço em que as relações interpessoais e o ritmo do movimento em danças de grupo (tais como as rodas cantadas acompanhadas do canto e da comunicação não-oral) ganham primazia. Por outro lado, o conhecimento e a preservação da cultura e o desenvolvimento da sensibilidade estética e da criatividade são preconizados e organizados logo desde o Jardim-de-infância, das meras brincadeiras de recreio até às actividades organizadas em sala de aula.

É também um desafio para os profissionais da Educação redescobrirem as enormes potencialidades pedagógicas do nosso património cultural e encontrarem, nos jogos tradicionais, rodas cantadas e lengalengas, um novo sentido. Este sentido efere-se à capacidade de mobilizar competências e potenciar inúmeras e significativas aprendizagens no domínio das expressões artísticas.

Na educação artística, a dualidade entre tradição e criatividade e o desenvolvimento social e individual são um bem que persiste e acompanha a necessidade de dinamismo de uma educação cultural e artística da contemporaneidade.

Deste modo, esta comunicação visa analisar as intenções do Projecto P.I.R.A.T.A.C.B. quanto:

- ? à procura da importância do património cultural (actividade lúdica na infância/ brincar) na Identidade dos Açorianos;



- ? ao seu papel interdisciplinar nas expressões artísticas ao promover o desenvolvimento da capacidade lúdica, de expressão e comunicação da criança, tendo por base o Património Cultural do Brincar;
- ? à metodologia a adoptar face às informações recolhidas nesta fase inicial de pesquisa.

## **2. O PROJECTO P.I.R.A.T.A.-C.B.: REVISITANDO O PASSADO DO BRINCAR NA CULTURA AÇORIANA**

A cultura de um povo engloba “todo um património assente em valores humanos e sociais, sendo marcada por ritos profanos e religiosos que vão desde a vida à morte das pessoas, determinando e definindo essas sociedades” (Torres, 1998: 22).

O património cultural, conjunto de bens, tangíveis ou intangíveis, e de valores que se herdam por transmissão humana da cultura de um povo e/ou grupo social, é uma forma de manter o contacto de uma geração para a(s) seguinte(s). Numa visão menos tradicional, este património inclui não só os bens artísticos tangíveis, como obras de arte de escultura, pintura e arquitectura, mas também os bens artísticos intangíveis. Estes últimos assumem-se como manifestações culturais, nomeadamente as tradições orais, a música, as festividades e as línguas (Ballart y Tresserras, 2001, in Merillas, 2003: 42), ou ainda, os costumes e o comportamento emocional. São esses bens artísticos intangíveis que constituem os elementos chave da nossa memória e da nossa capacidade de construção de cultura (Martin, 2001 in Merillas, 2003: 42.), pois cada vez mais há a consciência que estamos num mundo global e que a este estão inerentes relações, positivas ou negativas, que podem afectar a comunidade.

Esta noção de “passado” é um conceito abstracto, sem uma delimitação temporal implícita, em que o passado é tudo o que já sucedeu, enquanto que o presente é algo que está a suceder (Merillas, 2003: 31). Na realidade cultural, o património é uma verdade que não está sujeita apenas à delimitação entre presente e passado, mas é antes uma realidade que obriga a mudanças, que tem uma origem, um desenvolvimento e, ocasionalmente, um final. O património para além de uma materialização de uma parte da história, baseada em datas e acontecimentos que permanecem ao longo dos tempos, reporta-nos igualmente para um plano emocional e cognitivo, onde são contempladas as sensibilidades e as relações do(s) indivíduo(s) com o exterior.

Por exemplo, os brinquedos tradicionais, ligados à actividade lúdica da criança, são propriedade real ou simbólica de um povo, património do colectivo, que gera sensações e sentimentos. O valor de um “pião” ou de um “boneco” é realçado na dimensão simbólica comum relacionada com o sentir, o expressar, o comunicar e o pensar.

Para muitos, o jogar, recorrendo às actividades tradicionais, é fulcral para o desenvolvimento de uma criança pois coloca-a num contexto de interacção (com os pares, com os objectos, ...) e assume-se como uma prática em que a realidade e a fantasia se encontram ligadas. Desde as primeiras formas de jogo por imitação (Piaget, 1974, 1975 in Sousa, A., 2003: 43), em que a criança brinca utilizando a representação mental, passando pelos jogos imaginativos (Gesell, 1946, in Sousa, A., 2003: 47), a criança desenvolve-se, em jogos dramáticos, pelo desempenho de papéis que traduzem a relação do indivíduo com o mundo social em que vive e pela improvisação, tendo por base a imaginação e a criatividade, elementos fundamentais à sua capacidade de adaptação e mudança. Pelo jogo, que é sempre uma actividade séria para a criança, ela borda o mundo que a envolve e as regras da sua sociedade.

No jogo tradicional, aos objectos utilizados e pertencentes ao património da cultura do brincar associam-se inúmeros valores: o material, o utilitário, o simbólico ou relacional, o histórico e o emotivo (Merillas, 2003: 45). Esses valores associam-se à forma (estética e criativa) e a sua composição (qualidade dos materiais); à indispensabilidade de satisfação de necessidades individuais ou colectivas; à capacidade de estabelecer relações com outros elementos (relações essas que são essencialmente de carácter educativo e que podem fazer transparecer uma ideologia); à necessidade de relacionar o passado com o presente e ser fruto de uma manifestação cultural; e, por fim, à capacidade de produzir emoções de um indivíduo, a partir de todos os valores anteriormente mencionados.

A acção cultural em geral e a acção educativa em particular interferem na construção da identidade cultural, individual ou colectiva. Este ideal é defendido também na arte para a vida, mas de diferentes formas. Por exemplo, se atendermos às premissas do Tradicionalismo, verificamos que esta é mais centrada na importância atribuída ao núcleo social do que no indivíduo, sendo assim uma fonte de sabedoria e autoridade. A maioria da arte tradicional é mais conservadora do que criativa, daí que a “tradição” sobrevalorize o controlo social, considerando-o algo positivamente vital para a cultura.

A procura da identidade cultural dos açorianos, no seio da Cultura Lusófona, distingue-se pelas seguintes características do arquipélago:

- ? território e geografia – as nove ilhas que constituem o arquipélago localizam-se na zona ultraperiférica da Europa. A identidade colectiva associa-nos a um povo com uma cultura *sui generis*, que, embora de pequena dimensão, apresenta diferenças, reflexo da sua dispersão pelas nove ilhas e do isolamento geográfico a que o seu povo está sujeito;
- ? sociedade - na maioria das ilhas, grande parte da população tem profissões que estão em consonância com a natureza: a riqueza dos solos e do clima promove o desenvolvimento da agricultura e pecuária; do vasto mar profundo envolvente, brota a actividade piscatória. O sector industrial dedica-se à transformação de produtos do sector primário, a produção de barro, os vimes, as folhas de milho, as escamas de peixe, os bordados e os ossos de baleia metamorfoseiam-se em verdadeiras obras de arte;
- ? religião - as Festas Populares do Divino Espírito Santo que decorrem por todo o Arquipélago deixam claro o compromisso entre o passado e o presente;
- ? demografia - a diáspora açoriana ao atingir o quádruplo da população que actualmente vive no arquipélago confere às ilhas idiossincrasias dignas de estudo.



Para transmitir o património da Cultura do Brincar é preciso conhecer, compreender, explicar e valorizar a cultura através do ensino da/ pela arte, na expressão pela música, pela dança e pelo jogo.

Numa tentativa de mostrar quão relevante é analisar as actividades tradicionais, integradas na cultura do Brincar da Criança, lembramos que:

Brincar é ...

- ? ... natural nas crianças pequenas;
- ? ... fazer algo sem fazer esforço;
- ? ... distrair-se com jogos infantis, representando papéis fictícios;
- ? ... entreter-se com uma actividade qualquer;
- ? ... correr, saltar, pular, rir, cantar, exprimir;
- ? ... divertimento, passatempo, distração;

Mas brincar é também ...

- ? ...raciocinar, descobrir, persistir e preservar; esforçar-se, ter paciência, não desistir facilmente;
- ? ...aprender a ganhar e a perder;
- ? ...envolver-se nas actividades voluntariosamente;
- ? ...aprender a aprender;
- ? ...desenvolver-se em vários domínios: motor, afectivo, cognitivo e social.

Embora o impulso para brincar e jogar possa ser biológico é o contexto social e cultural que define a sua natureza. A natureza lúdica de uma actividade, além de proporcionar a preservação da cultura de uma região, acaba por favorecer a socialização e, ainda, potenciar muitas das suas possibilidades de aprendizagem.

### **3. O PROJECTO P.I.R.A.T.A.-C.B.: CONTRIBUTO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CAPACIDADES LÚDICAS; DE EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO**

Partindo de recursos culturais das comunidades açorianas, no que respeita às suas produções de cariz artístico e popular, este projecto procurará reverter em prol de uma educação que se assuma mais próxima dos contextos de vida das crianças, favorecendo uma aproximação entre gerações e promovendo uma maior abertura da escola à comunidade que a envolve.

É verdade que há uma consciência de dever educacional para com as nossas crianças: “o direito de se exprimirem, de brincarem e de jogarem”, daí que seja claro considerar como relevantes as actividades lúdicas, visto a estas estarem inerentes uma série de vantagens. Para a faixa etária infantil, divertir é mais do que natural, pois as crianças, ao brincarem, distraem-se com jogos infantis, representando, por exemplo, papéis fictícios. Com a “brincadeira”, as crianças entretêm-se, divertem-se, exprimem-se, aprendem e desenvolvem-se. Como já foi referido, o ser infantil participa na actividade do brincar espontaneamente, pois está inerente à sua natureza. Cabe, contudo, ao contexto social e cultural, definir a natureza dessa actividade, bem como os mecanismos para que a mesma contribua para a preservação da cultura de uma região.

O Projecto pretende oferecer alguns contributos no âmbito da reflexão acerca das potencialidades pedagógico-didácticas, e respectivas implicações relacionais, quer numa fase exploratória ao nível da formação inicial, numa altura em que os futuros docentes se começam a familiarizar com as linhas condutoras iniciais da sua prática profissional; quer numa fase posterior nas escolas, na prática pedagógica e junto dos profissionais ligados ao ensino.

Sendo a nossa civilização contemporânea dominada por novas tecnologias sente-se a necessidade de recuperar aqueles que são os aspectos espontâneos do gesto humano, entretanto alterado pela mecanização excessiva da vida moderna. Voltar às origens, questionando conceitos de progresso e de civilização, é redescobrir curiosas analogias entre a arte dita primitiva e a arte contemporânea (Gonçalves, 2000: 107)

“Em Educação Artística, tem-se frequentemente a tendência para separar os elementos constitutivos da expressão criativa. É uma das consequências da concepção tradicional do ensino” (Fontanel-Brassart & Rouquet, 1977: 32). Procurando inverter esta tendência, desde cedo, percebemos a importância de contemplarmos os contributos das várias áreas de expressão num projecto integrado, capaz de aglutinar os diferentes domínios tornando-os significativos e promotores de múltiplas aprendizagens, relevantes para o desenvolvimento da criança.

Quadros Ferreira (2006:65) coloca como sendo um falso dilema a contradição existente entre criatividade e património. Inicialmente, embora releve a importância de se tratar a cultura de uma forma dinâmica, acentuando o papel da criação em detrimento da sua forma estática, conclui que o conhecimento das referências que o património nos proporciona também nos conduz à criação propriamente dita. A atitude cultural, promotora do património, torna-se o suporte da acção criativa pela aprendizagem de escolhas estéticas que promove e pela reordenação da cultura entendida como memória.

“A área de expressão e comunicação engloba as aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento psicomotor e simbólico que determinam a compreensão e o progressivo domínio de diferentes formas de linguagem. Esta é a única área em que se distinguiram vários domínios. Domínios que se consideraram dever estar intimamente relacionados, porque todos eles se referem à aquisição e aprendizagem de códigos que são meios de relação com os outros, de recolha de informação e de sensibilização estética, indispensáveis para a criança representar o seu mundo interior e o mundo que a rodeia” (in Orientações Curriculares, 1997: pp).



As canções tradicionais, as rodas cantadas, as lengalengas e os jogos populares reúnem em si a memória de uma cultura, que faz a ligação entre o passado e o presente. O seu contributo é interdisciplinar e reúne as características da Educação da criança pela Expressão e pela Arte.

De facto, o Projecto P.I.R.A.T.A.-C-B., de natureza transdisciplinar, tem como elemento aglutinador a expressão e comunicação mas diferentes formas - oral, musical, corporal e dramática. O património cultural infantil é rico e o seu contributo realça-se, por exemplo, no desenvolvimento: de traços de memória auditiva e cinestésica; do sentido rítmico do movimento; da coordenação motora geral e do equilíbrio; da reprodução de gestos e movimentos; da capacidade de cantar; das interações verbais; de vocabulário na língua materna.

Não será inocente a associação que as novas orientações curriculares têm vindo a fazer, de forma gradual e cada vez mais evidente, entre a área das expressões e a educação. No caso da Educação Básica, as quatro manifestações desta área curricular assumem presentemente designações como: expressão e educação dramática, expressão e educação musical, expressão e educação plástica, expressão e educação físico-motora (Fialho, 2003: 48).

Do mesmo modo, Condessa *et al* (2005) concluíram que apesar das expressões artísticas aparentemente fazerem parte da prática lectiva das crianças do 1º ciclo, a implementação de um trabalho integrador tem um impacto pedagógico positivo no seu quotidiano. Esta integração poderá ser considerada uma matriz assimiladora das várias áreas curriculares e, inequivocamente, uma linha de orientação ao processo de educação artística, pela estimulação das nossas crianças, quer no sentido estético; quer na expressão e adaptação criativa.

#### 4. O PROJECTO P.I.R.A.T.A.- C.B.: UMA FASE INICIAL DE PESQUISA

Numa fase inicial de pesquisa exploratória, a investigação tem sido realizada através da recolha etnográfica em contexto local. Para o efeito, foram enviados questionários para as Câmaras Municipais (18), Juntas de Freguesia (152) e Casas do Povo (93), Museus (8) e Bibliotecas (14) de toda as ilhas da Região Autónoma dos Açores, no sentido de se averiguar o desenvolvimento de actividades sobre danças e rodas cantadas, jogos tradicionais, brinquedos e lengalengas, e de eventuais espólios existentes (registo documental, fotográfico ou digital).

As informações recolhidas até ao momento permitem-nos deduzir que existem poucos registos produzidos na Região Autónoma dos Açores sobre esta matéria. Contudo, é de realçar um excerto do testemunho do Director do Museu de Ponta Delgada sobre a importância do legado tradicional da cultura açoriana no que concerne às suas práticas artísticas e culturais.

*“Há que preservar aquilo que é nosso, aquilo que nos distingue das outras culturas. O Museu recolhe músicas, textos, danças, entre outros, e é função da escola caminhar com o aluno, educá-lo de modo a que essas tradições se mantenham. O professor não se deve limitar a transmitir conhecimentos. Cada vez mais se devem integrar estes temas nas escolas de modo a formar pessoas capazes de assumir as suas raízes. (...)”*

(Testemunho do Director do Museu Carlos Machado, Ponta Delgada, 2007)

Para a preparação de uma segunda fase de pesquisa, de recolha de brincadeiras e jogos tradicionais, realizada através das “*memória da população*”, foi utilizado um segundo questionário. Este instrumento foi aplicado aleatoriamente a cerca de quatro centenas de indivíduos de população adulta e idosa de algumas ilhas do arquipélago.

Esta amostra é predominantemente de São Miguel (59%), do sexo feminino (61,3%), do meio rural (57,4%) e a maioria tem mais de 50 anos (89,3%). Foram inúmeros os exemplos de actividades mencionadas e descritas pelos inquiridos (Fig. 1).

| Exemplos de Actividades Tradicionais do Brincar Apresentadas pelos Inquiridos |                         |                                                                                                                                                                                                                                                   |
|-------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Actividade Tradicional                                                        | Jogos Tradicionais      | Pião, berlinde, pedrinhas, malha ou malhão, tiro à lata, botão ou marca, bilro, saltar à corda, tracção à corda, apanhadas, escondidas, cabra-cega, saltar o elástico, lenço, corridas de sacas, corridas de arcos, pau ensebado, macaca ou dama; |
|                                                                               | Brinquedos Tradicionais | Barra do lenço, stop, dominó, cartas, queimado ou mata, (...); Corridas de carrinhos de milho, corridas de carros de esferas, bonecos de milho, bonecas de trapos, bolas de trapos, (...);                                                        |
|                                                                               | Rodas Cantadas          | A Teresinha de Jesus; Indo eu, indo eu; Rosa Branca ao Peito; As Pombinhas da Caterina; A viuvinha; Ô Rosa Arredonda a Saia; Machadinha; (...);                                                                                                   |
|                                                                               | Lengalengas             | Era Uma Vez Um Cuco; O Gato Maltês; O Lagarto Pintado; Sape Gato; Sapateiro; Senhor Condutor; Senhora Lavadeira; Pico-pico Serapico; (...).                                                                                                       |

FIG. 1 – ACTIVIDADES APRESENTADAS PELOS INQUIRIDOS

Sobre a tipologia de actividades apresentadas pudemos verificar a existência de diferenças significativas quanto à idade ( $\chi^2 = 59,9$  a  $p = 0,000$ ) e ao sexo/ género ( $\chi^2 = 13,3$  a  $p = 0,039$ ) dos indivíduos (Quadros 1 e 2).





| Actividade Apresentada | Idade:                  | Menos de 50 | Dos 50 aos 64 anos | 65 anos ou mais | Total   | Menos de 50 | Dos 50 aos 64 anos | 65 anos ou mais    | Total         |
|------------------------|-------------------------|-------------|--------------------|-----------------|---------|-------------|--------------------|--------------------|---------------|
|                        | Jogos Tradicionais      | 32          | 56                 | 80              | 168     | 32<br>17,4% | 63<br>34,2%        | 89<br><u>48,4%</u> | 184<br>100,0% |
|                        |                         | 19,0%       | 33,3%              | <u>47,6%</u>    | 100,0 % |             |                    |                    |               |
|                        | Brinquedos Tradicionais | 0           | 7                  | 9               | 16      | 13<br>12,9% | 39<br>38,6%        | 49<br><u>48,5%</u> | 101<br>100,0% |
|                        |                         | 0,0%        | 43,8%              | <u>56,3%</u>    | 100,0 % |             |                    |                    |               |
|                        | Rodas Cantadas          | 7           | 19                 | 39              | 65      | 12,9%       | 38,6%              | 48,5%              | 100,0%        |
|                        |                         | 10,8%       | 29,2%              | <u>60,0%</u>    | 100,0 % |             |                    |                    |               |
|                        | Lengalengas             | 6           | 20                 | 10              | 36      | 100,0 %     |                    |                    |               |
|                        |                         | 16,7%       | <u>55,6%</u>       | 27,8%           |         |             |                    |                    |               |
|                        |                         |             |                    |                 |         |             |                    |                    |               |
|                        |                         |             |                    |                 |         |             |                    |                    |               |

QUADRO 2 – ACTIVIDADES APRESENTADAS PELOS INQUIRIDOS – ANÁLISE POR SEXO/ GÉNERO

| Actividade Apresentada |                         | Feminino     | Masculino | Total  | Feminino | Masculino | Total  |
|------------------------|-------------------------|--------------|-----------|--------|----------|-----------|--------|
|                        |                         |              |           |        |          |           |        |
| Actividade Apresentada | Jogos Tradicionais      | 140          | 94        | 234    | 149      | 101       | 250    |
|                        |                         | <u>59,8%</u> | 40,2%     | 100,0% |          |           |        |
|                        | Brinquedos Tradicionais | 9            | 7         | 16     | 59,6%    | 40,4%     | 100,0% |
|                        |                         | <u>56,3%</u> | 43,8%     | 100,0% |          |           |        |
|                        | Rodas Cantadas          | 54           | 13        | 67     | 102      | 31        | 133    |
|                        |                         | <u>80,6%</u> | 19,4%     | 100,0% |          |           |        |
|                        | Lengalengas             | 48           | 18        | 66     | 76,7%    | 23,3%     | 100,0% |
|                        |                         | <u>72,7%</u> | 27,3%     | 100,0% |          |           |        |
|                        |                         |              |           |        |          |           |        |
|                        |                         |              |           |        |          |           |        |

Por outro lado, sublinhemos o teor de alguns testemunhos deixados por alguns dos inquiridos que nos permitem realçar outros aspectos, tais como, pequenas (dis)semelhanças entre meio rural e urbano, a singularidade dos materiais utilizados nestas brincadeiras e a criatividade que lhes estava associada. Por exemplo, a Dona Delfina Paula, natural da cidade de Ponta Delgada, descreveu os jogos que, nesta cidade, jogavam, fazendo coincidir a sua narração com a de outras pessoas, naturais do meio rural. Salientamos, porém, a diferença entre os acessórios dos jogos, como, por exemplo, as saquinhas de tecido que Dona Delfina usava para jogar “As Pedrinhas” enquanto as pessoas do meio rural usavam mesmo pedrinhas. O Sr. Manuel Vitória contou-nos como ele próprio elaborava a sua bola com folhas de milho e meias para depois jogar descalço. Contou-nos também como improvisava o jogo de berlindes sem berlindes; não tendo como os comprar, substituíam-os com botões roubados da máquina de costura da mãe. Já o Sr. Jacinto falou-nos de corridas em carrinhos de esferas, jogos de futebol com bola de bexiga de porco e jogos de berlindes.

Estes depoimentos são reveladores de que a Cultura do Brincar se constrói na dupla vertente da educação das crianças: nas suas construções individuais, fruto das suas vivências em brincadeiras e actividade lúdica; e também, nas interações que estabelece com a sociedade em que se insere (indivíduos, acções, objectos, materiais, crenças, valores, ...). De facto, durante a sua infância a criança age e interage genuinamente através da actividade espontânea, pois está inerente à sua natureza. É o contexto social e cultural, no entanto, que define a natureza desta actividade, daí a importância que assume a natureza lúdica de uma actividade que proporciona a preservação da cultura de uma região. Além disso, este tipo de acção potencia muito as suas possibilidades de aprendizagem de interacção social na comunidade.

A rua e a escola são os locais mais mencionados para a prática habitual destas brincadeiras. As brincadeiras mais abordadas apresentam uma maior relação com as estações mais amenas de primavera e verão e são poucos os que associam estas acções às festas populares regionais ou religiosas. Na sua maioria as brincadeiras e jogos são realçadas pelo divertimento e prazer que proporcionaram durante a infância.

Analizados os conteúdos sistematizámos as brincadeiras e jogos em nove categorias (Fig. 2) que nos permitiram ordenar a grande variedade de actividades nomeadas.

| Categorias                                                                                                                                                                   | %    | Actividades Apresentadas (N)                                                                                                                                           |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. “Actividades e Jogos de Motricidade fina” - a componente perceptiva e motora fina é dominante, isto é, a agilidade, a coordenação motora fina.                            | 21,0 | Pião (26); Pedrinhas (12); Anel (10); Berlinde (9); Bilro e Botão/Marca (7); Malha/Malhão (2); Carica e Tiro à Lata (1).                                               |
| 2. “Actividades e Jogos de Motricidade Global” - a componente motora global é dominante, isto é, o equilíbrio, a agilidade, a coordenação motora grossa, velocidade e força. | 25,9 | Macaca – 24; Corridas e Perseguições (19); Cabra-cega e Lencinho (roda) (9); Elástico e Escondidas (6); Saltar à Corda e Tracção à corda (4); Salto ao Eixo e Aro (2). |



|                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 3. "Jogos com Regras" - incluem actividades em que a regra é predominante.                                                                                                                                                                                                                            | 3,1  | Jogo do Mata ou Queimado (13); Barra do lenço (3); Stop (2); Jogos com Bola (3); Damas (1).                                                                                                                                                                                               |
| 4. "Jogos de Simulacro" - integram as fantasias e as imitações: de actividades sociais (cerimónias e festividades), actividades caseiras (brincar às casinhas e às bonecas), animais e outras.                                                                                                        | 0,5  | Jogo das Estátuas e das Mães e Filhas (1).                                                                                                                                                                                                                                                |
| 5. "Jogos e Cantigas de Roda" - actividades em que as crianças dão a mão e cantam, usando o ritmo da canção para impor o ritmo do movimento. Podem realizar passos, fazer batimentos do corpo (palmas, bater os pés no solo, ...) exprimir emoções através de gestos ou mimar no seu desenvolvimento. | 16,3 | A Teresinha de Jesus (8); Chamarrita (7); Pézinho da Vila (3); Indo eu, indo eu (3); Baile da Povoação (3); Rosa Branca ao Peito (2); As Pombinhas da Caterina (2); Olhos Pretos (2); A Muvinha (2); Ô Rosa Arredonda a Saia (2); Machadinha (1); Malhão, malhão (1); Papagaio Louro (1). |
| 6. "Actividades e Jogos de/com Lengalengas e/ou Cantigas Populares" - a actividade/jogo faz-se acompanhar de um ritmo próprio de lengalengas ou de melodias.                                                                                                                                          | 24,4 | Macaquinho chinês; Mamã, dá licença? Tão-balalão; Se tu visses o que eu vi (1) Cabra-cega, rodas e saltos acompanhados de lengalengas e melodias (3).                                                                                                                                     |
| 7. "Actividades e Jogos de Construção" - construção de brinquedos e instrumentos musicais.                                                                                                                                                                                                            | 2,3  | Bonecas de trapo e de folha (7); bolas de trapos (1) animais de barro (1); flautas de canas (1).                                                                                                                                                                                          |
| 8. "Jogos de Sorte e Azar" - jogos e brincadeiras cujo resultado é fruto do acaso.                                                                                                                                                                                                                    | 1,0  | Moedas (3), Cartas (2).                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 9. "Outros Jogos/ Actividades" - jogos e brincadeiras que não estão contemplados nas categorias anteriores                                                                                                                                                                                            | 5,4  | Pilhas de mãos (3); Jogos dos Países ou o Intelectual (1).                                                                                                                                                                                                                                |

FIG. 2 – CATEGORIZAÇÃO DAS ACTIVIDADES APRESENTADAS PELOS INQUIRIDOS

As actividades e jogos de motricidade global, as lengalengas e cantigas populares, os jogos e rodas cantadas foram das actividades mais mencionadas, sobretudo, pelos inquiridos do sexo feminino. Por outro lado, as actividades e jogos de motricidade fina foram mais mencionados pelos inquiridos do sexo masculino.

### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assume-se como o objectivo central do Projecto P.I.R.A.T.A. – C.B. a promoção de uma dinâmica entre a escola e a comunidade, no sentido de criar um espaço de diálogo que aproxime a instituição escolar dos bens e valores de um património cultural do "brincar"; no que concerne à actividade lúdica, expressiva e comunicativa.

A sua natureza transdisciplinar tem como elemento aglutinador a expressão e a comunicação infantil nos seus diferentes domínios: oral, musical, corporal e dramática, áreas de eleição para a educação das nossas crianças, já que é um desafio redescobrir as enormes potencialidades pedagógicas do nosso património cultural infantil.

Estamos numa fase inicial de pesquisa etnográfica sobre registos existentes em contexto local cuja informação recolhida nos parece ainda insuficiente. Contudo, da aplicação dos questionários a uma amostra da região, verificamos a existência de semelhanças entre as brincadeiras e jogos apresentados no contexto tradicional, com destaque para as cantigas de roda e lengalengas, assim como, os jogos tradicionalmente adoptados pelos meninos e meninas.

Neste sentido, prevemos ter de alargar o estudo a um maior número de adultos/idosos para se perceber se a "cultura do brincar" nos Açores é similar em todo o arquipélago e reflecte as formas de brincar de uma Cultura Lusófona a que, globalmente, pertencemos.

### 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Anderson, T. & Milbrandt, M. (2005). *Art for Life*. Authentic Instruction in Art. New York: McGraw-Hill.
2. Batalha, A.P. (1981). Das Rodas Cantadas às Danças Colectivas, in *Colectânea de Textos*, 20, Lisboa: Publ. Associação de Estudantes.
3. Condessa, I. (2006). "O Movimento criativo". pp: 37-52. In Castro, G. & Carvalho, M. (Ed.), *Acta do Colóquio A Criatividade na Educação*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
4. Condessa, I.; Branco, M.J.; G. Medeiros e Hudec, F. (2006). "As Expressões Artísticas no Desenvolvimento de Algumas Competências do 1º Ciclo. Uma Análise do Recurso a Actividades de Expressão Corporal" pp- 80-86 in Maçara, A. E Batalha, A.P. *Livro de Textos e Resumos do Seminário Internacional "Dança e Movimento Expressivo"*. Faculdade de Motricidade Humana – U.T.L. Lisboa: Edições F.M.H.
5. Fialho, A. (2003). Sentidos para uma Formação Dialogada: O Trabalho Colaborativo na Formação Inicial de professores do 1º Ciclo do Ensino Básico. *Dissertação de Mestrado*. (documento policopiado). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.



6. Fontanel-Brassart, S. & Rouquet, A. (1977). *A Educação Artística na Acção Educativa*. Coimbra: Livraria Almedina.
7. Gonçalves E. (2000). A Arte Descobre a Criança, a Criança descobre a arte. In *Educação Pela Arte – Estudos em Homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos*. Lisboa: Livros Horizonte.
8. ME-DEB (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério de Educação.
9. ME-DEB (2006). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1º Ciclo*. 5ª Edição. Lisboa: Editorial do Ministério de Educação.
10. Merillas, O.F. (2003). *La educación patrimonial. Teoría y práctica en el aula, el museo e internet*. Gijón: Ediciones Trea, S.L.
11. Morin, E. (2002). *Os Sete Saberes para a Educação do Futuro*. Col. Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
12. Quadros Ferreira, A. (2006). *Pensar a Arte, Pensar a Escola*. Porto: Edições Afrontamento.
13. Reis, R. (2003). *A Educação pela Arte*. Lisboa: Universidade Aberta.
14. Simões, H. (2006). *Animação Cultural*. Col. Biblioteca do Educador. Lisboa: Livros Horizonte.
15. Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. 1º Volume. Col. Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.

## 22) JOÃO FIGUEIREDO.

**João Leonardo Bairos Figueiredo:** Os meus dados biográficos resultam até ao momento da conclusão da licenciatura de Relações Públicas e Comunicação, na Universidade dos Açores. Contudo, frequento o Mestrado em Ciências Empresariais da mesma universidade. Estou empregado na empresa Publiçor do Grupo Nova Gráfica, mas colaboro com a Rádio Atlântida. Na minha experiência curricular e profissional está a função de relações-públicas da Rádio Atlântida; delegado comercial da Century 21 (Grupo Mobilar). Alguns dos meus empregos de Verão passaram pela Biblioteca Municipal e Santa Casa da Misericórdia de Vila do Porto e Açorline. Quanto aos cargos já desempenhados são o de Director de Relações Empresariais da AIESEC Açores e Presidente do NURP-UAC. As actividades desenvolvidas como responsável foram a Conferência: *Universidade e Empresas, uma Associação para o Futuro*; *Tarde de Relações Públicas: Definição de Relações Públicas*; *Happy Hour: Qualidade na Comunicação*; Dia Aberto da UAC de 2006; Cerimónia de Finalistas; entre outros. Possuo o curso de formador, bem como desempenhei o cargo de entrevistador da Norma Açores, organizador e apresentador de eventos, etc.

Por último, a minha experiência como orador em eventos resulta de dois eventos. O primeiro designa-se por *Happy Hour: Qualidade na Comunicação*, projecto do NURP-UAC (Núcleo dos Estudantes de Relações Públicas e Comunicação) e, o segundo, Congresso da ARPP (Associação de Relações Públicas de Portugal) no ISMAI (Instituto Superior da Maia) com o tema Qualidade da Comunicação: Comunicar a Profissão e o evento do mesmo núcleo designado como Relações Públicas – Experiência Profissional. Todavia, saliento que todos os trabalhos realizados na rádio, apresentação e organização de eventos, conferências de imprensa, passagem pelo NURP-UAC e AIESEC Açores são o motivo pelo qual o contacto frontal com o público não me intimida, aliado às minhas características naturais, enquanto pessoa.

### CULTURA DA LÍNGUA AÇORIANA, UMA IDENTIDADE LUSÓFONA

#### **João Leonardo Bairos Figueiredo. Publiçor do Grupo Nova Gráfica**

Todo o processo cultural, valores e costumes de um dado território exprime a imagem que os restantes espaços circundantes possam ou devam ter relativamente a este. Num contexto, em que se retrata e exalta um conceito vasto como a Lusofonia, então estas nove ilhas são nove paraísos enraizados de estados lusófonos. Por outro lado, e baseando-me no slogan do projecto Festa Redonda, que promove o Festival "9 Ilhas, 9 Artes", saliento que este poderia ser um ou o lema. Nove Ilhas, Nove Artes, Nove Dialectos, Nove Espíritos, Uma Lusofonia de combate à insularidade das "Ilhas de coesão económica". A região em que vivemos irrompe da disparidade de dialectos tão ímpares que de certo modo têm uma coisa em comum. O sentimento lusófono que nos guia à nação de que fazemos parte. "A língua que eu quero é essa que perde função e se torna carícia. O que me apronta é o gosto pela palavra, o mesmo que a asa sente aquando o voo. Meu desejo é desalisar a linguagem, colocando nela as quantas dimensões da vida E quanto são? Se a vida tem é idimensões." – Mia Couto. Como exalta Mia Couto, na idimensionalidade da vida subscrevo que todos os "desusos" da língua portuguesa e que fazem parte de mim e daquilo que sou, do grupo a que faço parte, do meu mundo particular e tão global são a chama desta comunidade que fala, expressa e evidencia o bom português. Somos uma parte que torna o todo, a Lusofonia, permanecer no nosso conto luso. Porque tudo o que é certo acaba por se tornar errado para que o rio da vida jorre e contemple a simplicidade do existencialismo.

### ENQUADRAMENTO CULTURAL DE UM FALAR TÍPICO

Todo o processo cultural, valores e costumes de um dado território exprime a imagem que os restantes espaços circundantes possam ou devam ter relativamente a este. Num contexto, em que se retrata e exalta um conceito vasto como a Lusofonia, então estas nove ilhas são nove paraísos enraizados de estados lusófonos.

Por outro lado, e baseando-me no slogan do projecto *Festa Redonda*, que promove o Festival "9 Ilhas, 9 Artes", saliento que este poderia ser um ou o lema. Nove Ilhas, Nove Artes, Nove Dialectos, Nove Espíritos, Uma Lusofonia de combate à insularidade das "Ilhas de coesão económica".

A região em que vivemos irrompe da disparidade de dialectos tão ímpares que de certo modo têm uma coisa em comum. O sentimento lusófono que nos guia à nação de que fazemos parte.



Nos dias de hoje, ao falar do Açoriano e dos Açores devemos ter em conta a sua realidade insular e o seu enquadramento numa época onde a informação se generaliza e o Homem, obrigatoriamente, tem de estar à altura. Todavia, a “debilidade” das fronteiras entre o cidadão e o rural, a fraca densidade de população, a importância dos transportes e as suas dificuldades, o isolamento de algumas populações, a mentalidade bairrista, são características que designam a estruturação social de diversas ilhas, a incapacidade de desenvolver a economia e as fontes de riqueza própria, como caracterização do viver dos açorianos.

Mas é de exaltar que, maioritariamente, nas zonas rurais aumenta uma consciência de preservação das tradições. “As modalidades de índole, costumes, maneiras, acompanham esses matizes com uma precisão magnífica...” Nemésio (citado artigo sobre “O Açoriano e os Açores”) pensa mesmo haver uma interdependência entre as modalidades dos falares e as origens e o carácter das populações dispersas pelo Arquipélago.

Na dialéctica do homem das ilhas versus o homem do continente existe um factor de incompreensão tradicional e estrutural que convém esclarecer. Viver nas ilhas tem o seu preço: preço no sentido real, concreto, e preço no sentido moral. Apreciar a condição de viver nas ilhas - o seu clima, a sua paisagem, as vantagens do seu grau de isolamento, a saturação cidadina, a sua dimensão mais humanizada – implica, também, renunciar aos mitos das grandes urbes e o seu consumismo, a sua intensidade de vida, o seu prestígio para certas carreiras.

O lado conterrâneo de Nemésio exprimiu o mistério do desafio de viver em ilhas e seu encanto. “A Esfinge do mar é a ilha, levanta-se no deserto de águas como a pétrea cabeça que afrontava Édipo na estrada de Tebas...”.

A distinção do falar “continental” ou “açoriano” pode resultar de dois factores. A evolução da aproximação do “falar açoriano” ao português língua mãe resulta, por um lado, das viagens ao Continente e a televisão. A chegada da RTP Açores e depois da TV Cabo levou aos lares açorianos o português uniforme, ou pelo menos o continental. Daí que se registre uma progressiva dissolução de expressões locais em favor de uma generalização que aumentou com o número de horas de exposição televisiva. Poderá o falar açoriano estar no mesmo caminho do mirandês?

No entanto, iremos sempre ouvir uma expressão típica, o uso do verbo consolar. Tanto em “estás-te consolando”, ou seja, estás bem ou não fazes nada ou qualquer coisa que surja no contexto, como “estou consolado”, isto é, estou satisfeito.

“A língua que eu quero é essa que perde função e se torna carícia. O que me apronta é o gosto pela palavra, o mesmo que a asa sente aquando o voo. Meu desejo é desalisar a linguagem, colocando nela as quantas dimensões da vida E quanto são? Se a vida tem é idimensões.” – Mia Couto.

Como exalta Mia Couto, na idimensionalidade da vida subscrevo que todos os “desusos” da língua portuguesa e que fazem parte de mim e daquilo que sou, do grupo a que faço parte, do meu mundo particular e tão global são a chama desta comunidade que fala, expressa e evidencia o bom português. Somos uma parte que torna o todo, a Lusofonia, permanecer no nosso conto luso. Porque tudo o que é certo acaba por se tornar errado para que o rio da vida jorre e contemple a simplicidade do existencialismo.

### FALAR DO HOMOS AÇORENCIS

Os Açores são uma população dispersa por nove ilhas e pela diversidade destas ilhas, onde o clima e a orografia são semelhantes. Assim, a própria população assume-se de forma distinta. O isolamento fixa hábitos, costumes e exalta lealdade afectiva/bairrista ao local da família e dos antepassados.

Os povoadores das “ilhas de bruma” vieram um pouco de todas as partes de Portugal. Vindos, inicialmente, para Santa Maria e S. Miguel do Sul do País, depois um pouco de todo o país e uma parte de flamengos. Na obra *Esboço Histórico dos Açores*, salienta-se que “Santa Maria, como primeira terra açoriana a ser povoada, teve gente do Algarve e do Alentejo. S. Miguel, a seguir, beneficiou de famílias norte-alentejanas, estremenhas e já madeirenses”.

As teses linguísticas sobre os falares dos Açores poderão ser uma peça fundamental sobre o povoamento açoriano.

O povoamento dos mouros em S. Miguel resultou da sua separação dos cristãos. Também, os negros e os escravos foram excluídos a esse contacto cristão. A emigração da Madeira para os Açores trouxe à Terceira, Pico e Flores novos habitantes. A relevância dos Flamengos, sobretudo no Pico e Faial (também um pouco na Terceira e S. Jorge) e dos espanhóis, exclusivamente, na Terceira deve ser posta em foco. Na toponímia, a cultura flamenga, deixou nomes significativos (Ribeira dos Flamengos, Espalamaca). Enquanto, na antroponímia (Terra, Goulart, Silveira, Brum); Jos Van Huertere deu Horta. Por outro lado, na tipologia, deixa homens e mulheres com uma estatura, uma cor de olhos e pele e um somatismo característicos. Dos espanhóis sobrepõe-se a origem da palatalização do 1 (um) na Terceira: família (1 junto de isemivogal), isto é, ouvindo-se *familhía*.

Os falares dos Açores e Madeira devem ser agrupados como falares do Português Meridional, pois não se verifica traços caracterizadores do Português Setentrional, nos arquipélagos da Madeira e Açores.

O falar de São Miguel constata traços importantes do Português Meridional. Enquanto, na Terceira assiste-se à palatalização do 1, onde Castela dominara. Por outro lado, a influência espanhola deve ter-se feito sentir sobre o carácter do povo, dado às touradas e ao seu lado bastante festeiro. Os falares das ilhas centrais têm semelhanças e alguns particularismos, nomeadamente, na entoação.

Neste arquipélago denotam-se em grande número variantes fonéticas e há algumas variantes lexicais. Uma *burra de milho* na Terceira chama-se em S. Miguel uma *cafua*; uma *clarabóia* na Terceira chama-se em S. Miguel um *alboio*, termo de provável origem árabe. Em todo o arquipélago, à excepção da Terceira, usa-se o termo *manjedoura* ou *maçaroca*. Na Terceira chama-se de *baia* e *soca*, respectivamente. Também, o *vinho abafado* só é usado no Grupo Oriental (São Miguel e Santa Maria), sendo que nas restantes ilhas o mesmo termo tem a designação de *angelica*.





A influência francesa, em S. Miguel, pode ser vista, através, dos povoadores do Centro-Sul do Continente, onde a influência francesa já é um facto, bastando olhar aos topónimos Vila Velha de Ródão, Proença, Nisa, Tolosa e a zona de influência dos Templários. Por outro lado, os topónimos Bretanha e João Bom (Jambon) podem ser referência desta. No estudo sobre o falar da Bretanha, Maria Clara Rolão Bernardo, reafirma esta convicção. Lacerda Machado confirma que o fundo étnico da população micalense é originário do território meridional, com predomínio do Alto-Alentejo. Como fundamento desta afirmação estão os elementos linguísticos e antropológicos, nomeadamente, cefalométricos.

Em 1924, Leite de Vasconcelos, no Corvo, encontrara um ü (u francês) semelhante ao de S. Miguel. João Saramago, também, na sua tese confirma este ü, embora na sua posição não ser tão evidente como o de S. Miguel.

O *homos açorencis* designa-se através de um trio. Por um micalense, sendo este o mais trabalhador, o mais introvertido e talvez mais rude nos tipos rurais; o terceirense que é bem menos trabalhador, mais festeiro e convivente, com traços de certa manha rural, que agrupa com um tipo mais genérico de o açoriano das "ilhas de baixo", e o picaroto, que é uma ramificação do grupo anterior, mas que lhe oferece grande distinção - "nata do insulano", pois são vistos como os homens do mar, homens de palavra, dando conta da vida com frontalidade e brio.

A *psique* do açoriano resulta da alma rural à cidadina desta população pela aptidão para a emigração. A emigração derivava da disponibilidade, da necessidade, do risco e espírito de aventura, do apelo de um parente. Contudo, devemos considerar três tipos de emigração nos Açores: uma emigração histórica (a para o Brasil, sobretudo nas regiões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em meados do século XVIII); uma emigração norte-americana e canadiana (a partir do final do século XIX e, em grande número, a tal ponto que há mais açorianos e seus descendentes nos E.U.A. que nos Açores) e uma "emigração" continental, ou seja, uns milhares de açorianos e seus descendentes que, sobretudo por razões de carreira e estudos superiores, se fixaram no continente português. Após, o surgimento da Universidade dos Açores e do Governo Regional, que criaram postos de trabalho mais qualificados, atraindo ou fixando quadros superiores, a deslocação para o Portugal Continental diminui.

Não obstante do "sotaque açoriano" (micalense), existe outra ilha que obtém influências pelo facto de a ilha ter um porto onde muitos barcos estrangeiros reabasteciam, em particular americanos, levando o faialense a adoptar termos e palavras estrangeiras, anglicismos.

Para além da abundante utilização do gerúndio, lembrando o falar brasileiro, raras são as vezes que sente-se aquele enrolar da língua e o cantar das palavras. Conversas com açorianos indicam o facto de que o tal famoso sotaque, na verdade, não ser açoriano, mas sim micalense (de S. Miguel).

Conservação e inovação fazem parte do léxico micalense, quando se fala no vocabulário de cariz popular. A permanência de vocábulos do Português Antigo revela o conservadorismo cultural e social da população açoriana, até à 30 anos atrás. Assim, assiste-se à existência de palavras e expressões medievais.

A inovação verifica-se na formação dos regionalismos, ou melhor, neologismos – matrizes linguísticas do Inglês-americano e do Português. A título de curiosidade existem 2016 palavras pertencentes ao dialecto micalense, segundo a obra *O Falar Micalense, Fonética e Léxico*.

Numa forma muito geral, os processos derivacionais (nominal, adjectival e verbal) são a constante presença na criatividade lexical do falar micalense.

Eis algumas palavras pertencentes a este estudo.

**AMANHADO:** 1. pessoa que nunca se revolta, pessoa conformada com tudo. É um amanhado. É uma bem amanhada. 2. (adjectivo) Cheio, referindo-se ao estômago bem confortado. **ACADELADO:** Comprometido. **BANDOLIM:** Líquido que se extrai das pevides de marmelo. **BESUGA:** Jovem bonita e de formas elegantes. **BICA:** 1 peça da azenha; 2 fonte, torneira. 3 chupeta. **BOCETA:** nariz. **BRINDEIRA:** pão pequeno de trigo ou de milho. **CHAMARRITA:** balho popular. **CHIBANA:** cabra jovem antes de ter a primeira cria. **CORISCO:** relâmpago; pessoa natural de São Miguel. **CORROAÇÃO:** cortejo do Espírito Santo. **DRAIVAR:** guiar, conduzir. **ÉME:** interjeição que demonstra desagrado ou desinteresse. **ESPARTO:** jacto da baleia a respirar. **ESCLADAR:** magoar, ferir, bater. **FINEZA:** debilidade, fraqueza. **GAMA:** pastilha elástica. **INTENICAR:** brigar, aborrecer, provocar. **LOURO:** planta endémica dos Açores. **MALAÇADA:** pequeno bolo que leveda ao fritar, polvilhado em açúcar. Confeccionado no Carnaval. **MAPA:** esfregona. **MÓNIM:** dinheiro. **NICA:** pequena quantidade. **ORAÇAL:** aração. **PALHITO:** fósforo. **PETCHENO:** criança pequena. **PULO:** susto. **REPISA:** vingança, desforra. **SAPATEIA:** balho popular. **SINÓ:** neve. **TARELO:** juízo. **VARA:** medida de comprimento de terras. **ZOADA:** marulho das ondas.

O estudo publicado por Maria Clara Rolão Bernardo e Helena Mateus Montenegro, feitos para as restantes ilhas, permitiriam, por um lado, estabelecer o que constitui a unidade do falar açoriano, e por outro lado, destacar as especificidades de cada ilha e até de determinada localidade.

#### **AÇORIANIDADE NO MEIO DO ATLÂNTICO**

O conceito Açorianidade nasce do tão nosso grã e ilustre Vitorino Nemésio, em 1932. A açorianidade é a alma do ser-se açoriano emergente em quase toda a sua obra de poeta, romancista e contista. Este não só exprime a qualidade e a alma do ser-se açoriano, dentro ou fora dos Açores, mas o conjunto de condicionantes do viver insular: a geografia, o vulcanismo, as limitações económicas e a própria capacidade de uma "economia"



tradicional de subsistência, as suas manifestações da cultura e da religiosidade popular, a sua idiossincrasia, os seus falares, tudo o que contribui para conferir identidade.

Assim, na atlanticidade, a delimitação das margens atlânticas e dos povos que entre elas circulam, prevalece a açorianidade, condição do ser-se e do viver nos Açores.

"A Açorianidade é a alma que se transporta quando se emigra, como também aquilo que de cada um de nós se espera quando nós vivemos fora. A ilha em que nascemos é um eixo do Cosmos, uma pequena pátria, um mundo de referências matriciais. A ilha que somos obrigados a abandonar é um ponto de referência, um ponto de regresso ideal, uma Ítaca em que cada um é o Ulisses da sua própria e secreta mitologia". "Este arreigamento, quando exacerbado, pode gerar sublimações como desesperos, amores ou ódios, "o apego ferrenho às ilhas, a doença do açoriano".

### SENTIMENTO LUSÓFONO, UMA IDENTIDADE REGIONAL

Em tom conclusivo, o micalense mostra uma afinidade lexical com Santa Maria, e uma não tão evidente com São Jorge. Também, as zonas dos Mosteiros e Rabo de Peixe (São Miguel) apresentam uma afinidade lexical com a ilha de S. Jorge, nomeadamente, com a Calheta e Rosais. Enquanto, Ponta Garça (São Miguel) denota uma menor afinidade com os restantes pontos inquiridos por João Saramago e José B. Gonçalves. Apesar de, com Santa Maria e os restantes três da ilha assistir-se esta afinidade. Nordeste apresenta uma afinidade com oito pontos inquiridos (não incluindo os seis pontos dos Mosteiros e Rabo de Peixe, nem os quatro pontos de Ponta Garça).

Os pontos analisados foram: Grupo Oriental, São Miguel (Mosteiros, Rabo de Peixe, Ponta Garça e Nordeste) e Santa Maria (Santo Espírito); Grupo Centra, Terceira (Altares e Fontinhas), Graciosa (Carapacho), São Jorge (Calheta e Rosais), Pico (São Roque e Terras) e Faial (Cedros e Castelo Branco); Grupo Ocidental, Flores (Fajãzinha e Ponta Ruiva, e Corvo (Corvo).

A variedade na distribuição do léxico oferece não só ao linguista, mas também ao etnógrafo e historiador uma abundância e grande interesse de motivos para reflexão e pesquisa.

Agora, faço questão de evidenciar um caminho traçado por um grupo que tem vindo a conquistar um mundo que nutre há 25 anos por um espírito de pertença bastante lusófono. Assim, o Grupo Nova Gráfica, para além, de difundir os valores dos autores regionais, promover obras e o dia-a-dia açoriano, tem vindo a ser premiado por tão nobre atitude. Como exemplo destes factos, exalto a edição do maior livro da Europa intitulado "*O Açor eterno, trilogia de uma ave e de um povo*" de Manuel Ferreira, e os demais abraços às edições históricas, culturais e sociais açorianas.

Assim sendo, saliento que o falar açoriano não será uma língua a estudar como fonte de "comunicação real" no quotidiano lusófono nas gerações vindouras, mas este dialecto tão distinto será uma linguagem utilizada no espaço lusófono como fonte cultural de um povo que vive enraizado em tradições, costumes e valores muito próprios. Este lado comum da vivência e do culto ao antigo, somado a uma pitada de espírito aventureiro levam a bom porto aquilo a que estamos, consecutivamente, à procura. Seremos aquilo que, verdadeiramente, somos e ambicionamos ser, sem ter de cortar com as raízes. Pode não ser tão belo à vista ou, melhor, ao ouvido. Todavia, soar sempre bem, porque faz parte da minha identidade e da imagem lusófona que todos preservamos.

"Não é a natureza que determina a cultura, mas sim a vontade livre. Não é o passado que determina a cultura, mas sim a vida que se faz, que se quer ter. E a cultura não se restringe à arte e a arte pode muito bem funcionar como ruptura cultural, e muitas vezes assim tem sido."

### BIBLIOGRAFIA:

MONTENEGRO, Helena M. e BERNARDO, M.C. Rolão – I Encontro de Estudos Dialectológicos (Actas), Ponta Delgada, 2006, pp. 107-120; pp 293-324; pp 325-344.

MELO, João de, *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano – Séculos XIX e XX*, Junho de 1978, pp 11-36.

MONTENEGRO, Helena M. e BERNARDO, M.C. Rolão, *O Falar Micaelense – Fonética e Léxico*, 2003, pp 131-310.

<http://www.ceha-madeira.net/canarias/hia33.html>

<http://www.revista.agulha.nom.br/MACHADO%20PIRES.pdf>

---

## 23) JOSÉ CARLOS TEIXEIRA

TEIXEIRA, José Carlos, Department of Geography, University of British Columbia Okanagan Ph.D. Geography, York University, 1993 (Thesis title: *The Role of "Ethnic" Sources of Information in the Relocation Decision - Making Process: A Case Study of the Portuguese In Mississauga*).

MSc. Geography, Université du Québec à Montréal, 1986 (Thesis title: *La Mobilité Résidentielle Intra-Urbaine des Portugais de Première Génération à Montréal, Université du Québec à Montréal*).

B.Sc. Geography, Université du Québec à Montréal, 1983.

PUBLICATIONS JOURNALS

TEIXEIRA, Carlos (2007). "Residential Experiences and the Culture of Suburbanization – A Case Study of Portuguese Homebuyers in Mississauga", *Housing Studies*, 22(4): 495-521.



- TEIXEIRA, Carlos, L. Lo and M. Truelove (2007). "Immigrant Entrepreneurship, Institutional Discrimination, and Implications for Public Policy", *Environment and Planning C*, 25(2):176-193.
- LI, Wei and Carlos Teixeira (2007). "Introduction: Immigrants and Transnational Experiences in World Cities", *GeoJournal*, 68(2/3): 93-102.
- (2006). "Housing Experiences of Black Africans in Toronto's Rental Housing Market: A Case Study of Angolan and Mozambican Immigrants", *Canadian Ethnic Studies*, XXXVIII (3): 1-29. [In Print]
- (2006). "A Comparative Study of Portuguese Homebuyers' Suburbanization in the Toronto and Montreal Areas", *Espaces-Populations-Sociétés*, 1: 121-135 [Special Issue – "Diasporas and Metropolis", edited by Yves Boquet].
- "Residential Experiences and the Culture of Suburbanization – A Case Study of Portuguese Homebuyers in Mississauga", *Housing Studies* (Accepted, December 2006).
- . "Ethnic Entrepreneurship and Institutional Discrimination in Toronto: Policy Implications and Recommendations", *Environment and Planning C* (Accepted, November, 2005). [In Print].
- (2004/2005). "Future Research Directions of North American Ethnic Geography". *International Journal of the Humanities*, 2 (1): 305-311.
- (2004). "'Second Generation' Cultural Retention and Ethnic Identity: Young Portuguese and Portuguese-descendants in Canada", *Portuguese Studies Review*, 11(2): 1-23.
- (2003). "Polish and Somali Entrepreneurship and the Building of Ethnic Economies in Toronto", *Espaces, Populations, Sociétés/Space, Populations, Societies*, 1: 167-181.
- (2001-2002). "The Portuguese Presence in Canada: An Overview of Five Decades", *Gávea-Brown*, XXII-XXIII: 5-28.
- (2001). "Community Resources and Opportunities in Ethnic Economies: A Case Study of Portuguese and Black Entrepreneurs in Toronto", *Urban Studies*, 38(11): 2055-2078.
- (2001). "Building an Ethnic Economy in Toronto, Canada", *Scripta Nova* (Journal – 'Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales/Geography and Social Sciences – University of Barcelona), August 2001, (<http://www.ub.es/geocrit/sn-94-77e.htm>).
- (1999). "The Portuguese Communities of Montreal and Toronto: A Comparative Analysis", *Gávea-Brown* (Journal of Portuguese Studies/Brown University), XIX-XX (January-December): 215-228.
- (1998). "Cultural Resources and Ethnic Entrepreneurship: A Case Study of the Portuguese Real Estate Industry in Toronto", *The Canadian Geographer*, 41(3): 267-281.
- (1998). "If Quebec Goes....:The 'Exodus' Impact?", *The Professional Geographer*, 50(4): 481-498.
- (1997). "The Role of Ethnic Real Estate Agents in the Residential Relocation Process: A Case Study of Portuguese Homebuyers in Suburban Toronto", *Urban Geography*, 18(6): 497-520.
- (1997). "The Suburbanization of Portuguese Canadians in Toronto", *The Great Lakes Geographer*, 4(1): 25-39.
- (1996). "O Multiculturalismo Canadiano e o Futuro dos Açorianos no Quebec" [The Canadian Multiculturalism and the Future of the Portuguese Azoreans in Quebec], *Arquipélago – Ciências Sociais* (Journal 'Arquipélago' Social Sciences/University of Azores), 9-10: 217-237.
- (1995). "Ethnicity, Housing Search, and the Role of the Real Estate Agent: A Study of Portuguese and Non-Portuguese Real Estate Agents in Toronto", *The Professional Geographer*, 47(2): 176-183.
- (1995). "The Portuguese in Toronto - A Community on the Move", *Portuguese Studies Review*, 4 (1): 57-75.
- (1995). "Portugueses do Quebec e Multiculturalismo Canadense" [The Portuguese of Quebec and the Canadian Multiculturalism], *Canadart* (Journal of the Canadian Studies – University of Bahia, Salvador, Brazil), 3 (January-December): 15-39.
- Special Issue - "GeoJournal"
- LI, Wei and Carlos Teixeira (Editors) (2007). "Immigrants and Transnational Experiences in World Cities", *GeoJournal*, 68(2/3): 93-278.
- Teaching Portfolio
- UBC Okanagan Calendar Course Descriptions are available at [available online](#).

## SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL E ENCLAVES ÉTNICOS NUMA TORONTO MULTICULTURAL: LITTLE PORTUGAL EM TORONTO

Carlos Teixeira, *University of British Columbia Okanagan, Canadá* ([carlos.teixeira@ubc.ca](mailto:carlos.teixeira@ubc.ca))

NESTE ARTIGO ESTUDAMOS, PRIMEIRO, A FIXAÇÃO DE RESIDENTES NA ÁREA DE KENSINGTON MARKET NAS DÉCADAS DE 1950 E 60; DEPOIS VEREMOS A EXPANSÃO, EM ESPECIAL, PARA "LITTLE PORTUGAL/PORTUGAL VILLAGE" A PARTIR DE MEADOS DA DÉCADA DE 60. E, POR FIM, O DESENVOLVIMENTO DUMA COMUNIDADE INSTITUCIONALMENTE COMPLETA E UMA COMUNIDADE ÉTNICA ECONOMICAMENTE AUTO-SUFICIENTE NUMA TORONTO MULTICULTURAL. Toronto e Montreal, duas das maiores cidades de entrada para imigrantes no Canadá, têm passado por uma significativa transformação nas últimas décadas, tanto na sua paisagem física quanto em seus aspectos sociais e culturais. Na verdade, desde o começo da década de 1950, tanto Toronto quanto, ainda que em menor escala, Montreal e seus subúrbios tornaram-se extraordinariamente variados em seus aspectos culturais e raciais. Segundo o censo de 2001, um pouco mais de que 2 milhões dos habitantes de Toronto (44%) nasceram fora do Canadá, enquanto em Montreal cerca de 622.000 habitantes (18%) nasceram fora do Canadá (Justus, 2004). Além disso, a internacionalização da imigração no Canadá desde os anos '60, com a mudança dos países de origem da Europa para a Ásia, África, América Latina, Caribe e Oriente Médio trouxeram uma mudança dramática ao mosaico etno-cultural de Toronto e Montreal.

Entre os estudiosos canadianos houve um aumento na conscientização da importância que certos grupos de imigrantes dão à casa própria, bem como os altos níveis de mobilidade residencial e de suburbanização entre eles e a tendência exibida por certos grupos a formarem agrupamentos étnicos. (Qadeer, 2004; Hiebert, 2000). Nesse contexto da presença de imigrantes em nossas maiores áreas urbanas, o processo de decisão de



deslocamento, inclusive a mudança para os subúrbios, é considerado complexo e multidimensional, inserido que é em mercados habitacionais heterogêneos. (Clark e Dieleman, 1996; Teixeira e Murdie, 1997).

Esse estudo põe em foco portugueses que estabeleceram grupos de imigrantes em Toronto e Montreal desde o começo dos anos '50. Esse grupo apresenta altos índices de propriedade das casas em que moram bem como uma alta tendência à suburbanização. O grupo português também é notável por seu alto grau de segregação dentro dos limites das cidades de Toronto e Montreal, assim como sua propensão incomum a re-segregar os subúrbios (ex., Mississauga, um subúrbio a oeste de Toronto, e Laval, ao norte de Montreal). O objectivo deste estudo é comparar o processo de recolocação e suburbanização dos proprietários de casa nas áreas de Toronto e Montreal. Atenção será dada aos seus padrões de colonização e escolha de imóveis, bem como às estratégias empregadas na busca de novas residências.

Este estudo longitudinal baseia-se nos dados obtidos originalmente em questionários levantados em 1984 entre os residentes portugueses da Cidade de Montreal e em 1990 entre residentes de Toronto que mudaram-se para Mississauga, um subúrbio a oeste de Toronto. Um total de 36 proprietários de casa portugueses em Montreal e 110 em Mississauga participaram do estudo. Os dados foram colectados no contexto das teses de mestrado e de Ph. D. em geografia do autor.

(trabalho final não recebido dentro dos prazos)

## 24) JOSÉ JORGE PERALTA

**José Jorge Peralta**, Nascido em Vagos – Portugal – 1938, Bacharel e licenciado em Letras – USP – 1969, Bacharel e licenciado em Filosofia – Medianeira – 1971, Doutor em Letras – Sócio-Semiótica – USP - 1979

**Actividades Docentes:** Professor de Linguística – USP – 1970 a 1996.

- ✍ Professor aposentado da USP; 1996...
- ✍ Professor de Português e Linguística na UNIB de 1971 a 1985
- ✍ Professor e Orientador em nível de Pós-Graduação na USP – 1984 a 1996.
- ✍ Director da Faculdade Interlagos – 1995 a 2008
- ✍ Director da Faculdade Euro-Panamericana: 2000 a 2008.

ANTÔNIO VIEIRA NOS AÇORES, ECOS DO 4º CENTENÁRIO

**José Jorge Peralta Universidade de São Paulo – USP e Instituto Edubrás, S. Paulo Brasil**

Antônio Vieira, um patriarca da cultura e da civilização lusofônica, viveu três meses nos Açores. O destino o trouxe para este arquipélago. Aqui ele pregou o “**Sermão de Santa Teresa**”. Vieira chegou aqui após trágico naufrágio: numa tempestade, a nau tombou e os passageiros ficaram tentando sobreviver agarrados ao casco. Aproximou-se uma embarcação de corsários holandeses que pilharam a carga de açúcar do Brasil e roubaram os pertences e até as roupas dos passageiros. Deixaram-nos na ilha Graciosa. No Sermão, referido, proferido nesta ilha de São Miguel Vieira narra o trágico naufrágio. Considera que ter chegado aqui, não é obra do acaso: é obra do “grande Conselho da Providência Divina”. O Sermão é um magnífico panegírico à Santa venerada pelos açorianos. Neste Sermão o Pe. Vieira, revela alguns dos traços básicos de seu espírito “**com os olhos no Céu, com os olhos na Terra e com os olhos no Evangelho**”. Mostra seu compromisso com o bem-estar terreno das pessoas que é a tônica da obra “**Clavis Prophetarum**”. Neste trabalho abordaremos as grandes coordenadas e definições deste Sermão, situado entre dois magistrais sermões de Vieira: o Sermão de **Santo Antônio aos Peixes** (das Verdades), pregado no Maranhão, três meses antes, e o **Sermão da Sexagésima**, pregado em Lisboa, no início de 1655. Falaremos aqui da articulação deste Sermão com a obra global de Vieira. Vieira, na ocasião, dirigia-se a Lisboa para tratar da liberdade dos indígenas do Brasil. Este é o contexto. Este Sermão nos revela outras grandes dimensões da obra de Vieira, que foi um político sagaz, um dos melhores escultores da nossa língua. Foi também grande humanista, filósofo, diplomata, conselheiro, estrategista e historiador. Foi um ardoroso lutador pela justiça social e pelo respeito à dignidade do ser humano. Foi um incansável guerreiro da esperança. Este Sermão marcou para sempre a presença de Vieira nos Açores.

### I – INTRODUÇÃO O PODER DO HOMEM GENIAL

#### 1. O 4º CENTENÁRIO

No ano em que o mundo celebra o 4º **Centenário** de nascimento do P. Antônio Vieira faz bem à alma, ao coração, à inteligência e à civilização, recordar a ação e os méritos de um homem tão ilustre e de tão altos serviços à nação e à humanidade.

É mais auspicioso celebrar tão faustosa data no arquipélago dos Açores onde por forças imponderáveis ele foi chamado para dar algum recado, retemperar seu espírito, recompor seu psiquismo, ordenar suas idéias. Após isto, prosseguiu sua missão em outras plagas. Vieira nos Açores não é ato banal, segundo supomos. É um encontro “marcado”.

Vieira nos Açores, é um acontecimento feito de episódios **incrivelmente épicos**: desde a tragédia no mar; o saque dos piratas; o roubo do navio; o lançamento dos tripulantes, despidos, na Ilha Graciosa; a recomposição de todos; a ida a Igreja do Santo Cristo; o diálogo com o Sr. João de Sousa Pacheco; o Sermão na capela do Colégio; a procissão e o Sermão na Sé, são tudo momento memoráveis de alto poder visual e semiótico.

É um enredo cinematográfico de grande sedução, poder de atrair a atenção e provocador de alta reflexão.





No meio de toda essa tragédia e da popular exaltação, surge um herói e um profeta, sempre enérgico e sempre meigo, sempre solidário e sempre enigmático. Ele chegou ali “por acaso”, mas deve haver alguma razão oculta que aqui o chamou. Enfim, os Açores parecem ser um espaço onde agem poderes especiais

Escutemos algumas linhas do Sermão de Vieira nos Açores: “ (...) Acaso e bem acaso, aportei às praias desta ilha; acaso e bem acaso entrei pelas portas desta cidade; acaso e bem acaso me vejo hoje neste púlpito (...). E quem me disse a mim ou a vós, se debaixo deste acaso se oculta algum grande conselho da Providência Divina?” (Vieira, vol. X, 1951:362) – Anexo 1

Escutemos mais duas frases do Sermão nos Açores “Com os olhos no céu, com os olhos na terra, e com os olhos no Evangelho determino pregar hoje...”. “Senhor, não vos dou graças por me livrardes do perigo, senão por meterdes nele. Quando por tal causa me meteste no perigo, então me livraste”. (Vieira, ibidem: 364 e 390) Anexo 1 e 3

Cada um descubra ou tente suas hipóteses para compreender tudo isso que não cabe nas dimensões desta comunicação...

É auspicioso rememorar aqui o grande Vieira, não só pela grandeza humana e moral da pessoa, mas ainda pelo fato de ele ter estado aqui, nos Açores, deixando suas marcas indeléveis de grandeza, simplicidade, disponibilidade e senso profético, com seu poder transformador.

Como homem genial, como herói arriscando a vida, como cultor dos grandes valores da humanidade, como lutador pela liberdade, pela justiça e pela dignidade das pessoas, como orador e humanista e como missionário na Amazônia, Vieira é um **GIGANTE**.

Como homem arrojado, persistente, de grandes ideais, de imenso discernimento intelectual e de grande coração Vieira é uma **ÁGUIA** de altos vãos, de arroubos descomunais e de grandes ousadias.

Para além de sua realidade humana, Vieira é a **VOZ** da humanidade lutando por valores perenes, que sobrevivem acima das pessoas e do tempo, na busca de uma existência mais digna e solidária, com mais bem-estar...

## 2. VIEIRA – UMA VISÃO PANORÂMICA

Quem foi o Antônio Vieira que aportou aos Açores em julho de 1654?

Efetivamente o P. Antônio Vieira dispensa grandes apresentações. É bastante conhecido, apesar de correrem muitas informações distorcidas.

Não foi fácil ser Vieira, mas foi sua Missão. É que os grandes líderes na sociedade dos humanos, costumam sofrer traições e injúrias, pois não podem atender a “gregos e troianos”. A opção e o custo é de quem deve decidir.

Foi talvez um dos primeiros homens da terra de dimensões mundiais. Atuou no Brasil, em Portugal, em Roma, Nápoles e Florença, na França e seu nome e sua fama de homem sábio, enérgico e decidido e de grande orador correu todos os países hispânicos, toda a Europa e América, África e Ásia, onde atuavam os Jesuítas.

Defendeu o Brasil contra as Invasões Holandesas; Defendeu Portugal livre contra a dominação da Espanha; Defendeu a liberdade e a dignidade dos índios e dos negros.

Foi conselheiro real, diplomata, filósofo, humanista, missionário, escritor. Para levar à frente seus altos ideais cultivou grandes utopias.

Dedicou-se sem limites a seu povo, a seus ideais e a seu rei, muitas vezes arriscando a própria vida. Acreditou e fez acontecer.

Vieira é o grande Patriarca **da Lusofonia**; Fernando Pessoa lhe deu o título magnífico de **Imperador da Língua Portuguesa**. É também chamado **Príncipe dos Oradores Sacros** e **Imperador do Púlpito**. Foi um dos maiores oradores de todos os tempos.

A humanidade produziu poucos homens da estrutura moral e do arrojo, coragem e generosidade de Vieira.

Vieira viveu de 1608 a 1697. 90 anos (quase) bem vividos. Encheu o século XVII com seu saber e com sua ação transformadora.

Como sábio atuante teve uma multidão de amigos e até alguns inimigos vorazes. Foi processado pela Inquisição e condenado por vias políticas, sem que tivesse cometido crime algum. Mas recorreu ao Papa e foi eximido de qualquer culpa, no meio de grandes elogios do Papa que equivalem a uma grande consagração.

Vieira, como todos os seres humanos mais sábios e empreendedores, teve acertos e desacertos. Nunca decretou a própria infalibilidade. Mas sempre fez por acertar e nunca desistiu da busca do melhor e mais justo...

Sua principal produção literária são seus **SERMÕES** e suas **CARTAS**. São monumentos para a eternidade. Dignificam a humanidade.

Dividimos a vida de Vieira em 7 (sete) fases:

1ª – 1608 a 1626 – Lisboa e Bahia – (18 anos)

(nascimento, estudo)

2ª – 1626 a 1641 – Pernambuco e Bahia – (15 anos)

(Magistério em Pernambuco. Sermões na Bahia)

3ª – 1641 a 1652 – Portugal e Europa – (12 anos)

(Diplomata e Conselheiro na Corte de Portugal. Embaixador na Europa)

4ª – 1652 a 1661 – Missionário: Maranhão, Pará, Portugal – (9 anos)

5ª – 1661 a 1669 – Inquisição – Portugal – (8 anos)

(Processo em Coimbra. Condenação)

6ª – 1669 a 1681 – Roma e Lisboa – (11 anos)

(Reabilitação em Roma pelo Papa. Notoriedade de seus Sermões).

7ª – 1681 a 1697 – Bahia – (16 anos)

(Revisão e publicação de sua obra; Visitador Geral do Brasil e Maranhão)



Vieira foi trazido aos Açores após terrível naufrágio, seguido de saque por navio de piratas holandeses. Vieira vinha das Missões da Amazônia, de São Luís do Maranhão e dirigia-se para Lisboa. Este é o contexto.

Estamos no mês de agosto de 1654. Vieira tinha 46 anos. Saiu de S. Luís em meados de junho; em meados de agosto naufraga na altura dos Açores; no dia 15 de outubro prega o Sermão de Santa Teresa; no dia 24 de outubro embarca para Lisboa, onde chega em novembro; no dia 16 de abril de 1655 embarca de volta para o Brasil. Nesses poucos meses Vieira agiu incansavelmente. Ele está num dos ápices de seu gênio profético, abalando estruturas débeis e provocando abalos nas torpezas de certas pessoas de grande status na sociedade.

De agosto de 1654 a abril de 1655 foram oito meses de grande tensão e produtividade.

Vieira estava mergulhado nas atividades incansáveis das Missões no Amazonas. Havia grandes embates de Vieira, na defesa dos índios contra os colonos.

Em momento de grande tensão e contendas, no dia 13 de junho, Vieira pronunciara um dos mais belos e veementes Sermões: **O Sermão de Santo Antônio aos Peixes**, em São Luís do Maranhão.

Poucos dias depois embarcou com destino a Lisboa para pedir proteção ao Rei D. João IV, para os índios do Brasil. No caminho acontece o naufrágio nos Açores e os fatos seguintes aqui narrados.

Nos Açores pronuncia o grande **Sermão de Santa Teresa**. Após três meses nos Açores, retoma a viagem para Lisboa (24 de outubro).

A ação nos Açores marca um dos pontos altos da trajetória a Vieira. Após a tragédia inicial no mar, em terra Vieira passa três meses amenos, de grande produtividade. Pode assim preparar-se para as dificuldades e conspirações que iria encontrar em Lisboa.

No dia 1º de janeiro de 1655 pronuncia, na Capela Real, o magnífico **Sermão da Sexagésima**, que produziu um grande impacto na sociedade Lisboeta. Prega ainda o **Sermão da 5ª Domingo da Quaresma**, na Capela Real e o **Sermão do Bom Ladrão**, na Igreja da Misericórdia. Os cinco Sermões aqui citados marcaram época.

Consegue do Rei os documentos sobre a liberdade dos índios que era seu objetivo primeiro desta viagem tão tumultuada e tão fértil.

Em 16 de abril de 1655 embarca em Lisboa de regresso ao Brasil. Volta às suas **Missões Amazônicas**, com o aval do Rei na defesa dos índios.

## II – OS ACONTECIMENTOS: ARTICULAÇÃO E FORÇA VITAL NA OBRA DE VIEIRA

### 4 – A TRAGÉDIA DO NAUFRÁGIO

Vieira aqui esteve em circunstâncias excepcionais e não programadas, mas “**não por acaso**” diz ele, no **Sermão de Santa Teresa**.

Vieira aqui desembarcou após terrível naufrágio na altura da ilha do CORVO. Após passarem a mais extrema angústia, com o navio sem mastros e sem velas, com a proa já submersa e açoitado por grandes ondas, baloiçando no mar, sem rumo, “na paragem mais tormentosa do Oceano”. Parecia certo e iminente o desfecho fatal.

As circunstâncias desse naufrágio são descritas pelo próprio Vieira, no **Sermão de Santa Teresa**.

Vieira tudo fazia para manter a esperança de um milagre para salvar aquela gente da morte que se apresentava como inevitável. Era uma situação desesperadora. Eram 41 (quarenta e uma) pessoas num barco à deriva, despedaçado e naufragando sem uma tábua de salvação e sem perspectivas.

Nesta situação trágica surge no mar, ao longe, também açoitado pela tormenta, um navio que em seguida desapareceu. Pareceu a visão do fogo-de-santelmo, diz Vieira. Conseguiu aproximar-se dos naufragos no dia seguinte. Era um navio pirata holandês. Vinha roubar o navio dos naufragos. Roubaram o navio que estava carregado de açúcar e roubaram todos os naufragos, suas bagagens e inclusive suas roupas. Mas salvaram-nos. Como era mercadoria sem preço, depois de nove dias deixaram todas as pessoas, despidas, na Ilha Graciosa. O prestígio de Vieira salvou a tripulação.

No Sermão de Santa Teresa que pregará mais tarde, Vieira diz que o navio pirata o deixou na ilha, como Jonas da Bíblia que foi vomitado em Nínive. E que isso não foi por acaso. Nova missão inesperada o aguardava. Seu caráter foi posto à prova.

### 5 – PÓS-NAUFRÁGIO E SAQUE

Vieira consegue roupas para todos, na ilha. Em seguida foram fazer “ação de graças pelo milagre na **Igreja do Santo Cristo**.”

Eram quarenta e uma (41) pessoas os passageiros desta embarcação. Todos se salvaram.

Vieira foi o grande herói nestes momentos trágicos. Dele diz o seu grande biógrafo, André de Barros, no contexto desta narrativa, em sua célebre biografia do grande personagem, que Vieira tem um “coração verdadeiramente maior que o mundo, a quem nenhum perigo acovardava nem adversidade oprimia” (Vida do P. Antônio Vieira, p. 153).

Os 41 (quarenta e um) naufragos mantiveram-se na Ilha Graciosa por dois meses recompondo-se e cuidando de suas vestes, todas pagas pelo P. Vieira. Cuidou para que nada faltasse a toda aquela gente, tripulantes e passageiros, padres e leigos. Cuidou de tudo como servo de todos.

Enquanto esteve na Graciosa não se descuidou: prosseguiu sua obra missionária entre o povo da ilha. Implantou aí a devoção do Rosário. O Pastor conhece suas ovelhas.

Esta é a verdadeira imagem de um Vieira: uma pessoa ágil, generosa, e dedicada aos outros pensa na dimensão física e na espiritual. Vieira cuidou de todos, inclusive da alimentação, até embarcarem para Lisboa. É um pastor atento.

Deste naufrágio levou lições vitais que lhe serviram por toda vida. Dele fala com destaque em três Sermões.

Após este tempo passado na Ilha Graciosa, já recompostos e recuperados todos, seguiram para a Ilha Terceira. Aqui Vieira cuidou de recuperar seus livros e papéis escritos que eram os seus bens mais preciosos que os piratas holandeses lhe roubaram. Através de amigos conseguiu resgatar de Amsterdã esse material precioso para ele.



É preciso sublinhar: Vieira não reclamou nada do que os piratas lhe roubaram. Apenas pediu de volta, da Holanda, seus verdadeiros tesouros. Estava disposto a pagar o que pedissem para os resgatar.

Da Ilha Terceira dirigiu-se para a Ilha de São Miguel.

#### 6- VIEIRA NA ILHA DE SÃO MIGUEL

“A Ilha de S. Miguel teve nesta passagem maior fortuna: ouviu no seu púlpito a este **Divino Orador**, como Creta e Malta o Grande Paulo, Mestre do Mundo e pregador das gentes”. Assim com este entusiasmo, André de Barros introduz a narração da ação de Vieira nesta Ilha.

Em S. Miguel, Vieira hospedou-se no Colégio da Companhia de Jesus. Aí prosseguiu sua obra missionária entre o povo.

Na ocasião, por um novo “acaso” da Providência, procurou-o um homem de nome João de Souza Pacheco que por voto, em caso de grave doença, fazia celebrar anualmente a festa de Santa Teresa, em data próxima. João era casado com D. Mariana do Canto, filha de Antônio de Faria Maya e de D. Luíza do Canto que entre os seus familiares conta o P. João Batista Machado, da Companhia de Jesus, que em 1617 deu a vida pela fé, sendo degolado no Japão.

Neste ano de 1654, a festa seria celebrada na Igreja do Colégio dos Jesuítas, onde estava Vieira, cuja fama de grande orador já percorria a Ilha. Este portentoso orador, por modo tão incomum, estava agora ao alcance providencial do Sr. João. Ele logo foi procurar o Grande Padre, para pronunciar o Sermão da festa. Dizia-lhe que “poucas palavras suas farão da Seráfica Madre o mais alto elogio.”

João argumentou “que toda a Cidade e toda Ilha se abalavam para ouvir um missionário que por baixo das ondas vinha buscar remédio para as almas: que desse consolação às daquele povo, desejosos de ouvir de sua boca o Evangelho: que agora cresceriam aqueles montes e seriam cultas aquelas praias, quando por elas se ouvisse repetido o eco de suas vozes: que queria deixar aos herdeiros de sua casa a glória de que, a seus rogos, pregara naquele púlpito o P. Antônio Vieira.”

Vieira não poderia negar tão sincero pedido.

Logo correu a notícia por toda a Ilha.

Todos estavam ansiosos por escutar “Aquele Oráculo Peregrino”.

#### 7- VIEIRA E O SERMÃO DE SANTA TERESA

Chega o dia 15 de outubro. Vieira põe-se no púlpito como se estivesse “no seu zênite o sol”, diz André Barros

O Sermão é uma peça memorável, cheia de paradoxos. Vieira Justifica a ousadia pelo bem com um. Aqui Vieira inclui, como leitura “paralela”, a justificativa de todas as suas ousadias e de todas as perseguições que recebe e de que é vítima. “Quem se arrisca pela caridade não pode correr risco.” (Vieira, 1951:392) – Anexo 2.

Vieira em sua eloquência “exprimiu aqueles incomparáveis resplendores da sabedoria, erudição e zelo de que estava cheia a sua grande alma” como assevera André de Barros.

No Sermão falava a força e credibilidade do homem que chegou a ilha, como Jonas, vomitado pelo mar em nome de Deus

A solenidade da manhã foi seguida de aplausos nunca ali ouvidos.

À tarde o Pe. Vieira foi pregar na Sé da Cidade. O povo superlotou o Templo que foi pequeno para acolher tanta gente que enchia uma cidade.

Vieira “heróico Pregoeiro do Céu” atendendo a uma “turba ansiosa”, pregou sobre a reforma dos costumes.

Vieira “soltou neste ponto toda aquela sua nativa eloquência, envolta a voz em chamas, de tal sorte acendeu os corações...” André de Barros diz que as ondas que destroçaram o navio que trouxe Vieira, “parecia que davam mais fogo ao orador”.

Vieira antevê no Sermão os embates que o esperavam em Lisboa: “Grandes perigos que ainda me restam e me ameaçam neste tão tenebroso golfo, e mais em inverno tão verde e em ano tão tormentoso. Mas como há-de temer os perigos quem neles leva a mesma salvação que vai buscar por meio deles?” (Vieira, 1951:390) – Anexo 2.

Com estes atos memoráveis no dia de Santa Teresa, Vieira completou sua missão não programada aos Açores. Marcou sua presença para sempre.

### III – CONCLUSÃO:

#### INTERVENÇÃO DE FORÇAS SUPERIORES?

#### 8- VIEIRA SEGUE SEU DESTINO: LISBOA

No dia 24 do mesmo mês de outubro, Vieira embarcou para Lisboa, onde o esperavam momentos épicos de ação. Os meses que passou em Lisboa, após Açores e antes de retornar ao Brasil marcaram época. No dia 1º de janeiro surgiria com o Magnífico **Sermão da Sexagésima** que representou um autêntico abalo sísmico na sociedade Lisboeta.

Não podemos deixar de mencionar que ao sair dos Açores, novamente o mar se levantou em fúria quase levando o navio ao naufrágio. Diz Barros que “talvez temiam os espíritos malignos a guerra que havia de lhes fazer aquela vida. Como não puderam afogá-lo no primeiro naufrágio, intentaram o segundo”.

#### 9- A LUTA CONTINUA

Vieira está preparado como nunca para prosseguir sua luta pela justiça e pela dignidade da pessoa humana nos grandes fóruns do mundo. Tem força e engenho capaz de enfrentar qualquer obstáculo, por mais privilegiado que seja. Ainda irá enfrentar terríveis “tempestades” políticas e psicológicas. Como venceu no mar, vencerá também na terra. Apenas o inimigo estará mais camuflado e mascarado. (Vieira, 1951: vol. VIII) – Anexo 3.

Peregrino por destino, deixemos Vieira prosseguindo no seu caminho. Ainda irá muito longe realizando uma obra fantástica que só será encerrada com a sua morte, aos 18 de julho de 1697, com 89,5 anos.

Vieira, o incansável guerreiro da esperança, prossegue sua missão. Muito trabalho ainda o espera. Ainda irá semear muitas e boas sementes na sua missão de contribuir pra a construção de um mundo melhor para todos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Azevedo, João Lúcio (1931) *História de Antônio Vieira*, Lisboa: Liv. Clássica.
2. Barros, André (1746) *Vida do Apostólico P. Antônio Vieira*, Lisboa: N.O. Sylviana.
3. Lins, Ivan (1956) *Aspectos do P. Antônio Vieira*, Rio de Janeiro: Liv. São José.
4. Lopes, Antônio (1999) *Vieira o encoberto*, Cascais: Principia
5. Peralta, José Jorge (2008) *Vieira, Arauto do Humanismo*. Disponível em [www.vieira400anos.com.br](http://www.vieira400anos.com.br)
6. \_\_\_\_\_ *Antônio Vieira um grande mestre a descobrir*. Disponível em [www.vieira2008.com.br](http://www.vieira2008.com.br)
7. \_\_\_\_\_ *Celebrando Antônio Vieira*. Disponível em [www.vieira400anos.com.br](http://www.vieira400anos.com.br)
8. \_\_\_\_\_ *Vieira na Bahia*. Disponível em [www.vieira400anos.com.br](http://www.vieira400anos.com.br)
9. Vieira, Antônio (1951) *Sermões*, vol. VIII. Porto: Lello.

Consulte ainda:

Bibliografia Básica sobre Vieira in [www.vieira400anos.com.br](http://www.vieira400anos.com.br)

**Nota:** Você pode ler o **Sermão de Santa Teresa**, reproduzido no sítio: [www.vieira400anos.com.br](http://www.vieira400anos.com.br) Aí você encontra editado os demais Sermões aqui citados.

## ANEXO 1

## SERMÃO DE SANTA TERESA

*Quinque autem ex eis erant fatuae, et quinque prudentes.*

## I

E quantas vezes os que pareceram acasos foram conselhos altíssimos da Providência divina! Acaso parece que estava Cristo encostado sobre o poço de Sicar, e era conselho da Providência divina, porque havia de chegar ali uma mulher a Samaritana que se havia de converter. Acaso parece que entrava Cristo pela cidade de Naim, e era conselho da providência divina, porque havia de sair dali um moço defunto, que havia de ressuscitar. Acaso parece que passeava Cristo pelas praias do Mar de Galiléia, e era conselho da Providência divina, porque havia de chamar dali a dois pescadores, que, deixadas as redes e o mundo, o haviam de seguir. Parece-me, senhores, que me tenho explicado. Acaso, e bem acaso, aportei às praias desta ilha; acaso e bem acaso entrei pelas portas desta cidade; acaso e bem acaso me vejo hoje neste púlpito, que é verdadeiramente o poço de Sicar, onde se bebem as águas da verdadeira doutrina. E quem me disse a mim nem a vós se debaixo destes acasos se oculta algum grande conselho da Providência divina? Quem nos disse se haverá nesta Naim algum mancebo morto no seu pecado, que por este meio haja de ressuscitar? Quem nos disse se haverá nesta Samaria alguma mulher de vida perdida, que por este meio se haja de converter? Quem nos disse se haverá nesta Galiléia algum Pedro ou algum André, engolfados no mar deste mundo, que por este meio haja de deixar as redes e os enredos? Bem vejo que a força dos ventos e a violência das tempestades foi a que me trouxe a estas ilhas, ou me lançou e arremessou nelas. Mas quem pode tolher ao autor da graça e da natureza, que obre os efeitos de uma pelos instrumentos da outra, e que com os mesmos ventos e tempestades faça naufragar os remédios para socorrer os perigos? Obrigado da tempestade e do naufrágio chegou S. Paulo à Ilha de Malta, e do que ali então pregou o apóstolo, tiveram princípio aquelas religiosas luzes com que hoje se alumia e se defende a Igreja. Bem conheço quão falto estou da eloquência, e muito mais do espírito de São Paulo; mas na ocasião e nas circunstâncias presentes, ninguém me pudera negar uma grande parte de pregador, que é chegar a esta ilha vomitado das ondas.

Uma das coisas mais admiráveis, ou a mais admirável de todas as que se lêem em matéria de pregação, é o grande e universal fruto que fez a do profeta Jonas em Nínive. As maldades da cidade eram as mais enormes, o povo gentílico e sem fé, o pregador estrangeiro e não conhecido, o sermão brevíssimo, desarmado e seco, sem prova de razão nem de Escritura, e, contudo, que este sermão e este pregador convertesse o rei e a corte, e a populossíssima cidade a uma penitência tão geral, tão extraordinária, tão pública? Mas era Jonas um pregador vomitado pelas ondas. Pregava nele a tempestade, pregava nele a baleia, pregava nele o perigo, pregava nele o assombro, pregava nele a mesma morte, de que duas vezes escapara. Por certo que não foi tão grande a tempestade de Jonas como a em que eu e os companheiros nos vimos. O navio virado no meio do mar, e nós fora dele, pegados ao costado, chamando a gritos pela misericórdia de Deus e de sua Mãe. Não apareceu ali baleia que nos tragasse, mas apareceu não menos prodigiosamente naquele ponto um desses monstros marinhos que andam infestando estes mares. Ele nos tragou, e nos vomitou depois em terra. Vomitado assim em terra Jonas, o tema que tomou foi: *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur* (Jon. 3, 4): Daqui a quarenta dias se há de soverter Nínive. Em terra onde os terremotos são tão contínuos e tão horrendos; em terra onde os montes são vivos, e comem e se sustentam de suas próprias entranhas, e estão lançando de si os incêndios a rios; em terra onde o fogo é mais poderoso que o mesmo mar oceano, e levanta no meio dele ilhas e desfaz ilhas; em terra onde povoações inteiras em um momento se viram arruinadas e sovertidas, que tema mais a propósito que o de Jonas: *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur*? Se Nínive se sovertesse, seria milagre e castigo, mas, se se sovertesse o que Deus não permitirá esta cidade, podia ser castigo sem milagre. Supostas todas estas circunstâncias, mui a propósito vinha o tema ao pregador e ao lugar; mas é o dia mui de festa para assunto tão triste e tão funesto.

Gloriosa Teresa, terra onde vós estais e onde a devoção dos moradores tanto vos venera, segura pode estar de ser sovertida. Convertida, sim; sovertida, não. Por meio de Jonas converteu Deus a Nínive, e era Jonas tão imperfeito naquele tempo, que desobedecia a Deus e fugia dele. Mas tanto pode a força da graça! Quando vós, santa, vivíeis na terra, o maior emprego de vossas orações era encomendar os pregadores a Deus, para que convertessem e levassem a ele muitas almas, como vós levastes tantas. Oh! quem merecera nesta hora um raio da vossa luz e um assopro do vosso espírito! Não é menor hoje a vossa caridade, nem menos poderosa a vossa





valia. Intercedei, gloriosa virgem, com a virgem e Mãe de vosso Esposo, para que me alcance do seu esta graça. Bem sabeis, santa, que graça é a que eu desejo: não aquela graça que faz soar bem as palavras nos ouvidos, não aquela graça que deleita e suspende os entendimentos, senão aquela graça que acende as vontades, aquela graça que abrande, que rende, que fere, que inflama os corações. Desta graça nos alcançai da Virgem Santíssima quanta ela vê que há mister a dureza de nossas almas e a frieza da minha. Ave-maria.

## II

Com os olhos no céu, com os olhos na terra e com os olhos no Evangelho determino pregar hoje, que é o modo com que nas festas dos santos se deve pregar sempre. Deve-se pregar com os olhos no céu, para que vejamos o que havemos de imitar nos santos; deve-se pregar com os olhos na terra, para que saibamos o que havemos de emendar em nós; e deve-se pregar com os olhos no Evangelho, para que o Evangelho, como luz do céu na terra, nos encaminhe ao que havemos de emendar na terra e ao que havemos de imitar no céu. (...) (Vieira, 1951:361 a 364)

### ANEXO 2 SERMÃO DE SANTA TERESA VIII

Notai: *Qui amat periculum, in illo peribit*: quem ama o perigo perecerá nele. Uma coisa é entrar no perigo amando o perigo, outra coisa é entrar no perigo amando a Deus: quem entra no perigo por amor do perigo perece nele, porque o mesmo perigo, a quem ama e por quem se arrisca, o perde; mas quem entra no perigo por amor de Deus, não perece nem pode perecer, porque o mesmo Deus, a quem ama e por quem se arrisca, o guarda. Se vós entraís no perigo por amor da cobiça, quem vos há de guardar? A cobiça? Se vós entraís no perigo por amor da soberba, quem vos há de guardar? A soberba? Se vós entraís no perigo por amor do amor, quem vos há de guardar? O amor profano e cego? Entrai vós nos perigos por amor de Deus e do próximo, e vereis como Deus vos livra e vos segura neles.

Ah! Senhor, bendita seja e infinitamente bendita vossa bondade! Falta-nos neste passo o exemplo do Evangelho, porque faltaram as virgens prudentes no conhecimento desta verdade e no exercício desta confiança. Mas a prova que não temos no Evangelho, temo-la no pregador. Mui ingrato seria eu, e serei a Deus, se assim o não confessara e assim o não confessar toda a vida e toda a eternidade. A quem aconteceu jamais depois de virado o navio e depois de estarem todos fora dele sobre o costado, ficar assim parado e imóvel por espaço de um quarto de hora, sem a fúria dos ventos descompor, sem o ímpeto das ondas o soçobrar, sem o peso da carga e da água, de que estava até o meio alagado, o levar a pique, e depois dar outra volta para a parte contrária, e pôr-se outra vez direito, e admitir dentro em si os que se tinham tirado fora? Testemunhas são os anjos do céu, cujo auxílio invoquei naquela hora, e não o de todos, senão daqueles somente que têm à sua conta as almas da gentildade do Maranhão. Anjos da guarda das almas do Maranhão, lembrai-vos que vai este navio buscar o remédio e salvação delas. Fazei agora o que podeis e deveis, não a nós, que o não merecemos, mas àquelas tão desamparadas almas que tendes a vosso cargo. Olhai que aqui se perdem também conosco. Assim o disse a vozes altas, que ouviram todos os presentes, e supriu o merecimento da causa a indignidade do orador. Obraram os anjos, porque ouviu Deus a oração. E não podia Deus deixar de a ouvir, porque orava nela o mesmo perigo. Sabe o mesmo Senhor que por nenhum interesse do mundo, depois de eu o ter tão conhecido e tão deixado, me tornara a meter no mar, senão pela salvação daqueles pobres tesouros, cada um dos quais vale mais que infinitos mundos. E como o perigo era tomado por amor de Deus e dos próximos, como podia faltar a segurança no mesmo perigo? O mesmo perigo nos livrou, ou se livrou a si mesmo. Os perigos da caridade são riscos seguros, e nos riscos seguros não pode haver perigo. Assim que, Senhor, mudo o estilo, e não vos dou já as graças por me livrardes do perigo, senão me meterdes nele. Quando por tal causa me metestes no perigo, então me livrastes. Grandes são os perigos que ainda me restam e me ameaçam neste tão temeroso golfo, e mais em inferno tão verde e em ano tão tormentoso! Mas, como há de temer os perigos quem neles leva a mesma salvação que vai buscar por meio deles?

Quem cuidais que tirou do perigo a Jonas e quem cuidais que o meteu no perigo? O não querer ir buscar a salvação dos próximos o meteu no perigo, e o meter-se no perigo pela salvação dos próximos o tirou dele. Mandou Deus a Jonas que fosse pregar aos gentios de Nínive; não quis Jonas, e para fugir da missão, e ainda do mesmo Deus que lhe encomendava, embarca-se de Jope para Társis. E que lhe sucedeu a Jonas nesta viagem ou nesta fugida? O que lhe sucedeu foi que, indo todos os navios com vento a popa e mar bonança, só contra o de Jonas se levantou uma tempestade tão terrível, que não bastando amainar velas e calar mastros, não bastando alijar ao mar a carga, não bastando tudo o mais que sabe e pode a arte em semelhantes trabalhos, deixado já o leme e o navio à mercê dos mares e dos ventos, e, desconfiados até do socorro do céu, o piloto e marinheiros, que eram gentios, desceram ao porão onde vinha Jonas a pedir-lhe que fizesse oração ao seu Deus, pois os seus deuses não lhes valiam. Tal era a tempestade, tal o perigo, tal a desesperação de todos. E bem, profeta Jonas, e vós não quereis ir pregar e salvar as almas dos gentios a que Deus vos manda, pois, quando cuidáveis que fugíeis do trabalho, incorreríeis no maior perigo, e pereceríeis onde vós quisestes, porque não quisestes salvar os próximos onde Deus queria. De maneira que o não querer ir buscar a salvação dos próximos foi o que meteu no perigo a Jonas. E que fez Jonas para sair daquele perigo? Notável caso! Para Jonas sair daquele perigo, mete-se noutra perigo maior pela salvação dos próximos. E este segundo perigo o salvou e livrou do primeiro. Ora vede.

Subido Jonas ao convés do navio, reconheceu que ele era a causa da tempestade, e para que os demais se salvassem e ele só perecesse, pediu que o lançassem ao mar. De sorte que aquele mesmo Jonas, que pouco há se embarcou neste navio por não ir salvar os gentios de Nínive, esse mesmo pede agora que o lancem do navio ao mar para que se salvem os gentios do navio. Fazem-no assim por último remédio os marinheiros, vai Jonas ao mar, traga-o uma baleia, mergulha para o fundo o monstro, somem-se e desaparecem ambos. Pode haver



maior perigo? Pode-se imaginar maior? Não pode. No mar podia-o salvar ou entreter uma tábua; no ventre da baleia a morte e a sepultura tudo foi junto. Mas Jonas não se arrojou a este perigo por salvar os mareantes do seu navio, próximos, ainda que gentios? Sim. Pois, tende mão, que ainda não desconho de sua vida. Perigo tomado pela salvação dos próximos, não pode ser perigo em que se perigue. Arrojado do navio, e naufragante, sim; tragado e engolido do monstro-marinho, sim; metido no profundo do mar e sepultado nos mais escuros abismos, sim; mas afogado, mas morto, mas digerido ou mastigado da baleia quem se lançou ao mar pela salvação dos próximos, não pode ser. Torno a dizer que não pode ser; e já o vejo. Olhai para as praias de Nínive. Passados três dias e três noites, aparece ao romper da alva diante do porto de Nínive uma galé de forma nunca vista à vela e só com dois remos. A vela era a nuvem de água que respirava a baleia, e umas vezes parece que subia, outras que se animava; os remos eram as duas grandes barbatanas com que, batendo a compasso, ia vogando. Abica à praia o desconhecido baixel, levanta aberto pelo meio o castelo de proa, que então se conheceu que era boca, estende a língua como prancha sobre a areia, e sai de dentro vivo e sepultado Jonas. Pasmais do caso? Não pasmeis. Não vos dizia eu que não podia perigar quem por salvação dos próximos se entregou ao mar e aos perigos? Pois, assim lhe aconteceu ao felicíssimo Jonas. Levado de um perigo em outro perigo, uns o livraram dos outros. No navio perigava dos ventos, no mar perigava das ondas, na baleia perigava do aperto da respiração e de tudo, mas como o primeiro perigo foi tomado por caridade, todos os outros perigos eram remédios. O perigo do mar livrou-o do perigo do navio, o perigo da baleia livrou-o do perigo do mar, e este perigo, como era o último e o maior de todos, livrou-o de si mesmo. Há mais seguro perigar? Há menos perigosa segurança? Com razão disse São Zeno Veronense que foi Jonas mais venturoso no sepulcro que no navio: *Felix magis in sepulchro quam navi* porque, uma vez que a baleia lhe guardou a vida, muito mais seguro navegava nela que no navio: o navio podia perigar nos mares e nos ventos, a baleia era embarcação segura das tempestades.

Maior tempestade padeceram as virgens no óleo das suas redomas do que Jonas em tanto mar. Todas naufragaram, porque todas deram em seco: as néscias no das suas lâmpadas, e as prudentes no da sua avareza. Forte *ne forte* foi aquele! Perderam-se cinco, quando se puderam salvar todas, porque não tiveram caridade as outras cinco para se arriscarem com elas. Tanto perigaram as néscias no seu perigo, como na demasiada segurança das prudentes. Se as prudentes se quiseram arriscar por elas socorrendo-as, nesse mesmo risco se salvariam umas e outras: as néscias, pelo socorro que recebiam, e as prudentes, pelo socorro que davam, ou, para o dizer com mais certeza, as néscias pelo risco de que se tiravam, e as prudentes pelo risco em que se metiam, que quem se arrisca pela caridade não pode correr risco. Nenhuma comunidade esteve jamais tão arriscada como o povo de Israel, quando Deus o quis acabar no deserto; e o que fez Moisés para o livrar daquele risco foi arriscar-se também com ele: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo* (Êx. 32,31 s): Senhor, ou haveis de perdoar ao povo, ou riscai-me do vosso livro. É certo que Moisés não podia licitamente querer ser riscado dos livros de Deus, e foi este o mais arriscado lance em que se meteu nenhum homem. Contudo, pediu este risco, e meteu-se nestes riscos Moisés, seguro de que Deus o não riscaria por ele se arriscar, quando o fazia pela caridade dos próximos, porque os riscos da caridade nem riscam nem arriscam. Tão longe esteve Moisés de ser riscado dos livros de Deus por esta causa, que antes mandou Deus que se escrevesse em seus livros que chegara Moisés por caridade a pedir que o riscassem deles. Se Moisés se não arriscara, salvara-se ele e perecera o povo; mas porque se quis arriscar pelo povo, ele e o povo, todos se salvaram. O mesmo havia de suceder às nossas prudentes se elas o souberam ser e se souberam arriscar; mas, porque lhes faltou esta ciência e esta prudência, em que Santa Teresa foi tão eminente, por isso eu em comparação dela digo que foram néscias. Em comparação das néscias do Evangelho foram prudentes as prudentes, porque as néscias cuidaram que havia outrem de fazer por elas o que elas não fizeram por amor de si, e as prudentes não quiseram fazer por amor de outrem o que outrem não havia de fazer por elas. Mas estas mesmas prudentes, comparadas com Santa Teresa, foram néscias, porque elas cuidaram que, arriscando-se por amor de Deus e dos próximos, corriam perigo, e Santa Teresa entendia e sabia por experiência que tudo o que se arrisca pela caridade, quando mais se arrisca, então se segura mais. (Vieira, 1951: 388 a 393) (...)

### ANEXO 3

#### SERMÃO DE SANTA TERESA

##### VIII

(...) As perseguições a que Santa Teresa se expôs quando empreendeu reduzir a regra carmelita moderada ao antigo rigor e inteireza de seu primeiro instituto foram maiores do que se podem imaginar e do que parece se podiam sofrer. Armou-se contra ela a religião, e armou-se o mundo, e, o que mais é, que os bons do mundo e os melhores da religião posto que com bom zelo eram os que mais a perseguiam. Raros eram os que defendiam seu espírito, todos o tinham por ilusão e enredo do demônio, muitos por fingimento e hipocrisia, e não faltava quem lhe desse ainda mais escandalosas censuras. Tudo ocasionavam os tempos, que com as novas heresias de Lutero andavam mui perigosos e cheios de temores. Mas, como a santa se arriscava a todos estes descréditos pela salvação e perfeição dos próximos, em que veio a parar tudo? Os descréditos pararam em maior estimação, as injúrias em maior honra, as perseguições em maiores aplausos, e os mesmos religiosos que tinham a Teresa por indigna filha, a receberam depois por digníssima mãe, e como de tal se honram e a veneram.

Finalmente, houve muitas pessoas timoratas e doudas que aconselhavam a Santa Teresa que se retirasse do magistério espiritual das almas, e que na vida particular e solitária, a que a mesma doçura da contemplação a inclinava, vacando somente a Deus e a si, seria maior o aproveitamento de seu espírito. Foi esta a maior prova, por lhe não chamar a mais apertada tentação, que podia ter a alma de Teresa, cujos mais prezados interesses, cujas mais amadas delícias, cujos regalos, cujas ânsias, cujos suspiros, era aquela íntima união com Deus, quieta e suavíssima, em que, elevada sobre todas as coisas da terra, tão celestialmente o gozava. Continuou, contudo, a santa prosseguindo na mesma empresa começada, sem reparar nestes riscos de sua maior perfeição, e noutros ainda maiores que lhe ameaçavam; e, como todos eram tomados pela caridade, quanto mais parece que arriscava os dons do céu, tanto mais se achava rica e favorecida deles. Era muito o que arriscava, mas muito mais o que recebia. Mercês sobre mercês, favores sobre favores, glórias sobre glórias,



como se os mesmos riscos fossem degraus para mais subir e crescer. Em suma, que arriscando Teresa por amor de Deus e dos próximos saúde, honra e perfeição, dos perigos da saúde saia mais forte, dos perigos da honra mais acreditada, dos perigos da perfeição mais santa Oh! quantos e quão seguros louvores se puderam agora discorrer sobre todos estes perigos, e muito mais sobre o terceiro. Parece que pugnava nele o espírito contra o espírito, a virtude contra a virtude, a santidade contra a santidade, mas necessária era tão gloriosa peleja para tão excelente vitória. Corto o fio, e não sem dor, ao que quisera dizer. Peço-vos, contudo, licença, para concluir o sermão na forma em que o propus ao princípio: suposto que vos não hei de cansar outra vez, perdoai-me esta. (...) (Vieira, 1951: 394 a 395)

## 25) MÁRCIA REGINA TEIXEIRA DA ENCARNAÇÃO

**MÁRCIA REGINA TEIXEIRA DA ENCARNAÇÃO**, da Universidade de São Paulo - Brasil é Professora universitária, bacharel em Letras, com mestrado em Linguística e doutoranda em Semiótica e Linguística Geral na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil. Membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Membro do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL) e Pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Dialectologia e Geolingüística (GPDG-USP), que tem como objetivo, desenvolver atividades que possibilitem a reflexão e a discussão sobre tópicos de Dialectologia e Geolingüística. O GPDG é cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), agência do Ministério da Ciência e Tecnologia, destinada ao fomento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país. Autora de diversos artigos completos publicados em periódicos científicos, em anais de congressos nacionais e internacionais e em revista eletrônica de divulgação científica em língua portuguesa, lingüística e literatura.

UM BREVE ESTUDO DO LÉXICO CONSERVADOR PRESENTE NO FALAR ILHÉU DO DISTRITO DE SANTO  
ANTÔNIO DE LISBOA, LITORAL DE SANTA CATARINA

**Márcia Regina Teixeira da Encarnação, Universidade de São Paulo USP – BRASIL**

Segundo Soares (1979), o falar ilhéu de Santa Catarina, “ (...) tem o som cantado português que sonoriza melodiosamente com o vocábulo como no Minho, no Douro, Trás-os-Montes e, de modo particular, nos Açores. O nativo ilhéu ainda usa, em pleno curso, e com significado original, palavras lusitanas do século XVI, que podem, aos de fora, parecer estranhas e inusitadas”.

Instigado por essa afirmação, esse trabalho de pesquisa traz como objetivo uma breve descrição do falar conservador dos habitantes das comunidades do distrito de Santo Antônio de Lisboa.

A sede deste Distrito, de raízes açorianas, está situada na parte oriental da Ilha de Santa Catarina, sendo que dele fazem parte as localidades de Cacupé, Sambaqui, Barra do Sambaqui e Santo Antônio de Lisboa. É provável que os primeiros açorianos tenham chegado por volta de 1689, mas a colonização só teve início efetivo no século XVIII. Desenvolveu-se como um tradicional vilarejo de pescadores e ainda hoje preserva as tradições e costumes dos imigrantes provindos dos Açores aí radicados, graças ao isolamento em que viveu nos últimos tempos. Essa preservação pode ser vista na apresentação de festas religiosas, de danças folclóricas, como a dança do boi-de-mamão e, na herança lingüística, percebida no vocabulário e no modo de falar de seus habitantes.

O tema desse trabalho justifica-se pela urgência em registrar os fatos lingüísticos antes de ocorrer por completo o nivelamento da linguagem, tendo em vista os padrões urbanos que se tornam atração constante, principalmente entre os jovens. Esse registro trata a língua como veículo de comunicação, informação e expressão de uma cultura que por ali se firmou, refletindo as características culturais de um povo, reconhecido pela sua identidade, confirmando que fatos lingüísticos se permeiam com fatos históricos.

### Introdução

Vilela (1994:6) afirma que:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralingüística e arquiva o saber lingüístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal, quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber lingüístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na coincidência dos falantes duma comunidade.

Reitera-se que a natureza dos estudos de base lexical, por sua natureza básica, seja a de estabelecer, organizar e veicular os signos na relação do homem com o mundo que o rodeia, e assim, instrumentam um maior e melhor conhecimento da língua falada, ao mesmo tempo em que nos propiciam o reconhecimento das diferenças culturais que compõem a realidade de um mesmo país.

Segundo Houaiss (1991), as línguas são fatos sociais, históricos e culturais, naturais e históricos e se registram como tal. Contribuem para formação da identidade cultural de povos e de nações integrando-se e interagindo conhecimento de mundo, dentro do que é dado como unidade e diversidade – espaço aberto para produção e registro de um saber.

Toda língua, seja qual for a sua natureza, passa a veicular situações de uso, refletindo as características culturais de um povo, reconhecido pela sua identidade e pela possibilidade de se definir no contexto mundial. A palavra torna-se fonte de produção de conhecimento. Abre-se para a descrição e definição das relações da língua no eixo da interação comunicativa. Revela o modo de ser do grupo que dela se utiliza, reconduzindo o universo social e político de sua história. Marca, em consequência, o jeito de pensar o mundo.



O tema deste trabalho de pesquisa justifica-se por diversas razões. Primeiro, porque é comum acontecer o desaparecimento gradativo dos falares regionais. Depois, e em consequência disso, ocorre a aceleração do processo de nivelamento da linguagem, tendo em vista os padrões urbanos que se tornam atração constante, exercida pela cidade grande. Também se torna urgente resgatar a cultura açoriana que ainda subjaz nessas localidades, pois conhecendo a sua formação histórica e cultural, os habitantes poderão rever a própria realidade, no sentido de aprender a amá-la e valorizá-la, descobrindo-se nela e por ela.

Silva Neto (1957) diz:

Que se fiquem os manuscritos, não importa; o que, sim, importa, é salvar o que daqui a pouco já não poderá salvar-se. As tradições regionais são testemunhos da história de um país, que devem respeitar-se como qualquer documento histórico de valor. Daí a necessidade e, mais do que isso, a urgência da recolha dos traços culturais que são, a bem dizer, o retrato de um povo, a sua personalidade coletiva.

### **A natureza social da linguagem**

As pesquisas lingüísticas contemporâneas demonstram que a variação é um fato explicável a partir da natureza da comunicação humana e, de forma concreta, a partir da natureza variável das circunstâncias que cercam o fato lingüístico.

Em diferentes países, de uma forma geral, houve um momento em que os estudos lingüísticos privilegiaram os fatos da língua em relação ao sistema lingüístico, em unidisciplinaridade. Mais tarde, verificou-se que os estudos da linguagem e das línguas exigiam interdisciplinaridade e, muitas vezes, multi e transdisciplinaridade. Dessa forma, os lingüistas que privilegiam os fatos sociais em seus estudos passam a diferenciar os fatos da língua em relação a seu sistema, desses mesmos fatos em relação à sociedade, abrindo espaço para os estudos sociolingüísticos; o mesmo ocorre com a relação língua e cultura, para os estudos etnolingüísticos.

A variação lingüística está inscrita nos usos que são feitos da língua e por princípios de constâncias, em que, dentre todas as variedades, uma das mais conhecidas é a variedade geográfica. Os estudos dialetais realizados demonstraram que os usuários de um dialeto podem representar, por diversas razões, um subconjunto de povoação com características sociais específicas dentro da comunidade global.

Nesse sentido, afirma-se que a principal função da língua é permitir a comunicação em sociedade, considerando que tanto a língua quanto a sociedade são estruturas que mantêm relação entre si, sem haver uma simples recopilação de unidades. Assim, demonstra a sistemática covariação entre a estrutura lingüística e as relações interpessoais e assume a existência de uma variedade lingüística social para essas comunidades que vivem na região estudada. Para tanto, apresenta essas variações do ponto de vista geográfico, étnico e histórico.

É reconstruindo a história sobre as localidades pesquisadas que se busca mostrar uma variedade social, como um subdialeto dessa região.

### **O povoamento açoriano no Sul do Brasil**

Para que se possa entender a herança sócio-lingüística-cultural deixada pelo povo açoriano na formação da sociedade brasileira, é preciso conhecer um pouco desta história.

A história da região de Santo Antônio, anterior à ocupação de origem européia, não deixou resquícios escritos nem na memória, pois os sambaquis da região ainda não foram estudados de modo a nos oferecer dados concretos de como viviam os primeiros habitantes desta terra.

O nome da localidade foi dado em homenagem a Santo Antônio de Lisboa, também chamado de Coimbra ou de Pádua, mas também foi conhecida como Rerituba, devido à abundância de ostras na região.

Sabe-se que, ao primeiro Governador da Capitania de Santa Catarina, Brigadeiro José da Silva Paes, coube a missão de fortificar pontos estratégicos do litoral para garantir a posse do território reclamado pelas coroas de Espanha e Portugal e, segundo o relato de Fortes (1932:21), o governador enviou a Portugal o seguinte pedido: “ao seu rei que mandasse vir do Arquipélago Açoriano alguns casais de Ilhéus daquela gente inigualável, para a missão de radicar nas terras novas a consciência lúdimamente portuguesa que elas exigiam”. Ou seja, precisava com isso, não só uma medida para o assentamento de um povo, mas também de uma delimitação de fronteira no sul do Brasil. Fortes (1932) afirma ainda que foi “um concerto de circunstâncias felizes”, pois, com a emigração, o governo português solucionava o problema econômico dos Açores, povoava “rapidamente e com eficiência de número, as terras onde urgente se tornava a fixação de seu predomínio” e também fazia a “felicidade dos povos que se ia criar e incrementar”. Para isso foram selecionados colonizadores “pelos seus antecedentes morais e étnicos”.

Em 1746, a Provisão Régia abre o alistamento nas Ilhas e oferece vantagens aos açorianos que desejassem migrar para o litoral meridional do Brasil. Entre 1748 e 1756, os imigrantes espalharam-se pelo litoral catarinense, estabelecendo-se principalmente na Ilha de Santa Catarina. A seguir, apresentaremos, segundo historiadores, um quadro comparativo entre os números de açorianos chegados a Santa Catarina.

**TABELA 1: Quantidade de açorianos migrados para Santa Catarina segundo os autores**

| <b>Autor</b>          | <b>Quantidade de transportados</b> |
|-----------------------|------------------------------------|
| BRITO (1829)          | 2.627                              |
| ALMEIDA COELHO (1877) | 4.024                              |
| MATTOS (1917)         | 4.021                              |
| FORTES (1932)         | 5.545                              |





|                |       |
|----------------|-------|
| BOITEUX (1953) | 4.893 |
| CABRAL (1950)  | 4.525 |
| PIAZZA (1992)  | 6.000 |

Fonte: FERREIRA (2006)

Percebe-se que os números variam muito de um autor para outro. Mais tarde, admite-se que os números que mais se aproximavam da realidade eram os coletados por Piazza (1992) em fontes primárias nos arquivos açorianos.

#### Localização do Distrito de Santo Antônio de Lisboa

Localizada na porção centro-noroeste, foi a primeira freguesia da Ilha de Santa Catarina. A área do Distrito de Santo Antônio de Lisboa é de 22,45 km<sup>2</sup>.

A sede deste Distrito está situada na parte oriental, sendo que dele fazem parte as localidades de Cacupé, Sambaqui, Barra do Sambaqui e Santo Antônio de Lisboa. A população é de 5.367 habitantes e a densidade demográfica é de 239,1 habitantes/ km<sup>2</sup>.

Destacava-se das demais por ter porto próprio, estrategicamente situado, favorecendo com isso o comércio entre o norte da ilha e o porto de Desterro. O traçado urbano seguiu o modelo das vilas portuguesas, construídas a partir de uma ou duas ruas principais paralelas ao mar e, entre si, algumas transversais, com uma praça central ladeada pela igreja, pela cadeia e pela intendência.



Fig. 1: Recorte geográfico.

Fonte: FERREIRA (2006)

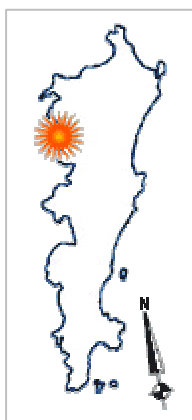


Fig. 2 Localização do Distrito de Santo Antônio de Lisboa na cidade de Florianópolis.

Fonte: FERREIRA (2006)

#### O falar do Manezinho da Ilha

Ao iniciar esse registro no vilarejo de pescadores nota-se que, o homem do litoral, dentro de seu espaço físico, possui um linguajar singular à região. Graças ao isolamento que sofreu, este lugar é repleto de elementos passíveis de serem submetidos a análises, tanto de caráter semântico-lexical como também sociolingüísticos. Ele recebe o nome de “manezinho da Ilha” e, segundo Cascaes (1981), atualmente, na região florianopolitana, a palavra *manezinho* veicula mais de um sentido. Estes sentidos variam, naturalmente, de acordo com a relação do indivíduo com a sociedade e com a história. Nos meios em que circulam indivíduos nascidos e criados na Ilha, o uso da palavra ainda se reveste de uma forte carga pejorativa. Porém, o mesmo indivíduo, em contato com pessoas julgadas estrangeiras ao local, pode eventualmente dizer: *Sou Manezinho*, para explicitar suas origens e sua ligação com o meio.

Afirma ainda que “No interior da Ilha, o termo ainda pode ser tomado como ofensivo, quando empregado no seio destas comunidades”.

Para este trabalho de pesquisa, fizemos um estudo com quatro lexias de alta frequência que determinam a norma da região. Ao estudar o léxico, estaremos nos referindo ao conjunto de *leituras (sememas)* em que se estrutura o espaço conceitual da língua. Neste estudo, a língua é vista como um instrumento de expressão cultural e de intercomunicação social. Toda alteração semântica é considerada fruto das mudanças



históricas e socioculturais que atuam numa comunidade e ainda, das influências que essas mudanças exercem sobre as características funcionais de um dado sistema lingüístico.

## ARENÇA

De acordo com Guérios (1979), significava, outrora, “fala, discurso, conferência”, e porque, freqüentemente, se abusa do auditório, **arença** passou a significar “discurso fastidioso, difuso”, isto é, passou a ter sentido pejorativo.

O vocábulo provém do gótico *harihringn* (com haplologia), “reunião (*hrings*) do exército (*hari*)” para discutir assuntos militares. Passou, depois, a significar tão-só “reunião” e daí “conferência, alocução, discurso” e foi muito usado no âmbito jurídico.

Morais (1922) registra no seu dicionário a frase feita “ter arengas com alguém”, isto é, “ter longas razões com alguém”, “discutir demoradamente”. Diz ainda que **arença** veio também a ser “fala ou conversa ininteligível”.

Em regiões de Portugal, **arença** ? trabalho enfadonho.

Brasil? mexerico, intriga, enredo.

De **arença** se fez **arençar** ? discursar, arrazoar.

De **arença** + **-ada**, se fez **arençada**, que no Brasil segundo Ferreira (2001), quer dizer conversa longa, fastidiosa, lengalenga.

Na fala coloquial do Brasil, **arençar** significa também ato de implicar, criar confusão com outra pessoa

Exemplos:

“-Toin deixe de arençar com seu irmão!”

”-Não suporto os meninos da minha sala, eles gostam de arençar”.

Brasil? [Lula orienta PT a não trepidar com arença golpista contra Renan](http://rizzolot.wordpress.com/2007/06/29/lula-orienta-pt-a-nao-trepidar-com-arença-golpista-contr-renan/)  
<http://rizzolot.wordpress.com/2007/06/29/lula-orienta-pt-a-nao-trepidar-com-arença-golpista-contr-renan/>

Portugal? **Arença sobre Hinos (e até sobre a Europa)**  
<http://ma-schamba.com/sociedade-portuguesa/arença-sobre-hinos-e-ate-sobre-a-europa/>

## CORRICAR

Formado pelo radical de correr + **-icar**, este verbo significa “correr a passo miúdo; andar ligeiro”. De acordo com Guérios (1979), trata-se ou de formação vernácula como diminutivo de **correr** ou de um latim vulgar *curriccare*, com sufixo *-icare* (com *-i-* longo e geminação expressiva). O mesmo sufixo, mas com o *-i-* breve sem geminação expressiva, acha-se em *excurriccare*, donde surgiu o português **escorregar**.

Em regiões de Portugal ? andar muito apressadamente, mas sem chegar a correr;

No Brasil ? andar de um lado para outro, perambular, vagabundear.

Temos, ainda, formado por **corrico** + **-ar** ? **pescar de corrico**, em que, segundo Ferreira (1986), **corrico** é uma modalidade de pescaria de anzol que consiste em o pescador imprimir à canoa a máxima velocidade, deixando a linha estendida à tona da água para que o peixe seja atraído pelos saltos da isca e venha prender-se ao anzol; pescaria de **corrico**. Possui a variação **corripo**. Exemplos:

Portugal ? **CORRICO DIURNO**

**As amostras de corrico nocturno poderão ser aplicadas durante o dia, enquanto estas amostras que a seguir se apresentam, não se aplicam para a pesca nocturna.**

[http://www.efsaportugal.pt/index.php?option=com\\_content&task=view&id=27&Itemid=30](http://www.efsaportugal.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=27&Itemid=30)

**O corrico na Foz do Arelho (e noutras rias, estuários e lagoas deste nosso Portugal) é uma pesca adequada a quem gosta de estar “dentro” do mar, sentir a ondulação por vezes até ao peito, andar à procura do peixe e atravessar para bancos de areia isolados onde o homem se envolve com a natureza de forma apaixonante.**

<http://pesca.do.sapo.pt/artigos/corrico.htm>

Brasil ?

**Corrico próximo à costa, velocidade, distância das iscas, dicas em geral.**

<http://www.propesca.com.br/forum/viewtopic.php?p=6246&sid=53a7c7134053c7a4672b34aa532662a>

## DEFENDER

Significa “Preservar, proteger”, e possui também o sentido de “proibir”, mormente na linguagem arcaica.

Segundo Guérios (1979), o sentido de “proibir” é anterior ao de “proteger”, visto como o significado primitivo do latim *deféndere* era “afastar, repelir, rechaçar”, donde “proibir”. Provém do latim :

*defendere bellum* ? **repelir** a guerra;



*defendere uim* ? **evitar** a força;

*defendere frigus*? **livrar** do frio

Os verbos **repelir** ou **evitar** ou o **livrar** trazem, como consequência, a idéia de proteger, pois há uma semelhança por mudança de função e essa transferência possui, para a semântica, um caráter mais objetivo que as baseadas em semelhança de efeito perceptivo ou emotivo.

Dessa forma, *defendere* passou a ter também o sentido de “proteger”. Mas, no português arcaico era muito comum o uso no sentido de “proibir”, conforme aparece em Gil Vicente, no Auto da História de Deus (1527):

**“Fructa da arvore sancta per Deus defendida”.**

Este sentido, ainda vive em **defeso** ? **proibido**

Brasil ? **“O Ibama do Pará definiu os três períodos de defeso do caranguejo-uçá em 2008”.**

<http://www.faunabrasil.com.br/sistema/modules/news/article.php?storyid=1481>

Portugal ? **“Começa na baliza, passa pela defesa e meio-campo e termina na linha avançada. ... e o defeso promete ser intenso para os principais craques portugueses.”...**

[www.dn.sapo.pt/2007/06/02/dnsport/seleccao\\_portuguesa\\_cobicada\\_meia\\_eu.html](http://www.dn.sapo.pt/2007/06/02/dnsport/seleccao_portuguesa_cobicada_meia_eu.html) - 43k

E ainda:

**Armas defesas** ? armas proibidas;

**Lugar defeso?** lugar proibido.

**É defeso** ? Nos termos e nas expressões jurídicas, esta expressão aparece em vários artigos e aplica-se no sentido de proibido, vedado.

Brasil ? **Dispõe o artigo 460 do CPC: “é defeso ao juiz proferir sentença, a favor do autor, de natureza diversa da pedida, bem como condenar o réu em quantidade superior ou em objeto diverso do que lhe foi condenado”.**

[http://trtcons.srv.trt02.gov.br/consulta/votos/turmas/20060912\\_20050071925\\_R.htm](http://trtcons.srv.trt02.gov.br/consulta/votos/turmas/20060912_20050071925_R.htm)

## **EM BOA HORA, EMBORA**

A superstição de que na vida existem horas boas e horas más, acha-se documentada na língua portuguesa, pelo menos desde o séc. XV, originariamente nas locuções **em boa hora**, **em má hora** ou **em hora má**, e, a custo de muito uso, foram abreviadas em **embora**, **aramá**, **eramá**, **ieramá**.

Exemplos:

Gomes Eanes de Zurara (1410-1474): **“Que dissesse em boa hora o que lhe aprouvesse”.**

Bernardim Ribeiro (1482? — 1552?): **“Amador, pois que te vás, as boas horas vam contigo, Comigo fiquem as maas...”**

Gil Vicente (1465 — 1536): **“Paga-lho seu, va-se embora ou ma ora...”**

Provérbios:

**“Em má hora nasce, quem má fama cobra”.**

**“Em bons dias boas horas”.**

Em Pero da Ponte, trovador do século XIII, há o registro de **em forte hora**, como sinônimo de **em má hora**.

Em vista da circunstância que exprimia, portanto era um advérbio, **embora** passou a ser conjunção concessiva, porque se empregava também para “detonar que se concede a possibilidade do fato ou que o indivíduo que fala não se opõe ao seu cumprimento.”

Gil Vicente ? **“Ria embora quem quisesse, que e em meu siso estou”.**

Pe. Vieira (1608-1697) **“Mateme embora, contanto que seja imperador”**



De acordo com Ferreira, **embora** vem de “de em boa hora, com aglutinação” e aparece como advérbio. Compara estes dois exemplos, um do século XVI e outro do séc. XIX.

Gil Vicente ? **Paio Vaz se queres gado / dá ó demo essa pastora / paga-lho seu, vá-se embora / ou má hora / ou põe o teu em recado.**

Machado de Assis (1839- 1908) ? **“Tinha vontade de ir embora ou de ficar”**

Aparece, hoje, não raro, com caráter afetivo, Ir **embora** é ir em boa hora: “ **Vou embora**”.

Apresenta-se como partícula de realce, ou, em alguns casos, totalmente esvaziada de conteúdo semântico, como neste exemplo:

**Foi embora, e no caminho o mataram.**

Como conjunção, significa ainda que; bem que; se bem que; conquanto:

**Embora confesse que não, o memorialista sempre encontra em trechos históricos (...)**

Ou ainda como nos textos antigos:

Portugal ? **Mau tempo: Chuva veio em boa hora para cereais de Inverno**

<http://www.agroportal.pt/x/agronoticias/2008/02/18f.htm>

Brasil ? **Recuperação externa do café chega em boa hora**

[www.revistacafeicultura.com.br](http://www.revistacafeicultura.com.br)

### **Considerações finais**

Segundo Santos (2004), “a abordagem do aspecto semântico-lexical de uma língua natural passa necessariamente pelo estudo dos diferentes modos de apreensão da realidade por parte dos interlocutores, num dado universo cultural”. A todo instante, os membros de uma mesma comunidade linguística servem-se de léxico para produzir e interpretar os atos da fala.

Uma das preocupações que sempre permeou a pesquisa foi procurar encontrar, em dados históricos, quais as forças sociais que poderiam ter incidido sobre a língua para a formação das variações encontradas. Uma enumeração completa dessas forças excede o alcance desse estudo, mas entre as situações sociais mais importantes que possivelmente influenciaram a linguagem falada na região, figuram as seguintes: a) a formação das comunidades com elementos portugueses, vindos principalmente dos Açores; b) os fatores político-econômico-administrativos: no século XVIII, Santo Antônio de Lisboa alcançou gradativa projeção econômica, pois já contava com uma expressiva indústria, composta por fábricas de açúcar, engenhos de aguardente e de mandioca, fábricas de moer trigo e curtumes de couro. Destacava-se também por ter porto próprio, estrategicamente situado. Aos poucos, Santo Antônio foi substituindo suas atividades agrícolas e artesanais por outras mais ligadas ao comércio. Em decorrência do declínio do porto de Florianópolis e das melhorias nos eixos de ligação terrestre, o porto desta freguesia também decaiu e a comunidade foi gradativamente se adaptando a novas atividades, buscando alternativas para sua sobrevivência; c) o efeito nivelador dos meios de comunicação, incluindo a televisão e principalmente o rádio.

É certo que essas forças sociais interferiram, com maior ou menor intensidade, na modalidade linguística utilizada pelos moradores da região. A partir desse levantamento, foi possível obter uma visão mais clara da realidade étnica, social, cultural e linguística e, como Bakhtin (1986: 80-81) afirma, “a nova concepção de se estudar a língua não exclui de seu campo de investigação, o aspecto formal, estrutural da linguagem: apenas o situa na sua integralidade histórica e social”.

### **Bibliografia**

ALMEIDA COELHO, Manoel Joaquim d'. *Memória Histórica da Província de Santa Catarina*. 2a. ed. Desterro: Tip. De J. J. Lopes, 1877.

BAKHTIN, Mikhail M. VOLOCHINOV, V.N (1986) *'Marxismo e Filosofia da Linguagem'*, 3ª ed. trad. Michel Lahud

e Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Ed. Hucitec. [1977, original].

BOITEUX, Lucas Alexandre. *Açorianos e madeirenses em Santa Catarina*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, v. 219, 1953.

BORGES FORTES, João. *Casaís*. Rio de Janeiro: Ed. Centenário Farroupilha, 1932.

BRITO, Paulo José Miguel de. *Memória Política sobre a Capitania de Santa Catarina*. Lisboa: Edição da Academia de Ciências de Lisboa, 1829.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Os Açorianos*. In: Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1950.

CASCAES, F. *Vida e arte e a colonização açoriana*. Florianópolis: Raimundo Caruso Editora Insular, 1981.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª. ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Sérgio Luiz. *Nós não somos de origem*. Tese de Doutorado em História, Área de concentração História Cultural. Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2006.





- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário de Etimologias da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.
- HOUAISS, Antônio. *O que é Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- MATTOS, Jacinto Antônio de. *Colonização do Estado de Santa Catarina: Dados históricos e estatísticos* (1640-1916). Florianópolis: Tipografia d' O Dia, 1917.
- MORAIS SILVA, Antônio de. *Grande dicionário da língua portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, 1813, ed. Fotografada pela RLP, sob a direção de Laudelino Freire, Rio de Janeiro, 1922.
- PIAZZA, Walter Fernando. *A Epopéia Açórico-Madeirense*. Co-Edição: Editora da UFSC, Editora Lunardelli, Florianópolis, 1992.
- SILVA NETO, S. da. *Guia para estudos dialetológicos*. 2. ed. melhorada e ampliada. Belém, CNPq/Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.
- SOARES, Doralécio. *Folclore Brasileiro (Santa Catarina)*. Rio de Janeiro, MEC/SEC/FUNARTE, 1979.
- SANTOS, Irenilde Pereira dos. *Análise do aspecto semântico-lexical em cinco atlas lingüísticos brasileiros*. In: Primeiro Seminário Regional do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB-Rio). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
- VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra, Livraria Almedina, 1994.

---

## 26) M.<sup>a</sup> GABRIELA CARDOSO FERNANDES DA COSTA

**Maria Gabriela Cardoso Fernandes da Costa** – Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) na área de concentração em Literatura e Cultura, Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, titular da disciplina “Literaturas de Língua Portuguesa”, é membro do Diretório de Pesquisa “Literatura e utopia” dessa mesma Faculdade. Tem artigos publicados em livros e revistas especializadas e participação em vários Encontros e Congressos nacionais e internacionais.

ENTRE A MÁGOA E O SONHO: MEMÓRIAS DE UMA “GENTE FELIZ COM LÁGRIMAS”

**Maria Gabriela da Costa** Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas,

Análise crítica do romance de João de Melo, *Gente Feliz com Lágrimas* (1988), a partir das personagens Nuno Miguel, Maria Amélia e Luís Miguel, enquanto representantes do viver insular. Através da memória reavivada pela representação da casa e as recordações da infância, elas evocam a condição do ilhéu encarcerado num quotidiano marcado por sentimentos ou estados e inquietude, angústia e solidão, e tomado pelo sonho da evasão, da fuga de “um tempo de espera sem esperanças”.

A memória é um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações.

Gaston Bachelard

Partir para longe é regressar.

Provérbio chinês

Fonte de numerosas imagens, o mar sempre teve um lugar de destaque no discurso literário, sobretudo no que tange o universo de língua portuguesa. “Via líquida” por onde singraram as primeiras caravelas em busca de um mundo novo, o mar, e o porto, como ponto de partida e de chegada, foram, são ainda, elementos privilegiados do imaginário de escritores e poetas da nossa língua. A literatura enche-se então de imagens “encharcadas de mar”<sup>76</sup>, um mar de “lágrimas de Portugal”, guardião de sonhos emergentes e fiel depositário de saudades. Como afirma o narrador de *Ilha grande fechada*, romance de Daniel de Sá (1992:164), “Não eram só da família, as saudades. Das suas coisas também, dos bichos, do mar... Tinham -lhe metido na cabeça aquela de que o mar dá saudades, que um homem das ilhas não pode viver sem ele”.

Sob a perspectiva dos portos outras viagens passam a ser intentadas, viagens que propiciem aos seus viajantes, entre outras coisas, uma descoberta de si próprios, o resgate da memória e dos sonhos:

De sorte, senhor, que daqui nos partimos ambos em demanda do destino levados, em diferentes anos e meses no mesmo navio-cargueiro, nos seus cheiros côncavos, resinosos e inseguros. Levados, repare bem, pelo chamamento da longínqua e difícil voz de Deus [...] Gostei tanto de Lisboa, daquele polvo azul sobre as colinas, das ruas planas que vão num círculo, desde o fim das docas até à baía de Cascais... Comecei aí a organizar dentro de mim todos os motivos que me

---

### NOTAS:

<sup>76</sup> Macêdo, Tania Celestino. (1999) *Visões do mar na literatura angolana contemporânea*.in *Via Atlântica*. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. n.3 (1999). São Paulo: Departamento, 49-57.



levaram a gostar de estar viva, a ser mulher de novo, a recomeçar os meus dias a partir desse segundo mundo... (GFL,:16-19).

Levando para a cena literária as inquietações e as angústias que caracterizam o homem da ilha, constantemente dividido entre o impulso de partir e o desejo de ficar, vivendo um contraponto de tensões geradas a partir dos sentimentos dicotômicos do estar longe e estar perto, o escritor João de Melo faz jus às palavras de Adelaide Batista constantes do livro *João de Melo e a Literatura Açoriana* (1993: 41):

Curioso, porém, é notar que as narrativas mais focam os sentimentos e efeitos relativos à partidas e chegadas do que propriamente a experiência emigrante. É que nas ilhas, onde o tempo e o espaço se condensam, intensificando formas de estar e sentir, tal realidade impõe-se não tanto como fenômeno social em si, mas antes como marca de uma condição existencial de forte sofrimento, emoção e perspectiva universal.

No romance, *Gente Feliz com Lágrimas* (1988), o eixo crucial da narrativa incide sobre o árduo itinerário das personagens Nuno Miguel, Maria Amélia e Luís Miguel, percorrido por caminhos cinzentos, porém grávidos de sonhos, a partir do solo que os viu nascer e crescer – o Rozário – indo desaguar num mar sem fronteiras, símbolo ao mesmo tempo, do encarceramento a que está votado o ilhéu, cercado de mar, e do sonho de alçar vôo que o persegue. De acordo com Freitas (1999:97), “O mar é a nossa prisão mas também a nossa passadeira”.

Num verdadeiro exercício de intertextualidade e metalinguagem marcado pelo diálogo entre as personagens e o senhor Franz Kafka, como a grande metáfora do escritor moderno, a ação narrativa de *Gente Feliz com Lágrimas* desenvolve-se numa temporalidade não cronológica entre passado, presente e futuro. Através da voz do narrador em terceira pessoa e das vozes dos narradores/protagonistas por ele gerenciadas e distribuídas dialogicamente numa alternância repetida e cadenciada – Nuno Miguel, Maria Amélia, Luís Miguel –, são postos em causa os sentimentos dos viventes da ilha tomados muitas vezes pelo desespero da partida e pelo posterior desenraizamento. O pequeno viver insular com o seu quotidiano desgastante e repetitivo alimenta o sonho americano da ida, fazendo do mar o seu lugar de passagem; o mesmo mar, no entanto, propicia também o sonho açoriano da volta porque, e citando uma vez mais o narrador de *Ilha grande fechada*, “Sair da ilha é a pior maneira de ficar nela”; porque, como afirma Brasil (1992: 206): “[...] a emigração [é] um caminho ao qual o açoriano se entrega com a compulsão do cumprimento de um dever. O resultado é a errância, a transitoriedade e o permanente desejo de volta”; ou ainda porque “[...] depois da viagem é à casa que nos apetece regressar, é só lá que repousam os eternos errantes à procura de tudo ou de nada” (Freitas, 1992:82).

Sabia o que o tinha feito regressar ao Rozário, mas não por quanto tempo se dispusera a procurar ali o esquecimento dos seus males do mundo. A vida mudara de uma forma talvez definitiva, despovoada da presença e do amor de quantos a tinham podido explicar até ali. Porém não vinha refazê-la. [...] Ao fim de tanto tempo, era também certo que quase toda a gente decidira partir para muito longe do Rozário. Por isso mesmo não tinha ilusões quanto aos que pudessem ter ficado para trás. Voltar só lhe acontecia a ele, e desse modo cabisbaixo e soturno, como os mochos que amam as crateras escuras dos troncos, os moinhos abandonados e as casas em ruínas (GFL,:447).

Essa tão almejada volta à casa, no entanto, que para uns se constitui no lenitivo da partida, na perspectiva já de uma viagem de mão dupla como consequência da consciência antecipadora da ausência de parâmetros na terra de adoção, nem sempre é passível de ser realizada e permanece no âmbito dos sonhos: “Sonham com as vacas, as terras e os cavalos dos Açores, e fazem planos para casas vistosas à beira da estrada que liga o Nordeste a Ponta Delgada” (GFL,:353). A Ilha, “trouxeram-na, mantêm-na intacta dentro de si “e, apesar da mudança de nomes – George, Mary, Lewis, William, Frank – , “[...] persistem no tempo obsessivo das procissões e romarias, no pudor da mais sagrada nudez, no vício de dizer mal dos vizinhos”(GFL,:353). Para outros, como o escritor Rui Zinho, o duplo de Nuno Miguel, como ele próprio se intitula, a volta à casa não significa a realização do sonho catártico de uma infância pobre e sofrida, mas sim um momento de reflexão, uma busca de si mesmo e dos seus sentimentos postos em equação:

Sentado do lado da janela, tentou personificar em si o sonho desse regresso ao Rozário. Não tinha, não teria nunca a importância do mito do retorno à origem perfeita do Homem. Acontecia-lhe só um regresso talvez definitivo após vinte e cinco anos de ausência. Não uma ressurreição. Partira de um cais com navios. Estava de volta a um mundo sublimado, inexistente. (GFL,: 445)

O seu regresso não corresponde, pois, ao universo proustiano da busca de um tempo perdido. Porém, como a casa, no dizer de Bachelard (1992:26), “maintient l’homme à travers les orages du ciel et les orages de la vie”, é nela e através dela que as suas recordações tomam vulto:

O passar muito baixo dos navios cheios de gente feliz com lágrimas, em direcção à América dos primeiros sonhos [...]. O silêncio incomparável do silêncio. A mágoa. O deserto do mar com água e o deserto da água sem mar. O peso insuportável das mãos do pai, que muitas, excessivas vezes lhe batera sem razão e depois morrera de cancro no Canadá [...] (GFL,:451-452)

Entretanto, e como todo o homem tem o seu direito de sonhar ele alimentou um dia o sonho/devaneio de viver numa casa, a sua, com árvores em frente do mar,



que dê tanto para o repouso como para um encontro com o meu outro destino. Regressarei a Lisboa para me colocar do outro lado de mim, dono e senhor da casa metafísica fechada à chave, por dentro da escuridão e do vazio insuportável desta casa. (GFL,: 49).

la assim ao encontro da teoria bachelardiana segundo a qual a casa é um dos maiores fatores de integração para os pensamentos, as recordações e os sonhos do homem, integração essa que tem como elo de ligação o devaneio<sup>77</sup>.

A representação da casa e as recordações da infância são elementos comuns á histórias das personagens do romance de João de Melo, foco desta análise. O mar que as atravessa é também o veículo de comunicação entre elas. Nuno Miguel e Maria Amélia partiram juntos para o continente, para longe da “maldição da [sua] infância na Ilha”, determinados a deixar para trás “um passado sem história” e a esquecerem-se dele sem a menor sombra de sofrimento. A fuga para a vida religiosa, em Lisboa, foi a saída que encontraram para se livrar ele, das pancadas do seu “pobre cão de pai”, ela da fúria da mãe, dos beliscões nos braços e das bofetadas cheias de ódio. E foi na casa, “em que tudo foi sempre mais ou menos absurdo”, que Maria Amélia encontrou, no “soalho”, o nutriente para o seu devaneio:

Lembro-me de às vezes ficar ali a contar as nuvens e a imaginar-lhe formas de coisas conhecidas. Umas pareciam-se com vacas deitadas nos pastos, por causa das patas flectidas e das cabeçorras oblíquas. Outras, muito maiores, eram casas navegantes ou navios encalhados, talvez mesmo mapas que iam fundir-se noutros mapas e formavam países fantasmas – numa espécie de dança, voo planado ou arraial sem ruídos. (GFL,:60)

Prenunciava-se, assim, através dessas imagens de mar e vôo, o seu destino emigrante, em terras de África primeiro, e mais tarde, quando os filhos de Angola a chamaram de colonialista e a mandaram para o *Puto*, nas terras frias, porém promissoras do Canadá. E ela, que não sabia ser feliz sem lágrimas, deixou a Ilha, a casa “que era o que se pode chamar uma prisão sem grades: todos vivíamos de cócoras e com medo de tudo”, e onde “na opinião do papá, nunca passaríamos desses seres rasteiros e defeituosos, os pássaros”, e alçou vôo rumo ao país dos seus sonhos perfeitos, onde deixou de ser a Maria Amélia e passou a ser Mary, só.

Para fugir também de uma vida mesquinha fruto de uma infância marcada pelas sovas do papá e da infelicidade e dor que elas lhe traziam, infância que, segundo Bachelard (1988: 119), “permanece em nós como um princípio de vida profunda, de vida sempre relacionada à possibilidade de recomeçar”, para fugir de “um tempo de espera sem esperança”, Luís Miguel inscreveu-se como voluntário no serviço militar e acabou por ir, de castigo, para a guerra da Guiné de onde voltou curado de todos os males, ou pelo menos sem a sua memória, mas com “uma ferida aberta nos dois olhos e um arrepio de frio ao comprido da espinha...”(GFL,:204)

Tendo emigrado para o Canadá embalado também pelo sonho de melhores dias e a conquista de alguns “dolares”, a sua não adaptação àquela terra onde era “canadiano à força” está patente nestas suas palavras:

Chorava como um cachorro perdido do dono, num país estrangeiro, a ser enxotado de *job* para *job* e a entregar sempre em trabalhos cada vez mais custosos. Quando mal me habituava à *Company* e ao ritmo daquela gente que falava inglês e bebia tigeladas de café para conseguir ressuscitar da morte de Toronto, vinha sempre um homem a quem chamávamos “bossa”, muito sério e com voz compadecida, e dizia-me as palavras que os emigrantes mais depressa aprendiam e nunca mais podiam esquecer:

– I’m sorry, Lewis... Lay off, lay off, Lewis! (GFL,:198-199)

Para Nuno Miguel, as recordações da infância são ainda mais dolorosas. O sótão, que para Maria Amélia era o lugar do devaneio, para ele significava o lugar de repressão e de sofrimento:

---

<sup>77</sup> Bachelard, Gaston.(1992) *La poétique de l'espace*. 5.édition. Paris: Presses Universitaires de France, p.26.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Bachelard, Gaston.(1992) *La poétique de l'espace*. 5. édition. Paris: Presses Universitaires de France.
- \_\_\_\_\_.(1988) *A poética do devaneio*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes.
- Batista, Adelaide Monteiro.(1993) *João Melo e a literatura açoriana*. Lisboa: Dom Quixote.
- Brasil, Luiz Antonio Assis. (1999) *A narrativa açoriana pós-revolução dos cravos: uma breve notícia*. in *Via Atlântica*. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. n. 3 São Paulo: Departamento, 204-223.
- Freitas, Vamberto.(1999) *A Ilha em frente: textos de cerco e de fuga*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Macêdo, Tânia Celestino.(1999) *Visões do mar na literatura angolana contemporânea*. in *Via Atlântica*. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. n. 3 São Paulo: Departamento, 49-57.
- Melo, João de.(1988) *Gente feliz com Lágrimas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Sá, Daniel de.(1992) *Ilha grande fechada*. Lisboa: Edições Salamandra.



E foi quando papá perdeu a cabeça e decidi fechá-lo no sótão às escuras. Íamos levar-lhe a comida, a mando dele, no testó de barro que servia para alimentar o cão. [...] À nossa aproximação, os ratos escapuliam-se pelas frestas, aos guinchos, como ovos a fritar [...]. Quando se chegava ao cimo do sótão, o meu irmãozinho estava sentado no escuro, de mãos postas, e os olhos azuis lá no canto, acesos como faíscas de gatos. (GFL, 180)

A idéia de suicídio começou, desde essa altura a invadi-lo. Anos mais tarde, no entanto, considerava que: “O projecto de um suicídio sempre adiado deixara até de constituir-se na última esperança – porque a morte era difícil, exigia outra coragem e estava provado ser fria”. (GFL, 450) Em Lisboa, longe da presença terrível do pai, dedicou-se à política, à Literatura, deixou de ser Nuno Miguel e passou a ser Rui Zinho, o escritor, casou com Marta, mas continuou infeliz. Separou-se dela mais tarde, porém nunca esqueceu esse amor fracassado. Como também não esqueceu a Ilha e a casa que um dia lhe coube por herança e à qual voltou com “a sensação de ter vindo não da cidade de Lisboa mas de todas as cidades perdidas do tempo”. O longe é para ele, metaforicamente, o retrato da doença que corrói o corpo e a alma: “O pai morrera de cancro na próstata no Canadá; a mãe morrera de cancro linfático, também no Canadá; os irmãos podiam um dia vir a morrer de cancro porque estavam no Canadá”. E um sentimento identitário toma conta de si:

Se me perguntarem por que razão gosto tanto assim do meu país, respondo-lhes que me sobra sempre um motivo. Gostarei sempre do meu país enquanto o escarnecerem. Amá-lo-ei mesmo na sua nudez, nos vícios e nas coisas luminosas. Serei português com a moral e com o espírito, e com o sangue até de quem traz em si um verso, um cheiro a mar, um fruto da sua terra.

Diante da casa vazia “de quem um dia se foi embora”, Rui Zinho, no seu “Regresso invisível”, é invadido pelo sentimento de consciência insular, aquele que, conforme Brasil (1999: 211),

se expressa pela distância, pela nostalgia, pela contemplação melancólica da paisagem, dos garajaus que voltam todo o ano, da bruma que tudo obscurece, do mar quase sempre crespo, das tempestades, das nuvens densas e baixas do inverno, do *azorean torpor*; significa uma espécie de resignação às inclemências e dificuldades da vida insular, algo indizível mas profundamente experimentado.

Desse seu encontro do presente com o passado da casa Rui Zinho chegou à conclusão de ser ele mesmo a casa, “mas na primeira pessoa do singular. Soubera sempre que um dia viria não para habitá-la, e sim para a viver”. E não obstante o “opressivo, o tormentoso, o excepcional espetáculo de uma casa há muito fechada, consumida pelo abandono”, ele conseguiu experimentar a sensação da imagem construída por Bachelard (1988:132-133) de que “os quartos da casa perdida, os corredores, o sótão e a adega abrigam odores fiéis, odores que o sonhador sabe pertencerem somente a ele”. E chegar à conclusão, com o filósofo da imaginação, de que “quando é a memória que respira, todos os cheiros são bons”.

No seu novo projeto literário, o passado dará lugar a um futuro cheio de promessas, a começar pela casa, onde erguerá janelas que se abrirão para o sol da manhã, à espera de uma *Gente feliz com Lágrimas*.

---

## 27) M.<sup>a</sup> ZÉLIA BORGES

## 28) REGINA HELENA PIRES DE BRITO

### Maria Zélia Borges

Mestre e Doutora em Letras/Linguística pela Universidade de São Paulo. Professora titular de Linguística no Programa de Pós-Graduação e na Faculdade de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Destaca-se em sua produção: participação em congressos nacionais e internacionais; pesquisa e publicação de artigos, bem como livro com estudos em Lexicologia e sobre peculiaridades do português do Brasil.

### Regina Helena Pires de Brito

Pós-Doutora pela Universidade do Minho (Portugal), Mestre e Doutora em Letras/Linguística pela Universidade de São Paulo (Brasil). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Núcleo de Estudos Lusófonos da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É Pesquisadora Associada do CELP da Universidade de São Paulo e pertence ao Grupo de Pesquisas do IP-PUC-SP. Investigadora do *Projeto Lusocom*, do ICS da Universidade do Minho, coordenado por Moisés Martins e Helena Sousa. É, também, docente investigadora e membro representante do Brasil na Comissão Diretiva do *Instituto Nacional de Linguística de Timor-Leste*. Autora e Coordenadora do Projeto “Universidades em Timor-Leste” - *Canção popular e música brasileira em Timor-Leste* (co-autoria de Benjamin Abdala Júnior – USP/SP) para a difusão da língua portuguesa em território timorense por meio da música brasileira, em fase de adaptação para o contexto moçambicano. Sua produção recente destaca a publicação de artigos, capítulos e livros focalizando a relação entre língua, realidade cultural e identidade em países de expressão lusófona.

Haverá necessidade de tradução dentro da própria língua?

Maria Zélia Borges e Regina Helena Pires de Brito, Univ. Presbiteriana Mackenzie





No exercício do magistério, chama-nos a atenção, sobretudo, a dificuldade dos alunos em compreender convenientemente os textos com que devem trabalhar. Tal deficiência parece advir, na maioria das vezes, do vocabulário pouco conhecido, o que leva, não raras vezes, à exigência de “tradução” em suas leituras.

É voz geral de especialistas na teoria da tradução que se traduz “não de uma língua para outra, mas sim de um ato de fala para outro. Isto por que o sentido “não é nem está na língua, mas é, sim, uma representação mental” (Garcia-Landa, 1984, p. 69).

Na visão deste autor (1984, p. 64) “apenas a teoria da tradução pode desvendar a essência do fenômeno da fala, isto é, a produção coletiva de representações mentais”. Para atuar com palavras é “preciso que os interlocutores compreendam o que se lhes diz e a compreensão é a co-produção de representações mentais”. Insiste em que a tradução é um segundo ato de fala que reproduz o que já foi dito.

Não é preciso que o segundo ato de fala se processe em uma língua diferente daquela em que se realizou o primeiro, pois já é senso comum que há três tipos de tradução: intralingual, interlingual e intersemiótica - conforme distinção proposta por Roman Jakobson. Com essa classificação, abaixo transcrita, o lingüista russo ressalta a impossibilidade de se obter, por meio de uma tradução, a completa equivalência:

1. A tradução intralingual ou reformulação (rewording) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
2. A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
3. A tradução intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.” (Jakobson, 1995, p.64-5).

É no sentido dessa tradução intralingual que tratamos, neste artigo, da viabilidade da tradução em contexto lusófono, considerando as variedades do português ora dentro de cada país, ora nas relações com os demais países de expressão oficial portuguesa (português europeu, português brasileiro, português moçambicano e assim por diante).

Assim, uma vez que a língua portuguesa tem numerosos falares diferentes, fica bem verdadeira a afirmação de que devemos ser “ políglotas dentro da própria língua” (Bechara, 2006, p.14). Disto decorre, muitas vezes a necessidade de tradução entre falares diferentes, sejam tais diferenças diacrônicas, diatópicas, diastráticas ou diafásicas.

Não pretendemos nos alongar em questões teóricas sobre tradução, e sim mostrar, na língua portuguesa, como ela acontece. Então, vamos aos fatos.

## 1. Analisamos, inicialmente, a necessidade de tradução de algumas falas em registros escritos:

**1.1.** “Da pinima eu comia só o coração delas, mixiri, comi sapecado [...]” (Rosa 1985: 166).  
**mixiri**

[Do tupi *mixira* ou *mixyra*, ‘assado’] *Adj.* (LB)<sup>1</sup> e (SB) dão o significado de “assado” STR a define como fritura de peixe e de carnes muito torrada, conservada em vasilhas na gordura que serviu para prepará-la. Bem preparada se conserva por muito tempo e já foi indústria muito explorada, especialmente no Solimões. A mixira mais comum é a de peixe-boi e de tartaruga; mais rara a de tambaqui e outros peixes, assim como de caças. Registra-se tb. *mixire*, “fritado” no mesmo dic.

### **pinima**

[Do tupi *pi'nima* ‘malhado, manchado, listrado, rajado’; cp. *pinimba* ‘birra’; ver *-pinima*; f. hist. 1752 *penyma*, 1833 *pinímas*] (DH). S. f. Rosa usa o vocábulo, como f. red. de jaguarapinima, para designar uma variedade de onça, descrita por Santos: carnívoro fissípede, da família dos felídeos (*Panthera [Jaguaris] onça*), de coloração amarelo-avermelhada, com manchas pretas arredondadas ou irregulares, porém simétricas, em todo o corpo, encontrado (salvo no Chile e nos Andes) em toda a América, desde o SE dos E.U.A. Tem cerca de 1,50 m de comprimento, afora a cauda, que tem 60cm, e 80 cm de altura. É considerada a fera mais terrível da América, e alimenta-se da caça e da pesca de animais, preferindo grandes peças. [Sin.: *acanguçu*, *canguçu*, *jaguarapinima*, *jaguetê*, *onça*, *onça-pintada*, *pintada*, *tigre*.]. Santos (1984), apresenta as variedades de onça: *jaguetê pinima* ou *iaretê pinima*, *jaguetê-pixuma* ou *iaretê-pixuma* ou *onça-preta*, *jaguetê sororoca* ou *iaretê sororoca*. Navarro (1998: 112) observa: com a colonização, o cachorro foi trazido para o Brasil, passando a receber o mesmo nome dado à onça, *jaguara* ou *îagûara*. Para se diferenciar um animal do outro, passou-se a usar o adjetivo *etê* (verdadeiro, genuíno) com referência à onça (a *îagûara verdadeira*), em oposição à simples *îagûara*, que era também o cachorro.

**1.2.** Vejamos um trecho de outro autor em que algumas palavras parecem necessitar de tradução. Digamos que seja uma tradução pontual, mas de todo conveniente para um número considerável de palavras da sequência:

[...] entre palanganas de canjica e munguzá, tabuleiros de lelê, pamonha, acaçá, milho cozido e docinhos de leite e ovos, sequilhos de goma, beijos e mingau de carimã, de milho e tapioca, alguidares de amendoim cozido, pé-de-moleque, alfele, mel de engenho, bolo de fubá, bolo chico-filipe [...]  
(Ribeiro 1984: 146)

### **canjica**

[Orig. contrv; segundo DHTP, do P *canja*; para Gilberto Freire (*Casa-Grande e Senzala*), do “ameríndio” *acanijic*; segundo Nascentes, do quimb. *kandjika*; para NL, há tb. o quicg. *kanjika* ‘papa de milho grosso cozido’; o emprego como eufemismo de *cachaça* é de orig. obs.; f. hist. 1725 *quangiqua*, 1752 *canjica*] (DH). FAB considera o voc. advindo do banto e DACB o aponta como advindo do quicg. com modalidades e nomes diversos em diferentes regiões do Brasil: no RS, comida feita de milho cozido, pouco sal, comida simples ou



acompanhado com leite; na BA e PE, é apreciado com leite de coco, açúcar e canela, chamando-se *munguzá*, alimento ao gosto de Oxalá e Nana; em outros estados, chama-se *curau*.

Para o DH é S. f. Rubr. cul. Reg. 1. B. papa cremosa de milho verde ralado e cozido com leite e açúcar; corá, jimbê, curau. 2. S do BR., MG, CO do B, m. q. *munguzá*. 3. ANG: ensopado de feijão com farelo de milho, temperado com azeite de dendê.

#### **munguzá**

Do quimb. *mukunza* 'milho cozido'. FAB o apresenta com étimo banto, B, (quicg., quimb.) ] S. m. Rubr. cul. espécie de mingau feito de milho branco com leite e leite de coco, temperado com açúcar e canela.

#### **lêlê**

O DH dá-lhe a etimol. prov. afr. e define: S. m. Rubr. cul. Reg. B. Bolo de tabuleiro, feito com milho e leite de coco. FAB o apresenta com advindo do kwe ou jeje e o DACB dá-lhe como equiv. *canjicão*, uma das comidas votivas de Yemanjá e doce de leite de coco com milho moído, comida votiva de Oxum.

#### **acaçá**

Segundo o DACB, do jeje *akatsa* 'espécie de pão de farinha de milho ou outro cereal, cozido na água, envolto em folhas'. Para FAB, originário do kwa (jeje), B. A autora dá como equiv. *eco* (kwa). No DH, encontramos: S. m. Reg. B. Rubr. cul. 1. bolinho afro-baiano feito de farinha de arroz ou de milho, cozido em ponto de gelatina e envolvido, ainda quente, em folhas de bananeira. 2. bebida refrescante feita de fubá, arroz ou milho, fermentado em água açucarada. Deriv. por ext. de sent. 3. substância que refresca; calmante.

#### **carimã**

Do tupi *kari'mã* 'farinha de mandioca'; f. hist. 1554 *carimã*, 1587 *carimá*, c1594 *carima* S. m. Reg. B. 1. farinha de mandioca seca e fina. Rubr. cul. 2. bolo feito de farinha de mandioca. 3. bolo feito com massa azeda de mandioca mole, seco ao sol. 4. Reg. PA. espécie de mingau de farinha de mandioca dissolvida em água e açucarada que se dá às crianças 5. praga que ataca os algodoeiros adj. 2g. 6. que apresenta pelagem branca e alaranjada (diz-se de bovino).

#### **beiju**

Para DH, do tupi *mbe'yu* 'bolo de farinha de mandioca'; var. devidas a flutuações na língua geral de *-mb-* > *-m-/b-*, evolução consonântica *-j-* ou vocálica *-i-* da assilábica *y*, timbre da vogal pretônica etc.; ver *beiju-*; f. hist. a1576 *beijús*, c1596 *beius*, 1618 *bejús*, 1705 *beyjù*. Petter (2002) fala da origem controv. do voc., mas acrescenta que Schneider o aponta como originário do iorubá. S. m. Rubr. cul. Reg. B. 1. Espécie de bolo de goma ('polvilho') ou de massa de mandioca assada, de que há diversas variedades. 2. acepipe feito com fubá, açúcar e manteiga, que se assa no forno ou em chapa. 3. MG. espécie de biscoito doce muito leve e quebradiço, enrolado como canudo, ger. anunciado nas ruas pelo som de matraca ('instrumento de percussão'). 4. MG. farinha de milho grossa e torrada, com flocos, que se come ger. com leite. Tem como variante *biju*.

#### **tapioca**

O DH, citando Nascentes, registra o tupi *tipi'og* 'sedimento, coágulo da mandioca crua coalhada'; o DHPT registra *tipi'oka* 'fécula alimentícia da mandioca'; f. hist. 1618 *tapioqua*, c1631 *tapioquo*, 1663 *tapyoca*. Petter (2002) atenta à origem controv. do voc., mas acrescenta que Schneider o vê como originário do banto. S. f. Rubr. cul. 1. Reg. B. fécula comestível, extraída das raízes da mandioca ou do aipim, com que se preparam pratos doces e salgados. 2. NE beiju feito dessa fécula e recheado de coco ralado. 3. CE. pão caseiro do sertão preparado com goma de mandioca, água e sal e por vezes temperado com coco.

#### **mingau**

Para Houaiss, do tupi *minga'u* 'comida que gruda', depois, com ditongação e deslocamento do acento, *mi'ngaw* 'alimento pastoso originado de farinha de mandioca cozida em leite ou água', p. ext. 'papa preparada de modo semelhante ou de consistência semelhante'; f. hist. c1584 *mingaos*, 1587 *mingau*, c1596 *mingaões*, 1624 *mingão*, 1656 *minguao*, 1663 *mingaú*. S. m. Rubr. cul. 1. alimento cozido, de consistência cremosa, pastosa, feito ger. de leite e açúcar, engrossado com cereais ou farinhas variadas (aveia, maisena, fubá de milho, arroz etc.); papa, papinha. 2. Deriv. por anal. qualquer substância com a consistência do mingau (acp. 1).

2. Analisaremos, a seguir, alguns casos de falas onde há palavras com sentido muito regional:

2.1. Chegou ontem à Goiânia, vindo de São Paulo; voltou cheio de bandido.

"Bandido! você não deixa por menos, só faz coisas bem feitas".

Caso interessante acontece com o voc. bandido: dicionarizado no DH como S. m. 1. indivíduo que pratica atividades criminosas; assaltante, bandoleiro; 2. Derivação: p. ext. de sent. Pessoa sem caráter, de maus sentimentos Adj. 3. relativo a bandido ou a banditismo 4. cruel, que faz sofrer, infeliz 5. que se bandiu; banido, desterrado.

Ortêncio (DBC) reconhece dois significados no CO: 1. dinheiro; 2. interjeição usada para elogiar ou amaldiçoar.

2.2. O vocábulo *boqueirão*, dicionarizado no DH tem significados diversos para o B todo e de uma região para outra:

Para todo o território nacional - boca extensa ou muito aberta; bocarra; grande boca de um canal ou rio; entrada ou abertura cuja forma lembra a de uma boca; cova profunda e extensa; vala; quebrada entre montes, em muralhas de defesa, em valados; rua que dá para um rio ou ribeira.

Mudando de uma região para outra - braço de mar entre uma pequena ilha e um litoral esbarrancado (MA); garganta estreita em serra, por onde corre um rio; bocaina (N do B); terreno próprio para o cultivo do cacau (BA); abertura larga para um campo após estrada estreita ou desfiladeiro (RS); terreno descampado entre dois matos, banhados etc.; clareira (RS); m.q. *brechão* (geomorf.) (S do B): brecha de grandes proporções; represa em que se estão a abrir valas (P); segmento do curso de um rio entre montanhas próximas e que corre em uma garganta ou cânham (B - SP e PR).

2.3. Um brinquedo que consiste numa armação leve de varetas, recoberta de papel fino, à qual geralmente se prende uma tira, o rabo, que lhe dá certa estabilidade; quando empinado no ar por meio de uma linha é



chamado papagaio em Portugal e no Brasil. Em Portugal, é também conhecido como cometa, canoa, estrela, bacalhau, zoeira<sup>3</sup>, no Brasil leva também os nomes arraia, cafifa, pandorga, pipa, raia. Entre mineiros ouve-se mais freqüentemente o nome papagaio; entre gaúchos, pandorga; entre paulistas, quadrado e entre paraenses, pipa.

**3.** Todo um capítulo poderia ser ocupado por sintagmas cristalizados, tipicamente regionais, de sabor muito popular:

**3.1.** O DBC aponta inúmeros:

- ? Bater carroceria - andar com caminhão vazio;
- ? Cara de jenipapo - rosto enrugado, envelhecido;
- ? Casar na igreja verde - amigar (igreja verde é o mato);
- ? Chamar o juca<sup>2</sup>, por o juca pra fora - vomitar
- ? De jazinha - neste momento; já, já;
- ? Invernar na pinga - passar todo o tempo bebendo;
- ? Irmão da opa - beerrão;
- ? Levar a lata - tomar o fora da nomarada
- ? Maria-isabel - prato feito de arroz misturado a pedacinhos temperados de charque. O dicionário afirma ser prato tradicional da culinária goiana;
- ? Maria vitória (CE) - palmatória; chicote-das-dores - chicote;
- ? Quebrar a munheca - emborcar o copo de bebida;
- ? De marca-serena / de marca-olho - coisa boa, qualificada;
- ? Queimar campo - mentir.

**3.2.** O DN também apresenta expressões regionais pitorescas:

- ? A lei do pulso - na marra, sob pressão;
- ? Amarrar a cabra - tomar um porre, ficar bêbado;
- ? A locê (PI) a miguê (BA) - de qualquer jeito, no chute, de improviso;
- ? Alisar cabelo com brilho - passar em primeiro lugar, ser bamba no estudo;
- ? Guardabelo - manobrista, vigilante de casa noturna;
- ? De gota-sereno / de marca-olho - coisa boa, qualificada;
- ? Maria vitória (CE) - palmatória no CE; chicote-das-dores - chicote
- ? Morada-inteira (MA) - casa térrea com fachada principal situada no alinhamento da rua e janelas simetricamente dispostas em relação à porta de entrada;
- ? Não dizer uste nem aste - entrar mudo e sair calado;
- ? Não pedir pelanca a gato - não se humilhar, não pedir abatimento no preço;
- ? Necariu / nequinha - negação, de jeito nenhum;
- ? No rumo da venta (CE) - sempre em frente, em linha reta.

**4.** Se nos voltarmos para uma mesma palavra em diferentes países lusófonos o número de variantes é considerável.

**4.1.** A palavra *amendoim*, *mindubi* do B, *mendubi* (RS) tem registradas no DH as variantes e os sinônimos:

- ? além de amendoim, alcagoita – P;
- ? manduína (corrup. De amendoim) e pinotes - nos AÇR;
- ? Amendoí, aráquide, caranga ou carango – em MOÇ;
- ? mandobi, mandubi, mendubi, mendubim, menduí, mepinda, mindubi, mpinda, jiguba, jinguba - em ANG;
- ? mancarra - em CAB G-B.

**4.2.** Qualquer tipo de material definido no (DH) como natural ou sintético, usado para banho ou lavação de utensílios apresenta também variantes e sinônimos diversos:

- ? esfregão, esponja, bucha - (B);
- ? esfregona, mapa (do ingl. amer. *mop*) (AÇR).

**4.3.** Outro conceito nomeado diferentemente de um lugar para outro:

- ? Comida, refeição, repasto (no B - NO),
- ? NE do B, comumente se ouve: o de comer, com o diminutivo o de comezinho;
- ? Manjuca - nos AÇR.
- ? Vianda - em P: qualquer gênero de alimento, particularmente carne; **reg.** restos de comida para porcos, lavaduras; *plural* iguarias; parte do caldo que não é líquida; no RS: refeição em marmita fornecida a domicílio.

**5.** Evitando alongar-nos em muitas explicações apontaremos, em tabelas, alguns outros casos de vocábulos com empregos e/ou sentidos diferenciados nas diversas regiões do Brasil:



| <b>Região</b><br><b>Palavra</b>                                                                                                       | <b>N</b>                     | <b>NE</b>                                | <b>SE</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | <b>CO</b>                                                                                                                                         | <b>S</b>                                                                                                 |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Academia (N)                                                                                                                          |                              | Academia<br>Pular<br>macaco<br>(Ba)      | Amarelinha (RJ)<br>Maré (MG)<br>Avião (RN)                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | Amarelinha;<br>Amarelinho;<br>Maré                                                                                                                | (amarelinho, no RS,<br>é variedade de fumo<br>em<br>rama, de boa<br>qualidade e de<br>coloração amarela) |
| Antipático,<br>enjoado                                                                                                                |                              |                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | Mangongo                                                                                                                                          |                                                                                                          |
| Asma                                                                                                                                  | Piema (AP)                   |                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                   |                                                                                                          |
| Mau cheiro                                                                                                                            | Pitiú (AP)                   |                                          | Bodum, fedor,<br>catinga, morrinha<br>cecê                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                   | Murrinha, morrinha,<br>budum, catinga, cecê                                                              |
| Capacidade de<br>desconfiar<br>quando se está<br>sendo demais<br>ou<br>inconveniente;<br>desconfiômetro,<br>semancol,<br>semancômetro |                              |                                          | Chá de semancol                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                   | Chá de simancol ou<br>chá de sífragol                                                                    |
| Fechar com<br>chave                                                                                                                   |                              |                                          | Trancar,<br>passar a chave                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                   | Chavear                                                                                                  |
| Ficar ao sol<br>para aquecer-<br>se                                                                                                   |                              | Esquentar<br>sol,<br>aquestar<br>sol     | Tomar sol,<br>Esquentar sol,<br>quentar sol, jiboiar<br>(digerir uma<br>refeição ao sol)                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                   | Lagartear                                                                                                |
| Longa espera<br>para uma<br>audiência ou<br>consulta                                                                                  |                              |                                          | Chá-de-cadeira                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                   | Chá de banco                                                                                             |
| Mandioca                                                                                                                              | Macaxera<br>Aipi ou<br>aipim | Macaxera<br>Aipi ou<br>aipim             | +<br>Aipim (RJ)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | Macaxeira ou<br>aipim (GO);<br>Mandiopeba ou<br>mandiopã (MT) é<br>variedade de<br>mandioca cujos<br>tubérculos dão<br>em pequena<br>profundidade | Aipim (RS)                                                                                               |
| Mandioca mal<br>Cozida                                                                                                                |                              |                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | Ensoada                                                                                                                                           |                                                                                                          |
| Morrer                                                                                                                                | Ir para o<br>Acre            |                                          | Abotoar o paletó,<br>bater a(s)<br>bota(s), bater a<br>caçoleta, bater a<br>pacuera, bater as<br>botas, dar com o<br>rabo na cerca,<br>bater o pacau,<br>desinfetar o beco,<br>esticar a canela,<br>esticar o cambito,<br>ir para o andar de<br>cima, ir para o<br>beleléu, passar<br>desta para melhor<br>(vida), vestir o<br>paletó de madeira, |                                                                                                                                                   | Bater com a cola na<br>cerca,<br>acabar com a<br>casca(matar),<br>bater o pacau, bater<br>o timbó        |
| Pão francês                                                                                                                           |                              | Cacete<br>(BA)<br>cacetinho<br>– na Ba é | + (SP)<br>Pão de Sal (MG)<br>cacetinho (BH)                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                   | Cacetinho (RS)                                                                                           |





|                                                                 |              |                         |                                                                                                              |          |         |
|-----------------------------------------------------------------|--------------|-------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|---------|
|                                                                 |              | pão menor que o cacete. |                                                                                                              |          |         |
| Pedacço de carne da região lombar, aderida a um pedacço de osso |              |                         | Bisteca ou costeleta, t-bone (SP) coxão duro (SP) ou chã-de-fora (BH), cohão mole (SP) ou chã de dentro (BH) |          | Chuleta |
| Rabo                                                            |              |                         | +                                                                                                            |          | Cola    |
| Tabaco ordinário                                                |              | Macaia (Ba)             | Macaio ou chuchu <sup>4</sup> (MG e SP)                                                                      | Macaia   |         |
| Teia (tecido da aranha)                                         | Paranho (AP) |                         |                                                                                                              |          |         |
| Teimosia                                                        |              |                         |                                                                                                              | Engronga |         |

**Figura 1: Vocábulo diversificados em regiões do Brasil**

### 5. Tabulamos também diferenças entre países:

| <b>Região</b><br><b>Palavra</b>                                         | <b>Portugal</b><br><b>(Continente)</b>            | <b>Brasil</b>                                                                                  | <b>Açores</b>                                           |
|-------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------|
| Aborrecimento                                                           | +                                                 | +                                                                                              | aberrunto                                               |
| Local equipado com vaso sanitário                                       | Quarto de banho                                   | Banheiro<br>Em P, banheiro é salva-vidas, indivíduo que prepara o banho                        |                                                         |
| Menino pequeno                                                          | Menininho, garoto, miúdo, puto, besnico, badameco | Garoto, petiz, pirralho curumim (AM), guri (sobretudo no S), pirralho Bacuri, piá, pitoco (RS) | Chincho (de chinchinho = pequenino)                     |
| Molho que se abrange com uma mão                                        | Manojo                                            | Manojo, manolho, mancheia                                                                      | Mancho                                                  |
| Poder sobrenatural poder, prática atribuídos às feiteiras               | Bruxedo, Bruxaria, feitiçaria                     | Bruxedo, feitiçaria, coisa-feita, panela                                                       | Mando                                                   |
| Representação em escala reduzida de uma obra de Arquitetura/engenharia. | Maqueta, maquete                                  | Maqueta, maquete                                                                               | Maqueta (do ingl. amer. <i>market</i> ) = loja, mercado |

O que acabamos de expor procura ilustrar um pouco do levantamento que vem sendo realizado na elaboração da “Diciopédia Contrastiva da Língua Portuguesa”, projeto idealizado e coordenado por Chrys Chrystello e que pretende registrar e confrontar vocábulos utilizados nos diferentes espaços em que o português é língua de expressão oficial. Fica aqui o convite para que visitem a Diciopédia Contrastiva ([WWW.diciopedia.com.sapo.pt](http://WWW.diciopedia.com.sapo.pt)) e que tragam sua contribuição para que possamos, pelas palavras, saber um pouco mais dessa nossa identidade/diversidade lusófona.

### NOTAS

1. Dicionários e vocabulários aparecerão abreviados: DH, para o dicionário Houaiss; AE-XXI, para o dicionário Aurélio Eletrônico, por exemplo. Não serão indicados número da página e data, porque a localização dos nomes é facilitada pela ordem alfabética.
2. Conforme a pesquisadora da UFU, Elisabeth Bernardes em Jogos e brincadeiras tradicionais: um passeio pela história. Disponível em <http://www.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/47ElisabethBernardes.pdf> (acesso em 28/03/08).
3. Em Portugal, diz-se: *Chamar o Gregório; Chamar pelo Gregório; Gritar pelo Gregório*.



4. No B, por todo o país temos *chuchu*: 1. trepadeira (*Sechium edule*) da fam. das cucurbitáceas, nativa de regiões tropicais das Américas, com folhas cordiformes, lobadas, membranáceas e ásperas, pequenas flores amarelo-pálidas, e pepônios piriformes verdes, amarelados ou esbranquiçados, rugosos, de até 20 cm, comestíveis após cozimento, com uma semente grande; caiota, caxixe, chuchuzeiro, machucheiro, machucho, machuchu, maxixe, maxixe-francês, nachuchu, pimpinela (STP) 2. Rubrica: angiospermas. o fruto comestível dessa planta; caiota, caxixe, machucho, machuchu, maxixe, maxixe-francês, nachuchu 3. Regionalismo: Brasil. pessoa muito bonita, encantadora 4. preferido, favorito, queridinho 5. aguardente de cana; cachaça 6. *Xuxu*, no Cabo Verde, segundo o DH é reg. e significa quem é mau, endiabrado ou quem é sujo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, Evanildo (2006). *Ensino da gramática: opressão? liberdade?* 12 ed., São Paulo: Ática.
- BERNARDES, Elisabeth (s/d) *Jogos e brincadeiras tradicionais*. Disponível em <http://www.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/47ElizabethBernardes.pdf> (acesso em 28/03/08).
- CACCIATORE, O. G. (1998). *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária (DACB).
- CAPELA, Loren Bernadete Gibson (2004). *Vocábulo Regionais do Amapá: uma realidade*. Dissertação de Mestrado na Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, inédita (para vocábulos do Amapá, região N do B).
- CASTRO, Y. P. (2001). *Falares africanos da Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks. (FAB).
- CUNHA, Antônio Geraldo da (1978 e 1999) *Dicionário Histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo: Melhoramentos. (DHTP)
- FISCHER, Luís Augusto (2001). *Dicionário de porto-alegrês*. 12ed. Porto-Alegre: Artes e Ofícios (DP-A)
- GARCIA-LANDA, Mariano (1984). "Análise do conceito de tradução" In *Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, nº 4, pp. 59-70.
- HOUAISS, Antônio (2001). *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. (DH).
- LEMO BARBOSA, A. (1956). *Curso de tupi antigo*. Rio de Janeiro: Livraria S. José. (LB).
- (1955). *Pequeno vocabulário tupi-português*. Rio de Janeiro, Livraria São José. (LB).
- LOPES, Nei (2003). *Novo Dicionário Banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida (1999). *Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos*. 2 ed., Petrópolis: Vozes.
- NASCENTES, Antenor (1988). *Dicionário da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Bloch.
- ORTÊNCIO, Waldomiro Bariani (1983). *Dicionário do Brasil Central: subsídios à Filologia*. São Paulo: Ática (DBC).
- PETTER, Margarida (2002) "Termos de origem africana no léxico do português do Brasil" In Nunes, José Horta, Petter, Margarida (org.) *História do saber lexical e constituição do léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH-USP/ Pontes.
- RIBEIRO, João Ubaldo (1984). *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ROSA, João Guimarães (1985). "Meu tio o Iauaretê". In *Estas estórias*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SANTOS, Eurico (1984). *Entre o gambá e o macaco: vida e costumes dos mamíferos do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- SILVEIRA BUENO, Francisco da (1987). *Vocabulário tupi-guarani/português*. 5 ed. rev. aum. São Paulo: Brasilvivos, (SB)
- STRADELLI, Ermano (s/d) – "Vocabulários da língua geral português-nheêngatu e nheêngatu-português, precedidos de um esboço de Grammatica nheênga-umbuê-sáua miri e seguidos de contos em língua geral nheêngatu porandua". *Revista do Instituto Histórico*. (adquirida em sebo, numa encadernação que não preservou os dados bibliográficos). (STR).

#### LISTA DE ABREVIATURAS

|          |                       |
|----------|-----------------------|
| acp.     | acepção               |
| adj.     | adjetivo              |
| afr.     | africano, africanismo |
| anal.    | Analogia              |
| B        | Brasil, brasileirismo |
| cm       | centímetro            |
| cp.      | compare               |
| controv. | controversa           |
| cul.     | culinária             |
| deriv.   | derivado              |
| dic.     | dicionário            |
| equiv.   | equivalente           |
| etmol.   | etimologia            |
| f.       | forma; feminino(a)    |
| ger.     | geralmente            |
| hist.    | histórico(a)          |
| infor.   | informal              |
| m.       | masculino; metro      |
| obsc.    | obscuro(a)            |
| orig.    | origem                |



|         |               |
|---------|---------------|
| p. ext. | extensão      |
| P       | Português     |
| prov.   | provavelmente |
| quicg.  | quicongo      |
| quimb.  | quimbundo     |
| red.    | reduzida      |
| reg.    | regionalismo  |
| rubr.   | rubrica       |
| s.      | substantivo   |
| sent.   | sentido       |
| sin.    | sinônimo      |
| tb.     | também        |
| var.    | variante      |
| voc.    | Vocábulo      |

#### SIGLAS DE NOMES DE PAÍSES E DE ESTADOS BRASILEIROS

|        |                           |
|--------|---------------------------|
| AP     | Amapá                     |
| ANG.   | Angola                    |
| BA     | Bahia                     |
| B      | Brasil, brasileiro        |
| CAB    | Cabo Verde                |
| CE     | Ceará                     |
| CO     | Centro-oeste              |
| E.U.A. | Estados Unidos da América |
| G-BS   | Guiné-Bissau              |
| MG     | Minas Gerais              |
| MOÇ    | Moçambique                |
| NE     | Nordeste                  |
| PA     | Pará                      |
| PE     | Pernambuco                |
| P      | Portugal, lusitanismo     |
| RS     | Rio Grande do Sul         |
| S      | Sul                       |
| SE     | Sudeste                   |

#### SIGLAS DE NOMES DE DICIONÁRIOS

|      |                |
|------|----------------|
| DACB | CACCIATORE     |
| DBC  | ORTÊNCIO       |
| DHTP | CUNHA          |
| DH   | HOUAISS        |
| DN   | NASCENTES      |
| DP-A | FISCHER        |
| FAB  | CASTRO         |
| LB   | LEMOS BARBOSA  |
| NL   | NEI LOPES      |
| SB   | SILVEIRA BUENO |
| STR  | STRADELLI      |

---

## 29) MÁRIO MOURA

**Mário Moura.** Nasceu na Ribeira Grande, Ilha de São Miguel (Açores), em 1957. Reside nesta Cidade, onde exerce as funções de Chefe de Divisão de Acção Sociocultural da Câmara local. Estudou em França e nos Estados Unidos da América do Norte e leccionou no ensino secundário e universitário. Licenciou-se em História (Via Científica), no Rhode Island College, EUA, em 1983, tendo obtido equivalência, na Universidade dos Açores, em 1984. Mestre em Museologia e Património desde 1997, pela Universidade Nova Lisboa. É membro da Phi Alpha Theta, Associação de Historiadores norte-americanos e países anglófonos, do I.C.O.M., da A.P.O.M. e da APA: Associação Profissional de Arqueologia. Ganhou o Lullac Award (prémio para alunos norte-americanos), uma bolsa de estudos na Brown University, EUA, em 1983, uma Bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian 1995 (programa de estudo em Espanha e Mértola) e recebeu um voto de louvor da Assembleia Municipal da Ribeira Grande pelo estudo, recolha e exposição do espólio cultural do concelho em 1986.

#### OUTROS LIVROS PUBLICADOS PELO AUTOR:

Arcano da Ribeira Grande, (1999).

Memórias do presépio da Ribeira Grande, (1996).

Memórias dos Moinhos da Ribeira Grande: um percurso terrestre à terra dos moinhos de água, (1997).

A "Mã" da água, a "santinha" e a água que dorme: acessos à mentalidade dos moleiros da Ribeira Grande, (1999).

Casos Falantes: azulejos de corda seca e de aresta das terras do ex-mosteiro de Jesus da Ribeira Grande, (1998).



## UMA CERTA DONA MARGARIDA: UMA PROPOSTA DE BIOGRAFIA

**Mário Moura** Chefe de Divisão de Acção Sociocultural da Câmara da Ribeira Grande

Quando nasceu em 1779 o termo de Baptismo identifica-a com o nome de Margarida, ao falecer em 1858 o termo de óbito regista-a como Madre Margarida Isabel do Apocalipse. Entretanto, quem terá sido Margarida ao longo dos seus 79 anos de vida?

A nosso ver, quatro aspectos articulam, logo explicam, a sua vida e obra:

- ✍ Viu-se e era vista como freira clarissa até morrer, apesar de ter entrado para o mosteiro aos 20 anos e de ter sido forçada a sair do Mosteiro aos 53 anos.
- ✍ A separação definitiva dos pais em 1800 (confirmada com a demência do pai) marcou-a para toda a vida, obrigando-a inclusive a entrar para o Mosteiro mesmo sem vocação.
- ✍ Era uma Dona.
- ✍ Era uma artista sacra.

Assim sendo, não só para a compreender melhor mas também para explicar com maior clareza, esses quatro eixos definidores, existirão outros, da vida dela, precisamos de nos mover numa estrutura temporal flexível e num espaço abrangente, que ora avance ora recue nas diversas camadas do tempo, ao sabor da sua vida.

Margarida nasceu na Conceição, Vila da Ribeira Grande, no seio de uma família, pelo lado materno, com nome mas com poucos teres e haveres, e, pelo lado paterno, no seio de uma família com muitos teres e haveres mas sem nenhum nome sonante.

## I

**Regresso ao exílio**

A 17 de Maio, um Decreto dos liberais punha fim aos Mosteiros. Mas o seu Mundo começara de novo a vacilar há já alguns bons meses bem medidos: ia fazer precisamente um ano em Agosto. Naquele glorioso dia, a usar as palavras com que os partidários se referiam ao evento, as tropas liberais haviam posto com êxito o pé em terra firme no Pesqueiro da Achadinha e, numa questão de dois dias, haviam tomado conta da Ilha da ponta da Madrugada à ponta da Ferraria. A sociedade encontrava-se dividida entre os que apoiavam ou aceitavam D. Pedro (entre os quais o próprio irmão Teodoro ou o cunhado deste) e os que lhe eram mais ou menos aberta ou veladamente hostis (Manuel Duarte Silva, filho de José Duarte, é citado como suspeito de simpatias miguelistas).<sup>78</sup> Se a suspeita se confirma para 1835, não existem indícios para 1832. Entre eles, contavam-se também os moderados, tais como o irmão ou o marido da prima, José Duarte Pacheco. Este último, sendo Procurador, fora nomeado defensor de António Pinto Taveira e Neiva, um membro da velha elite local, acusado de num bailho ter dito uma quadra ofensiva à Constituição. A defesa de José Duarte conseguiu ilibá-lo em três tempos: provou não ser possível apurar com exactidão as palavras alegadamente proferidas, convenceu o júri de que o réu era não só morigerado como fora sempre amigo de homens liberais.<sup>79</sup> Mas havia-os também radicais, tais como o cunhado do irmão: José Maria. Que inclinações políticas teria a nossa freira? Seria uma liberal? Num gesto que poderá ser visto tanto como de cortesia, como de calculismo ou até mesmo de pura adesão à causa dos novos Senhores da Ilha, ofereceria muito em breve uma composição floral simbólica à legítima rainha constitucional: D. Maria II. O certo é que ela se encontrava no seio de uma família dividida.

Ao cruzar o largo defronte do Mosteiro do Santo Nome de Jesus da Vila da Ribeira Grande numa carroça (ou em outro meio de transporte usado para a mudança), passou pelo Cruzeiro, pelo Passo Quaresmal, pelo granel e desceu a ladeira em direcção à ponte Nova.

Deixem-me imaginar que sim, enquanto se afastava daquela casa, de tão boa ou de tão má memória, qualquer coisa, talvez um som, se calhar um cheiro, ou uma palavra, mesmo até uma simples imagem, terá trazido à sua lembrança, desencadeado na memória, o trajecto em sentido contrário que fizera precisamente trinta e dois anos antes.

## II

**Os três votos ou a morte para o Mundo****O Mosteiro**

Atravessada a pequena ponte, teve de vencer a inclinada ladeira que conduz ao Campo das Freiras: um amplo espaço aberto; um terreiro em forma de quadrilátero, local escolhido para alardes militares na Vila. No meio deste descampado, também chamado de largo, ergueu-se até à primeira metade do século XIX um cruzeiro em pedra. Ao fundo, no lado virado a sul, correndo de nascente para poente, erguia-se o Mosteiro de freiras clarissas do Santo Nome de Jesus.<sup>80</sup>

**Fim do seu mundo:  
Morrer aos poucos**

Pelo menos já a dez de Junho do ano de 1793, sete anos antes da entrada no Mosteiro, os pais estavam publicamente brigados, *de candeias às avessas* um com o outro, morando cada qual no seu canto.<sup>81</sup> Ana andaria então pelos dezanove anos a caminho dos vinte e Margarida fizera já catorze. Por esta altura, o

<sup>78</sup> BPARPD, Crime, Ribeira Grande, R.E., n.º 132, fls. 146.

<sup>79</sup> BPARPD, Crime, Ribeira Grande, R.E., n.º 132, fls. 146.

<sup>80</sup> Baseio-me nas provas arqueológicas e documentais de que dispomos.

<sup>81</sup> BPAPD, Tabelionato, Ribeira Grande, Francisco Xavier Golhim, L 89, Mç. 14, fls. 11 v-12v..





casal tinha ao todo cinco filhos vivos: além de Ana e de Margarida, havia Teodoro, um ano mais novo que Margarida, Joana menos nove do que Margarida, e Mariana metade da idade da irmã Margarida. Os filhos andariam aos baldões, como quase sempre acontece nestas circunstâncias lamentáveis, uns com o pai, outros com a mãe, ou só com um ou com o outro, um a morar na rua de São Francisco, outro a morar na rua ao lado de São Sebastião. Tudo muito perto, a terra era pequena. Tanto assim terá sido que, em 1800, só restavam três dos cinco filhos de 1793. Mariana acabaria a sua curta existência a catorze de Outubro do ano seguinte. Iria fazer oito anos no mês seguinte. Desconhece-se por completo o paradeiro da infeliz Joana. As duas terão sucumbido durante o surto epidémico que grassara por toda a Ilha de São Miguel por volta de Outubro de 1793?<sup>82</sup> Deixadas pouco mais do que ao deus-dará, consequência inevitável das guerras conjugais dos progenitores, e ainda sem idade para cuidarem de si próprias, deixadas aos cuidados de criados pouco escrupulosos, Joana e Mariana terão ido desta para a melhor em dois ais? Supõe-se. Pode-se dar mesmo o caso de as coisas já estarem tremidas nove anos antes, em 1784.

Não sabemos quando exactamente, mas José Francisco seria considerado legalmente demente entre 1800 e 1803. Estando as coisas neste pé, o tio João Caetano Botelho, na primeira ocasião, de um modo discreto mas decisivo, terá acautelado a honra das sobrinhas. Além de pessoa influente era poderoso, bem colocado, conhecendo as pessoas certas, João Caetano teria dado o safanão certo no momento preciso. Aliás, Inês morava com o irmão. Possível evidência desta actuação discreta, será um pormenor do rol de 1800. Neste rol, o responsável fez riscar os nomes das irmãs na rua de São Francisco, mas lançou o nome da mãe em casa dos tios. Pelos vistos, estaria a par do facto de a mãe se ter mudado da casa do marido para a casa dos seus irmãos, mas desconhecia o facto de Ana e Margarida estarem já então no mosteiro? Das duas, uma: ou só terão ido para o mosteiro pouco antes da Quaresma de 1800, ou tendo ido ainda algum tempo antes daquela data, haviam-no feito de um modo que não dera nas vistas. Mas se havia maneiras de se saber tudo o que se passava para além da cerca do mosteiro, os locutórios eram bastante concorridos, como teria sido possível guardar um segredo de tal monta numa comunidade tão pequena; onde todos se conheciam bem, ou presumiam conhecer-se bem, fora e dentro do mosteiro? Ainda por cima, tratava-se de uma conhecida família grada da terra. E perfeitamente destroçada. Era uma situação muito pouco vulgar.

Como terá Margarida vivido a separação dos pais? Ela e os irmãos? Em 1793, ou ainda antes, Margarida tinha feito catorze e o irmão treze. Mas como a situação presumivelmente viesse de trás, pouco ou muito tempo atrás, não sei, já então ambos experimentariam o tormento das discórdias entre os pais. Sentiriam o natural medo de perderem os pais? Mesmo sem culpa, culpar-se-iam pelo facto como o fazem normalmente os filhos? É bem provável. Nervos à flor da pele. Apreensão pelo seu futuro? É possível. E ainda por cima Margarida seria uma jovem bastante sensível. Acompanhou a mãe quando esta saiu da casa do pai para a casa da avó. Terá tirado parte por ela e acusado o pai? Como se costuma ver? Seja lá o que Margarida tenha dito ou feito ou mesmo calado, nunca mais teria sido a mesma de antes: muito provavelmente fugiria a partir de então do casamento como se diz que o Diabo foge da Cruz. O matrimónio com Cristo terá sido uma união totalmente diferente: Cristo era o marido ideal. Não sei se com razão ou não, confesso, fica-se tentado a pensar se o trecho do **Arcano Místico** em que Abraão expulsa a escrava Agar e Ismael, filho de ambos, com Sara a assistir, poderá conter algo como um desabafo autobiográfico de Margarida, tanto mais que Margarida pôs a testemunhar a cena uma personagem que parece ser uma freira.<sup>83</sup> Uma freira oferecendo em uma bandeja um coração, o seu certamente, na cena do Portal de Belém (74-1 (1)), parece-nos menos equívoco: será a autora a oferecer-se, ou a explicar o seu sacrifício, a opção de entrar para o mosteiro, a Jesus? É bem provável. Era hábito os artistas fazerem-se representar na obra, será este o caso. Não será o também Arcano uma imagem do que Margarida foi ou quis ser, mesmo que não o tivesse sido? É também provável.

Com esta completa reviravolta na fortuna das irmãs, abria-se à frente das duas irmãs um capítulo completamente novo nas suas ainda curtas vidas. Viriam de certeza a sentir ambas muitas saudades da mãe, do pai, do irmão Teodoro e da prima Ana; mas sempre lhes restaria o consolo de os poder ver nas grades do Mosteiro. Exaustas, não terão tido sequer tempo para experimentar quaisquer estados de alma, bons ou maus, a não ser os próprios do dia do seu ingresso, muito menos para vacilar no seu sagrado dever de filhas obedientes. Vencidas pelo cansaço, ter-se-ão deixado levar pelo sono. Ao fazê-lo, foi como se houvessem regressado ao amparo acolhedor do útero materno: de onde haviam saído após as luas precisas.

### III À espera do seu dia

Numa terra chamada Ribeira Grande, um remoto recanto insular de Sua Majestade Fidelíssima D. Maria I, aí por uma semana antes das Ladainhas de Maio do ano de 1778, José Francisco terá cumprido mais uma vez uma das suas obrigações de homem como deve ser. Passadas nove luas e qualquer coisa, a consorte de José Francisco cumpriria o seu dever de mulher ao dar à luz a futura Madre Margarida Isabel do Apocalipse.<sup>84</sup> A mulher que emprenhara respondia pelo nome de Inês, talvez em memória da virtuosa instituidora do convento dos frades, de nome Inês Pires. Chamava-se de facto Inês Eufrásia Botelho, mas se quisesse fazer uso de todos os nomes a que tinha direito responderia a quem lhe chamasse de D. Inês Eufrásia da Glória Botelho Arruda Sampaio.<sup>85</sup> Só para mencionar alguns.

<sup>82</sup> BPAPD, Vereação Câmara Municipal de Ponta Delgada, 9 de Outubro de 1793, fl. 93.

<sup>83</sup> Moura, Mário, *O Arcano da Ribeira Grande*, Salamandra, 1999: 86-1(3); Gn. 21, 2-3; Gn. 21, 14-6.

<sup>84</sup> AMRG. - R. D 32 - 1778, *O que pagou a Câmara pelas procissões das Ladainhas de Maio*, fls. 8 e 19. Fazendo as contas ao contrário às nove luas e mais qualquer coisa, com meses de 29 dias e meio, como então se fazia, as contas batem certo. Fazendo as contas às quarenta semanas, como hoje a ciência demonstra, a pontaria acerta também em cheio no alvo.

<sup>85</sup> O seu nome nem sempre surge assim grafado, todavia, trata-se de um uso corrente.



### Já faltaria pouco

Chegara ao fim o ano de 1778, corria já o de 1779, o segundo do reinado da Senhora D. Maria I. Pela Senhora da Estrela, Dona Inês Eufrásia Arruda Botelho estava a três semanas de dar à luz a futura Madre Margarida Isabel do Apocalipse.

### O corte do cordão umbilical

Já pairaria então no ar um cheiro inconfundível a festa; aí por alturas do Natal de 1778, por volta dos sete meses de gravidez, o formato do ventre, enovelado ou bicudo, levaria já D. Inês a pôr-se a adivinhar: viria a caminho menino ou menina?

### Margarida Isabel Narcisa

É ponto assente aceitar-se que Margarida, antes de adoptar em 1800 o nome religioso de Madre Margarida Isabel do Apocalipse, respondia aos nomes de Margarida Isabel Narcisa, D. Margarida Isabel ou simplesmente D. Margarida. Por que razão terá escolhido o sobrenome Apocalipse? Terá tomado esse nome, talvez por três razões, duas das quais me parecem óbvias. A começar era o nome da obra do santo objecto de culto familiar, além de ser o do santo patrono da Província Franciscana das Ilhas dos Açores: São João Evangelista. Porém, uma terceira razão remeterá para algo mais profundo: assim como João Evangelista apontava para o fim próximo do mundo, a separação dos pais apontaria para o fim imediato do seu mundo familiar? É uma hipótese a ter em conta. Quanto ao de Margarida, tê-lo-ia ido buscar a três pessoas muito caras à família: a uma irmã de D. Inês, a uma irmã do pai e a Santa Margarida de Cortona. A sua irmã Francisca, a quem Inês convidaria para madrinha do seu próximo filho, tinha o sobrenome de Margarida.<sup>86</sup> Uma tia paterna, três anos mais velha que Inês, também parece ter usado aquele mesmo sobrenome.<sup>87</sup> Aliás, é bom recordá-lo, Margarida nasceu no dia vinte e três de Fevereiro, assim o diz o seu termo de Baptismo, dia de São Pedro Damiano. Contudo, tivesse ela nascido a vinte e dois e teria sido em dia de Santa Margarida de Cortona. Pode até dar-se o caso de o trabalho de parto ter começado na véspera do dia vinte e três, portanto ainda em dia de Santa Margarida.<sup>88</sup> Ou ter nascido a 22, mas por qualquer erro desconhecido o termo de Baptismo regista vinte e três e não vinte e dois.

Ainda antes de professar, caso o houvesse desejado, Margarida Isabel poderia ter acrescentado com toda a legitimidade apelidos tais como: Sousa, Pacheco, Moniz, Monte, Canto e Raposo, do lado do pai, e, do lado da mãe: Botelho, Arruda, Sampaio, Pimentel, Tavares, Amaral. Todavia, não o terá feito. A escolha, ao contrário da de hoje, em que o uso onomástico dos apelidos herdados do pai e da mãe se encontra fixado por lei, ficava ao critério de cada um. Só para dar um exemplo: os pais de José Francisco Pacheco Moniz de Sousa, às vezes também referido por Raposo, chamavam-se Joana Baptista e Manuel de Sousa Monte, contudo, o irmão de José Francisco, assinava-se por Manuel João do Canto e a irmã por Maria Luísa Castelo Branco.

## IV

### Dar alminha à inocente criança

Os vizinhos da rua já se teriam acostumado a ver há dias os cueiros de Margarida estendidos a secar ao sol no fio da roupa do quintal.<sup>89</sup> Se calhar, cueiros feitos da fazenda de lençóis já gastos pelo uso. De umbigo bem curado, o que normalmente levaria uns bons oito dias bem contados, quinze dias redondos após o nascimento, Margarida foi levada à pia baptismal da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição; a mesma em que pais, irmãos e primos chegados ou menos chegados haviam sido lavados do pecado original.

## V

### A Primeira Confissão

Para Margarida, os anos andariam a passo de boi cansado em dias de acartar milho da terra para casa do dono, Tondela acima, Tondela abaixo; para os pais, os anos correriam com a ligeireza do coelho fugindo à frente de furão teimoso; que nisto de tempo sentido, os miúdos não sentem o mesmo que os grãos. Perto a fazer sete anos, Margarida aproximava-se a passos largos da idade da Confissão. Veja-se o quadro da confissão, na Igreja Militante (84-1 (3)).

## VI

### Aos 12 anos já era uma mulher feita 'Quem cedo aprende, nunca e esquece.' Ditado Popular

De facto, pouco se sabe sobre a educação de Margarida. E é por aí que devo começar. O cunhado do irmão Teodoro José, seu autor, chamou **Tributo de Gratidão** a um elogio publicado escassos meses sobre o falecimento de Margarida. Aí, entre outros dados, José Maria, era este o seu nome, defendia a ideia de que Margarida fora '(...) *educada não diremos com esmero, porque nessa época não era possível em São Miguel, e*

<sup>86</sup> BPARPD, Paroquiais - L 8 Baptismo de Nossa Senhora da Conceição, Ribeira Grande - 1770 - 1782, 31 Outubro de 1780, f. 190.

<sup>87</sup> BPARPD, Baptismos, Conceição, lv.5, 1738-1745, 23 de Abril de 1746, fl. 179.v..

<sup>88</sup> Daix, George, Dicionário dos Santos do calendário romano e dos beatos portugueses, Terramar, Lisboa, 2000, p. 126.

<sup>89</sup> Exposição: Olhares sobre o Jesus Menino, Palácio de Belém, 2007.



*ainda hoje* [16 de Dezembro de 1858, data do artigo], *desgraçadamente, o não é nesta Vila, não obstante achar-se melhorada a este respeito (...)*. Sem dados que o confirmem ou neguem, até novas provas, seguiremos com prudência o que José Maria deixou escrito, mas tentaremos esclarecê-lo à luz do que Margarida deixou no próprio Arcano acerca da educação de jovens mulheres.

José Maria não revela a idade exacta em que isso terá ocorrido, mas aos 12, 13 anos, é muito provável que Margarida já lesse e escrevesse a sua língua materna. E, quanto a instrução, seria apenas isso que ela teria aprendido: *'(...) quanto porém ao que chamamos instrução apenas a ler e escrever, a língua portuguesa, como então se ensinava (...)*. A ideia com que se fica das palavras de José Maria é a de que ela o tenha feito como os da sua qualidade o faziam: *'(...) mas sim com os cuidados, recato próprios das famílias da sua qualidade (...)*. Mas onde? Em casa ou no Mosteiro? Apesar de sobre o assunto nada sabermos, é bom dizer-se que o recato não teria corrido qualquer perigo se parte ou a totalidade da aprendizagem tivesse sido feita no mosteiro, como era costume então fazer-se.

Ao relermos o passo do citado artigo que refere a educação de Margarida, somos de imediato levados às cenas que representam a educação quotidiana da jovem Maria, futura mãe de Jesus de Nazaré. Algo que mais tarde Margarida iria dar vida no seu **Arcano Místico**.<sup>90</sup>

Repare-se, com olhos de ver bem as coisas, no quadro do Arcano Místico dedicado à representação da educação da jovem Maria (87 b) – 1 (4)). Que vemos lá? Uma turma de jovens raparigas, a idade não vem expressa, mas pela aparência é plausível imaginar-se que a sua autora quisesse fazer representar jovens à volta dos doze anos. Nas cenas aí descritas por Margarida, as jovens desenvolvem diferentes actividades perante o olhar tutelar de uma matrona munida de palmatória, ou menina dos cinco olhos: a disciplina vinha do alto. E o que faz toda aquela legião de jovens raparigas? Umam estão absortas na leitura, outras dedicam-se à escrita, ou à composição musical, ou aprendem a tocar instrumentos musicais, ainda outras tecem ou bordam, ou passam roupa, ou cosem roupa, outras ainda exercitam os seus dotes musicais. Uma varre o recinto. Nenhuma parece estar a aprender algo relacionado com a cozinha. Vamos tentar sistematizar o que vimos (revimo-lo ainda em 5 de Março de 2008). Poder-se-á, primeiro, agrupar um número de actividades sob a designação de aprendizagem de linguagens: linguagem falada e escrita da língua materna (como no-lo diz José Maria) ou também de língua estrangeira (como parece sugerir Thomas Ashe que por aqui andou cerca de 1810), linguagem musical e corporal (vocal e instrumental: de cordas – viola e violino -, de sopro – duas flautas e uma trompa -, e dança).<sup>91</sup> Alguma relação entre o quadro da educação da jovem Maria, nos aspectos musicais, surge na descrição que Thomas Ashe faz de um serão musical que assistiu em 1810's na igreja do mosteiro de Jesus, por esta altura Madre Margarida estaria entre as cantoras e músicas, quando escreve: *'The performers consisted exclusively of nuns. They were thirty in number, and besides the instruments common to their sex, they played on violins, French horns, and flutes. The instrumental was judicial supported by vocal music (...)*.<sup>92</sup> Que querará isto dizer: haverá alguma relação entre a realidade representada no quadro do Arcano e a descrição de Thomas Ash? Ou melhor: o que se descreve no quadro e é comprovado em Thomas Ash terá sido o que Madre Margarida devia aprender e que efectivamente aprendeu? Não sabemos.

Para além destas aptidões, surgem outras que têm os tecidos como matéria-prima: fazer o tecido (fiar) e transformar o tecido (bordar e coser). Passar o tecido (para mantê-lo utilizável ou para qualquer fase da sua transformação) ou lavá-lo (para quê), também fazem parte deste grupo. E, como que fora do baralho: alguém varre o recinto e ninguém aprende culinária. Seriam estas as actividades que uma rapariga da elite, Margarida, deveria saber? Destas, quais as que Margarida dominava?

Sabemos que sabia ler e escrever mas não sabemos se sabia ler música, escrever música ou executar algum instrumento musical. Ou se sequer tinha boa ou razoável voz. Dominava alguma língua estrangeira?

Sabemos que fazia flores artificiais, e bem, e que sabia bordar, talvez mesmo fiar e tecer, ou que saberia orientar quem soubesse (veja-se testamento, rol e codicilo). O Arcano, apesar da ênfase dada na Paixão e Morte de Jesus, é também uma obra de música (muitos instrumentos musicais) de muito movimento (dança) e de muita vida (nascimento central de Jesus, da mãe de Jesus e do primo de Jesus). E de cores vivas, à primeira vista, como numa vista de olhos mais demorada, é uma obra alegre, uma apologia da vida.

## VII Fio condutor

**'Existe um milagre em cada novo começo.'**  
**Herman Hesse**

Toda a sua vida a partir daquela altura, dos vinte anos até fechar finalmente os olhos quase aos oitenta, ficaria marcada por este facto: **seria freira toda a vida até mesmo depois de o mosteiro ter sido fechado pelo liberalismo triunfante**. É certo que em 1832, à data em que os mosteiros foram encerrados, terá tido à sua escolha várias opções possíveis de vida, o que não significa sequer que as tivesse ponderado; nem interessará muito para o caso: poderia ter simplesmente despedido o hábito, não seria nem a primeira nem a última a fazê-lo; poderia também ter continuado a ser freira num dos dois mosteiros de Ponta Delgada deixados abertos (Esperança e Santo André); poderia até continuar a ser freira vivendo em casa de familiares (na do irmão ou na da tia sobrevivente ou ainda na da prima querida); poderia sê-lo com as outras freiras egressas que moravam espalhadas por casas da terra; ou então poderia continuar a sê-lo, mas sua própria casa.

<sup>90</sup>Moura, Mário, O Arcano da Ribeira Grande, Edições Salamandra, 1999, Levantamento do Arcano Místico de Madre Margarida Isabel do Apocalipse, I, p. 240: 87 a)-1(4); 87 b)-1(4); 87 c)-1(4); 87 d)-1(4). Significa: quadro número 87, que se encontra no piso 1 e na quarta face do móvel.

<sup>91</sup>A identificação dos instrumentos foi feita no dia 5 de Março de 2008 pelo Sr. General José Alfredo Ferreira de Almeida.

<sup>92</sup>Ash, Thomas, History of the Azores or the Western Islands, London, Sherwood Neely, Paternoster Row, 1813, pp. 188-195.



Aos cinquenta e três anos de idade, talvez pela primeira vez em toda a sua vida, não seria nem o pai nem a mãe nem o irmão ou o tio, quem decidiria por ela, seria ela a decidir por si própria: escolheu voltar costas aos mosteiros mantidos abertos na Ilha; para ela, estes ficariam longe do seu cantinho sossegado, da sua terra natal; não quis também viver com familiares, irmão, tia ou prima, para inquietação já lhe teriam chegado e sobrado os trinta e dois anos no Mosteiro de convívio diário com outras trinta e tantas, mais servas, pupilas e noviças. Ainda terá esperado que o novo governo voltasse atrás na sua decisão e reabrisse os mosteiros? Não sabemos. Seja como for, não abandonou o hábito, alugou casa na rua da tia, pouco depois, quando já não parecia restar dúvidas a ninguém quanto ao destino final reservado ao Mosteiro, foi arrematado em finais de 1833, e pelo cunhado do irmão, comprou casas e preparou-se para viver o tempo de vida que Deus lhe desse ainda para viver. Ainda que sem provas, ancorado só em intuição, ou faro, não me parece que tivesse do fundo querido voltar ao Mosteiro. Ter-se-á sentido até, porventura, quem sabe?, um tanto aliviada por não ter de regressar ao seu antigo Mosteiro. Mas, em caso algum abdicaria dos votos que proferira em 1800: só não continuaria a viver em comunidade; o que, mesmo que quisesse, seria impossível a partir de 1833: **continuou portanto a ser freira**. A sua maneira de ser, alguém com carisma, e a sua obra, o **Arcano Místico**, não tardariam a fazer dela, ainda em vida, bandeira de identidade da Vila.

Há coisas que recordámos quando as quereríamos ver esquecidas e outras que esquecemos quando as deveríamos recordar. Madre Margarida desejaria decerto esquecer por completo as feias brigas entre os pais e porventura gostaria de recordar os momentos de felicidade que passara junto aos irmãos e primos; mas o tempo mandava altivo na sua cabeça: varreria da memória o que preferia ter presente e avivara o que desejava manter bem longe da memória. E eu, biógrafo, mais não faço do que tentar perceber uns e outros, sem sequer ter a companhia de Margarida, dos irmãos de Margarida, dos primos de Margarida, mas só o que o tempo e os homens se esqueceram de esquecer.

O cortejo fúnebre terá percorrido a passo lento e pesado o caminho da Pólvora – hoje rua do Rosário -, rumo à cova aberta no cemitério de Nossa Senhora da Estrela. Fora do mosteiro, de primeiro, morara numa casa da rua das Pedras, pouco depois, mudara-se para a rua ao lado, a de João da Horta, agora ia a caminho da sua última morada: o cemitério. Cemitério construído mesmo junto ao sopé do pico das Freiras. Era já Primavera. Que tempo faria? Não sei e duvido de que haja quem saiba. Baixou o caixão à cova, hoje anónima, mas se calhar por perto da do irmão Teodoro.<sup>93</sup> Contudo, como boa Católica que fora em vida, Madre Margarida acreditava que iniciaria o seu nascimento no próprio dia em que dissesse adeus a este Mundo e fosse ter com o Seu Criador e Senhor no Outro. Não nascera quando a mãe a tivera, nasceria no dia em que Deus a recebesse: no dia do Juízo Final. Se Ele a recebesse. Aliás, para quem como ela acreditava na Vida Eterna, seria esse o seu verdadeiro dia de nascimento. A morte, para ela, não era o fim, mas o verdadeiro princípio.

Ribeira Grande, 31 de Março de 2008

### 30) NELSON AUGUSTO PEREIRA DOS REIS

**NELSON Augusto Pereira dos REIS, - Docente do Quadro de Nomeação Definitiva da Escola Secundária da Ribeira Grande, na Disciplina de Educação Física. Para além das funções docentes, tem desempenhado diversos cargos pedagógicos, tais como: Delegado de Disciplina, Director de Instalações Desportivas, Coordenador de Departamento e Membro da Assembleia de Escola.**

- Licenciado em Educação Física e Desporto pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (1996), com a Monografia: "Caracterização da Oferta dos Centros de Condição Física no Arquipélago dos Açores".

- Mestre em Ciências do Desporto, na área de especialização em Gestão Desportiva, pela FADEUP (2001) com a Dissertação: "Região Autónoma dos Açores - Caracterização da Situação Desportiva no Período da Autonomia - 1976/2000".

- Actualmente, encontra-se a finalizar a Tese de Dissertação de Doutoramento em Ciências do Desporto na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, tendo como tema "Contributo para uma Política de Desenvolvimento do Desporto, da Educação Física e do Desporto Escolar a partir do Património Lúdico Açoreano".

- Tem participado em diversos congressos/seminários regionais, nacionais e internacionais, centrando a sua investigação nas áreas da Educação e do Desporto.

#### PATRIMÓNIO CULTURAL - AVÓS - O SEU PAPEL NA TRANSMISSÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL

**Nelson Reis Faculdade de Desporto, Univ. do Porto Esc. Sec. Ribeira Grande - Açores**

Desde os tempos mais remotos, nas mais variadas culturas, os avós sempre tiveram uma grande influência na formação da personalidade de seus netos. É verdade que os avós não são os pais, mas, mesmo assim, em nossa opinião, a sua presença é de suma importância na educação dos nossos filhos. Actualmente, com a constante profissionalização da mulher, a mãe é muitas vezes substituída pelas amas, creches, jardins-de-infância e, em muitos casos, as crianças são criadas pelos avós. Neste contexto, os avós acabam por assumir uma grande parte da responsabilidade da educação de seus netos. Porém, não devemos esquecer que a responsabilidade pela educação é dos pais, os quais devem e podem contar com muitos parceiros, tais como educadores, professores e outros membros da família. A relação entre os netos e os avós possui uma componente lúdica rica na sua capacidade de educar. Ocorre por meio da vivência, transmitida pelos gestos descontraídos e acolhedores do tempo para estar junto. Esse convívio oferece momentos de trocas afectivas

<sup>93</sup>Dias, Laurentino, 1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil, Livros d'Hoje, Publicações Dom Quixote, 2008, p. 72: só em 1772 surgiu em Portugal o primeiro cemitério fora das igrejas. Ponta Delgada teve um ainda em finais do século XVIII e a Ribeira Grande só em 1835.





que, em raras outras relações, se consegue com tanta sabedoria. Os avós não são figuras que já cumpriram o seu papel, muito pelo contrário, eles devem ter a oportunidade de vivenciar com os seus netos momentos mágicos. Deste modo, os momentos vividos juntos são fulcrais na vida de ambos, numa constante troca de experiências que, por um lado, renova os avós, e, por outro lado, amadurece os netos, sem pressões de tempo ou obrigações de sucesso. Hoje, sabemos que a figura dos avós para a criança possui várias representações, como do velho sábio, do herói, da protecção, entre outros. Por terem passado no papel de educadores, enquanto pais, têm o privilégio de poder avaliar, criticamente, as experiências anteriores, corrigindo ou compensando as falhas já ocorridas no passado. Também, pela própria idade e maturidade, os avós têm, naturalmente, condições para um relacionamento positivo. São eles que mais facilmente podem transmitir a história da família, identificar as suas raízes, bem como o Património Cultural.

## 31) PATRÍCIA SÉRGIO

**Patrícia Cristina Cuco Sérgio** [patccserg@gmail.com](mailto:patccserg@gmail.com)

Departamento da Didáctica e Tecnologia Educativa *Universidade de Aveiro Portugal*

Curso de Licenciatura em Ensino Básico - 1º Ciclo do Ensino Básico, Universidade de Aveiro, Mestrado em Educação em Línguas no 1º Ciclo do Ensino Básico, na Universidade de Aveiro

**1999/2000** – Projecto de Investigação “Quando a Língua Portuguesa não é Mãe”, orientado pela Professora Doutora Maria Helena Ançã. Processo de estudo e investigação para a compreensão e o reconhecimento da Língua Portuguesa enquanto Língua Não Materna (PLNM). Reflexão sobre a formação de professores no que concerne ao ensino aprendizagem de PLNM, Elaboração das entrevistas e respectivas grelhas de análise; Análise e interpretação dos dados recolhidos aquando do estudo empírico, que permitiram não só fornecer pistas para a caracterização do processo em estudo, como também conhecer, os quadros conceptuais das professoras entrevistadas (como integram a aprendizagem do PLNM no contexto de sala de aula; que estratégias utilizam para gerir a diversidade linguística e cultural; quais as maiores dificuldades sentidas no exercício da sua prática pedagógica) enquanto elementos constituintes desse processo.

**2000/2008** – Professora: Lajes do Pico, Açores; Penela; Gafanha da Boa Hora, Rio Tinto, Agrupamento Horizontal de Vagos; S. Pedro de Alva; Oliveira do Bairro; Mira. Solum, Cercal de Baixo

### **Trabalhos Publicados**

Sérgio, Patrícia (2007). “*Língua Portuguesa e Integração: um estudo com aprendentes não nativos no 1º CEB*”. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro.

Sérgio, Patrícia & Ançã, Maria Helena (2008). “Língua Portuguesa em Mundos possíveis: um estudo com crianças da Europa de Leste”. *Actas do Congresso “Infâncias Possíveis, Mundos Reais*”. Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança, Braga (editado em CD-ROOM).

### IMIGRAÇÃO E LUSOFONIA: UM ESTUDO COM CRIANÇAS DA EUROPA DE LESTE

**Patrícia Cristina Cuco Sérgio**, Deptº Didáctica e Tecnologia Educativa *Universidade de Aveiro Portugal* [patccserg@gmail.com](mailto:patccserg@gmail.com)

O presente estudo é o resultado de um projecto de Mestrado em Educação em Línguas, cujo objectivo foi verificar as representações de um grupo de sete CNNs face à aprendizagem da Língua Portuguesa (LP) e à sua integração em contexto escolar.

Estas representações foram analisadas a partir de documentos escritos, elaborados no âmbito de um Portfolio, o qual foi desenvolvido com aprendentes de uma escola do 1.º CEB do 4.º ano de escolaridade, no ano lectivo 2005/06, na zona Centro.

Para o tratamento da informação, privilegiámos uma metodologia qualitativa, recorrendo à análise de conteúdo para interpretar os dados, que organizámos em três grandes eixos: Biografia Linguística; Aprendizagem da LP e Integração das CNNs.

A informação auferida evidenciou que o público-alvo da nossa investigação são crianças que, apesar de revelarem algumas dificuldades na aprendizagem da LP, se encontram, de uma forma geral, perfeitamente integradas e felizes no contexto escolar.

Sintetizando, consideramos que o Professor, como agente primordial da acção educativa, deve assumir um papel impreterível, na promoção de inclusão e integração das CNNs na escola, bem como, no sucesso educativo, designadamente, em LP. Por conseguinte, a sua acção passa por um conhecimento real e efectivo sobre quem são estas crianças, quais as suas maiores dificuldades na aprendizagem da LP, o que sentem e como vêem este “novo mundo” que as acolhe, tendo em conta que, só deste modo, poderá, verdadeiramente, apoiar as CNNs a concretizar uma plena integração.

### **Introdução**

Portugal, enquanto realidade étnico-cultural, tem sofrido, ao longo dos tempos, podendo-se mesmo dizer desde os primórdios da nacionalidade, alterações importantes. Não obstante esta realidade, é nos finais do séc. XX, que assistimos à mais profunda manifestação de transição de um país essencialmente de emigração para um de acolhimento de imigração, começando a surgir entre nós algumas comunidades de imigrantes numericamente significativas, por outras palavras, um território de população diversificada na cultura, na língua, nas convicções, nos valores e na religião.

Perante a problemática da pluralidade linguística e cultural dos alunos, representada já nas escolas, o Ministério da Educação (ME) reconheceu o Português como Língua Não Materna e a importância e pertinência do seu ensino, para uma integração correcta das CNNs, desenvolvendo condições para a aprendizagem da LP, mantendo o respeito e tendo em consideração as diferentes línguas maternas (LMs). Neste século, era da interculturalidade, os Professores têm, assim, diante de si o colossal desafio de combater e/ou evitar





preconceitos e intolerância perante a diferença, tal como de fomentar a compreensão e a convivência pacífica entre a diversidade, que cada dia intensifica a sua interacção. Este desafio passará, obviamente, não só pela capacidade de responder à heterogeneidade, como ainda por uma prática de abordagem intercultural do ensino da LP.

Neste âmbito, pretende-se compreender e colocar em evidência o que sentem e o que dizem sete crianças de Leste (Ucrânia, Roménia/Ucrânia) sobre a LP, no que diz respeito à relação afectiva que estabelecem com ela, à utilidade que nela dizem encontrar e, ainda, à facilidade/dificuldade face à sua aprendizagem.

Logo, uma vez que a integração (que se revela como a afirmação máxima do valor e da importância que a diversidade pode ter numa sociedade, onde cada um pode celebrar a sua diferença, que deve ser considerada como uma riqueza, um bem comum) e percurso escolar, dos alunos oriundos de outros países, designadamente em Português, a língua de ensino e acolhimento, nos trazem algumas dificuldades, revela-se de grande pertinência a realização de estudos que possibilitem, de algum modo, contribuir para que os docentes conheçam e compreendam melhor os seus alunos, e consequentemente, promovam a inclusão e plena integração dos mesmos no plano escolar e social.

### 1 - Presença de CNNs nas escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico

Tem-se vindo a assistir nas últimas décadas, em Portugal, como já foi anteriormente mencionado, a uma evolução das sociedades que cada vez mais se caracterizam pela sua complexidade e heterogeneidade. Crianças das mais diferentes origens sociais, culturais e linguísticas (cerca de 120 nacionalidades, sendo 80 o número total de línguas faladas) têm vindo a enriquecer as escolas portuguesas, designadamente, as do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) que se tornaram, assim, lugares privilegiados da crescente diversidade sociocultural ([www.dgidc.minedu.pt/plnmater/na/RelatórioFinal.pdf](http://www.dgidc.minedu.pt/plnmater/na/RelatórioFinal.pdf)).

Os números apresentados revelam a mudança que ocorreu na sociedade portuguesa e apontam para a designação, atribuída por Bastos & Bastos (1999) de um “Portugal Multicultural”. Contudo, este “colorido”, ao contrário do que deveria acontecer, tem suscitado alguns “problemas” do intercâmbio linguístico e cultural, nomeadamente, no que diz respeito à reinserção na sociedade portuguesa, das comunidades imigrantes, pelo que os seus descendentes, na escola, são que enfrentam os maiores problemas no momento da sua instalação entre nós (Matos in [www.ipv.pt/millennium/ect8-iam.htm](http://www.ipv.pt/millennium/ect8-iam.htm)). O seu grande obstáculo reside no desconhecimento da LP, na qual vão desenvolver todas as suas aprendizagens nas diferentes disciplinas, como sendo a sua LM.

No sentido de dar resposta às novas realidades escolares e avançar com medidas que permitam uma perfeita integração das CNNs no sistema educativo nacional, como já fora supracitado, têm sido levados a cabo, pelo ME, diversos documentos, entre os quais se destacam o art. 8.º do DL nº6/2001, de 18 de Janeiro e o Despacho Normativo nº 7/2006, do qual emerge o documento *Português Língua Não Materna no Currículo Nacional*, que decreta as linhas orientadoras (com carácter de obrigatoriedade) de intervenção ([http://www.dgidc.min-edu.pt/plnmater/na/DN7/PLNMDoc\\_orientador.pdf](http://www.dgidc.min-edu.pt/plnmater/na/DN7/PLNMDoc_orientador.pdf)). Tendo a escola o dever de cumprir um papel extraordinário na boa integração destas crianças, reduzindo o risco da sua exclusão social, torna-se impreterível que o acto de “acolher e incluir” parta muito mais dela do que do isolado esforço das crianças que procuram “integrar-se” (Gouveia & Solla, 2002: 64).

No ano de 2001, o Conselho da Europa e a União Europeia para quem a educação para a cidadania democrática se tornou uma prioridade, organizaram o Ano Europeu das Línguas, que teve como objectivo primordial celebrar a pluralidade linguística da Europa e motivar os cidadãos europeus para uma aprendizagem de línguas mais diversificada (Faria, 2001). Ainda nesse mesmo ano, foi lançado o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR) com o intuito de tornar possível uma coordenação de esforços a nível internacional e uma maior congruência nos seus modelos de educação linguística na Europa. Baseado neste, foi lançado também o Portfólio Europeu das Línguas (PEL), que para além de ser um documento do reconhecimento de diplomas e qualificações através da definição de níveis de proficiência, é, similarmente, um documento de defesa da diversidade linguística; de promoção do plurilinguismo; facilitador da aprendizagem autónoma de línguas estrangeiras, na medida em que tem como propósito auxiliar qualquer cidadão a auto-avaliar constantemente as aprendizagens e experiências que vai desenvolvendo no domínio das línguas (Fisher, 2001).

Como forma de valorizar a diversidade linguística e integrá-la nas práticas educativas, desponta a Educação Intercultural que é, no fundo, aquilo para que aponta a Recomendação da Conferência Internacional da Educação realizada, em Genebra, em Setembro de 1992, onde os Ministros da Educação aceitaram como definição da interculturalidade “o conhecimento e a apreciação de diferentes culturas e o estabelecimento de relações de trocas positivas e de enriquecimento mútuo entre os elementos das diversas culturas, tanto no interior de um país como do mundo” (Conselho da Europa, 1994: 8). Neste âmbito, as interacções culturais não se patenteiam como uma situação de dádiva, por parte de uns, e recepção, por parte de outros, mas sim de um diálogo intra e intercultural onde cada uma se valoriza através de práticas que permitem um melhor conhecimento de si e o reconhecimento dos outros.

Visto que o tecido social e educativo da ‘aldeia global’ é definitivamente composto por uma estrutura heterogénea, a Educação Intercultural tem sido considerada por diversos autores, como a via preferencial para desenvolver a identidade étnica e nacional, permitindo às crianças e jovens adquirirem uma perspectiva de melhores cidadãos na comunidade mundial, na medida em que pressupõe que “(...) num mesmo espaço físico ou conceptual coexistem pessoas diferentes, portadoras de diferentes culturas (em termos de memória, referências, valores, gostos e inclinações; projectos, expectativas, anseios; vivências, práticas, atitudes) mas que mutuamente reconhecem o seu direito a viver em comum” (Rocha-Trindade, 1988: 12). A Educação Intercultural surge, neste contexto, como uma proposta educativa que tem em conta a cidadania (igualdade de direitos e oportunidades), o direito à diferença (que significa o respeito pela identidade e os direitos de todos os povos, grupos étnicos e expressões socioculturais) e o princípio da unidade dentro da diversidade que se refere a uma identidade nacional voluntária e construída por todos (Ferreira, 2003).



De acordo com Clanet (1990), a Educação Intercultural introduz a dimensão de reciprocidade na complexidade das relações entre culturas. "*Idées dont se trouve inducteur le préfixe «inter»...inter/entre qui tantôt traduit la liaison, la réciprocité (interpénétration, inter-action, inter-disciplinarité...) et tantôt la séparation, la disjonction (inter-diction, inter-rogation, inter-position...). Cette ambivalence jonction/disjonction, le préfixe «inter» l'induit pour interculturel. Ce sont d'interpénétrations, d'interférences, d'interactions... que sont faits les contacts entre cultures; mais aussi d'interrogations, d'interruptions, d'interprétations...*" (in Allemand-Ghionda, Goumoëns & Perregaux, 1999: 12). Na mesma linha de pensamento Afonso (2002: 1) refere que a interculturalidade subentende "um conhecimento fundamentado da própria cultura e da cultura estrangeira, bem como a capacidade de análise de estruturas e funções sociais e as suas diferenças em diferentes culturas". Isto implica que cada indivíduo tome consciência do seu próprio sistema de valores, de convicções e de como eles são relativos perante as mais diferentes culturas, para não ter "b pensamento erróneo de as avaliar, mas tão-somente de as conhecer e aceitar nas suas diferenças e semelhanças a fim de atingir o objectivo da comunicação intercultural" (*ibidem*).

É à escola "l'institution privilégiée pour enseigner à ces nouveaux venus la bonne manière d'être citoyen" (Abdallah Pretceille, 1992) e particularmente aos Professores que compete, como declara o ME, educar para a cidadania, de modo a contribuir para a formação de uma consciência cívica capaz de lutar contra a exclusão social, a discriminação e violência. Em forma de complementar o que foi relatado, "il incombe en effet à la culture d'accueil et en particulier à l'école qui la représente de montrer aux jeunes imprégnés d'une autre culture tout le respect dû à celle-ci comme à tout autre, en suscitant en premier lieu une grande curiosité pour les plus intéressantes de ses particularités" (*ibidem* e ver também Allemand-Ghionda, Goumoëns & Perregaux, 1999). Uma 'escola para todos', e em que 'todos são diferentes', exige de cada Professor a capacidade e a flexibilidade para inovar na linha de um paradigma que proporcione o êxito e a mudança, sem despersonalizar e aculturar. Sintetizando, desenvolver atitudes que favoreçam as relações interculturais: a abertura e interesse por diferentes culturas, outras línguas, outras pessoas, ou seja, novas experiências, torna-se condição *sine qua non* para uma didáctica em meios educativos plurilingues.

## 2. Lusofonia e Integração

Apresentando-se a língua como um dos veículos privilegiados de transmissão, cultura e, ao mesmo tempo, de afirmação da identidade, o seu uso inadequado pode constituir um dos principais factores de discriminação social e cognitiva, pelo que, qualquer escola que se construa numa perspectiva intercultural tem de a visar com prioridade de intervenção. Portanto, a identificação das características linguísticas dos alunos e o desenvolvimento de uma acção que propicie a consciencialização do funcionamento da língua são direcções fundamentais que a prática pedagógica deve implementar.

Entre a enorme diversidade de abordagens que os temas relacionados com a integração têm por toda a Europa e pelo mundo, há uma unanimidade sobre a necessidade do domínio da língua do país de acolhimento para a criação de condições de inclusão das pessoas oriundas de outros países na sociedade. As competências linguísticas afiguram-se como sendo basilares no plano escolar, profissional, na formação de redes de conhecimento e como instrumento social e cultural. Ou seja, o aspecto linguístico desempenha, assim, um papel determinante no progresso e sucesso escolar das CNNs (Feytor Pinto 1998).

O aumento progressivo de CNNs pertencentes a contextos linguísticos diversos projecta a escola numa dimensão multilingue, composta pelas línguas de origem dos alunos, a LM; a língua do país de acolhimento, a língua segunda (L2) e outras eventuais línguas. Perante esta realidade, em que a situação escolar e a aula de Português tomam diferentes contornos, a (re)definição de LM, como afirma Ançã (1999) começa a fazer sentido visto que as perspectivas sejam de âmbito social, nacional, regional ou étnico se vão ampliando e os nossos alunos vão tendo proveniências distintas. Como questiona Kochmann: "Y a-t-il une langue maternelle dans la classe ?" (in Ançã, 2003).

Para a definição da lexia da LM, Ançã (1999) expõe três critérios propostos por W. MacKey: "**primazia**", a primeira língua apreendida e compreendida; "**domínio**" a língua que se domina melhor, e, "**associação**" pertença a um determinado grupo étnico. Bastaria verificar-se um destes semas para se assegurar a definição de LM. Contudo, qualquer um deles é facilmente discutível. Segundo Dabène (1994: 9-27), há uma "**verdadeira constelação de noções**" por detrás do termo LM: **falar** – que corresponde ao conjunto das potencialidades individuais dum sujeito e às práticas daí decorrentes; **língua reivindicada** – o conjunto de atitudes e de representações dum sujeito ou grupo, face à língua como elemento de identidade, e, **língua descrita** – conjunto de instrumentos heurísticos de que dispõe o aprendente. Em situações monolingues, os três níveis estariam tão próximos que se poderiam confundir.

Como existem várias noções que estão por detrás do termo LM, torna-se difícil chegar a uma noção de LM unívoca, pois a sua situação varia com as épocas e as áreas geográficas. O que parece ser essencial na definição da LM é o facto de ser « celle dans laquelle s'est organisée la fonction langagière elle-même, en tant que fonction symbolique primordiale, et celle qui a accompagné la construction de la personnalité » (*ibidem* : 15).

Na integração das CNNs, há aprendizagens linguísticas que vão ser elementares e que se enquadram em dinâmicas mais latas, como sejam as interações sociais, para as quais é essencial ter em conta o reportório linguístico e comunicativo do aluno. Relatando Dabène (1992, 1994, in Ançã, 2005), em qualquer situação escolar e em contexto de migração, as línguas desempenham distintas funções:

– **a função de acolhimento**, em contexto educativo, o primeiro grande constrangimento tem a ver com o afastamento da LM do aluno da língua da instituição, pelo que é necessário que a linguagem verbal, num primeiro momento, se aproxime o mais possível da língua do aprendente e da família, para assim partir, posteriormente, para a língua de acolhimento e língua da escola. A realização desta missão far-se-á, então, com recurso às duas línguas;



– **a função de legitimação**, certifica a construção da identidade individual, social e escolar do aluno, pela dignificação da sua língua de origem. É importante que a criança possua uma auto-imagem positiva e um 'bem-estar' na sua LM, pois vai repercutir-se benéficamente na língua segunda a aprender;

– **a função de estruturação**, confiada à língua da escola, desempenha um duplo estatuto – veículo de comunicação e objecto de estudo. Esta função pode realizar-se através das duas línguas em presença, para daí confrontar semelhanças e diferenças, desde que estejam adquiridas certas competências cognitivas. Estas competências vão mobilizar determinados níveis de consciência sobre a(s) língua(s): *langagière*, linguística e normativa, instituindo estes três níveis a consciência metalinguística (Dabène, 1994: 98-103). Esta perspectiva não está longe da corrente *Language Awareness*, desenvolvida, nos anos 80, no Reino Unido, por Hawkins, James & Garrett (in Ançã, 2003).

A língua, enquanto expressão de identidade de um povo, constitui-se um 'armazém' da linguagem humana, da capacidade de organizar e pensar o mundo. Apesar das diferentes funções e estatutos (de carácter subjectivo: língua materna, língua não materna, língua segunda, língua estrangeira, língua fonte, língua alvo, língua de referência, língua de pertença, e de carácter objectivo: língua nacional, oficial, standard, regional (Stern, 1984)) que as línguas podem desempenhar nas sociedades é imprescindível que se valorize essa diversidade linguística no sentido de aumentar atitudes de tolerância intercultural, favorecer posturas de respeito e de abertura ao diferente e promover em cada um dos aprendentes um espírito de cidadania global.

### 3. Metodologia

Para analisar e compreender o que sentem e exprimem as CNNs, foi adoptada uma metodologia de cariz qualitativo, utilizando o inquérito por questionário, observações, recolha de produções escritas e ilustrativas, através das quais se procedeu à construção de Portfolios individuais (adaptação pessoal do PEL). Destes Portfolios, foi recolhida informação alusiva à biografia linguística das CNNs e ao modo como decorreu a aprendizagem da LP. Assim, almejava-se investigar as dificuldades mais significativas ou facilitadoras das crianças, tal como as representações e relações que estabelecem com a LP. Do mesmo modo desejou-se recolher dados relativos à integração das CNNs em contexto escolar e social.

Como do Portfolio faz parte integrante um dossier onde deverão ser arquivadas as produções dos aprendentes, entre outros documentos, decidiu-se inserir nas técnicas de recolha de dados uma produção escrita e uma ilustração. A Produção escrita consistiu numa carta destinada a um grande amigo, tendo como objectivo a recolha de informações pessoais sobre as representações das CNNs acerca da LP, do país, dos costumes, das pessoas, das dificuldades da língua e dos seus sentimentos aquando da sua chegada a Portugal. Pretendeu-se, analogamente, analisar as cartas, no que se refere à estrutura textual e conteúdo informativo, onde se verificou se as CNNs respeitavam ou não a estrutura básica de uma carta distinguindo de forma clara os diferentes momentos que lhe correspondem. Analisou-se, também, o domínio, nas respectivas produções, da coesão textual, da morfossintaxe, da ortografia, da pontuação, entre outros aspectos de grande importância no processo da escrita. Além disso, outro aspecto que se teve em conta nesta produção, prendeu-se com a necessidade de comparar as informações que as CNNs foram fornecendo ao longo do questionário com aquelas que apresentaram nas suas produções.

A ilustração pessoal serviu como complemento da carta, na medida em que para a criança, o desenho pode aproximar-se de um diálogo, de uma confidência, através do qual é possível aceder aos seus sentimentos, às suas reacções perante determinadas situações. Por outras palavras, a expressividade gráfica é um meio privilegiado de representação que pode prolongar e auxiliar a linguagem verbal. Como é mencionado por Debienne (1977: 139), "*a arte é o único meio de libertar a parte real e incomunicável de nós mesmos, de exprimir o inefável que é o nosso eu individual*".

### 4. Caracterização das CNNs: público-alvo do estudo

As crianças seleccionadas para o presente estudo são provenientes: da Ucrânia, (a Nadia; a Vita; a Karolina; a Lina; o Anton e o Danilo) e 1 da Roménia, (a Michaela), perfazendo um total de 7 alunos, com idades compreendidas entre os 9 e 11 anos, que frequentavam o 1.º CEB numa escola da zona Centro.

Aquando da recolha dos dados, a Nádia vivia com os pais, irmão e tios em Pombal, tendo ingressado na escola do 1º CEB em Janeiro de 2006. Até à data da sua chegada a Portugal em 2005 viveu sempre na Ucrânia; - a Vita residia com os pais e irmão em Pombal desde 2005, altura em que chegou a Portugal e entrou na escola portuguesa; - a Karolina chegou ao nosso país em 2004, ano em que ingressou na EB1 de Pombal, onde vive com os pais, irmão, tios e prima. Até ao dia da sua chegada, a Karolina viveu na Ucrânia e na Rússia; - a Lina habitava em Pombal com os pais desde 2003 tendo vivido até esta altura sempre na Ucrânia; - o Anton sempre viveu na Ucrânia até ao ano de 2004, data em que chegou a Portugal. Na altura do estudo vivia em Pombal com os pais, irmão e um tio; - o Danilo é ucraniano, apesar de se sentir russo, visto que a Rússia é o país de origem dos seus pais e porque em casa fala Russo. Até 2001, data da sua chegada a Portugal, viveu na Ucrânia e na Rússia. Ingressou no 1º CEB de Pombal, local onde permanecia com os seus pais e irmã; - por fim, a Michaela é uma menina de nacionalidade ucraniana que residiu na Roménia até 2003, ano em que chegou a Portugal. A aluna assumia-se como sendo romena, tendo apenas nascido num hospital ucraniano, motivo pelo qual tem nacionalidade ucraniana. A viver em Pombal, entrou para a escola do 1º CEB, do mesmo lugar, com 6 anos. Todas as crianças inquiridas iniciaram a sua escolaridade nos países de origem, sabendo já ler e escrever antes de chegarem a Portugal.

A preferência por estes alunos prendeu-se principalmente por duas razões: por um lado eram crianças do mesmo nível etário, por outro lado eram oriundas da mais recente vaga de imigração em Portugal – os Países de Leste. Apesar de existirem na escola CNNs originárias desta região em todos os anos de escolaridade à excepção do 3.º ano, decidiu-se limitar a análise aos alunos do 4.º ano de escolaridade, portanto último ano do 1.º ciclo, tendo em conta que são crianças que evidenciam já uma maior maturidade, conseguindo de melhor forma expor as suas ideias e opiniões. É de salientar, que apesar da Michaela se apresentar como a única aluna que não tem como LM uma língua eslava, sendo a sua LM o Romeno, considerou-se relevante integrá-la no



estudo, uma vez que também a Roménia sofreu influência da URSS a nível económico e militar até 1978, tendo a língua russa desempenhando um papel importante na vida quotidiana desse país.

De seguida, proceder-se-á, com base nos dados recolhidos nos Portfólios elaborados, à análise da informação auferida.

### 5. Análise e Discussão dos Dados

Neste estudo ponderou-se a presença de três categorias: **a Biografia Linguística (C1)**, **a Aprendizagem da Língua Portuguesa (C2)** e **a Integração das CNNs (C3)**, organizadas em subcategorias como se exemplifica no quadro1.

|                                             |                                                                       |                                                          |
|---------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|
| <b>C1 Biografia Linguística</b>             | 1.1 Experiências relativas às línguas faladas pelas CNNs              |                                                          |
| <b>C2 Aprendizagem da Língua Portuguesa</b> | <b>2.1 Representações das CNNs</b>                                    | 2.1.1 – Relação afectiva aluno-LP                        |
|                                             |                                                                       | 2.1.2 – Utilidade da LP                                  |
|                                             |                                                                       | 2.1.3 – Facilidade/dificuldade face à aprendizagem da LP |
|                                             | <b>*2.2 Produções escritas das CNNs</b>                               | 2.2.1 – Estrutura e conteúdo informativo                 |
|                                             |                                                                       | 2.2.2 – Coesão textual                                   |
|                                             |                                                                       | 2.2.3 – Morfossintaxe                                    |
|                                             |                                                                       | 2.2.4 – Vocabulário                                      |
|                                             |                                                                       | 2.2.5 – Pontuação                                        |
|                                             |                                                                       | 2.2.6 – Ortografia                                       |
| <b>C3 Integração das CNNs</b>               | 3.1 – Relação afectiva com a comunidade escolar e país de acolhimento |                                                          |
|                                             | 3.2 – Dificuldades sentidas no meio escolar                           |                                                          |

**Quadro 1 – Categorias de análise**

\* É importante realçar que na exposição dos dados referentes a cada aluno, no que toca à sua produção escrita (C2.2.2), foi adaptado o modelo de análise utilizado no PDLEP (desenvolvido pelo ILTEC em colaboração com a DGIDC e com financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian), quando procederam à análise de textos de crianças de diferentes nacionalidades (2005).

#### 5.1. Experiências Relativas às Línguas Faladas pelas CNNs

Após uma análise pormenorizada da primeira categoria – **Biografia Linguística**, constatou-se que, de uma forma geral, as CNNs observadas são crianças plurilingues que estabelecem contacto com diferentes línguas (como por exemplo o Inglês, o Espanhol, o Francês, o Alemão, o Polaco, o Italiano e Austríaco) para além do Português e das línguas do país de origem, anteriormente mencionadas aquando da caracterização do público-alvo do estudo.

Apesar de utilizarem maioritariamente a LP na escola, a grande parte dos alunos não deixa de utilizar as suas LM, designadamente, em casa e na escola com os seus amigos. Nas suas actividades recreativas como ver televisão, ler livros, ver filmes e ouvir música, a LP, bem como a língua ucraniana e russa destacam-se por serem aquelas a que os alunos mais recorrem. Isto é um facto bastante positivo, na medida em que demonstram continuar a desenvolver as suas competências bilíngues, com todas as vantagens e benefícios que provêm de se ser bilingue (Siguán, 2001).

As CNNs aprendem a LP, essencialmente, no contexto de aprendizagem formal, nomeadamente, na escola, mas também no contexto informal decorrente das suas actividades do dia-a-dia, nos mais variados contextos (recreio, televisão, grupos de amigos). No que se refere às suas LMs apurou-se que o lugar eleito de aperfeiçoamento é em casa com a família, tendo sido a sua aprendizagem feita nos países de origem. É de notar que a língua russa se destacou por ser utilizada por todas as CNNs independentemente das suas LMs, uma vez que esta teve grande importância na vida dos cidadãos dos países de leste.

#### 5.2 Aprendizagem da LP

A segunda categoria, **Aprendizagem da Língua Portuguesa**, subdivide-se em duas subcategorias: **representações das CNNs (C2.1)** e **produções escritas das CNNs (C2.2)**, as quais foram organizadas em diferentes itens que passam a ser apresentados.

##### C2.1.1 – Relação Afectiva com a LP

A grande maioria dos alunos considera a LP interessante e divertida, enquanto outros a encaram como sendo difícil. Observemos alguns testemunhos das CNNs (transcritos, *ipsis verbis*, ao longo de todo o texto, sem qualquer correcção ortográfica), que vêem a LP de forma mais positiva: - “A Língua Portuguesa é engraçada...eu gosto falar em português, ler e ouvir” (Karolina); - “goste de aprendela é utilizala” (Danilo); - “Porque é bom saber esta língua” (Anton); - “Porque é divertida, interessante e porque também gosto de viver cá e gosto de falar na Língua Portuguesa” (Lina); - “Porque é divertida e interessada” (Vita); - “Eu gosto da Língua Portuguesa porque a acho divertida, fácil e parecida com a minha língua Materna.” (Mikhaela).

A Nadia, por ter, no momento do estudo, chegado recentemente a Portugal, e consequentemente se encontrar na fase mais peculiar da sua integração, diz não gostar da LP “Porque muito dificio”.

##### C2.1.2 – Utilidade da LP

Todos os aprendentes reafirmam a utilidade da LP, explicando que a mesma é indispensável para comunicar, uma vez que querem viver em Portugal. Alguns alunos salientam a importância de saberem mais uma língua valorizando, assim, a comunicação intercultural.

##### C2.1.3 – Facilidade / Dificuldade Face à Aprendizagem da LP

Relativamente à facilidade/dificuldade face à aprendizagem da LP, as CNNs sentem que lhes é mais fácil apreender a LP na escola incidindo e utilizando estratégias inerentes às macrocapacidades: ler, escrever,





ouvir e falar. Para além disso, pode-se depreender a importância do papel do Professor com quem podem esclarecer quaisquer dúvidas que surjam.

De acordo com os resultados da análise das respostas ao questionário e conteúdo das cartas face ao estudo da LP constatou-se que, numa primeira fase, é ao nível da Compreensão e Expressão Oral que se anunciam as maiores dificuldades destes alunos, vejamos algumas citações: - “*As minhas maiores dificuldades em Língua Portuguesa foram perceber o que os meus colegas e professora diziam.*” (Mikhaela); - “*...eu sítia medo quando fui as primeiras vezes a escola porque não sabia falar nada...no início eu tinha mais dificuldades na fala. Comecei a perceber melhor mas era difícil falar.*” (Anton); - “*Nos primeiros dias na escola tinha muito medo, quando alguém perguntava qualquer coisa e eu não percebia nada. Nunca tive medo assim ...*” (Nadia); - “*Eu senti vergonha, senti que eu não sabia falar.*” (Vita).

Depois, seguem-se dificuldades no domínio da Leitura e Expressão Escrita: - “*Eu quando cheguei e senti-me eu tinha vergonha falar, ler e escrever...Sabias que eu tenho alguns dificuldades a escrever e um quedito a ler.*” (Karolina); - “*...tive dificuldade em ler mas já melhurei.*” (Danilo).

Naturalmente, surgem, ainda, os obstáculos no Funcionamento da Língua como se pode observar pela análise da subcategoria (C2.2), as produções escritas das CNNs, a partir da qual se contemplou:

- a **Estrutura e conteúdo informativo (C2.2.1)**, onde as CNNs demonstram conhecer e aplicar a estrutura básica de uma carta, respeitando a sua norma, se bem que não a dominaram completamente, nomeadamente na saudação inicial e no seu desfecho;

- a **Coesão textual (C2.2.2)**, que permitiu verificar que a maioria das CNNs não faz substituições nominais/pronominais, repetindo várias expressões. Na composição da carta, os alunos não utilizam elementos de coesão interfrásica e quando o fazem, apenas se confinam a empregar o “e” ou “mas”;

- a **Morfossintaxe (C2.2.3)**, que possibilitou visualizar que as CNNs utilizam, meramente, frases simples do tipo declarativas sem recorrer a frases interrogativas como se esperaria neste tipo de texto. As produções escritas, de um modo geral, apresentam incorrecções, como por exemplo: na concordância entre sujeito/predicado “*No início ficam a um canto sozinho*” (Anton); falta de concordância entre nome/adjectivo “*...taradissões muito ingrasados*” (Anton), “*...as pessoas são muito simpaticos*” (Vita); nas flexões nominais “*bons amigo*” (Danilo); a falta de concordância entre o género/número do artigo definido e do nome “*os cidade*” (Anton) assim como nas regências;

- o **Vocabulário (C2.2.4)**, onde se analisou que os alunos usam um léxico adequado ao tipo de texto em questão, apesar de pouco diversificado e elementar. Não empregam estratégias substitutivas nem de diferentes procedimentos de modalização;

- a **Pontuação (C2.2.5)**, que patenteou que, de um modo geral, estes alunos empregam de forma desadequada e exígua os sinais de pontuação, limitando-se a aplicar os pontos finais e vírgulas. Como exemplo, “*Sabes Ivan que aqui os cidade são muito limpas, e Peis é muito limpo e bonito e as pessoas são muito simpaticos*” (Vita); “*Como acabaste escola*” (Karolina);

- a **Ortografia (C2.2.6)**, na qual as CNNs evidenciam imensas dificuldades dada a não correspondência directa entre fonia e grafia na LP. Assim, os tipos de erros que se registam com maior incidência são: -a nível da grafia de vogais (venhas; ingrados; chão; achu; teo; adeos; melhurei; cumeçou,...); -a nível da grafia de consoantes (conheso; viajar; dezorganizadas; conceguia; ingrados,...) e a supressão dos acentos gráficos (estas; sao; simpaticas; estão; ola; mes; estas; tambem; inicio; dificil; musica; ca,...) .

## 6. Integração das CNNs

Quanto à presente categoria, *Integração das CNNs (C3)*, que se encontra subdividida em duas subcategorias: **Relação afectiva com a comunidade escolar e com o país de acolhimento (C3.1)** e **Dificuldades sentidas no meio escolar (C3.2)**, verificou-se que não obstante todas as dificuldades sentidas pelas CNNs nos primeiros tempos, a Escola Portuguesa apresenta-se, para estas, como um lugar afável que reverenciam. De acordo com declarações de alguns alunos: - “*gosto de andar na escola portuguesa para estudar.*” (Anton); - “*tenho amigos, porque gosto dos professores e gosto de estudar a Língua Portuguesa e gosto de estudar a história de Portugal.*” (Lina), subentende-se o quanto apraz à maioria destas crianças, o contacto estabelecido com os amigos e professores, bem como a aprendizagem de uma nova língua.

Relativamente à *relação afectiva que estabelecem com Portugal*, à excepção da Vita que sente muitas saudades da sua família distante “*... eu quero ver todos os meus amigos da Ucrânia e avó e avô primo estarem aqui... eu tenho soldades da Ucrânia*”, todas as crianças revelam aprovar a estadia no nosso país, não sofrendo quaisquer problemas de rejeição, humilhação ou discriminação, vejamos: “*Eu adoro passear, viver e conhecer o Portugal*” (Lina); - “*Eu gosto muito de estar aqui e não quero voltar para a Ucrânia*” (Nadia).

No que concerne às dificuldades sentidas no meio escolar, as CNNs apontam, como principais obstáculos, a compreensão e expressão da LP. Na opinião das mesmas, tais dificuldades poderiam ter sido aligeiradas com a ajuda de um mediador que lhes permitisse fazer “a ponte” entre as duas línguas, entre os dois mundos. Sintetizando os testemunhos - “*Para perguntar a ele as palavras que eu não sei*” (Anton); - “*Para me ajudar a perceber melhor a Língua Portuguesa*” (Nadia).

Lamentavelmente, conclui-se que a escola portuguesa não consegue, ainda, activar todos os meios necessários ao desenvolvimento salutar de todas as crianças. Conforme o Relatório PLNM, levado a cabo pela DGIDC (2005), apesar de homologadas diferentes medidas de apoio à integração escolar das CNNs, como sejam, a título de exemplo (o apoio a PLNM, os projectos desenvolvidos na área da literacia ou da interculturalidade, o recurso a mediadores e tutores), apenas predominam determinadas medidas pontuais de apoio pedagógico acrescido ([www.dgidc.min-edu.pt/plnmaternaRelatórioFinal.pdf](http://www.dgidc.min-edu.pt/plnmaternaRelatórioFinal.pdf)).

## Conclusão

O que sentem e testemunham sete CNNs do Leste Europeu sobre as suas maiores dificuldades de aprendizagem da LP e de integração no meio escolar, foi o que se almejou analisar no presente texto.





Perante a profunda transformação testemunhada na escola portuguesa, com a presença do número crescente de alunos de outras origens culturais e linguísticas, torna-se premente reconsiderar, não só o lugar da escola no que respeita à evolução das concepções educativas, como também a função dos agentes na construção de uma Educação Intercultural. Por isso, é necessário ponderar sobre o papel do Professor(a) no desenvolvimento do currículo, na sua capacidade e flexibilidade para inovar na linha de um paradigma que proporcione o êxito e a mudança quando se pretende atender à diversidade, não bastando, simplesmente, respeitá-la, valorizá-la e aceitá-la.

O Professor deverá, de modo a proporcionar uma integração escolar destes alunos, tendo em conta as suas necessidades específicas, conhecer, na diversidade da sala de aula, cada um dos seus alunos, saber as suas origens, as línguas que falam ou escrevem e em que contextos, as línguas que dominam e em que grau, as suas atitudes para com as diferentes línguas, os seus anseios e desejos particularmente para com a língua de acolhimento. Só desta forma poderá implementar uma Educação Intercultural gerindo o currículo pelo princípio de uma 'escola para todos' e em que 'todos são diferentes'.

## 7. Bibliografia

- ABDALLAH-PRETCEILLE, M. (1992). *Quelle École pour Quelle Intégration?* Paris: Hachette.
- AFONSO, C. (2002). *Competência Intercultural*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- ALLEMANN-GHIONDA, C., GOUMOËNS, C. & PERREGAUX, C. (1999). *Pluralité Linguistique et Culturelle dans la Formation des Enseignants*. Fribourg: Editions Universitaires
- ANÇÃ, M. H. (1999). Português – da Língua Materna à Língua Segunda: Conceitos e Pressupostos, *Noesis*, nº 51, in [www.dgicd.min-edu.pt/innovbasic/edicoes/noe/noe51/dossier1.htm](http://www.dgicd.min-edu.pt/innovbasic/edicoes/noe/noe51/dossier1.htm)
- (2003). "DPL2: Dos Conceitos Emergentes às Condições de Existência", in MELLO, C. et alii *Didáctica das Línguas e Literaturas em Portugal: Contextos de Emergência e Modos de Desenvolvimento - Actas do I Encontro Nacional da SPDLL*, 2003, Coimbra: Pé de Página Editores, Lda, pp. 61-69.
- (2005). *Português Língua Não Materna: Abordagens no 1º Ciclo do Ensino Básico*, comunicação apresentada no *Congresso sobre Aquisição da Linguagem*. Guarda: ESE da Guarda.
- BASTOS, J. P. & BASTOS, S. P. (1999). *Portugal Multicultural*. Lisboa: Fim de Século.
- CONSELHO DA EUROPA (1994). "La dimension interculturelle. Facteur essentiel de la réforme de l'enseignement secondaire. Rapport dy symposium", Strasbourg: Conselho de Cooperação Cultural, pp 8.
- DABÈNE, L. (1994). *Repères Sociolinguistiques pour l'Enseignement des Langues*. Paris: Hachette, Collection Références.
- DEBIENNE, M. C. (1977). *O Desenho e a Criança*. Psicologia e Pedagogia. Lisboa: Moraes Editores (tradução).
- FARIA, I. (2001). Inovação e Ano Europeu das Línguas, in *Noesis*, n.º 57, pp. 20-22.
- FEYTOR PINTO, P. (1998). *Formação para a Diversidade Linguística na Sala de Aula de Português*. Lisboa: Instituto de Educação Educacional.
- FERREIRA, M. (2003). *Educação Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta.
- FISHER, G. (2001). Quadro Comum de Referência e Portfólio Europeu de Línguas. *Educação e Comunicação*, n.º 7, pp. 19-26. In [www.esel.ipleiria.pt/files/f1411.1.pdf](http://www.esel.ipleiria.pt/files/f1411.1.pdf)
- GOUVEIA, A. & SOLLA, L. (2004). *Português Língua do País de Acolhimento*. Lisboa, in [www.acime.gov.pt](http://www.acime.gov.pt) (consultado a 13 de Janeiro de 2007).
- MATEUS, M. H. M., et al. (coord.) (2003-2005) *Projecto Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*, ILTEC. In <http://www.iltec.pt/divling/index.html>.
- ROCHA-TRINDADE, M. (1995). *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta
- STERN, H. (1984). *Fundamental Concepts of Language Teaching*. Oxford: University.

### Sites consultados

[www.dgicd.min-edu.pt/plnmaterna/RelatorioFinal.pdf](http://www.dgicd.min-edu.pt/plnmaterna/RelatorioFinal.pdf)  
[www.dgicd.min-edu.pt/plnmaterna/DN7/PLNMDoc\\_orientador.pdf](http://www.dgicd.min-edu.pt/plnmaterna/DN7/PLNMDoc_orientador.pdf)  
[www.ipv.pt/millennium\\_ect8-iam.htm](http://www.ipv.pt/millennium_ect8-iam.htm)

### Legislação consultada

Art. 8.º do DL n.º 6/2001, de 18 de Janeiro  
Despacho Normativo n.º 7/2006

## 32) RAFAEL FRAGA

## 33) AUGUSTO MACEDO

**Rafael Fraga** nasceu em Lisboa, em 1978. Residindo nos Açores entre 1983 e 2002, iniciou a prática de guitarra aos treze anos, ensinado pelo pai. Em 1993/4 tem aulas com Jorge Lima, frequentando depois os Conservatórios Regionais de Horta e Ponta Delgada, entre 1998/2001, sob a orientação de Luciano Lombardi. Após a conclusão da sua Licenciatura em Biologia, dedica-se inteiramente à música, ingressando na Escola de Jazz Luís Villas-Boas, do Hot Clube de Portugal, onde teve aulas com Pedro Madaleno, Vasco Agostinho, Pedro Moreira, João Moreira, Rodrigo Gonçalves, entre outros. Estudou composição e orquestração com Carlos Marecos e João Paulo Esteves da Silva, e em 2003 ingressou na Licenciatura em Técnicas de Composição da Escola Superior de Música de Lisboa (ESML), sob a orientação de compositores como António Pinho Vargas, João Madureira, Christopher Bochmann, Luís Tinoco ou Sérgio Azevedo. Tendo participado em inúmeros projectos como compositor, orquestrador ou guitarrista, recentemente destacam-se "A Voz do Fado no Fado dos Novos", com Carlos do Carmo e colegas da Escola Superior de Música de Lisboa (2006), "20 Canções para Zeca Afonso", com João Paulo Esteves da Silva, entre outros e arranjos sobre música de autores açorianos, encomenda do Teatro Micaelense (2007). Produziu recentemente, com Augusto Macedo, o "Songbook de Autores Açorianos", e a sua discografia inclui os álbuns "A Um Porto Seguro", do grupo "Águas de Março" e "Entre Cidades", a solo.



Actualmente, é aluno finalista do curso de composição da ESML, e lecciona Análise e Técnicas de Composição no Conservatório Regional de Coimbra.

**AUGUSTO MACEDO** nasceu em 1982 na Horta, Ilha do Faial, iniciando a sua formação em piano clássico no Conservatório Regional da Horta; finaliza o curso complementar de formação musical - instrumento piano, estudando sob a orientação de Sofia Vinogradova e Alexandre Levtchenko, entre outros. Licencia-se em Engenharia Civil, pelo Instituto Superior Técnico em 2006. Participa em Workshops de Jazz e música improvisada, ingressando em diversos projectos musicais desde o Rock ao jazz, passando pela música brasileira e popular portuguesa, tendo integrado a Big-Band de alunos da escola de Jazz do Hot-Clube de Portugal sob a direcção de Pedro Moreira e Claus Nymark; colabora com várias formações da escola como músico convidado. Águas de Março, Four Jazz, Soul Divers, Aquarela Jazz Quartet, CoLdFuslon ou o Faith Gospel Choir, são algumas das formações em que participa/ participou. Paralelamente, dedica-se ao Baixo Eléctrico, tendo colaborado recentemente com músicos como Vasco Agostinho, João Paulo Esteves da Silva, Bruno Pedroso, Jorge Reis ou Pedro Madaleno. “20 Canções para Zeca Afonso” e “25 Anos de Música nos Açores” são os mais recentes projectos em que toca, assumindo também funções de Direcção Musical. Em Novembro de 2007, edita com Rafael Fraga o “Songbook de Autores Açoreanos”. Discografia: Ao vivo – A um Porto Seguro (Águas de Março, 2001); Reencontros (Lídio Serpa, 2003).

#### SONGBOOK DE AUTORES AÇOREANOS.

**RAFAEL FRAGA e AUGUSTO MACEDO**

##### Apresentação e contextualização

Este *Songbook* pretende ser um registo documental de parte do extenso património que é a música feita por autores açorianos, e incide particularmente nas composições que integraram as bandas sonoras das séries de ficção produzidas pela RTP – Açores entre 1986 e 1992. Inclui também outros temas, que, não fazendo parte dessas bandas sonoras, se enquadram no seu contexto histórico e artístico, representando parte significativa das canções mais emblemáticas junto de um público generalizado.

Assim, este livro não tem por objecto a história das canções de autor nos Açores; pretende ser uma ferramenta de trabalho para compositores, intérpretes e estudantes, ou uma fonte de referência adicional sobre música, pelo que se desenvolveram todos os esforços para otimizar as potencialidades de uma produção deste género. Daí surgir a designação de *Songbook*, em detrimento de “Cancioneiro” ou outra designação mais consensual, numa perspectiva de defesa de um património cultural português, bem como a opção de uma edição bilingue: pretende-se registar, documentar e divulgar um património já existente - as canções.

Sobre a importância destas canções numa perspectiva universal, achamos que ela é indiscutível, social e artisticamente, pois sintetizam os principais elementos que caracterizam a vivência insular, em geral, ao recorrer a objectos estéticos essenciais na compreensão da maneira de pensar e sentir do povo dos Açores, em particular.

Sob o ponto de vista estritamente técnico, são composições profundamente enraizadas na tradição popular da música portuguesa, enriquecidas pelas inúmeras referências a outros contextos sonoros, como o *Rock* ou a música popular brasileira.

A música de autor nos Açores conheceu uma nova fase a partir de meados dos anos oitenta, após um mote inicial dado pelo grupo “Construção”, com o álbum “Há Qualquer Coisa” (Disrego/1982).

Em 1985, o “Festival RTP da Canção” apresentou-se num novo formato, em que as canções a concurso foram propostas por cada centro regional de emissão da RTP. Não existindo, à data, nenhum estúdio de gravação profissional nos Açores, a Direcção da RTP – Açores da altura achou por bem financiar a deslocação a Lisboa dos compositores e intérpretes pelos quais se faria representar, de forma a realizar um registo sonoro digno. Desta iniciativa resultou a brilhante prestação do grupo “Rimanço”, tendo a canção “No Vapor da Madrugada” assegurado o 2º lugar, a apenas um ponto da canção vencedora, o que projectou de forma ímpar a música feita nos Açores junto do público nacional, e confirmou as suas potencialidades perante os mais cépticos. Confirmou também a necessidade de investir nos meios adequados de trabalho, nomeadamente estúdios de gravação profissionais.

Em 1986, iniciou-se uma fase de intensa produção na RTP- Açores, com a realização de séries de ficção como “Xailes Negros”, “O Barco e o Sonho” ou “Mau Tempo no Canal”, a par de outras, de carácter documental como “Balada do Atlântico” - todas com a assinatura do realizador José Medeiros, que desde logo optou pela utilização de bandas sonoras originais – um factor decisivo, como impulsionador de novas criações musicais.

Assim, estavam reunidas todas as condições para, pela primeira vez nos Açores, compositores e intérpretes porem em prática os seus talentos em condições logísticas de nível profissional: como entidade patrocinadora, a RTP-A assegurava as despesas de produção relacionadas com a gravação das canções em estúdios adequados, em Lisboa, enquanto a radiodifusão das séries nos canais estatais assegurava a sua promoção e divulgação.

Ao longo dos anos, foram sendo editadas em vinil parte das canções que constituíram essas bandas sonoras, posteriormente seleccionadas e compiladas no álbum “7 Anos de Música” (Disrego/1992), que, recebendo já um suporte físico em CD, assegurou de forma inédita (no contexto açoriano) o sucesso comercial e artístico desta música. As músicas integrantes desta compilação são o ponto de partida para a realização deste *Songbook*, ao qual se juntaram outros temas, incluídos nos álbuns previamente editados.



Sobre as pessoas responsáveis pela concepção, interpretação e gravação da música, a lista de nomes é extensa; não sendo do âmbito deste livro uma referência exaustiva, não podemos deixar de nomear pelo menos alguns dos intervenientes mais relevantes, na sua maioria músicos amadores, com pouca ou nenhuma formação académica na área musical, mas dotados de um enorme talento e experiência, conhecedores profundos da música de raiz popular portuguesa, nomeadamente a feita nos Açores.

A primeira referência é necessariamente o realizador e compositor José Medeiros: como responsável artístico e técnico das séries de televisão. Depois, há a referir diversos nomes, dos quais se destaca Luís Gil Bettencourt (responsável, com José Medeiros, pela produção e concepção das primeiras bandas sonoras, fulcrais para a consolidação do teor estético das seguintes), Luís Alberto Bettencourt, Aníbal Raposo, Paulo Andrade, Manuel Medeiros Ferreira e João Miguel Sousa – é, essencialmente sobre a obra destes compositores que este livro incide. À música destes autores juntaram-se os textos de poetas como Álamo Oliveira, António Melo Sousa, Fernando Reis Júnior ou Victor Rui Dóres.

Como intérpretes, surgem cantores como Susana Coelho, Vera Quintanilha, Piedade Rego Costa, José Ferreira, Luísa Alves, Nélia Freitas ou Minéla, a par de grupos ligados à música popular como “Rimanço” ou “Gente da Ilha”. Dos instrumentistas, não podemos deixar de referir músicos como Carlos Frazão, Gil Alves, Álvaro Melo, João Lima ou Carlos Medeiros. Num outro plano, o trabalho de Raúl Resendes como técnico de som e produtor merece também referência.

É necessário referir que este conjunto de pessoas partilhava fortes ligações pessoais, que eram o ponto de partida essencial para a concretização dos projectos artísticos; quase todos participaram como actores ou figurantes nas séries televisivas, e todos deram o seu contributo de inúmeras formas, além da estritamente musical, na maior parte das vezes apenas pelo prazer de fazer, sem receber qualquer outro tipo de contrapartidas – exceptuam-se, obviamente, aqueles que estavam profissionalmente ligados às principais entidades envolvidas em todo o processo: a RTP – Açores, que produziu as séries televisivas e financiou a gravação das bandas sonoras, a Radiodifusão Portuguesa – Açores, em cujos estúdios, por exemplo, se gravou a primeira versão da banda sonora de “Xailes Negros” e a empresa privada *Disrego*, que ao longo dos anos assegurou a edição de muitos dos discos.

Gostaríamos de expressar, desde já, o orgulho que, para nós, representa poder fazer parte – ainda que indirectamente – da história desta música, bem como o enorme prazer que foi partilhar dos momentos ímpares que nos proporcionaram os seus principais intervenientes, compositores e intérpretes, aquando das inúmeras conversas em jeito de entrevista que tivemos.

Não podemos deixar de agradecer à Administração do *Teatro Micaelense* a confiança que depositou neste trabalho, nomeadamente a Dra. Ana Maria Teixeira da Silva e ao Dr. João Lima, cujo entusiasmo e empenho desde o primeiro momento foram decisivos para a sua concretização.

Enquanto artífices da realização deste *Songbook*, apraz-nos a ideia de que possa incentivar a produção de mais e cada vez melhor música em Português, eventualmente conferindo a uma parte significativa da música de autores Açorianos uma nova dimensão, decisiva para a sua eventual consolidação enquanto património intelectual e cultural.

**SONGBOOK DE AUTORES AÇOREANOS**  
**Processos para a sua realização. Potencialidades e limitações.**  
**RAFAEL FRAGA e AUGUSTO MACEDO**

Este livro foi realizado a partir das gravações originais dos temas, transcritos para partitura, linguagem musical universal e relativamente rigorosa. Deparamo-nos com inúmeras dificuldades aquando do processo de transcrição, nomeadamente a liberdade de interpretação concedida nas gravações e a enorme heterogeneidade formal, estrutural e poética das canções. Na sua maioria, estes elementos estão relacionados com a base essencialmente empírica e intuitiva subjacente à composição e execução destes temas.

O trabalho de gravação era espontâneo: no estúdio, reuniam-se compositores e intérpretes; decidiam-se os temas a gravar (de acordo com as directrizes de produção específicas de cada série), quem os cantaria e demais elementos de orquestração e arranjo; o trabalho prévio consistia, geralmente, em levar as canções previamente registados numa cassette gravada em casa, para facilitar a sua aprendizagem em estúdio; houve, inclusive, canções compostas já em plena sessão de gravação, como “Atlântico”.

Embora as canções não sejam tecnicamente complexas, o facto de a base da sua criação ser puramente empírica potencia dificuldades na sua transcrição, pelo que foi difícil estabelecer um compromisso entre a melodia base original, interpretação registada na gravação e facilidade de leitura das partituras. O facto de, na maioria dos casos, existir apenas uma gravação do tema, tornou ainda mais difícil distinguir arranjo de interpretação pontual. Assim, tivemos de optar entre a realização de uma transcrição rigorosa dos registos sonoros ou apresentar apenas os elementos fundamentais a cada composição; se a primeira opção apresentaria um alto grau de complexidade, sobretudo para quem quisesse utilizar este *Songbook* sem ter conhecimentos profundos a nível de leitura de partituras, etc., a segunda pareceu-nos manifestamente insuficiente para traduzir a essência da música gravada.

Para cada canção, optámos pelo que nos pareceu um meio-termo razoável entre as duas perspectivas: apresentar os elementos estruturais de cada tema (melodia, harmonia, orquestração, etc.) e acrescentar, sempre que necessário, demais elementos relevantes para conferir à transcrição o seu potencial musical e documental. Esta opção, a nosso ver prática e funcional, considera cada tema como um problema individual, em detrimento



de um conjunto de soluções globais mais simplistas e homogéneas, como é típico em *Songbooks* desta natureza.

Todo o material transcrito foi posteriormente submetido às apreciações dos compositores, e as suas sugestões e correcções foram essenciais para o registo adequado das suas intenções iniciais, nem sempre materializadas aquando das gravações. Desta forma, este livro pretende assegurar um suporte adequado e tecnicamente fiável para futuras abordagens a este património musical, permitindo também uma base de trabalho para posteriores estudos analíticos e históricos. Complementa também a inexistência de gravações em formato digital de vários temas, assumindo assim um carácter documental adicional.

A opção de realizar uma edição bilingue (português/inglês) pareceu-nos fundamental para a optimização das potencialidades da obra enquanto veículo de divulgação cultural. Há, naturalmente, dois contextos distintos de tradução: o do corpo de texto e os poemas. Se o primeiro, informativo e sintético, tem a sua missão claramente assumida, o segundo levanta questões que importa considerar.

Os textos poéticos são um dos maiores desafios no campo da tradução, pela dificuldade que representam enquanto objecto literário por excelência dotado de múltiplos significados e ambiguidades. No caso deste *Songbook*, optámos por fazer uma tradução dos textos poéticos que contextualizassem o leitor, em detrimento de uma tradução poética literal: em prejuízo de rima, forma, ritmo, etc., é beneficiada uma exposição, tão objectiva quanto possível, do conteúdo dos textos originais. As dificuldades encontradas resultaram geralmente da especificidade de alguns termos e expressões, próprias do universo linguístico português e açoriano em particular: palavras como *terreiro*, *sapateia*, *chamarrita*, *loas*, *cantador*, *mareantes*, *palheto*, *linguarejar*, *dolência*, *quebranto*, *desengano*, *lonjura*; expressões como *no derriço da nortada*, *que me faz cismar*, *saudar a várzea desse olhar*, *a teia desta vida mansa*, *beber pistolas à briga*, *tão surdo o teu zelo*, *quedam esperanças por medrar*, *curtir uma de amor em corpo nu*, *pelo mar do nosso chão*, representam desafios significativos ao tradutor, pela ausência de correspondência directa na língua inglesa e pelo conteúdo simbólico intrínseco à cultura açoriana, difícil de expressar num contexto distinto.

Este livro, não só pelas suas potencialidades enquanto fonte de material musical e literário, é um ponto de partida para a realização desta música em qualquer ponto do globo, incentivando a eventual tradução dos poemas noutras línguas. Constitui, em nossa opinião, um veículo privilegiado para a divulgação deste património, cuja riqueza e extensão não encontra paralelo no país, e contribui de forma significativa para a afirmação de uma parte essencial da cultura portuguesa em geral e açoriana em particular.

---

### 34) ROBERTO MANUEL LIMA MEDEIROS

Roberto Manuel Lima Medeiros, Natural da Vila de Água de Pau, São Miguel, Açores. Curso Geral do Comércio da Escola Industrial e Comercial de Ponta Delgada. Curso Geral do Liceu Antero de Quental de Ponta Delgada. Aluno do Curso de Estudos Portugueses / Ingleses da Universidade dos Açores. Vice-presidente da Câmara Municipal de Lagoa – Açores, com as seguintes competências: Núcleo de Acção Cultural, Desporto e Turismo; Museus da Lagoa (responsável pelo Museu do Presépio Açoriano). Coordenador e promotor de diversos convívios, colóquios e exposições nos Estados Unidos e Canadá, levando e difundindo, junto das comunidades lagoenses, informação documentada sobre a actividade cultural do Concelho da Lagoa, com destaque para as Exposições do Presépio Tradicional da Lagoa nos EUA, desde 1996. Coordenador, desde 1998, da Presença de Artesanato Açoriano nas Comemorações do Dia de Portugal nos EUA nas cidades de New Bedford, Fall River, Taunton e Cumberland.

#### O PRESÉPIO DA LAGOA, UMA TRADIÇÃO QUE SE MANTÉM

**Roberto Manuel Lima Medeiros, CM Lagoa**

A manufactura de bonecos de presépio nos Açores é uma tradição da Vila da Lagoa. A produção de figuras de presépio na Vila começou na segunda metade do século XIX, quando abriram as fábricas de Cerâmica que funcionaram no Concelho. Muitas destas figuras de presépio eram produzidas em oficinas improvisadas no espaço doméstico, em horário pós-laboral, uma vez que muitos destes bonecreiros eram funcionários das Fábricas de Cerâmica da Lagoa. De resto, esta era a forma encontrada para angariar mais algum dinheiro para o sustento familiar e funcionava também como uma forma de ocupação dos tempos livres. Os bonecos natalícios da Vila da Lagoa, encontram-se espalhados por várias partes dos Açores e ainda pelas comunidades de emigrantes do Canadá e dos EUA.

No Museu do Presépio Açoriano – único museu de presépios nos Açores – podemos encontrar uma vasta colecção de figuras que representam e ilustram as cenas quotidianas da ilha de São Miguel.

O processo técnico de feitura obedece a determinadas regras e técnicas, sendo um processo artesanal, o fabrico de peças é único e inigualável.

A indústria da cerâmica é uma das mais antigas de São Miguel, já no fim do século XV, os açorianos usavam peças de olaria feitas nas ilhas, com influência Hispano-mouriscas, dados os métodos e as formas aplicadas serem semelhantes às das olarias de Valência, Paderna e Menisses.

Para além destas influências, outras se juntam, como a Grega e a Romana, dada a mistura de civilizações na Península Ibérica, que se revelam no traço e na cor de graciosa originalidade que se encontra na loiça quer de Santa Maria, quer de Vila Franca do Campo e mais tarde na loiça branca vidrada da Lagoa.





As mais antigas olarias dos Açores são conhecidas em Santa Maria e Vila Franca, onde o aumento crescente da população e as exigências da vida social e doméstica deram lugar ao aparecimento de 27 artefactos em Ponta Delgada, em meados do século XVII.

Em 1862 é fundada a Cerâmica Vieira e em 1872 a Cerâmica Leite no Concelho de Lagoa, facto determinante para o aparecimento da tradição dos bonecos de presépio no Concelho.

No edifício dos Paços do Concelho de Lagoa, ao iniciarmos a visita ao MUSEU DO PRESÉPIO AÇORIANO, podemos visualizar um mapa, que mostra a distribuição geográfica, na Vila da Lagoa, de grande parte dos bonecreiros e a sua ligação às duas FÁBRICAS DE CERÂMICA DE LOUÇA VIDRADA existentes na Vila: Cerâmica Vieira, fundada em 1862, e ainda em funcionamento, sendo, por muitos considerada o ex-libris da Lagoa, e a Cerâmica Leite, fundada em 1872 tendo terminado a sua actividade em 1984.

Podem ainda observar fotografias dos artistas de figuras de presépio, onde se mostra, a par de uma fotografia de cada um destes artistas uma figura de presépio da sua autoria, despertando-se, deste modo, o público para a questão da produção individual, ligada ao estilo que cada bonecreiro vai desenvolvendo.

Numa vitrina, mostra-se o processo técnico de produção de uma figura de presépio, onde são apresentadas, de modo sistemático e sequencial, as diversas fases do processo de fabrico – com modelagem, apuramento e pintura -, pelo qual partindo de um pedaço de barro e, com o auxílio de moldes feitos em gesso, pequenos canivetes, tintas variadas, finos pincéis, e muita habilidade manual se produz um boneco de presépio.

De seguida observamos as Representações da natividade – A Sagrada Família, a representação da Gruta e da Cabana, a Vaca e o Burro, os Pastorinhos, os Reis Magos, os Anjinhos, a representação da “Fuga para o Egipto”, e algumas figuras do Oriente bíblico: árabes, soldados romanos, etc., ou não tivessem os Açores tradições religiosas muito fortes.

A representação do Oriente Bíblico pelos ceramistas e barristas da Lagoa, é feita através do fabrico de elementos da arquitectura: castelos, torres, casas, etc., aqui revelados num conjunto intitulado: Construções de Jerusalém.

Existe ainda um espaço dedicado aos Presépios da Diáspora, onde estão expostos dois presépios de Florianópolis, Ilha de Santa Catarina no Brasil. Estes dois presépios são da autoria de Jone Cezar de Araújo e de Osmarina Maria Villalva, ambos naturais de Florianópolis. Existe ainda um Presépio manufacturado dentro de um globo, oferecido pelo senhor António Costa, natural da Ilha de São Miguel que está, actualmente, emigrado na Cidade de New Bedford nos EUA

Podem-se ainda apreciar as Imagens do Quotidiano Insular, onde são expostas: uma Procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres, constituída por duzentas e vinte e oito figuras; além de outras cenas da vida quotidiana: o camponês a cultivar a terra, a criação; a matança do porco; as touradas; a recolha de água e a higiene do corpo e da roupa; a farinação do cereal e a feitura do pão; a prensa do vinho; a limpeza da via pública; a recolha de lixo; a venda de produtos num bar; a venda de gelados; figuras sarcásticas e de crítica social e uma da vida moderna – dois homens à lareira.

A análise das figuras de presépio, suportada nos conhecimentos da etnologia, permite-nos perceber como a criação destas figuras revela o conhecimento que os bonecreiros, juntamente com outras pessoas que com eles contactam, têm das Sagradas Escrituras; assim como a capacidade que os mesmos mostram de, com grande astúcia e sagacidade, captarem aspectos de vivências sociais que presenciam. Neste sentido podemos dizer que a par da temática religiosa em causa – o Nascimento de Cristo -, a realização social é a fonte/modelo de inspiração para a produção de figuras de presépio.

Consequentemente, no espaço do presépio, além do tratamento do tema central da encenação – A Natividade -, são também transpostos momentos e situações da sociedade envolvente. Deste modo, podemos dizer que os bonecos produzidos na Lagoa, destinados à ocupação do espaço do presépio, apontam para o conhecimento da sociedade e revelam aspectos da interpretação popular do texto bíblico. Portanto, estudando as encenações montadas no Presépio podem inferir-se hábitos, práticas e costumes da sociedade passada e actual, uma vez que eles são o espelho de vivências quotidianas.

O MUSEU DO PRESÉPIO AÇORIANO tem como principais objectivos: ser um espaço de pesquisa etnológica; conservar e valorizar a actividade criativa dos barristas da Lagoa; ser um centro explicativo dos presépios dos Açores; ser um centro explicativo dos presépios dos Açores; ser um laboratório pedagógico vocacionado para a expressão e comunicação visual; ser um lugar de descoberta e de encontro de pessoas e culturas.

O MUSEU DO PRESÉPIO AÇORIANO foi inaugurado a 21 de Março de 1996. Em Setembro do mesmo ano, uma réplica em tamanho mais reduzido esteve em exposição na 10ª Semana Cultural Açoriana, em Toronto – Canadá e depois nos Estados Unidos, no “New Bedford Art Museum” em 1999; em Taunton, no “Old Colony Historical Museum” em 2000; em New Bedford, no Whaling Museum”, na “ArtWorks Galleries” e no “Rotch-Jones Duff House” em 2001; na Biblioteca da Igreja de São Francisco Xavier em East Providence em 2002; em Novembro de 2003, em Hyannis, Mass, o Presépio da Lagoa esteve representado na “Cape Code Creche Convention”. O Presépio da Lagoa esteve em Dezembro de 2003, no “Centro Comunitário dos Amigos da Terceira”, em Pawtucket – Rhode Island, onde esteve também presente um cesteiro de Água de Pau, que desenvolveu a sua actividade criando artefactos natalícios. em Taunton, MA o cesteiro de Água de Pau, o grupo de guitarras dos Amigos da Terceira de Pawtucket, R.I. e uma representação do presépio da Lagoa animaram o “Lights Festival”.



No ano de 2004 o presépio da Lagoa esteve exposto em diversos locais dos EUA e do Canadá. Em Novembro esteve exposto no Santuário “La Salette Shrine” em Attleboro, MA. EUA. Em seguida o presépio da Lagoa foi para New Bedford, onde esteve exposto na Biblioteca da Casa da Saudade. Em Dezembro de 2004 esteve na Associação Cultural Lusitânia em Fall River nos EUA. Posteriormente foi exposto na Biblioteca da Câmara Municipal da Ville Sainte-Thérèse no Quebec – Canadá. Finalmente em Dartmouth, nos EUA, houve uma exposição intitulada “Intercâmbio da arte bonecreira” que foi composta por presépios realizados por bonecreiros da Lagoa a partir de moldes de Dartmouth.

No Natal de 2005 o Presépio da Lagoa esteve exposto na Fairhaven’s Millicent Library em Fairhaven, MA, na Dartmouth Library em Dartmouth e no New Bedford Whaling Museum em New Bedford

Em 2006 esteve exposto no Bristol Statehouse/ County Courthouse em Bristol, no Campus da Roger Williams University, na Dartmouth Library, na Fairhaven’s Millicent Library, na Biblioteca da Casa da Saudade e no Santuário “La Salette Shrine” em Attleboro, MA. Esteve, também, presente em Óbidos, Portugal Continental, inserido no Projecto “Óbidos – Vila Natal”, e de acordo com a organização do evento (Câmara Municipal de Óbidos) foi visitado por cerca de 155.000 visitantes.

No Natal de 2007 o Presépio da Lagoa esteve exposto no Belcourt Castle em Newport, uma das mansões mais famosas daquela Zona, e também esteve exposto no LAGOA – Luso – American Gallery of Antiques em Fall River.

Em 2008 o Presépio da Lagoa vai estar em exposição, na Galeria de Arte do BCC – Bristol Community College, em Fall River onde na inauguração da exposição vai haver um concerto da Orquestra Sinfónica de Fall River. Ainda estará na mansão de Belcourt em Newport, EUA e ainda na Casa dos Açores do Ontário e na Galeria D’Arte do Oratório de S. José em Montreal, ambas no Canada.

Desde 1990 que o pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lagoa promove a realização de concursos de presépios por altura da quadra natalícia. Participam nestes concursos não só várias famílias, como também as escolas e associações culturais de todo o concelho. Os participantes montam os presépios nas suas casas onde depois são visitados pelo júri.

Os artesãos bonecreiros também montam a sua própria exposição nos Paços do Concelho durante o período Natalício. Em Dezembro de 2002 a Lagoa promoveu a abertura de presépios em casas particulares em New Bedford, Fall River, Dartmouth, Taunton, Bristol, East Providence, na Califórnia, no Canada e também no Museu da Graciosa, nos Açores.

Todas estas iniciativas têm por objectivo a defesa e a preservação da arte bonecreira da Vila da Lagoa.

---

## 35) ROSA BEATRIZ MADRUGA PINHEIRO

### Rosa Beatriz Madruga Pinheiro.

✍ Pós-graduação em nível de Mestrado em Relações Internacionais para o Mercosul, pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL - Florianópolis/SC - Brasil.

✍ Pós-graduação em nível de Especialização em Didática e Metodologia de Ensino, pela Faculdade de Ciências e Letras de Registro/SP.

✍ Licenciada em Espanhol, pela Universidade do Alto Vale do Itajaí - UNIVALI. Itajaí/SC. Realizado em convênio com a Embaixada da Espanha no Brasil e Universidad de Málaga/Espanha.

✍ Licenciada em História, pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC. Joaçaba/SC

✍ Licenciada em Estudos Sociais, pela Faculdade de Filosofia Ciências de Cruz Alta/RS.

✍ Funcionária Pública Estadual, atuando na Secretaria de Articulação Internacional do Estado de Santa Catarina.

### ENSINO A DISTÂNCIA, SURGIMENTO DE UMA NOVA PERSPECTIVA EDUCACIONAL: A ATUAÇÃO DA UNISUL VIRTUAL

**Rosa Beatriz Madruga Pinheiro** Universidade do Sul de Santa Catarina

Torna-se difícil definir Educação a Distância, e mais ainda precisá-la como uma manifestação recente de nossa sociedade, pois segundo a consideração de alguns autores é um fenômeno que remonta a tempos muito longínquos, quem sabe à primeira pessoa que entregou a outra(s) pessoa(s) um conselho, uma observação ou uma instrução de forma não presencial. Como evidencia Lorenzo García<sup>94</sup> “A dificuldade de encontrar uma definição (da Educação a Distância) pode advir dos diferentes conceitos atribuídos ao conceito ‘distância’, bem como à diversidade de formas metodológicas, estruturas e projetos de aplicação desta modalidade em função aos apoios políticos e sociais com os quais conta ou as necessidades educativas que descuida da educação convencional, ou o desenvolvimento de meios de comunicação e novas tecnologias ou, finalmente, pelo conceito de Educação a Distância que utilizam”. Dentro das numerosas definições de Educação a Distância encontramos uma série de construções que se aproximam do fenômeno desde o conceito de “distância”. De outra perspectiva, se esclarece sobre os comentários de certos autores que vêem na essência da Educação a Distância um processo que a define: o da capacidade de “autodidaxia” ou auto-aprendizagem dos estudantes assistidos pelos diversos, e atualmente numerosos, elementos que conformam a rede de apoio da formação a distância. Quem adota esta visão não duvida em atribuir o incremento que experimenta hoje a Educação a Distância ao fato do desenvolvimento e progresso dos meios tecnológicos que mostra insuspeitos alcances. Também encontramos definições que se baseiam no *modus* organizacional desta modalidade e assim concluem que a formação a

---

<sup>94</sup> García, 1994.



distância resulta do planejamento, a orientação (instruções, atividades, etc.) e do enquadramento de uma organização de apoio. Também existe uma aproximação que propõe examinar a formação à distância sob o aspecto da educação a secas sem a preocupação com a defasagem espaço-temporal entre as atividades de ensino e as de aprendizagem. Como aponta Shale “se não diferenciamos a formação à distância da educação em geral, a definição de educação se converterá em formação à distância. Somente o desenvolvimento tecnológico destrói os pontos de diferenciação entre a formação à distância e a educação tradicional”. Nota-se que esta autora acrescenta que a chamada educação virtual seria “aquela que segue sendo à distância, mas que utiliza as novas tecnologias da informação e comunicação de maneira assídua, isto é, utiliza outro tipo de ferramentas ou materiais para a formação a distância”.

Nesse artigo, analisa-se a Educação a Distância como o surgimento de uma nova perspectiva educacional, que contempla estudantes em qualquer parte do mundo que tenham acesso a equipamentos conectados a rede mundial de computadores. Trata-se de um estudo pautado em pressupostos contemporâneos sobre a constituição dos saberes docentes, em especial nas áreas de educação e comunicação. Na EaD, o distanciamento físico sempre exigiu recursos e estratégias didáticas e comunicativas diferentes dos convencionais. Com a inserção das tecnologias digitais de comunicação e o desenvolvimento de ambientes virtuais de aprendizagem, a função mediadora do professor tomou um forte impulso, provocado pelas possibilidades e também pelas exigências da configuração desse novo ‘espaço’. Nesse contexto, apresenta-se a UnisulVirtual, campus da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) responsável por todos os projetos e programas na área de Educação a Distância.

A humanidade encontra-se imersa em um contexto, no qual, o rápido acesso à informação transforma radicalmente as rotinas das pessoas. Somado a isso, a junção das rotinas diárias, com os avanços tecnológicos interligam os indivíduos em “redes de comunicação global”. Essa interconexão impuls ionada pelos avanços das tecnologias é evidenciada a partir da máxima de que em virtude da alta velocidade com que as tecnologias avançam, o homem tende a assumir uma postura mais pró-ativa em seu meio, pois o acesso a novos canais de informação e comunicação é cada vez mais facilitado. Hoje, é difícil encontrar qualquer atividade que esteja desvinculada de uma variável tecnológica.

Concomitantemente a esta constante inovação tecnológica, percebe-se um crescente aumento por parte da sociedade no concernente a qualidade do ensino. Esta fusão entre ensino e tecnologia é um dos motivos que sustentam o crescimento do ensino a distância (EAD).

Como evidencia Lorenzo García<sup>95</sup> “A dificuldade de encontrar uma definição (da Educação a Distância) pode advir dos diferentes conceitos atribuídos ao conceito ‘distância’, bem como à diversidade de formas metodológicas, estruturas e projetos de aplicação desta modalidade em função aos apoios políticos e sociais com os quais conta ou as necessidades educativas que descuida da educação convencional, ou o desenvolvimento de meios de comunicação e novas tecnologias ou, finalmente, pelo conceito de Educação a Distância que utilizam”.

Dentro das numerosas definições de Educação a Distância encontramos uma série de construções que se aproximam do fenômeno desde o conceito de “distância”. Todas partem da evidente constatação de que existe uma divisão espaço-temporal que torna impossível a interação direta entre professor e aluno.

Há autores que enfatizam diretamente a noção de distância, observando como fato mais singular a principal característica que é a separação física entre professor e estudante<sup>96</sup>. Outros enfatizam a possibilidade de que o aluno na formação a distância não requer freqüentar regularmente ao estabelecimento que difunde o saber<sup>97</sup>.

Para outros é uma forma de ensino internalizado onde o ensino oral desempenha um papel subordinado e se limita a alguns períodos intensivos, espaçados durante a sessão ou ano acadêmico.<sup>98</sup> E ainda é uma característica relevante que alude à impossibilidade do encontro presencial paralelo entre professor e estudante, cremos que não atinge a abrangência essencial e real importância da Educação a Distância.

Para Casas Armengol<sup>99</sup>, o termo Educação a Distância cobre um amplo espectro das diversas formas de estudo e estratégias educativas, que têm em comum o fato de não acontecerem mediante a tradicional proximidade física contínua, de professores e alunos em locais especiais para fins educativos: esta nova forma educacional inclui todos os métodos de ensino nos quais, devido à separação existente entre estudantes e professores, as fases interativas e pró-ativas do ensino, são conduzidas mediante a palavra impressa e/ou elementos mecânicos ou eletrônicos.

De outra perspectiva, se esclarece sobre os comentários de certos autores que vêem na essência da Educação a Distância um processo que a define: o da capacidade “autodidata” ou auto-aprendizagem dos estudantes assistidos pelos diversos, e atualmente numerosos, elementos que conformam a rede de apoio da formação a distância.

Assinalam que o ensino a distância “é uma forma de ‘autodidaxia’ assistida que permite ao estudante adulto acesso as fontes mediadoras de saberes, sem a intervenção clássica de um professor, mas com o apoio de uma rede de recursos que acompanham adequadamente sua aprendizagem”<sup>100</sup>.

Constata-se, também, ao mesmo tempo em que se procurou uma definição de Educação a Distância acentuando outra de suas características constitutivas, que é a mediação. Esta foi progressiva e sustentada desde a invenção da tipografia, e a conseguinte democratização do conhecimento que impulsionou, até as atuais redes telemáticas que globalizaram com velocidade vertiginosa a informação e o saber. Quem adota esta visão não

<sup>95</sup> García, 2000.

<sup>96</sup> Rumble, 1979.

<sup>97</sup> Keegan, 1986.

<sup>98</sup> Willén, 1981.

<sup>99</sup> Casas Armengol, 1982.

<sup>100</sup> Henry y Kaye, 1985



duvida em atribuir o incremento que experimenta hoje a Educação a Distância ao fato do desenvolvimento e progresso dos meios tecnológicos que mostra insuspeitos alcances.

Também encontramos definições que se baseiam no *modus organizacional* desta modalidade e assim concluem que a formação a distância resulta do planejamento, a orientação (instruções, atividades, etc.) e do enquadramento de uma organização de apoio.<sup>101</sup>

Este último autor expressa que a Educação a Distância detém um verdadeiro caráter de comunicação em massa, pois “o curso produzido é utilizado facilmente por um grande número de estudantes e com um mínimo de gastos, a Educação a Distância pode ser, e é com frequência, uma forma de comunicação em massa”.<sup>102</sup>

Também se aproximando desta vertente, temos a definição de Peters<sup>103</sup> para o qual o ensino a distância (*fernunterricht*) é um método de difusão do saber, das habilidades e atitudes, racionalizado pela aplicação da divisão do trabalho e dos princípios organizacionais, bem como pelo uso de meios tecnológicos com a finalidade de reproduzir material pedagógico de alta qualidade que permita atingir um grande número de estudantes ao mesmo tempo, sem importar onde vivem.

Estas são aproximações tributárias dos princípios industriais da produtividade: contemplam o fenômeno contemporâneo da divisão do trabalho, a progressiva mecanização dos processos, a produção em grande escala, a crescente automatização, a primazia e controle do discurso científico, o planejamento sistemático e a paulatina concentração e centralização, características centrais da globalização.

De acordo com a legislação brasileira, pode-se conceituar ensino a distância como: “... uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação” (Diário Oficial da União decreto n.º. 2.494, de 10 de fevereiro de 1998).

Considerando o EAD a partir desta perspectiva conceitual, entende-se que esta metodologia de aprendizagem dispensa o professor em seu papel de “expositor de conteúdos e conhecimentos”. No ensino a distância, os alunos e professores estão separados pela distância e algumas vezes também pelo tempo. Partindo dessa premissa, pode-se afirmar que o EAD está vinculado à mídia e ao meio de comunicação que permite o contato entre as pessoas envolvidas nos cursos (relação aluno/aluno; aluno/professor).

O ensino a distância pressupõe o auxílio de algum tipo de mídia. Em virtude de os alunos e os professores estarem distantes uns dos outros, a utilização de algum tipo de tecnologia é necessária a fim de que o contato ocorra. Até os anos 80, as tecnologias disponíveis eram poucas e simples para produção, acesso e interação dos cursos a distância. As organizações do segmento de EAD baseavam seus métodos em material impresso, programas em áudio, vídeo ou transmissões em TVs e rádios educativas.

Historicamente, pode-se segmentar o EAD em três gerações: A primeira geração era composta por tecnologias rudimentares, como material puramente impresso, o que minimizava o processo de interação do aluno com o conhecimento. Já a segunda geração, promoveu as integrações dos recursos audiovisuais. Nesta fase, o ensino a distância começou a utilizar meios com áudio e vídeo, como fitas cassetes e de vídeo, ensino através da televisão, dentre outros recursos. Entretanto, somente a partir dos anos 90 que o EAD entrou na terceira geração. Nesta fase, a integração de redes de conferência via computador e estações multimídia abriram maiores possibilidades de gerar comunicações bilaterais entre alunos e professores. Através da utilização de recursos como a Internet, satélites e diversos aplicativos eletrônicos, os alunos são capazes de participar de teleconferências, videoconferências e seminários *on-line* o que torna o EAD, nesta fase, altamente interativo.

Uma preocupação inerente à exploração devida do potencial da comunicação que as mídias da terceira geração oferecem é ancorada na proposta pedagógica dos cursos *on-line*. Pesquisadores e pedagogos buscam maneiras de criar espaços de interação que atendam as necessidades de professores e alunos. A criação desses ambientes virtuais de aprendizagem ocorre a partir da criação de cenários que compõem interfaces instrucionais para a interação de alunos. Estes ambientes incluem ferramentas que sustentam a aprendizagem através de interações, reflexões e troca de experiências. Conceitualmente, estes ambientes denominam-se *learning management system* (LMS) ou mesmo, ambiente virtual de aprendizagem. O desenvolvimento de plataformas LMS é hoje um desafio para todas as empresas que buscam se inserir em ambientes de EAD, devido à alta complexidade na construção de tais ferramentas.

Mesmo estando em uma posição de pleno destaque no âmbito internacional no que se refere ao ensino a distância, o Brasil precisa investir pesadamente na qualificação de pesquisadores nesta área de mercado a fim de assegurar uma vanguarda em pesquisa e desenvolvimento na indústria do EAD e, conseqüentemente, contribuir positivamente para uma maior e melhor capacitação no ensino no país.

Merece destaque a atuação da UnisulVirtual é o campus da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) responsável por todos os projetos e programas na área de ensino a distância (EaD). A Fundação Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul é uma instituição comunitária, criada pelo poder público do município de Tubarão (SC) em 1964.

Foi reconhecida como universidade pelo Ministério da Educação (MEC) em 1989. E, desde 2002 está credenciada pelo MEC para oferecer cursos de graduação e de pós-graduação a distância, com abrangência para atender alunos em todo o território brasileiro.

Atuando na oferta de educação a distância desde 2001, a UnisulVirtual conta com uma equipe de alto nível e sedia em Santa Catarina, no município de Palhoça, um centro de referência para EaD em língua portuguesa para programas de cooperação internacional a distância ofertados pela Organização dos Estados Americanos (OEA). A UnisulVirtual é responsável pela oferta de cursos a distância e também o suporte para a oferta de disciplinas a distância para alunos dos cursos de graduação presenciais da universidade, a capacitação de docentes e

<sup>101</sup> Holmberg, 1973.

<sup>102</sup> Holmberg, 1985.

<sup>103</sup> Peters, 1973.





técnicos para o uso pedagógico de metodologias de EaD e o desenvolvimento de tecnologias web para uso na EaD e no ensino presencial da Unisul.

A UnisulVirtual também atua através de cursos corporativos, dirigidos a empresas e instituições.

Os cursos de pós-graduação, graduação tecnológica, de licenciaturas ou de bacharelados conferem diploma com validade em todo o país, e com total equivalência a diplomas dos mesmos cursos oferecidos na modalidade do ensino presencial. A UnisulVirtual tem hoje mais de seis mil alunos regularmente matriculados em cursos de graduação, de pós-graduação e de aperfeiçoamento profissional.

Os cursos de graduação tecnológica conferem diploma a partir de dois anos de estudo. As licenciaturas conferem diploma ao final de 4 anos de estudo, e os bacharelados têm duração de três ou quatro anos.

Assim, os candidatos que vierem a ser aprovados no processo seletivo terão a possibilidade de concluir um curso superior e obter um diploma de graduação a partir de dois anos de estudo.

Para atuar com educação superior a distância, em atenção ao parágrafo primeiro do artigo 80 da Lei 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a Unisul está devidamente credenciada pela União, conforme os seguintes dispositivos:

- a) Abrangência Nacional: Portaria MEC 2.146, publicada no Diário Oficial da União de 20 de julho de 2004. Página 99, seção 1, autorizando a Unisul a atuar em todo o território nacional na oferta de cursos superiores a distância.
- b) Nível de Graduação - Portaria MEC n.º 1.067, de 8 de maio de 2003, publicada no Diário Oficial da União em 9 de maio de 2003.

Na UnisulVirtual, este processo de aprendizagem é enriquecido com a integração entre alunos e professores, dos alunos com os seus colegas e dos alunos com as equipes de apoio da UnisulVirtual. A comunicação ocorre com o uso de tecnologias da comunicação e da informação, formando comunidades virtuais de aprendizagem. Os alunos contam ainda com materiais didáticos impressos e *on-line* que são disponibilizados no início de cada disciplina. Recebem guias de estudo para orientar a aprendizagem na educação a distância, guias com as orientações específicas de cada curso e, ainda, contam com manuais de orientação e com equipes de monitores que auxiliam o aluno a utilizar os recursos da internet na educação a distância.

A UnisulVirtual auxilia os alunos para que eles possam alcançar sucesso na aprendizagem a distância. Orienta para que eles façam um planejamento com organização do tempo para o estudo individual e para a interação com professores e outros colegas do curso, além, é claro, de estratégias que o próprio aluno estabelece para estudar de acordo com suas características pessoais.

Nos cursos superiores os alunos participam de aulas inaugurais de integração à universidade, que são transmitidas via satélite para os diversos locais credenciados pela Unisul em todo o Brasil. Os professores oferecem atendimento para tirar as dúvidas dos alunos durante o período de oferta das disciplinas. As etapas de avaliação presencial, acontecem ao final de cada bimestre letivo nos locais credenciados pela Unisul, e que pode ser escolhido no processo seletivo ao início de cada curso. Atualmente são locais abrangidos: todas as capitais do Brasil, e também nas cidades de Ribeirão Preto (SP), Chapecó (SC) e Santa Maria (RS).



Fonte: [www.unisul.br](http://www.unisul.br)

### Considerações Finais

O principal foco desse artigo é apresentar ao 3º Encontro Açoriano de Lusofonia informações sobre a Educação a Distância, como uma ferramenta de transmissão e aquisição de conhecimento. A utilização dessa modalidade de ensino, oferecendo cursos de graduação, especialização ou dando suporte às aulas presenciais



através do uso da EaD, proporciona aos alunos da Unisul um ambiente de aprendizagem *on-line*, onde os alunos têm acesso a material específico das disciplinas, debatendo com outros alunos e com o professor sobre o conteúdo, tirando dúvidas, verticalizando o conhecimento através de leituras e material de apoio disponíveis no ambiente de aprendizagem.

Os benefícios, ou grande parte deles, alcançados com a implantação de uma metodologia de educação a distância em uma instituição, são indiretos e dificilmente podem ser avaliados qualitativamente com precisão, sendo necessário para tal que sejam considerados diversos aspectos da realidade do período que precedeu a implantação da EaD e comparados com os parâmetros e resultados obtidos após a utilização desta metodologia.

A experiência tem mostrado que a introdução da educação a distância nas instituições de ensino, assim como aconteceu com a inserção do *e-learning* nas empresas, permite um aprimoramento qualitativo no processo de aprendizagem e uma expansão quantitativa na clientela atendida. Já se tornou senso comum o fato de que a EaD veio, não para substituir as formas tradicionais de ensino em sala de aula, mas sim para complementar e ampliar esses momentos de aprendizado. Todavia, limitações inerentes ao domínio e à absorção da tecnologia informatizada, do enfrentamento de uma nova forma de ensinar e aprender, da mudança de paradigma educacional com a transformação de aluno em aprendiz e do professor em tutor e da afirmação da EaD como metodologia educacional de sucesso, ainda haverão de perdurar por algum tempo.

No modelo tradicional de educação, a transmissão de conhecimentos é totalmente centrada no professor. Ele exerce o controle sobre o grupo de alunos e passa-lhes a informação sobre o tema em estudo. Os alunos acabam por reproduzir o ponto de vista do professor e adaptar-se ao seu ritmo de ensino, confinados em um determinado lugar e horário. A avaliação da aprendizagem se fundamenta em questões que o professor já conhece a resposta certa e o resultado vem em forma de uma nota. Nessa situação, há uma acomodação do aluno, já que o processo não exige, em sua maioria, envolvimento ou reflexão. Apesar do sistema educacional ser presencial, a interatividade é praticamente inexistente.

Na EaD se busca a interatividade que exige ações dinâmicas, envolve atividades complexas como comprometimento, reflexão, questionamento crítico, argumentação, resolução de problemas, busca de caminhos e respostas próprias, construção de proposições, elaboração e posicionamentos pessoais, estabelecimento de associações, comparações, análise, discussões, incentivo ao desenvolvimento da criatividade e responsabilidade sobre o próprio desenvolvimento, tirando o aluno da dependência do professor, aumentando a sua responsabilidade e encorajando-o ao controle do seu aprendizado, contribuindo para a sua autoconfiança. Portanto, pode-se afirmar que a análise e discussão sobre o futuro da EaD representam uma reflexão sobre o futuro da educação.

Espera-se que a experiência obtida com a implantação dessa modalidade de ensino pela Universidade do Sul de Santa Catarina possa ser utilizada para proporcionar apoio na definição de normas e recomendações para a utilização da educação a distância e que também possa fornecer suporte no estabelecimento de políticas educacionais a curto, médio e longo prazos, que culminem em um programa institucional de educação a distância acessível a outras instituições de ensino superior.

#### Referência Bibliográfica:

- ARETIO, Lorenzo García (2000). Educación a Distancia: de la teoría a la práctica. 329 p. Barcelona: Ariel.
- BALL, S. y Green, E.J. (1974). Aprendizaje, Enseñanza y Tecnología Educacional. Buenos Aires: Paidós.
- CASAS ARMENGOL, M. "Docencias y Nuevas formas de Aprendizaje en Universidades a Distancia en Iberoamérica". In: Revista Iberoamericana de Educación Superior a Distancia (RIED) 1, 2, 11-24.
- CHADWICK, C. B. (1978). Tecnología Educacional para el docente. Buenos Aires: Paidós.
- Diário Oficial da União decreto n.º. 2.494, de 10 de fevereiro de 1998.
- Estrategias de enseñanza y aprendizaje. Formación del profesorado y aplicación en el aula. Editorial Graó, de Serveis Pedagògics. Barcelona. 1997.
- GIASSON, G. 1 La lecture: De la theorie à la pratique. Gaëtan Morin éditeur. Montreal
- HOLMBERG, Börje (1985). Educación a distancia: situación y perspectivas. Buenos Aires: Editorial Kapeluz.
- KAYE, A. (éd.), Distance Teaching for Higher and Adult Education. Croom Helm, London, 1981.
- KEEGAN, D. (1991) Foundations of distance education. 2a.ed. Londres: Routledge
- MAYOR, J. Hacia una estrategia de búsqueda exhaustiva para la comprensión profunda de textos escritos. Intervención psicopedagógica. Edit. Pirámide. Madrid. 1993. p. 66-90.
- MARTÍNEZ, Sánchez Francisco. (2003) Algunas consideraciones sobre comunicación ante una enseñanza por medio de las nuevas tecnologías Doctorado en Tecnología Educativa.
- PERRY, W.; Rumble, G. (1987). A short guide to distance education. Cambridge: International Extension College.
- PINA, Antonio R. Bartolomé. Concepción de la tecnología educativa a finales de los ochenta Departamento de Didáctica y Organización Educativa Universidad de Barcelona.
- RODRIGUES, R. Modelo de avaliação para cursos no ensino a distância: estrutura, aplicação e avaliação. Florianópolis, Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1998.
- RUMBLE, G e Oliveira, J.(1992) Vocational Education at a Distance. International perspectives. London: Kogan Page.
- PARÍS, S.G. D y Lipson. Informed Estrategies for Learning. A program to improve children's reading awareness and comprehension. Journal of Educational Psychology. 1984. p. 1239-1252
- WILLÉN, H. Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

---

## 36) M<sup>a</sup> do ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO dos SANTOS

## 37) MANUEL JOSÉ SILVA

Maria do ROSÁRIO GIRÃO Ribeiro dos Santos doutorou-se na Universidade do Minho, com uma tese intitulada *À sombra de Baudelaire. Estudo da recepção de Baudelaire na Literatura Portuguesa. De finais do Romantismo ao Modernismo*. Desde então, tem vindo a leccionar disciplinas no âmbito da Literatura Comparada, Literatura Portuguesa/Literatura Francesa e Literatura e Mito, e a orientar teses de Mestrado e de Doutoramento. Em 2007, publicou o ensaio *Os 'Fantasmas' de Tróia: La bella Elena* (sobre o mito literário de Helena de Tróia



quer nos textos clássicos, quer nas literaturas portuguesa, francesa, italiana e inglesa). Encontra-se, actualmente, a finalizar o estudo *O retrato do artista. Ensaio sobre estética*, no âmbito da literatura comparada. As suas últimas publicações em revistas, nacionais e internacionais, vêm a seguir elencadas: ✍ "Para uma poética da saudade em Lucian Blaga e em Teixeira de Pascoaes", in *Colóquios de Outono 2005-2006. O poder das narrativas as narrativas do poder*, Braga, 2007, pp. 25-48. ✍ "Autour de la réception de Monsieur Proust au Portugal", in *Marcel Proust Aujourd'hui 5*. Amsterdam – NY, Rodopi, 2007, pp. 187-216.

**Manuel José Silva** doutorou-se na Universidade de Caen, França, tendo feito um "Doctorat d'État" intitulado "Quelques aspects de la complémentation verbale dans la phrase simple en français contemporain", e acaba de publicar o ensaio intitulado *La langue française et l'Histoire*.

NATÁLIA CORREIA E CARLOS WALLENSTEIN: O TEMA DA METAMORFOSE

**Maria do Rosário Girão Ribeiro dos Santos e Manuel José Silva, (Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Braga).**

Conquanto se afigure interessante a convergência de olhares de Natália Correia e de Carlos Wallenstein sobre a açorianidade, patente quer em entrevistas quer em crónicas, não é tanto a visão de uma realidade sociocultural balizada pelo tempo que de sobremaneira nos interessa, mas antes o estudo do tema da metamorfose - definida através das suas múltiplas vertentes - nas novelas dos autores *supra* referidos, nascidos em 1923 e em 1925, respectivamente.

Assim sendo, e após breve 'digressão' pelas novelas de Wallenstein intituladas "Metamorfoses" e "A maravilhosa história do Internamento", quedar-nos-emos numa sinopse comparativa entre "O aplaudido dramaturgo curado pelas pílulas Pink", de Natália Correia, e "O Senhor Venâncio Não Quer Táxi?", de Carlos Wallenstein, enfatizando a importância capital do tema do 'duplo' e do motivo da máscara, ou, por outras palavras, a antinomia ilusão *versus* realidade.

É, então, que penetramos no fantástico, no reino das sempiternas dúvida e incerteza (no que respeita à intenção do autor, à técnica compositiva do texto e à recepção por parte do leitor), no questionamento do estatuto ontológico do universo real, na implantação do mistério por entre as brechas da realidade convencional e na produção de um efeito de 'desterritorialização', tendente a um júbilo intelectual e hermenêutico advindo do domínio dos códigos da representação.

Um fantástico moderno açoriano traduzindo a revolta contra o desencanto do mundo? E, porventura, a superação desta revolta mediante produção indefinida de sentidos... susceptível de dar um sentido à existência?

Em Junho de 1981, Carlos Wallenstein escrevia, no Continente, o poema "Açórica 32", de que transcrevemos o *incipit* e a quarta quintilha:

"Nasci no limite das casas  
entre mar e matagal./[...]  
De milénios ilha impante  
geme treme. Ronda infinda  
maré a maré, as escunas  
do que nos rói e destrói  
nos arrepanha e cogita./[...] (Wallenstein, 1998a:165)

Do mesmo modo, em entrevista concedida a Edite Soeiro e publicada na revista *Notícia* (Luanda, 25 de Janeiro de 1969), Natália Correia - que sempre manifestou, para nosso pesar, o seu desagrado por Colóquios<sup>104</sup> - expunha em discurso directo as suas origens:

"- Nasci em S. Miguel (Açores) e no ambiente da minha infância se podem encontrar alguns elementos que se vieram reflectir na *Madona*. Não são reproduções exactas daquilo que se passou nesse período, mas representam impressões colhidas." (Correia, 2004: 38).

Nesta sequência, não se nos afigura despidianda a abordagem, conquanto sucinta, da convergência de olhares de Natália Correia e de Carlos Wallenstein sobre a açorianidade: se, para a autora de *Mátia*, "S. Miguel era um meio muito exíguo" não propício ao desenvolvimento espiritual (Correia, 2004:39), para Carlos Wallenstein, actor, encenador e dramaturgo, o arquipélago açoriano é uma "admirável terra que não tem culpa do atraso cultural a que está - e, segundo parece, continuará - votada." (Wallenstein, 1998b:186). Do mesmo modo, enquanto a ilha de Natália Correia prima por um "matriarcado incipiente", revelando-se a mulher açoreana "um ser perfeitamente diferenciado e de grande personalidade, sobretudo naquilo que respeita a uma intervenção nas soluções de problemas da vida." (2004:39), a mulher das ilhas vive, segundo Wallenstein, "consciente da sua luta, dos seus valores morais e da sua posição social", exercendo "uma influência larguíssima, como não podia deixar de ser numa sociedade concebida, realizada e dominada pela Igreja Católica." (1998b:186). Esta visão global não raro se particulariza em comparações secundárias, mas nem por isso pouco dilucidativas, de que constitui exemplo flagrante o paralelismo entre o Coliseu de Ponta Delgada e o Olímpia de Lisboa, quiçá ditado pela emergência, em Carlos Wallenstein, de uma "compensação afectiva".

"Sou uma devota espectadora dos filmes fantásticos. Devoção que durante anos me tributou com a pulga do Olímpia que tinha por missão punir os desertores dos *écrans* bem comportados." (Correia, 2004:149).

"[...] o Coliseu de Ponta Delgada também cheirava a creolina; e, como no Olímpia, também lá havia pulgas [...] as *matinéas* do Coliseu também eram turbulentas e a elas assistia um rapazio ruidoso - porém nos ócios do Domingo; enquanto no Olímpia era nítida a vagabundagem da grande cidade e a ocorrência de trabalhadores,



assíduos devido à mobilidade das sessões permanentes, adaptáveis a horários extravagantes.” (Wallenstein, 1998b: 237-238).

Não é tanto, porém, esta sociologia da açorianidade que de sobremaneira nos interessa nas novelas dos autores supracitados, mas antes o estudo do tema da metamorfose e da figura do duplo, susceptíveis de desaguiarem quer numa fantasia insólita de cariz mais ou menos lúdico, quer numa freudiana “inquietante estranheza”, quer no reino da sempiterna dúvida que é o fantástico<sup>105</sup>.

Detenhamo-nos, em primeiro lugar, nesse *magnum opus* ovidiano, onde as metamorfoses descrevem a história da humanidade, desde o caos primitivo até aos tempos modernos, e onde o poeta da Antiguidade se entrega, com indubitável prazer, à concepção da literatura como jogo, mercê do seu talento experimental de explorador do universo pela linguagem, posto que “la découverte du monde passe pour une prospection des possibilités verbales.” (Jouteur, 2001:304).

De seguida, atentemos na indissociabilidade ontológica entre a mudança e o ser (Achard-Bayle, 2001:75), passando pela metamorfose exterior (transformação a que procede o olhar de outrem), pela metamorfose interior (transformação operada pelo olhar sobre si próprio) e desembocando na morte, como definitiva e absoluta metamorfose do corpo (Borel, 1992: 65).

Sem olvidar a diferenciação teórica entre metamorfose e anamorfose (implicando o primeiro conceito um processo de transformação, caracterizando o segundo uma relação de deformação), transitemos para a metamorfose moderna, definida tanto como expressão fixa e concreta dos *eus* múltiplos e conflituosos, como em termos de exteriorização de paixões recalcadas, passíveis de configuração de uma resposta ambígua às complexas questões que a identidade suscita.

Quedemo-nos, por fim, partindo do duplo princípio que a dualidade rege física e psiquicamente o nosso ser e que a estrutura binária remonta aos tempos primordiais de Mircea Eliade, no tema do duplo (do *alter ego*, do *sósia*, do *doppelgänger*, do *sobowtor*) e nas variegadas figuras que lhe subjazem. Movendo-se de modo ‘anfíbio’ entre a complementaridade e a concorrência, relevando da ilusão e da alucinação, afirmando-se como uma réplica imaginária do original ou como um simulacro de aparência sinónimo de construção do espírito, assumindo-se como o horizonte da mimese tendente para um ideal contraditório e fugaz, o duplo pode constituir não só um “être de regard” (Troubetzkoy, 1996:5) ou, por outras palavras, uma figura teatral, mas também reenviar ao cerne do fantástico, arvorando-se como objecto de hesitação ou alvo de incerteza. De facto, mediante a sua transição do teatro para o romance, é-nos dado assistir a uma interiorização do tema do duplo, que se volve em fantasma obsessivo, colmatando a fissura entre o homem deserdado por Deus e o universo, carecente de sentido, que o ultrapassa, projectando sem controlo as suas mais profundas zonas de sombra, explorando os confins da dolorida consciência, exacerbando patologicamente a autoscopia e representando uma experiência tripartida cujos vértices são o corpo fragmentado, a sombra e o reflexo: neste último caso, a *imago sui* funde-se e confunde-se com a *imago alii*, a identidade com a alteridade, o exterior com o interior e a pessoa com a *persona*, com a efígie e com o espectro.

Folheando a obra em prosa de Carlos Wallenstein - na qual se insinua não sub-repticiamente o campo lexical da ilusão a cruzar-se com aqueloutro da mudança<sup>106</sup> -, deparemos com uma novela intitulada “Metamorfoses”, cuja título não deixa de gorar as nossas expectativas, por tão-somente traduzir a metamorfose caracterológica ou, plagiando a expressão barthesiana concernente à escrita, o ‘grau zero’ do fantástico: nela, conta-nos o narrador os seus três encontros (ocorridos na “Cidade Invicta”) com Vitória, mestre na arte de uma argumentação capitosa que preside e justifica os inúmeros volte-face da sua existência. No primeiro encontro, sustenta incondicionalmente Vitória a excelência da luta greco-romana, que seu marido e o narrador praticavam: “O Futebol? - Uma selvajaria! O boxe? - Outra! A luta greco-romana, sim!” (1998b:195); no segundo encontro, ocorrido anos indeterminados após o primeiro, surge em cena uma outra Vitória que, tendo contraído de novo matrimónio por falecimento do cônjuge, ostenta a sua admiração entusiasta pelo Benfica, já que “se Portugal existe como país independente, deve-o [...] à admirável existência do Benfica.” (1998b:196). No terceiro encontro, reaparece no palco uma Vitória perdida de amores por um jogador do Futebol Clube do Porto, “uma organização que é não só uma honra para a Península Ibérica, [...] mas também, para os milhões de adeptos, uma religião.” (1998b:197). E remata, assaz humoristicamente o narrador, a sua crónica pedindo-lhe “que se acontecesse outra *mudança* me [lhe] comunicasse. E daqui lhe lanço publicamente outra vez semelhante apelo porque preciso de temas para estas crónicas.” (1998b:197). Assinalamos, de passagem, que o lexema *mudança* se encontra grafado em itálico...

Nos antípodas desta personagem caleidoscópica, dotada de uma volubilidade vertiginosa, situa-se o deuteragonista (ou protagonista?) da novela de Natália Correia intitulada “O aplaudido dramaturgo curado pelas pílulas pink”, protagonizada por um narrador que se vê confrontado amiúde por um indivíduo inominado que “não tinha sempre a mesma cara mas também não se pode dizer que as suas caras fossem diferentes. Havia uma unânime solicitude nessa diversidade. Solicitude ora rosa ora cinza que tanto se aprestava a satisfazer o nosso bem-estar como a não menos premente necessidade de nos sabermos infelizes.” (2003:379). Oportuno se torna realçar que, mau grado a sua metamorfose corpórea/facial, esta instável personagem firma, nas situações mais diversificadas, a sua identidade graças a uma identificação profissional que sobreleva as demais.

“- Eu sou o aplaudido dramaturgo curado pelas pílulas pink. [...]

Foi em Lisboa. [...] Apoiou as mãos na secretária e, inclinando-se para mim, identificou-se com orgulho:

- Eu sou o aplaudido dramaturgo curado pelas pílulas pink. [...]





Fique sabendo que me encontra no exercício de um dever profissional. Sou um dramaturgo. O aplaudido dramaturgo..." (Correia, 2003: 381-382).

Vendedor de toda a gama de veículos requeridos pelo homem ao longo do seu percurso existencial (carro de bebé, carro nupcial, carro de corridas e carro funerário), prestimoso terapeuta da solidão do narrador ao lançar-lhe para os braços o erotismo sapiente de uma italiana e, contraditoriamente, puritano radical ao verberar junto do gerente do hotel, em tom moralizador, esse universo de corrupção para o qual ele contribuirá, jovem revolucionário que, lesto, adverte a personagem principal da infidelidade da esposa com um outro que não é senão ele próprio, sinodoicamente caracterizado por uma "calva aterrada", o "aplaudido dramaturgo" revela-se uma personagem plural, enigmática e descoroçoante em termos hermenêuticos. Abatido pelo revólver justiceiro do marido enganado, mas logo ressuscitando, qual Fénix ou Hidra, sob a forma de agente secreto do Exército de Salvação, não se coíbe de sugerir ao narrador-personagem viúvo (entretantes, a mulher suicidara-se...) <sup>107</sup>, em digressão turística pela Suíça, o obséquio de lhe tirar uma fotografia, com o escopo de garantir a sua reputação para a eternidade. O *explicit* da novela não deixa de ser esclarecedor quanto ao seu não esclarecimento de sentido, espoletado por surpreendente reviravolta de matriz simbólica:

"No dia seguinte, quando fui ao estúdio onde mandara revelar a película, perturbou-me o facto tecnicamente [*sic*] inexplicável do dramaturgo não se encontrar na fotografia em que maliciosamente quisera figurar, assim como quem trama: 'Com que então, verme, querias a prova fotográfica da existência de Deus?'" (2003:383).

Quem é, afinal, este dramaturgo ficcional e qual a razão das suas contínuas metamorfoses?

Se o que a metáfora opera na linguagem é materializado, na vida concreta, pela metamorfose... não será lícito encarar as metamorfoses do "aplaudido dramaturgo" como metáforas da escrita? E, nesta ordem de ideias, não poderá identificar-se o solícito dramaturgo ao duplo de um narrador à procura de personagens e não ao duplo de personagens pirandellianas em busca de um autor? Nesta conjuntura, parece adquirir nova significação o discurso identitário (por parte do dramaturgo...) de cariz meta ficcional (ou, melhor dizendo, metateatral) que perpassa na novela em exegese.

"Falou [o dramaturgo] na lista telefónica que era uma aflição de personagens à procura de um autor, [...] Porque a guerra não é mais do que um desenvolvimento lógico da libertinagem. Demonstro isso nas minhas peças. [...] Sou um dramaturgo de vanguarda. Combato a velha dramaturgia que vive do triângulo clássico. Mas a vida persiste em ser académica. Impõe uma realidade que é a justificação da arte dramática conservadora. O senhor [narrador] é o perfeito exemplar do argumento que essa fauna reaccionária usa para rebater as minhas teorias. [...] O senhor é o culpado de tudo isto. Nunca percebeu que a sua mulher era uma personagem." (2003:379-381-382).

Não estaremos, pois, perante o caso de um duplo objectivo revelando à saciedade, mediante a repetição compulsiva, uma intenção irónica (1996:100) inerente à relação irónico-trágica do sujeito com o mundo? Todavia, pelo seu dom de ubiquidade e mestria de 'contorcionismo', não se fundirá este duplo externo, através da metamorfose, com o duplo subjectivo <sup>108</sup> do narrador? E não se afirmará este último como o duplo do autor que, por seu turno, duplica Deus? Se criar se aparenta a *dizer* e a *nomear*, com vista a *fazer existir*, e se a criação pressupõe o Verbo divino, o escritor poderá, eventualmente, tornar-se um demiurgo, um duplo de Deus, no que respeita à invenção de mundos outros: no entanto, enquanto Deus gerou um universo uno e único, o artista limita-se a inventar uma pálida réplica, um ténue simulacro do modelo, uma débil imitação do original, um 'fantasma' nostálgico da perfeição do "Início", veiculando uma aspiração frustrada à divindade (Troubetzkoy 2001:53).

Vem a propósito, neste contexto, revisitar a obra de arte, o retrato em particular (na senda quer desse assassínio pictórico que é *O retrato oval* de Edgar Allan Poe, quer dessa especularidade em sentido inverso que constitui *O Retrato de Dorian Gray* de Oscar Wilde), que pode exercer a função de duplo, exteriorizar o desejo nele depositado por um contemplador embevecido, augurar um destino, em geral maléfico, e entrar não raro em concorrência, sonhando-lhe o lugar, com a personagem que dá a sensação de duplicar. É o caso de "O Segundo da Esquerda" de Carlos Wallenstein, em que o narrador, tendo feito a aquisição, instigado por sua esposa Ilda, de um quadro antigo <sup>109</sup> reproduzindo uma cena marcial - e bem significativamente pendurado na parede fronteira à cama do casal -, constata, mediante segmento proléptico, o carácter de profecia deste pictórico livro do *fatum*, onde se parecem irreversivelmente inscrever os estigmas de eventos futuros: "Só muito depois relacionei [o narrador] o facto de ela ter insistido na compra com acontecimentos que se me vitimaram [*sic*] três ou cinco anos depois." (1998b:131). E é precisamente três ou cinco anos depois que Ilda abandona o marido, desaparecendo de casa sem lhe "deixar outras palavras, além do nome e da morada do polícia" (1998b:133), em companhia do qual se arvora ufana e no qual reconhece o narrador-personagem um certo ar de familiaridade. "- Quem demónio será aquele polícia? - cismava eu." (1998b:133). Eis que, olhando casualmente para o quadro, a memória não lhe tarda a ser avivada por artes do maquiavelismo subjacente ao acto criador profético de um artista dos tempos idos:

"[...] o polícia: era o segundo da esquerda. Figurava no quadro que Ilda tanto insistira para eu comprar! [...] Ultimamente tenho andado assoberbado por extensíssimas preocupações e tremido de medo: pois se em tempos recuados um artista pintou (e muito bem) prevendo que séculos depois um honrado cidadão seria



vilmente atraído pela mulher amada, bolas para a pintura, bolas para a humanidade, bolas para a vida, bolas para a morte!" (1998b:133).

Oscilando no limbo do interior e do exterior, manipulando o *eu* e o *outro*, não se inibe o 'fenómeno' de sair afavelmente de uma moldura antiga, dotado de prodigiosa animação, a fim de invadir a dimensão convencionalmente designada por realidade, sobrevivendo, por vezes, ao original ou, então, desaparecendo por morte deste último. Afinal, o duplo, longe de se apresentar *bona fide* como figura inocente, detém valor de sintoma semântico, de espaço decisivo no qual se adivinha uma significância escondida (Morel 2001:23), em íntima correlação com os anéis não concretizados da psique, com as decisões reprimidas da vontade e com "le degré extraordinairement élevé d'inquiétante étrangeté qui s'y rattache." (Freud 1988: 238).

A fim de reforçar a ambivalência do duplo, 'fenómeno' temático estritamente ligado a essa categoria estética que é o fantástico, debruçemo-nos na novela de Wallenstein intitulada "O Senhor Venâncio Não Quer Táxi". Na esteira de um ataque - "Caiu verticalmente. [...] ao meio-dia, na sombra" (1998b:33) -, o Sr. Venâncio - que sempre cultivara o isolamento e mantivera incógnita a sua vida particular - apanha um táxi rumo à pensão na qual está hospedado, recolhe ao leito onde permanece longo tempo, paga a conta ao médico - como que dispensando os seus serviços... - e, na posse de bem poucas moedas, decide esperar... Dona Branca, dona da casa e sua hospedeira, apresta-se a 'assistir' aos últimos momentos, nem que seja com um mero chazinho, da "criatura mais delicada que conhecera em toda a vida" (1998b: 40). Tendo, porém, D. Branca saído do quarto - "D. Branca retirou-se. Seguiu-a com os olhos. Mas ou fosse ilusão da sua vista ou o que quer que fosse pareceu-lhe que ela ficava no mesmo lugar, de pé, junto da cama." (1998b:35) -, depara o moribundo com *a mesma* e, paradoxalmente, com uma *outra* D. Branca:

"E era de facto a mesma mulher [...] a Senhora Branca. Somente o corpo parecia mais leve e correcto (corpo nunca atingido pelos anos e pelas cinco gestações de que D. Branca tanta falava com orgulho e com drama); dir-se-ia que de dentro de D. Branca daquele momento tinha saído uma menina branca prematuramente envelhecida, e as roupas não eram o saio grosseiro e desbotado, mas uma espécie de malha negra que lhe cingia o corpo [...]" (1998b: 35-36).

Esta outra Dona Branca, depois de o conduzir aos maelström do seu subconsciente - com o fito de lhe facultar um louvável auto-conhecimento até então escamoteado<sup>110</sup> - e de proferir um discurso anfigurítico - no qual se amalgamam o parlamento, o presidente do tribunal, os eclipses e o mito de Édipo -, marca-lhe um encontro para "Sexta-feira às quinze horas", no qual o Sr. Venâncio decide pontualmente comparecer, após uma longa e sacrificial viagem, não de táxi, por falta de dinheiro, mas a pé.

"Chegaram a um extremo do cemitério onde já não havia mausoléus. Ela apontou um coval aberto. Venâncio olhou-a, sorriram. Ele encaminhou-se para a direcção que apontava o braço dela. Sentou-se na beira da cova, com os pés pendentes para dentro. Acenou um adeus, sempre sorrindo e desapareceu na terra." (1998b:56). Urge, neste contexto, assinalar que o Sr. Venâncio sempre havia sentido horror por espelhos<sup>111</sup> e medo de espectros - tinha, aliás, "aspecto de aspirante a espectro" (1998b:34) -, evidenciando um inegável mal-estar perante "as superfícies polidas, as montras, os tanques, os automóveis estacionados, os rios, a luz." (1998b:34). Ora, como afirmam Jourde et Tortonese (1996:9), enquanto o espelho "insinue un doute sur l'indépendance du sujet", o reflexo "montre la subjectivité mêlée au monde des choses, inscrit dans la dureté polie des objets réfléchissants." Assim sendo, o reflexo do espelho projecta um destino, anuncia uma infelicidade e prediz não raro a morte, visto que, na óptica de Otto Rank<sup>112</sup>, é estreita a relação existente entre o medo do espelho e o medo da morte. É só, porém, a partir do momento em que a sombra e o reflexo diferem do original, porque deste último se apartam, conquistando almejada autonomia, que se começa a sentir uma profunda inquietação advinda da duplicação da identidade. Identidade e diferença subjazem, pois, ao reflexo, que é uma das mais antigas formas do duplo proteiforme; por um lado, o reflexo encarna um *alter ego* criado pelo desejo do eu; por outro, reenvia à cisão individual, pela via de um excesso de identidade perturbada pela lei da diferença. Nesta ordem de ideias, não pouco interessante e original se torna o desdobramento, na novela em causa, não do Sr. Venâncio mas de D. Branca, ou, melhor dizendo, a metamorfose da hospedeira a que assiste, intrigado, o hóspede não metamorfoseado, cuja hesitação é sobejamente traduzida pelas reticências...

"E os seus pensamentos, crescentes de ritmo, passaram a ser positivos, sistemáticos, quase utilitários:

'Talvez não fosse D. Branca. Talvez fosse a cabeça da *outra*: elas têm cabeças iguais.'

'Era com certeza D. Branca porque a *outra* ter-se-ia manifestado activamente. [...]'

'Mas não podia ser D. Branca porque...'

'Mas podia ser D. Branca porque...' (1998b:43-44).

Duplo de D. Branca, a *outra* (tipograficamente assinalada em itálico) mais não é, em termos psicanalíticos, do que a projecção de Venâncio, que à *outra* atribui o que no fundo deseja - mas vai adiando -, não sendo, contudo, capaz de o exteriorizar: a morte. Chega, porém, o instante em que o Senhor Venâncio - na sequência dos pensamentos da verdadeira D. Branca: "A 'coisa' não podia demorar." (1998b:47) - não acalenta quaisquer dúvidas no tocante à identificação da silhueta feminina duplicada: "A mulher, a *outra*, era efectivamente quem ele supusera." (1998b:49).

É então que dá início à sua célere e desenfreada peregrinação pelas ruas da cidade, cuja insensível harmonia contrasta com o esforço draconiano e respectiva humilhação de que são alvo quer as suas forças terminais, quer o seu sofrimento agónico.



“- Muito obrigado... – murmurou – não sei que foi isto... Já estou melhor... Não se incomode...

- O senhor não quer um táxi?

- Não obrigado...

- O senhor não pode andar... Apanhe um táxi. [...]

- Muito obrigado... Não tenho dinheiro... [...]

- Olha o bêbedo! – gritou um dos rapazes. – Olha o bêbedo! [...]

Escarneciam-no.” (1998b: 53-54).

Felizmente que a meta simbólica - para bem do Senhor Venâncio! - se aproxima da personagem e do leitor, traduzida por segmento descritivo, atravessado por sucessivos planos, que passamos a transcrever: “Lá no alto uma avenida de sicómoros e depois o resto, e depois uma paisagem de ervas tenras com um rio azul serpeando desde o horizonte.” (1998b:52).

Algumas conclusões podem ser, desde já, aventadas.

1. Tanto na novela de Natália Correia como na de Carlos Wallenstein temos presente o tema da metamorfose: enquanto na primeira a metamorfose é de cariz corporal, na segunda dá a sensação de ser mais caracterológica do que corpórea. Com efeito, a *outra* D. Branca tem “uma voz metálica, dura, invencível” (1998b:36) e não se furta a riscar um fósforo para acender um cigarro... No entanto, do ponto de vista do Senhor Venâncio, “a semelhança dela com a boa D. Branca fora apenas um subterfúgio, uma forma enganadora, uma daquelas grandes artimanhas que os deuses costumam tramar para emaranhar os homens.” (1998b:47).
2. Se na novela de Natália Correia parece ser lícito encarar o “aplaudido dramaturgo” em termos de duplo externo, com mais razão designaremos por duplo objectivo a *outra* D. Branca, atendendo a que o reconhecimento implica, por parte do sujeito, a detecção de diferenças provenientes do excesso de similaridade.
3. Porém, este duplo objectivo não raro se envolve em duplo interno, através da figura da projecção que paulatinamente se vai escorçando: o aplaudido dramaturgo não duplicará o narrador-personagem? Não constituirá a *outra* D. Branca cópia quase fiel da D. Branca genuína, que “tinha a certeza de que Venâncio havia de morrer delicadamente, como vivera”? (1998b:41) Uma D. Branca, lutuosa e trajada, através da qual, graças ao oxímoro, o Senhor Venâncio concretiza a união dos contrários?
4. Enquanto o narrador de “O aplaudido dramaturgo curado pelas pílulas pink” se firma como personagem, o Senhor Venâncio não passa de mera personagem em cuja interioridade penetra sagazmente o narrador.
5. Defluindo, porventura, dos itens precedentes, predomina na novela de Natália Correia um tom lúdico, contracarreado por efémera indignação e fugaz revolta, susceptível de ser delida pela compulsão da repetição do aplaudido dramaturgo nas mais caricatas situações; quanto à novela de Carlos Wallenstein, ela é perpassada por um crescendo de angústia, principiando na ânsia, passando pelo medo e terminando na serenidade face à “mulher admirável, a inesperada visitante que a tudo conduziu, suavemente como ela própria.” (1998b:42).
6. Todavia, se o narrador de “O Senhor Venâncio Não Quer Táxi” vai passo a passo destilando indícios que facultam um protocolo de leitura alicerçado numa representação alegórica da morte - “[...] Tenho uma suspeita horrível... Mas se és realmente quem penso, diz! Oh! Não me deixes nesta horrorosa situação de não ter a certeza... Tu és... tu és... [...]” (1998b:40) -, Natália Correia parece comprazer-se em deixar à deriva o seu leitor, recusando-se a partilhar directamente com ele o estatuto ontológico do universo real e jogando de contínuo com as não fronteiras entre verdade e ilusão, essência e aparência.

O certo é que, de braço dado com o “aplaudido dramaturgo”, com o “Segundo da Esquerda” e com o Senhor Venâncio, vamos penetrando, pela pena dos dois escritores açoreanos, no reino do fantástico: um fantástico sinónimo de intrusão brutal do mistério no quotidiano, como advogou Pierre-Georges Castex? (1951:8) Um fantástico em que o sobrenatural surge como uma ruptura da coerência universal, segundo Roger Caillois? (1966:8-9) Um fantástico caracterizado pela hesitação do leitor e por uma leitura que não deve ser poética nem alegórica, na óptica de Todorov? (1976: 36-37) Um fantástico definido em termos de confronto entre uma personagem isolada e um fenómeno perturbador, na peugada de Joël Malrieu? (1999: 48-49). Um fantástico contemporâneo veiculado, do ponto de vista de David Roas, pela “irrupción de lo anormal en un mundo en apariencia normal”? (2001: 36). Um fantástico moderno, na retentiva de Roger Bozzetto, implantado no espaço urbano, e onde as personagens “sont réduits à n'apparaître qu'en tant que figures de l'impuissance, de la dépossession de soi.”? (1998:12).

Talvez um fantástico moderno, de cariz surrealista, que dita a Carlos Wallenstein “A Maravilhosa História do Internamento” (cujos protagonistas são Benjamim Elefante, John Cenoura e Hamlet Bacalhau, fundadores da fábrica), ou um fantástico mítico, que conduz Natália Correia a ouvir/contar histórias de “tritões e nereidas que não [nos] deixavam sair da ilha”, pois “só os maracujás podiam fazer-se ao mar.” (2001:14).

Um fantástico moderno açoreano traduzindo a revolta contra o desencanto do mundo? E, porventura, a superação desta revolta mediante produção indefinida de sentidos... susceptível de dar um sentido à existência?

#### NOTAS

“Já que o escritor é um luxo, tem que ser usado de qualquer maneira e na sua qualidade de morto, a melhor maneira de o usar é em corpo presente. Chega-se, assim, à conclusão de que o escritor sempre serve [...] para a senhora A dizer à senhora B ‘amanhã lá nos encontramos no colóquio de fulano...’. Eis o vírus [...] que está na epidemia dos colóquios. Colóquios em Lisboa, colóquios no Porto, colóquios em Algueiros de Cima e também nos de Baixo.” (2004:27-28). Com o escopo de corroborar o conteúdo deste texto intitulado “O Colóquio”, ver, também, “O Colóquio ou o Plástico do Comício impraticável”: “O escritor ou artista passou a ter novas funções. Funciona como pretexto. [...] desse mundanismo da opinião que é o colóquio [...]” (2004:55).



<sup>2</sup> “Mais le thème dynamique le plus efficient dans le milieu fantastique semble bien être la **métamorphose**, qui assure le passage du réel à ce qui l’excède et permet le prodige. [...] Le fantastique s’attache d’ailleurs moins au résultat de la mutation qu’à l’instant de la transformation lui-même, laps où l’ordre du temps bascule.” (Steinmetz, 1990: 31).

<sup>3</sup> Cf. “Os Pêssegos da Vida”: “Chamavam-lhes abusadores, chamavam-lhes doidos. Sim, as suas mãos tinham estado sempre unidas; seria lógico que dentro em pouco atingissem a petrificação real. Que **mudança** súbita, com todos os diabos! Psiquiatria! Manicómio!” (1998b:27); cf. “Louros Cabelos em Sangue”: “Teresa contava ao povo a **transformação** que se passara em Ambrósio.” (1998b:83); cf. “Polícia e Talvez Ladrões”: “Uma estupefacção geral, como se aquela mulher fosse bruxa e **tivesse transformado** a criança em elefante.” (1998b:118); cf. “A Prima Clara”: “Este aforismo [‘Nem todas as verdades se dizem’] vem a ser afinal uma crítica semelhante à que Clara faz da realidade: dá-nos, portanto, **uma imagem retorcida**, [...] O funcionamento do tal real é a prova de que devo continuar considerando a realidade um escândalo.” (1998b:94). O negrito é da nossa responsabilidade.

<sup>4</sup> “E saí, atirando o revólver a minha mulher com um olhar que lhe recomendava a única utilização possível que aquele objecto podia ter nas suas mãos se queria realmente convencer-me do seu arrependimento.” (2003:382).

<sup>5</sup> Segundo Jourde e Tortonese (1996: 92), “Le personnage principal du récit (éventuellement, et bien souvent, personnage-narrateur) est-il confronté à son propre double, ou bien à un autre personnage dédoublé? Dans le premier cas, nous proposons de parler de double subjectif, dans le second de double objectif. [...] Nous proposons d’appeler les premiers doubles externes, les seconds doubles internes.” Ver também, a respeito da dicotomia identidade/alteridade, Bessière, Irène (2001:98): “Ambivalente, contradictorio, ambíguo, el relato fantástico es esencialmente paradójico. Se constituye sobre el reconocimiento de la alteridad absoluta, a la cual presupone una racionalidad original, ‘otra’ justamente.”

<sup>6</sup> Vale a pena transcrever a efrase: “[...] o quadro era na verdade belo: cena anterior à batalha, uma composição serena, apesar da violência do colorido e da ferocidade das figuras, não sei que espécie de militares de arma em riste, dispostos em fila, as fardas vistosíssimas sobre um fundo epopeico de montanhas azuladas, dissipadas pelas névoas e pela fumarada dum canhão que atroava à direita.” (1998b:132).

<sup>7</sup> “ - Ficaste só, eis o que conseguiste, mesmo doente, mesmo moribundo. Foste uma vítima tua...da tua sensibilidade, da fraqueza da tua voz. A bondade nada é sem a simpatia, sabes? [...] Agora reconhece, Venâncio, que a existência é de si mesma uma perturbação...” (1998b:37);

“- Custa muito morrer – disse ele. Dá trabalho. [...]”

- E viver é bom – disse ela.

- Quando há esperança...

- Mesmo que não haja esperança, vale a pena... O que é preciso é saber.

- E eu não soube.” (1998b:55-56).

<sup>8</sup> Assinalamos de passagem que este pânico vai ser superado, constituindo trampolim para a prosopografia, ou seja, a caracterização física da personagem: “Logo voltou ela [D. Branca] com o espelho [...] A custo Venâncio levou-o ao alcance da face. E voltou-lhe o antigo medo dos fantasmas. Era um rosto pequeno cor de ossos amarelecidos, a barba crescida, mal semeada, uns raros pêlos nojentos espetados ao acaso e olhos encovados e negros como o túmulo. Deixou cair o espelho sobre o peito.” (1998b:47). De realçar, nesta sequência, que o medo ou, melhor dizendo, a inquietação é um efeito fundamental do fantástico: “Quizás el término ‘miedo’ puede resultar exagerado, o confuso, puesto que no acaba de identificar claramente ese efecto que, a mi entender, todo relato fantástico busca producir en el lector. [...] sería mejor utilizar el término ‘inquietud’, puesto que al referirme al ‘miedo’ no hablo, evidentemente, del miedo físico [...]” (Roas, 2001:30).

<sup>9</sup> Ver, a este respeito, Rank, Otto (1973) *Le Double*.

#### Referências Bibliográficas:

- Achard-Bayle, Guy (2001) *Grammaire des métamorphoses. Référence, identité, changement, fiction*, Bruxelles: Éditions Duculot, col. “Champs linguistiques”.
- Bessière, Irène (2001) ‘El relato fantástico: Forma mixta de caso y adivinanza’. In David Roas (dir.) *Teorías de lo fantástico*, Madrid: Arco/Libros S.L., Serie Lecturas, Bibliotheca Philologica, 83-104.
- Borel, France (1992) *Le Vêtement incarné. Les métamorphoses du corps*, Paris: Calmann-Lévy, col. “Essai société”.
- Bozzetto, Roger (1998) *Territoires des Fantastiques. Des romans gothiques aux récits d’horreur moderne*, Provence: Publications de l’Université de Provence.
- Caillois, Roger (1966) “De la féerie à la science-fiction” in *Anthologie de la littérature fantastique*, Paris: Gallimard, 8-9.
- Castex, Pierre-Georges (1951) *Le conte fantastique en France*, Paris: Éd. José Corti.
- Correia, Natália (2001) *A ilha de Circe*, Lisboa: Editorial Notícias.
- Correia, Natália (2003) “O aplaudido dramaturgo curado pelas pílulas pink” in *Antologia do conto fantástico português*, Lisboa: Arte Mágica Editores, 379-383.
- Correia, Natália (2004) *A Estrela de cada um*, Lisboa: Parceria A. M. Pereira, Livraria Editora.
- Jourde, Pierre/Tortonese, Paolo (1996) *Visages du double. Un thème littéraire*, Paris: Nathan Université.
- Jouteur, Isabelle (2001) *Jeux de genre dans les Métamorphoses d’Ovide*, Louvain-Paris-Sterling, Virginia: Peeters, col. “Bibliothèque d’Études Classiques”.
- Malrieu, Joël (1999) *Le fantastique*, Paris: Hachette Supérieur.
- Morel, Michel. (2001) ‘Théorie et figures du double: du réactif au réversible’. In Gérard Conio (dir.) *Figures du double dans les littératures européennes*. Paris: Cahiers du Cercle L’Age d’Homme, 17-24.
- Rank, Otto (1973) *Le double. Don Juan*, Paris: Payot. Trad. S. Lautmann.
- Roas, David (2001) ‘La amenaza de lo fantástico’. In David Roas (dir.) *Teorías de lo fantástico*, Madrid: Arco/Libros S.L., Serie Lecturas, Bibliotheca Philologica, 7-44.





- Sigmund, Freud (1988) *L'inquiétante étrangeté et autres essais*, Paris: Gallimard. Traduit de l'allemand par Bertrand Féron.
- Sousa, António de/Ponte, Bruno da/Guimarães, Dórdio/Soeiro, Edite (2004) *Entrevistas a Natália Correia*, Lisboa: Parceria A. M. Pereira, Livraria Editora.
- Steinmetz, Jean-Luc (1990) *La littérature fantastique*, Paris: Presses Universitaires de France.
- Todorov, Tzvetan (1976) *Introduction à la littérature fantastique*, Paris: Seuil, col. "Points".
- Troubetzkoy, Wladimir (1996) *L'ombre et la différence. Le Double en Europe*, Paris: puf, col. "Littératures européennes".
- Troubetzkoy, Wladimir. (2001) 'Le double poétique de Jaen-Paul à Dostoïevski'. In Gérard Conio (dir.) *Figures du double dans les littératures européennes*. Paris: Cahiers du Cercle L'Age d'Homme, 45-54.
- Wallenstein, Carlos (1998a) *Obras Completas, 1 poesia*, Lisboa: Edições Salamandra.
- Wallenstein, Carlos (1998b) *Obras Completas, 2 contos e crônicas*, Lisboa: Edições Salamandra.

### 38) ROSEMEIRE LEÃO DA SILVA FACCINA

#### Rosemeire Leão da Silva Faccina

Mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1990), doutorado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002) e pós-doutorado em ensino de Língua Portuguesa, pela Universidade do Porto - Portugal (2007). Atualmente é professor assistente da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Membro do Núcleo de Estudos Lusófonos da UPM e Membro do Núcleo de Estudos em Historiografia Lingüística da PUC/SP-IP/PUC. Tem experiência na área de Lingüística, com ênfase em Lingüística, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua Portuguesa, Ensino de LP no Brasil, Políticas Lingüísticas, Historiografia Lingüística e Língua Materna.

#### A ÚLTIMA TENTATIVA EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Rosemeire Faccina, Universidade Presbiteriana Mackenzie - Brasil

Este trabalho objetiva apresentar o modelo de ensino secundário adotado no Brasil, a partir da Lei e Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (LDBEN-9394/96) promulgada pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso e elaborada pelo Ministro da Educação Paulo Renato Sousa. É chamada "a mais democrática das leis educacionais" a que o povo brasileiro submeteu-se desde o século XVI. Sob os princípios e procedimentos da Historiografia Lingüística, procurar-se-á analisar o texto dessa lei, não só contextualizando-o, mas ainda observando os princípios da Imanência, da Contextualização e da Adequação, numa tentativa de compreender até que ponto esse documento oficial cumpre seu papel de estender a todos os jovens, um ensino (em geral) e um ensino de língua portuguesa de qualidade, propiciando aos estudantes uma igualdade de condições nas situações reais de empregabilidade e de acesso ao ensino superior, permitindo-lhe competir com os estudantes das escolas privadas brasileiras.

A primeira metade o século XX, para o brasileiro, terminou com um saldo negativo em relação à educação secundária, cujos cursos eram para poucos, portanto para uma pequena parcela da população em idade escolar. Ao restante da população, cursos técnicos, de segunda linha, já que não permitiam acesso aos cursos superiores. Isso foi motivo de muita polêmica e de muita discussão; inclusive, em 1948, numa tentativa de reversão desse quadro, foi para o Senado, para discussão, o primeiro projeto de lei que resultaria somente em 1961, na primeira Lei de Diretrizes e Bases, que, ao nascer, já estava defasada.

Já a segunda metade do século em questão primou por tentativas de descentralização e de democratização da escola secundária. Sob o comando de três grandes Leis de Diretrizes e Bases, (a de 1961, a de 1991 e a última, de 1996), a escola secundária passou a ter igual valor em todo o território nacional; pretendendo ser gratuita dos sete aos quatorze anos, ou mesmo, abrangendo os oito anos de ensino fundamental. Isso trouxe a grande maioria dos jovens à escola, tirando-os das ruas, sem, no entanto, proporcionar-lhes uma educação boa qualidade. Quantitativamente, a população ganhou, porém, qualitativamente, a escola atual deixa muito a desejar.

Assim contextualizado, os anos 64 a 88 foram palco de infindáveis lutas, desmandos e radicalismos. No que se refere à educação, com a Revolução de 1964, a crise educacional agravou-se, chegando ao seu período mais crítico, urgindo que se fizesse uma reforma em vários níveis e modalidades educacionais. O sistema educacional não atingiu totalmente seus objetivos, o país não dispôs, mais uma vez, de recursos financeiros suficientes e o existente foi mal empregado, milhões de crianças continuaram sem escola, os currículos e programas não foram renovados com a velocidade desejada, o corpo docente, em sua maioria, não possuía qualificação necessária, o excesso de evasão e de reprovação continuava, formaram-se técnicos em áreas saturadas e não nas necessárias.

Todos esses problemas vieram de um passado longínquo, resultado de erros acumulados, de falta de visão e de planejamento adequados. Além de tudo isso, observou-se aqui o problema de um país em desenvolvimento. E a década de sessenta, o povo vivendo um período que mostrava um círculo vicioso em matéria de educação, que era necessário romper.

Segundo Sevcenko (2001:88-89), três fenômenos influenciaram uma nova revolução: a ascensão da cultura da imagem e do consumo, a desregulamentação dos mercados e a retração do Estado, a revolução microeletrônica e digital. Essas três combinações tiveram como consequência:



(...) uma situação na qual as imagens são mais importantes do que os conteúdos, em que as pessoas são estimuladas a concorrer agressivamente umas com as outras, em detrimento de disposições de colaboração ou sentimentos de solidariedade e, na qual as relações ou comunicações mediadas pelos recursos tecnológicos predominam sobre os contatos diretos e o calor humano. É um mundo vistoso, mas não bonito; intenso, mas não agradável; potencializado por novas energias e recursos, mas cada vez mais carente de laços afetivos e de coesão social.

De volta ao Brasil, alcançamos, novamente, a democracia, em 1988, após duros anos de ditadura militar, marchando, o país, rumo à promulgação da nova Constituição, criando a comissão que de Educação da Câmara, que tratou da elaboração da LDB, rumo à nova lei, sancionada em 1996, sob nº 9.394.

Por ser recente sua implantação, este estudo tem por objetivo observar, à luz dos procedimentos da Historiografia Lingüística, tendo como foco os princípios da Contextualização, Imanência e da Adequação, o binômio teoria-prática na escola pública secundária nacional.

A respeito do referencial teórico, enfatizamos que a Historiografia Lingüística é recente (década de 70) e busca uma metodologia. Os princípios e procedimentos a que nos referimos acima são norteadores dos adeptos dessa escola e, por meio deles, pode-se chegar a uma análise de qualquer documento escrito.

Segundo Bastos (2004:16-7)

... no campo historiográfico, a maior contribuição, na busca de um método, é dada por Lucien Frébre e Marc Bloch, no início do século XX, com a fundação da revista *Annales*, cujo objetivo maior era o de promover um novo tipo de História e, certamente, de Historiografia.

Nessa perspectiva científica, a Historiografia institui-se como método interdisciplinar, pelo fato de considerar a colaboração de outras disciplinas, quais sejam: a Sociologia, a Psicologia, a Economia, a Geografia, e também, a Lingüística, revelando-se, assim, a intenção de registrar o feitos humanos em sua totalidade.

Se a Historiografia, segundo Köerner (1996:45) conceitua-se como “o modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em princípios científicos” e não meramente como o modo de registrar a história da pesquisa lingüística, entendemos que o historiógrafo, diferentemente do historiador, por meio de um novo olhar, agora interdisciplinar, passa a enxergar o documento a ser analisado, tendo em vista alguns princípios norteadores, que fazem da Historiografia uma disciplina.

Segundo o pensamento de Köerner (1996), e adotado por nós neste estudo, três são os princípios metodológicos da HL: Contextualização, que permite ao historiógrafo o traçado do clima de opinião (espírito da época) sempre tendo em vista as correntes intelectuais, políticas, religiosas, sociais, econômicas e culturais do período destacado; Imanência, que permite estabelecer, dos pontos de vista histórico, crítico, filológico, um completo entendimento do documento em questão, cabendo ao historiógrafo manter-se o mais fiel possível o documento lido para poder estabelecer o quadro de definição da teoria e da terminologia usada (mantendo-os internamente como se apresentam, sem qualquer tentativa de trazê-los à qualquer teoria lingüística atual; Adequação, que permite ao historiógrafo (após os dois princípios anteriores), “aventurar-se a introduzir, colocando de forma explícita, aproximações modernas do vocabulário técnico e um quadro conceitual do trabalho que permita a apreciação de um determinado conceito ou teoria, incluindo-se as constatações das afinidades de significação que subjazem a ambas as definições.” (Bastos, 2004:17)

Ressaltamos que todo e qualquer documento escrito, seja carta, rascunho, documento pessoal produzido por uma dada comunidade científica, passa a ser objeto da HL e, portanto, fonte primária de pesquisa. Para este estudo, a fonte primária é a LDBEN em questão. Serão fontes secundárias, outros escritos sobre essa lei.

A respeito do Método Historiográfico, cabe-nos entender que ainda não existem parâmetros metodológicos comuns de investigação dentro da Lingüística, no entanto, alguns fatores como o espírito de época e o clima intelectual do período nos levam a entender o porquê de dados paradigmas científicos florescem e outros não. Para o investigador, importam, ao analisar o clima de opinião, as correntes intelectuais impactantes, que lhe permitam construir o quadro de definição, não deixando de lado as mudanças paradigmáticas do campo científico.

Ora, se a HL ainda não tem um método definido, o historiógrafo deve buscar caminhos próprios para tal, não descartando a influência de outras disciplinas, já que nessa investigação, a análise do documento deve ser abrangente.

Isso posto, passamos a analisar o documento em ques tão, qual seja, a LDBEN 9394/96.

Inicia-se esta análise pelo Princípio da contextualização. Depois da derrocada do regime de exceção, iniciado em 1964, o final da década de 80 é palco de democratização em todas as áreas do conhecimento, refletindo na vida prática do cidadão brasileiro nesse renascer intelectual e de liberdade há muito esquecida.

Em todos os setores, da vida pública à privada, o brasileiro sonhava com um mundo melhor. A escola secundária não ficou imune a esse clima de renovação, mesmo porque ela já não atendia aos anseios dos



jovens, da comunidade científica, do setor produtivo em geral. Era uma escola ainda tateante em termos de adequação às realidades dos brasis existentes de norte a sul.

Para ilustrarmos o ocorrido em educação nacional desde a década de 50, tendo como norte o pós-guerra, tomemos alguns dados catalisadores da qualidade de vida de um povo, o nosso.

No setor educação, em 1953, o censo registrou quase 60% de analfabetos; em 1987, foi registrado um total que caiu para 30%. Isso não quer dizer que alcançamos a meta; pelo contrário, nas últimas duas décadas, obtivemos um crescimento no ensino de pós-graduação e no universitário muito maior do que a taxa correspondente ao ensino de primeiro e segundo graus (hoje Fundamental e Médio), o que vale afirmar que a nossa educação, seja por motivos políticos e por pressões trabalhistas, dentre outros, ainda privilegia uma elite: quanto mais o final do século se aproximava, maior era o nível de qualificação para o trabalho. Jovens em idade de 18 a 25 deveriam estar cursando/terminando uma boa universidade, ter trânsito livre na Internet e falar mais de uma língua estrangeira (inglês e espanhol), além de boa desenvoltura, excelente postura comportamental. Isso significa que a educação e as exigências do mercado de trabalho não estavam e não estão em pé de igualdade.

Presenciamos a abertura de inúmeros cursos secundários, superiores e de pós-graduação (nem sempre com boa qualidade) para atender à demanda jovem prestes a entrar na parcela produtiva brasileira e, paralelamente a esse quadro, observamos, ainda, um número de desempregados, um número de pessoas desqualificadas para o trabalho, exercendo a economia informal, ou ainda, tornando-se párias de uma sociedade desumana e altamente competitiva.

A última década do século XX vivenciou uma avalanche, por meio da internet, acessível a grande número de brasileiros, de conhecimentos das mais variadas ordens, a ponto de velocidade de informação x velocidade de apreensão cerebral, por não serem as mesmas, fazendo com que o sistema educacional vigente ficasse, de repente, obsoleto, já que esta velocidade era e é mais lenta que aquela.

E o ensino da Língua Portuguesa, como ficou nessa mudança? Houve adequação da escola e do professor? Sabemos que nem tudo ocorreu em paralelo, houve discrepâncias e o surgimento da nova lei educacional era uma necessidade.

A escola continuou agindo de forma tradicional quanto ao ensino da língua materna, as novas teorias lingüísticas não adentraram, como era o esperado e a evasão escolar, o baixo nível de conhecimento do jovem ao sair da escola de nível médio, entre outros agravantes, fizeram com que o governo federal, em 1996, numa tentativa radical de atender aos órgãos internacionais que exigiam a totalidade dos jovens em idade escolar, regularmente matriculados, resolvesse, por meio de mais um decreto-lei, regularizar, modernizar a escola secundária.

Tendo em vista o Princípio da Imanência, examinaremos o texto da lei 9394/96, fonte primária neste estudo.

Sabemos que não havia mais lugar para a escola tradicional unificada de norte a sul. É mister informar que as leis anteriores (1961 e 1971), no papel, já alinhavavam e até alçavam esse vôo rumo à diversidade nacional, talvez uma das únicas vias de acesso à aquisição de conhecimento; entretanto somente nessa última lei é que se pôde observar um novo tratamento dado à escola/ensino/aprendizagem.

Em relação aos objetivos propriamente ditos, a 9394/96 abarca outros níveis de conteúdo semântico da **palavra educação**. Um deles, é a chamada educação ministrada em estabelecimentos específicos, preparando o jovem para a vida em toda a sua plenitude. Mudam-se programas escolares para que eles se adéqüem ao cidadão moderno e participativo. Criam-se, em todos os recantos do país, uma educação igualitária, formando cidadãos para a autonomia, princípio básico de liberdade e tolerância que deve reger a escola do momento. Outro sentido é a mudança, no sentido de privilegiar o extra-escolar, vinculando a grade curricular pelo currículo ativo, mantendo no ensino fundamental, como disciplina obrigatória, o ensino de Língua Portuguesa em todas as séries. Acrescenta-se a ela, outras tantas disciplinas capazes de ajudar o aluno a se situar no mundo físico e em sua cultura, ressaltando, em todos os níveis, a cultura brasileira, a educação física, e, principalmente, a formação do homem como cidadão inserido no mundo em que vive, salvaguardando todas as diferenças das inúmeras regiões brasileiras.

Quanto ao ensino médio, deve ser calcado em três princípios: a consolidação dos conhecimentos já anteriormente adquiridos; a preparação do cidadão produtivo; a implementação da autonomia intelectual da formação ética.

Assim, ética e cidadania são duas palavras-chave dessa lei. O currículo deve levar em consideração o destaque para a educação tecnológica de base, a significação do significado de **Ciência, de Letras e de Artes**. Atentamos, ainda, para o destaque no processo histórico de transformação da sociedade e da cultura. **A Língua Portuguesa deve ser instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania.**

A lei 9.394/96 deve oferecer ao educando não só o domínio dos princípios tecnológicos e científicos, mas deve capacitá-lo a demonstrar conhecimento das formas contemporâneas de linguagem, além de dominar os



conhecimentos de filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania. O educando deve receber informações contínuas, proporcionando-lhe reciclagem assim que se fizer necessária.

Para a execução do projeto, criaram-se os PCN (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS), uma série de publicações norteadoras do que fazer e como, nos diversos níveis de ensino e dadas as diversidades encontradas de norte a sul do Brasil. Assim, tendo em vista o texto dessa lei, sabemos que

Educação básica: **infantil, fundamental e médio e Ensino superior** são as metas dessa grande lei.

A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Os currículos do ensino fundamental e médio deverão ter uma **base nacional comum**, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por **uma parte diversificada**, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Parágrafo 1 - os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.

O Ensino Fundamental - mínimo de 8 anos - obrigatório e gratuito na escola pública, terá como objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

o desenvolvimento da capacidade de aprender, **tem como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.**

Art. 32, parágrafo 3: o ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de 3 anos, terá como finalidades:

I. a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II. a preparação para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

IV. A compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relaciona a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Art. 36 - 1 - Destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; **a língua portuguesa como instrumento de comunicação**, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;

Título IX - das disposições transitórias:

ART. 87. É instituída a **Década da Educação**, a iniciar-se um ano a partir da publicação desta lei.

Parágrafo 1. A União, no prazo de um ano a partir da publicação desta Lei, encaminhará, ao Congresso Nacional, O Plano Nacional de Educação, com diretrizes e metas para os dez anos seguintes, em sintonia com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos.

Resolução número 2, de 07-04-1998: institui as diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Fundamental

Entre outras coisas, salienta:

As PCN são o conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos da educação básica, expressas pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que orientarão as escolas brasileiras dos sistemas de ensino na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas;

IV. Em todas as escolas, deverá ser garantida a igualdade de acesso para alunos a uma base nacional comum, de maneira a legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional. A base comum nacional e sua parte diversificada deverão integrar-se em torno do paradigma curricular, que vise a estabelecer a relação entre educação fundamental e:

A) a vida cidadã através da articulação entre vários dos seus aspectos, como :

saúde; sexualidade; vida familiar e social; meio ambiente; trabalho; ciência e tecnologia; cultura e as linguagens.

B) as áreas do conhecimento:

língua portuguesa; língua materna para as populações indígenas e migrantes; matemática; ciências; geografia; história; língua estrangeira; educação artística, física e religiosa.

Com os PCN, o Ministério da Educação propõe um norteamiento educacional às escolas brasileiras a fim de garantir que, respeitadas as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla, estratificada e complexa, a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta o ideal de uma crescente igualdade de direitos entre os cidadãos, baseado nos princípios democráticos. Essa igualdade implica necessariamente o acesso à totalidade dos bens públicos, entre os quais o conjunto dos conhecimentos socialmente relevantes.

Aos lermos os textos dessa lei e dos PCN, ficamos certos de que, finalmente o Brasil tem uma lei de verdade que abrange todas as diversidades lingüísticas e culturais.

Na prática, e agora, pelo Princípio da Adequação, tomamos a liberdade de inserir pensamentos nossos, como professora durante décadas, observando, a cada ano, a entrada na universidade de jovens, fazendo o curso de Letras, que vêm, cada vez, mais mal preparados, com uma bagagem superficial e uma dificuldade





grande em ler e interpretar, ler e escrever, em fazer reescritura de textos, em elaborar resumos e resenhas, enfim, em acompanhar as leituras e os trabalhos que o curso propõe.

Percebemos que esses jovens, a maioria da escola pública, não têm maturidade, preparo conteudístico, têm dificuldade no manejo da norma culta, pouca ou quase nenhuma leitura pertinente às ciências linguísticas atuais, desconhecimento da gramática normativa e das outras, tais como a de uso. Essa descoberta traz à tona o objetivo deste estudo, cujo teor, desde o princípio, foi o de mostrar o quanto essa lei passou a ser antidemocrática e desumana, na medida em que o educando, pelas facilidades encontradas no decorrer do curso, hoje 13 anos de escolaridade obrigatória, a contar desde a primeira série do curso fundamental, já que lhe é permitida a passagem para a série seguinte, sem qualquer reprovação, e isso, de ano em ano, sem cobrança, sem repetições, evitando-se a evasão e, prendendo nos bancos escolares, alunos sem qualquer capacidade de estar cursando determinada série, uma vez que, lá atrás, ficaram suas primeiras dúvidas, suas primeiras dificuldades, que, ao não serem sanadas, levaram o estudante a terminar o curso médio sem as qualificações necessárias para o ingresso em boas universidades.

No afã de obter vagas para todos os alunos em idade escolar, o governo optou pela quantidade, em detrimento da qualidade do ensino que põe à mesa do jovem brasileiro, colocando-os aquém do necessário conteúdo, da necessária vivência e da capacidade exigidos num bom curso superior.

Olhando a escola pública brasileira, neste início de século, espanta-nos o governo não repensar a qualidade de ensino que é oferecida aos jovens, espanta-nos, ainda, essa mesma escola, não repensar mecanismos de ensino que lhes possa competir, em igualdade de condições, com jovens que fizeram uma escola secundária privada.

Assim, com um olhar de quem vivenciou quatro décadas de educação, vendo deteriorar-se um ensino público de qualidade, vendo que o século XX desafiou toda e qualquer pesquisa pela diversidade, rapidez e multiplicidade de transformações ocorridas, tornando-se inviável qualquer encerramento, chegamos à conclusão que o homem desse século não se preparou adequadamente para o atual, quer do ponto de vista tecnológico e de descobertas, quer do ângulo sócio-político-ideológico-educacional; em resumo, se analisarmos as potencialidades e as conseqüências, as descobertas e as realizações quer na Terra como fora dela, perceberemos a multifacetada gama de variáveis impossível de ser totalmente analisada pelo homem. O incerto e o possível foram as tônicas do início do século XXI, priorizadas pelas pesquisas genéticas e as possíveis e loucas tentativas da eugenia, quando super raças tentarão dominar o planeta, culminando com uma possível "melhoria da espécie humana".

#### Referências Bibliográficas

- BASTOS, Neusa Barbosa. (2004) "O Fazer historiográfico em Língua Portuguesa". In: BASTOS, Neusa Barbosa. *Língua Portuguesa em Caleidoscópio*. São Paulo: Educ/Fapesp.
- KOERNER, K. (1996) "Questões que persistem em Historiografia Lingüística". In: *Revista ANPOLL*, nº 2, p. 45-70.
- SEVCENKO, Nicolau (org.). (2001) *República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Cia das Letras,

---

## 39) RUI MIGUEL VENTURA DO COUTO TAVARES DE FARIA

**RUI Miguel Ventura do Couto Tavares DE FARIA** é licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês) pela Universidade dos Açores e doutorando em Literatura Portuguesa (especialidade: Literatura Oral e Tradicional) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É professor efectivo de Língua Portuguesa. Tem desempenhado diversos cargos, tais como o de orientador de estágio, o de representante da disciplina de Língua Portuguesa e do grupo disciplinar, e o de 1.º secretário da Assembleia de Escola. Foi, também, colaborador da Universidade dos Açores, com funções de docente das cadeiras de Desenvolvimento Curricular I e II, no Departamento de Ciências da Educação. Actualmente, para além das funções docentes, tem centrado a sua investigação na área da Literatura Oral e Tradicional Portuguesa, participando em encontros, congressos e outros eventos científicos, onde tem apresentado comunicações.

### A PRESERVAÇÃO DOS CONTOS POPULARES PORTUGUESES DA CALIFÓRNIA: O CONTRIBUTO DA INVESTIGAÇÃO DE MANUEL DA COSTA FONTES

**Rui Miguel Ventura do Couto Tavares de Faria, Faculdade de Letras da Universidade Do Porto**

A presente comunicação visa apresentar e reflectir sobre o papel que o açoriano Manuel da Costa Fontes teve (e tem) na investigação e consequente preservação do conto popular português nos Estados Unidos da América, em particular na Califórnia.

Terceirense de origem, o Prof. Doutor Manuel da Costa Fontes, especialista em Línguas e Literaturas Hispânicas da Kent State University, dedicou (e dedica) grande parte da sua investigação sobre a literatura oral, tendo centrado, há cerca de trinta anos, o seu estudo no conto popular português na Califórnia.

Neste sentido, centrar-se-á a reflexão sobre *Portuguese Folktales from California*, tese de doutoramento que apresentou, em 1975, à Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Trata-se de uma obra de referência, mesmo contando com cerca de três dezenas de anos, pelo rigor e cientificidade com que o autor a concebeu.

Instituição e preservação são, na perspectiva de Manuel da Costa Fontes, as palavras de ordem para que se opere uma espécie de emigração, imigração e cristalização do conto popular português na América do Norte.

No amplo universo da Lusofonia, entendemos que o trabalho de Manuel da Costa Fontes constitui um suporte de valor inquestionável no estudo da cultura portuguesa e açoriana nas comunidades emigrantes, não apenas pela sua importância patrimonial, mas também pela sua riqueza linguística.

### 1. Emigrar e transmitir para preservar



Domingos Rebelo, “Os Emigrantes” (1929)

Quando olhamos, observamos ou contemplamos o magnífico quadro de Domingos Rebelo intitulado “Os Emigrantes” (1929), tentamos pôr-nos na pele das personagens que o pintor immortalizou. Como definir os seus rostos? Como representar os seus gestos? Como interpretar a sua partida? O que levam consigo? O que os leva para longe dos seus? O que lhes dão os seus? Para onde vão? O que vão encontrar? Essas questões, e muitas outras, surgem no momento em que nos fixamos nas imagens da tela. As respostas a essas indagações mentalmente formuladas seriam vastas e ultrapassariam os limites de uma comunicação como a que nos propomos apresentar.

Mas, detenhamo-nos um pouco mais na tela. Os seus rostos e os seus gestos imobilizados, petrificados pelo sentimento da despedida e da partida, aquele abraço, um último beijo são, visualmente, tudo o que levam consigo. Um baú com meia dúzia de peças de roupa axadrezada, um registo do Senhor Santo Cristo dos Milagres, uma sacola feita de retalhos são toda a sua bagagem material. Espera-os um barco rumo à Nova Inglaterra, ao Novo Mundo, à América; outros familiares aguardam-nos com alegria e todos formarão uma nova comunidade: os imigrantes.

Para além do pouco que levam consigo para iniciar a nova vida, os emigrantes são os transmissores de uma cultura, de uma língua que se congelou no momento da partida. Como imigrantes, tornam-se nos preservadores dessa cultura e dessa língua, de um modo de ser e de pensar que os demarca onde quer que estejam. Transmitem e preservam.

Assim aconteceu com os contos populares.

Com efeito, os contos populares portugueses emigraram na memória dos seus transmissores e permaneceram na memória dos seus preservadores. Para além do baú, da sacola e da roupa que levam no corpo, os emigrantes, em particular os açorianos, levaram o carácter da sua identidade cultural. Isso não se desfaz, nem se apaga, mantém-se. *Portuguese Folktales from California* exemplifica sobremaneira a cristalização do património oral português como especial destaque para o que emigrou dos Açores, da Madeira e de África.

Começamos por reflectir acerca do título e sobre o que se pretendia com uma recolha desta natureza. “Portuguese Folktales in California”? “Portuguese Folktales from California”? Ou, ainda, “Portuguese Folktales from Portugal to California”. Como cada um dos três títulos comporta intenções diferentes, procurámos saber a intencionalidade do autor. Se optasse por “Portuguese Folktales from Portugal to California”, teria de apresentar um *corpus* de exportação de contos e as respectivas fontes de recepção/importação, situação que não se verificou, dado que a sua recolha é pioneira em variados aspectos, entre os quais o de se abordar e constatar a presença do conto popular português nos Estados Unidos da América (outros estudos sobre o folclore português na América do Norte já haviam sido feitos). Se o título fosse “Portuguese Folktales in California”, ficar-se-ia com a sensação de se tratar de um conjunto de contos populares que foram ouvidos na Califórnia e que por aí passaram e não se fixaram. Intitulando-se “Portuguese Folktales from California”, o autor transmite efectivamente



a sua intenção: são contos populares portugueses saídos e ouvidos da boca de portugueses que se naturalizaram na Califórnia, são pertença da cultura oral portuguesa imigrante.

## 2. Manuel da Costa Fontes: um açoriano naturalizado norte-americano ao serviço da preservação da literatura popular portuguesa nos Estados Unidos da América

Manuel da Costa Fontes nasceu na ilha Terceira, Açores, em 1945, tendo emigrado para os Estados Unidos da América em 1961. Em 1972, é mestre em Estudos Espanhóis pela Universidade de Berkeley, Califórnia, tendo apresentado, três anos depois, a sua dissertação de doutoramento, na área de Línguas e Literaturas Hispânicas, com o título de *Portuguese Folktales from California*.

Em 1975, Manuel da Costa Fontes iniciou a sua carreira como Professor na Kent State University; leccionando Língua e Literatura Portuguesas e Espanholas. A sua área de especialização é a Literatura Espanhola Medieval e Renascentista, com um especial interesse na relação entre o folclore e a literatura. Actualmente, é Professor Jubilado.

Ao longo da sua investigação, realizou diversos trabalhos no âmbito da balada e do conto popular junto dos imigrantes portugueses estabelecidos na Califórnia, Nova Inglaterra e Canadá, assim como nos Açores e em Trás-os-Montes.

É autor de cinco recolhas de baladas, um índice temático e bibliográfico das Baladas portuguesas e brasileiras; e co-editor, ao lado de Samuel G. Armistead, do *Cancioneiro Tradicional de Trás-os-Montes*. Um dos seus mais recentes trabalhos é *Folklore and Literature: Studies in the Portuguese, Brazilian, Sephardic and Hispanic Oral Traditions*.



Para além de numerosos artigos sobre a balada, a sua investigação e bibliografia, que conta com cerca de centena e meia de publicações, tem-se centrado em estudos sobre Afonso X, o Sábio, Alfonso Martínez de Toledo, Fernando de Rojas, Francisco Delicado e Cervantes. Estes artigos encontram-se publicados sobretudo em edições americanas, mas Manuel da Costa Fontes conta, também, com publicações em Portugal, Brasil, Espanha, México, França, Itália, Israel e Canadá.

## 3. Para uma abordagem de Portuguese Folktales from California

Apesar de numa separata de "Atlântida", volume XXI, número 2, Manuel da Costa Fontes (1977) ter referido que *Portuguese Folktales from California* se tratava de "uma colecção que estamos aumentando e revisando para publicação", a verdade é que tal publicação nunca saiu a lume, infelizmente para todos os portugueses radicados ou não nos Estados Unidos da América, e sobretudo para todos aqueles que se têm dedicado ao estudo do conto popular português. Temos, porém, a edição da sua tese doutoral, publicada em 1975 "on demand by University Microfilms International", sendo de acesso bastante restrito ao público leitor.

Trata-se de uma colecção de contos populares portugueses cujo valor é inquestionável, não só junto das comunidades imigrantes, como também no espaço da Lusofonia, pela preservação do património imaterial português. Na verdade, numa altura em que o estudo do conto popular português era quase inexistente, sem ser a quase contemporânea publicação póstuma do que coligiu José Leite de Vasconcelos, *Contos Populares e Lendas* (1964-1969), sob a coordenação de Alda e Paulo Soromenho, *Portuguese Folktales from California* assume-se como a recolha pioneira de contos populares da diáspora portuguesa a circunscrever-se a um espaço geográfico preciso, a Califórnia.

A obra divide-se em quatro partes: uma introdução, a bibliografia, uma recolha de cinquenta e três narrativas e as conclusões. Na introdução, Manuel da Costa Fontes faz uma espécie de revisão da literatura sobre o que até àquele momento se tinha feito no âmbito dos estudos folclóricos portugueses nos Estados Unidos da América. Explica, também, a forma como as narrativas se apresentam dispostas, fazendo pertinentemente referência a recolhas portuguesas e espanholas de contos populares. Apresenta, ainda, os informantes que lhe permitiram recolher os contos, assim como as metodologias usadas para uma melhor transcrição e preservação das narrativas da tradição oral portuguesa.

A bibliografia apresenta uma lista de abreviaturas empregues pelo autor ao longo da obra, uma secção relativa a índices, propostas de classificação, bibliografia específica, notas/artigos e estudos sobre o assunto em causa, e uma outra parte com as referências às diversas recolhas compiladas e dispersas de contos populares.

Quanto aos contos populares, Manuel da Costa Fontes classificou-os em **Animal Tales** (4); **Ordinary Tales: Tales of Magic** (21), **Religious Tales** (4), **Novelle** (7); **Tales of the Stupid Ogre** (5); **Jokes and Anecdotes** (8); e **Formula Tales** (4), perfazendo um total de cinquenta e três narrativas. Saliente-se que todos os contos apresentam um resumo em inglês e são classificados e anotados respeitando metodologias e tipos de classificação internacionais, sendo que, como nos é referido na introdução, "with the exception of Luís da Câmara Cascudo, who usually refers to Antti Arne's and Stith Thompson's *The Types of the Folktale*, the texts presented here are the first in Portuguese to be classified and annotated according to international methods" (1975: 4).

Na conclusão de *Portuguese Folktales from California*, o autor recorda as metodologias da recolha e reforça o valor das narrativas como sendo o reflexo de uma identidade cultural, literária e linguística. De acordo com a origem dos informantes que colaboraram neste projecto, Manuel da Costa Fontes pôde aperceber-se, ainda mais, de que o conto popular deve ser preservado, uma vez que encerra todo um legado que não se deve perder. Para além disso, verifica, segundo o testemunho dos informantes, as funções principais a que está votado o conto: as funções lúdica e didáctica – "According to our informants, the main reason for telling stories was to pass the time, although they could also be told for didactic reasons" (1975: 397) – e as funções moral e pragmática – "Maria Teotónia de Freitas Toste certainly had a moral purpose in mind as she turned towards her





three-year old daughter, who was on her lap, while emphasizing how good Branca de Neve was (n.º 23). And Maria da Conceição Costa reported pragmatic reasons for telling tales such as keeping her daughter and nephews at home, out of mischief, and putting them to sleep" (1975: 397-398).

A encerrar a obra, há a lista de seriação dos contos em tipos e motivos, de acordo com a obra de Antti Aarne and Stith Thompson, *The Types of the Folktales*; e um glossário vocabular de grande valor etnolinguístico e dialectológico.

### 3.1. Da concepção de Portuguese Folktales from California

Subjacentes à concepção de uma obra como *Portuguese Folktales from California* estiveram objectivos que Manuel da Costa Fontes delineou com rigor e pertinência: mostrar se o conto popular português era preservado pelos imigrantes que se tinham fixado na Califórnia; verificar se os informantes sabiam mais contos no momento da recolha do que quando ainda viviam em Portugal; saber a razão pela qual alguns contos possam ter sido esquecidos; aferir se os contos eram narrados da mesma forma e com a mesma frequência como sucedia em Portugal ou se "esse ritual" ocorre menos frequentemente no país onde se fixaram os portugueses; analisar a forma de transmissão das narrativas no espaço circunscrito à Califórnia; apurar até que ponto os contos eram afectados pela comunidade falante inglesa e averiguar se os mesmos tinham sido ou não traduzidos para a nova língua como maneira de serem contados.

Neste sentido, Manuel da Costa Fontes levou a sua recolha a seis localidades: duas da costa norte da Califórnia – San Lorenzo e San Joaquin Valley – e quatro da costa sul – Artesia, Chino, Ontário e San Diego. O momento da recolha iniciou-se em 1973 e o autor pôde constatar que o conto popular permite reforçar e enriquecer a tradição oral portuguesa nas comunidades imigrantes. Contudo, também se apercebeu de que é uma tradição que se está a perder.

### 3.2. Revisão da Literatura, metodologias de classificação e informantes

Na introdução a *Portuguese Folktales from California*, Manuel da Costa Fontes dá conta dos trabalhos e estudos que até à data haviam sido feitos no âmbito do folclore português nos Estados Unidos da América. Henry R. Lang (1892) foi o primeiro a interessar-se e a escrever pela/sobre a cultura portuguesa nos Estados Unidos da América, mais especificamente sobre a presença dos açorianos em New Bedford e Massachusetts. Publicou no *Journal of American Folklore* um artigo intitulado "The Portuguese Element in New England". Decorrido um quarto de século, Elsie Clews publicou, em 1923, dois volumes de narrativas cabo-verdianas de imigrantes na Nova Inglaterra com o título *Folklore from the Cape Verde Islands*. Em 1949, Leo Pap publicou um estudo sobre o discurso luso-americano nas comunidades imigrantes nos Estados Unidos, e em 1963 George Monteiro lançou uma recolha de provérbios portugueses com ocorrência no estado de Rhode Island.

Na Califórnia, zona a que se circunscreve a recolha de Costa Fontes, o interesse por questões folclóricas e etnográficas de origem portuguesa surgiu com o estudo que A. H. Gayton fez sobre a Festa da Serreta (ilha Terceira, Açores), em 1948. Na década de 70, os estudos intensificaram-se, sobretudo com a investigação de Francisco da Cota Fagundes que publicou trabalhos no domínio da linguística e da etnografia portuguesa presentes no espaço norte-americano. Em 1975, Manuel da Costa Fontes apresenta *Portuguese Folktales from California*.

É, como já se referiu, a primeira recolha do género a ser levada a cabo fora do espaço geográfico português. O autor preparou uma obra segundo as metodologias internacionais, asseverando tratar-se de uma maneira mais funcional do enquadramento do conto popular português fora das fronteiras nacionais: "(...) the texts presented here are the first in Portuguese to be classified and annotated according to international methods. In his forward to José Leite de Vasconcellos's monumental *Contos Populares e Lendas*, Orlando Ribeiro writes that «a ordenação dos textos (feita apenas em ciclos de assuntos dispostos por ordem alfabética) é meramente prática, porquanto se afigurou complicado e difícil dispô-los segundo a classificação internacional mais corrente)». This method makes it extremely difficult to locate the parallels of a certain text, for they are often scattered throughout the collection." (1975: 4-5).

Deste modo, Manuel da Costa Fontes anota todas as narrativas recolhidas, de acordo com a análise comparativa das obras de Aarne-Thompson e Stanley L. Robe, de maneira a indicar, também, além do tipo e motivo, as contaminações da tradição originalmente portuguesa quando apropriada.

Para a recolha propriamente dita, o autor fez, com efeito, trabalho de campo, servindo-se de gravações do que ouvia junto dos informantes, assim os contos "were carefully transcribed, so as to preserve as faithfully as possible the regionalisms and archaisms characteristic of the Portuguese source-area." (1975: XI). Quanto aos informantes, estes foram vinte e dois no total, doze do sexo feminino e dez do sexo masculino, com idades compreendidas entre os doze e os setenta e dois anos de idade, estando a maior parte localizada na faixa etária entre os trinta e oito e os sessenta e quatro anos. Sobre a escolha destes informantes Manuel da Costa Fontes apresenta uma listagem, onde constam os seguintes elementos: nome, idade, profissão, local de nascimento, residência actual, data de chegada à Califórnia, comentários do autor e indicação dos contos populares narrados. Estas informações relativas aos informantes demonstram cientificidade e rigor na amostragem feita.

A partir dos dados fornecidos, pudemos aferir que apenas quatro dos vinte e dois informantes residem na Califórnia há menos de cinco anos, sendo que os restantes se fixaram aí há uma média de sete a oito anos. Exceptuando os três colaboradores com as idades de 12, 14 e 15 anos, ainda estudantes, todos os que não estão aposentados pertencem a um meio socioprofissional de baixo rendimento económico, tendo em conta as profissões (talhante, jardineiro, porteiro, florista, domésticas). Esta situação dever-se-á a dois factores: 1.º a realidade da emigração obrigou muitos a terem este tipo de profissão, uma vez que não detinham instrução, nem dominavam a língua inglesa para desempenharem outras tarefas profissionais; 2.º a preocupação (in)consciente do autor em confirmar a origem popular (a das classes menos letradas do povo) do conto, afinal de contas as gentes do povo são as que melhor conservaram essa sabedoria popular.





### 3.3. Os contos – a recolha, a classificação e a catalogação

As cinquenta e três narrativas que constituem *Portuguese Folktales from California* contam com um resumo introdutório em inglês e com notas relativas ao nome do informante, data da gravação, classificação segundo o modelo internacional de Aarne-Thompson (tipos e motivos), a estudos sobre o conto transcrito (caso os haja) e, ainda, uma listagem com a ocorrência de outras versões do mesmo conto já publicadas. Trata-se de um trabalho metódico que confere à recolha de Costa Fontes um carácter científico e exacto.

Assim, apresentaremos uma tabela dando a conhecer o título dos contos populares, o tipo e os motivos e a sua co-referência (ATU) na actual classificação internacional graças ao recente trabalho de Hans-Jörg Uther, *The Types of International Folktales. A Classification and Bibliography* (2004), assim como o seu registo APFT (Archive of Portuguese Folktales) a partir do *Catalogue of Portuguese Folktales*, da responsabilidade de Isabel Cardigos.

Para uma melhor compreensão do que se pretende, importa, antes de mais, clarificar os conceitos de tipo e de motivo na óptica da classificação dos contos populares. Thompson (1946: 415) define tipo como: “A type is a traditional tale that has an Independent existence. It may be told as a complete narrative and does not depend for its meaning on any other tale. It may indeed happen to be told with another tale, but the fact that it may appear alone attests its independence. It may consist of only one motif or many”; e motivo “is the smallest element in a tale having a power to persist in tradition.”<sup>113</sup>

Esta classificação ajuda não só a catalogação exacta dos contos, como também ilustra aspectos relativos à cultura etnográfica de uma dada comunidade, isto é, o predomínio de contos pertencentes a um dado tipo pode apurar características culturais próprias e únicas, permitindo traçar um perfil do modo de ser de um povo, com uma maior exactidão.

A tabela que a seguir se apresenta é da nossa autoria, baseada nas referências de Manuel da Costa Fontes, revistas e actualizadas por nós, uma vez que o autor se baseou em *The Types of Folktales* de Aarne-Thompson, sendo que a referida obra encontra, desde 2004, um índice ampliado e actualizado da autoria de Uther, para além da existência de um catálogo do conto popular português, publicado por Isabel Cardigos, com a colaboração de Paulo Correia e Dias Marques. Na secção onde se registam as ocorrências de outras versões nas recolhas portuguesas, circunscrevemo-nos às quatro obras que entendemos ser as de maior referência e importância no âmbito do estudo do conto popular português. Uma vez que a obra de Uther foi publicada antes do catálogo dos nossos contos, todos os tipos são assinalados em *The Types of International Folktales* como “Cardigos (forthcoming)”.

Porém, a recolha de Costa Fontes surge na bibliografia (Parte III) da referida obra e há a referência efectiva de duas entradas de exemplificação da recolha de 1975. As outras surgem referenciadas em “Cardigos (forthcoming)”.

| Título do Conto                           | Registo no CPFT – Catalogue of Portuguese Folktales (2006) – Isabel Cardigos<br>Ref. <sup>a</sup> ao TIPO<br>ATU: Uther,<br><i>The Types of International Folktales</i><br>(2004) | Ocorrência de outras versões nas recolhas portuguesas de Adolfo Coelho (AC), Teófilo Braga (TB), Consiglieri Pedroso (CP) e Leite de Vasconcelos (LV) | N.º de REGISTO do APFT (Archive of Portuguese Folktales) |
|-------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|
| <b>Animal Tales</b>                       |                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                       |                                                          |
| 1. Conto do Leão                          | CPFT 92 – <i>The Lion Dives for His Own Reflection</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 122A                                                                                            | -----<br>-----                                                                                                                                        | APFT 1692                                                |
| 2. Os Quatro Animais                      | CPFT 130 – <i>The Animals in Night Quarters</i> (includes ATU 210). S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 210                                                                                  | LV 55, 59, cf. 507                                                                                                                                    | APFT 1693                                                |
| 3. O Macaco Sem Rabo                      | S/ Ref. <sup>a</sup> CPFT; S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 2034                                                                                                                          | LV 79                                                                                                                                                 | APFT 1694                                                |
| 4. A Mulher Casada Que Tinha um Amante    | CPFT 237 – <i>The Talking Parrot</i> . C/ Ref. <sup>a</sup> ATU 237                                                                                                               | -----<br>-----                                                                                                                                        | APFT 1695                                                |
| <b>Ordinary Folktales: Tales of Magic</b> |                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                       |                                                          |
| 5. O Mama-na-Burra                        | CPFT 301B – <i>The Strong Man and His Companions</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> CPFT 513 e ATU 513 – <i>Six Go Through the Whole World</i>                                            | TB 47, AC 22, LV 316, 318                                                                                                                             | APFT 1696                                                |

<sup>113</sup> Braulio do Nascimento (200:10) traduz as definições na introdução do seu *Catálogo do Conto Popular Brasileiro*: “O tipo é um conto tradicional que tem existência independente. Pode ser contado como uma narrativa completa e não depende para seu significado de qualquer outro conto. Na verdade, pode ocorrer que seja narrado com outro conto, mas o fato de aparecer isolado atesta a sua independência”; “Um motivo é o menor elemento no conto com poder de persistir na tradição.”



|                                             |                                                                                                                            |                                                    |                 |
|---------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------|-----------------|
| 6. Conto dos Sete Ladrões                   | CPFT 956B – <i>The Clever Maiden Alone at Home Kills the Robbers</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 956B                       | TB 42, LV 376                                      | APFT 1697       |
| 7. O Barba Azul                             | CPFT 312 – <i>Maiden-Killer (Bluebeard)</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 312                                                 | AC 26, LV 613-614                                  | APFT 1698       |
| 8. A Branca-Flor                            | CPFT 313A – <i>The Girl as a Helper</i> ; 425 – <i>The Search for the Lost Husband</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 313A-425 | TB 31-32, AC 14, LV 117, 127, 128, 191, 193, 196   | APFT 1699       |
| 9. O Conto do Medo                          | CPFT 326 – <i>The Youth Who Wanted to Learn What Fear is</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 326                                | TB 2, AC 37, LV 171, 251, 252, 292, 295            | APFT 1700       |
| 10A. [A Velha e as Crianças]                | CPFT 327A – <i>Hansel and Gretel</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 327A.                                                      | TB 52, AC 28, LV 194, 195, 203, 267, 269, 273, 277 | APFT 1701       |
| 10B. Os Pequenos Perdidos no Mato           |                                                                                                                            |                                                    | APFT 1702       |
| 11. As Botas de Sete Léguas                 | CPFT 327B – <i>The Brothers and the Ogre</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 327B                                               | TB 51, LV 270, 278                                 | APFT 1703       |
| 12. O Conto da Morte                        | CPFT 332 – <i>Godfather Death</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 332.                                                          | AC 23, LV 198-199                                  | APFT 1704       |
| 13. [A Forçura do Morto]                    | CPFT 366 – <i>The Man from the Gallows</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 366                                                  | -----<br>-----                                     | APFT 1705       |
| 14. O Conto da Mulata                       | CPFT 408 - * <i>The Three Citrons of Love (The Three Oranges)</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 408                           | TB 45, 46, LV 214, 307, 310                        | APFT [1706]/835 |
| 15. O Conto da Rosa e do Urso               | CPFT 425 – <i>The Search for the Lost Husband</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 425                                           | TB 14, AC 29, LV 107, 111                          | APFT 1707       |
| 16. O Veadinho Branco                       | CPFT 450 – <i>Little Brother and Little Sister</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 450                                          | -----<br>-----                                     | APFT 1708       |
| 17. A Cadelinha                             | CPFT 451 – <i>The Maiden Who Seeks Her Brothers</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 451                                         | TB 36                                              | APFT 1709       |
| 18. A Gata Borralheira                      | CPFT 510A – <i>Cinderella</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 510A.                                                             | TB 19, LV 529, 530, 536, 545                       | APFT 1710       |
| 19. O Touro Azul                            | CPFT 511A - * <i>The Blue Bull (The Little Red Ox)</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 511A                                     | AC 36, LV 531, 533, 535, 544, 545, 555             | APFT 1711       |
| 20. O Conto das Pretas                      | CPFT 403 – <i>The Black and the White Bride</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 403                                             | TB 22, LV 538, 550, 551                            | APFT 1712       |
| 21. O José Pequeninino                      | CPFT 570 – <i>The Rabbit-Herd</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 570                                                           | AC 45                                              | APFT 1713       |
| 22. [Os Meninos Com Duas Estrelas na Testa] | CPFT 707 – <i>The Three Golden Children</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 707                                                 | TB 39, LV 282, 285                                 | APFT 1714       |
| 23. Branca de Neve e os Sete Anãozinhos     | CPFT 709 – <i>Snow White</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 709                                                                | LV 329, 539                                        | APFT 1715       |
| 24. O Tim-Tim                               | CPFT 720 – <i>My Mother Slew Me; My Father Ate Me (The Juniper Tree)</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 720                    | LV 274-275                                         | APFT 1716       |
| <b>Ordinary Folktales: Religious Tales</b>  |                                                                                                                            |                                                    |                 |
| 25. Conto do Sapateiro Pobre                | CPFT 754 – <i>Lucky Poverty</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 754                                                             | TB 102                                             | APFT 1717       |
| 26. O Conto da Madrasta                     | CPFT 780B – <i>The Speaking Hair</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 780B                                                       | TB 27, 54, AC 40, LV 570, 572, 625, 626.           | APFT 1718       |
| 27. [Conto das Adivinhas]                   | CPFT 851 – <i>The Princess Who Cannot Solve the Riddle</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> 851                                      | TB 56, AC 38, LV 169, 171                          | APFT 1719       |
| 28. O Irmão Toleirão                        | CPFT 853 – <i>The Hero Catches the Princess with Her Own Words</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 853                          | -----<br>-----                                     | APFT 1720       |
| <b>Ordinary Folktales: Novelle</b>          |                                                                                                                            |                                                    |                 |
| 29. O Beijo da Princesa                     | CPFT 879 – <i>The Basil Maiden</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 879                                                          | TB 28                                              | APFT 1721       |
| 30. [A Promessa do Rei]                     | CPFT 882*C – <i>Jealous Courtier Accuses Another</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 882*C                                      | TB 76, LV 386                                      | APFT 1722       |
| 31. O Conto da Maria Sutilde                | CPFT 883B – <i>The Punished Seducer</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 883B                                                    | TB 33, AC 42, LV 176-                              | APFT 1723       |



|                                         |                                                                                                                                                                                                                                             |                                   |                 |
|-----------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------|-----------------|
|                                         |                                                                                                                                                                                                                                             | 177, 341-342                      |                 |
| 32. Adão e Eva                          | CPFT 884B* - <i>Girl Dressed as Man Deceives the King</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 884B                                                                                                                                                   | LV 345                            | APFT [1724]/836 |
| 33. O Boi Formoso                       | CPFT 889 - <i>Wager on the Faithfulness of the Servant</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 889                                                                                                                                                   | TB 58, AC 56                      | APFT 1725       |
| 34. O Conde Que Foi à Caça              | CPFT 891B - <i>The Vineyard and the Grapes (The King's Glove)</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 891B                                                                                                                                           | TB 59, LV 348-349, 532            | APFT 1726       |
| 35. O Conto do Céu                      | CPFT 910B - <i>The Observance of the Master's Precepts</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 910B                                                                                                                                                  | TB 100, LV 606                    | APFT 1727       |
| <b>Tales of the Stupid Ogre</b>         |                                                                                                                                                                                                                                             |                                   |                 |
| 36A. [As Fitas de Pele]                 | CPFT 1000 - <i>Bargain Not to Become Angry</i> ; 1003 - <i>Plowing</i> ; 1004 - <i>Hogs in the Mud</i> ; 1115 - <i>Attempted Murder with a Hatchet</i> ; 1563 - <i>Both? Both?</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 1000, 1003, 1004, 1115, 1563. | TB 77, LV 409                     | APFT 1728       |
| 36B. O Conto das Correias               | CPFT 1000 - <i>Bargain Not to Become Angry</i> ; 1003 - <i>Plowing</i> ; 1115 - <i>Attempted Murder with a Hatchet</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 1000, 1003, 1115.                                                                         |                                   | APFT 1729       |
| 37. O Conto do Aldeão e do Diabo        | CPFT 1030 - <i>The Crop Division</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 1030                                                                                                                                                                        | TB 81                             | APFT 1730       |
| 38. O Patrão Que Tinha um Criado        | CPFT 1049 - <i>*The Long Rope (The Heavy Axe)</i> ; 1115 - <i>Attempted Murder with a Hatchet</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> 1049                                                                                                               | Cf. contos 36A e 36B              | APFT 1731       |
| 39. O Talhão de Prata e Ouro            | CPFT 1138 - <i>Gilding the Beard</i> . C/ Ref. <sup>a</sup> ATU 1138                                                                                                                                                                        | -----<br>-----                    | APFT 1732       |
| <b>Jokes and Anecdotes</b>              |                                                                                                                                                                                                                                             |                                   |                 |
| 40. O Conto do Sapateiro                | CPFT 1360C - <i>*The Chilros-Milros (Old Hildebrand)</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 1360C                                                                                                                                                   | LV 364                            | APFT [1733]/837 |
| 41. [O Sapateiro Que Confessa a Mulher] | CPFT 1410 - <i>Four Men's Mistress</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 1410                                                                                                                                                                      | -----<br>-----                    | APFT 1734       |
| 42. O Conto do Corno                    | CPFT 1419H - <i>Woman Warns Lover of Husband by Singing Song</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 1419 H                                                                                                                                          | LV 365                            | APFT 1735       |
| 43. O João da Vaquinha                  | Sem entrada de catalogação (?)                                                                                                                                                                                                              | -----<br>-----                    | [APFT 1736]     |
| 44. O Padre e o Criado                  | CPFT 1562A - <i>'The Barn is Burning!'</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 1562A                                                                                                                                                                 | LV 396-397                        | APFT 1737       |
| 45. O João Toleirão                     | CPFT 1696 - <i>'What Should I Have Said? (Done?)'</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 1696                                                                                                                                                       | TB 75, LV 515, 639, 641, 643, 646 | APFT [1738]/838 |
| 46. As Três Palavras                    | CPFT 1697 - <i>'We Three; For Money'</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 1697                                                                                                                                                                    | LV 525, 527                       | APFT 1739       |
| 47. [O Suor do Seu Rosto]               | CPFT 1805* - <i>The Priest's Children</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 1805*                                                                                                                                                                  | -----<br>-----                    | APFT 1740       |
| <b>Formula Tales</b>                    |                                                                                                                                                                                                                                             |                                   |                 |
| 48. O Coelho Branco                     | CPFT 2015 - <i>The Goat Who Would Not Go Home</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 2015                                                                                                                                                           | AC 3                              | APFT 1741       |
| 49A. O Conto da Carochinha              | CPFT 2023 - <i>*Little Cockroach (Little Ant Marries)</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> ATU 2023                                                                                                                                                   | AC 1, LV 60-63                    | APFT 1742       |
| 49B. Conto do João Ratão                |                                                                                                                                                                                                                                             |                                   | APFT 1743       |
| 50. A Justiça                           | CPFT 2030A - <i>*The Fallen Grain (Ant Plants Chickpeas)</i> . S/ Ref. <sup>a</sup> 2030A                                                                                                                                                   | AC 4                              | APFT 1744       |

A tabela apresentada dispõe os contos de acordo com a sugestão de classificação atribuída por Manuel da Costa Fontes, porém há alguns que, actualmente, têm outra classificação no *Catalogue of Portuguese Folktales*. O conto n.º 6 classificado pelo autor como um **Ordinary Folktale: Tale of Magic** é catalogado no tipo 956B, o que corresponde a **Realistic Tales – Novelle**, subcategoria “*Robbers and Murderers*”; os contos n.º 27 e 28, ambos editados como **Religious Tales**, foram catalogados como **Realistic Tales – Novelle**, subcategoria “*The Man Marries The Princess*”. O conto n.º 36A que se enquadra em cinco tipos é catalogado ora efectivamente como sendo um **Tale of The Stupid Ogre** (T1000, T1003, T1004 e T1115), ora como **Anecdote and Joke** (T1563), subcategoria “*The Clever Man*”.

#### 4. Conclusões



A obra *Portuguese Folktales from California* confirma o interesse, o rigor e a eficácia da investigação de Manuel da Costa Fontes. Como se pôde verificar, é uma recolha pioneira na forma como foi metodologicamente concebida.

Digna de muito mérito, deveria ser publicada como uma recolha efectiva de contos populares portugueses, em edição bilingue, para garantir duas intenções: a transmissão e a preservação do conto popular português dentro e fora de Portugal, confirmando-se o intento da Lusofonia: universalizar a língua, a literatura e a cultura portuguesas. Neste contexto preciso, é de louvar a mestria de Manuel da Costa Fontes que conseguiu antecipar esses intentos bem antes de se falar ou de se ouvir falar em Lusofonia. É um Açoriano no mundo!

Aproveito para endereçar um agradecimento muito grande e especial ao Professor Doutor Manuel da Costa Fontes, o qual leu esta minha comunicação, fez algumas sugestões, mas sobretudo garantiu a sua satisfação pela leitura feita.

## 5. Referências Bibliográficas.

### 5.1. Dicionários:

Casteleiro, João Malaca (coord). (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa: Verbo.  
Costa, J. Almeida & Melo, A. Sampaio (coord). (1993) *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto: Porto Editora.  
Coelho, Jacinto do Prado (coord). (1997) *Dicionário de Literatura*, Porto: Figueirinhas.  
Reis, Carlos & Lopes, Ana C. (1994). *Dicionário de Narratologia*, Coimbra: Almedina.

### 5.2. Obras de Referência:

Aarne, Antti & Thompson, Stith. (1961) *The types of the folktale*, Helsinki: Academia Scientiarum Fennica.  
Cardigos, Isabel. (2006) *Catalogue of Portuguese Folktales*, Helsinki: Academia Scientiarum Fennica.  
Fontes, Manuel da Costa (1975) *Portuguese Folktales from California*, Los Angeles: University of California.  
Fontes/Robe, Manuel da Costa e S. L. (1977) *O Conto Popular Português na Califórnia*, Terceira: Separata da Revista Atlântida XXI, n.º 2.  
Nascimento, Braulio do. (2005) *Catálogo do Conto Popular Brasileiro*, Rio de Janeiro: IBCEC.  
Uther, Hans-Jörg (2004) *The Types of International Folktales. A Classification and Bibliography*, Helsinki: Academia Scientiarum Fennica.  
Valière, Michel. (2006) *Le conte populaire. Approche socio-anthropologique*, Paris, Armand Colin.

---

## 40) SUSANA MARQUES SÁ

**SUSANA Marques SÁ**, Licenciada em Ensino Básico 1º Ciclo e Mestre em educação em Línguas no 1º CEB na Universidade de Aveiro. Actualmente é bolseira de doutoramento na mesma universidade onde se encontra a desenvolver a sua dissertação na área da diversidade linguística e cultural.

### Que lusofonia em contextos de sala de aula plurilingues e pluriculturais: relato de uma experiência com uma turma multicultural do 1º CEB.

**Susana Sá**<sup>114</sup> [ssa@dte.ua.pt](mailto:ssa@dte.ua.pt), Universidade de Aveiro, Deptº de Didáctica e Tecnologia Educativa

Se pararmos e olharmos à nossa volta de forma atenta vemos que, na sociedade em que vivemos, se torna cada vez mais evidente a diversidade linguística e cultural, já que pessoas de diferentes nacionalidades, convicções, valores, línguas e culturas habitam os mesmos espaços.

Nesta linha, vários autores têm vindo a defender que o conhecimento e a valorização da diversidade são aspectos fundamentais para a construção de uma cultura de paz e para o desenvolvimento de valores democráticos, como o respeito, a solidariedade, facilitando, aos indivíduos, a compreensão e a aceitação do outro nas suas relações quotidianas, cada vez mais interculturais (Menchú in Imbernón, 2002). Indo um pouco mais longe, julgamos que na vida em democracia, em que a diversidade é a norma, é imprescindível que os cidadãos desenvolvam uma competência plurilingue e intercultural que lhes permita compreender o Mundo e, principalmente, compreender e interagir com os Outros, a partir da sua Língua Materna, da sua lusofonia.

Recaindo sobre a educação a responsabilidade de acolher e de valorizar a diversidade, consideramos que a sensibilização à diversidade linguística e cultural se constitui como um caminho para preparar, desde cedo, os alunos e a sociedade para lidar positivamente com diferentes línguas e culturas, predispondo para viver com o Outro e para a valorização da própria Língua Portuguesa. Neste artigo reflectiremos sobre a importância da sensibilização à diversidade linguística e cultural no quadro de uma educação para a cidadania num mundo multicultural. Para tal, apresentaremos um suporte didáctico de sensibilização à diversidade linguística e cultural que se constitui apenas como um exemplo do modo como podemos criar situações de experimentação e de reconhecimento de diferentes línguas e culturas nos primeiros anos de escolaridade, a partir da Língua Portuguesa, desde os primeiros anos de escolaridade. Os resultados obtidos com o projecto "Vem conhecer... a minha língua e os alfabetos" mostram que o contacto com outras línguas e culturas contribui para o desenvolvimento de aptidões cognitivas, sociais e afectivas, nos alunos, e constitui uma forma de favorecer o respeito pelos outros, o sentido de entreajuda, de cooperação e de cidadania e de promover a própria Língua

---

<sup>114</sup> Bolseira FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia) POCI 2010, Formação Avançada para a Ciência, Medida IV.3





Portuguesa. Tendo a consciência de que as línguas são fundamentais no processo de valorização do Mundo e do Outro, terminaremos este artigo com algumas reflexões finais, acreditando que a diversidade linguística e cultural pode ser um pilar da educação para a cidadania, num espaço lusófono que se quer respeitador e promotor da interculturalidade.

## 1- Introdução

Integrar a diversidade e o pluralismo na educação nunca foi uma realidade tão premente como nos dias actuais em que os fluxos migratórios e o fenómeno da globalização exigem a convivência entre formas de ser e estar muito diferentes. Sobre a educação recai a responsabilidade de acolher, de modo inclusivo, toda esta diversidade e de preparar os alunos para viver com o Outro de forma harmoniosa e salutar.

É precisamente nesta lógica que se enquadra o projecto “Vem conhecer... a minha língua e os alfabetos” (Antunes, Dias, Sá & Andrade, 2004) que levámos à prática e que pretendeu ser uma proposta de organização flexível e dinâmica do currículo, valorizando a diversidade linguística e cultural dos alunos de uma turma dos primeiros anos de escolaridade.

Assim, propomo-nos neste texto, num primeiro momento, a tecer primeiramente, algumas considerações sobre a lusofonia e a diversidade linguística e cultural cada vez mais presente no nosso país, seguindo de uma reflexão sobre a importância da diversidade linguística e cultural nas sociedades contemporâneas, cada vez mais multiculturais e multilingues. Posteriormente, passamos a divulgar a nossa investigação, referindo os participantes do estudo, as sessões que desenvolvemos com as crianças e alguns resultados obtidos. Por fim, terminaremos com uma reflexão onde apontamos algumas considerações e recomendações finais sobre a educação para a diversidade linguística e cultural, valorizadora da lusofonia, que diz respeito a todos os falantes da Língua Portuguesa.

## 2- A Lusofonia e a diversidade linguística e cultural em Portugal

Desde o século XV que Portugal é um país tradicionalmente de emigração, sendo um fenómeno simultaneamente antigo e bem enraizado na sociedade portuguesa. No entanto, Portugal tornou-se igualmente, nas últimas décadas, um país de imigração, pois populações vindas maioritariamente de África, da Europa e da América fixaram-se no nosso país em busca de melhores condições de vida, sob os pontos de vista social, económico e de segurança pessoal.

Recorrendo aos dados da OCDE, vivem em Portugal 500 mil estrangeiros, representando 4,5% da população. A maioria é oriunda do Brasil (66700), Ucrânia (65 800), Cabo Verde (64 300) e Angola (34.995) (Serviços de Fronteiras e Estrangeiros, 2006).

Estes números apresentados reflectem uma parcela da realidade cultural da população migrante que habita em Portugal, uma vez que as estatísticas não conseguem demonstrar todas as populações culturalmente diferenciadas que existem no nosso país no que respeita às suas línguas, religiões e costumes, contribuindo para a transformação da sociedade portuguesa e para a construção de um “Portugal Multicultural”, um Portugal com múltiplas lusofonias (Bastos & Bastos, 1999).

A diversidade linguística e cultural, novidade no nosso país, reflecte-se, como não podia deixar de ser, nas escolas portuguesas que têm de integrar públicos cada vez mais heterogéneos sob o ponto de vista cultural e linguístico. De facto, é visível em Portugal uma maior diversidade linguística e cultural o que leva à necessidade de, para garantir a igualdade de oportunidades no sucesso educativo, adequar a educação a esta nova realidade.

Desta forma, a diversidade linguística e cultural constitui-se como um desafio à capacidade das escolas e dos professores em prepararem os seus alunos para o contacto, a compreensão e valorização de outras formas de ser, de estar e de falar. É à escola e aos professores que cabe a imensa responsabilidade de acolher esta diversidade e preparar estas crianças para se integrarem na nossa sociedade.

Para o ex. Presidente da República Portuguesa, Jorge Sampaio “é indispensável investir no ensino do português como língua estrangeira, porque a vitalidade de uma língua mede-se também pela sua capacidade de cativar novos falantes.” (Jornal de Notícias, 7 de Dezembro de 2004).

Importa referir que o Português é, também, língua de suporte de identificação de comunidades lusófonas em diversos países, tais como: Alemanha, África do Sul, Austrália, Canadá, Estados Unidos da América, França, Luxemburgo, Suíça, Venezuela, entre outros. Dada a enorme dispersão da emigração portuguesa e actualmente da brasileira, é fácil encontrar um falante de Português em qualquer parte do mundo, mesmo nos sítios mais recônditos.

Assim, segundo Couto (2001), o Português é “utilizado quotidianamente por cerca de 200 milhões de seres humanos” e é língua de trabalho em várias organizações internacionais: Países de África, Caraíbas e Pacífico (ACP), Mercosul, Organizações dos Estados Ibero-americanos (OEI), Organização de Unidade Africana (OUA), Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), União Europeia (UE), União Latina (UL), União Económica e Monetária da África Ocidental (UEMOA), entre outras (Instituto Camões, 2004).

As projecções demográficas das Nações Unidas até 2050 têm impulsionado de tal forma a importância da Língua Portuguesa no contexto mundial que Couto chega a concluir que o nosso idioma encontra as maiores potencialidades de crescimento, enquanto língua de comunicação internacional, na África Austral e na América do Sul (2001).

Por este motivo, consideramos que as visões neocolonialistas e lusocêntricas da Língua Portuguesa devem ser contrariadas. Assim, a lusofonia deve ser encarada “como um complexo de espaços culturais diversificados, cada um com a sua riqueza e identidade próprias, que têm a uni-los um mesmo idioma. (...) Essa situação privilegiada cria condições ideais para a língua portuguesa se reinventar, enriquecer e perpetuar” (Gomes, Jornal de Notícias, 10 de Dezembro de 2004).



Por este motivo, consideramos que o desenvolvimento de projectos de valorização da diversidade linguística e cultural que convive nas nossas salas de aula a par da Língua Portuguesa deve ser uma prioridade, uma vez que “compreender os outros, faz com que cada um se conheça melhor a si mesmo”. E compreender a língua dos outros, faz com que cada um conheça melhor a sua própria língua (Delors, 1996: 43).

### 3- Alguns pressupostos teóricos: a importância da diversidade linguística e cultural

Como afirma Zaragoza, “la educación del siglo XXI deberá, por tanto, no sólo ser multilingue, sino también abierta en su concepción a toda la riqueza del patrimonio lingüístico mundial” (2001: 438). Nesta linha defende-se que as línguas desempenham um papel cada vez mais importante no mundo globalizado, facilitador da mobilidade de pessoas, bens, informação e conhecimento, devendo ser encaradas como um elemento fundamental no sentido de coadjuvar o contacto e o entendimento entre diferentes comunidades, uma forma de assegurar os direitos fundamentais de todos os indivíduos.

Tendo em conta que fazemos parte da União Europeia e que os cidadãos têm o direito de viajar, trabalhar e viver em qualquer parte desse espaço, o domínio de línguas aparece como uma necessidade imprescindível que deve começar a ser fomentado desde os primeiros anos de escolaridade, através da sensibilização à diversidade linguística e cultural (SDLC). Esta constitui-se como um espaço de receptividade a outras línguas e outras culturas... ao convívio com outros modos de ser, estar e de viver (Ministério da Educação, 2001),...lugar de promoção de atitudes positivas em relação à alteridade, isto é, a outras línguas e culturas (Martins, Andrade & Bartolomeu, 2002).

As abordagens plurais, nos primeiros anos de escolaridade, favorecem o desenvolvimento de competências variadas tais como a metalinguística, a comunicativa, a plurilingue e a intercultural. Neste sentido, é imprescindível que a sensibilização à diversidade linguística e cultural seja um trabalho interdisciplinar e transversal, contribuindo para os objectivos de todas as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares do currículo.

**A competência plurilingue e intercultural constitui-se na preparação para comunicar pela linguagem e para interagir culturalmente, predispondo para a aprendizagem de outras línguas e de novos encontros interculturais (Conselho da Europa, 2001).**

Neste sentido, é importante que a educação para a cidadania, seja entendida como aquela que é capaz de preparar os indivíduos para aprender a viver em democracia, numa cultura da diferença.

**A aprendizagem e valorização das línguas e culturas dos outros “constitue une voie vers la tolérance et la concorde et prend place dans l’éducation à la citoyenneté” revelando-se como um terreno favorável para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais indispensáveis ao exercício da cidadania (Dabène, 2000: 10). Deste modo, a SDL não é apenas uma questão instrucional, comparável ao domínio de outras matérias escolares, mas abrange dimensões sociais e culturais que são determinantes no desenvolvimento de aprendentes que se pretendem actores sociais activos e reflexivos na construção de um melhor entendimento no mundo multilingue e multicultural em que vivemos (Banks, 2004).**

Acreditamos que a SDLC se constitui como um meio de desenvolver, nas crianças, a capacidade de valorização de contactos com outras línguas, povos e culturas, e acima de tudo, perspectivamo-la como um caminho de abertura, de tolerância e de celebração perante a diferença. Como refere Ferrão-Tavares a este propósito, “começa-se por uma disponibilização para as línguas, por uma sensibilização e uma consciencialização de aspectos linguísticos tanto da língua materna como de outras línguas” e, simultaneamente, passa-se pela descoberta da pluralidade das línguas e culturas dos outros, como forma de evitar atitudes etnocêntricas (2001: 195).

A importância de sensibilizar para a diversidade linguística tem levado o Conselho da Europa e a União Europeia a desenvolver vários projectos, documentos e acções com o intuito de celebrar a pluralidade linguística do continente europeu e promover uma aprendizagem de línguas mais diversificada. Entre elas salientamos o Ano Europeu das Línguas (2001) e o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas o qual se constitui como um ponto de referência para a educação em línguas na Europa, descrevendo aquilo que os aprendentes de uma língua têm de aprender para serem capazes de comunicar nessa língua e quais os conhecimentos e capacidades que têm de desenvolver para serem eficazes na sua actuação (Conselho da Europa, 2001). Em Portugal, têm sido também desenvolvidas algumas políticas linguísticas educativas como intuito de promover a diversidade linguística, sendo uma das medidas mais significativas a publicação do documento que orienta as aprendizagens no Ensino Básico (alunos dos 6 aos 15 anos), o *Currículo Nacional do Ensino Básico*, que declara a importância da sensibilização à diversidade linguística e cultural nos primeiros anos de escolaridade e da aprendizagem de línguas ao longo de toda a escolaridade básica (Ministério da Educação, 2001).

Nesta linha, a sensibilização à diversidade linguística não é destinada especificamente às crianças alófonas, nem para realizar somente nas turmas onde a presença de crianças oriundas de outros países seja significativa. Nas palavras de De Pietro “*n’est pas une pédagogie spéciale, encore moins une pédagogie compensatoire*” mas constitui-se como uma abordagem de consciencialização e de valorização que “*favorise la reconnaissance de toutes les langues qui sont ainsi incluses dans le travail en classe, et elles favorisent la reconnaissance de tous les élèves présents dans les classes et qui parlent ces langues, car les connaissances qu’ils apportent avec eux deviennent utiles à l’ensemble de la classe*” (1999).

O ensino deve estar ao serviço da valorização da diversidade linguística e cultural, favorecendo relações harmoniosas entre as diferentes comunidades linguísticas (Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, artigo 23º, in Branco, 2001). Acreditamos que é urgente não só sensibilizar as crianças para a diversidade linguística, em geral, mas também promover e abordar as línguas das crianças imigrantes, cada vez mais presentes nas escolas portuguesas, com o intuito de contribuir para a sua valorização e integração e de desenvolver nas crianças nativas o respeito pelos outros, o sentido de entajuda, cooperação e de solidariedade.



Assim, o projecto que desenvolvemos e passamos a explicitar, de seguida, baseia-se na premissa de que é possível sensibilizar para a diversidade linguística e cultural a partir do contacto com diferentes alfabetos e sistemas de escrita e das línguas que as crianças imigrantes de uma turma dominam, promovendo e desenvolvendo assim a lusofonia de todas as crianças da turma.

#### 4- Apresentação do projecto “Vem conhecer... a minha língua e os alfabetos”

Este projecto foi concebido e desenvolvido por Paula Antunes, Susana Bernardes e Susana Sá, do curso de professores do Ensino Básico – 1º Ciclo (crianças dos 6 aos 10 anos) a frequentar o último ano do curso na Universidade de Aveiro em Portugal. Foi posto em prática numa turma do 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico, com crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos, correspondendo, em Portugal, ao primeiro ano de escolaridade obrigatória. A turma era composta por 13 alunos, sendo caracterizada por uma grande heterogeneidade ao nível linguístico e cultural, sendo que 46,2% dos alunos eram imigrantes ou filhos de imigrantes, provenientes, maioritariamente, de Portugal mas também da China, Angola, Moçambique e Venezuela.

A problemática em estudo foi compreender como implementar um projecto de sensibilização à diversidade linguística e cultural nos primeiros anos de escolaridade como estratégia para desenvolver:

- o gosto e a sensibilidade por outras línguas e culturas;
- atitudes de abertura, curiosidade e respeito pelo Outro;
- a construção de uma competência plurilingue e intercultural;
- a participação e valorização das crianças alófonas no contexto de sala de aula

##### 4.1- Desenvolvimento das sessões

O projecto foi desenvolvido em nove sessões onde se implementaram materiais pedagógico-didáticos de sensibilização à diversidade linguística e cultural sobre os alfabetos e os sistemas de escrita. As línguas abordadas foram o Espanhol, o Português, o Inglês e o Mandarim, línguas faladas e compreendidas por alguns alunos da turma.

Assim, implementámos sessões de trabalho com cerca de 60/90 minutos cada, cujas actividades podem ser analisadas em pormenor em Sá & Andrade (2007), mas que apresentamos, de forma sintética no quadro 1 abaixo “Actividades desenvolvidas”:

| Sessões desenvolvidas                                                           | Descrição das actividades                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|---------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>1ª Sessão</b><br><i>Biografia Linguística</i>                                | Nesta primeira sessão as crianças reflectiram sobre a existência de outras línguas, construindo uma biografia linguística em grupo-turma. Assim, reconheceram que línguas falavam, que línguas pensavam que existia, aquelas com as quais já tinham contactado (em registo oral ou escrito) e quais as línguas que eram capazes de compreender, mas não falavam.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>2ª Sessão</b><br><i>Os Alfabetos</i>                                         | Na segunda sessão, convidou-se as crianças a ver e ouvir a história “Os Alfabetos” numa apresentação em PowerPoint. Apresentou-se de seguida os alfabetos mais utilizados no mundo (árabe, cirílico, hebraico e latino) e para que as crianças contactassem com os códigos escritos destes alfabetos foram convidadas a observar e copiar a letra “n” nesses mesmos alfabetos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>3ª Sessão</b><br><i>Alfabeto Latino</i>                                      | Numa terceira sessão, as crianças ouviram duas canções (uma em Inglês e outra em Espanhol) e tentaram identificar as línguas, recorrendo a características fónicas e lexicais. Posteriormente, contactaram com os registos escritos naquelas línguas, identificando vogais e consoantes comuns ao registo escrito da Língua Portuguesa nas palavras “amigo”, “pessoa”, “árvore”, “sol”, “lua” e “chuva” e tentando descodificar o seu significado em Inglês e Espanhol. Neste seguimento, as crianças aperceberam-se de que o Inglês e o Espanhol utilizam o mesmo alfabeto que o Português – o alfabeto latino. Por fim, tentaram dizer/ler as seis palavras nas duas línguas trabalhadas, identificando semelhanças e diferenças. |
| <b>4ª Sessão</b><br><i>Escrita Chinesa</i>                                      | Nesta sessão, as crianças foram convidadas a ouvir duas canções em Mandarim e, posteriormente, a identificar a língua presente nas mesmas. Seguiu-se o jogo “Onde está o Outro?”, onde se pretendeu que as crianças tivessem de associar a imagem ao carácter em Mandarim, com as palavras abordadas na sessão anterior, presentes em cartões afixados no quadro. Finalmente, fizeram uma ficha de trabalho, visando o treino de diferentes capacidades.                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>5ª Sessão</b><br><i>Pedipaper: À procura das línguas na cidade de Aveiro</i> | Numa quinta sessão, as crianças tiveram a oportunidade de identificar a presença de diferentes línguas na sua localidade através da realização de um pedipaper. Percorreram, de forma orientada, alguns locais na sua cidade, nos quais era evidente a presença da diversidade linguística e iam registando as suas observações numa ficha-guião do pedipaper.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |



|                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|----------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>6ª Sessão</b><br><b><i>Discussão do Pedipaper</i></b>                               | Esta sessão começou com o debate com as crianças sobre o que mais gostaram e o que aprenderam com a realização do pedipaper. De seguida foi afixado um mapa da localidade, com o objectivo de relembrar o itinerário percorrido. Distribuiu-se pelos alunos cartões com imagens de alguns locais percorridos no pedipaper para que elas os colassem no receptivo local no mapa. |
| <b>7ª Sessão</b><br><b><i>As Três Línguas</i></b>                                      | Nesta sessão foram distribuídos cartões com as seis palavras abordadas em Inglês, Espanhol, Mandarim e Português. As crianças tiveram de identificar a língua e o significado da palavra do seu cartão e afixá-lo no local correcto no quadro.                                                                                                                                  |
| <b>8ª Sessão</b><br><b><i>Dramatização “Meninos de todas as cores”</i></b>             | Esta sessão começou com a audição da história “Meninos de todas as cores” precedida por um diálogo acerca do conteúdo da mesma, de forma a sensibilizar as crianças para a importância da diversidade cultural. Seguiu-se a dramatização da história ouvida.                                                                                                                    |
| <b>9ª Sessão</b><br><b><i>Jogo “Vem conhecer... a minha língua e os alfabetos”</i></b> | Com esta última sessão pretendeu-se que as crianças sistematizassem, de forma lúdica, alguns conhecimentos adquiridos nas actividades realizadas nas sessões anteriores. Neste sentido, convidámo-las a realizar o jogo “Vem conhecer... a minha língua e os alfabetos”.                                                                                                        |

Quadro 1 – Actividades desenvolvidas

É de referir que todas as sessões foram iniciadas com um breve diálogo entre a professora e as crianças, de modo a relembrar as actividades realizadas nas sessões anteriores e as temáticas abordadas. As actividades privilegiadas nas diferentes sessões foram essencialmente a audição e representação de histórias, a realização de jogos didácticos e actividades com mais enfoque na oralidade, uma vez que estas crianças ainda se encontravam na fase inicial de aprendizagem da leitura e da escrita.

#### 4.2- Discussão dos resultados

Para a recolha de dados deste projecto optámos por proceder à observação directa, através da videogravação das sessões com o fim de podermos captar, com mais rigor, as situações e comportamentos dos alunos, bem como a forma e o conteúdo da comunicação, isto é, das interacções verbais e não-verbais (Andrade & Araújo e Sá, 1995). Com essas gravações, pudemos, assim, observar os comportamentos e atitudes dos alunos que só se conseguem captar no momento em que se produzem. É de salientar que todas as sessões foram transcritas para acedermos aos dados e podermos comentá-los de forma fundamentada e fidedigna.

Analisámos as diferentes sessões tendo em conta as três grandes dimensões que a sensibilização à diversidade linguística e cultural procura desenvolver, segundo Candelier, as quais, no nosso entender, se devem constituir como a base de uma educação para a diversidade, as quais explicitámos anteriormente: *atitudes e comportamentos face às línguas; cultura linguística e competência metalinguística* (2000).

Após uma análise da implementação de cada sessão, tendo em conta as três categorias de análise que definimos para o nosso trabalho, pudemos concluir que as crianças desenvolveram uma cultura linguística e uma competência metalinguística que foram visíveis ao longo da implementação do nosso projecto e manifestaram atitudes positivas em relação à diversidade linguística, bem como às actividades por nós apresentadas.

Verificamos que as crianças reconheceram a diversidade linguística como uma mais-valia e assumiram atitudes positivas em relação à mesma, valorizando os conhecimentos dos colegas alófonos, pedindo-lhes que falassem a sua língua materna. Por outro lado, revelaram vontade em tentar ler as palavras nas diversas línguas e adivinhar o seu sentido.

As crianças encararam as actividades seriamente mas de forma lúdica e com prazer e revelaram-se receptivas ao trabalho proposto, demonstrando muito interesse e entusiasmo. Este indicador foi visível aquando da análise da grelha de avaliação do projecto, onde as crianças afirmaram, na sua maioria, ter gostado de realizar todas as actividades propostas.

No que diz respeito à *cultura linguística*, que se manifesta nos conhecimentos que as crianças foram adquirindo ao longo de todo o projecto, podemos afirmar que os alunos reconheceram a existência do alfabeto Latino e de algumas línguas que o utilizam, fixaram os nomes das línguas abordadas, sabendo que o Chinês que aprenderam é o Mandarim e identificaram o significado de algumas palavras escritas em Inglês e Espanhol.

Reconheceram também que a escrita chinesa, em contexto português, só é utilizada em contextos e situações específicas (comércio e restauração), identificando e situando a diversidade linguística na cidade de Aveiro sem se surpreender. Por outro lado, reconheceram diferentes tipos de escrita e revelaram ser capazes de traduzir, sem qualquer dificuldade, os caracteres chineses abordados.

Por fim, em relação à *competência metalinguística*, podemos concluir que os alunos reconheceram as características do alfabeto Latino, identificando sem hesitar o Português, o Espanhol e o Inglês como línguas que o utilizam, e compararam as línguas entre si. Para além disso, desenvolveram a capacidade de discriminação auditiva e visual no que se refere à capacidade de observar e comparar particularidades linguísticas e utilizaram os empréstimos linguísticos, distinguindo-os perfeitamente do Português.

Tendo em conta o que acabamos de explicitar, podemos afirmar que o projecto desenvolvido, mesmo que reduzido no tempo, proporcionou uma experiência interactiva e estimulante aos alunos, através da qual estabeleceram o contacto com diferentes línguas e culturas. Tal permitiu o desenvolvimento de alguns conhecimentos e competências mas, principalmente, uma consciencialização dos alunos para as diferenças





linguísticas e culturais do Outro, perspectivando-as como fonte de enriquecimento e conhecimento mútuo (quer entre as crianças alófonas, quer entre as crianças alófonas e as nativas).

### Conclusões/ recomendações

**Ao tomarmos consciência dos resultados obtidos com a implementação deste projecto podemos afirmar que este permitiu, por um lado, que as crianças alófonas se integrassem mais no grupo-turma, uma vez que as actividades realizadas incentivaram a sua participação de forma constante, e, por outro lado, permitiu que as crianças nativas ficassem sensibilizadas para a diversidade linguística presente na sua turma e na sociedade em geral, desenvolvendo relações positivas em relação à mesma.** Explorar e valorizar os repertórios linguístico-comunicativos dos alunos, principalmente das crianças alófonas, contribui para o despertar para a diversidade linguística mas permite essencialmente uma igualdade de oportunidades. Pelo que esta igualdade de oportunidades passa pelo conhecimento das várias culturas e línguas em presença na turma e pela criação de relações de harmonia, compreensão intercultural na sala de aula, na escola e na comunidade e, principalmente, com o acesso a todos à Língua Portuguesa seja ela língua materna ou língua estrangeira. Com a implementação de suportes didácticos de sensibilização à diversidade linguística e cultural, procura-se que as crianças desenvolvam atitudes de abertura e de respeito, vontade de conhecer o Outro e de se envolverem em intercâmbios linguísticos e culturais, assumindo-se como futuros cidadãos comprometidos em aprender a ser e aprender a viver juntos, dois dos grandes pilares da educação definidos por Delors (1996). Ao encontro desta perspectiva, Starkey afirma que “citizens in a democracy need intercultural skills for living in communities where cultural diversity is the norm” (2002).

Nesta linha, a sensibilização à diversidade linguística e cultural constitui, sem dúvida, um desafio à capacidade das escolas e dos professores em prepararem os seus alunos para o contacto, a compreensão e a valorização de outras formas de ser, de estar e de falar. Ao integrar a diversidade linguística e cultural nas aulas do 1º CEB, permite, por um lado que as crianças alófonas revelem as suas competências linguísticas e desenvolvam a aprendizagem da Língua Portuguesa. Por outro lado, as crianças nativas desenvolvem atitudes de abertura e respeito face à diferença e, a partir da comparação entre particularidades das diferentes línguas, desenvolver a sua competência metalinguística na Língua Portuguesa.

A lusofonia é o conjunto de identidades culturais existentes nos países e, neste momento, Portugal apresenta uma identidade cultural partilhada por diferentes línguas e culturas que é necessária não só respeitar como também integrar nas salas de aulas, nos currículos, de forma a que a lusofonia possa ser um direito e não apenas privilégio de alguns.

### Bibliografia

- ANDRADE, A & ARAÚJO E SÁ, M. H. (1995). *Processos de Interação Verbal em aula de Francês Língua Estrangeira* (vol. I). Aveiro, Universidade de Aveiro. Tese de Doutoramento.
- ANTUNES, P.; DIAS, C. & SÁ, S. (2007). “Vem conhecer... a minha língua e os alfabetos” In ANDRADE, A. & MARTINS, F. (Coord.). *Abordar as línguas, integrar a diversidade nos primeiros anos de escolaridade*. Cadernos do LALE. Série propostas. Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 43-100.
- BANKS, J. (2004). Teaching for social justice, diversity and citizenship in a global world. In *The educational forum*. Vol. 68, pp. 289-298.
- BASTOS, J. & BASTOS, S. (1999). *Portugal Multicultural: situações e estratégias identitárias das minorias étnicas*. Lisboa: Fim de Século.
- BRANCO, R. (2001) (Org). *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*. Porto: Campo das Letras. (edição portuguesa).
- CANDELIER, M. (2000). *L'introduction de l'éveil aux langues dans le curriculum*. In [www.ecml.at](http://www.ecml.at) (consultado a 17 de Maio de 2006).
- CONSELHO DA EUROPA (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições ASA.
- COUTO, J. (2001). *Língua Portuguesa – Perspectivas para o Século XXI*. <http://www.instituto-camoes.pt/bases/lingua/portugues.htm> (consultado na Internet em 2 de Dezembro de 2004).
- DABÈNE, L. (2000). Pour une didactique plurielle. Quelques éléments de réflexion. In *La didactique des langues dans l'espace francophone: Unité et diversité*. Actes du 6<sup>e</sup> Colloque International de ACEDLE, Grenoble, pp.9-13.
- DELORS, J. (1996). (Org.). *Educação um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Porto: Edições ASA.
- DE PIETRO, J. (1999). S'ouvrir aux langues. In *Babylonia*, n.º 2. (disponível também em <http://babylonia.romsem.unibas.ch/Babylonia/Baby299.html>)
- FARIA, H. (2002). Ensino precoce de línguas estrangeiras. In *Educação e Comunicação*. Publicações do centro de estudos e de investigação, n.º 7, pp. 10-18.
- FERRÃO-TAVARES, C. (2001). «Former des enseignants plurilingues dans le cadre de l'enseignement précoce: des enjeux aux propositions d'action». In *Langues Modernes*. Paris; APLV.
- GOMES, J. (2004). “Depoimento” in *Jornal de Notícias*, 10 de Dezembro de 2004.
- INSTITUTO CAMÕES (2004). “Português é a sexta língua materna mais falada no mundo”.Disponível em <http://www.instituto-camoes.pt/arquivos/lingua/sextalingua.htm>
- MARTINS, F; ANDRADE, A; & BARTOLOMEU, I. (2002). As línguas da criança e as línguas do mundo: aspectos da gestão da competência plurilingue em alunos do 1º ciclo do E.B. In *I Encontro Nacional da SPDLL - A Didáctica das Línguas e Literaturas em Portugal: contextos de emergência, condições de existência e modos de desenvolvimento*, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.



- MENCHÚ, R. (2002). El sueño de una sociedad intercultural. In IMBERNÓN, F. (Org). *Cinco ciudadanías para una nueva educación*. Barcelona: Editorial GRAÓ, pp. 63-82.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. Lisboa: DEB.
- PNUD (2004). *Relatório do Desenvolvimento Humano. Liberdade Cultural num Mundo Diversificado*. Queluz: Mensagem-Serviço de Recursos Editoriais.
- STARKEY, H. (2002). *Democratic Citizenship, Languages, Diversity and Human Rights*. Strasbourg: Council of Europe.
- SÁ, SUSANA & ANDRADE, ISABEL (2007). "A diversidade linguística e cultural: um pilar na educação para a cidadania?" In *Actas do Congresso Educação e Democracia – representações sociais, práticas educativas e cidadania*. Aveiro: Universidade de Aveiro – Departamento de Ciências da Educação, pp. 398-404.
- SAMPAIO, J. (2004). "Bloco de Notas do Presidente da República" in *Jornal de Notícias*, 7 de Dezembro de 2004.
- SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS. Disponível em [www.sef.pt](http://www.sef.pt)
- ZARAGOZA F. (2001). *Un mundo nuevo*. Barcelona: Galáxia Gutemberg.

## 41) MARIA TERESA V. TOMÉ

**Maria Teresa V. Tomé** nasceu em 1956 na cidade de Ponta Delgada, S. Miguel, Açores.

Licenciou-se em História pela Universidade dos Açores. Entre 1984 e 1987 foi Assistente da Cadeira de História Cultural e das Mentalidades na Universidade dos Açores. É autora do livro "Ernesto do Canto, Os Açores na problemática da cultura do séc. XIX", bem como de diversos artigos publicados em revistas da especialidade. Jornalista desde 1989 dedicou-se sobretudo à realização de grandes reportagens e documentários. Durante dois anos foi editora do magazine de cultura da RTP-Açores, "Espaço Vital". É jornalista na Rádio Televisão Portuguesa, onde tem desenvolvido uma vasta obra filmográfica que abarca um leque variado de temas com principal incidência para a cultura, historiografia e etnografia açorianas. O seu trabalho tem sido premiado em Portugal e no estrangeiro.

Prémios

O documentário "Os Trabalhos do Linho", recebeu o prémio da Sociedade Hyperion da Roménia e Menção Honrosa no 11º Festival Internacional do Filme Turístico em Itália.

Em 1998 "Gente de Beira Mar" foi distinguido com uma menção honrosa na Mostra Atlântica de Televisão.

Em 2000 "OS Deuses também Morrem" um documentário sobre a Caldeira do Santo Cristo em S. Jorge foi também distinguido com Menção honrosa na Mostra Atlântica de Televisão.

Filmografia

✍ 1995 – "Vidas" – Uma série de 12 episódios sobre personalidades de destaque da história açoriana.

1996 – "Imprensa Antiga nos Açores", documentário sobre a história da Imprensa no arquipélago.

✍ 1996 – "Viagens pela Cidade", documentário sobre Ponta Delgada a sua vida e a sua história, realizado aquando dos 450 anos da elevação a cidade.

✍ 1996 – "Os Trabalhos do Linho", documentário de cariz etnográfico que conta a forma como se trabalhava artesanalmente o fio do linho na ilha de S. Miguel.

✍ 1997 – "Gente de Beira Mar" documentário que aborda a forma como o mar interage na cultura açoriana. Este trabalho esteve presente na exposição de arte contemporânea dos Açores intitulada "Uma Janela sobre os Açores" que teve lugar em 1999 na Bermuda National Gallery

1998 – "José do Canto, História de uma Vida", documentário sobre este açoriano ilustre realizado aquando do centenário da sua morte.

✍ 1999 – "Peixinhos do Mar", documentário sobre o chicharro e a sua importância na dieta alimentar açoriana.

✍ 2000 – "No Interior do Vulcão", documentário sobre o Algar do Carvão na ilha Terceira, o seu achamento, fauna, flora e formas de o preservar.

✍ "Os Deuses também Morrem", documentário sobre a Caldeira do Santo Cristo em S. Jorge, a história do lugar e as preocupações ambientais que ele suscita.

✍ 2000 – "A Gruta do Enxofre", documentário sobre a gruta com este nome situada na ilha Graciosa, a geologia, a história e o meio ambiente circundante.

✍ 2000 – "A Senhora da Rosa", documentário sobre a poetisa Natália Correia, a sua vida, obra e misticismo. Este trabalho faz parte integrante da exposição organizada pelo Museu do Traje em Lisboa sobre a escritora açoriana e com ela têm percorrido o país. Esteve também patente em diversas exposições de arte contemporânea nomeadamente em Lisboa e Ponta Delgada.

✍ 2001/2002 – "Aventuras do Espírito" série de 13 episódios que aborda a vida e obra de escritores e artistas plásticos açorianos.

✍ 2001/2002 – "No Coração da Autonomia" – série de 4 episódios que contam a história da autonomia açoriana após o 25 de Abril de 1975.

✍ 2003/2004 – "Sinais do Século XXI" série de nove episódios que reconstroem a vida contemporânea nos Açores nos seus aspectos mais variados. "Sinais do Século XXI", abordam os grandes temas, da política à economia, passando pela ciência, saúde, tecnologia, ideias, atitude perante a pessoa e novas formas de habitar o espaço açoriano.

✍ 2004 – "Famílias da Europa" – a vida do quotidiano na Europa após o alargamento, mudanças e transformações. Módulo de 10M para o Circom, cadeia de Televisões Regionais Europeias.

✍ 2005 – "Terra do Espírito", três documentários sobre o culto açoriano do Espírito Santo, rodados nos Açores, Brasil e Estados Unidos.



- ≡ 2006 – “3ª Geração”, três documentários realizados nas comunidades portuguesas da América do Norte, Califórnia, Costa Leste e Canadá que contam a sua história e perspectivas actuais.
- ≡ 2007 – “Descolagem” – O quotidiano da Companhia aérea açoriana no seu sexagésimo aniversário.
- ≡ 2007 – “Miss Nóia” – A história de uma mulher sozinha e emigrante. Natural do Faial, emigrou em busca de liberdade e sucesso. Nos Estados Unidos, Estado da Califórnia realizou o seu “american dream” pessoal.
- ≡ 2007 – “Açores, 9 Ilhas, Uma Viagem Íntima” – A Viagem que procura transcender apenas a paisagem, inspira-se nela e parte pela mão da beleza à procura de outras pátrias ... de outras transparências.

#### AÇORES, 9 ILHAS, UMA VIAGEM ÍNTIMA

**Teresa Tomé**

Os Açores são “Terra do Espírito” – disse Natália Correia, e terra do Espírito tem sido o seu destino. Anualmente os açorianos celebram-se nas festas do Espírito Santo e deste modo viajam até às origens, até aquilo que possuem de mais profundo. Cumprem os desígnios da sua história secreta e rompem as barreiras do espaço e do tempo, comemorando o futuro. Cada “Império” é precursor da Idade do Espírito Santo, que está a chegar.

---

## 42) VERA HANNA

## 43) NEUSA M.<sup>a</sup> OLIVEIRA BARBOSA BASTOS

## 44) REGINA HELENA DE BRITO

**VERA HANNA**, Professora Adjunta do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas do Centro de Comunicação e Letras, e da pós-graduação lato sensu da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil. Licenciada em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutorado na Área de Historiografia Lingüística no Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Pesquisadora do IP-PUC/SP (Instituto de Pesquisas Lingüísticas “Sedes Sapientiae” da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Pesquisadora do CNPq no âmbito dos Estudos Culturais, do Ensino Língua Estrangeira, de Língua Materna, Interculturalismo. Pesquisadora do GT Historiografia da Lingüística Brasileira da ANPOLL. Dedica-se, também, à área dos Estudos Americanos e é presidente da ABEA (Associação Brasileira de Estudos Americanos). Autora de vários artigos em anais e revistas nacionais e internacionais, assim como capítulos em livros. Participante da Comissão Editorial e Executiva da Revista Todas as Letras, Revista de Língua e Literatura da UPM.

**Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos**, Professor com Pós-doutorado pela Universidade do Porto/Portugal. Professor Doutor em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professor Titular do Departamento de Português da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC/SP. Professor Titular do Departamento de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da PUC/SP, Supervisora do IP-PUC/SP (Instituto de Pesquisas Lingüísticas “Sedes Sapientiae” para Estudos do Português da PUC/SP) e Assessora da Vice-Reitoria Acadêmica da PUC/SP, Vice-Coordenadora do NEL-UPM (Núcleo de Estudos Lusófonos). Consultora e parecerista *ad hoc* de órgãos de fomento como CAPES e FAPESP e parecerista de revistas científicas especializadas. Orientadora de pós-graduandos e graduandos. Autora de artigos em anais e revistas nacionais e internacionais.

**Regina Helena Pires de Brito**, Pós-Doutora pela Universidade do Minho (Portugal), Mestre e Doutora em Letras/Lingüística pela Universidade de São Paulo (Brasil). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Núcleo de Estudos Lusófonos da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É Pesquisadora Associada do CELP da Universidade de São Paulo e pertence ao Grupo de Pesquisas do IP-PUC-SP. Investigadora do *Projeto Lusocom*, do ICS da Universidade do Minho, coordenado por Moisés Martins e Helena Sousa. É, também, docente investigadora e membro representante do Brasil na Comissão Diretiva do *Instituto Nacional de Lingüística de Timor-Leste*. Autora e Coordenadora do Projeto “Universidades em Timor-Leste” - *Canção popular e música brasileira em Timor-Leste* (co-autoria de Benjamin Abdala Junior – USP/SP) para a difusão da língua portuguesa em território timorense por meio da música brasileira, em fase de adaptação para o contexto moçambicano. Sua produção recente destaca a publicação de artigos, capítulos e livros focalizando a relação entre língua, realidade cultural e identidade em países de expressão lusófona.

#### IDENTIDADE LUSÓFONA E GLOBALIZAÇÃO

NEUSA MARIA DE OLIVEIRA BASTOS, UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, IP-PUCSP, BRASIL

REGINA HELENA PIRES DE BRITO, UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, BRASIL; INSTITUTO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, TIMOR-LESTE

VERA LUCIA HARABAGI HANNA, UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, IP-PUCSP, BRASIL

- Refletiremos, neste trabalho, sobre a problemática da identidade, que tem suscitado interesse crescente e mobilizado estudiosos de diferentes campos das ciências humanas e sociais, oferecendo-se de forma privilegiada à interdisciplinaridade. Por estar a noção de identidade sob questão, passa-se a convergir os estudos para a identidade lusófona abrangente e ligada ao tão propalado processo de globalização. Neste contexto turbulento de quebra dos sistemas culturais, a identidade, transformada continuamente em relação às maneiras pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos circundam, apresenta-se ainda mais aberta e provisória. Os sentidos de espaço e tempo se encontram de tal forma alterados que se trabalha com a



idéia da desterritorialização das realidades simbólicas tanto no que tange à hibridização cultural em sentido “lato”, voltando o olhar para o mundo, quanto em sentido “strictu”, voltando o olhar para os falantes de Língua Portuguesa.

Minha infância explica muita coisa. Eu tive uma infância de menino pobre nas favelas de Luanda, chamadas musseques, com todos os meninos da minha idade, branco, preto, mestiço, português, angolano. Isso deu o caldo cultural que me fez uma criança irrequieta, com um determinado tônus cultural diferente do dos filhos da burguesia colonial.

(Luandino Vieira, escritor angolano, em entrevista ao *Jornal da Tarde*<sup>115</sup>, de São Paulo, jan. 1987)

[...] Encantava-me o conhecimento e a possibilidade de haver paraísos na Terra, prometidos, uma vez que o outro, o verdadeiro, me estava vedado em vida. Foi no ano da minha quarta classe que descobri o caminho do retorno dos descobrimentos. Macau e a Cidade do santo nome de Deus. Goa, Damão e Diu, Índia chorada. Moçambique comprido como a girafa do parque do Gorongosa. Angola grande dos diamantes das Lundas e do petróleo de Cabinda. São Tomé e Príncipe do Mário Lopes e do cacau. Guiné e o arquipélago dos Bijagós. Cabo Verde e a morna do Mindelo. A Madeira e o arquipélago dos Açores. Brasil e o grito do Ipiranga. A metrópole e o Entroncamento onde se cruzavam todos os comboios do mundo. Às vezes tinha dúvidas sobre a existência destas terras, lembrando as suspeitas da minha mãe. Mas o encanto fazia-me acreditar em tantas coisas distantes como no paraíso perdido pelo Adão e ganho pela morte. Eu deveria acreditar também em paraísos terrenos mais próximos e mais vivos.

(Luis Cardoso, escritor timorense, na obra memorialista *Crónica de uma travessia*, 1997, p. 58)

Pela língua portuguesa, parte indissociável do imaginário lusófono de angolanos, brasileiros, cabo-verdianos, guineenses, moçambicanos, são-tomenses, timorenses (para referirmos apenas os espaços de expressão oficial portuguesa<sup>116</sup>) nos unimos e nos separamos, nos fazemos iguais e nos fazemos diferentes, somos nós, sendo outros, constantemente. Tomemos, agora, um trecho do moçambicano Mia Couto, em *Terra Sonâmbula* (1992) - considerado um dos doze melhores livros africanos do século XX - que bem exemplifica que o léxico, freqüentemente utilizado para invocar e exprimir pertencimento, desvenda, ao mesmo tempo, as identidades dessemelhantes que um mesmo sistema lingüístico pode abarcar,

O desaparecimento de meu irmão treslouqueceu toda nossa casa. Quem mais mudou foi meu pai. Aos poucos, foi deixando as demais ocupações, alvorando e anoitecendo na beberagem. O barco dele dormia na duna, vela entornada, com nostalgia do vento. Meu velho se embebedava encostado no barquinho. Era como se os dois, embarcação e pescador, esperassem uma viagem que nunca mais chegava. O estado dele se foi reduzindo até ficar menos de uma lástima: carapinhoso, aguardando nos baços. A surra era seu único conteúdo. Um dia lhe encontramos tão repleto, já nem falava. Borbulhava espuma vermelha pela boca, pelo nariz, pelos ouvidos. Foi vazando como um saco rompido e, quando já era só pele, tombou sobre o chão com educação de uma folha. (Couto, 2002, p. 22)

Mia Couto, um dos nomes mais importantes da nova geração de escritores africanos que escrevem em língua portuguesa, afirmou, certa vez, que a riqueza cultural de seu país provinha da disponibilidade de seu povo em efetuar *trocas culturais* com os outros - **“não há cultura humana que não se fundamente em profundas trocas de alma.”** (2003). Ao discorrer a respeito da profunda diversidade e das complexas mestiçagens do continente africano afirmava que um dos maiores e mais valiosos patrimônios dos africanos residia nas longas e irreversíveis misturas de culturas, que esse mosaico de diferenças podia ser visto como uma verdadeira magia, **“essa magia nasce, sim, da habilidade em trocarmos cultura e produzirmos mestiçagens.”** E concluía, em seguida, **“Essa magia nasce da capacidade de sermos nós, sendo outros”** (Hanna, 2006).

Ao discutirmos os efeitos dos encontros culturais, “das profundas trocas de alma”, das mudanças constantes e cada vez mais aceleradas que enfrentamos nas sociedades modernas, entram em pauta, definitivamente, as transformações culturais exacerbadas que acontecem na mesma proporção em que lugares diferentes do globo se interconectam, acarretando ondas de transformação social que atingem potencialmente toda a superfície da terra. Anthony Giddens (1990), sociólogo britânico, define as descontinuidades que separam as instituições modernas das tradicionais anotando que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas - numa eterna mudança cada vez mais rápida, abrangente e contínua (p.38). O resultado das experiências de convivência com essas mudanças é visto como uma das principais distinções entre as sociedades ‘tradicionais’ e as ‘modernas’ (Hall, 1999, p.15).

<sup>115</sup> Entrevista a Leo Gilson Ribeiro. “A África de Luandino Vieira”. *Jornal da Tarde*. Caderno de Programas e Leitura, p. 5, 03 jan 1987.

<sup>116</sup> Sobre o espaço da lusofonia, reafirmamos nossa posição conforme Brito e Bastos (2006, p.72-3): No entanto, não se pode restringir a lusofonia ao que as fronteiras dos territórios nacionais delimitam. Antes, é preciso considerar as muitas comunidades espalhadas pelo mundo e que constituem a chamada “diáspora lusa” e as localidades em que, se bem que nomeiem o português como língua de “uso”, na verdade, ela seja minimamente (se tanto) utilizada: Macau, Goa, Diu, Damão e Málaca. Além disso, Lourenço (2001) – o intelectual que, com certeza, mais tem pensado criticamente a matéria - assinala, com rigor, que a lusofonia é inconcebível sem a inclusão da Galiza: [...] é o espaço galaico-português onde, com a língua que é ainda a nossa, eclodiu o primeiro e nunca acabado canto que dará à cultura portuguesa [...] um lugar à parte na constelação poética da romanidade. [...] Quer dizer, como imaginar o espaço lusófono, e na medida em que ele é o horizonte onde inscrevemos a *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa* sem incluir nele a Galiza? [...] dado o contexto histórico-político da península a que pertencemos, não se estranhou que a Galiza não tenha estado presente e fosse incluída na nova comunidade de referência lusófona a que se deseja dar, além da vida formal, vitalidade e futuro. Mas isso significa, pelo menos, que o espaço da lusofonia e o da comunidade de referência lusófona não coincidem. (Lourenço, 2001: 178)





O fenômeno da globalização do mundo levanta uma série de questões fundamentais sobre a atualidade, na medida em que exige que consideremos novas construções e revisões críticas da modernidade, crescentemente marcada por uma perspectiva pós-nacional, e por uma série de diálogos transnacionais.

Epistemologicamente, a 'modernidade' refere-se à organização e aos modos de vida que emergiram na Europa desde o século XVII em diante e que, subsequente, influenciaram quase que o mundo inteiro. O século XX abriu-se para uma nova era em que as Ciências Sociais, supostamente, predominariam sobre todas as áreas de conhecimento e nos levariam para além da modernidade. Com o intuito de elucidar a transição para uma modernidade tardia surge uma ampla variedade de termos que se propõem a explicar a emergência de um novo tipo de sistema social - 'sociedade da informação', 'sociedade de consumo' são apenas alguns deles; a pós-modernidade, o pós-modernismo, a sociedade pós-industrial, o pós-capitalismo, o pós-colonial, o pós-nacional, o pós-estruturalismo são outras denominações que procuram se concentrar nas transformações institucionais, sobretudo no que se refere à mudança de um sistema baseado na manufatura, para um outro mais centrado na informação.

O filósofo francês Jean-François Lyotard (1984), responsável pela popularização do termo 'pós-modernidade', definiu o Pós-modernismo como um movimento que desacredita as metanarrativas legitimadoras da Modernidade, vistas como histórias totalitárias sobre a história e os objetivos da raça humana, que fundamentam e corroboram os conhecimentos e as práticas culturais. Há, em outras palavras, uma deslegitimação de fontes tradicionais, um descrédito em relação a significados universalizantes e transcendentais, uma fragmentação e descentramento das identidades culturais e sociais. Quase um consenso entre os teóricos do pós-modernismo, a ciência perde seu lugar privilegiado como fonte definitiva da verdade - o tempo atual é de pluralidade de conhecimentos em permanente construção, uma nova ordem, uma realidade ambígua, multiforme, em que o individualismo, o hedonismo, o consumismo, a fragmentação do tempo e do espaço são uma constante.

Woodward (2000), ao discorrer sobre a conceitualização de identidade e a fluidez e mutações que envolvem as tensões existentes entre concepções construcionistas e essencialistas, questiona as identidades em suas formas fixas, fluidas e cambiantes em relação ao seu lugar no 'local' e no 'global'. Ela sustenta que,

A globalização produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local (...) A dispersão das pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares (Woodward, 2000, p.21-22).

A não unificação de identidades é um fato que leva as contradições e as discrepâncias entre o nível individual e coletivo a serem obrigatória e constantemente negociadas. Hall (2000) assim define os novos significados que o conceito de identidade vem recebendo, não aquele essencialista, mas sim estratégico e posicional,

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, as identidades são cada vez mais fragmentadas e fraturadas; elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (Hall, 2000, p. 108)

A preocupação com tais reconstruções e revisões vêm redefinindo os rumos dos Estudos Lusófonos nos últimos anos, o que nos leva a discutir a multiplicidade de identidades, em sua complexa articulação de tradição e modernidades em continentes heterogêneos, em que coexistem lógicas múltiplas de desenvolvimento. A tentativa de acomodação de ocorrências globalizadoras, com conseqüências de efeito local, é uma constante, não só entre os teóricos já citados, como entre aqueles que avaliam o binarismo tradição/modernidade - progressivamente comprometido, uma vez que, apesar das culturas tradicionais colonizadas permanecerem distintas, elas acabam se tornando pretendentes à modernidade (Hall, 2003).

Ao ponderar sobre a idéia de modernidade em contraste com a tradição, é necessário fazê-lo enfatizando a combinação do moderno e do tradicional em ambientes concretos, como os que vivemos em Portugal, no Brasil multifacetado, na África-mosaico de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, no longínquo Timor-Leste. A tradição não pode ser vista como um todo estático, mas sim como um meio de manipular o tempo e o espaço e que sobrepõe quaisquer atividades ou experiências particulares à continuidade do passado, presente e futuro, e estes, em contrapartida, são estruturados por práticas sociais recorrentes (Giddens, 1990).

É nesse contexto que assistimos à emergência da promoção das relações dos países lusófonos na contemporaneidade, em que a preferência pelo hibridismo, pela mistura, pelo cruzamento de fronteiras culturais e identitárias, pela celebração da contingência e da não-permanência apresentam-se como perspectivas de análise numa perspectiva do Pós-Modernismo. Nas palavras de Benjamin Abdalla Junior (2006, 13):

O nacional se abre ao comunitário, no caso à comunidade dos países de língua portuguesa, sem descartar situações nacionais plurilingüísticas. Nossos países têm especificidades e, num mundo de fronteiras múltiplas, a partir do solo de cada estado-nação, podem ser estabelecidas fronteiras de



cooperação pautadas pela solidariedade. Na língua portuguesa, está traduzida toda uma experiência histórica que não pode ser apagada. Uma experiência compartilhada por muitos povos...

Sob esse ponto de vista, a tradição tem de ser reinventada pelas novas gerações no momento em que assumem a responsabilidade do recebimento da herança cultural das mãos daqueles que as antecederam. Nessa discussão, a globalização da cultura redefine, igualmente, o significado de tradição, uma tradição moderna, que se opõe ao sentido de permanência a um passado distante e que, igualmente sugere uma memória internacional-popular, cujos elementos composicionais têm de ser sempre reciclados; o passado se mistura com o presente e determina novas concepções de mundo, novos comportamentos e, ao mesmo tempo, cria novas raízes para o homem globalizado em permanente mobilidade (Ortiz, 1994). Cabe, aqui, a advertência do lingüista australiano Geoffrey Hull quando se discutia a oficialização da língua portuguesa em Timor-Leste<sup>117</sup> independente:

Se Timor-Leste deseja manter uma relação com o seu passado, deve manter o português. Se escolher outra via, um povo com uma longa memória tornar-se-á numa nação de amnésicos, e Timor-Leste sofrerá o mesmo destino que todos os países que, voltando as costas ao seu passado, têm privado os seus cidadãos do conhecimento das línguas que desempenharam um papel fulcral na gênese da cultura nacional. (Hull, 2001: 39)

Neste caso, é relevante ouvir a voz de jovens timorenses registradas, em 2004, quando concluíam a participação no Projeto Universidades em Timor-Leste:

Para mim, a língua portuguesa é muito bonita, muito importante e assim como os nosso herança (riqueza) que a gente tem que desenvolver. Então quem amar do seu país tem que amar da sua Língua oficial, por isso que eu queria estudar muito com língua português com vocês.

(jovem timorense, 20 anos, de Díli)

A Língua Portuguesa significa para mim porque em primeiro lugar língua portuguesa é língua oficial do nosso país através de isto a língua portuguesa também é uma língua histórica sobre a nossa cultura em Timor Leste. Para mim pessoalmente es colhi estudar língua portuguesa na faculdade ciência da educação porque eu quero ser uma boa professora portuguesa para ensinar o povo de Timor Leste.

(jovem timorense, 25 anos, de Díli<sup>118</sup>)

Nos últimos anos, o campo dos Estudos Lusófonos tem se tornado cada vez mais interdisciplinar e aqueles que o estudam têm debatido constantemente a sua nomenclatura e ampliado as discussões relativas à uma abordagem plural, como define Moisés Martins, “o espaço cultural da lusofonia não pode deixar de ser hoje senão um espaço plural e fragmentado, com uma memória igualmente plural e fragmentada” (2006, p. 57). Os envolvidos nessa interpenetração cultural, impulsionados pelas mesmas forças globalizadoras – culturais, tecnológicas, econômicas e políticas – entrecruzam-se num mundo de fronteiras porosas em que idéias, pessoas e produtos partilham identidades e renovam a produção de novas práticas culturais.

Ao examinar as tensões no interior multifacetado e multicultural dos países da comunidade lusófona, os Estudos Lusófonos interagem com os *Cultural Studies*, ensejando uma análise do momento pós-colonial, pós-nacional, pós-estruturalista, pós-moderno. A condição de provisionalidade, que gera identidades múltiplas, induz ao imperativo de ultrapassar as narrativas de subjetividades originárias para focalizar momentos ou processos produzidos na articulação de diferenças culturais, nas experiências intersubjetivas e coletivas da nação. Os valores culturais, negociados nos ‘entre-lugares’ conferem autoridade aos hibridismos culturais, cujos significados podem se apresentar intermediativos, consensuais ou antagônicos.

O assentimento, nas últimas décadas, dos Estudos Culturais, para darmos conta de entender a realidade plural e contraditória do que carrega a idéia de Lusofonia, ajuíza, nessas interações, os intercâmbios que contribuem para a renovação dos referenciais teórico-metodológicos tradicionais da pesquisa sobre cultura, e a acepção a ela atinente. O foco no transnacional, através de estudos comparados, tende a privilegiar as “zonas de contato” hemisféricas em todos os níveis: do discursivo até o das práticas sociais. A cultura é vista não só como um conjunto de obras, algo inativo, mas como um conjunto de práticas, como um intercâmbio de sentidos entre os membros de uma sociedade ou de um grupo. Mais do que um conhecimento recebido ou uma experiência passiva, a cultura revela uma enormidade de intervenções que contam uma história vivida e se responsabilizam por ingerências futuras. (Grossberg, 1997)

A expansão dos Estudos Lusófonos tem sido espacial e também temática, conforme constatado nos últimos encontros sobre Lusofonia realizados em várias partes do mundo. A crescente fragmentação e especialização, inerentes aos objetos que ambas as áreas examinam, pode ser justificada com propostas de

<sup>117</sup> Colônia portuguesa desde o século XVI, Timor-Leste esteve ocupado pelo Japão durante três anos, na altura da Segunda Guerra Mundial, e sofreu com o domínio da Indonésia de 1975 até 1999. Vítima de brutal repressão, os invasores indonésios forçaram o ensino de sua língua, o bahasa indonésia, proibiram o uso da língua portuguesa e minimizaram o uso da língua nacional, o tétum. Com a independência e a constituição da República Democrática de Timor-Leste, em maio de 2002, a língua portuguesa assume o estatuto de oficial, ao lado da língua tétum.

<sup>118</sup> Alunos do Projeto *Universidades em Timor-Leste*, “Canção Popular e Música Brasileiras em Timor-Leste”, desenvolvido em Timor-Leste de agosto a dezembro de 2004, em ação bilateral, congregando universidades e governos de ambos os países.



adoção de uma visão polifônica que traduz a complexidade dos encontros e interações culturais, e que, conseqüentemente, incorpora várias línguas e pontos de vista, realçando, ao mesmo tempo, as perspectivas comparativas. Esta tem sido a tônica das discussões relativas à instituição de cursos universitários, à criação de núcleos de estudos, de lançamento de periódicos e de literatura correlata – etnicidade, racismo, arte, literatura, memória social, moda, preconceitos, sexualidades, jornalismo, geografia cultural, linguagens, políticas culturais, cidades, etc.. fazem parte das coletâneas de textos em revistas especializadas e periódicos.

A análise do momento pós-colonial, pós-nacional, pós-estruturalista tem sido objeto de estudos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros e as origens históricas de determinadas culturas e práticas adotadas por indivíduos ou grupos nos oito países Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), observadas *pari passu* com aqueles valores e crenças formam realidades políticas e sociais dentro e além das fronteiras lusófonas. Novas abordagens privilegiam o estudo do hibridismo naqueles países e de outros hibridismos em relação à sua diversidade, que amplia o senso de identidade e admite ainda mais outros hibridismos, uma vez que as identidades são construídas através de relações das diferenças, sem uma hierarquia imposta.

O encontro com o 'novo', implica, igualmente, a idéia de **tradução cultural** - a de que no interior de todas as culturas existe a sujeição à formação intrínsecas de tradução, ou seja, todas as formas de cultura estão relacionadas, de um modo ou de outro. Além disso, todas são formadoras de símbolos e compostas de temas, portanto, articuláveis - nenhuma cultura se completa em si mesma, as outras tantas podem contrariar sua autoridade; o original, se existe realmente algum, estará sempre aberto à translação, é sempre inconclusivo, é sempre passível de imitação, poderá ser "simulado, reproduzido, transferido, transformado, tornado um simulacro", como garante Bhabha (1996, p.36), - a pureza intrínseca e a originalidade das culturas são injustificáveis.

A Tradução Cultural é também entendida como um termo lógico para que se perceba as diásporas multiculturais do mundo pós-colonial e, uma das razões da preferência em utilizá-lo, reside no fato de que seus participantes têm um sentimento de 'estar dentro/estar fora,' pois implica um processo interminável de apropriação, assimilação, adaptação, acomodação, além de, talvez o mais difícil, o processo de *negociação* das diferenças do outro.

Tais diferenças levam-nos a considerar a cultura lusófona como a totalidade dos padrões comportamentais transmitidos socialmente: artes, crenças, instituições e todos os outros produtos do trabalho humano e pensamento característicos de uma comunidade ou população que, refletidos na língua portuguesa, influem não só na cultura, mas também nas diferenças lingüísticas. Entendendo dessa forma, é que estaremos aptos a criar uma nova moldura de referência em relação aos povos que pertencem às comunidades lusófonas, o que nos levará a compreender os diversos aspectos lingüístico-culturais que se cruzam numa rica diversidade (Hanna, 2006).

A própria hipótese da existência de uma vasta fronteira cultural lusófona, com mais de 200 milhões de falantes, em absoluta descontinuidade geográfica, implica na ocorrência do hibridismo cultural que não delimita os contatos, mas o promovem, onde a identidade, a língua e o espaço devem estar em constante intercâmbio num ambiente de respeito às suas idiossincrasias. O processo de hibridação cultural suscita algo diferente, algo novo e irreconhecível, uma nova área de negociação de sentido e representação, tal qual uma tradução. Ao negar o essencialismo, de uma cultura precedente, o ato da tradução cultural admite que todas as formas de cultura se encontrem num *continuum cultural*, num sucessivo processo de hibridação, que constituem um 'terceiro espaço', um 'entre-lugar' (Bhabha, 1996, p. 36).

Do mesmo modo, devem ser considerados os choques de fronteira, no que se refere à diferença cultural, que podem ser, consensuais e conflituosos ao mesmo tempo. As contradições da modernidade encontram, igualmente, as culturas locais reivindicando a autenticidade dos localismos, fazendo surgir os ideais de pertencimento e procurando adequar e combinar alteridades e identidades, dessemelhanças e homogeneidades. Bhabha assim complementa a idéia de habitar nos interstícios,

o trabalho fronteiro da cultura exige encontro com 'o novo' que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou presente estético; ela renova o passado refigurando-o como um 'entre-lugar' contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O 'passado-presente' torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (Bhabha, 2005, p.27).

Uma visão multidimensional de cultura cria abordagens desafiadoras no âmbito dos Estudos Lusófonos porque exigem respostas para novas questões a respeito de quem fala, quem define, quem controla, quem está incluído ou excluído de tais processos. A Europa da União Européia, a África, a América, assim como todas as culturas, é multifacetada e em constante transformação, portanto, deve ser questionada e examinada com os instrumentos mais apropriados, num diálogo constante – que se espera surja de histórias de diferenças emergentes que requerem diferentes maneiras de contá-las, que não obedeçam a um padrão exclusivo.

Nós, lusofalantes e estudiosos da Lusofonia, devemos estar dispostos a aceitar essa pluralidade de vozes, compartilhar e aprender com colegas do mundo todo os desafios do transnacionalismo, lembrando-nos do artificialismo das fronteiras nacionais e de muitos equívocos que existem entre o local e global.



Devemos ter consciência de que as ideologias, as representações, o poder, o discurso, a hegemonia e a identidade são fatores constituintes na construção da Lusofonia, como uma comunidade multifacetada, cuja identidade se apresenta como um problema de 'ser', assim como de 'vir a ser' e que pertence ao futuro tanto quanto ao passado, não como algo que já existe, mas que transcende lugar, tempo, história e cultura e que se sujeita às brincadeiras da história, cultura e poder (Campbell, 1997). As identidades têm a ver com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e das culturas para a produção não daquilo que não somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões de "quem nós somos", ou "de onde viemos", mas muito mais com as questões "quem nós podemos nos tornar", "como nós temos sido representados" e "como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios (Hall, 2000, p.107).

A idéia da desterritorialização das realidades simbólicas, conforme iniciamos esta reflexão, tanto no que tange à hibridização cultural em sentido "lato", quanto em sentido "strictu", revelam o momento de trânsito num mundo Pós-Moderno em que espaço e tempo se encontram para produzir figuras complexas de diferença e identidade - os 'entre-lugares', excedentes da soma das partes da diferença, passam a ser o lugar da formação dos indivíduos. Reitere-se aqui que processos conflitantes da contemporaneidade frequentemente desestabilizam ou rompem com noções preestabelecidas de cidadania e de pertencimento a determinados territórios. O interesse comunitário ou o valor cultural são negociados nos interstícios, lugar em que a necessidade de suplantando as narrativas de subjetividades originárias faz com que se enfatize o resultado da articulação social das diferenças culturais, atribuindo, assim, autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica (Bhabha, 2005).

Ver a comunidade lusófona do ponto de vista do hibridismo cultural, como um processo que permite trocas, disseminação, dispersão de significado e, novamente, reunião de todos os opostos, um lugar de fusão e antagonismos, que reúne, mas também mantém a separação, uma mistura de vozes diferentes que lutam para serem ouvidas, parece ser o objetivo da maioria dos trabalhos sobre o assunto – busca-se um "terceiro espaço", que procura evitar uma política de polaridade ou um binarismo cultural; mais ainda, pretende-se um espaço em que os valores culturais sejam negociados continuamente, que resulte num reconhecimento cultural da diferença e contribua para uma produção de uma 'cultura internacional', justamente baseada na articulação do hibridismo cultural.

#### Referências Bibliográficas

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. (2006) Apresentação. In: BRITO, RHP; FACCINA, RLS; BUSQUETS, V.L. *Sensibilizando para a comunicação em língua portuguesa. Uma experiência em Timor-Leste*. São Paulo: Ed. Autor/Mackpesquisa.
- BRITO, Regina Helena Pires de & BASTOS, Neusa Maria Barbosa. (2006) Dimensão semântica e perspectiva do real: comentários em torno do conceito de lusofonia. In: MARTINS, M.L.; SOUSA, H.; CABECINHAS, R. (eds.) *Comunicação e lusofonia*. Porto, Campo das Letras. pp, 65-77.
- BHABHA, Homi. (1996) *O Terceiro Espaço* (entrevista conduzida por Jonathan Rutherford) Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 24. PP. 35-41.
- \_\_\_\_\_. (2005) *O Local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- CAMPBELL, Neil & KEAN, Alasdair. (1997) *American Cultural Studies. An Introduction to American Culture*. London: Routledge.
- CANCLINI, Nestor Garcia. (2003) *Culturas Híbridas*. 4a. ed. São Paulo: Edusp.
- CARDOSO, Luís (2002) *Crónica de uma travessia. A época do Ai-Dik-Funam*, Lisboa: Dom Quixote.
- COUTO, Mia. (2004) *Terra Sonâmbula*. 8ª. Edição Lisboa: Caminho, outras margens.
- GEERTZ, C. (1973) *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books.
- \_\_\_\_\_. (2000) *Local Knowledge, Further Essays in Interpretive Anthropology*. New York: Basic Books; 2nd edition.
- GROSSBERG, Lawrence. (1997) *Bringing it all back home. Essays on Cultural Studies*. Durham: Duke University Press.
- GIDDENS, Anthony. (1990) *The consequences of Modernity*. Cambridge: Polity Press, em Stuart Hall, *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: D.P. & A Editora. 1999.
- HALL, Stuart. (1999) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: D.P. & A Editora.
- \_\_\_\_\_. (2000) *Quem precisa de identidade?*. In : Silva, Tomaz (org.), Hall, Stuart. *Identidade e Diferença – a Perspectiva dos Estudos Culturais*. Trad. Tomaz Silva. Petrópolis: Editora Vozes.
- \_\_\_\_\_. (2003) *Da diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2003.
- HANNA, Vera L. Harabagi. (2007) *Américas: Intermediações Culturais*, Artigo na Revista de La Asociación Chilena de Estudios Americanos. PP. 77-85. Santiago, Chile.
- \_\_\_\_\_ & BASTOS, Neusa M. de Oliveira. (2006) *Estudos Culturais: uma visão pluralística de 'ser outro constantemente'*. Actas do Colóquio Anual da Lusofonia 2006 –Cd-Rom, do IV Colóquio Anual da Lusofonia, Bragança, Portugal. Editor: Colóquios Anuais da Lusofonia.
- Hull, Geoffrey (2001) *Timor Leste – Identidade, língua e política nacional*. Lisboa, Instituto Camões.
- LYOTARD, Jean-Francois. (1984) *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge*, trans. Geoff Bennington and Brian Massumi. Manchester: Manchester University Press.
- MARTINS, Moisés Lemos. (2006) *Lusofonia e luso-tropicalismo. Equívocos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários*. In BASTOS, Neusa Barbosa. *Língua Portuguesa, Reflexões Lusófonas*. São Paulo: Editora PUCSP. 2006. PP. 49-62.
- ORTIZ, Renato. (1994) *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense.





- SILVA, Tomaz Tadeu. (2000) *Teoria cultural e educação, um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Silva, Tomaz (org.), (2000) Hall, Stuart. *Identidade e Diferença – a Perspectiva dos Estudos Culturais*. Trad. Tomaz Silva. Petrópolis: Editora Vozes.
- Silva, Tomaz. (2000) *A Produção social da identidade e da diferença*. Em: Silva, Tomaz (org.), Hall, Stuart. *Identidade e Diferença – a Perspectiva dos Estudos Culturais*. Trad. Tomaz Silva. Petrópolis: Editora Vozes. P. 73-102.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org.) (2006) *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica.
- WOODWARD, Kathryn. (2000) *Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In Silva, Tomaz (org.), Hall, Stuart. *Identidade e Diferença – a Perspectiva dos Estudos Culturais*. Trad. Tomaz Silva. Petrópolis: Editora Vozes. P. 7-72.

---

## 45) VICTOR HUGO FORJAZ

**Victor Hugo Lecoq de Lacerda Forjaz**, nascido na [Horta, Açores](#), em [1940](#), filho do Dr. [António Macedo Lacerda Forjaz](#). Vulcanólogo e Professor-associado do Departamento de Geociências da Universidade dos Açores. É licenciado em Ciências Geológicas, pela Faculdade de Ciências de Lisboa, e doutorado em Vulcanologia de Engenharia, pela Universidade dos Açores (sigla UAç). Tirou a especialidade em Riscos Geológicos e em Ciências Geotérmicas. Em 1976, fixou-se na [Ilha de São Miguel](#), onde instalou em seis meses, laboratórios de investigação científica. Ingressou na Universidade dos Açores. Director do Programa Geotérmico dos Açores. Director do Projecto Geotérmico do [Vulcão do Fogo](#) (Universidade dos Açores) e Coordenador do Projecto [Furnas](#) - Vulcão Laboratório Europeu. Foi responsável pela criação do Projecto de Sistema de Vigilância Sismovulcânica dos Açores (sigla SIVISA). É o actual presidente da Direcção do Observatório Vulcanológico e Geotérmico dos Açores (sigla OVGA). Co-Fundador da International Society of Planetology e fundador do Instituto de Geociências dos Açores. Em 1985, foi co-Fundador do Centro de Vulcanologia do INIC (Instituto Nacional de Investigação Científica). Co-Representante Nacional na Rede Europeia de Vulcanologia (sigla ESF - European Science Foundation). Como bolseiro e congressista, ao longo dos anos, efectuou missões científicas aos vulcões na Europa continental, Islândia, América do Norte, América Central continental, Antilhas, Havai, Indonésia, Filipinas, Japão. Foi um estudioso apaixonado da erupção submarina do [Vulcão dos Capelinhos](#), na [Ilha do Faial](#), e da [Serreta](#), na [Ilha Terceira](#). Victor Forjaz é autor e co-autor de 130 publicações. É correspondente da [Academia de Ciências de Lisboa](#) desde 24 de Novembro de 2005. (In Wikipédia)

ACTIVIDADE VULCÂNICA E EMIGRAÇÃO NOS AÇORES - NOTA PRÉVIA

(trabalho final não recebido dentro dos prazos)

---

## 46) VICTOR K. MENDES

**Victor K. Mendes** é Professor Associado na Universidade de Massachusetts Dartmouth, Director do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutoramento) URL: [www.umassd.edu/portgrad](http://www.umassd.edu/portgrad), e Editor da revista universitária *Portuguese Literary & Cultural Studies*, URL: [www.plcs.umassd.edu](http://www.plcs.umassd.edu). É autor de *Almeida Garrett. Crise na Representação nas Viagens na Minha Terra* (Lisboa: Cosmos, 1999). E-mail: [vmendes@umassd.edu](mailto:vmendes@umassd.edu).

MAU TEMPO NO CANAL E A TRADIÇÃO TRANSHISTÓRICA DA FICÇÃO MODERNISTA

**Victor K. Mendes, Universidade de Massachusetts Dartmouth**

Através da apresentação do recente volume *Vitorino Nemésio and the Azores* [*Portuguese Literary & Cultural Studies* 11], este 'paper' propõe uma leitura de *Mau Tempo no Canal*, de Vitorino Nemésio, sob o prisma da prática transhistórica da ficção modernista (Sterne, Garrett, Machado de Assis, Joyce).

(trabalho final não recebido dentro dos prazos)

---

## 47) VILCA MARLENE MERÍZIO

**Vilca Marlene Merízio** (Brusque, Santa Catarina, Brasil) vive em Florianópolis há 45 anos. Professora Doutora em Literatura Portuguesa (Universidade dos Açores, Portugal, 1992; Mestre em Literatura Brasileira (1978) e Licenciada em Letras (1973) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora de Língua Portuguesa e Literatura (1963-2008). Idealizadora e Coordenadora Geral do Programa Missão Cultural Santa Catarina Açores/Portugal e Comunidades Lusófonas (2001-2007). Criadora e Coordenadora Geral do Projeto Representação Catarinense no II Encontro de Lusofonia e Açorianidade e atividades Paralelas nas Ilhas de São Miguel e Graciosa, Açores (maio de 2007) e do Projeto Missão Açores II – 2008. Criadora e Coordenadora do Programa Cultural Açores-SC para o Festival do Mar, Florianópolis, 1996. Idealizadora e Professora de Cursos de Harmonização Pessoal, Açores/Portugal (2002) e em SC (2000-8). Conferencista e palestrante de congressos, colóquios, painéis e outros. Membro de júris de doutoramento, mestrado e graduação. Revisora de livros.

Atualmente, Professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina, Vice-Presidente da Academia São José de Letras. Membro da Academia de Letras de Biguaçu. Diretora Institucional da Associação



de Amigos da Casa dos Açores-Museu Etnográfico de Biguaçu. Sócia-fundadora da Associação dos Poetas Livres de Florianópolis.

**Livros publicados:** *A História de Um Amor Feliz*. Estudo Literário. 2004. 375 p. *Açores... De memória*. Contos. 2004. 122 p. *Quase... de Corpo Inteiro*. Poesia. 1996. 190 p. *Redação: uma Experiência de Ensino-Aprendizagem*. Brasília. Ministério da Educação e Cultura, 1980, 180 p. Publicações esparsas em Antologias, Jornais e Revistas Literárias.

Artista Plástica, com exposições individuais e coletivas no Brasil e em Portugal (1993-2008). Endereço: Avenida Irineu Bornhausen, 3770 ap. 203/B Agrônômica Florianópolis, SC, CEP 88021-205. Telefones: (48) 224 4031 (48) 9971 2285, E-mail: [vilca\\_merizio@hotmail.com](mailto:vilca_merizio@hotmail.com) [vilcamerizio@yahoo.com.br](mailto:vilcamerizio@yahoo.com.br)

“EU TAMBÉM ESCREVI CARTAS DE AMOR”  
Vilca Marlene Merízio Academia de Letras de Biguaçu

Fernanda Leitão, no artigo “O meu Amigo da Criação Velha” (*Açoriano Oriental*, 2002), poucos dias após o falecimento de José Martins Garcia, ao exaltar-lhe a coragem de outrora, refere-se ao depauperamento físico em que encontrou o escritor açoriano, dezoito meses antes do seu falecimento: a “palidez, os olhos inundados de amargura, a linha dos ombros a gritar desamparo. Como se tivessem passado sobre ele 30 anos de trabalhos forçados”. E indaga: “Que tratos de polê teria sofrido o artista, homem de superior inteligência e rectidão de caráter, sabe Deus a que mediocridade teve de obedecer em silêncio”. E o silêncio, sabemos nós, rondou a sua alma. Diante de mim, junto com quase tudo que JMG publicou, ressaltam poemas inéditos e 65 cartas por ele a mim confiadas. Numa delas, registra: “ [...] (que horror, o que se passa aqui, neste 10 de outubro de 1998! A humidade é tanta que as mãos sujam o papel e a esferográfica não quer deslizar. Dizem que caminhamos para o FIM EM ESTUFA... Gostaria de ver-te antes do FIM...) Gostaria de restituir-te a imagem de há dez anos (vou tentar usar um lápis): a imagem da menina de caracóis louros [...] Sempre disse que não gostava desse penteado. Inconscientemente andei a mentir-te. É dessa imagem que guardo, sem o ter sabido, uma SAUDADE, saudade, saudade. Saudade, que me leva a não saber mais nada de palavras”. Última página: “vontade de não CRER em mais nada! Quase uma vontade de autodestruição! Tanta Amargura, tanta! Agora não posso escrever mais. Há uma revolta contra não sei quê, contra mim certamente”. No final, um X, trêmulo, como se realmente ali alguém que não o professor-poeta devesse assinar. Quem assinaria? O homem? O amante? O poeta-fingidor? Não! Não tenho resposta. Mas, baseada na sua obra, tentarei uma explicação.

Nasce um poema  
E ao contrário dos regulamentos  
Sei porquê  
O porque dum nascimento  
Misterioso quanto um sedimento  
De longo amor e desejo  
JMG, julho de 1992

Fernanda Leitão, logo após o falecimento de Martins Garcia descreve em artigo publicado no *Açoriano Oriental* (2002) o depauperamento físico em que encontrou Martins Garcia a “palidez, os olhos inundados de amargura, a linha dos ombros a gritar desamparo”. Perplexa, indignada e triste, indaga: “Que tratos de polê teria sofrido o artista, homem de superior inteligência e rectidão de caráter? Sabe Deus a que mediocridade teve de obedecer em silêncio.

Sou portadora de alguns inéditos de JMG – a mim confiados por ele mesmo: poemas e 65 cartas escritas a partir de novembro de 1992. Numa delas o registro: [...] (que horror, o que se passa aqui, neste 10 de outubro de 1998! A humidade é tanta que as mãos sujam o papel e a esferográfica não quer deslizar. Dizem que caminhamos para o FIM EM ESTUFA... Gostaria de ver-te antes do FIM...) Gostaria de restituir-te a imagem de há dez anos (vou tentar usar um lápis): a imagem da menina de caracóis louros [...] Sempre disse que não gostava desse penteado. Inconscientemente andei a mentir-te. É dessa imagem que guardo, sem o ter sabido, uma SAUDADE, saudade, saudade, Saudade, que me leva a não saber mais nada de palavras [...]. Mais adiante: “SEMPRE QUE MAIS PRÓXIMO ME SENTIA DE TI, TU PARTIAS... E SABES – agora, deves saber! – COMO É A DOR DA SOLIDÃO? Convive-se, dorme-se... por solidão, não é? É um deserto, sem ser bem deserto, esse horror chamado solidão! No fundo, já não sei quem ÉS. Seria melhor pensar se QUEM SOU ainda faz sentido”. Última página: “vontade de não CRER em mais nada! Quase uma vontade de autodestruição! Tanta Amargura, tanta! Agora não posso escrever mais. Há uma revolta contra não sei quê, contra mim certamente. Queria exprimir tanta ternura, esperar por perdão; sentir...’

No final, um X, trêmulo, como se realmente ali alguém que não o professor-poeta devesse assinar. Quem? O homem? O amante? O poeta-fingidor? Não! Não tenho resposta.

Era outubro de 1987. Nove de outubro. Num restaurante, em Ponta Delgada, minha família e eu fomos apresentadas pelo Reitor da Universidade dos Açores, Prof. Doutor Machado Pires, ao Prof. Doutor José Martins Garcia (JMG)<sup>119</sup>, que, durante cinco anos, na mesma universidade, iria me conduzir aos caminhos da percepção literária, instigando-me, com coragem e perseverança, a transcender os mistérios que permeiam mar, céu, terra e gente das ilhas açorianas. A chave capaz de abrir as portas imateriais das ilhas, descobri mais tarde, não estava com ele, não estava comigo, mas pairava dentro de nós, e sobre nós, na palavra dita, no olhar hospitaleiro, nos gestos de amizade de toda a comunidade que me recebia. A constatação, depois a

<sup>119</sup>Também escritor, poeta, contista, romancista, ensaísta e crítico literário. Sobre JMG, David Mourão-Ferreira escreveu: o “escritor mais completo e mais complexo que no último decénio entre nós se revelou” (*Jornal Signo*, 1987).



compreensão, de que, entre brasileiros e açorianos existiam maneira diferente de pensar, a aceitação de um silêncio que, às vezes, dizia mais que um discurso, e a imersão na arte de viver dos quantos, amando ou odiando estes cumes emersos do Atlântico, aqui viviam e repartiam comigo fraternalmente a mesa e, carinhosamente, os laços de família, deram-me a conhecer, principalmente, a poesia destas ilhas. Mas foi com JMG que aprendi a ver os Açores com o distanciamento necessário para que nele coubesse Portugal com sua história e conquistas, mas também com seus desvios e desvarios, levando-me a amar a Literatura Portuguesa, incondicionalmente, a partir de leituras a que só ele era capaz de me fazer ascender.

Antes de vir para os Açores procurei no *Pequeno Roteiro da História da Literatura Portuguesa* (1984) informações sobre o professor-orientador com quem iria trabalhar nos dois anos de pesquisa, pensava eu, que teria pela frente. Lá estava, à página 282: JMG, “ficcionalista de largos recursos, polemista de temível mordacidade e ensaísta de sólida preparação humanística”, para além de autor de “exegeses inovadoras”. A par disso, ainda no Brasil, o Prof. Machado Pires já havia advertido: “JMG é o melhor professor que temos no âmbito das Letras, mas o mais complexo, o mais difícil de se lidar...” No entanto, JMG professor apresentou-se com tanta solicitude e amabilidade, que o receio que eu sentira antes de conhecê-lo pessoalmente desapareceu diante do homem extremamente gentil que se colocava à disposição para auxiliar-me naquela longa trajetória de meia década de permanente orientação nos estudos da cultura açoriana e da literatura portuguesa.

Muitos dos que me davam as boas vindas referiam-se ao Prof. Martins Garcia como um profissional altamente qualificado, mas de uma sensibilidade que o levava a perder frequentemente a paciência em razão da sua forte tendência à irritabilidade. Contavam-me sobre a contundência de suas críticas, a veia satírica de suas personagens de ficção, a linguagem quase sempre direta e acutilante dos seus narradores e sobre a ironia que constantemente o acompanhava nas suas falas. Na ocasião, senti o quanto os seus colegas, apesar da descrição um tanto severa, admiravam-no, respeitando a sua maneira de ser, e quanto alguns dos seus alunos, talvez por não o conhecerem suficientemente, temiam-no. Contudo, no meio acadêmico, era comum a todos que com ele conviviam, o reconhecimento de sua gentileza e de sua cordialidade no trato. “Conversava amavelmente, fossem os interlocutores simpáticos e tivessem com ele afinidades. Mas era raro vê-lo engajado numa troca”, escreve Onésimo de Almeida (2001/04: 33). Diz ainda: JMG “Quedava-se frequentemente pelo assentimento reverencial nas aparências, na maior parte das vezes em polidez retraída”. A respeito da permanência do poeta nos Estados Unidos, Almeida relata: “Precedido pela fama de senhor de uma têmpera de ebulição freqüente, forte e em pouca água, nunca ninguém viu Martins Garcia levantar a voz, zangar-se, polemizar, maltratar quem quer que fosse. De uma lisura impecável, chegava a parecer subserviente no seu saudar de cabeça inclinada e pasta na mão. As secretárias conheciam-no por ‘São Tomás de Aquino’.

E assim, JMG, um “intelectual em estado puro”<sup>120</sup>, como o definiu Machado Pires<sup>121</sup>, era um complexo misto de serenidade e de vulcão à flor da pele<sup>121</sup>, escondido por trás da amabilidade de um comportamento social impecável e de um caráter profissional que provocava inveja. O seu mundo particular “era mesmo de um outro reino” (Almeida, 2001/04:115), não importando se vivesse nos Açores - Pico, Faial e São Miguel, se em Lisboa, França ou Estados Unidos, lugares que, de algum modo, fizeram parte do seu universo literário. JMG mesmo justifica-se: “a ficção, sendo distinta da realidade, tem profunda relação com a realidade”, talvez, passasse a impressão de uma procura constante de uma outra vida, de um outro lugar. A esse respeito, Vamberto Freitas (1992:34) confirma: “quanto mais andou, mais sobre si se fechou”, embora essa solidão voluntária tenha sido a origem de “uma das mais enclausuradas mas originais, vibrantes e desmistificadoras obras literárias portuguesas da actualidade [...]”. “É no acto de escrever que Martins Garcia volta à sua comunidade” (Freitas, 1992: 37).

De volta aos Açores, em 1984, seu último refúgio, JMG não reconheceu nas ilhas o seu mundo original. Então foi cada vez mais se “fechando no seu imenso mundo interior”, aceitando a situação de exilado: exílio criado por ele mesmo, como costumava dizer. E se em *Contrabando Original* dá voz a um personagem que diz: “Sim, nasci numa ilha e perdi-me no mundo”, é numa entrevista concedida a Vamberto de Freitas que confirma: “Sou um exilado, é certo. Mas um exilado por temperamento”. Logo depois, confessa: “[...] eu próprio criei o meu exílio. O mundo circundante não bastava... Permanecer nele seria resignar-me à monotonia. Sair dele seria (como foi) uma aventura marcada por muito sofrimento. [...] de certo modo, quis fazer coincidir a vida com a imaginação. Claro que isso é impossível. O resultado, quer me acredite quer não, foi o divórcio entre a minha vida quotidiana e os mundos que inventei. Rigorosamente falando, não há nada de autobiográfico nos meus romances, nos meus contos [...] Só na poesia ‘lírica’ o ‘eu’ que sinto se exprime sem a invenção de um *médium* (Freitas, 1992:119). E esse exílio procurado pelo homem foi traduzido pela dor da ausência, no signo da saudade que o poeta dizia sentir. Por isso, diz a Freitas (1992:127) “estou aqui, mas não me encontro aqui”. (E teria vivido no Brasil, não tivesse ido tão cedo, embora para os amigos mais próximos, depois da sua aposentadoria (2001) afirmasse não mais poder viajar.) Talvez, o que o fizesse afastar-se das suas ilhas fosse a têmpera inflamada que, à falta de compreensão dos conterrâneos, fazia-o crer que o problema da não-aceitação dos seus livros, da indiferença, ou mesmo do esquecimento sobre o que havia escrito – poucas foram as críticas publicadas e menos ainda as frontalmente orais – devia ser relegado à estética da recepção.

Na ilha, esse mundo limitado, mas infinito, como define Fernando Aires, também outros amigos foram percebendo que JMG abrigava-se, sozinho, no seu imenso mundo interior. Onésimo (2001/04:43) observa que nesse mundo de (aparente) paz e sossego parecia ser feliz e, “quando desse mundo interior emergia, tinha uma

<sup>120</sup> “Intelectual: talvez também aquilo a que o seu mestre Nemésio chamava ‘o intelectual em estado puro’ – o que se refugia no luminoso percurso espiritual das idéias e das palavras, com alheamento total dos prazeres ‘terrenos’ das máquinas e das tecnologias, que não sabe mexer em aparelhos, não tem carta de condução, não se importa com inventos e últimos modelos do que quer que seja” (Pires, Machado, 2001/04:177).

<sup>121</sup> Ler a obra de JMG, segundo Vamberto Freitas (1992:33) “é ler com sorrisos na cara ou então a rir a sério. São páginas que contêm, sempre, uma espécie de escuridão cômica, de onde o medo nunca se retira por completo, e na qual nada e ninguém é sagrado, tudo e todos são alvos a atingir, inclusive o próprio narrador. Está-se aqui no inferno, mas sem nunca se perder o humor – é a vingança (aterrorizadora) do homem pensante e artista moderno.



enorme facilidade em entrar em colisão com o dos outros". Envolvia-se, por vezes, com o público (chegou mesmo a ser Vice-Reitor da UA, mas isso lhe exigiu tremendo esforço), lecionando ou proferindo palestras com erudição e prazer. A acutilância da sua inteligência extravasava em brilho nos momentos serenos, ou explodiam em sarcasmo cruel quando algo o acicatava. De todas as maneiras, "Os alunos bebiam -lhe o verbo e os ensinamentos", disse dele Onésimo (2001/04:44), e confirmo eu.

Bem, naquele nosso primeiro encontro, nem mesmo havíamos acabado o almoço (ele sentou-se à minha frente) e questionou-me a respeito do tema da tese que eu pretendia escrever. Falei do meu interesse em estudar uma autora açoriana (Natália Correia, evidentemente). Ele sorriu, sem aprovar ou contradizer a minha idéia. Do que ele me disse, ficou na minha memória mais ou menos isso: Escrever sobre a Literatura Açoriana é árduo demais para quem não viveu em Portugal. O ser açoriano, na sua complexidade existencial, exige que o pesquisador observe mais do que hortênsias, bandeiras do Espírito Santo e marchinhas de São João. Um bom trabalho de pesquisa exige tempo e dedicação exclusiva. Se você veio para voltar antes de cinco anos (eu pensava ficar dois), nem procure saber onde fica o interruptor de luz da sua casa. Volte. Quem está aqui só de passagem não conhece as ilhas nem os açorianos e muito menos conhecerá a sua literatura. Adiei o estudo sobre a Natália e fiquei. Fiquei, não só cinco anos, mas muito mais e cá ainda estou... porque, como diz Daniel de Sá, é saído das ilhas que nelas se permanece.

A primeira lição recebida de JMG surtiu efeito: para falar da exuberância de hortênsias, que embelezam os Açores, há-de-se, antes, amar o solo em que elas vicejam e reverenciar as mãos que as transplantaram; para saber da sua essência, é preciso igualar-se à seiva que as fazem florescer pelos caminhos tortuosos, como se cascatas de luz abençoassem as escarpas negras destas ilhas. É preciso amar, mesmo com toda a dureza e negritude, "estes ricos penhascos", como dizia a Sra. Dona Lili Pavão. Então, aprendi que os Açores não eram somente a beleza das curvas ao longo da costa onde o mar disputa atenção com a estrada ladeada de plátanos a ensombrar camélias, beladonas e azáleas. Os Açores não significam apenas a presença das criptomérias, alinhadas pelos campos e montes, onde vaquinhos pretas com manchas brancas, também alinhadas, ficam pastando, sempre igual, a ruminar despedidas...

Ficar na ilha, não era somente ser o viajante maravilhado diante dos pores de sol cheios de magenta, dourado e cíclame... Não, os Açores não eram, e não são, só vento, só mar (e aqui lembro Antero)... Umidade excessiva, austeridade. Aqui existe angústia... Solidão! Se é de despedidas que a sua gente se constrói, mantêm-se, os que aqui ficam, de reencontros, de alegrias, de felicidade por se estar junto, de conversas longas nas mesas de uma esplanada ou de um café, das histórias mil vezes recontadas... Sem pressa, com ternura, olhos nos olhos... Coração aberto, mão estendida...

E para quem chega, herança dos que daqui partiram, os Açores também não são o "cativo geográfico" que tanto se promulga. São antes, o ponto de repouso, o abastecimento da alma que anseia por silêncio e cultura. A certeza de que a *Terra de Lúcia* se estende por todo o arquipélago faz o estrangeiro ir ficando, ou quando obrigado a regressar, retornar às ilhas porque os laços se estreitaram e o coração já não mais abandona o seu novo paraíso.

A alegria que hoje o estrangeiro percebe nos açorianos, essa agitação interna que os leva, entre eles, a conversar alto, a dizerem da sua vida, o seu tom irônico, as observações aguçadas, a franqueza, mas também a solicitude, a amizade franca e hospitaleira, apontam, hoje, uns Açores mais abertos ao progresso e de mãos dadas com a evolução que determina a sua identidade. JMG tinha razão. De nada adianta o pesquisador preocupar-se apenas com as variantes lingüísticas de cada ilha nem com o que lhe é familiar na cultura. Isso não garante a açorianidade. Para se ter uma literatura que fuja do regional é preciso mais. É preciso universalidade sem deixar de ser original. Os aspectos geofísicos e históricos contam, mas acrescem-se a eles a psicologia individual e coletiva das pessoas que habitam a região, a filosofia de vida, a moralidade e os costumes, a sua abundância e a sua miséria, é aí, então, que se solidifica a identidade integral do território que se abre à globalidade das pesquisas. E a sua literatura assim pode ser lida e apreciada por todo o mundo porque contém, para além da sua especificidade, os mesmos códigos da universalidade humana.

E foi refletindo sobre tudo isso que consegui compreender o que José Martins Garcia pretendia que eu alcançasse afim de que pudesse me sentir preparada a melhor estudar a Literatura. Senti, então, ser necessário à pessoa interessada no tratado da alma portuguesa, presente na consciência das ilhas, um tornar-se resistente e leve como a lava e, ao mesmo tempo, sensível e doce como a aragem que passeia, no verão, entre as faias e o louro. Mas também suportar a umidade e os vendavais. E as distâncias. E as saudades. Se as ondas do mar beijam as rochas e se perpetuam na espuma, é no movimento das marés que o planeta se compõe e recompõe. Apreciar a Literatura Açoriana, que não deixa de ser portuguesa, por sua universalidade, é saber ir e voltar. É saber que ainda há homens no mar... e sereias em volta das ilhas. É aspirar no ar da madrugada a alegria de quem volta e sabe que há alguém à espera. É apreciar o verde e o azul, mas também o negro. É rir e chorar. É ter na polarização natural da vida o contraponto do sonho. É resistir... Mantendo, não na vida, mas apenas na memória, a dor do isolamento e a nódoa da partida. E, então, pela literatura, voltar a esse tempo mágico onde tudo é permitido, porque expressão de alma sofrida, vivida.

E essa luz dos Açores, tão inconstante e variada, a mesma luz que cativa o estrangeiro é mesma que, às vezes, perturba o ilhéu. Essa luz das ilhas, esse tempo baço incomodava JMG. Ouçamo-lo:

A luz dos Açores, mesmo em dias de sol, é uma coisa aquosa, um derrame que pesa nas pálpebras. Melhor do que eu o escreveu Raul Brandão, encantado, sim, mas farto dessa atmosfera de limbo. Essa atmosfera pesa na escrita. O clima não explica nada, claro! Mas quem nos garante que não tem a sua quota-parte de responsabilidade na atmosfera social dos Açores? E, por conseguinte, na escrita cercada por essa sociedade? (Garcia, 1999:68)





Para pouco mais adiante explicar: “Não é o efeito directo do clima; é a translucidez das muitas teias que se acumulam em torno da privacidade”<sup>122</sup> que me fazem querer respirar o ar de fora. Referia-se ele ao convívio das ilhas, ao conhecimento natural, quase obrigatório: ler um escritor conterrâneo e contemporâneo era quase ver devolvidos nas páginas escritas os reflexos da vida comunitária<sup>123</sup>. Questiona Onésimo Almeida (2001/04, p. 42): “Mas ou a literatura é só fingimento ou há uma ligação profunda (obviamente nem sempre coincidente) entre as vozes dos narradores da ficção de MG, do poeta e de JMG himself.” Tzvetan Todorov mesmo dizia que “uma leitura ingênua dos livros de ficção confunde personagens e pessoas vivas” (Mourão-Ferreira, 1976: 89).

Carlos Ventura (2001/04:190), ao lembrar o primeiro encontro com JMG, em Lisboa, aponta os possíveis riscos que se pode incorrer na procura de “homologias, entre a produção de um autor e a personalidade do homem” que escreve. No caso de Martins Garcia diz ser possível encontrar muito da voz docente coincidindo com o cerne, por exemplo, de *Linguagem e Criação* (1973). E eu digo que muitos pensamentos do ensaísta estão revelados sob forma “quase teórica” em *(quase) teóricos e malditos* (1999). O fato de JMG afirmar que os seus livros vão se fazendo, sem um plano estruturado, é conceito conhecido das pessoas que com o professor tiveram o privilégio de dialogar sobre o processo literário de criação. A mim, por diversas vezes, ele confessou construir suas obras passo a passo, sem esquemas a cumprir, a escrita fluindo ao sabor da memória. Muitas vezes, ouvi-lhe dizer que o “texto *quis* ser assim e eu não pude contrariá-lo”, justificativa que deixou registrada em seu último livro no capítulo “Uma aposta em três postas” (1999:61) em que se refere à POLIFONIA (destaque do autor<sup>124</sup>), recurso amplamente utilizado no romance *Imitação da Morte* (1982).

“Eu também fui revolucionário... ‘Eu também escrevi cartas de amor’...” Assim começa JMG um dos parágrafos do capítulo “Sobre Crítica Literária”, da sua última publicação em vida, o *(quase) teóricos e malditos* (1999:27), a lembrar Allain Robbe Grillet (a destruir a ‘alma’ da burguesia) e Fernando Pessoa, (talvez mais para justificar a sua incapacidade revolucionária do que pelas cartas de amor de Fernando a Ofélia).<sup>125</sup> Mas, pelo sim, pelo não, achei aí o argumento, o filão que me levaria a desenvolver estas páginas, cujo objetivo único é o de revelar o caráter digno, leal e compreensivelmente humano, de um açoriano torturado pela distância, pelo isolamento voluntário a que se dispunha e, segundo o seu sentir, pela falta de reconhecimento público à arte do seu trabalho literário<sup>126</sup>. Um homem que, durante a minha permanência em Portugal como sua orientanda, soube conservar-se ao leme do processo que me levaria ao doutorado. Ao cabo da árdua tarefa oficial, quando eu já retornava à minha pátria, tornamo-nos grandes amigos, a ponto de confiar-me alguns dos seus segredos, que, sabia ele, sei eu, iriam ser revelados com o tempo. Por isso, sinto-me à vontade, já que a mim pertencem, por doação do autor e autorização expressa da destinatária, dar a público algumas das cartas assinadas por JMG, no período que vai de novembro de 1992 a outubro de 1998.

Fernanda Leitão, no artigo “O meu Amigo da Criação Velha” (*Açoriano Oriental*, 7/12/ 02:16), poucos dias após o falecimento de JMG, ao exaltar-lhe a coragem política de outrora, refere-se ao depauperamento físico em que encontrou o amigo, dezoito meses antes do seu falecimento: a “palidez, os olhos inundados de amargura, a linha dos ombros a gritar desamparo. Como se tivessem passado sobre ele 30 anos de trabalhos forçados”. E indaga, deduzindo: “Que tratos de *polé* teria sofrido o artista, homem de superior inteligência e rectidão de caráter, sabe Deus a que mediocridade teve de obedecer em silêncio”. E a solidão, sabemos nós, rondou a sua alma, principalmente nos últimos anos de sua existência.

Assim é que lendo algumas das suas cartas particulares, fortalece-se a impressão e a (quase) certeza do seu imenso esforço em continuar em Ponta Delgada em razão dos abalos emocionais sofridos na década de noventa, da debilitação física que lhe foi corroendo a capacidade de escrita, do isolamento a que se permitia, da alma em sobressalto por razões muito pessoais.

A primeira carta é datada de 4 de Novembro de 1992, e aqui a transcrevo com o sublinhado e as caixas altas do autor, suprimindo apenas o nome próprio da destinatária, em respeito à memória de JMG, que a todo custo manteve, por muito tempo, esse relacionamento em segredo.

Minha querida; meu Amor [...] – só no fim reparei que só te chamei de meu Amor)

As duas páginas lamuriantas que te escrevi – e destruí – estavam datadas de 1 e 2 do corrente. Ontem, 3, após um dia de imensa angústia, ouvi a tua voz. “Deus te proteja!”, também to digo. Lembra-te do dia de Agosto em que formulaste este mesmo voto?... Há quanto tempo, meu Amor!

O que torna tão difícil o acto de escrever-te resulta certamente da inquietação que me atormenta de maneira contínua. Queria enviar-te umas palavras onde houvesse algo belo... e não consigo, não vou conseguir. E, contudo, eu recordo momentos belos cujo centro és tu. Mas agora, dada a tua ausência, tudo parece irreal, amargo, sonho desmentido por um despertar cruel, frio, solitário – talvez como o tempo e as pessoas que me rodeiam.

<sup>123</sup> “As marcas da vida do sujeito empírico, dissimuladas pelo artifícios de que dispõe a literatura, procuram evidenciar-se, sem que, no entanto, cheguem a impor a sua soberania. Contudo, elas lá estão, interferindo na escrita, deixando impressas as vivências do criador” (Duarte, 2001/04:109). E na mesma linha, o parecer de Rui Dóres (1987: 4): “a ficção de Martins Garcia situa-se entre uma dimensão da vida vivida e uma dimensão da vida recreada. O que prova, pelo menos, que o ofício de escrever é indissociável do ofício de viver” (Idem: 125)

<sup>124</sup> [...] “POLIFONIA (caixa alta quer dizer que não é o que julgamos...)” (Garcia, 1999: 61).

<sup>125</sup> Ver Mourão-Ferreira, 1978.

<sup>126</sup> Onésimo Almeida (2001/04: 35) confirma: (Martins Garcia queixava-se do silêncio a que o votavam, a ele e a seus livros).



E é isto. Recaio no mesmo estilo. Para ser coerente, deveria destruir estas linhas. Mas, então, nunca te enviaria uma única carta. Tenho o espírito desmantelado, o coração... Ah, o coração! Que é que posso dizer dele?...

Há uma semana ainda aqui estavas. Gostaria de dar-te algum ânimo porque sei que vives momentos atribulados. E no entanto só sei queixar-me porque não te tenho junto de mim. Creio que ultrapassei o Amor e que estou apaixonado. Ou tonto de todo. Os apaixonados não serão egoístas, ao contrário dos amorosos? Eu, apaixonado, volto-me para o meu sofrimento. Quero dizer: volto-me principalmente para o sofrimento causado pela tua falta. E acho que pratico uma terrível injustiça, porque afinal o meu amor por ti te coloca acima (deveria colocar acima) dos problemas da minha vida íntima. Ou será que não consigo fugir ao paradoxo? Ou será que não digo, de perturbado, coisa com coisa?

O teu rosto, as tuas mãos... As águas, a luz, as ondas (sete?), a rosa... Mas quando foi tudo isso?... Sinto doer o coração. Sinto os olhos teimosamente húmidos. Em vez de reter a beleza das recordações... Lá estou a bater na mesma tecla!

Meu Amor! Afinal é o que gosto de exclamar: meu Amor! Sei que, por mais ruas que percorra, não há agora um acaso que me faça cruzar contigo.

Por favor, perdoa este tom. Gostaria tanto de imaginar o teu regresso. Tenho esperança, mas não tenho imaginação para tanto. É horrroso o quase nada das nossas duas vidas!

Queria falar-te de tanta coisa... Mas – agora reparo! – há uma espécie de “censura” a impedir-me as palavras que te queria dedicar. Ou então amo-te demais: um sentimento tão grande e profundo (e tão “acorrentado” ao longo de tanto tempo) não cabe na escrita. Não se conforma com a tua ausência. Tenho de dizer-te: AMO-TE, AMO-TE, AMO-TE... Tenho de dizer-te que não imagino o futuro longe de ti. Beijo-te as mãos, os olhos, os lábios, beijo-te. Quero-te. E tanto que o próprio querer (ou desejar) também se enovela em sofrimento.

Um abraço. Mil beijos. Imensa saudade.

Como assinar? José? ? MA?

NÃO VOU DESTRUIR. VOU PÔR NO CORREIO PARA [...]

Escolhi entre as cartas que seguem uma seqüência cronológica. Esta é de 15 de Agosto de 1993:  
Domingo, 15 de agosto de 1993.

Minha Querida, meu Amor:

Na última sexta-feira era enorme a minha angústia. Por isso telefonei. Ontem o teu telefonema, se por um lado me trouxe a tua voz, não pôde dissipar a minha ansiedade. Vivo (?) em saudade angustiada. E os dias de Julho e Agosto em que me deste a tua presença contraem-se agora numa espécie de momento, um clarão breve.

Neste estado de espírito, pesa muito, sem dúvida, a inquietação resultante da tua presente situação. Mas há outra coisa aflitiva, a um nível mais egoísta: esta ilha sem ti, é dum imenso tédio. Ontem, sol, Hoje, nuvens. É igual. Os dias, contigo, voam. Sem ti, os dias voltaram a ser imensos. Regressei a esta “penitência” de lutar (?) contra o tempo. Lutar?... Não sei o que digo. Sinto o peso do tempo, físico, implacável. O relógio, o relógio... As pedras de Ponta Delgada. A cidade deserta. O horror destes fins de semana!... Seria tão bom abraçar-te, ou saber pelo menos que poderias surgir algures, por uns instantes... Nada! Vou deter esta triste prosa. Intervalo... O que esta palavra me lembra! Tenho de parar.

15h. 30 min do mesmo dia

Almoçar no “Sagres”, naquela mesinha, sem ter à minha frente os teus olhos, os teus lábios, o teu rosto, o teu ser... Quando nos reencontrarmos, estarei feito outra vez pele e osso, que a comida não passa na garganta. E começo a reinventar fugas... Por exemplo, tomar Lorenin para enganar o tempo até sabe Deus quando. Ou então: marcar passagem para fugir a isto, nem que seja por dois ou três dias. Será que mais alguém nota o pavor desta ilha condenada? Ou sou eu, “doente”, a não poder viver sem ti? Amo-te tanto, tanto, que me parece nunca ter amado outra...

22h do mesmo dia

Meu Amor:

Amo-te duma forma que, infelizmente, só posso classificar de desesperada. Pensava não tornar a inscrever no TEMPO expressões tão desanimadoras, mas o presságio invade-me e pode mais que a minha vontade. Vontade?... Em mim, uma contradição: débil, raivosa, mole e tensa. Queria resolver tudo num instante em que as minhas mãos te arrebatassem à distância geográfica que nos mata e do passado que nos sufoca. Peço-te que me ajudes, a esta hora, a lutar contra o Mal que nos persegue... Amo-te, amo-te, amo-te, amo-te, meu Amor, minha Vida, minha Ressurreição, meu Amor doce com fundo de TÍLIAS e muito MAR... Será que gosto desta sílaba de cativo?... Quem me dera poder pintar, desenhar, desleixar estes pobres vocábulos... Sofro! Imenso! Nunca imaginei sofrer assim por uma separação! Oxalá isto



signifique alguma coisa boa no futuro! Amo-te, quero beijar-te as mãos, os pés, a alma! Quero-te! E não posso continuar...

Mas continuo alguns minutos depois. Lembro-te com tanta intensidade que me faz doer. Há neste sentimento qualquer coisa que tenho de moderar. Há um sabor de fim em cada uma das nossas despedidas. Claro que é um fim. Claro também que a esperança não nos traiu. Mas, meu Amor, há sempre tanto tempo, tanta lonjura entre nós! Perdoa! Eu resistirei! Peço-te que resistas. Peço-te por tudo quanto creias que resistas! BEIJO-TE. Amanhã continuo.

Nessa mesma época José Martins Garcia escreveu numa folha A4, comum, branca:

No momento em que sinto que a vida passou/Sobre mim como onda que não pude beber /No momento em que o excesso abortou/ Na minha pobre e podre poesia de nada obter/ No momento em que me ferem feitas apenas dor/ As estrelas do Sul e uma gaivota saída destes penedos /No momento em que até o Verbo me abandonou/ Para me deixar nuvens de vertigens várias e segredos/ De corpos mal cumpridos no contato do sonho

Mulher/ Tu que foste minha amante e minha mãe/ E minha filha nos beijos com que te cerquei/ Tu que vieste sem culpa (que eu te não chamei)/ E voltaste a ser virgem nos meus braços viajeros

Mulher/ Escuta/ Faz-me chegar ao coração vencido/ O perdão que uma só vez na vida/ Se concede (quando a alma é grande/ Para o conceder)/ Perdoa-me e escuta o sangue tão culpado e vil/ Que em mim bate por ti/ (Por mais ninguém)<sup>127</sup>

Difícil é escolher, dentre tantas afirmações e confirmações do depauperamento de JMG, os excertos mais significativos. A evolução progressiva para um fim próximo evidencia-se. A letra torna-se diferente, as idéias desconexas, o esforço da rememoração agiganta-se. E, aqui, a consciência de que também estou chegando ao fim (deste texto), igualmente me angustia. Mas, vamos lá:

Ano de 1994, 8 de julho:

Faz hoje precisamente dois anos que, em Lisboa, sozinho, fugindo a não sei quê fantasmas. Falei muito comigo mesmo, tentando tomar precauções para me defender duma grande angústia. Fui falando comigo mesmo, sempre só, ao longo do dia, ao longo da noite. Creio que regressei no dia seguinte a Ponta Delgada. Parece-me que então compreendi que fugir da ilha não me tinha ajudado a resolver coisa nenhuma. O problema viajava comigo, a angústia estava por dentro; não havia fuga de mim para nenhum lugar. Desculpa, meu Amor – beijo-te as mãos! – [...] Às vezes, tenho a impressão, de que o perpassar do tempo é uma coisa descontínua. O passado volta – mentalmente, só isso! – com uma intensidade angustiante. Saio da angústia como que impelido por alguma grande força. Recaio depois na angústia, noutra angústia, noutra angústia, com todos os sintomas da depressão. Uma enorme inércia. Uma vontade de ficar deitado, sem projectos, sem rumo, morto-vivo à espera do fim. Depois, revolto-me, reajo... e assim sucessivamente.

8 de setembro de 1994:

Depois da tua voz vem a consciência aguda de que me faltou o teu ombro, a tua mão, o teu calor, o teu cheiro. Sob o pouco de azul que este dia me oferta, outra ausência se sobre põe à presente ausência e torno a ligar-te para Lisboa e mando-te música pelo telefone... Lembras-te?

[...] É igualmente certo que os “últimos” dias sempre os sinto como catástrofe, Junto ao mar, à lagoa, num aeroporto, sobre a berma dum passeio.

Aeronave. Encontro muito antigo/ Devolvido a minutos de altitude /Inigualável. E o primeiro rito/ Comentário carnal e clandestino./ Areias e palmeiras e o teu corpo Na alcatifa repleta de infinito/ Desejo. Hora aérea no teu rosto. Conta-gotas suspenso. Nosso o ardor.

Súbito a brecha. Algures o luar/ Reacendia a contagem do interdito/ Tempo nosso. E em lugar da aeronave/ Quatro paredes de nocturno espaço.

[...] Beijo-te mil vezes. Torno a dizer-te que foste o mais carinhoso dos seres que conheci na minha vida. Quero beijar-te os olhos. Sinto-me de novo tão triste. Apagado, obrigado a circular como um autômato. Gostaria de falar de fé e esperança. Talvez amanhã. Amo-te. Amo-te...

21 de Abril de 1995:

Meu doce Amor: Apenas um murmúrio de saudade. Recebi a tua carta, abafou-a uma nuvem, passei mal dois ou três dias. [...] Além disso, que é quase uma doença, vivo (?) tenso, coma sensação de muitas feras de dentes à mostra, todas dispostas circularmente à minha volta.

<sup>127</sup> Publicado em *1ª Antologia Poética*. Florianópolis, Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses, 1966: 34, juntamente com mais três poemas inéditos em Portugal: “The Legend of Cutty Sark” (O fim silenciado) - escrito num café de Ponta Delgada; O poeta (diz-se) palpa o lado palpável do signo – escrito em Estoril, em 1993 – e um poema sem título, escrito nos Mosteiros, Açores, em 1994, cujo primeiro verso é “Era a terra de verde permanente”.



Meu doce Amor, és tão de céu e mar e sol e beleza! Precisamente o que não me pode se consentido. Se te disser que me dilacero, não vais acreditar, nem sequer aprovar. [...] Não ousa implorar perdão, Nada faz sentido nas minhas palavras. Eu estou enredado por algo que não consigo decifrar. E continuaria um lamento com muitos “sês”. Não, não pode ser. Beijo-te as mãos, dou-te a minha alma.

Em 21 de julho de 1995:

[...] Acredites ou não, o facto de hoje se oficializar o novo Reitor causa-me um enorme mal-estar, uma dor. É assim uma espécie de “fim de ciclo” Pergunto-me o que aconteceu, o que fui, o que fiz, o que foi aquela minha vice-reitoria (um ano e poucos meses), as circunstâncias que lhe marcam o fim. [...] Devem existir momentos em que, sem razão nenhuma, uma pessoa sente que está ‘embarcando’ numa grande infelicidade.  
[...] nunca mais escrevi uma obra... Obra?... Nunca mais escrevi um texto que valha a pena. Talvez se salve algum fragmento. Fragmentos... às vezes tenho a impressão de ser só fragmentos. Um resto. Um resto. Claro que o meu mundo onírico é de fragmentos. Repete-se a tua despedida, é sempre Outubro. O cenário é que varia. As personagens também. É angústia, é culpa, é dor.

Bem mais tarde, em 20 de fevereiro de 1997:

O meu tempo de escrita pessoal está quase reduzido a zero. O que se passa na Univ. dos Açores obriga-me a um desgaste imenso. [...] Assim, tendo recebido a tua mensagem de Ano Novo (que me confrangeu – o remorso, o pesar, a desventura...) e, ontem, o fax referente ao meu aniversário, respondo, só agora, com gratidão angustiada, com um afecto indefinível e com a perturbação inerente à mudança de habitação, a que sou obrigado [...] Perdi um ‘tecto’, perdi os meus livros... Vou sobreviver, talvez... [...] E sinto-me cansado, desalentado com a memória a perseguir-me (na vigília e no sono). Não te esqueço; não vejo nenhuma luz que nos envolva. [...] Um beijo. Uma saudade... Um cerco de sombra permanente. Rezar?! – Oh Deus! Um beijo.

Quase dez meses depois, em 27 de novembro de 1997:

Acabo de receber a tua carta. Um solavanco na minha (parcial) apatia. Escrevo ‘apatia’, muito subjectivamente, quando afinal o diagnóstico da psiquiatra diz ‘depressão reativa’ – do mesmo tipo de moléstia de que fui vítima na Guiné-Bissau nos meus tempos de militar. Custa crer! Quase trinta anos depois!... Mas sinto agora uma enorme vontade de viver. Contigo. Falas de Fé; eu acrescento ESPERANÇA. Às vezes, julgo que os meus últimos anos foram passados em pavoroso absurdo, um desgaste estúpido, um sonho mau. [...] Cumprir as determinações médicas escrupulosamente. Sinto-me mais forte, mas incapaz de escrever ficção. (Tinha entre mãos dois capítulos de um romance, que têm de aguardar...) Fui aconselhado a escrever, mesmo que tudo me desagradasse depois. Assim fiz: rabiscos sem importância. Mas – imagina! Há dois ou três dias planeei uma crónica humorística. Escrevi uma páginas apenas, meditei no que faltava (umas seis ou sete páginas) e senti-me muito cansado. Ainda não!  
[...] Sabes que, ao imaginar a normalização da minha vida, me parece renascer?... Aulas de novo (antes disso que a inércia psíquica), livros, tu... Será possível, meu Deus?  
Quero-te junto a mim. Quero tornar a olhar, contigo, junto de mim, os ‘nossos’ lugares, o ‘nosso’ mundo. Quero que me olhes e sorrias sem ressentimentos... Não será exigir de mais? [...]  
Desculpa a minha letra. Deves achar diferenças. Resultado dos medicamentos? Resultado da profunda emoção que a tua carta me trouxe? Cansaço ainda?...  
Peço-te que creias no meu amor. Com infinita saudade e um milhão de beijos, o teu [e assina].

Numa outra carta, assinada em Outubro de 1988, JMG escreve um trecho a caneta com tinta azul, outro a lápis e, novamente a caneta:

Aceita, por favor, esta desorganização do que não posso exprimir correctamente. [...] (que horror, o que se passa aqui, neste 10 de outubro de 1998! A humidade é tanta que as mãos sujam o papel e a esferográfica não quer deslizar. Dizem que caminhamos para o FIM EM ESTUFA... Gostaria de ver-te antes do FIM...) Gostaria de restituir-te a imagem de há dez anos (vou tentar usar um lápis): a imagem da menina de caracóis louros [...] em Ponta Delgada. Sempre disse que não gostava desse penteado. Inconscientemente andei a mentir-te. É dessa imagem que guardo, sem o ter sabido, uma SAUDADE, saudade, saudade, Saudade, que me leva a não saber mais nada de palavras [fim do parágrafo com traços que parecem ter sido grafados com a mão a cair pesadamente sobre o papel].

Num trecho mais adiante: “SEMPRE QUE MAIS PRÓXIMO ME SENTIA DE TI, TU PARTIAS... E SABES – agora, deves saber! – COMO É A DOR DA SOLIDÃO? Convive-se, dorme-se... por solidão, não é? É um deserto, sem ser bem deserto, esse horror chamado solidão!” E conclui, páginas adiante: “Santo Deus! Há





muito anos que não escrevia (sem obrigação 'académica') tantas páginas ... assim... assim. Mas desabitei-me. No fundo, já não sei quem ÉS. Seria melhor pensar se QUEM SOU ainda faz sentido".

Na última página da mesma carta, refere-se a um telefonema recebido seis meses antes: "Que horror de telefonema, de madrugada, eu em Lisboa... E que vontade de não CRER em mais nada! Quase uma vontade de autodestruição! E foi o que fiz! E foi o que viria a ser o meu caminho de amargura! Tanta Amargura, tanta!" E termina: "Agora não posso escrever mais. Há uma revolta contra não sei quê, contra mim certamente. Fiz da vida uma coisa sem conteúdo, sem sentido, sem perdão... Alguém me escutará? [...] Queria exprimir tanta ternura, esperar por perdão; sentir... O quê? Que não estamos mortos? Que vais pensar DISTO? Não penses Mall"

No final da carta um X, marcado com linhas trêmulas, como se realmente ali alguém que não o poeta-professor devesse assinar. Quem? O homem? O amante? O poeta-fingidor? Não, não tenho resposta.

E na data referida ao telefonema "maldito" (30/10/1996), em outro envelope para a mesma destinatária, duas páginas em papel-cartão amarelo, com timbre do Hotel Dom Carlos, de Lisboa. Uma página:

Todo o vivido é irreversível. E mais intensamente irreversível quando mitificado. Tu és um ser recortado naquele tempo, que abrange vários tempos e lugares. Tu sabes a diferença que marcou os teus dois regressos. A ternura e a gratidão são indestrutíveis em mim. A vida problematiza o prolongamento. Que destino? Rezo sempre, cada vem com menor convicção. Um abraço. Um beijo.

Na outra página, depois da invocação, um poema:

Nem o mínimo deus a menor gota  
De bálsamo ou da fórmula sancionada  
Legitimam o espanto da memória  
Acordada em acorde repentino  
A meio da noite onde

A lisura dum lago determina  
Um círculo de mar que falsamente  
Quebra nas cristas de invernia  
Remetidas ao bojo de outro tempo  
A nódoa viva da espera

Que era de lodaçal impresso numa aresta  
Bico de garça ou nome passageiro  
Proa matriculada no sargaço  
Farol exausto sem sol que mesmo assim  
Nublado indicativo prometia

Talvez carta mais tarde talvez núpcia  
Entre um olhar insaciado e crédulo  
E o sonho de água límpida  
Ido e retornado dedos  
Modulando na ausência todos os possíveis

Talvez tenha sido esse o último poema do grande escritor açoriano.

Pelo que sei dessa história, o escritor e a destinatária se reencontraram em Lisboa, alguns anos depois. JMG disse que ainda a amava e que não passou dia desde a última despedida em que não houvesse pensado nela. Abraçaram-se. Ele chorou. Ela também. Ambos seguiram o seu destino.

Encontrei-me, pela última vez com o Prof. Doutor JMG, em Ponta Delgada, em março de 2002. Surpreso, ele me disse, com os olhos marejados de lágrimas, quase fechados, dando a impressão que assim me veria melhor, e em tom de queixa: "não consigo mais escrever. Não escrevo mais". Indagou por que vinha eu falar de paz num tempo de guerra. Deixou que eu percebesse uma aliança no seu anelar esquerdo. Últimas palavras que dele ouvi: "Escreve-me!"

Não escrevi. Oito meses mais tarde, exatamente sete dias antes do meu retorno aos Açores, falecia o grande poeta e escritor açoriano, meu grande Mestre e Amigo. Dele, a luz da escrita permanece, fazendo da Literatura Açoriana um marco da universalidade embebida nos traços da açorianidade atlântica. Aqui ainda permanecem "hortênsias no colo das ilhas" a simbolizarem os seus poetas e a gente dos Açores. Pudessem eu, dizer a JMG, o que já disse Armando Cortes Rodrigues, numa última homenagem prestada à ("Ode à) Solidão: Homem! Sacode o pó do teu caminho/ Serena a dor que tens nos olhos teus,/ E humilde e confiante e pobrezinho, Regressa à Solidão, regressa a Deus.<sup>128</sup>

Com certeza, JMG voltou. Está em Deus. Assim espero.

#### Referências Bibliográficas:

Almeida, Onésimo (2001/04) "Coração Despedaçado a *Morrer Devagar*" Da experiência americana de José Martins Garcia". In *Arquipélago. Línguas e Literaturas*. Vol. XVII. Revista da Universidade dos Açores, 29-45.  
*ARQUIPÉLAGO* (2001/04) *Línguas e Literaturas*. Vol. XVII. Revista da Universidade dos Açores.

<sup>128</sup> *Canção da Vida Viva* (1991).



- Dores, Victor Rui (1987). "Contos Infernais ou a efabulação do poder". In Signo. Jornal de Letras e Artes, 16, 4.
- Duarte, Noélia (2001/04) "David Mourão-Ferreira e José Martins Garcia: o 'ofício de escrever". In *Arquipélago. Línguas e Literaturas*. Vol. XVII. Revista da Universidade dos Açores, 109-131.
- Mourão-Ferreira, David (1978) *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática.
- Pequeno Roteiro da História da Literatura Portuguesa* (1984) Lisboa: Instituto Português do Livro.
- Pires, A. Machado (2001/04) "José Martins Garcia um 'intelectual em estado puro". In *Arquipélago. Línguas e Literaturas*. Vol. XVII. Revista da Universidade dos Açores: 171-177.
- 

## 48) WALCIR CARDOSO

## 49) MARIA GETTY CONTENTE

**Maria Getty Contente** nasceu em Horta-Faial-Açores, onde passou a maior parte da sua infância. Mudou-se depois para a República Dominicana. Após ter terminado o seu bacharelado em educação (Universidade Concordia) e seu mestrado em Estudos Hispânicos (Universidade McGill), ensinou espanhol no liceu. Atualmente, ensina inglês como segunda língua e língua materna, há 16 anos, na Ecole Internationale de Montreal, uma escola acreditada pela Organização Internacional do Baccalaureate-IB. Em consequência, é bem versada em componentes do currículo escolar do IB-PYP, o que a fez participar e apresentar trabalhos em vários seminários e conferências do IB. Sob a orientação do Dr. Walcir Cardoso, executou tecnologias de ITC-CALL, tais como Moodle e ReadPlease nas suas aulas de IB, e desenvolveu numerosos projetos de IB, incluindo um sobre desastres naturais. Ademais, é incansável na divulgação a seus alunos e colegas de que sua terra natal é um arquipélago de nove ilhas no Oceano Atlântico. Em 2004, começou o seu segundo mestrado em lingüística aplicada na Universidade Concordia. Seus interesses académicos incluem pragmática e a sociolingüística do português dos Açores. Esta última é a área de pesquisa de sua tese de mestrado, supervisionada pelo Prof. Dr. Cardoso. Co-apresentou também com ele em uma conferência da Associação de professores de inglês do Québec sobre como usar o Moodle como um recurso pedagógico para ensinar inglês na mais recente Reforma de Instrução do Ministério de Educação do Quebec. É ativa como dirigente sindical da sua escola, e supervisora e conselheira para estudantes-professores. Como passatempo, ela pinta paisagens dos seus adorados Açores em pintura a óleo, aprecia géneros diversificados de cinema, música e literatura. Além disso, é orgulhosa de que sua filha fale fluentemente o português dos Açores, ensinado a ela pelos seus avós e bisavó.

### Walcir Cardoso

foi contratado como professor no Departamento de Educação da Universidade Concordia em 2003, após ter terminado o seu doutoramento em lingüística teórica pela Universidade McGill. Ele conduz pesquisas financiadas por duas agências governamentais canadenses sobre aquisição fonológica de segunda língua dentro de uma abordagem que combina conhecimentos da fonologia teórica e aplicada, da psicolingüística e da variação sociolingüística. O objetivo prático de sua pesquisa é estender os resultados a uma pedagogia eficaz e socialmente realística para o ensino de pronúncia em ambientes de sala de aula tradicionais e com o auxílio de computadores. É autor de numerosas publicações em revistas e livros, e apresenta frequentemente em congressos locais, nacionais e internacionais. Atualmente, exerce a função de diretor do programa em lingüística aplicada do Departamento de Educação (Universidade Concordia), onde ensina fonologia, aquisição fonológica de segunda língua, gramática universal e aquisição de segunda língua, computadores na aprendizagem de línguas, e metodologia de ensino de línguas. Em 2007, recebeu dois prêmios académicos: Prêmio do Reitor por excelência em ensino (Universidade Concordia), e o prêmio de Professor de mérito (Associação de professores de inglês do Québec). Fora do ambiente académico, escreve sobre equipamentos de áudio para uma revista brasileira (Revista Áudio & Vídeo), e trabalha como consultor para a Lexicon Branding Inc. na avaliação de marcas registradas para adoção nos mercados brasileiros e internacionais, pratica clarinete e controlador de MIDI, e experimenta outros mundos em forma de música, poesia experimental (concreta e visual), gastronomia, e cinema.

### O APAGAMENTO DO (U) DE FINAL DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS FAIALENSE: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA

#### MARIA GETTY CONTENTE E WALCIR CARDOSO, CONCORDIA UNIVERSITY, CANADÁ

Utilizando metodologia sociolingüística laboviana para a coleta de dados e análise, este trabalho examina o fenômeno variável do apagamento do (u) de final de palavras (por exemplo, gat/u/ => gat[ ] 'gato') na variedade de português falada nas regiões Horta- Feteira-Capelo no arquipélago dos Açores. Em termos labovianos, esta variável lingüística é considerada um marcador (Labov, 1972) e, como tal, portadora em potencial de informação social (Silva, 2005; Bulhões & Cardoso, 2007).

Neste estudo, falantes nativos do português faialense (PF), imigrantes em Montreal (Canadá), completaram uma série de entrevistas gravadas em áudio, seguindo protocolos sociolingüísticos padrões no intuito de obter-se uma hierarquia estilística de fala variável. As entrevistas incluíram listas de palavras e frases lidas em voz alta, nomeação de imagens, e uma conversa informal com um dos investigadores, um falante nativo de PF. Os resultados estatísticos (via Goldvarb X) indicam que falantes de PF apagam mais frequentemente a variável (u) quando engajados em entrevistas menos formais (por exemplo, em conversas com o investigador), semelhante ao que se atesta na literatura sociolingüística para fenômenos estigmatizados. Surpreendentemente, os resultados também indicam que o gênero do falante desempenha um papel significativo no fenômeno variável sob investigação: As mulheres apresentam uma tendência para apagamento maior do que os homens, um exemplo mais comumente encontrado em



fenômenos em que a forma inovadora (o apagamento do /u/) é a variante mais prestigiosa (por exemplo, Smith, 1979; Coates, 1993). No contexto dos falantes de PF vivendo em Montreal, nós interpretamos estes resultados como indicação de que as mulheres, em contexto de diáspora, mantêm uma afiliação de grupo à língua materna maior do que os participantes do sexo masculino.

### 1. Introdução

Este estudo oferece uma análise sociolinguística variacionista (laboviana) para examinar o apagamento variável do (u) de final de palavras em sílabas átonas (ilustrado em (1)) na variedade de português falada no arquipélago dos Açores nas regiões Horta-Feteira-Capelo. A esta variedade de português nos referiremos como "português faialense (PF)".

#### (1) Apagamento do (u) no PF:

|        |   |        |        |
|--------|---|--------|--------|
| gat/u/ | ↔ | gat[ ] | 'gato' |
| bol/u/ | ↔ | bol[ ] | 'bolo' |

Em termos labovianos, esta variável lingüística é considerada um marcador (Labov, 1972) e, como tal, portadora em potencial de informação social (por exemplo, Silva, 2005; Bulhões & Cardoso, 2007). Para investigar os fatores que influenciam o fenômeno de apagamento do (u), incluímos neste estudo uma série de fatores extralingüísticos (por exemplo, estilo e gênero do falante) e lingüísticos (ambiente fonológico seguinte à variável sob investigação). Este estudo relata a produção oral de três falantes nativos de português faialense vivendo em Montreal em situação de diáspora, de grupos de idades diferentes, e de formação acadêmica distintas.

Os dados desta pesquisa provêm de entrevistas gravadas segundo metodologia e protocolos sociolingüísticos padrões no intuito de obter-se uma hierarquia estilística de fala variável. As entrevistas incluíram tarefas que de níveis estilísticos formais (por exemplo, leitura de palavras e frases) e informais (por exemplo, conversas informais onde pouca atenção era dedicada à produção de fala). O entrevistador era falante nativo de PF e é o autor principal deste estudo.

O restante deste artigo é composto de cinco partes. Na seção seguinte, procederemos à uma breve discussão sobre os estudos prévios sobre o apagamento do [u] como marcador social, onde listaremos os fatores sociais e lingüísticos que serão considerados no nosso estudo, e onde também exporemos os questionamentos e hipóteses. A terceira seção dedica-se à metodologia, onde discute-se as tarefas de coleta de dados e os participantes. A quarta seção apresenta e discute os resultados estatísticos e qualitativos do estudo. Finalmente, a seção intitulada "Conclusões" apresenta os nossos comentários finais e recomendações para estudos futuros.

### 2. O apagamento de vogais no português: Estudos prévios e fatores relevantes

Embora haja ainda uma escassez de estudos sobre o apagamento do (u) na variedade de português falado nos Açores, parece haver um consenso entre investigadores sobre o apagamento de vogais em geral no português europeu (PE): Observações referentes ao apagamento e à elisão da vogal no português, por exemplo, podem ser encontradas em Mateus (1982) e Silva (1998).

O fenômeno de apagamento do (u) deve-se primeiramente ao enfraquecimento de sílabas não-acentuadas no PE e na maioria de seus dialetos, exceto a que é falada no Brasil. Essa é uma das características das línguas classificadas como "stress-timed", onde o ritmo da fala é marcado por sílabas tônicas que ocorrem em intervalos aparentemente irregulares. Em consequência, os segmentos de sílabas atônicas, como é o caso do /u/ de final de palavras, tendem a se enfraquecer. Por exemplo, a representação subjacente da variável (u) é de fato /o/, que se enfraquece e, como resultado, é realizada foneticamente como [u]. Nas variedades do português falado nos Açores, esse enfraquecimento é ainda submetido a outros fenômenos fonéticos: O apagamento total (mas variável) da vogal ou o seu ensurdecimento.

Mateus & D'Andrade (2000) notam que certos domínios prosódicos, tais como o domínio da palavra, produzem um número mais elevado de apagamento do (u) do que a de outras vogais do português. Silva (1997) focaliza também nos fatores prosódicos que são favoráveis ao apagamento de vogais no português faialense. Utiliza, por exemplo, a frase "as mulheres de Coimbra, cantavam um fado" para ilustrar a hipótese de que o apagamento tende a ocorrer principalmente à margem direita da enunciação fonológica, especialmente quando a vogal em questão é /a/ ou /o/ (por exemplo, Coimbra e fado). Na mesma linha de investigação, Silva (1998) oferece uma explicação detalhada sobre o apagamento variável de vogais no PF. Informa-nos que, ao contrário da redução da vogal, o seu apagamento é um processo variável. Seu raciocínio é baseado no princípio de que o português açoriano tem um processo de redução de vogais que é categórico, aplicando-se no domínio da palavra fonológica.

Baseado nas pesquisas de Silva (1997,1998) e influenciados pelos trabalhos mencionados acima e outros da literatura sociolingüística, incluímos os seguintes fatores lingüísticos e extralingüísticos na análise do apagamento variável do (u) no PF:

(1) Contexto fonológico seguinte à variável (u). Vários estudos comprovam que o contexto fonológico é relevante para a produção de certos segmentos (por exemplo, Silva, 1998; Cardoso, 1999; e Cardoso & Bulhões, 2006). Para este estudo, incluímos três ambientes fonológicos seguintes: Vogal, Consoante, e Pausa. A lógica por trás da inclusão destes contextos se baseia no fato de que, se a vogal [u] é acompanhada de uma outra vogal, seria mais provável o seu apagamento porque a forma resultante constituir-se-ia de uma seqüência não marcada CV (por ex. "fa.d/u/ . ótimo" ↔ "fa.dó.timo"; onde um ponto "." indica domínios silábicos). Se a mesma vogal for acompanhada de uma pausa ou consoante, a nossa previsão é a de que a vogal seria mais provável de ser apagada porque a forma resultante, uma sílaba de formato CVC, seria mais marcada do ponto de vista silábico (por ex. "fa.d/u/ . triste" ↔ "fad.tris.te").



(2) Nível de formalidade, dividido entre várias tarefas de eliciação de dados com o intuito de coletar o maior número possível de dados variáveis. Porque constatou-se que a diferença entre essas quatro tarefas era de natureza dual (Formal: Leitura de palavras e texto; Informal: fala oral espontânea), estas tarefas foram mais tarde reagrupadas em dois níveis estilísticos gerais: Formal e Informal. A literatura sociolinguística é repleta de estudo que reportam o efeito de estilo ou registro em processos variáveis, o qual já foi documentado em estudos sobre o português faialense (Silva, 1998), no qual tarefas menos formais eram mais propensas a conterem maiores ocorrências de apagamento de vogais. Para detalhes sobre esses efeitos, sugerimos a leitura de Labov (1972) e a de vários outros estudos sociolinguísticos e variacionistas.

(3) Gênero do falante: Masculino ou Feminino, um fator que está diretamente ligado ao grupo de participantes, visto que cada participante pertence a um dos dois grupos relacionados a gênero. A inclusão deste grupo de fatores cabe às observações e aos estudos sociolinguísticos que atestam que, em geral, participantes do sexo feminino tendem a utilizar formas prestigiosas mais frequentemente do que membros do sexo masculino (por exemplo, Smith, 1979; Coates, 1993). A nossa hipótese é de que o mesmo padrão seja observado no apagamento do (u) no PF e, conseqüentemente, o participante de sexo masculino se sobressaia na sua produção oral.

Devido ao fato de Silva (1998) não ter encontrado nenhuma correlação entre a idade e a propensão para o apagamento de vogais átonas em português, não consideramos a priori o efeito que a idade dos participantes pudesse ter no apagamento do (u). No entanto, podemos facilmente avaliar o seu efeito neste trabalho, visto que cada participante está diretamente relacionado a uma idade e, conseqüentemente, a um grupo de gênero: Participante 1 = 16 anos, feminino; Participante 2 = 75 anos, masculino; e Participante 3 = 73 anos, feminino). Com respeito ao fator idade, e baseado na hipótese de que o fenômeno de apagamento sob investigação seja um processo variável de mudança em progresso em tempo aparente ("apparent time" em termos Labovianos; Labov 1972), especulamos que a falante de 16 anos se sobressaia no fenômeno, assim indicando que o apagamento seja um processo de mudança em progresso.

Os estudos e discussões reportados acima nos levam aos seguintes questionamentos:

## (2) Questionamentos

- (1) Qual é o efeito do contexto fonológico no processo variável do apagamento do (u)?
- (2) Como é o apagamento representado na fala dos três participantes, dos dois gêneros, e das duas faixas etárias incluídas?
- (3) Qual o efeito de estilo (ou atenção prestada à fala) no fenômeno sob investigação?

## 3. Metodologia

A coleta de dados foi realizada em Montreal, Québec (Canadá), envolvendo três falantes nativos de PF. Participante 1 (feminino, 16 anos) nasceu em Montreal, e fala PF desde o seu nascimento com familiares e membros da comunidade açoriana em Montreal e, por isso, é considerada como falante nativa da variedade sob investigação. Participante 2 (masculino, 75 anos) nasceu e criou-se em Feteira até imigrar para Montreal na década 70. Por último, Participante 3 (feminino, 73 anos) nasceu no Capelo e imigrou para Montreal aos 33 anos de idade. Dos três participantes, Participante 3 é a única que fala exclusivamente PF.

Os dados para esta pesquisa foram coletados nas residências dos participantes e, tanto quanto possível, tentamos minimizar os efeitos do "paradoxo do observador". As entrevistas, que duraram aproximadamente uma hora e meia por participante, foram gravadas usando um gravador de áudio portátil, as quais foram depois transferidas para um computador para transcrição e codificação de tokens para subseqüentes análises estatísticas. Para a análise, utilizou-se os seguintes grupos e fatores: (1) Variáveis dependentes (Apagamento do (u), Forma padrão contendo o /u/ subjacente); (2) Contexto fonológico seguinte (Consoante, Vogal, Pausa); (3) Estilo / nível de formalidade (Formal, Informal); e (4) Participantes /Idade/Gênero (1, 2, 3).

As entrevistas codificadas como "formais" consistiam de duas tarefas: Uma envolvendo a leitura de 91 palavras terminadas em [u] átono (por ex. *vaso*, *queijo*; 24 itens irrelevantes foram incluídos para distrair a atenção dos participantes), e outra envolvendo a leitura de frases e textos contendo 35 palavras e contextos propícios ao apagamento do (u). As entrevistas "informais" consistiam também de duas tarefas: Uma envolvendo a nomeação de 45 imagens contendo itens relevantes ao fenômeno sob investigação (por ex. *bolo*, o numeral "5"), e uma outra tarefa que consistia em uma entrevista de estilo livre, geralmente com temas comuns do dia-a-dia como preferências, trabalho, comida, etc.

## 4. Análise, resultados e discussões

Na coleta de dados descrita acima, foram coletados 1.021 tokens de itens relevantes ao apagamento do (u). Para a verificação da confiabilidade na codificação dos dados, um segundo pesquisador (um especialista em língua portuguesa) foi contactado e constatou-se que 98% dos tokens estavam corretamente codificados. Somente os itens que não apresentaram dificuldade de classificação ou ambigüidade foram considerados na análise estatística.

Para a análise quantitativa dos dados, utilizou-se Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith, 2005), um pacote estatístico geralmente usado na análise de fenômenos sociolinguísticos variáveis. Os resultados de uma análise através do Goldvarb contem vários dados para análise (por exemplo, porcentagem de aplicação do fenômeno, número de tokens em cada fator, peso/probabilidade, probabilidade de input, nível de significância, etc.). Devido às limitações de espaço, seguiremos diretamente aos resultados probabilísticos (peso), a medida que prevê com maior acurácia a influência que cada fator tem no processo sob investigação. No contexto deste estudo, valores próximos a "1" favorecem a aplicação do apagamento do (u), enquanto valores próximos a "0" devem ser interpretados como não tendo um efeito positivo em relação ao fenômeno. Note que os resultados apresentados abaixo correspondem aos grupos selecionados na análise "binomial, up and down" do Goldvarb X, o que indica que a contribuição desses fatores no apagamento variável do (u) é estatisticamente significativa, ao





nível  $p < .05$ . Nos resultados abaixo, para efeitos de ilustração, os resultados que favorecem o apagamento do (u) estão em negritos e em espaços sombreados.

**(3) Apagamento do (u): Resultados da análise via Goldvarb X – Probabilidades**

| Grupos                        | Fatores            |                     |                    |
|-------------------------------|--------------------|---------------------|--------------------|
| Contexto fonológico           | Vogal<br>.42       | Pausa<br>.45        | Consoante<br>.56   |
| Nível de formalidade          | Formal<br>.35      | Informal<br>.62     |                    |
| Participantes (Idade, gênero) | 1 (16, Fem)<br>.54 | 2 (75, Masc)<br>.38 | 3 (73, Fem)<br>.56 |

Em geral, os resultados acima indicam que o apagamento do (u) é mais provável de ocorrer quando o contexto fonológico seguinte for uma consoante (.56), em níveis de formalidade informais (.62), e na fala de participantes do sexo feminino (.54 e .56 respectivamente para as participantes 1 e 3).

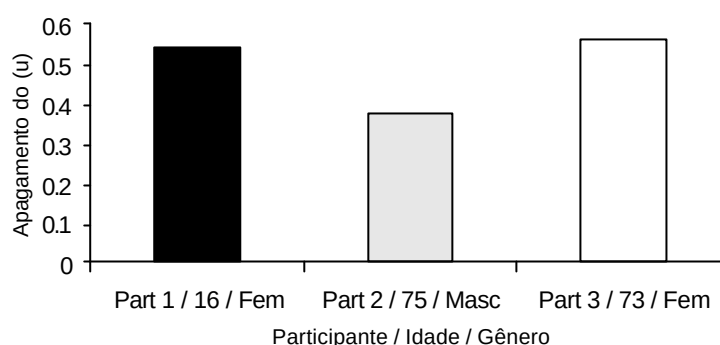
Observe que das hipóteses levantadas na seção 2 acima, somente a que corresponde ao grupo nível de formalidade foi confirmada: De fato, é mais provável que os participantes apaguem o [u] átono em final de palavras quando engajados em tarefas de comunicação que requerem menos atenção à fala – nível informal (peso: .62). Como discutimos anteriormente, esses resultados se conformam a estudos prévios em que estilo ou nível de formalidade foram levados em consideração: Falantes tendem a preservar na produção mais cuidadosa os elementos mais fiéis à representação subjacente (por exemplo, Cardoso, 2003, 2007; John, 2006; Oostendorp, 1997). Uma interpretação que podemos fazer a partir desses resultados é propor que essa tendência a diminuir a propensão de apagamento do (u) em estilos mais formais seja um sinal de que o fenômeno ainda seja considerado estigmatizado consciente ou inconscientemente por seus falantes. Essa hipótese se conforma com a assunção de que formais mais formais requerem formas de maior “prestígio” (Cardoso 2007; John, 2006; Labov, 1966; Oostendorp, 1997, e a maioria dos estudos sociolinguísticos). O status do apagamento do (u) como estigmatizado e marcador de prestígio pode também ser constatado nos processos de hipercorreção encontrados nos dados analisados. Por exemplo, ao nomear a imagem ilustrando o objeto “anel” (neste caso, usado meramente para distrair a atenção dos participantes), Participante 1 pronunciou esta forma acompanhada de uma epêntese vocálica [u]: anel[u]. Para concluir, se o apagamento do (u) já tivesse obtido um status de prestígio dentro da comunidade açoriana em questão, não anteciparíamos diferenças significativas favorecendo seu apagamento em falas espontâneas e menos formais, como observamos nos dados analisados.

A hipótese de que os falantes do PF apagarão mais freqüentemente no contexto de uma consoante ou vogal seguinte não foi confirmada. De fato, os resultados apresentados aqui nos mostram exatamente o contrário: O apagamento é mais provável de acontecer no contexto de uma consoante seguinte (peso: .56) do que nos contextos em que a vogal é acompanhada de uma pausa (.45) ou vogal (.42). Prevíamos, pelo contrário, que o ambiente de consoante e pausa seguintes gerariam o maior número de apagamentos porque a forma resultante constituir-se-ia de uma forma marcada, com uma coda fechando a sílaba. Por exemplo, o apagamento do [u] na frase “fa.d/ u/ ótimo” resultaria em “fa.dô.timo”, no qual o apagamento gera uma sílaba não-marcada sem o encontro vocálico “u-ó” e, mais importante, sem a coda “d”. O português não tem codas oclusivas e muitas de suas variedades (como o português brasileiro) seguem uma tendência a evitá-las em final de palavras através do apagamento da consoante ilícita, ou através de epêntese vocálica (ver Cardoso, 1999, 2007). Compare a forma discutida acima com a seguinte, no qual a palavra relevante é seguida de uma consoante (o mesmo raciocínio se aplica às formas cujo ambiente seguinte é uma pausa): “fad.triste”. Neste exemplo, a forma em que o /u/ foi apagado é fechada pela coda “d”, gerando assim uma forma que é não somente marcada do ponto de vista tipológico e de aquisição (codas só são adquiridas em estágios avançados de aquisição), mas também uma forma que não é característica *sui generis* do português em geral.

Uma explicação plausível para esses resultados inesperados possa talvez provir do fato de que há um número desproporcional de palavras nos três diferentes contextos fonológicos. Enquanto palavras acompanhadas de consoantes e pausas constituem 33.2% (n=339) e 49.8% (n=508) respectivamente dos dados codificados, o número de palavras com vogais seguintes é de apenas 17% (174). Muito embora essa disparidade pareça acidental, acreditamos que isso não seja o caso neste estudo: Mesmo que fizéssemos um controle maior de contextos seguintes, é natural que o número de palavras iniciadas por vogais seja consideravelmente menor do que o de palavras iniciadas por consoantes. Uma possível explicação para essa disparidade é o fato de que há uma tendência universal para que línguas obedeçam a um padrão CV silábico no qual o primeiro elemento da sílaba é uma consoante silabificada como “onset”. Esse comportamento é observado em aquisição de linguagem e em várias línguas adultas. Essa tendência ao padrão CV enfatizando onsets é comumente descrita como uma restrição que impõe a ocorrência de onsets na estrutura silábica (ver Prince & Smolensky, 2003 para uma discussão desta restrição). É possível que esses dois fatores tenham colocado o contexto de vogal seguinte em desvantagem em relação aos outros contextos. Um detalhe mais importante ainda é o fato de que o contexto de pausa ocorre mais freqüentemente no estilo mais formal da entrevista: a leitura de palavras. Se palavras em que o apagamento não tenha ocorrido são mais prováveis de ocorrer no contexto de leitura de palavras isoladas (formal), e conseqüentemente seguidas de pausa, é justo que o ambiente de pausa não seja considerado propenso ao apagamento. Uma alternativa para esse impasse seria a exclusão de todos os tokens com pausa como contexto fonológico. Essa alternativa, no entanto, reduziria consideravelmente o número de tokens utilizado na análise. Por limitações de espaço e tempo, exploraremos essa possibilidade numa versão futura e atualizada deste estudo.



No que concerne à idade dos participantes, nossos resultados indicam que esse fato não parece afetar significativamente o apagamento da variável (u), desconfirmado assim a nossa hipótese inicial de que possivelmente o fenômeno sob investigação pudesse indicar indícios de mudança em progresso em tempo aparente ("apparent time"). Surpreendentemente, e contrário aos estudos de Silva (1998) sobre o português açoriano micalense, a mais jovem participante (16 anos) apresenta resultados relativamente comparáveis ao da Participante 3 de 73 anos de idade, a favor do apagamento do (u). Para facilitar a exposição dos resultados



referentes aos grupos interativos de participantes / faixa etária / gênero. Ilustramos abaixo os valores estabelecidos pelo Goldvarb X:

#### Probabilidade de apagamento do (u) por participante / idade / gênero

Finalmente, passamos agora à discussão dos efeitos do fator "Gênero", intrinsecamente incluído no grupo de fatores "Participantes". Como mencionado anteriormente, os resultados estatísticos indicam que o gênero do falante desempenha um papel significativo no apagamento variável do (u) no PF. Enquanto as participantes 1 and 3, ambas do sexo feminino, apresentam uma tendência para o apagamento (.54 e .56 respectivamente), participante 2 demonstra uma tendência oposta em que o apagamento é menos provável de ocorrer (.38). Estes resultados vão de contra a um corolário de nossa hipótese: a de que, em processos variáveis em que a forma inovadora não é de prestígio (como atestamos acima na discussão dos efeitos de estilo no processo de apagamento do (u)), membros do sexo feminino tendem a esquivar-se da variante com menor valor social, como constatado nos estudos de Smith (1979), Coates (1993), e Milroy (1998). Paradoxalmente, no contexto dos falantes de PF vivendo em Montreal, nós interpretamos estes resultados como indicação de que as mulheres, em contexto de diáspora, mantêm uma afiliação de grupo à língua materna maior do que os participantes do sexo masculino. Provavelmente, esses resultados são indícios da existência de uma correlação entre prática lingüística e afiliação de grupo ao português faialense, cujas características moldam as práticas sociais e lingüísticas dos membros do grupo (Goffman, 1959; Eckert, 2000).

### 5. Conclusões

Neste trabalho, propusemos uma análise sociolingüística / variacionista preliminar para o fenômeno do apagamento variável do (u) átono de final de palavras na variedade de português falada nas regiões Horta-Feteira-Capelo no arquipélago dos Açores. Por sua natureza de fenômeno lingüístico marcador de informação social, propusemos uma investigação e análise ao fenômeno levando em consideração não somente fatores lingüísticos como também fatores de cunhos sociais com o intuito de desenvolver uma "lingüística socialmente realística" (Wilson & Henry, 1998) ou, nas palavras de Pennington (2002), uma "fonologia real de língua" em que todos esses elementos possam interagir.

Como é costumário em estudos variacionistas, este estudo incluiu várias tarefas com o objetivo de eliciar níveis variáveis e distintos de formalidade dentro de uma análise sincrônica da língua. Mais especificamente, este estudo utilizou-se de metodologia sociolingüística variacionista para responder aos questionamentos relacionadas ao efeito do contexto fonológico no processo variável do apagamento do (u), aos efeitos de gênero e faixa etária dos participantes, e ao efeito do fator estilo ou registro sobre o fenômeno.

Três falantes nativos do português faialense, imigrantes em Montreal (Canadá), participaram deste estudo sobre o apagamento do (u) variável no PF, que consistiu de quatro tarefas que foram mais tarde associadas a dois níveis de formalidade: Formal (leitura de palavras ou textos) e informal (fala espontânea). Os resultados estatísticos do Goldvarb X confirmaram a hipótese de que a frequência de apagamento do (u) aumenta como função do aumento de formalidade, semelhante ao que se atesta na literatura sociolingüística para fenômenos estigmatizados. Surpreendentemente, os resultados também indicaram que o gênero do falante desempenha um papel significativo no fenômeno variável sob investigação: Membros do sexo feminino apresentaram uma tendência para o apagamento do (u) bem maior do que os do sexo masculino. Tal comportamento é paradoxal porque estudos prévios sugerem que as mulheres, em geral, lideram no uso de formas inovadoras como o apagamento do (u) somente quando a variante em questão é uma forma de prestígio. Tais resultados nos levaram a formular a hipótese de que, no contexto dos falantes do PF vivendo em Montreal, mulheres em contexto de diáspora são mais propensas a manter uma afiliação de grupo à língua materna do que os participantes do sexo masculino.

Finalizamos este artigo reconhecendo as limitações de um trabalho de abrangência reduzida. Mas como diziam os navegantes de outrora: "navegar é preciso".

### Referências

Bulhões, Elizabeth, & Cardoso, Walcir (2006) "Variable (u)-deletion in São Miguel Portuguese" in *Proceedings of the Atlantic Provinces Linguistic Association (APLA)*.



- Cardoso, Walcir (1999) "A quantative analysis of word-final /r/ deletion- in Brazilian Portuguese" in *Linguística Atlântica*, 21: 13- 52.
- Cardoso, Walcir (2003) *Topics in the phonology of Picard*. PhD thesis, McGill University. Published by the McGill Working Papers in Linguistics.
- Cardoso, Walcir (2007) "The variable development of English word-final stops by Brazilian Portuguese speakers: A stochastic optimality theoretic account" in *Language Variation and Change* 19, 1-30.
- Coates, Jennifer (1993) *Women, men, and language: A sociolinguistic account of gender differences in language*, London: Longman.
- Eckert, Penelope (2000) *Linguistic Variation as Social Practice: The Linguistic Construction of Social Meaning in Belten High*, Oxford: Blackwell.
- Goffman, Erving (1959) *The Presentation of Self in Everyday Life*, New York: Doubleday.
- John, Paul (2006) *Variable h-epenthesis in the interlanguage of francophone ESL learners*. MA thesis, Concordia University.
- Labov, William (1966) *The social stratification of English in New York City*, Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics.
- Labov, William (1972) *Sociolinguistic Patterns*, Philadelphia, PA: University of Pennsylvania.
- Labov, William (1994) *Principles of Language Change*, Cambridge: MA, Blackwell.
- Lin, Yuh-Huey (2003) "Interphonology variability: Sociolinguistic factors affecting L2 simplification strategies" in *Applied Linguistics*, 24 : 439-464.
- Major, Roy (2004) "Gender and stylistic variation in second language phonology" in *Language Variation and Change*, 16: 169-188.
- Mateus, Maria H. (1982) *Aspetos da fonologia portuguesa*, Lisbon: Instituto Nacional de Investigacão Científica.
- Mateus, Maria H., & D'Andrade, Ernesto (2000). *Phonology of Portuguese*, Oxford: Oxford University Press..
- Milroy, Lesley (1988) "Gender as a speaker variable: The interesting case of the Glottalised stops in Tyneside", In *York Papers in Linguistics 13: Selected papers from the sociolinguistics symposium*.
- Oostendorp, Marc van (1997) 'Style levels in conflict resolution'. In F. Hinskens, R. van Hout & W. Wetzels (eds.), *Variation, Change and Phonological Theory*, Amsterdam: John Benjamins. 207-229.
- Pennington, Martha (2002) "Real language phonology: Optimality Theory meets sociolinguistics: A review of McMahon's (2000) *Change, Chance, and Optimality*" in *Journal of Sociolinguistics*, 6, 418-448.
- Prince, Alan, & Smolensky, Paul (2003) *Optimality Theory in phonology*. In William Frawley (ed.), *International Encyclopaedia of Linguistics*, Oxford, England: Oxford University Press.
- Sankoff, David, Tagliamonte, Sali. & Smith, Eric (2005) *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows* [Computer Software]. University of Toronto.
- Silva, David J. (2005) "Vowel shifting as a marker of social identity in the Portuguese dialect of nordeste São Miguel (Azores)" in *Luso Brazilian Review*, 42: 1-20.
- Silva, David J. (1998) "Vowel elision in São Miguel Portuguese" in *Hispania*, 1: 166- 178.
- Silva, David J. (1997) "The variable deletion of unstressed vowels in Faialense Portuguese" in *Language Variation and Change*, 9: 1-15.
- Silva, David J. (1988) 'Sociolinguistic variance of low vowels in Azorean Portuguese'. In K. Ferrara et al. (eds) *Austin Linguistic Change and Contact: Proceedings of NWAV XVI*, Austin, TX: Department of linguistics. 336-344.
- Silva, David J. (2007) 'Traços fonéticos sobreviventes no falar micaelense de alguns imigrantes açorianos em Greater Boston'. *Actas do colóquio da lusofonia*. São Miguel, Açores.
- Smith, Phillip (1979) 'Sex markers in speech'. In K. R. Scherer & H. Giles (eds.), *Social markers in speech*. Cambridge: Cambridge University Press. 109-146.
- Wilson, John, & Henry, Alison (1998) "Parameter setting within a socially realistic linguistics" in *Language in Society*, 27, 1-21.

---

**A Lusofonia diz respeito a todos os que falam a língua (portuguesa) independentemente da sua origem, cor, credo, religião, ou nacionalidade**

**AÇORES: a insularidade, o isolamento e a preservação da língua portuguesa no mundo.**  
3º Encontro Açoriano da Lusofonia, Lagoa, S. Miguel, Açores, 8 a 11 de Maio de 2008

